M. R. Granato



As feridas foram reabertas.

E outras ainda serão.

MIRELLA RICARDO GRANATO

Metade em Chamas

As feridas foram reabertas. Outras ainda serão.
(Universos Fragmentados #1)

Copyright © 2026 by Mirella Ricardo Granato

TEÇA, RETEÇA, COTEÇA E RECOTEÇA COM AMOR, CONFIANÇA, LIBERDADE, CIRCULAÇÃO, HARMONIA, EVOLUÇÃO, GAIA E CORQUESTRAMA.

Second edition

This book was professionally typeset on Reedsy.
Find out more at reedsy.com

Para todos que olham para a terra e o céu e se impressionam por fazerem parte da imensidão da Corquestrama.

Quando o sentir se apaga, o ritmar se torna cego e o vibrar se desfaz no vazio, a desconexão alastra-se como uma praga silenciosa, quebrando os fios que sustentam a Corquestrama. Mas o fluxo sempre continua—por mais fragmentado que esteja, ele busca tecer-se de novo. O que foi rompido pode ser restaurado. O que foi esquecido pode ser lembrado. O que foi silenciado pode voltar a sentir.

Mirella Ricardo Granato

Contents

Foreword	vi
SONHO	1
COLISÃO	8
CHAMADO	18
PRIMEIRO PASSO	20
CONVERGÊNCIA	26
ALÉM DO LIMITE	36
INFÂNCIA	40
SINCRONICIDADES	45
SILÊNCIOS	53
ESPERANÇA	65
HORIZONTE	67
CAÇADA	70
PREPARAÇÕES	73
SINTONIA	78
TERRAS DE NINGUÉM	85
FERIDA OCULTA	97
ENTRELINHAS	100
EXÍLIO	105
INTERLÚDIO	108
REFLEXOS	114
NETHERIA, SUBMUNDO PAULISTA	125
CONVITE	131
PROJETO JABURU	133

PASSOS NO ESCURO 137
NOITE NO TENTRO 145
VERMINA BOULEVARD 153
DOBRA NA ESPIRAL 159
CORQUESTRAMA 167
VOO 177
RAS EL TIN 181
RUMO À ESCURIDÃO 191
FIM? 200
SHIN'EN GAI 205
INFILTRAÇÃO 212
PRISÃO 219
RESISTIR 224
INOCÊNCIA 226
LIMITES 228
PRIMEIRAS VEZES 233
LIMIAR 248
CONSEQUÊNCIAS 252
CICATRIZES DA ALMA 259
LAÇOS 263
DETERMINADA 272
EM FRENTE 277
SIGNIFICADOS 284
NEVASCA 298
INEVITÁVEL 304
ILUSÃO 307
MURALHA GÉLIDA 315
MOTIVOS 324
FARDO 336
LEGALIDADES 346
CORAÇÕES EM SUSPENSO 357

ACERTO DE CONTAS 363
INTERSEÇÃO 372
SEMPRE VOU TE SEGURAR 376
RASTRO DAS FERIDAS 382
INEXORÁVEL 392
PEDIDOS 396
JOGO 413
RAPOSA E GATO 416
SOLTERRA 423
SEGURANÇA 432
GATO 435
ENLACE 445
EXPECTATIVAS 450
MEOWTH 452
PREPARADA 460
PARLAMENTO 463
NANOEMOÇÕES 477
INTERFERÊNCIA 489
ARRAIAL DAS ALMAS 492
ENTRELAÇO 502
FRESTA 506
FOGO NO SANGUE 512
RAPOSA 519
RESPOSTA 522
CAOS DENTRO E FORA 525
MENSAGEM 536
EU SOU A GANÂNCIA 545
A QUEDA 549
A NOVA FORMA 552
SANGUE E AÇO 554
SOMBRA 558

RUMO AO CAOS 563
FESTA DE NATIVIDADE 566
TITÃS DESPERTAM 581
CORAÇÕES EM CHAMAS 587
PROMESSAS 592
O PESO DA VERDADE 607
CHAVE 608
SEU CORAÇÃO É MINHA CASA 615
COLAPSO 624
INTEIREZA 629
VERDADE OCULTA 644
FERA 648
FUGA 665
CHANCE 674
LOBA 678
FANTASMA 682
OITO DE COPAS 684
PASSAGEM 690
TORMENTO 702
BUROCRACIA 705
DESPEDAÇADA 708
VAZIO 718
SINTO MUITO 720
DESPERTAR 722
HORA DA DIVERSÃO 727
EU PENSO, VOCÊ APARECE 731
VENTOS SOPRAM PARA O FUTURO 742
ESTOU INDO 761
PASSADO 771
CONTROLE 775
PRESA 780

JOGADA 789
QUEBRA-CABEÇA 793
ENGRENAGENS 797
ESTACAS DA DOR 801
HERANÇA 802
SANGUE NA ALMA 812
DESTINO 814
CORINGA 817
PARAÍSO 820
FRAGMENTOS DE REGISTROS 828
CRONOLOGIA FRAGMENTADA 895
VISÕES FRAGMENTADAS 980
COLOFÃO 990
NOTA DA AUTORA 991
About the Author 996
Also by Mirella Ricardo Granato 998

Foreword

GUIA DE LEITURA TEMPORAL — CALENDÁRIO LUNISOLAR-GAIA

As datas desta obra pertencem ao **Calendário Lunisolar-Gaia**: um ritmo que acompanha **equinócio**, **lunação real**, **variação de luz** e **maré**.

Dentro de *Universos Fragmentados*, o tempo aparece como arquitetura observável: céu, estações e ciclos e ONRSALTUK-WMH.

Nota — Por que Lunisolar-Gaia ao invés do Anticalendário Gregoriano

O anticalendário gregoriano desorganiza o tempo por decisões administrativas históricas.

Ele estabelece semana fixa de 7 dias por convenção religiosa e estatal, meses desconectados da lunação real, ajuste solar concentrado em fevereiro e contagem anual para padronização civil.

Ele destransforma o tempo em grade uniforme.

O anticalendário gregoriano impõe um **antiritmo abstrato**, separado da experiência observável do céu.

Ritmo vira contagem. Ritmo vira unidade administrativa. Ritmo vira medida externa.

O Calendário Lunisolar-Gaia organiza tempo/ritmo a partir

do que aparece no céu e em **ONRSALTUKWMH** (silenciar, alongar, ritmar, sintonizar, aberturar, tecer, unir, liberar, fluxar, tramar, irradiar).

Ele estabelece ciclo solar iniciado no equinócio real, meses baseados em lunações reais, dias lunares por porcentagem de luz, e ciclos que sobem, atingem pico e descem.

1. ESTRUTURA GERAL

☼ *Ciclo Solar (S-)*

O ano é chamado de **Ciclo Solar**, contado de **Equinócio a Equinócio**.

Conversão de referência:
S- = **Ano Gregoriano** + **745**
Exemplo: 2134 → **S-2879**

☽ *12 Lunações*

Cada ciclo solar possui **12 lunações** (macro-ciclo):

1. Silenluna
2. Alonluna
3. Ritluna
4. Sintoluna
5. Abeluna
6. Ligaluna
7. Teceluna
8. Uneluna
9. Libeluna
10. Fluxluna

11. Tramaluna
12. Irraluna

Cada lunação carrega um arquétipo gestual dominante.

2. ANCORAGEM ASTRONÔMICA

Marco absoluto: **02 de fevereiro de 746 a.C. (juliano prolepítico)** — eclipse lunar total observado na Babilônia.

Esse evento é historicamente registrado e astronomicamente reconstruível, servindo como âncora histórica + astronômica.

3. A LUNAÇÃO POR DENTRO

Cada lunação apresenta **30 dias lunares** (0–29), organizados em **10 tríades** por **porcentagem de luz**:

0–2 → 0–5% → 0% → 5% (OOO)
3–5 → 5–15% (ONR)
6–8 → 15–30% (SAL)
9–11 → 30–50% (TUK)
12–14 → 50–85% (WMH)
15–17 → 85–100% → 85% (HMW)
18–20 → 85–60% (KUT)
21–23 → 60–40% (LAS)
24–26 → 40–15% (RNO)
27–29 → 15–5% → 0% (OOO)

Subida mais curta. Descida mais longa. Silêncio no início e no fim. Maré real respeitada.

☽ Nomes dos dias (modelo aplicado)

OOO: 0 Silensi · 1 Silenabe · 2 Silenli
ONR: 3 Silensina · 4 Alonabe · 5 Ritli
SAL: 6 Sintosi · 7 Abeli · 8 Lilibe
TUK: 9 Tecesi · 10 Unabe · 11 Libeli
WMH: 12 Fluxsi · 13 Tramabe · 14 Irrali
HMW: 15 Irrasi · 16 Tramili · 17 Fluxli
KUT: 18 Libesi · 19 Unabe · 20 Teceli
LAS: 21 Ligasi · 22 Abete · 23 Sintoli
RNO: 24 Ritsi · 25 Alonli · 26 Silenli
OOO: 27 Silenri · 28 Silente · 29 Silenflu

4. DIAS SOLARES DE EIXO

O ciclo solar real é ~365,2422 dias. A diferença anual é ~5,2422 dias.

Por isso existem **dias solares de eixo** junto ao portal do Equinócio.

Ciclo Solar Comum:

Silena (ON) · Ritsi (RS) · Abeliga (AL) · Tecune (TU) · Libeflu (KW)

Ciclo Solar Sextal (aprox. a cada 4 ciclos):

- Tramirra (MH)

Esses dias realinham o ciclo solar e atuam fora das lunações.

5. NOTA TÉCNICA — CONVERSÃO DE LUNAÇÃO E DIA LUNAR (Lx)

A conversão de **S-** segue a conta fixa.

A localização exata da **lunação** e do **dia lunar (0–29)** pede efemérides astronômicas reais da Lua:

- datas e horas de Lua Nova, Cheia e Quartos
- duração real das lunações (média: 29,5306 dias)
- data real do Equinócio de março em cada ano

Efemérides (ex.: timeanddate.com, Stellarium) foram utilizadas para estruturar as datas desta obra.

Exemplo

14/02/2026 (sábado) → S-2770 → Tramaluna → dia 27: Silenri

Forma curta: 27/10/2770 — Silenri de Tramaluna — S-2770

Formato padrão: S-2770 • L10 Tramaluna • D27 Silenri

6. COMO LER UMA DATA NA NARRATIVA

Formato:

[Ciclo solar] • [LX] [Nome da Lunação] • [DX] [Dia Lunar]

Quando aparecer meia-lunação, ela entra como selo de fase.

Quarteluna = 6 dias

Selunaria = a cada 6 lunações

**Duas datas gregorianas específicas aparecem no livro como âncoras temporais, ajudando a pessoa leitora a se situar. Todas*

as demais seguem a contagem de tempo lunissolar.

SONHO

S-2879 • L8 Libeluna • D23 Sintoli
(eq. calendário gregoriano, 10/12/2134)
"Libeluna traz entrega que liberta. Sintoli sintoniza vento e palavra. O fio do mundo canta em baixa luz. A história segue firme, em fluxo."

Um lugar nevado.

Céu e terra se fundem.

Ao longe, uma floresta de abetos da tundra se ergue.

Nela, a solitária loba cinza surge.

Sinto seus olhos âmbar em mim, chamando-me. Tento alcançá-la. Uma força invisível me distanciava.

Quero. Preciso. Meu corpo inteiro acende em necessidade.

Cada tentativa, retorno para o mesmo lugar. Cada retorno, uma dor violenta. Dói persistir em alcançá-la.

Choro.

Acordo.

O relógio marcava três da manhã. Ela estaria me chamando para o outro mundo?

Através da janela, a cidade reluzia. Luzes borradas pelo vidro úmido. A chuva descia em um emaranhado caótico, espelhando o meu.

Ela, um sopro de primavera no outono, mas conseguia ser o próprio inverno.

Um ciclo solar sem ela. Um ciclo em que os céus entristecem, os ventos gritam suas agonias, a terra esmorece, e eu me entorpeço.

Desde sua morte, esse entorpecimento perdura na minha existência.

Afastei os olhos da janela. Sentir-me infeliz seria egoísmo, quando sei que muitos trocariam de lugar comigo?

Suspirei.

Voltei a dormir.



Eu morava nos últimos andares da cidade de São Paulo, a Primeira Cidade.

Nasci na Zênite, como chamam os andares superiores; um

império suspenso sobre a cidade, onde a luz se distanciava das ruas abaixo.

Estar sempre nas alturas tornava a queda iminente.

Vesti um casaco preto e toquei minha barriga. Ainda havia calor no meu ventre, mas ele começava a escorrer para dentro; uma tecedura se transmutando devagar na minha fase Feiticeira. Peguei o elevador até a recepção.

O androide recepcionista, Andi, desejou-me bom dia.

Retribuí. Passei pelo homem velho que andava pelo átrio, Pavel. Engenheiro de androides da Kokusai. Sempre o via e lhe desejava bom dia. Ele me observava em silêncio. A face inexpressiva.

Segui para a estação Linha Dourada. O aerotrem chegou em segundos. Sentei-me à janela.

A cidade se expandia abaixo. Estruturas titânicas desapareciam na névoa poluída. Espirais de aerovias se entrelaçavam entre os edifícios. Arranha-céus verticais envoltos em jardins suspensos. Hologramas explodiam de todos os lados.

Adwares brotavam no ar em pixels alternados: Um novo androide. Uma proteína sintética revolucionária.

Abri a biotela para ver as notícias. Tudo soava artificial, longe do que importava.

Virei o olhar para o vidro. O hospital surgiu no horizonte. A estrutura espelhada refletia as cores neutras dos arredores.

Na entrada, o androide conectado a mim, Takashi, me aguardava. "Bom dia, doutora."

"Bom dia."

Eu trabalhava em um nanodispositivo, CogniSynth. Parte do Projeto Jaburu. Uma nanotecnologia para acessar memórias do cérebro humano.

Memórias… memórias demais.

O dia se arrastou. Cada minuto, uma batalha. Cada segundo, um esforço agoniante para afastá-la da mente.

Mas ela sempre voltava. Sempre ela. Sempre Maia.

Ela invadia incessante. Rompia barreiras. Permanecia.

Desejava que a noite trouxesse alívio. Ansiava por um novo amanhecer que levasse o peso.

Talvez amanhã seja mais fácil respirar.

Finalizei o trabalho. Arrumei minhas coisas para sair.

Takashi se aproximou, carregando um envelope largo nas mãos, etiquetado em uma escrita elegante e inclinada.

A letra dela.

"Isso chegou."

Meu peito congelou. Minhas mãos tremeram. Minha boca secou. Meus olhos se arregalaram. Meu coração acelerou. Meus pensamentos romperam em batidas insanas. Peguei o envelope. "Obri…" Minha voz hesitou, trêmula. "…gada."

"Precisa de algo mais?"

"N-não… eu… p-pode sair."

A porta fechou.

Rasguei o lacre. Algo caiu.

Um celular vermelho. Dobrável. Obsoleto.

Um relógio de bolso. Analógico. Dos anos oitenta.

Uma bússola dourada.

E um pedaço de papel. Coordenadas geográficas.

O que significava?

Peguei a carta. Apenas algumas palavras, mas o suficiente para o mundo se partir. Coração apertado. Olhos inundados com lágrimas. Mal consegui segurar o papel.

Akiko,

Como está?

Talvez sua raiva e tristeza tenham passado. Espero que sim.

Permaneci em silêncio sobre muitas coisas. Eu sei.

Seu coração partiu. O meu também.

Queria que as coisas fossem diferentes. Portanto, preparei isso.

Quer tanto entrar no meu mundo? Todas as suas perguntas serão respondidas. Está preparada para isso?

Se estiver, vá para as coordenadas neste dia 25 às 23h. Se não, siga seu caminho.

Lembre-se de mim sempre.

Com carinho,

Maia.

As forças me deixaram por um instante. A carta escorregou de minhas mãos. Meu corpo desabou. Encarei meu reflexo distorcido na superfície brilhante. Tudo girava. Esqueci como respirar.

Naquelas palavras, ouvi sua voz. Ouvi meu nome em sua boca. Mesmo após um ciclo solar, sentia minha alma entrelaçada à dela.

Demorou até recobrar os sentidos. O presente. O fôlego. As lágrimas secaram. Meus dedos pararam de tremer. Peguei os objetos. Observei as coordenadas. Guardei-os na bolsa.

Faltava a carta. Suspirei pesadamente. Recolhi-a.

Naquela noite, tive o mesmo sonho. Dessa vez, quando dei um passo, a loba ergueu a cabeça. Porém, ela ainda estava muito longe.

Sob a lua minguante

Desejei dormir o dia inteiro. Reli a carta de Maia milhares de

vezes. Tentava entender. Por quê? Por que, após um ciclo solar, ela enviou isso?

Maia morreu. Eu sabia disso. Então, o que queria dizer com aquela carta? Como a enviou? Enviei uma mensagem para Takashi:

"Descubra quem enviou o envelope branco."

Preparei um pouco de comida, mesmo sem apetite. Cada mordida sem vontade, engolir arranhava.

Permaneci na cama, letárgica. Olhei para a parede. Minha mente fervilhava com Maia. Na verdade, tudo em mim acendia ela. Palpitava com a dor renascida. Eu queria esquecer. Respirei fundo. Como dizia o ditado:

"A sabedoria só pode vir de estômago cheio."

Comi. E, no instante seguinte, a lembrança veio. O dia em que a conheci.

A memória ressoou avassaladora, tomando-me inteira, ultrapassando minha vontade de impedi-la.

COLISÃO

S-2878 • L0 Silenluna • D07 Abeli
(eq. calendário gregoriano, 12/4/2133)
"Silenluna abre a estrada do céu. Abeli derrama brilho de começo. Gaia acende maré de broto vivo. A leitura nasce clara no ar."

Auge do outono. A cidade despertou sob chuva intensa naquela seluna.

Cortei o dedo ao preparar o café da manhã. Superficial, mas o suficiente para merecer um curativo.

No caminho para o trabalho, trens cancelados. Falhas sistêmicas na central de transporte da UNITED. Dor de cabeça. Atraso. E o pior estava por vir.

"O diretor a está chamando." Takashi informou.

Normalmente, seria irrelevante. Porém, eu conduzia uma das nanopesquisas mais importantes das Américas. Provavelmente, seria um encontro desagradável.

Atravessei o corredor até o escritório de Josivaldo Silva. Na entrada, Sara, sua assistente androide, aguardava. Segui-a.

Ele me esperava. A face inexpressiva. As rugas denunciavam os ciclos de serviço. Tempo demais em Gaia. O mundo aguentava sua insuportabilidade a contragosto.

"Sente-se." A voz áspera.

Nem me desejou bom dia. O que já esperava, para ser sincera. O homem era desprovido de vida.

Sorri com educação e sentei-me. "Bom dia."

Ele ergueu os olhos azuis da holotela. Ajeitou os óculos. "Muito bem, Dra. Akama."

Ele fazia isso de propósito. Sempre errava meu sobrenome. *Akiyama.* Se o nome fosse difícil para ele, simplesmente o reduzia até caber em sua boca.

"Estou satisfeito com os resultados da sua pesquisa. Podemos iniciar os testes em humanos. A equipe técnica já foi notificada para contatar os voluntários."

Meu sangue gelou. "Eu devo escolher os voluntários. São perfis muito específicos. Temos que aplicar um método alternativo."

"Isso é indiscutível. Estou lhe comunicando."

O calor subiu. Fechei as mãos. Segurei a raiva. "A CogniSynth pode afetar seriamente o cérebro humano. As pessoas devem ser escolhidas segundo os critérios da pesquisa, caso contrário, as consequências podem ser catastróficas!"

"Acabamos. Pode sair."

Levantei-me, curvando-me sobre a mesa dele. "Essas pessoas podem morrer! Estamos lidando com vidas humanas!"

Josivaldo me analisou de cima a baixo. Pensou que me intimidaria. Pobre coitado.

"Você pode reclamar ao Comitê Médico Global. Se eles se importarem, talvez mudem algo. Até lá, sua função é obedecer." Voltou à holotela. "Agora, pode sair. Estou ocupado."

Mordi os lábios. Imaginei como seria bom se ele sumisse da face de Gaia. Perdi tempo demais ali. Saí às pressas.

No banheiro, encarei meu reflexo. Respirei fundo. Busquei serenidade. Eu estava na Feiticeira, mas a Anciã já batia na

porta. Provavelmente minha lua sangraria nas próximas horas.

O que ele propunha violava o Código de Ética Médica. E sua resposta? Uma petição. O CMG poderia levar ciclos para decidir.

Sabia que os candidatos certos eram difíceis de encontrar. Porém, somente com eles, a CogniSynth pode se conectar sem quebrar o cérebro. Danos irreversíveis poderiam ocorrer. Talvez morte.

Josivaldo queria logo os resultados. O prestígio viria mais rápido. Às minhas custas? Nunca.

Saí determinada. "Takashi."

Ele já esperava na entrada do escritório.

"Prepare uma petição para o CMG. Preciso de uma liminar. Enviarei os detalhes."

Ele assentiu.

"Fale com a assistente de Hideaki. Agende um horário." Olhos fixos nele. "Diga que é urgente. Avise-me quando conseguir tudo." Suspirei. "Preciso de um doce."

"Quer que eu peça?"

"Não." Dispensei-o com um gesto. *Quero distância daqui agora.* "Eu mesma comprarei."

Takashi piscou, rígido. "Entendo."

O doce era vendido em uma loja na Centrália. A região intermediária entre a Zênite e Netheria, o submundo paulista.

Movimento agitado. Trânsito infernal nas aerovias. Barulho ensurdecedor. Automóveis. Propagandas. Vozes. Androides. Todos os sons caóticos da cidade. Imunda. Vibrante. O verdadeiro coração de São Paulo.

Cheguei à Linha Esmeralda. O único aerotrem que conectava a Zênite à Centrália. A jornada durava uma hora. Longa demais.

O trajeto contornava a parte externa dos prédios.

Na holotela, uma transmissão ao vivo: Greve. Os três principais polos centrais parados. As ruas pertenciam aos trabalhadores da Sessota, a maior investidora nanotec das Américas. Placas erguidas. Gritos ecoando. Exigiam salários justos. Empregos. Jornadas reduzidas. Nem a chuva os continha.

Desviei o olhar.

VRRRSH! Um barulho ecoou atrás. Espiei o vagão. O teto se abriu.

WHUMP! Uma figura encapuzada entrou.

Silêncio.

Meu coração disparou. Encolhi-me no assento. Tentei vê-la de novo.

Sumiu.

O que estava acontecendo?

"Era pra aqui estar vazio." A voz rouca veio de cima, abafada por uma máscara.

Sobressaltei-me e levantei-me num ímpeto, batendo a cabeça. A dor reverberou. Atordoada, foquei na silhueta. Roupas escuras, rosto oculto, exceto pelos olhos. Únicos. Âmbar escuro, salpicado de castanho.

"Por quê?" Sentei-me de volta, massageando o galo na testa.

"Como entrou nesse trem?"

Franzi as sobrancelhas. "Na estação Esmeralda, normalmente."

Ela acenou com as mãos. "Você tem um passe de acesso *bem especial*. Pouco importa. Temos que sair agora."

"A próxima estação é em dez minutos. Desço na estação Magenta."

"Esse trem vai colidir." A figura moveu-se até o centro do

vagão.

VRRRSH! O teto deslizou.

"Vem logo."

"Do que você está falando?"

"Quer morrer?"

Minha respiração falhou.

"Esse trem vai colidir com o próximo e explodir." Ela estendeu a mão, calma.

Meu coração disparou mais. Olhei ao redor. Vagões vazios. "Explodir?"

Seu olhar transmitia verdade. E se realmente fosse, seria segui-la ou escolher a morte.

Prendi a respiração. Meu corpo hesitou. Mas então… dei um passo e segurei sua mão enluvada.



Antes que eu pudesse reagir, ela me jogou sobre as costas e pulou.

O chão sumiu. O mundo virou de cabeça para baixo.

Meu coração explodiu no peito. Rajadas de vento rugiram, cortaram minha pele. A altitude puxou meu estômago para o vazio. Meus dedos cravaram no tecido da roupa dela. Eu me segurava—ou talvez fosse ela que me segurava. Como ela se mantinha tão firme? Quem era ela?

Em cima do trem, ela avançou até a beirada. Segurou minhas pernas.

Pulou.

O abismo nos engoliu.

Um grito escapou de mim. Apertei seu pescoço. Forte demais. Ela cambaleou. Antes de rolar no chão, puxou-me para frente, abraçando-me no impacto.

Fechei os olhos. Tudo parou. A adrenalina queimava minhas veias. Pensar era impossível.

"Você tá bem?" Ela me encarava com um olhar indecifrável.

Tão perto. Engoli em seco, afastando-me.

Ela se levantou.

Conferi meu corpo, sem dores. "Acho que sim."

Paredes rabiscadas se estendiam ao redor. Edifício velho, quase abandonado, exceto pela luz vizinha acesa.

"Vem." Ela passou pelas portas de vidro.

O tom mandão me irritava, mas segui-a.

Andamos por um salão escuro. O cheiro de mofo impregnava o ar. Segurei uma tosse. Poeira nos rodeava. Luzes frágeis atravessavam as janelas quebradas, revelando móveis destruídos. Vidas esquecidas.

KRIIISH! Vidros se estilhaçaram ao longe.

Sobressaltei-me.

Ela parou. "São só ratos."

Seguimos em silêncio.

Na minha mente, um turbilhão. Pensamentos cruzando-se

uns aos outros, colidindo, fragmentando-se. Nem percebi o elevador chegar. Nem quando entrei. Apenas uma música corrompida tocava. Arranhava os ouvidos.

As portas se abriram. Escuridão. Zero janelas. Uma saída. A única luz vinha do centro da mesa. Um brilho artificial sobre o equipamento.

"Senta aí." Apontou para uma cadeira e começou a mexer no dispositivo.

Hesitei. O que raios ela estava fazendo?

"Você é lá de cima, né?" O tom era casual. "Nem precisa responder. Você cheira a Zênite."

Franzi o cenho.

"O que faz lá?"

"Por que eu diria qualquer coisa a você?"

"Responda se quiser." Ela deu de ombros.

Revirei os olhos. Que situação maluca era aquela? "Vai me matar?"

Ela tirou os olhos do equipamento. Olhou direto para mim. Perfurante.

Minha respiração falhou. Aquela presença intimidadora. Encarava o inesperado.

"Quer morrer?" A frieza do olhar dela me atravessou.

Engoli em seco. Meu coração bateu tão rápido. Quase ouvi as batidas no silêncio.

Ela voltou a mexer no equipamento.

"Preparada?"

Inclinei-me, franzindo a testa. "Preparada para o qu—"

Ela apertou um botão.

Tudo mudou.

Meu coração tropeçou. A agitação cresceu, fora de controle. Arregalei os olhos, deslumbrada.

A Corquestrama nos envolvia. Estrelas, constelações, planetas e galáxias holográficas brilhavam diante de nós. Reais. Palpáveis. Poeira estelar pixelada pousava na minha pele.

"I-incrível…" Minha voz mal saiu.

Aquela visão me tirou as palavras. Era mais do que o cosmos. Era o cósmico nela. As estrelas refletiam em seu corpo. Na curva de seu rosto. Nos olhos de mel intensos.

Toda aquela aura ameaçadora desaparecera. Invasões? Trens explodindo? Ameaça de morte?

Tudo isso ficou para trás.

Só havia o brilho no olhar dela. Tudo o que importava para ela.

"Sabe…" Sua voz soou gentil. "Acho que cada um é sua própria corquestrama."

Seus olhos, profundos e indecifráveis, como um eclipse, prenderam os meus.

A gravidade ao redor mudou.

Ela inclinou-se sobre a mesa, aproximou-se devagar, como se soubesse que eu permaneceria parada. O rosto perto do meu.

O ar ficou mais denso. Meu coração congelou. Prendi a respiração.

"Você atravessaria a sua?"

Fiquei em silêncio.

Ela abaixou a cabeça, rindo. A risada baixa ecoou.

Acordei do transe. Ri de volta sem saber por quê.

Ela desligou o projetor.

Escuridão.

"Vamos." Na penumbra, ela segurou minha mão. Fria. Firme. Estranhamente reconfortante.

O que acabara de acontecer?

Voltamos à entrada.

Ela olhou para os lados. “Como se machucou?” Apontou para o curativo no meu dedo.

“Isso? É irrelevante.”

Minha mente fervilhava. Pensava no que ela dissera. Nas novas sensações que brotaram. Suas palavras me causaram ansiedade. De um jeito bom.

Sob aquela chuva, ela colocou as mãos no bolso. Virou-se e foi embora. Sumiu na escuridão das ruas.

A algidez de seu corpo ainda na minha pele.

Daquele momento em diante, eu mudaria para sempre.

CHAMADO

Terminei de comer. A biotela vibrou.

"Sim?" Minha voz saiu cansada, a tensão pesava.

"Desculpe incomodá-la." Takashi, sempre cordial. *"Uma androide depositou o envelope pela Postais. Verifiquei seu número de série. Está desativada."*

"Consegue acessar as informações do proprietário?"

"Não. Erradicaram sua memória. Completamente inacessível."

"Isso é possível?"

"Difícil. Seria necessário hackear a Rede Aether para quebrar o protocolo de segurança, corromper a androide, acessar todo o nanosistema, então, alterá-lo e apagá-lo. Parece ser o caso. Quem fez isso é muito habilidoso. Queria se esconder, ser irrastreável, esquecido. É a primeira vez que me deparo com isso."

Um arrepio percorreu minha pele. "Entendi." Já imaginava que me depararia com mais véus no caminho. "Aguarde minha ligação. Preciso resolver algo antes."

"Tudo bem."

A chamada encerrou.

Peguei os objetos do envelope: o celular. O relógio. A bússola. As coordenadas.

Liguei o celular. Pixels distorcidos preenchiam a tela minúscula. Procurei arquivos, galerias, contatos. Nada. Vazio.

Peguei o relógio. Marcava 1:4:18. Balancei-o. Tentei abrir. Sem local de fabricação.

Segurei a bússola. Quebrada.

Por fim, estudei as coordenadas. Uma rodoviária abandonada na borda da Centrália.

Por quê? A pergunta ecoava na minha mente. Apoiei a testa na mesa.

Passei o dia andando em círculos. Pensamentos giravam ao redor de Maia e sua pergunta. Preparada? Como saber?

Minha vida continuou. Meu trabalho, minha pesquisa, minha… família. Porém, havia outra escolha. Uma na qual eu seguiria com mais do que as lembranças, mas com respostas.

Naquela noite, se sonhei, esqueci. Uma parte minha esperava que Maia viesse nos meus sonhos, que me dissesse o que fazer.

Somente a escuridão como companhia.

Acordei taciturna. Olhos vazios no horizonte. Peguei a carta e reli cada palavra. Sua voz ressoou em minha mente.

Maia... o que você quer?

Eu queria negar. Queria ignorar. Tentei me convencer de que era ilógico, mas um sentir me puxava para frente. Para ela. Aquelas perguntas me atormentavam há muito tempo. E agora, eu tinha que encará-las novamente.

Então, um estalo. Um vislumbre no fundo do meu ser. A resposta sempre esteve ali. Escondida. Engavetada. Trancada. As palavras de Maia destrancaram a fechadura. Naquele momento, ela perguntou:

Você atravessaria a sua corquestrama?

Meu olhar caiu sobre a carta. "Sim. Estou pronta para atravessar a sua."

PRIMEIRO PASSO

Antes de Maia, minha vida seguia uma única direção. Um caminho linear. Ensinada a ignorar romances. Amizades restringidas pelos status. Meus pais me ensinaram a ser sozinha. A confiar apenas em mim. Sempre vi os outros como distrações. Impedimentos ao meu propósito: mudar o futuro da medicina.

Essa era a responsabilidade em minhas mãos.

Agora… decidi entrar no universo de Maia. Preparei tudo para partir. O quanto eu estava disposta a deixar para trás? Quase tudo. A pesquisa, a CogniSynth, minha única conexão com esse mundo. Minha única âncora. Por isso, só poderia permanecer em minhas mãos.

"Takashi ligue para Hideaki."

A resposta veio depressa.

"Akiko?" Sua voz soou cansada. *"Aconteceu algo?"*

"Hum, sim. Preciso de sua ajuda."

Eu deveria ir direto ao ponto. Sempre foi assim entre nós.

"Fale."

Hideaki. Presidente do CMG. Influente. Poderosa. E, como tal, detinha certos privilégios. Em algumas situações, tamanho poder resolvia as coisas.

"Cheguei à etapa de pesquisa de campo para a CogniSynth." Verdade. Mas só parcial. "Os candidatos são insuficientes.

Só assim poderei avançar à etapa final. E a senhora conhece Josivaldo."

Ela entendeu. Conhecia bem o homem para saber. Suspirou. *"De quanto tempo precisará?"*

"É impreciso. Talvez um prazo indeterminado."

"Entendo o que está pedindo. Afinal, eu te ajudei com aquela liminar. Você tinha razão. Sei que tem agora. Tem certeza? Essa pesquisa é muito importante. Todos criaram altas expectativas."

"Sei disso. Você e o… bom, levaram tempo para desenvolver a NeuroSync. Sabe que essas coisas exigem paciência. Cotecemos uma nanotecnologia que é segura para o cérebro."

"Quando pretende começar isso?"

"Hoje."

O silêncio pesou.

"Como assim?" Sua voz permaneceu firme, porém um desespero invisível cruzou a linha.

"Sei que é repentino, mas preciso estar em campo. Apenas isso." Mordi as unhas. Um hábito que superei há ciclos. A sensação da ponta dos dedos contra os dentes. Um peso inesperado, como se minha própria mentira tentasse me arrancar da decisão.

"Tem certeza?"

O aperto no peito.

Ela sabia. Estava ciente do peso das minhas palavras.

Queria ser sincera com Hideaki antes de abandonar tudo assim. Porém, qualquer medo ou lógica apequenava-se diante de seu chamado.

Maia me chamava.

"Tenho. Diga sim, e hoje mesmo pegarei a CogniSynth. Takashi pode enviar todos os documentos necessários. Já me preparei para isso."

Mentira. De novo.

"Certo. Farei isso porque confio em você. Sabe disso, certo?"

"Sei."

"Envie relatórios a cada meia lunação. Continue cumprindo minhas expectativas."

A mentira, tão pesada… Meus ombros cederam.

Mandei um sinal para Takashi me encontrar no hospital. Arrumei uma mochila. Algumas roupas, a carta e os itens que Maia deixou.

Ia desligar as luzes. Parei. Olhei ao redor. Demorado. Até então, meu porto seguro. Meus olhos atravessaram a janela. Carros sobrevoavam aerovias, quebravam as nuvens, circulavam entre edifícios.

Essa paisagem permanecia frequentemente a mesma. Assim como eu.

A ansiedade me inundou. Deixar meu mundo doía. Minhas mãos tremeram no momento de fechar a porta. Talvez a fechasse de vez. Talvez eu partisse para sempre.

Queria evitar pensar nisso. Meu coração me guiava para Maia.

Tinha que fazer isso. Queria fazer isso.

Temendo ser puxada de volta, saí.

No átrio, desejei bom dia para Andi e Pavel.

Pela primeira vez, Pavel sorriu de volta. Um sorriso curto. Quase um fragmento de calor. Segundos depois, o desprezo sutil retornou.

Certo. Hora de ir.

Cheguei ao hospital. Takashi me esperava.

"Recebeu as informações que te mandei?"

"Sim. Tem certeza de que vai embora?" Pela primeira vez, a

incerteza nublou seus olhos castanhos.

Eu estava muito nervosa para tentar entender aquilo. "Venha comigo."

Segui para o escritório e peguei o nanoprotótipo principal da CogniSynth, um nanochip. Conectei os dados ao meu biochip. As análises das memórias seriam enviadas somente para mim e Takashi. Quem tentasse acessar a pesquisa seria impedido.

"Tenho certeza. Agora, preciso saber." Olhei para ele. "Vem comigo?"

Ele passou a mão pelos cabelos escuros, hesitante. "Está me pedindo para acompanhá-la?"

Franzi a testa.

Ele sempre foi pragmático. Sempre metódico. Agora havia um sentir diferente. Seu olhar carregava uma insegurança tão… sensível.

"Sim."

Ele piscou. "Estou confuso."

"Diga sim ou não."

Pausou. "Sim."

Ele provavelmente percebia a imprevisibilidade disso. Eu também estava confusa. Deixar minha vida para trás me inquietava, mas estar perto dele soava familiar.

Já meu coração implorava por outra coisa. Por Maia.

Sorri. Seguindo um instinto, abracei Takashi. "Vamos."

Agora, cogitar voltar ficou para trás. Meu interior ardia de preocupação. Mãos suadas. A respiração presa na garganta.

Takashi observava a paisagem. Lembrei-me de que ele só vivia na Zênite. Sempre andei pela Centrália, porém Takashi ficava nos andares flutuantes.

Ele estaria apreciando a vista?

Chegamos à estação abandonada, Ruínas de Ferro.

O medo do desconhecido me inundou. Lidar com o inesperado me inquietava.

A chuva encharcava a sujeira. Paredes enferrujadas, pichadas, imundas. Automóveis deteriorados empilhavam-se. O cheiro de queimado de fogueiras inextinguíveis. Vento sibilante, metal rangendo, ar sombrio.

Somente nós dois.

Coloquei as coordenadas no mapa. Caminhamos por dez minutos. A loja de conveniência surgiu. Janelas quebradas. Prateleiras vazias. Móveis virados e cobertos de poeira. Parei e espiei o interior pela porta arrebentada.

"Akiko Akiyama?" Uma voz grave, afiada, ressoou atrás de mim.

Virei-me.

Uma mulher baixinha, cabelos curtos pretos, olhos cinza, piercings no rosto, brincos nas orelhas, maquiagem escura, descruzou os braços. Vestia roupa militar brasileira preta. Um X vermelho estampava a bandeira no ombro. Mangas arregaçadas revelavam várias tatuagens de mapas estelares. Uma leoa neon roxa rugia em seu pescoço, destacava-se em meio a outras.

Uma androide, com aparência humana surreal. Mas eu percebi as duas linhas discretas na testa, que revelavam sua natureza tecnológica.

"Sim, sou eu. Quem é você?"

"Kiara." Ela se aproximou. Sua aura intimidava.

Takashi, instintivo, colocou-se à minha frente.

Franzi a testa. Ela era tão perigosa assim?

"Seu nanosistema está inacessível." Ele se justificou.

Androides compartilhavam informações básicas quando próximos. No entanto, ela…

"Ah, então foi você que tentou se conectar a mim ontem?" Ela riu. "Takashi. Número de série: 13246587. Propriedade de Akiko Akiyama. Você é bom." Kiara sorriu. "Meu nanohack de camuflagem é melhor."

Meu coração palpitou.

"Enfim… Sou a androide conectada à Maia."

Minha respiração falhou. Maia. Apertei os dedos contra a palma da mão. Segurei a onda que tentava me levar. "Tudo bem, Takashi." Toquei seu braço.

"Tem certeza?"

Fiz que sim.

Hesitante, ele deu um passo para trás.

"Melhor assim." Kiara rolou os ombros. "Se tá aqui, significa que aceitou o que Maia te pediu, né?" Ela se virou. "Me siga. Vamos pra outro lugar."

Aquela secura. Direta. Era Maia nela.

Takashi e eu seguimos.

Ela parou ao lado de um carro preto. Neon lilás reluzia na parte inferior. Kiara entrou. As portas se elevaram para nós.

"Vai dirigir?" Devo ter parecido incrédula. Era inédito para mim ver um carro com volante.

Ela assentiu. "Vamos. Tô com pressa."

Relutante, entrei. Takashi foi logo atrás.

Para onde Maia me levaria? Seja como for, eu iria. Sentindo com coragem. Pouco importava o tempo ou o lugar. Eu precisava entender seu universo.

Encostei a cabeça na janela. A cidade se dissolveu. As luzes desfocaram.

E Maia…

Maia surgiu nos caminhos fechados da minha mente.

Memórias.

CONVERGÊNCIA

S-2878 • L1 Alonluna • D10 Unabe

"Alonluna alonga a trilha do céu. Unabe acende eixo e escolha. A maré canta em ouro crescente. A narrativa segue firme, em brilho vivo."

Naquele dia, o céu cinza, clima frio, atmosfera sombria, combinava com meu humor.

Uma lunação se passou. Eu ainda pensava naquela pessoa e naquele momento. Um ímã, grudado nesse sentir inominável para mim. A inquietação na barriga era mais do que irritante. Minha Feiticeira farejava essa falta. Essa fome.

As notícias chegaram: o único trem que conectava Zênite à Centralia, explodido. A Linha Esmeralda, destruída. Segundo a UNITED, a empresa responsável pelos transportes nas Américas, levaria um ciclo solar para que o trecho voltasse a funcionar. Restava apenas uma linha de ônibus. Lenta. Instável. A única conexão entre os dois mundos.

Recebi a decisão da petição naquela tarde. Deferida.

Josivaldo rompeu pela porta. "Você tem coragem." A voz saiu rasgada. Ele vociferou: "Esse é o seu joguinho?"

Um sorriso oblíquo surgiu. Escondi a satisfação. "Do que está falando?"

"Merda! Está se fazendo de desentendida. Usou a posição de sua mãe para manipular a decisão." Ele gesticulava patetica-mente. Ocupava a sala inteira com sua indignação.

"O CMG viu que meu método era correto e o seu… antiético. A medicina trabalha com fatos."

Na verdade, o poder de Hideaki era soberano. Minha mãe fazia questão de deixar isso absolutamente claro para qualquer um que entrasse no nosso caminho.

Josivaldo se inclinou, a raiva vibrando no maxilar travado. Os lábios tremeram, prensando palavras que pareciam querer cuspir veneno, mas falhavam em encontrar o tom certo.

Por um instante, ele hesitou. O vazio do silêncio. E então, transbordou: "Se acha superior, sim? Vai ver só." Cerrou os dentes. Girou nos calcanhares. Saiu, batendo a porta com força.

Esfreguei as têmporas latejantes. A dor de cabeça que esse homem me causava.

Pelo menos, isso estava resolvido.

Inspirei fundo. Agora, eu poderia seguir com a pesquisa.

No decorrer do dia

Ocupei-me analisando o resultado selunal.

Anoiteceu.

Vozes próximas à porta. "Akiko?"

"Sim, entre." Encostei-me na cadeira, tentando aliviar a tensão.

Alice, Gina e Beth entraram. Médicas do Pronto-Socorro.

"Vamos sair para um happy hour. Quer se juntar a nós?" Alice sorriu.

Eu evitava happy hours. Porém, o trabalho me estressava. Talvez sair fosse uma boa ideia. Relaxar. Talvez não. "S-sim, claro."

"Ótimo." Alice sorriu, relutante. "Te esperamos na entrada."

Arrumei minhas coisas.

"Se importa de irmos até a Centrália?" Gina jogou os cabelos castanhos sobre os ombros. "É que os pubs daqui são tão tediosos."

"Não." Entrei no carro.

Elas entreolharam-se e logo começaram a conversar animadamente. Uma ou outra vez me perguntavam algo. Pouco acompanhei a conversa delas.

Quando o carro cruzou os limites da Zênite, tudo mudou. O céu escureceu. A cidade, mais viva. O neon refletia nas poças sujas, no metal corroído, nos rostos marcados. Tudo era assimétrico. Tudo era imprevisível. E foi ali que percebi: uma frequência se alterou no invisível.

Chegamos ao Leão Vermelho. Luzes piscavam num frenesi caótico. Rostos dissolvidos em borrões indistintos. Uma fila quilométrica para entrar. A música grave acendia para fora. Suor, cheiro de bebidas metálicas, fumaça densa de e-cigarros.

Meus sentidos nítidos e enevoados ao mesmo tempo.

Alice foi na frente e conversou com um segurança. Acenou para nós.

"Alice é a melhor. Sempre consegue entrada VIP para todas nós." Beth me deu uma leve empurrada para acompanhá-las.

Enviaram-nos o acesso VIP via biochip. Caminhamos até o bar.

"Pode pedir o que quiser." Alice gritou para se fazer ouvir contra as batidas de trapfunk.

Perdida entre luzes e sons, pedi uma gin e tônica. Tentei ficar perto das minhas colegas de trabalho. Logo depois, alguns conhecidos se aproximaram delas.

Eu deveria estar feliz. Todos ao meu redor ressoavam alegria.

As risadas, os corpos se remexendo na pista, divertiam-se. A bebida deslizando pela minha garganta. Tudo deveria me fazer sentir algo, mas era só fuga.

Sentei-me na bancada. Mirei a bebida. Pensei em ir embora. Devia ter recusado vir.

"Ei. Tá sozinha?" O bafo de álcool e o perfume especiado chegaram antes de suas palavras.

Náusea.

Uma mão tocou minhas costas. Implantes nos dedos. Próteses biometálicas em excesso pelos braços. Apoiou-se no balcão.

"Não." Ótimo. Era só o que faltava.

Eu deveria ter saído. Deveria ter afastado sua mão. Porém a dissociação me distanciava demais. Reagir? Longe demais para isso.

Outro homem surgiu à direita. Barbado. Roupas coloridas demais. "Linda, quer companhia?" Havia um peso esquisito nas palavras dele.

"Não, obrigada." Meus olhos buscaram o espelho atrás do bar.

Os dois se entreolharam. "Como quiser." Os sorrisos afiados se dissolveram, e eles saíram.

Terminei a bebida.

Um êxtase etéreo me tomou. Meu coração acelerou. As luzes e os sons se intensificaram. Meu interior vibrava. Eu quis dançar. Nem gostava de dançar, mas dancei na pista. Focava na melodia. Nas cores brilhantes pixeladas caindo como pó translúcido.

Os dois homens de antes se aproximaram novamente. Sorriam mais charmosos.

Dessa vez, os aceitei. Chegaram perto. Colaram os corpos no meu.

"E agora, quer companhia?" A voz dele soou distorcida.

Concordei. Dançamos juntos.

Delírio doce. A lógica se dissolveu na pele quente e no ritmo hipnótico. Segui um instinto incomum. Depois cansei. Procurei um lugar para descansar.

O mais alto pegou meu braço gentilmente. "Quer ajuda? O que acha de sairmos daqui? Vamos para um lugar privado."

Quero dizer, eu gostava da música e do ambiente, rodeada por uma fumaça brilhante. As sensações formavam uma bagunça gostosa na mente. Vagarosa. Um gosto doce inundava o paladar, como se estrelas pousassem nos meus lábios. Perdi a noção do tempo e espaço. Aceitei aquele toque. Disse que sim.

Ele deu um sorriso amigável, conduzindo-me para fora.

Parei no meio do caminho, no corredor em direção à saída. Um borrão. Luzes tremeluziam. Sombras fantasmagóricas nos rostos alheios. Meu coração batia alto. Muito alto. Minha intuição gritou. Alertava meus sentidos. "Acho que mudei de ideia."

"O quê?" Ele aproximou o ouvido.

Tentei puxar meu braço. "Mudei de ideia. Solta."

"Relaxa, linda. Só estou cuidando de você." O tom meloso. Doce. Uma mentira. Ele continuou apertando meu braço. "Vamos sair daqui. Você poderá fazer o que quiser." Roçou a barba no meu pescoço.

Arrepiei-me. Meu corpo automaticamente reagia, independente de meu querer. A euforia me dominava. "Solta!" Puxei o braço. "Solta!"

Ele apertou o toque. "Lindinha, relaxa."

"Me solta!" Ninguém na festa me escutava, focados demais em suas euforias.

Tentei gritar. Nada. O som da festa engoliu minha voz

antes mesmo que ela nascesse. A música martelava, os corpos dançavam. O mundo seguiu sem mim e a bolha ao meu redor se apertou, cada vez mais sufocante.

Estávamos perto da saída. Uma premonição terrível tomou conta de mim. Ao cruzar a porta—uma pancada seca na minha cabeça.

Um clarão. Estrelas explodiram atrás dos meus olhos. O chão sumiu. Meu corpo tombou. O mundo apagou junto comigo.

Sons abafados. Um toque gelado em meu braço. Minhas últimas lembranças.

A música veio primeiro. Longe. Como um eco de outra vida. Depois, o cheiro de cigarro. Pesado. A dor latejou na cabeça. Que merda aconteceu…? O mundo ainda parecia um sonho ruim. Êxtase me embriagava. Olhei os arredores mal iluminados. Tossi ao inalar um cheiro forte de cigarro.

"Ei, ei, calma. Você tá bem? Um deles bateu na sua cabeça." Uma voz serena.

"Tá tudo bem. Por que tem sangue na sua mão?" Massageei a testa.

Ela esfregou a mão nas calças pretas. "Isso? É irrelevante."

Ao redor, indivíduos fumavam, bebiam e jogavam conversa fora.

Chuviscava.

Voltei a focar na figura à minha frente. Minha mente clareava aos poucos.

Aeroluzes multicoloridas a iluminaram. Meu coração palpitou. Trouxe calor para minha barriga. Perdi a voz, absorta em sua aparência.

Ela era única. Branco e bronze, como gelo e fogo na mesma essência. Uma combinação impossível. Hipnótica.

Pele bronzeada. Cabelos, sobrancelhas, cílios—brancos. Tão brancos que pareciam absorver a luz ao invés de refletir.

Piebaldismo. Extremamente raro. Já estudei na faculdade. No entanto, o dela… era diferente. E mesmo assim, diante de mim.

Mordi o lábio inferior, lutando contra aquela maldita euforia. "V-você é muito bonita." Cobri minha boca em seguida.

Ela abaixou mais o capuz, escondendo os cabelos repicados até os ombros. Recuou um pouco.

No silêncio, contemplei-a. O que sua expressão quase confusa significava?

"Sou Akiko."

"Akiko…" Sua voz rouca ressoou com o meu nome.

Uma onda de empolgação nasceu em meu coração, percorreu os músculos e vibrou o estômago. Queria saber o que ela pensava.

Seus olhos me perfuravam, congelados em uma emoção indecifrável.

Aliás… aqueles olhos.

Balancei a cabeça, tentando afastar o entorpecimento. Como me passou despercebido? Aqueles olhos âmbar inconfundíveis.

"Ei, espere um pouco. Você é…"

"Acho melhor a gente sair daqui. Consegue andar?" Ela se levantou. "Tá sozinha?"

Pisquei. Suas palavras demoraram para fazer sentido. "Vim com algumas colegas de trabalho. Desconheço onde estão."

"Vamos."

Fiquei sem reação.

Ela estendeu a mão. "Vem, pode segurar. Não mordo."

Estendi a mão. Sua palma áspera e fria envolveu a minha.

Deixei-me guiar. Sentia um medo taciturno. Empolgação.

Alegria. Sentimentos novos que experimentava.

As ruas da Centrália à noite vibravam. Hologramas policromados e adwares iluminavam os edifícios. Casas de show e pubs. Musicistas, poetizas, desenhistas e artistas variados lotavam as calçadas. Carros e ônibus tocavam músicas altas. Alguns indivíduos empolgados surgiam das janelas e gritavam para quem estava fora. Os que andavam nas pontes gritavam de volta, despreocupados, riam e divertiam-se, envolvidos pela agitação. Vestes e implantes se fundiam às cores da cidade.

Tudo parecia possível.

Apertei sua mão forte.

Entramos em um estabelecimento avermelhado, Clube de Sonhos Fantasiosos. Dois holorecepcionistas seminus nos saudaram.

Senti uma euforia estranha ao notar: um bordel.

Dançarinos nos pole dance. Quem estava nas mesas jogava e-dinheiro.

Uma moça passou a mão no meu ombro, piscando para mim.

A mulher de cabelos brancos me levou para os fundos.

Pessoas nuas, sem pudor, ocupavam o corredor. Luminosidade azulada pendia sobre nós. Cheiro de álcool e tabaco dominavam o ambiente.

Entramos em um elevador.

Uma mulher, que atendia os andares, vestia apenas calcinha. "Senhorita Maia." Ela levantou as sobrancelhas, surpresa. "O de sempre?"

Ela assentiu. Expressão indiferente.

Maia? Era esse o nome dela?

Andamos por um corredor. Paredes violeta com detalhes em dourado. Quadros pixelados me distraíam.

Maia me puxou para um quarto.

Luzes alaranjadas entorpeciam a atmosfera. Uma fragrância amadeirada impregnava o lugar.

"Fique aqui até o efeito da droga passar." Ela sentou-se numa poltrona ao lado da cama.

Soltei uma risadinha. "Tô tão mal assim?"

"Você precisa ter mais cuidado. Aqueles malditos te drogaram. Onde diabos estavam suas colegas?"

Deitei-me. "Eram colegas de trabalho. Só queriam ser simpáticas."

Maia colocou os dedos na testa. Suspirou. "Durma um pouco."

Ignorei. "Por que estava naquele trem? Como sabia que ia explodir? Seu nome é mesmo Maia?"

"Sim, meu nome é Maia." Inclinou-se para a frente. "Agora, chega de perguntas. Durma."

Lutei contra o sono.

Perdi.

Na manhã seguinte

Acordei em um quarto vazio. Tropecei na cama. Esbravejei contra a dor nas têmporas.

Maia deixou uma nota na poltrona: *Akiko, se quiser, me encontre na Rua 13, no Meio, às 22h.*

Guardei o bilhete no bolso.

Entrei no elevador.

A mesma mulher da noite anterior, agora totalmente vestida. "Senhorita Akiyama." Ela sorriu, fazendo uma discreta reverência.

Escapava-me a lembrança de ter dito meu nome. Naquela altura, só queria esquecer tudo. A vergonha me consumia.

Sorri de volta. "Até mais."

Ela se despediu.

O lugar havia mudado. Mesas ocupavam o salão. Clientes tomavam café. Os dançarinos da noite anterior agora serviam mesas, trabalhavam como recepcionistas e cozinheiros. A fachada dizia: Centrália Café.

Foi tudo minha imaginação?

"Mesa para um?" Uma moça me saudou na entrada.

"Ah, não. Obrigada, estou de saída." Minhas bochechas queimavam. Saí a passos rápidos.

Voltei ao meu apartamento.

Precisava me arrumar. Encontrar Maia.

Esperei.

Esperei.

Os minutos se esticaram como fios de um ritmo sem fim. As horas desmoronaram umas sobre as outras.

Porém, naquela noite, o silêncio de sua ausência foi minha companhia.

ALÉM DO LIMITE

"Ei, acorde." A voz de Kiara ecoou no fundo.

O sol da manhã sangrava no céu laranja. As nuvens pesadas filtravam a luz como vidro fosco.

"Pensei que ia dormir pra sempre." Ela riu baixinho.

Sonolenta, esfreguei os olhos. O exterior me despertou por completo.

Sobrevoávamos uma rodovia, conectando o sudeste brasileiro. Nanobarreiras cercavam a fronteira de São Paulo, impedindo o ar corrosivo dos arredores de entrar.

A Rede Aether, a milícia governante do Brasil, e as três principais patrocinadoras do país: Sessota, UNITED e Kokusai investiam pouco nas cidades menores. Apenas as capitais importavam. Dificilmente consideravam outras aerovias na Grande São Paulo como caminhos.

Edifícios destruídos, andaimes quebrados e vidros despencavam de paredes envelhecidas. O ar denso carregava partículas amareladas. Grãos químicos, ásperos como areia. Solo manchado de sujeiras nojentas. Montanhas de lixo, altas como edifícios, se retorciam em esculturas grotescas.

Entre os destroços, ratos enormes e nanodrones de vigilância disputavam espaço. E os grupos armados eram ainda mais perturbadores. Máscaras de gás, corpos pintados, tatuagens de

guerra. Um desses grupos cercava dois homens ajoelhados, de frente para uma parede manchada de lodo.

Prendi um grito.

Duas mulheres ergueram suas armas a laser, que começaram a brilhar. Dois feixes cortaram o ar. Os corpos caíram, sem tempo para gritos.

A que vestia preto ergueu os olhos. Nos encarou no seu ritmo. Depois, acenou para outra. Os olhares se fixaram no carro, avaliando em alerta contido.

"Vão ficar na delas." A voz de Kiara cortou o silêncio, como se adivinhasse meus pensamentos. "Esse carro tem um sinal."

Engoli em seco. "Que sinal?"

"Elas são mercenárias subordinadas a Netheria. Esse carro indica 'mantenham-se afastadas.'"

Mercenárias?

Meu corpo tremeu. Meus piores pensamentos se distanciavam brutalmente da realidade. Em algum momento, meus olhos captaram uma pilha de corpos. Uma rachadura abriu-se no meu coração. Eu já havia presenciado muitas coisas na carreira médica. Situações que destruiriam a sanidade das mentes mais flexíveis.

Já aquilo? Aquilo estava muito além de quaisquer suposições. Além do suportável. Definitivamente, tanta crueza me fez sentir vulnerável.

"P-por que as coisas estão assim? O que aconteceu?"

"Aqui são as Terras de Ninguém, onde vivem os mercenários. Por que as coisas estão assim?" Ela sorriu. Frio. Gelado.

Esperei que dissesse mais. O silêncio se prolongou.

Puxei assunto: "Você é uma mercenária?"

O olhar de Kiara endureceu. Os lábios, que antes se moviam sem dificuldade, selaram-se. Um silêncio de aço pairou entre

nós.

Uma veia latejou em minha testa. Ótimo. Mais uma presença que silencia diante das minhas perguntas. Evitei os pensamentos dominarem. Forcei-me a olhar para a superfície do mundo de Maia.

A atmosfera amarelada se dissipou. Casas abandonadas. Árvores dispersas.

Takashi fixava o olhar na paisagem. Um androide da geração Una. Mantinha informações mundiais, porém limitadas, aprofundadas a cada novo acesso.

Já Kiara, ela estava em um nível que eu desconhecia.

"Takashi tentou te rastrear. Você apareceu como uma androide desativada. Mesmo desativados, ainda podemos acessar os dados. Por que ele foi impedido?"

"Maia me desconectou da Placa Mãe. As restrições sumiram, além de ser irrastreável."

"Qualquer nanoespecialista pode imaginar que você é uma androide extraordinária."

Kiara franziu a sobrancelhas e mudou de assunto: "Você é médica? Isso pode ser útil."

Por que seria útil?

Chegamos a uma cidade.

Edifícios baixos e largos, o traço bruto preservado de heranças antigas. Indivíduos vestiam roupas sujas, descarregavam cargas dos barcos.

O cheiro salgado do oceano entrou no carro fechado. O mar amarronzado ondulava contra a costa à nossa direita. O zéfiro sibilava sussurros melancólicos. O carro balançava sobre as ondas nanoeletromagnéticas irregulares.

"Onde estamos?"

"Santos." Kiara desacelerou. "Primeira vez vendo o mar?"

"Sim, só tinha visto por fotos."

Mas eram insuficientes para capturar isso; a vastidão, o cheiro salgado, a dança infinita do mar em ritmo com o mundo.

"Terminando o que viemos fazer, posso te levar para a costa. É uma área preservada." Ela deu de ombros.

Sorri enquanto voávamos.

Porto de Santos.

Casas empilhadas umas sobre as outras. Navios, cargueiros e barcos subaquáticos estacionados no cais.

Paramos em frente a uma casa de concreto rachado, velha e preta.

Tossi com o cheiro de podridão.

"Santos é a cidade onde Maia viveu durante sua infância. Precisamente nessa casa. Pronta?" Kiara me encarou.

Meu coração palpitou. Entreabri os lábios, inquieta.

Talvez fosse a menção à Maia. Talvez fosse o peso da história condensada naquele concreto rachado. Ou talvez, só talvez, fosse a certeza de que os caminhos, enfim, se abriram.

O primeiro passo para a jornada de seu mundo.

E quando percebi… já estava dentro.

INFÂNCIA

Kiara abriu a porta. "Liana? Sou eu, Kiara."

Feixes solares infiltravam-se pelas frestas na parede, carregando consigo a poeira suspensa, iluminando fragmentos de um tempo perdido. Uma lamparina velha oscilava na penumbra, lançando sombras alongadas sobre os móveis de madeira, limpos demais para um lugar tão esquecido. A casa cheirava a mofo.

Uma senhora idosa sentava-se em uma cadeira velha. Vestia um xale verde. O olhar perdido na vista do cais. Quem era ela?

Pousei os olhos em uma moça. Uniformizada de enfermeira.

Não.

Uma androide. Uma Rhea. Nanosistemas eram programados com conhecimentos médicos.

"Ah, olá. Acabei de preparar o banho de Alícia." Ela lançou um olhar rápido para a idosa. Sorriso tenso. "Mas ela está em um momento ruim."

Kiara assentiu. Demonstrava ciência da situação. "Essa é a Akiko."

Estendi a mão, sorrindo. "Prazer."

"É a médica?"

Franzi a testa para Kiara. Ela desviou o olhar.

"Sou."

"Ótimo. Vou te passar o quadro de Alícia." Liana voltou-se para Takashi. "É o seu assistente? Posso encaminhar para ele?"

Aceitei, um tanto confusa. Que clima estranho. Por que parecia que ela já me esperava?

Liana sorriu. Os olhos opacos por alguns segundos.

A resposta de Takashi veio em seguida: "Alícia Relaisse. 71 ciclos. Nascida na França em 2809. Diagnóstico: Estágio 3, quase 4, de Alzheimer. Perda de 82% do comportamento cognitivo."

"O quê?! Como assim?!" O horror escapou na minha respiração. "Alzheimer já tem cura! O que aconteceu?!"

Kiara colocou-se à minha frente. "Calma. Vem cá. Quero te mostrar uma coisa."

Engoli em seco diante do seu olhar. Mesmo relutante, segui-a. Que situação perturbadora era aquela?

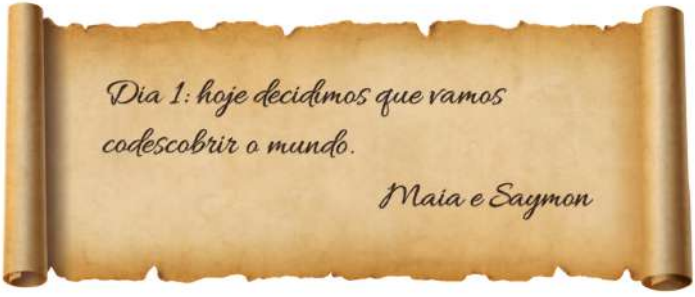
Móveis empoeirados. Congelados em um tempo distante. Kiara abriu o guarda-roupa. Dentro, pequenas vestes com estampas infantilizadas. Pegou uma caixa e colocou-a na cama. Sinalizou para que eu me sentasse ao seu lado.

"Essa caixa é especial pra Maia. Contém coisas que guardou quando criança. Ela pediu pra te mostrar." Kiara empurrou a caixa em minha direção. "Por favor, veja."

Peguei-a com cuidado, como se fosse desmoronar. Madeira bem conservada. Abertura simples. Segredos revelados com fluidez.

Quase engasguei ao abrir. A poeira subiu. Retomei o fôlego.

Dentro, um papel:



Dia 1: hoje decidimos que vamos codescobrir o mundo. Maia e Saymon

Peguei a fotografia. O coração falhou uma batida. Dispensável pensar. Eu já sentia.

Duas crianças. Uma menina de cabelos brancos. Ao seu lado, um menino de cabelos bicolores. Metade castanho escuro, metade branco. Sobrancelhas e cílios mesclados.

A dualidade perfeita. Os traços idênticos. O mesmo sangue. Dois destinos.

Os olhos de Maia, espelhados nele.

Mas ela silenciou sobre ele. Por quê?

Atrás deles, uma senhora os abraçava. Provavelmente, Alícia. Mais jovem.

Kiara passou a mão pelos cabelos escuros. "Este é o irmão mais velho de Maia, Saymon. Aos sete ciclos, os mercenários o levaram para as Terras de Ninguém. Um ciclo solar depois, levaram Maia." Ela apontou para um brinquedo na caixa. "Esta boneca."

Peguei-a nas mãos. A pintura gasta mostrava uma réplica de Maia.

"Saymon deu de presente pra ela."

"Por que os levaram?"

Era inimaginável como alguém poderia agir tão repugnamente.

"Aqui, a infância inexiste. Crianças são criadas pra serem vendidas. Ou tomadas. Algumas famílias aceitam e recebem por isso. Outras tentam lutar. Todas perdem. Algumas nascem lá dentro. Só conheceram essa vida." Kiara deu de ombros.

Como ela conseguia dizer isso a sangue-frio?

"Como assim?" Demorei o olhar no rosto infantil de Maia. Então ela era assim criança? Os traços marcantes presentes ali. Os cabelos brancos. Os olhos de mel. Tão familiar, ainda assim, tão diferente.

Coloquei os itens de volta na caixa.

"Os detalhes são vagos. Me conectaram à Maia quando ela se juntou aos mercenários. Há uma pessoa que poderia te contar mais." Ela olhou para a porta. "Você viu. Ela tá impossibilitada."

Emudeci.

Dentro daquele silêncio, Kiara parecia querer dizer mais. Desencontrou as palavras.

A chuva caía lá fora.

"Sobre Alícia… acho que ela escolheu esquecer. Talvez tenha sido a única escolha real que teve. A doença foi um alívio."

Franzi a testa. "Essa doença é terrível!"

Kiara anuiu.

Empatia? Desconfiei que tivesse alguma.

"Pode ficar aqui mais um pouco. Vou resolver umas coisas." Ela se levantou, lançou-me um último olhar e saiu.

Abri gavetas. Vasculhei entre roupas. Foi-me revelado o suficiente sobre Maia.

Só pude imaginar o quão triste foi presenciar a partida do

irmão. O quão dolorosa deve ter sido sua própria ida para as Terras de Ninguém. Eles tinham sete ciclos. Meu coração apertou.

Lembrei-me dela. Do peso nos olhos âmbar. De uma ausência inominável. Daquilo que ficou em silêncio. Daquilo que carregaria ao longo dos ciclos.

Uma promessa inescutável, que eu desconhecia se foi cumprida.

SINCRONICIDADES

ALONLUNA DE 2878

"Alongamento vira caminho no céu. O brilho sobe em passos calmos. Gaia tece maré e estação em uníssono. A história entra inteira no ritmo."

Maia se fez ausência.

Esperei. Um minuto. Dez. Meia hora. O tempo arrastava-se, cruel. Cada segundo retorcia minha serenidade em um nó apertado. Uma eternidade.

Caminhei para casa, a mente uma tempestade de vislumbres desconexos.

A noite anterior latejava em mim, como um espinho cravado na carne, invisível e impossível de ignorar. Um gosto amargo na boca, o eco de algo errado, de algo interrompido. A sensação de ter sido enganada.

Como aqueles malditos ousaram fazer aquilo? Àquela altura, só pensei no pior cenário possível. E se Maia tivesse escolhido a inércia? Aliás, por que ela estava lá? O que aconteceu antes de eu encontrá-la? E o sangue em suas mãos? O que raios significava aquele sangue?

A resposta escorregava entre meus pensamentos, sempre distante.

Apesar de tudo, a curiosidade persistia. Eu queria vê-la de novo. Precisava. Agradecê-la por ter me ajudado.

Mas como? Minha única informação era seu nome. Pedi a Takashi para procurar por uma Maia com sua aparência. Nenhum retorno.

Deixei estar.

Luas passaram.

S-2878 • L1 Alonluna • D24 Ritsi

"Alonluna recolhe o ouro do alto. Ritsi marca compasso de retorno. A maré afina passo e silêncio. A história prepara a próxima aurora."

Dia calmo.

Os primeiros resultados do Projeto Jaburu foram muito positivos. As participantes também estavam animadas. Assistiam às suas memórias de duas lunações atrás.

O calor que restava recolhia-se para dentro; meu corpo anunciava a queda antes do sangue.

Antes de ir para casa, resolvi me presentear.

Coloridas lojas 24h brilhavam nas ruas quase desertas. Comprei um doce de creme e andei até o ponto.

O ônibus passaria dali a trinta minutos. O tempo aumentou devido a um roubo em uma loja de eletrônicos. A polícia fechou as rotas para investigação próxima de onde eu estava.

Trinta minutos era muito tempo. Chamei um táxi. O que mais eu poderia fazer?

Perambulei pela calçada. Os minutos passaram. Na vitrine de uma loja, assisti à entrevista de uma androide escritora, Novella.

CLANG! Assustei-me ao ouvir metais colidindo do beco ao lado. Tentei ignorar. Foquei na holotela.

"Estou aqui para cotecer com os humanos." Novella respon-

deu na entrevista.

Metal ecoou de novo. Minha intuição alertou. Meu coração palpitou em ansiedade. Contive uma estremecida.

Dois homens correram do beco, mãos e rostos ensanguentados. Um deles disse algo inaudível. Correram na direção oposta à minha.

Passei despercebida por eles, mas continuei me preocupando. O coração acelerado ao máximo. Os pelos eriçados. Queria ver o que estava lá. O medo me imobilizava. Eu precisava ir. Mas e se ainda estivessem ali? E se eu me tornasse um alvo?

Meu instinto berrava para recuar. *Vai embora.* Mas e se alguém ainda estivesse respirando? Mas e se for tarde demais? Mas e se…

Fechei os punhos. Engoli o medo. Eu era médica. Se alguém precisava de ajuda, eu tinha que ajudar. Juntei toda a minha coragem e me obriguei a entrar na viela.

Uma aerolâmpada quente fornecia pouca iluminação. Andei devagar. Avistei um pé em meio a caixas amontoadas ao redor. Os batimentos cardíacos se intensificaram. Dei um passo hesitante. Outro.

O corpo jogado entre as caixas. A cabeça oculta na sombra. As mãos tingidas de vermelho.

Meu coração espancava as costelas. Mais um passo.

A luz trêmula da aerolâmpada dançou sobre a pele pálida.

Minha garganta trancou. O choque me golpeou como um soco seco.

Maia.

Os fios brancos manchados de sangue. O ar espremeu meus pulmões. Dei um grito sufocado. Abaixei-me e procurei por seu pescoço. As feridas vazavam pouco sangue. Segurei seu rosto sob a luz e toquei sua pele para sentir o sangue ritmando.

Ela ainda estava viva.

Três cortes profundos: sobrancelhas e lábio inferior.

A notificação do táxi chegou.

Segui o instinto: carreguei Maia para o carro.

Seguimos para o hospital.

Pronto-Socorro

Maia recebeu atendimento prioritário devido ao seu estado delicado.

Os enfermeiros estranharam a falta do seu biochip. Isso ficou em segundo plano, afinal, tratar a paciente era prioridade absoluta. Salvar sua vida era mais importante do que a falta de dados.

Além de tudo, uma médica daquele hospital estava socorrendo-a.

Imediatamente, juntei-me ao médico que a examinava.

Provavelmente, Maia ficaria inconsciente por um tempo.

Fizemos os primeiros socorros com as nanomáquinas. Marcas de estrangulamento no pescoço. Pele avermelhada. Sua dignidade sexual também estava intacta. Senti alívio. As lesões se concentravam no tórax, sinais de espancamento, uma costela fraturada e outros machucados espalhados pelo corpo.

Maia resistiu. Lutou.

Restava checar a cabeça. Levamos ela para a tomografia.

"Pode colocá-la nesta maca." O neurologista indicou o local. Preparava o equipamento para exibir as imagens. "Ela continuou desacordada desde que a encontrou?"

Meneei a cabeça.

Minutos depois, resultados em mãos, respirei um pouco mais tranquila.

Nenhuma complicação grave, apenas pequenas lesões na

cabeça. Mesmo assim, permaneceria em observação.

Solicitei um quarto, requisitei exames de sangue por precaução e preparei o ambiente com iluminação à meia-luz. Queria que se sentisse confortável ao acordar.

Permaneci ao lado dela o tempo inteiro.

Eventualmente, o sono me venceu.

Durante a madrugada

Acordei.

Maia ainda dormia. Seus sinais vitais haviam se estabilizado.

Ministrei os remédios para dor e afastei-me.

Ela murmurou e voltei a me aproximar.

"O-o quê?" Seus lábios se moveram discretamente.

"Maia, sou eu, Akiko."

"Akiko?" Repetiu para si, os olhos semicerrados.

"Isso. Sabe quem sou, sim?"

Tossiu e gemeu de dor ao mover o braço. "Sim. Onde estou?"

Toquei em seus ombros. "Ei, calma. Deve ser difícil se mover. Está no hospital."

"Hospital? Que hospital? Onde estou?" Maia fez uma careta de dor.

"Calma. Está segura."

Seus olhos vagaram pelo quarto. Procuravam uma rota de fuga. Mesmo vulnerável, ainda agia assim. "Onde estou?"

"Hospital Santa Geordana, onde trabalho."

"Zênite?"

"Sim."

Tentou se levantar. Os músculos a traíram. O corpo inteiro rejeitou o esforço, castigando-a com dor. Um gemido escapou de seus lábios.

"Pare de tentar se levantar." Esforcei-me para segurá-la. "Por

favor, você está fragilizada." Minha voz se manteve calma, mas meus músculos retesaram.

Ela caiu de volta no travesseiro, ofegante. "Longe daqui." A voz dela estremeceu. O tom calculado se dissolveu. O pânico tomou forma. Ganhou corpo. Garras. As mãos agarraram meus braços com força. Seus dedos afundaram na minha pele. "Me tira daqui. P-por favor, me tira daqui!"

Sua respiração engasgou. Ela tremeu contra mim, a cabeça enterrada no meu peito, como se tentasse se esconder do próprio mundo.

"E-eu—"

A porta apitou.

Soltei-a com cuidado.

"Dra. Akiyama, te enviamos os resultados do teste de sangue. Daren gostaria de conversar. O quanto antes." O androide enfermeiro enfatizou as últimas palavras.

Assenti e fechei a porta. Por que ele queria conversar?

Abri o resultado. Meus olhos arregalaram. "Maia…"

Meu coração tropeçou. Minha visão embaçou por um segundo. Eu li. Li de novo. E de novo. A informação acendia na biotela como uma sentença. O hospital inteiro parecia prestes a desabar sobre mim.

A voz me falhou. "S-seu tipo sanguíneo é O Rh nulo." Sentei-me na cadeira mais próxima. Um buraco negro dentro do meu peito.

O tipo sanguíneo mais raro do mundo. Tão raro que a Zênite abrigava um centro exclusivo, vigiado pelo CMG.

Por isso ela queria evitar o hospital? Mas eu tinha que acompanhá-la naquelas condições.

Fechei a biotela e aproximei-me dela.

"M-me tira daqui, por favor." Maia implorou.

"Eu—"

"Me leve, por favor. Pra qualquer lugar. Cuida de mim. Você é médica, né?"

Eu estava incerta do quão sã ela estava.

"Por favor," insistiu.

Ela evitava olhar-me diretamente. Algo intangível escondia-se sob o seu semblante.

Sua situação se estabilizou. Poderia cuidar dela em casa. Eu mantinha alguns equipamentos médicos. Poderia trabalhar na CogniSynth remotamente por alguns dias.

Suspirei, esfregando as têmporas. "Tem certeza?"

Ela tinha o direito de escolher sair dali. Sua situação era grave, mas estava segura da morte. O Código de Ética legitimava sua escolha.

Ela assentiu.

"Tudo bem, como desejar," eu disse, esperando que sua situação continuasse estável.

Expliquei a questão ao androide enfermeiro-chefe. Ele verificou sua condição mais uma vez. Informou o médico responsável pelo Pronto-Socorro. Eles confirmaram com Maia. Deram-lhe alta.

Preparei-a.

Estávamos saindo…

"Akiyama." Daren, o médico-chefe do banco de sangue, me alcançou. Ele devia ter atravessado todo o hospital correndo. "Escute, por favor."

Levei Maia até o carro e voltei.

"Sim?" Tentei soar o mais paciente possível.

"Você viu? Por que está fazendo isso? Precisamos do sangue dela. Só temos um doador ativo desse tipo no continente. Se conseguirmos mais um, decidimos na Comissão do Conselho

de Sangue. Sabe o que o sangue dela significa, sim?" Os olhos dele brilharam.

"Depois. Primeiro, ela precisa se recuperar. Vou falar sobre a pesquisa," eu disse.

Embora inferisse que ela recusaria participar.

O sorriso dele desapareceu. "Certo, vou esperar. Porém, isso pode ser essencial. Volte até mim quando tiver novidades, por favor."

SILÊNCIOS

Caminho para casa

Minha cabeça latejava.

Maia descansava. Finalmente permitiu-se fechar os olhos. Mesmo esgotada, resistiu muito até se entregar ao sono. Tão longe da mulher impenetrável e destemida que conheci. Inimaginável que pudesse ser tão vulnerável.

Os analgésicos claramente suavizaram suas defesas.

No apartamento

Acomodei Maia na cama, preparei o soro e troquei os curativos.

A falta do biochip impediu a conexão com a máquina. Foi preciso implantar um nanochip em sua mão. No mesmo instante, seus sinais vitais apareceram na holotela. Estáveis. Ótimo.

Aliviada, relaxei. Toda a carga emocional do dia pesou sobre as pálpebras. Tornou-se esforçoso manter os olhos abertos por mais alguns minutos. Adormeci na poltrona próxima.

"Ei, acorda." Uma voz abafada chamou. "Akiko!"

Acordei sobressaltada. "Sim?"

Despertei mal-humorada. Dores no pescoço. Os braços dormentes formigaram. A sensação espalhou-se pelo corpo.

A luz alaranjada se insinuava pela janela. Percebi que esqueci de escurecer os vidros.

"Akiko?" Maia me chamou novamente.

Examinei seus machucados. Melhoraram muito. Digo, como isso era possível? Só se passaram algumas horas. Evitei pensar demais.

"Como você está se sentindo?" Senti um gosto seco na boca. A exaustão se sobrepôs à fome na noite anterior. Meu estômago roncou.

Maia sorriu. "Também tá com fome?" Ela disse roucamente.

"Você também? Desculpa, dormi e me passou despercebido." Peguei o controle físico do apartamento e o entreguei para Maia. "Vou trazer comida para nós. Se a luz te incomodar, ajuste a luminosidade."

Preparei um café da manhã farto: frutas, pão e suco.

Esperava que ela comesse tudo. Maia estava visivelmente desnutrida e desidratada. Tudo indicava que, há muitas luações, vinha se alimentando mal. Ela precisava comer.

Levei uma bandeja até ela. Maia se recostou na cabeceira da cama.

Acomodei-me na poltrona. "Tente comer tudo."

Ela assentiu. Moveu os braços, o esforço arrancou um gemido de dor. "Droga. Tá doendo muito. Aqueles…" Seu olhar encontrou o próprio reflexo no espelho, carrancuda. "Tsc, acertaram no rosto."

Sabia que silenciaria se perguntasse o que aconteceu, então me contentei em focar no seu estado. "Quer ajuda?"

Maia assentiu.

Levantei-me e peguei um garfo, espetei uma fruta, e levei até ela. Mordeu uma por uma, saboreando.

"Quanto está doendo? Sente suas pernas?"

"Sim, tá doendo mais do que meus braços. Minhas costas também. Minha costela tá fraturada. Meu rosto… tudo dói." Maia soprou uma risadinha.

Como ela conseguia rir naquela situação?

"Aconteceu antes?"

Ela continuou comendo.

"Sabe, preciso que me responda. Sou médica. Tenho que entender seu histórico. Já fraturou uma costela antes? Minha abordagem precisa ser diferente. Pode se resguardar dos detalhes, se preferir."

Ela suspirou. "Aconteceu… tô satisfeita. Tava delicioso, muito obrigada."

"De nada." Sentei-me novamente na poltrona e tomei meu café da manhã.

Após algum tempo, insisti. "Certo. Quantas vezes?"

Maia olhava a vista da janela. Parecia absorta em pensamentos. Achei que me ignoraria de novo.

"Muitas. Impreciso dizer com exatidão… mas é minha primeira vez recebendo um tratamento bom desses." Tentou sorrir, mas saiu uma careta de dor.

Segurei um riso. Fofinha.

"Vou fazer um raio-x, tudo bem?"

Maia deu de ombros.

Terminei de comer.

"Ausência de um biochip?"

"Da Rede Aether? Sim."

Estranhei. Todos em São Paulo tinham biochips implantados ao nascer. A Rede Aether proibia retirá-los. Mesmo estrangeiros tinham os seus.

"Tem alergias?"

Silêncio.

"Não?" Peguei um nanochip. "Vou colocar esse nanochip na sua nuca. É indolor. Certo." Afastei seus cabelos. Até os pelos finos do corpo tinham a palidez singular. Limpei a região e apliquei o nanochip.

Maia se arrepiou.

O pior que poderia acontecer seria uma rara reação alérgica.

"Tudo bem?" Percebi o quão perto estávamos. Sua respiração quente roçou meu braço. Afastei-me, mas o calor já tingia meu rosto.

Seus olhos me seguiram. "Eu… tá tudo bem."

"Ótimo." Limpei a garganta. Sentei-me ao seu lado e analisei o painel. "Maia, você tem NB-Mend nos ossos?" Entreabri os lábios.

Isso deveria ser impossível. Mais uma vez, contive o turbilhão de incerteza. As dúvidas queimavam dentro de mim.

"Você tem muitos ossos quebrados. São fraturas quase imperceptíveis. Sua costela tem uma lesão maior." Apontei para o painel. "Está vendo esses metais? São nanites que colam os ossos quebrados. Elas fazem a recomposição óssea. A UNITED está testando esse nanoprotótipo em Nova Iorque. Como você tem ele?" Virei-me para ela. "Como você tem isso?"

Nada.

"Só vai entregar silêncios? Que seja." Suspirei. "Vou trocar seu tratamento. Aumentar a dose de cálcio e injetar Metaline. É um líquido metálico que acelera a cura das nanites da NB-Mend."

"Você tem Metaline?" Maia pareceu surpresa. Um interesse repentino.

"Sim. A nanopesquisa foi testada por um tempo em São Paulo. Participei da cotecedura do líquido."

"Então fazem isso aqui…" balbuciou para si.

"Só quando a UNITED requisita. Tenho porque mantenho uma reserva pessoal."

"Quanto tempo até a minha recuperação?"

"Pelo menos, meia lunação, graças a NB-Mend. Sem ela, seria uma lunação de recuperação." Analisei os dados. Estáveis. O nanochip se conectou com segurança.

"Você vai cuidar de mim até lá?"

Aquela pergunta me pegou de surpresa. Ai, ai. Eu estava pensando demais. Isso é nada. Senti alívio por estar de costas para ela. Meu interior, um campo em chamas.

"S-sim." Fingi uma tosse. "Até que possa cuidar basicamente de si própria, vou te ajudar."

Saí do quarto depressa. Faltava-me coragem para encará-la. Receei que lesse a insegurança nos meus olhos. Encostei-me na parede, sentindo o sangue lunar finalmente escorrer.

Coração acelerado. Sentir transbordando.

Talvez eu precisasse fazer alguns exames cardíacos.

Trabalhei remotamente. Recebi os resultados da pesquisa da CogniSynth. Emiti os relatórios à equipe. Algumas vezes, ia ver Maia. Por que pensava tanto nela?

Descobri que ela parecia satisfeita assistindo a filmes de comédia. Ainda que sequer sorrisse.

Minha hora favorita de visita? Quando o pôr do sol incendiava o céu cinzento. Laranja. Rosa. Lilás. Um espetáculo colorido que invadia o quarto. Iluminava Maia. Refletia nela as cores vibrantes. Era de uma beleza única!

Encostei na porta. Admirava mais uma vez aquela cena, distraída.

"Akiko." Ela me pegou desprevenida. "Preciso tomar um banho."

Passaram-se quase dois dias. Seus ferimentos melhoraram. Ela mexia os braços. As pernas doíam menos.

Os curativos eram grandes. Somente limpei superficialmente. Fazia tempo desde que eu dei banho em uma paciente pela última vez.

"Consegue se mover? Se sim, posso preparar a banheira." Falei pensando pouco.

"Não. Se puder me ajudar…" Maia bufou, ciente da própria condição.

"E-eu…" Virei-me. O rosto queimava. Por que eu estava assim? Odiava aquelas sensações estranhas. "Claro, primeiro vou preparar seu banho."

Uma vibração engraçada dançou no estômago. Ah, às vezes, até a medicina hesitava em dar nome às coisas. Ou talvez fosse eu.

Liguei a torneira. A água me acalmou. Liguei a hidromassagem para que relaxasse ainda mais.

Voltei ao quarto para buscá-la.

Apoiava-se em meus ombros. Maia era pesada. Firmou os pés no chão, diminuindo o peso.

Enquanto a levava, o vapor enchia o banheiro.

Coloquei um pequeno banco na ponta da banheira. Deixei Maia apoiada na pia.

"Consegue sozinha…?" Esperei que ela entendesse. Tirar uma camisola deveria ser fácil.

Aqueles minutos pareceram uma eternidade. Ah, isso ficava cada vez mais embaraçoso. Eu deveria estar me sentindo mais serena. Quantas vezes já fiz isso?

A água respingou.

"Sim." Ela riu baixinho.

Aliviada por ela entender, virei-me e sentei no banco. Separei

uma esponja e um sabonete líquido neutro. Usei um recipiente para molhar seus cabelos.

Maia esfregava a pele devagar. Eu supus o quão dolorida estava. Ela se contraía a cada toque.

"Seus pais têm piebaldismo?" Passei o xampu nela.

"Sabe…" Desviou o assunto. "Tenho muitas perguntas a seu respeito."

Ah, ela tinha? Imagina eu! Revirei os olhos. Sabia que ela se calaria se eu indagasse mais uma vez.

Uma longa pausa. Respingos de água ecoaram.

"A pergunta principal é: por que me ajudou?"

"Vi você machucada. Como médica, fiz um juramento."

Sim, era a verdade. Teria feito o mesmo por qualquer um. Exceto… exceto que trazer ao meu apartamento seria impensável. Exaltada, suprimi uma bufada. Como queria ver sua expressão…

Ela grunhiu. Molhou o rosto. "Certo."

"Está se sentindo melhor? Coloquei uma substância para aliviar a dor." Falei distraidamente, acariciando sua cabeça.

"Sim, muito. Obrigada." Maia se inclinou e deu-me a esponja.

Lavei suas costas com cuidado. A região menos machucada, no entanto, marcada por tantas cicatrizes. A cada passada de esponja, uma nova cicatriz aparecia. Uma muito grande cortava transversalmente do ombro até a cintura. Passei o dedo levemente.

Ela estremeceu, mas permaneceu taciturna.

"Pronto. Quando finalizar, me chama…"

Maia quase caiu ao tentar se levantar. Ela se esforçava para se apoiar na beirada da banheira.

Segurei-a rapidamente.

"Desculpa. Quero sair." Ela tremia.

Fixei os olhos em seu rosto, evitando abaixá-los. Droga, por que raios me importava com isso?

"Tudo bem." Apoiei-a para que ficasse em pé. Entreguei-lhe uma toalha. Desviei o olhar para qualquer outro lugar.

Maia riu, zombando. "É tão feio assim? Quero dizer, os machucados."

Ela simplesmente podia fingir que isso nunca aconteceu?

"Não, estou acostumada."

Seu sorriso colidiu com uma inquietação repentina. "Hum, bom saber que minhas feridas estão em boas mãos."

"E-eu…" Saí do banheiro calada.

Ela foi a primeira que fez meu coração acelerar assim. Inimaginável que agiria tão estupidamente perto de alguém.

"Me avise quando terminar." Joguei as palavras no ar.

Maia terminou. Levei-a para o quarto.

A escuridão preenchia o céu. Anunciava a hora do jantar. Pedi duas caixas de comida japonesa. Gostava de cozinhar minha própria comida, porém estava cansada demais para isso. Ou melhor, para pensar.

Após um tempo, ambas olhávamos pela janela.

O silêncio preenchia o espaço.

Maia o interrompeu: "Pode dormir aqui? É muito espaço para tanta… solidão."

Curioso ver um lado de Maia que era impensável ver. Ela parecia mais relaxada. Mesmo com a aura de alerta permanente.

"É, também me sinto solitária, mas sou tão ocupada que esqueço disso."

Por que contei isso? Como se ela se importasse.

"Enfim, posso dormir aqui. Essa poltrona se transforma em uma cama." Saí para buscar um travesseiro e uma coberta.

Maia sussurrou algo. Escapou dos meus ouvidos, mas soava

como… "É mais do que solidão, eu…"

"Desculpe, pode repetir?" perguntei, olhando sobre o ombro.

"N-nada. Não falei nada."

Minhas mãos suavam. Por que eu estava tão nervosa? Por que eu estava tão incomodada com toda aquela evasão dela?

Voltei e me acomodei.

"Obrigada por cuidar de mim." Maia sorriu. Um sorriso gelado. "Vou sempre me lembrar do que está fazendo. Quero retribuir. O que você quiser. Exceto… exceto…" Ela suspirou. "Isso. Estou incerta disso. Não posso responder suas perguntas. Não posso."

Meu coração parou por um momento. Um frio percorreu meu sangue. O tempo pareceu desacelerar. Tudo aconteceu em câmera lenta.

"Fique tranquila sobre retribuir. Você me ajudou naquele trem. E naquele noite no bar. Fiz isso por causa do juramento. Assim, teria feito por qualquer um." Tentei evitar transparecer o nervosismo na voz. "Faço perguntas para todos. Se vão responder, é uma escolha deles."

Menti. A maioria dos indivíduos me desinteressava.

Uma melancolia súbita aflorou no rosto de Maia.

Não. Devia ser um devaneio meu.

"Certo, claro. Sobre aquela noite… enfim, vou descansar agora. Boa noite."

Algo sutil mudou sob essa lunação.

Desde então, ficamos quietas. Eu perguntava seu estado, Maia respondia com a frieza costumeira.

Algumas vezes, seus lábios se entreabriam, como se fossem dizer algo, mas no instante seguinte, selavam-se. Seja lá o que pretendesse falar, preferia engolir as palavras.

O tempo passou.

A aplicação frequente do Metaline e a NB-Mend restauraram seus ossos. Mais fortes do que uma estrutura óssea normal. Maia reclamava do gosto de metal. Um efeito colateral comum. O andamento das pesquisas na UNITED eram-me desconhecidas, no entanto, Maia apresentava um resultado impressionante.

Isso me lembrou…

"Maia, sei que disse que já tinha retribuído o suficiente."

Ela se erguia, alta, forte, com cicatrizes por todo o corpo.

Como as conseguiu? Tratei de afastar esses pensamentos.

Maia iria embora naquela noite. Talvez seria a última vez que a visse. Perguntei-me por que fazia daquilo uma grande questão. Ela era uma pessoa e pessoas existiam aos bilhões.

Mas… é como se ela cantasse uma música, em uma frequência, que ressoava com minha alma, como nenhuma outra.

"Sim. O que é?"

"Pode nos ajudar? Quero dizer, existe essa nanopesquisa. Estuda o fator sanguíneo Rh nulo. Se nos der amostras do seu sangue, poderá ajudar muita gente," eu disse com mais confiança do que sentia.

"Como posso mandar essas amostras?"

Tentei esconder minha surpresa. Esperava uma negativa. "Hum… posso mandar por um androide?"

"Você pode fazer isso?"

"P-posso. Como?"

Ela deu de ombros. "Me manda mensagem. Nos encontramos na Centrália."

"C-certo."

"É isso?" Maia chegou mais perto. Lançou-me um olhar penetrante. Quase desestabilizador.

Toda sua vulnerabilidade desapareceu. Aquela pessoa à minha frente. Aura aterradora. Poderia quebrar as defesas de qualquer um. E estava destruindo todas as minhas.

"É-é isso." Droga. Engoli em seco. "Vou te entregar uma caixa com Metaline." Tentei andar.

Maia bloqueou o caminho.

Segurei a respiração. Meu coração batia forte.

"Obrigada. De novo. Por tudo." Ela sussurrou em tom terno.

Lutei para pensar direito. Seus olhos de mel me entorpeceram.

Talvez o que ela realmente queria dizer permaneça velado, pois guardou para si. Saiu da frente.

Demorei a reagir. Incapaz de assimilar aquelas sensações. Sentia-me perdida. Maia me deixava perdida.

"Quer que chame um táxi?" Entreguei a caixa e levei-a até a porta.

"Não." Ela parou na entrada. "Então…"

Olhei para baixo. "Por favor, chega de agradecimentos."

"Sim. O juramento. Entendi. Nos vemos quando buscar meu sangue?" Sorriu espontaneamente.

Assenti, insegura de como responder. Aquela situação toda se tornou tão estranha.

"Certo. Até mais." Maia acenou.

"Até."

Para ser totalmente sincera, meu sentir ao vê-la se afastar era pedir que ficasse. Em vez disso, minha Donzela guardou o desejo.

Ficaria feliz em vê-la de novo.

Tantas névoas.

Suas palavras ecoavam na minha cabeça. Afetavam profundamente meu coração.

Queria esquecê-las.

ESPERANÇA

TOC TOC

Despertei com as batidas de Kiara na porta. Subitamente, um pensamento atravessou minha mente. Tinha deixado passar. Agora, só pensava nisso. Se havia essa pequena possibilidade…

"Posso ajudar a Alícia!"

"Como assim?" Kiara se aproximou.

"Coteci a CogniSynth. Um nanoprotótipo que se liga ao hipocampo. Se ela reagir, há chance de cura. Regressão total do Alzheimer."

Liana entrou no quarto animada. "É verdade? Como?"

Chamei Takashi. "Analise o histórico médico de Alícia. Compare com os resultados atuais do Projeto Jaburu. Calcule o potencial de compatibilidade com o procedimento."

A análise levou apenas alguns segundos. Takashi anunciou: "A compatibilidade é de 87%."

Sorri largamente.

Dois fatores regiam sua eficácia: tipo sanguíneo e memória natural. No estágio final, a CogniSynth garantia segurança aos 80% compatíveis. Abaixo disso, tornava-se incerto.

E se falhar? E se eu estiver errada? Não. Eu sei que vai funcionar. Confio no potencial da CogniSynth.

"Takashi e Liana, preparem a Alícia." Entreguei o nanochip ao

androide. Encontrei o olhar esperançoso de Liana. "Leva um dia para a preparação. Dois a três para a primeira sondagem," expliquei.

Kiara cruzou os braços. "Certo. Você é a médica aqui. Por isso, vou confiar, mas acessei o nanosistema de Takashi. A pesquisa estava nos estágios finais. Sei que é insegura. Se der errado, o que acontece com Alícia?"

"Ela ficará bem. A CogniSynth estimulará o nascimento de novos neurônios. O Alzheimer causa a morte deles no hipocampo. No estágio atual, a doença comprometeu os neurônios há tempos."

Kiara continuou ereta. Escrutinava minha alma.

Sustentei seu olhar.

Ela acenou com a mão, dispensando o assunto. "Tudo bem, se você diz. Se der ruim, você mesma se explica pra Alícia depois. Qualquer coisa tô aqui."

HORIZONTE

Kiara se aproximou ao anoitecer. "Ei, você e Alícia são as únicas humanas aqui. Cê deve tá com fome. Alícia come o que Liana prepara. Takashi e Liana tão terminando seja lá o que for isso. Podemos ir a algum lugar."

Concordei e a acompanhei.

Kiara me guiou por Santos, a cidade portuária.

Conhecida pelo comércio marítimo. Cheiro de peixe, água e metal. Barracas e casas sufocavam ruas imundas e estreitas. Mecâlojas e robôlojas ofertavam próteses de segunda mão. Algumas, já ultrapassadas, ainda encontravam donos. Faíscas saltavam das juntas enferrujadas—centelhas de um tempo gasto. A cidade acendia com uma alegria caótica. Sentia-me estranha por querer fazer parte daquilo.

Sorri. A vida era muito mais do que eu conhecia.

"O quê? Viu algo de que gostou? Só falar." Kiara me observava.

Passamos por várias barracas repletas de comida. Parei em frente a um lugar sujo. Vendia espetos de peixe e batata frita.

"Hum, pode ser isso. Parece…" Olhei com mais atenção. "Apetitoso."

O proprietário, um homem grande, usava roupas apertadas. Tinha braços robóticos enferrujados que rangiam. Soltavam

fuligem conforme ele andava. Parecia simpático, porém, sua barba grande e desgrenhada roçava na comida.

"Boa noite, camaradas. O que vão pedir?"

Para evitar uma desfeita, engoli meu orgulho, mesmo constrangida. "Vou querer um desses espetos de legumes."

Virei-me para Kiara, aguardando seu pedido. Ela me encarou, e o homem correu os olhos por nós. Foi aí que lembrei—ela era uma androide.

"Falei sem pensar." Sorri sem jeito.

"Tudo bem. Maia sempre fazia isso." Ela sorriu.

Uma breve inquietação surgiu no coração. O nome de Maia flutuou no ar, como uma nota dissonante. Ela sempre fazia isso? O que mais ela fazia? Kiara falava dela com tanta naturalidade…

Disfarcei, observando os transeuntes.

Alguns minutos depois, o cozinheiro entregou meu pedido.

"Se quiser, podemos comer olhando para o mar. Ali." Kiara apontou para diversos cargueiros. "É uma vista bonita."

"Claro. Vamos lá."

Atravessamos a multidão. Um elevador nos levou ao topo do cargueiro.

Mexi-me inquieta, a empolgação fervilhante por dentro. O chuvisco caía, imperceptível.

Lá de cima, a cidade acendia em miniatura. Todos pareciam formigas. As luzes dos mercados vibravam como constelações artificiais. O piso irregular salpicado de poças. Carrinhos de carga empurrados pelos comerciantes.

Uma mistura de fascínio e reverência me atravessava. O mundo era tão vasto, e eu, um nó sentindo entre o céu e o mar.

Kiara segurou meus ombros. "Fique atenta. Estamos longe da Zênite." Seus olhos atentos varriam os arredores.

Um grupo de jovens se apoiava no corrimão enferrujado. Inspecionava cada um que passava. Dispostos a furtar alguns desavisados.

Encolhi-me no abraço aquecido dela. Alcançamos a ponta do cargueiro.

A vista me deslumbrou. Quase deixei cair o espeto.

Aerolâmpadas gigantes cortavam o cais. Lançavam luz de dia sobre a noite. Céu e mar se fundiam no horizonte. A água marrom brilhava, ondulando suavemente.

Fechei os olhos ao som das águas. Inalei o cheiro salgado misturado com químicos marítimos.

"Coma antes que esfrie." Kiara olhava os arredores, calculando riscos invisíveis para mim. A cada segundo, parecia mapear possíveis ameaças; uma tensão natural, como se estivesse programada para antecipar o pior.

"É incrível," murmurei. O legume era saboroso. Talvez a ferrugem fosse o tempero da casa.

"Sim. Se puder terminar logo." A tensão na voz de Kiara soava como um alerta. "Tô incomodada com a movimentação aqui. É melhor voltarmos."

CAÇADA

S-2879 • L8 Libeluna • D27 Silenri

"Libeluna solta o fio que pesa. Silenri acende silêncio de retorno. A maré recolhe brilho em gesto leve. A história tece passagem em luz baixa."

A primeira sondagem das memórias de Alícia avançava bem: 43%. Takashi recebia os dados e os repassava para Liana. A estabilidade dos números me deixou otimista. O corpo seguia adiante, mas a luz no útero preferia silêncio. Sentei-me no sofá, ansiosa pelos resultados. Até que…

"Temos que ir. Agora." Kiara entrou na sala como um trovão.

"Perdão?"

"Eu…" Ela foi de um lado para o outro. "Isso é uma loucura, mas… por que tem um contrato no seu nome?!"

Franzi a testa. "Contrato? Do que está falando?"

"Merda!" Kiara bateu na parede. "Um contrato. Alguém fez a porra de um contrato no seu nome. Sua recompensa é massiva. Tão oferecendo treze milhões de bireais por você."

O chão sumiu. "E-eu… t-treze?" Meu estômago revirou. Minha respiração falhou. Valor de quase vinte ciclos de trabalho em um Projeto Nível A da Zênite! "O-o quê?!"

"Sabe o que isso significa?" Ela aproximou o rosto do meu.

Os olhos faiscavam de raiva. "Mercenários tão vindo atrás de você."

"M-mas…"

"Temos que sair desse lugar agora. Alguém deve ter te visto ontem. Enviado sua localização. Três mercenários Classe 7 tão vindo te pegar."

"E-Eu… O QUE ESTÁ ACONTECENDO?!" Tentei conter a tremedeira que tomou meu corpo da cabeça aos pés. Eu mal me mantinha em pé.

"Te querem viva." Kiara mantinha a firmeza no olhar. Pouco se importava com meu pânico. Colocou a mão nos quadris, demonstrando pragmatismo. "Takashi, te enviei o contrato de Akiko. E o código para localizar os mercenários. Pode localizar todos, exceto os de classificação Aurum."

Um turbilhão de pensamentos me atingiu de uma vez. Caçada? Contrato? O que tudo isso significava?

"Quanto a você, fica difícil te proteger com esse contrato ativo. Fica tranquila sobre ela." Apontou para Alícia. "Vai ficar com Takashi e Liana."

Ela colocou as mãos no meu ombro. Voltou a ser uma Kiara ponderada. "Quero continuar o que Maia pediu. Sei que também quer. Existe uma forma de enfrentarmos isso."

"C-como?" Tentei acompanhar tudo o que acontecia. Fosse o que fosse, mais perguntas precisariam ser adiadas.

"Temos que ir para as Terras de Ninguém." Kiara me encarou. "Você precisa confiar em mim."

O significado me escapava, mas a confiança nela era a única certeza que restava. Assim como em Maia.

Meus pensamentos berravam: Negue. Resista. Recue.

Já meu coração… ah, meu coração ardia. Ansiava por continuar.

Apenas assenti, porque às vezes, a chama fala mais alto que o medo.

PREPARAÇÕES

"Vocês têm que ir embora. Vou instalar uma nanocriptografia. Seu nanosistema se tornará irrastreável. Vão para esse endereço rápido. Os mercenários tão perto," Kiara disse para Takashi.

Minha cabeça atordoada. Mãos trêmulas. Pernas inquietas. Andava. Parava. Andava de novo. Roía as unhas como se quisesse cavar alívio com os dentes.

Kiara me analisou. Manteve-se alheia ao meu desespero. "Sua aparência precisa de uma mudança. Tenho um uniforme. Talvez fique um pouquinho grande… vou trazer pra você."

Minha garganta secou. As palmas umedeceram. Uma cacofonia de sentimentos se entrelaçavam em nós. Tudo perdeu o sentido. Por que mercenários me caçavam? Tudo daquilo era inassimilável.

Olhei para Takashi. Ele se mantinha imóvel, encostado à parede. Meu coração palpitou forte. Pensei se lhe devia alguma explicação. Para ser honesta, nem sabia o que dizer. Como ele era meu androide, obedeceria sem questionar. Já Kiara exalava uma liberdade inquietante. Pensava e decidia por si. Despertou um desconforto em mim. Takashi deveria ter a mesma liberdade?

"Takashi."

Ele me olhou impassivelmente. Seu agir tão sereno em

contraste com minha angústia.

"Obrigada. Agora vamos nos separar por um tempo. Por favor, cuide de Alícia. Vamos nos encontrar em breve." Forcei um sorriso amigável. Deve ter parecido aflito.

"Certamente."

Nem seu tom calmo conseguiu penetrar minha ansiedade, como sempre fizera. Foi a exasperação mais intensa que já senti.

Kiara retornou. Trouxe uma muda de roupas e botas de combate pretas. "Espero que sirvam."

Vesti a farda militar preta do exército brasileiro. Há muito tempo inexistente. A bandeira do Brasil riscada com um X vermelho. Ficou um pouco folgada nas mangas. A bota serviu. Olhei no espelho. Fiquei um tanto desorientada.

"Estou pronta." Acho que era isso que eu deveria dizer… Não. Foram só palavras vazias. Eu mal sentia, mal digeria, nem vibrava prontidão.

Kiara me olhou da cabeça aos pés. Seu olhar analítico mandava palpitações para meu coração. "Quase. Para onde vamos, essa sua beleza seria… incomum. Podem reconhecer alguém da Zênite. Você é a cara da Zênite."

Lembrei que Maia havia dito as mesmas palavras.

"O que sugere?" Perguntei apenas por perguntar. Sentia que minha opinião dificilmente seria considerada.

Ela sorriu largamente. Parecia se divertir com aquilo. "Cortar e bagunçar seu cabelo talvez ajude."

Olhei para meu reflexo. Minha pele clara. Agora vermelha com o calor que me dominava. Meus cabelos pretos. Lisos. Compridos. Bagunçados pelas minhas mãos desesperadas na cabeça. Meus olhos pretos refletiam a agonia da minha alma. E minha alma refletia na sua mais pura profundidade. Nenhuma dessas emoções eram mais fortes que minha ânsia por Maia.

A saliva custou a descer pela garganta. Vi pouco das Terras de Ninguém. Talvez fosse mesmo suicídio ir para lá com o meu aspecto atual.

Suspirei fundo. "Tudo bem. Faça."

Com agilidade, Kiara cortou meu cabelo. Fios e mais fios caíram da minha cabeça. A cada fio que caía, eu me desfazia junto. Repicou até a altura dos ombros.

Descoloriu minhas madeixas escuras em minutos com Platinova. O cheiro da química inundou minhas narinas. Minha primeira vez loira. Era só o cabelo. Ainda assim, eu não era eu. Mas também desconhecia quem era.

"Tá melhor, mas falta o essencial. A marca registrada dos mercenários." Kiara me estendeu uma máscara de gás preta. "Existem duas razões para usá-la: Primeiro, as máscaras carregam um nanomalware. Corrompem as nanites da Rede Aether. Mercenários ainda poderiam te reconhecer, mas criei um nanofirewall. Fica tranquila."

Ao tocá-la, uma estranha conexão vibrou. "Como esse mecanismo impede que me identifiquem? Afinal, há um contrato no meu nome."

"Fica serena. Pode confiar. Ao te analisarem, a base de dados vai te mostrar como uma desconhecida. O que é muito comum." A naturalidade na voz dela fez minha cabeça doer. "O segundo motivo é o ar. Nas Terras de Ninguém, a atmosfera corrói tudo. Essa máscara resiste. Filtra o oxigênio. Permanece intacta. Uma nanobarreira a envolve, protegendo tua cabeça. O uniforme, também revestido, resguarda teu corpo."

Ela me olhou com expectativa, como se eu fosse absorver aquilo na velocidade da luz. Impossível. Mesmo assim, tentei me acalmar.

"Entendi." Tentei disfarçar o nervosismo. Minha cabeça

fervilhava. Tensão. Queria me deitar, dormir e acordar desse pesadelo.

"Mercenários nativos usam poucos equipamentos de proteção. Eles têm uma alta resistência ao clima." Kiara fez uma pausa. "Mais uma coisa. Vou hackear seu biochip pra te desconectar da Rede Aether."

Franzi a testa. "Perdão?"

"Precisamos nos livrar do software deles."

"Não. Impossível fazer isso."

"Tô te avisando. É pra garantir sua proteção."

"Por quê?" Recuei. Aquilo já era demais.

"É óbvio, né?" Kiara revirou os olhos. "Esse software tem todos os códigos oficiais. É o seu maior rastreador. Como acha que sabem exatamente onde te caçar?"

"M-minha vida inteira está nos acessos da Rede Aether. E minha conexão com Takashi?"

"Androides e humanos têm nanocriptografia única de rastreamento. Sua conexão com Takashi ficará bem."

Era verdade. Mas cortar os acessos da Rede Aether custava 99% da funcionalidade do biochip. Impensável. Ainda mais na minha posição profissional. Porém, do que adiantava minha posição profissional, se eu já era uma presa?

Respirei fundo. Talvez, depois de tudo isso, eu poderia reinstalar. Eu cedi. Era isso ou os mercenários nos achariam a qualquer momento.

"Certo."

A biotela surgiu sem minha permissão. Diversos aplicativos sumiram. Os pixels corriam frenéticos. Tentei acompanhar. Impressionante!

"Pronto. As Terras de Ninguém ficam a uma hora daqui. Dou detalhes no caminho."

Andamos até o carro. A tempestade rugia. A cidade inteira submersa em neblina. Apenas alguns metros de visibilidade.

Funguei. O vento cortante trazia areia, salpicando meu rosto.

"Ver o mar na costa…" Kiara dirigia. "Vamos deixar pra outro dia."

Tentei sorrir, exceto que a insegurança traía meu corpo nas tremedeiras. Ainda assim, conforme avançávamos, uma excitação surda se expandia dentro de mim. Misturada ao medo. Maior do que mercenários que me caçavam. Maior do que a ameaça de morte provável. Era outro tipo de medo. Um que eu tentava nomear, mas que só compreenderia ao estar diante dele.

Apertei os olhos contra a névoa. Tentava enxergar além do véu que cobria a cidade. Minha passagem ali fora breve, porém deixara marcas. O lugar onde Maia viveu sua infância.

Fechei os olhos. As palavras de Kiara ressoavam dentro de mim. Flashes das memórias de Maia irromperam em minha mente.

Pousei a cabeça na janela.

Deixei que as lembranças me levassem.

SINTONIA

S-2878 • L2 Ritluna • D09 Tecesi

"Ritluna ritma o céu em fio contínuo. Tecesi acende gesto e direção. Gaia tece maré em compasso vivo. A história segue firme, em brilho pleno."

Maia deixou o apartamento naquela noite.

Sentei-me no sofá e encarei o chão. Os pensamentos embaralhados. Meu foco se dispersava. Todas as novas emoções me sobrecarregavam. Incapaz de lidar com isso, empurrei os sentimentos para uma gaveta.

Segui meus dias. Voltei ao hospital.

Pisei no prédio. Vital me aguardava na recepção. O enfermeiro-chefe do banco de sangue. "Bom dia. Como vai? Dr. Daren gostaria de vê-la. Podemos ir até ele?"

A ansiedade transbordava no homem. Ignorou totalmente o meu pedido para esperar. Inacreditável.

Devagar, arrastei a minha enorme carranca até a sua presença. Ainda eram oito da manhã. Eu mostraria meu mau humor.

Chegamos ao setor mais silencioso do hospital. Já repleto de pessoas: participantes da pesquisa, doadores e receptores.

Abri a porta do escritório de Daren. O sorriso simpático do médico me aguardava. Ele viera de Kinshasa, a Oitava Cidade.

"Bom dia. Que bom vê-la." Ele acenou, indicando a cadeira. "Desculpe incomodar, sabe…"

Ignorou minha cara de poucos amigos. Sentei-me, decidida a uma conversa breve. "Ela aceitou doar amostras de sangue, mas sem expectativas de ela vir até aqui."

Daren tinha olhos brilhantes de esperança. "Ela aceitaria se pagássemos?"

"Acredite, ela é… diferente." Sorri sobriamente. Diferente, e ainda assim, familiar. Mas quem ela realmente era… um mistério.

Ele colocou a mão no queixo, pensativo. "Certo. Vamos trabalhar com isso. Tudo bem se forem amostras periódicas? Para a pesquisa que estou conduzindo, elas seriam suficientes."

"Suponho que tudo bem." Dei de ombros.

"Onde podemos encontrá-la? Posso mandar um androide para fazer a coleta." Seu olhar denunciava a expectativa.

"Isso é desnecessário. Ela aceitará se eu fizer a coleta."

Daren apertou os lábios em contrariedade. "Será um incômodo para você?"

Meneei a cabeça.

"Tudo bem."

"Para quando precisa da primeira amostra?" A conversa se estendia além do que eu gostaria.

"Se possível, ainda nessa lunação. Pode fazer a coleta durante as selunas." Ele sorriu com certo charme. Tentava soar amigável.

"Vou verificar. Você será notificado." Levantei-me e saí.

Atrás de mim, murmúrios de seu agradecimento.

Mandei uma mensagem para Maia. Combinamos de nos ver sob a gibosa crescente.

A lunação correu tranquila. Exceto pela ansiedade e empol-

gação inquietante que tomavam conta de mim.

Especialmente por vê-la tão cedo.

Eu queria muito encontrá-la.

S-2878 • L2 Ritluna • D10 Unabe

"Ritluna sustenta o ritmo do alto. Unabe acende eixo em luz crescente. O ar canta claro na copa do mundo. A narrativa tece passo e presença."

Meu interior acendia com a ideia do nosso encontro. O humor, excelente. Até Takashi trazer a notícia: "Uma voluntária morreu. Falência completa dos neurônios do córtex cerebral."

Um nó se formou no coração. Senti o fluxo do meu sangue intensificar, escorrendo com força. Abri o seguro da pesquisa. Os voluntários recebiam um valor diário, em caso de danos severos ou até mesmo óbito. O prêmio era pago a eles, ou à pessoa designada. Um valor que, segundo Josivaldo, era um ticket para a Zênite.

"Hum, certo…" Tentei conter a tensão. "Ainda que seja sério, isso era esperado."

Takashi continuava apático.

Pigarreei. A garganta apertada. "Acione a UNITED Seguros. Contate o responsável indicado. É a primeira voluntária que perdemos. Espero que seja a última." Minha voz saiu baixa. Carregada.

Enviei o seguro certificado.

Finalmente, a hora do encontro com Maia. Peguei os equipamentos para a coleta de sangue. Rumei para a Centrália.

Esperei na calçada. Os raios solares aqueciam meu rosto. Fechei os olhos. Uma sombra se projetou. Abri. Maia estava na

minha frente. Perto. Perto demais. Dei um grito sufocado.

Ela riu. "Te assustei? Minha intenção era outra. Esperou muito?"

"Não." A ansiedade no estômago piorou.

"Certo. Vamos entrar?"

Lugar familiar. Seria aquele hotel/café da noite em que apaguei?

Todos nos olharam. E logo voltaram ao que faziam.

Seguimos para o quarto.

Maia vestia uma blusa. Apesar do clima quase estival.

"Sente frio nesse calor?" Puxei conversa.

Ela abriu a porta. "Não importa."

Tentei me manter calma diante da resposta seca.

A enorme janela iluminava o interior avermelhado. Menos enjoativo do que antes.

Maia tirou a jaqueta. Por baixo, uma camiseta preta.

Vi as cicatrizes nos braços e a nuca. Por isso, vestia a blusa?

Sentou-se no sofá. Eu, em pé à sua frente. Nos encaramos.

"Vem. Eu só mordo um pouco, viu, hein?" Maia deu batidinhas no sofá.

Disfarcei com um sorriso tímido. Sentei-me ao seu lado.

"A menos que peça mais," sussurrou. Tão perto do meu ouvido. Sua respiração no meu pescoço.

Arrepiei-me e desviei minha atenção do que ouvi, embora minhas bochechas tenham aquecido.

Peguei o coletor de sangue. Pedi seu braço.

Normalmente, os androides Rhea faziam a coleta. Localizavam o fluxo sanguíneo com precisão.

Busquei uma veia adequada. A única opção na sua mão. "Nossa. Seu fluxo sanguíneo parece bloqueado. Precisa beber mais água."

Recebi apenas silêncio, como sempre. Seus olhos ferinos acompanhavam cada movimento. Ela parecia tensa. Reconheceria aquela expressão a quilômetros. Medo de agulhas?

Higienizei a região. Pronta para iniciar.

Ela sinalizou para eu parar. "Um momento." Seus olhos seguiram a agulha.

Apesar da minha contenção, saiu uma gargalhada.

Ela fez uma careta. "Ei!"

"Você apanha, tem vários ossos quebrados e tem medo de uma simples agulha?"

"É outra coisa." Ela fechou os olhos. Soltou um longo suspiro. "Pode fazer."

Dei uma risadinha.

A agulha entrou. Ela estremeceu. Apliquei o curativo.

"Terminei." Armazenei a amostra no recipiente transparente.

Maia encarou o objeto. "Nossa, esse é meu san—" Sua pressão caiu. Ela perdeu os sentidos por instantes. Logo acordou. Olhou em volta. "O-o quê?"

Mexi a cabeça, rindo. "Inacreditável."

"É isso?" Ela voltou à frieza habitual.

Vislumbres de vulnerabilidade. Escapavam. Duravam segundos. Depois, a máscara de indiferença.

"É isso. O pesquisador quer amostras selunais. Algum problema?"

"Não. Não mesmo. Manda mensagem…" Maia se aproximou mais. Pude ver todas as sardas em seu rosto. "Vou arrumar tempo pra você."

Levantei-me abruptamente. Meu coração disparado. "Certo. Até a pró—"

"Ei, ei. Qual a pressa? Tem um andar aqui onde as janelas são grandes. Dá pra ver um pôr do sol bem bonito. Se quiser

acompanhar…" A voz quase inaudível conforme as palavras saíam. Maia me olhava. Esperava.

Suspirei. Concordei. Estava desocupada mesmo.

Chegamos ao 165º andar.

Concreto. Vastas janelas. Vazio. O cheiro de tinta pairava no ar, como se o lugar tivesse acabado de ser construído.

Aproximei-me dos vidros. Foquei na vista. Maia envolveu meus ombros com os braços. Pegou-me desprevenida.

Uma imensidão de prédios cobria o horizonte. O pôr do sol se espreitava entre os metais, que apontavam para o céu poluído. Porém, toda a minha atenção se deslocou para suas mãos. Pousadas no meu ombro direito. Um toque sutil, porém, para minha percepção aguçada, pesava.

Seu tórax se movia ritmadamente.

Detalhes. Detalhes. Quanto tempo ela pretendia ficar assim?

Era isso. Ponto. Eu estava inevitavelmente consciente de Maia.

"É-é bonito," comentei, hesitante.

Ela suspirou. Sua respiração quente acariciou minha nuca.

Oh, céus. Segurei o ar.

"A vista da sua casa é mais bonita, mas eu gosto," sussurrou no meu ouvido.

Sua voz rouca me atravessou, como um relampejar escondido entre as nuvens. As contrações cólicas intensificaram, o sangue desceu com força. Senti-me como uma presa sob o olhar atento de uma predadora. Uma que aprecia o jogo.

Maia endireitou-se.

Senti que me observava. Incapaz de sustentar seu olhar, concentrei-me no pôr do sol. Tentei me perder nos tons alaranjados. Cinzentos. Desvaneciam no horizonte.

Ficamos em silêncio. Por um longo tempo.

A noite caiu suavemente sobre a gente.

"Vamos indo?" Ela me apertou um pouco mais.

Abalou todas as minhas estruturas. Por que meu coração batia como louco?

"Vamos."

Maia permaneceu imóvel na entrada, como se aguardasse algo indefinido. Vai saber o que, porém, esperava. "Vai… vai esperar o ônibus?"

"Ah, claro." Saí do devaneio. Abri a biotela. "Certo. Chegará em dez minutos." Movi-me sutilmente sobre os calcanhares.

"Uhum."

Olhei para todos os lugares. Menos para ela. Maia iria se despedir? Essa era a hora em que ela dizia até mais, certo? Meus pensamentos borbulhavam.

A notificação de que o ônibus estava próximo apitou. Caminhei em direção ao ponto.

Maia segurou meu braço com sutileza. "Vai se despedir?"

Despedir? Hã? "S-sim, claro. Até mais." Falei depressa demais. Tentava esconder o embaraço.

Ela soltou meu braço. Sorriu ternamente. "Até mais."

Seu olhar nas minhas costas pesou até que eu entrasse no ônibus.

Olhei pela janela, ela já havia desaparecido.

TERRAS DE NINGUÉM

"Ei." A voz de Kiara entrou na minha cabeça. "Ei!"

Saí do devaneio. Uma névoa acinzentada nos rodeava. Poeira amarelada misturada à neblina.

"Finalmente. Coloque a máscara." Apontou para o meu rosto. "A máscara."

"Certo." Coloquei no rosto. Surpreendentemente leve.

"Olhe para mim."

Uma holografia apareceu ao lado dela. Mostrava todas as suas informações:

Nome: Kiara • Classe: Aurum—inativa • Tipo: Androide • Idade: Desconhecida

"Viu? As nanites da máscara se conectam ao sistema nervoso. Vai te afetar enquanto vestir. Presta bem atenção no que vou dizer." A voz dela se tornou mais firme. "Vamos entrar nas Terras de Ninguém. Se falarem contigo, ignora. Inseri que é uma mercenária classe 1 ativa." Ela estacionou o carro. "Deixa que eu falo, beleza?"

Engoli em seco. "Está bem." Minha voz soou estranha.

"Se der tudo certo, conseguimos infos do seu contrato." A expressão dela escureceu. Os olhos, ainda mais incisivos. "No

banco ao seu lado. Puxa. Simples. Puxa pra cima."

Coloquei a mão no vão e puxei o banco com facilidade. Arregalei os olhos. Meu sangue gelou. O que era isso? Arsenal de armas. Acessórios. Balas. Explosivos.

"Pega uma. Deve tá bem na sua frente. Tá carregada."

O que ela estava me pedindo? Meu coração latejava nas têmporas. "E-eu…"

"Fique tranquila. É só protocolo. Todo mercenário tem uma." Ela notou meu desespero. "Ei, relaxa. Tô aqui. É parte do disfarce. Coloca no coldre. No quadril." Kiara piscou.

Tocar uma arma era inimaginável para mim. Minhas mãos tremiam. Ela disse que é só disfarce. E eu confiei. Quase deixei cair o revólver. Segurei com força exagerada. Uma conexão percorreu os nervos.

Holograma: Sem alvo • Seis balas carregadas • Nenhuma engatilhada

"Todas as armas se conectam ao sistema nervoso pra aumentar a eficiência do uso." Kiara explicava com naturalidade.

Era esmagador o peso daquilo. Procurei as palavras certas. Mar de confusão. "E-eu… essas coisas… quero salvar vidas. Armas só servem para tirar."

"Eu sei, eu sei. É só aparência."

Minha confiança se reduziu a zero. Soprei o ar pelos lábios rígidos. Era só por enquanto. Coloquei no coldre. Tentei esquecer que aquela arma estava ali.

A névoa branca desapareceu. Ventos recheados de pó amarelado cortavam o ar. Uma mistura insana de químicos, agentes nocivos, pilhas de lixo e ossos.

A bile subiu até a garganta. Uma pilha de corpos. Alguns

deles pareciam mortos recentemente. Fechei os olhos. Ardia com a vontade de vomitar.

"Não faça isso."

Meus olhos chorosos encontraram os de Kiara. Eu estava prestes a desabar. Contive o quanto pude.

"Aguenta firme, hein? Aguenta. Certo?" Ela deu um sorriso tranquilizador.

Não. Era insustentável. Como alguém suportaria aquilo? Era demais.

"Ei, relaxa. Vai ficar tudo bem."

Pensei em Maia. Forcei o choro goela abaixo. Ela esteve lá muito antes, ainda criança. Tinha que aguentar. Limpei os olhos lacrimejados.

"Melhor?" Sua voz, mais serena.

"S-sim. Tudo bem."

"Certo. Tá pronta?"

"Sim." Tentei parecer confiante, mas provavelmente soei desesperada.

Kiara saiu do carro. Acompanhei-a.

"Fica perto," ela sussurrou.

Demorei para me acostumar com a visão. Ventos rodopiantes e quentes. Densas nuvens amarelas. Chão terroso, cheio de tralhas. Hologramas corrompidas de adwares de armas de fogo e imagens de guerra.

Pilhas de aparelhos eletrônicos, desde épocas remotas imemoráveis, até centenas de próteses inutilizadas, erguiam-se a muitos metros do chão. Entre elas, uma sobre as outras, barracas metalizadas e contêineres. Centenas de indivíduos faziam suas moradas ali.

Conforme avançávamos, todos evitavam nos olhar. Ou melhor, evitavam olhar para Kiara. Ela carregava uma me-

tralhadora enorme nas costas. Quando havia colocado aquilo? Eu estava distraída demais para pensar.

Chegamos ao centro comercial.

Barracas amontoadas. Gritos fervorosos dos comerciantes, que vendiam robôdispositivos. Os mercenários suados, armados até os dentes, acompanhados de animais ferozes, olhavam feio para quem ousava encará-los. No entanto, o mais chocante…

Crianças armadas.

Desviei o olhar, incapaz de continuar vendo aquela cena.

Não. Tinha que olhar. Maia foi uma delas.

Passamos por uma barraca metálica, montada entre pilhas de implantes e dispositivos abandonados. Um homem de pele marcada pelo sol, cabelos grisalhos amarrados em um coque apertado, segurava um pequeno módulo prateado. Seus dedos ásperos deslizaram pelo metal, como se avaliasse a textura.

"Esse aqui é relíquia, meu chapa," murmurou, virando para o comprador. "Vem de antes da dissolução da Oceania em 2861."

O comprador, um mercenário robusto de rosto angular, franziu a testa. "Dissolução? Tá de lorota? Foi quando Sydney e Singapura engoliram tudo?"

O vendedor deu de ombros. "Ih, rapaz, engoliram o que sobrou. Mas antes disso, as megacorporações picotaram a federação inteira. Os governos caíram na surdina. Acabaram sendo substituídos por contratos empresariais."

Ele ergueu o módulo prateado contra a luz. "Isso aqui? Um dos últimos biochips independentes daquela época. Antes que a Moana-Tūmanako tomasse o controle total. Agora, tudo que sai de lá tem rastreamento, controle central. E tu pode ser apagado da existência com um comando remoto."

O comprador bufou. "E por que caralhos eu ia querer um

chip velho e quebrado?"

O vendedor sorriu de canto. "Porque os velhos são livres, e por isso, permanecem."

Engoli em seco.

Paramos diante de uma larga porta de alumínio enferrujada e muros laterais de caixotes de lixo compactos. Aliviada por vestir a máscara, evitei pensar no cheiro. Que lugar horrível. Como poderia existir?

Entramos.

Um ambiente fechado. Portas se abriam de ambos os lados. Comércios vendiam itens nanotecnológicos e nanobioimplantes. A maioria, versões ultrapassadas.

Centenas lotavam bares e salas de realidade virtual. Hologramas dos cassinos piscavam em tons vibrantes. Dinheiro pixelado voava pelos ares. Gritos excitados. Brigas com máquinas. Caça-níqueis estridentes. Na entrada, uma holoplaca dizia:

RECUSAMOS TROCAS ROBÓTICAS.

SOMENTE E-MOEDAS.

INSISTA POR SUA CONTA E RISCO.

Na área de realidade virtual, jogadores conectados por tubos, bocas e partes íntimas. Pisquei, perplexa. O que raios era aquilo? O vício era tão grande que comiam e evacuavam por tubos? Um líquido marrom passou por um deles. Minha dúvida foi respondida. Virei o rosto, estática. *Eca.*

Na outra entrada, dois mercenários classe 8, metralhadoras em punho, nos analisaram.

"Quer falar com quem, colega?" A voz fina dirigia-se a Kiara.

"Cron."

"Tá no canto de sempre. Cê sabe… naquele trono."

O outro companheiro riu.

"Tá aqui pelo contrato de treze milhões, né?" Sorriso escan-

carado. Dentes faltavam.

"É a segunda Aurum inativa que apareceu hoje."

Kiara grunhiu. Soou desinteressada.

"Sabe quem foi o primeiro?"

O outro deu uma cotovelada nele.

Ele continuou rindo.

"Que seja," Kiara disse, impaciente. "Se mexe."

Os dois obedeceram no ato.

Segui-a.

Atrás de nós, um sussurro: "Acho que ele ainda tá fazendo aquilo. E você? Quer apostar? Um braço?"

As vozes ecoaram até o fim. Apenas seguimos.

Passamos por um bar. Três portas. Kiara entrou na segunda.

Atravessamos um corredor escuro. Um líquido pegajoso esverdeado escorria pelas paredes.

Alcançamos outro bar.

Uma mulher dormia com uma arma nas mãos. Um cara nos seguia com o olhar.

Um homem gigante sentava em uma privada dourada. Provavelmente, tinha dois metros. Braços fortes e tatuados. Barriga parecendo um tanque. Sua máscara exibia uma boca de tubarão desenhada. Dois tubos conectavam-se a um tanque em suas costas. Líquido avermelhado acendia dentro. Cabelos loiros até os ombros. Olhos azuis perigosos. Porém havia algo… estranhamente amigável nele.

Cron • Líder mercenário • Ciborgue • 42 ciclos

Abaixo dele, no chão, um par ajoelhado à sua frente. Um androide sem os braços e uma jovem; respingos de sangue à sua frente. Meu olhar correu até as mãos ensaguentadas de Cron.

O ódio em seus olhos.

Meu coração bombeava desespero pelas veias. Quis fechar os olhos, mas lembrei-me onde estava. Mantive a postura ereta. Que merda era aquela?

"Kiara." A voz dele trovejou. Pedrinhas no chão vibraram.

"Cron."

"A que devo essa honra?"

"Cê sabe."

"Claro, claro. O contrato. Primeiro, que tal uma ajudinha?" Ele arqueou a sobrancelha e ajeitou-se no trono grotesco. "Tô em um dilema aqui. Vê esses merdinhas? A dúvida é se atiro na cabeça dela e no maldito peito dele." Cron riu com escárnio. Sua risada grave desceu arrepios pelas minhas costas. "… ou se levo eles pra câmara. Sim, aquela câmara."

"Depende do que fizeram." Kiara deu de ombros, como se fosse uma discussão casual.

"Tsc. Roubaram minha criança. Meu neném. Meu porquinho."

Meus músculos enrijeceram. *O quê...?*

"Os putos tiraram a máscara do Maláni. Ele morreu." A voz dele oscilou num lamento baixo. Contradizia o olhar alucinado.

"O Maláni era velho. Prolongou a vida dele por tempo demais. Fizeram um favor."

Cron bateu na parede metálica. Metal ecoou por mim inteira. "E daí?! Era MEU porco! A pessoa que me deu já morreu. Ele era único!" Os olhos lunáticos arregalaram.

Contive o estremecer.

"Que porra?! Compra outro." Kiara acompanhava a loucura dele.

Que conversa insana era aquela?!

Cron parou e olhou de um lado para o outro. "É melhor que

um conselho de merda. Sugere o tiro?"

"Sim. O tiro."

Tiro? Do que...?

O homem colossal se levantou rápido demais e sacou a arma.

BANG! Atirou no peito do androide. A bala atravessando o metal ecoou.

Enfiei as unhas nas palmas. Segurei o estremecer no osso. Meu coração martelando nas têmporas. Eu sabia. O núcleo do androide havia sido destruído, que continha sua essência. Toda sua existência… reduzida a nada. Para sempre. Impossível até mesmo resgatar os dados.

Cron desceu os degraus e aproximou-se de nós. Uma nuvem sombria veio com ele.

Quis recuar, mas fiquei parada. Tinha que me manter diante daquela presença aterrorizante.

"Quem é essa?"

"Minha aprendiz."

"Aprendiz?" Cron arqueou uma sobrancelha, desconfiado. "Que tal nossa mercenariazinha aqui ter uma lição?" Ele estendeu a mão. Equilibrou a arma na ponta dos dedos. "Atire naquela merdinha ali." Cron curvou-se sobre mim. Sondou minha alma.

Prendi a respiração. Todos os músculos retesados. Lutei para encarar seu olhar impetuoso.

"Ela é minha aprendiz." Kiara interferiu.

"É? Vamos ver o quanto ela aprendeu." Os olhos dele sorriam maldosos.

"Cron!" Vociferou Kiara.

"Vamos querida. Mostre do que é capaz."

Engoli em seco. A saliva custou a descer. Um arrepio quente percorreu minha espinha devagar. Lento. Arrastado.

BANG! A explosão do tiro ensurdeceu meus ouvidos. Pisquei. Arrependi-me no mesmo instante.

Cron parou de sorrir. Olhava-me com curiosidade. Guardou a arma. "Kiara, você é uma estraga prazeres."

Sangue se espalhou pelo chão.

A bile subiu. Travou minha garganta. Ardeu. Lutei com todas as forças para conter o vômito. Meus olhos lacrimejaram. Quis chorar. Quis ceder ao chão. Porém estanquei. Acorrentei as emoções. Cada parte doeu com a vontade de gritar. De sair correndo dali. Mas cravei os pés firmes no chão.

"Que seja. Problema resolvido."

"É. O contrato de treze milhões, né?"

"Sim. Os termos?"

"Já pagaram metade do valor. Querem o alvo vivo. O encontro será nas Ruínas de Ferro." Ele tirou uma sujeira das unhas. Apenas um negócio como qualquer outro. "Mais do mesmo. É um alvo fácil. Os Aurums serão acionados se for alterado para ultra difícil. Terá que esperar se quer pegar esse contrato."

Fácil.

Eu era um alvo fácil? Fiquei consternada. O que isso significava? Que poderiam me pegar a qualquer momento?

"Para rescindir?" A pergunta de Kiara cortou o ar. Mudou o clima.

Cron levantou a cabeça e contraiu as linhas da testa. "Rescindir?"

Acompanhei seu olhar com discrição. A mulher, outrora adormecida, abriu um olho atenta. O homem também mirava em nossa direção.

"Fale com a Matriarca ou o Patriarca."

Kiara cerrou os dentes. "Merda. Falar com eles?"

Abaixei os olhos. Como conseguiam agir como se nada tivesse acontecido? Como se tirar uma vida fosse tão banal quanto respirar? Minhas palmas doíam de tanto apertá-las. Mordi meu lábio com força, incapaz de processar o que acabara de acontecer.

O mercenário estalou a língua. Em um gesto inesperado, pegou-nos pelo ombro. Nossos pés se moverem sem querer.

"Certo, certo. Vou acompanhá-las até a saída." Sua mão ensanguentada era pesada. Quente. Feridas semiabertas marcavam a pele fuliginosa. A crosta exibia uma estranha firmeza, como se metal revestisse o interior.

Passamos pelos dois mercenários.

Um deles perguntou: "Ei, Cron. Tinha terminado quando Kiara apareceu?"

"Ah, não. Ela terminou pra mim."

Atrás de nós, os dois conversaram:

"Você me deve um braço."

"Pra quê cê quer um braço, porra? Já tem dois, animal."

"Porque quero ser igual o John Cinco Braços."

"O John Cinco Braços é uma lenda. Já você é um bosta."

Suas vozes ficaram para trás.

Cron desacelerou o passo.

Chegamos ao centro comercial.

"Seu carro. Onde tá?" sussurrou.

Kiara apontou.

Andamos até lá.

Cron nos soltou e cruzou os braços. "Olha, sabe o respeito que tenho por você. E por Maia," frisou. Pela primeira vez, soava mais do que um mercenário debochado. Havia um peso diferente ali. "Retornei o favor que devo a ela."

Um silêncio pairou. Por um instante, parecia mais do que

o Cron colossal, o líder mercenário. Algo nos olhos dele mudou. "Ofereci tudo o que devia pra ela." A voz saiu um pouco mais baixa. "Mesmo na morte, ela aparece nos meus sonhos." Apertou os dedos. Um gesto atípico para sua postura intimidante. "Finalmente vou dormir em paz."

Ou tentou convencer a si mesmo disso?

"Era o único favor que devia pra alguém." Ele apontou o dedo para mim. "Eu sei. Ela é o alvo do contrato."

"Cron…"

"Eu sei. Você sabe. Ela é mercenária coisa nenhuma. Sei reconhecer alguém da Zênite. Se saiu bem. Ela tá razoável. Dá pra enganar esses otários." Gesticulou. "Por que quer protegê-la? Sorte que veio até mim. Se falasse com Trix ou Denden, as coisas seriam bem diferentes. Agora siga seu caminho. Vou fingir que te desconheço. É tudo o que posso fazer."

Kiara parecia mais relaxada. "Sabe que pra devolver o favor de Maia, vai precisar mais do que isso."

Ele fechou os olhos e juntou as mãos em prece. "Maia, onde estiver, deixe meus sonhos em paz." Suspirou. "Mais uma coisa. Aquele cara… aquele que veio aqui. Cuidado." Cron nos deu as costas.

O peso nos pulmões aumentava. A respiração presa. O coração apertado. Eu fiquei acelerada.

Cron desapareceu. Levou com ele aquela pressão imensa que pesava em mim.

Desabei a chorar.

Kiara arregalou os olhos.

Só consegui chorar. Lágrimas escorriam como cachoeira. Chorei pela pilha de corpos. Pelas famílias. Pelas crianças à mercê deles. Pelo androide. Pela garota. Nada fiz. Poderia algo ter feito? Droga. Uma garota. Em pensar no que Maia

passou… meu coração se partiu mais uma vez.

Um calor me embalou. Kiara me abraçou e entoou baixinho: "Shh, shh. Tá tudo bem. Tô aqui."

Devolvi o abraço e afundei a cabeça no ombro dela. Mesmo envolta em um cenário desolador, sentia confiança nela.

Acariciou meus cabelos. "Tá tudo bem agora."

"Quero vomitar," falei entre soluços.

"Vamos sair daqui."

No carro, Kiara me entregou um saco.

Tirei a máscara. Vomitei e chorei. Chorei e vomitei. Uma impotência cruel cravou-se no âmago. Deitei no banco. Posição fetal. Molhei-o com lágrimas. Encarei o vazio.

Kiara dirigia.

Depois de muito tempo, me acalmei. Notei meu estômago vazio.

"Aguenta mais um pouco. Tamo chegando."

Esfreguei os olhos inchados, incerta se suportaria continuar. Como Maia conseguiu? "C-chegando aonde?"

Kiara olhou pelo retrovisor. "Netheria."

O nome soou estranho. Pesado. Escondia algo que eu ainda estava despreparada para saber.

FERIDA OCULTA

S-2878 • L3 Sintoluna • D00 Silensi

"Sintoluna acende ressonância no alto. Silensi firma o início em quietude viva. Maré vira mapa de brilho recém-nascido. A história entra em tom de cristal."

Quase uma lunação inteira de encontros. Maia ocupava tanto meus pensamentos. Sorria como uma Feiticeira tola. Cobri o rosto com as mãos, envergonhada demais para me encarar no espelho.

TOC TOC

Batidas na porta.

Voltei à realidade. Rápido. Chequei meu reflexo. Precisava sustentar a calma na superfície da pele. "Entre."

Ele entrou. Passos firmes. Exalava imponência. Cabelos pretos penteados impecáveis para trás. A barba, meticulosamente aparada. Fios grisalhos acentuavam sua presença autoritária. O terno preto bem alinhado. No mindinho, um anel. Um símbolo dolorosamente familiar. Seu olhar severo e amargo pousou sobre mim.

Uma onda de tensão percorreu meu corpo. "Doutor…"

"Chega de formalidades." Ele acenou, displicente. "Basta me chamar de senhor Akiyama."

"Sr. Akiyama."

"Muito bem."

"Serei direto. Aquela mulher…" Meu pai fingiu tossir. "… impediu minha pesquisa. Preciso que peticione em seu nome."

"Que pesquisa?"

Revirou os olhos e enviou-me o documento.

Abri o arquivo. Aplicação forçada. Risco de falência neural. Cada linha lida torcia meu estômago em um nó.

"Me recuso a fazer isso." Minha voz saiu firme. Maxilar tensionado.

Seus olhos brilharam ferocidade, como uma fera acuada. "Estou mandando."

"Me recuso. Eu—"

Senti o calor da sua palma estalar contra minha bochecha. Veloz. Cruel.

Cerrei os punhos. Meu sangue fervia de indignação. Respirei fundo. Segurei as lágrimas ardendo nos olhos. "S-saia! Saia imediatamente. Ou vou chamar os seguranças."

Riki se levantou lentamente. Arrogante. Um último olhar sinistro. "Você e sua mãe são duas inúteis." Cuspiu no chão antes de sair. Deixou para trás um rastro de desprezo.

Minhas mãos tremiam. Batidas descompassadas do meu coração. Esfreguei a bochecha. Senti algo quente. Gotas de sangue na ponta dos dedos.

O reflexo no espelho revelou a marca vermelha. O contorno da mão dele. Um pequeno corte no rosto, provavelmente causado pelo anel. Porém, nada disso se comparava ao absurdo que havia lido. Com a mão hesitante, liguei para Hideaki.

"O que foi?" Sua voz soava fria. Atenta.

"Riki esteve aqui. Ele quer que eu peticione a autorização para a pesquisa negada pelo CMG."

Do outro lado da linha, silêncio. Respiração pesada, como se tentasse processar a informação. *"I-isso... esse homem é um perigo para a comunidade médica. Preciso agir."* Hideaki desligou abruptamente.

Suspirei e esfreguei a testa. A pressão na cabeça aumentava.

Tentei afastar os pensamentos sobre Riki. Sobre sua pesquisa.

Foquei no encontro com Maia no dia seguinte.

ENTRELINHAS

S-2878 • L3 Sintoluna • D01 Silenabe

"Sintoluna afina céu e pele do mundo. Silenabe derrama brilho em fio curto. O ar canta baixo, dourando a borda. A narrativa segue em sintonira clara."

Lindo dia outonal. Algumas cólicas vibraram no ventre. Olhei-me no espelho. O que mais temia aconteceu: um hematoma escuro na bochecha. Má cicatrização. Configurei o biochip. E-maquiagem para cobrir.

Segui para encontrar Maia.

Ela já me aguardava. Aproximei-me, sorrindo. Antes que eu dissesse qualquer coisa…

"Vamos." Entrou apressada no prédio.

Fui silenciada antes de responder. Ergui uma sobrancelha, confusa com seu comportamento brusco.

Maia caminhava com impaciência.

Deixou-me desconfortável. Permaneci em silêncio. Sua indiferença me inquietava. Guardei as perguntas. Sabia que ficariam vazias de respostas.

Sentei-me ao seu lado e realizei a coleta de sangue. "Terminei," informei. Esperava que ao menos olhasse para mim.

Ela se levantou. Vestiu o casaco. Continuou sem me encarar.

Meu coração apertou.

"Ótimo. Vamos." Sua voz fria. Distante.

Esperávamos pelo elevador.

Minha mente revivia cada interação recente. Tentava encontrar o motivo para aquela atitude. Fiz algo errado? Vasculhei a memória em vão. A tristeza me invadiu. Fiquei cabisbaixa. O peso da decepção.

Uma luz inundou o corredor. Senti o olhar de Maia pousar em mim. Com delicadeza, tocou meu queixo e ergueu meu rosto.

Nossos olhos se encontraram.

Seus dedos colocaram uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Um gesto tão inesperado. Reconfortante.

O elevador apitou. As portas se abriram.

Maia acenou em dispensa para a mulher lá dentro. Ela respondeu com uma reverência antes de sair.

"O que é isso?" Maia estreitou os olhos. "Tá usando e-maquiagem?"

O quê? Como? Forcei um sorriso. "S-sim. Queria fazer algo diferente."

Maia ergueu uma sobrancelha. Olhar intenso. Analítico. "Soa diferente de você." Inclinou-se mais perto. "Tá tentando esconder algo?" A voz desconfiada. Parecia com raiva.

"Claro que não. Do que voc—"

"O que é isso?" Insistiu.

"Só queria me maquiar um pouco."

Ela franziu o cenho. Examinou minha pele. "Diz. O que é isso?"

"Eu…" Como ela conseguia ver? Estava tão natural na minha pele, e era impossível enxergar através das nanites.

"Quem fez isso?"

"N-não…"

Ela estava perto demais para o meu próprio bem. Sua respiração acariciava meu rosto.

Dei um passo para trás. Tentava recuperar o ar. "É irrelevante." Afastei sua mão.

Com agilidade, Maia me puxou para perto. Embalou meu rosto com firmeza. Esfregou minha bochecha. As nanites desestabilizaram. O hematoma se revelou. "Isso é irrelevante?!" A respiração de Maia queimava minha pele. Meus batimentos dispararam. Os olhos dela, vidrados. Seu ar contido.

A verdade estava exposta.

Meu peito se apertou. "Quero ir embora." Meu rosto queimava de incerteza. Isso era algum tipo de jogo?

"Pelo menos…" Desta vez, sua voz serena. Desconcertante. "Venha ver o pôr do sol comigo."

Sim. Aquilo só poderia ser uma piada. "Por que iria? Desde que cheguei aqui, você evitou olhar para mim. Nem se incomodou em dizer oi."

Maia permaneceu imóvel. Nossos olhares se fixaram. Um duelo silencioso.

Limpei a garganta. Quebrei o momento.

Ela cobriu a boca. Escondeu um sorriso.

Estava sorrindo? Inacreditável.

"Sinto muito. É que…" Parou de falar. Nos olhos, um pedido de desculpas mudo.

"Vai falar?" insisti.

Ela esfregou a nuca. Visivelmente embaraçada."E-eu…"

Exalei, frustrada. "Que seja." Só receberia desculpas vazias. Continuaria no escuro. Engoli a agonia. Mordi o lábio. A confusão me consumia. Ela era imprevisível demais. Cada gesto, cada palavra, parecia um enigma. Meu interior ardia no

conflito entre querer entendê-la ou… afastar-me de tudo isso.

Suspirei. "Certo, vamos."

Maia sorriu radiante.

Minha raiva desmoronava diante daquele sorriso.

Chegamos ao andar de cima. Admiramos a vista em silêncio. Um silêncio confortável.

Maia parecia querer falar, mas tinha dificuldade em se expressar. Talvez estivesse preocupada. Eu sabia que poderia explicar.

"Isso é mesmo irrelevante. Foi meu pai. Ele acha que minha mãe e eu devemos obedecê-lo." Apertei as mãos em punhos. "Ele é um médico renomado de Tóquio. Entretanto, usa métodos questionáveis. Quando uma pesquisa envolve seres humanos, as cientistas devem submeter os pedidos ao CMG. Eles negaram um pedido dele. Então, ele pediu para que eu peticionasse em meu nome, mas eu recusei."

"Entendi." Maia me interrompeu, aliviando a tensão. "Desculpa por pressionar."

Ela segurou meus ombros. Seus olhos de mel irradiaram. "Se alguém tentar te machucar… me avise." Maia sorriu.

Um arrepio sombrio percorreu minha pele. "Eu…"

Ela meteu as mãos no bolso e voltou a admirar a vista. "Tem planos pra amanhã?"

"N-não."

"Que tal comermos juntas?"

Meu coração começou a bater como louco. Sair com ela? Isso era… Meu rosto aqueceu, mas com inesperada ternura. Raios, o que estava acontecendo comigo? "S-sim, claro."

"Legal. Me encontra aqui às nove."

"Devo trazer algo?"

"Você." Sorriu.

Nos despedimos sob a cortina da noite velada.

EXÍLIO

Em casa

Enterrei o rosto nas mãos. Soltei um grito abafado. Um calor tomou conta da minha barriga. Uma sensação estranha. Meu dedo roçou minha boca. O que eu estava fazendo? Por que… por que eu queria sentir? De repente, quis fazer coisas que nunca faria, como cantarolar. Por que eu queria cantarolar? Desconhecia que era possível sentir algo assim sem Pefentanil.

Balancei a cabeça, tentando ignorar o turbilhão de emoções. Eu terminava de preparar meu banho, quando um aviso oficial do CMG apitou na biotela:



Comitê Médico Global
Ofício nº 23.47-5/2341-SO
Londres, 01/03/2878
Assunto: Proscrição

A todos os membros da comunidade médica.

Por decisão colegiada, o Comitê decidiu exilar Riki Akiyama, inscrito no Conselho Regional Médico de Tóquio, sob o número 345245-TO, cassando-lhe o direito ao exercício de suas funções médicas.

A partir de hoje, sua presença nos órgãos oficiais de medicina está proibida. O envolvimento de outros membros desta distinta comunidade em ações relacionadas ao membro proscrito também resultará em exílio, conforme a legislação da Convenção Internacional de Medicina, seus artigos, bem como as Regras do Comitê Médico Global.

Sem mais a comunicar, todos os membros devem cumprir este ofício.

Respeitosamente,

Hideaki Katayama

Presidente do Comitê Médico Global

Meu rosto gelou. Reli o ofício várias vezes, como se as palavras pudessem mudar.

'O Comitê decidiu exilar Riki.' Ela fez mesmo isso. Hideaki o exilou.

Entrei na banheira. Deixei a água morna me envolver, como se pudesse apagar tudo. Como se eu pudesse sumir junto com o vapor. O calor confortava as contrações uterinas, indo e vindo.

Tentei digerir tudo. O exílio de uma comunidade profissional significava perder tudo. Ele seria barrado de entrar em locais oficiais. Proibido de acessar os andares superiores de outras sociedades. Nem sequer poderiam oferecer-lhe emprego, a menos que buscasse outra ocupação. Algo que levaria uma década.

Riki recebeu a punição mais severa.

Não.

Ele merecia. Tinha que admitir. O que ele propôs… mais do que aquela pesquisa, mas tantas outras que conduziu no passado.

Sacudi a cabeça e concentrei-me no que importava:

Meu encontro com Maia.

INTERLÚDIO

S-2878 • L3 Sintoluna • D02 Silenli

"Sintoluna afina céu e maré. Silenli acende brilho de começo vivo. O ar se torna fio de ressonância. A narrativa segue leve, luminante."

Passei a tarde lendo, acompanhada da energia da Feiticeira. Então chegou a hora. Vesti uma longa saia preta e preparei-me para ir à Centrália.

Ar alegre e colorido. Contagiava cada canto. A música misturada. Sons vibrantes da região. Melodia divertida. Transeuntes riam pelas ruas. A vida noturna ganhava força.

Maia apareceu pouco depois. O cabelo branco refletia as luzes ao redor. Tornava-a ainda mais…

"Te fiz esperar muito?" Sua voz interrompeu meus pensamentos.

"Não. Acabei de chegar."

"Vamos."

Caminhávamos. Um grupo de jovens barulhentos surgiu. Vozes altas ecoavam pela rua.

Com firmeza gentil, Maia me puxou. Envolveu meu ombro com seu braço.

Meu coração disparou. Tão consciente dela. De cada gesto. Tentei me distrair. Admirei o bairro iluminado. Exceto que…

era inescapável. Sua presença preenchia todo o espaço.

Chegamos ao bar Bar&Pub Centro. O letreiro em neon roxo piscava na entrada.

Uma holorecepcionista apareceu e nos cumprimentou: "Senhorita Relaisse, o andar solicitado está disponível. Pegue o elevador no fundo do corredor."

Relaisse? Seria o sobrenome dela?

Subimos.

O andar estava vazio. Luzes violetas iluminavam. Lançavam reflexos suaves em nossa pele. Uma vasta janela. Estendia-se das paredes até parte do chão. Revelava a vista aérea da Centrália. Holografias e LEDs flutuavam como um véu pixelado sobre as aerovias. Os veículos passavam rápido. Deixavam trilhas de luzes no ar. A cidade inteira, uma sinfonia vibrante de cores.

Aproximei-me da parte transparente do chão. Uma leve tontura me atingiu.

Maia, atenciosa, segurou meu braço. Seu toque, suave. Uma onda inesperada de segurança.

"É-é maravilhoso." Inclinei a cabeça para espiar. Vista deslumbrante.

Seus olhos fixos em mim. "Sim, maravilhoso."

Meu rosto aqueceu. Sorri timidamente.

"Vem."

Sentamo-nos.

Chão decorado com toalha branca. Uma seleção de tortinhas, cupcakes, bolinhos com creme, pratos quentes, massa, batatas fritas e peixe empanado. Vapor subia dos alimentos. Exalava aroma acolhedor de comida caseira.

Ela era tão… tão fofa. Surreal pensar que, quando nos conhecemos, cheguei a acreditar que ela poderia me matar.

"Uau. Isso é tão incrível. O cheiro está delicioso." Sorri encantada.

"Vamos comer."

Cada prato, um deleite. Provei o peixe empanado. Fechei os olhos, maravilhada com o sabor. O tempero, carregado de cuidado, como se contasse uma história. Ela teria preparado tudo aquilo?

"Os edifícios impendem de podermos ver o céu." Limpei os dedos com delicadeza. "De qualquer forma, a poluição é tudo que dá para ver."

"Sim, mas há um lugar no Brasil onde dizem que o céu noturno é visível. Cheio de estrelas…" Sua voz tinha um tom sonhador. "Deve ser incrível." Pigarreou, como se lembrasse de algo distante.

Meus olhos sorriram involuntariamente. Eu já tinha ouvido falar. Um local conhecido como *'Onde se toca o céu'*. Uma montanha com cerca de 2.995 metros de altitude. Céu e terra se fundiam de forma quase divina. Fiquei imaginando como seria vê-la sob aquele céu estrelado. Talvez suas barreiras pudessem desaparecer por completo.

"Gosta de música?" perguntou de repente.

"Hum… raramente ouço, mas gosto."

"Este momento pede uma música." Ela pegou um celular. Fones de ouvido com fio.

Ergui uma sobrancelha. Esses aparelhos tão antigos. Surpreendia-me que ainda existiam. Como ela tinha um?

"Quer ouvir comigo?" Seu tom hesitante.

Assenti, encabulada.

"É melhor chegar mais perto então."

Engoli em seco. Dei um passo tímido em sua direção. Peguei um dos fones e coloquei no ouvido.

A música começou. Batida envolvente. Cativava já nos primeiros segundos. Uma voz feminina entrou, rica e emocional. Cantava:

Ah, oh, ah, oh
Queremos mais
Ah, oh, ah, oh
Uma vida que valha a pena ser vivida ♪

A melodia preenchia o ar ao nosso redor. A vida noturna da Centrália vibrava. Luzes coloridas. Pixels acendiam. Sincronia com a música.

Fechei os olhos. Senti a fragrância amadeirada emanando de Maia. Nossos braços se tocavam levemente. Sua cabeça repousava contra a minha. Talvez… ela também estivesse de olhos fechados. Compartilhando aquele momento de intensidade.

Uma frase me veio à mente: *as melhores sensações da vida são invisíveis. Por isso, fechamos os olhos para senti-las.*

Sorri com a ideia. Deixei-me levar pela simplicidade daquele instante.

A canção terminou.

Voltei à realidade. Saí do transe. Abri os olhos. Encontrei Maia muito perto. Seu rosto próximo demais. Sardas. Cabelos brancos bagunçados. Olhos âmbar que encaravam-me de volta, como se buscassem algo em mim.

Tirei o fone. "Música bonita." Minha voz saiu acanhada, quase um sussurro.

Meu rosto ardia tanto. Abaixei a cabeça, incapaz de sustentar aquele olhar.

O silêncio se prolongou.

Minha respiração falhou. Meu coração batia contra minhas costelas, forte demais. Como se Maia pudesse ouvi-lo. A proximidade dela despertava algo. Era inominável, mas tão real quanto a cidade iluminada abaixo de nós.

Maia riu baixinho. Um som que enviou arrepios pela minha espinha.

Silêncio.

Um silêncio carregado de palavras vibrando invisíveis. Perguntas pairavam no ar. As duas medrosas demais para proferi-las.

Sua presença ao meu lado, como um campo magnético, atração irresistível.

Hora de ir embora

Maia ficou comigo até que o ônibus chegasse. Sua companhia trazia desconcerto e familiaridade ao mesmo tempo. Por que ela agia assim?

Mexi os dedos inquietos. Olhei para o chão. Tentava controlar a tempestade de emoções.

O ônibus finalmente chegou, e comecei a caminhar em sua direção.

Maia pegou meu braço com suavidade. Virou-me para encará-la.

Franzi a testa, confusa.

Ela apenas sorriu. Um sorriso gentil.

Calei-me.

Ela se inclinou. Beijou minha testa carinhosamente. Um toque quente. Suave.

Meus olhos piscaram. Um segundo a mais, e eu teria fechado os olhos.

"Té mais, Akiko." Virou-se antes da minha reação.

Minha boca se abriu. Meu corpo queria chamá-la, mas as palavras ficaram.

Maia se afastou, caminhando na direção oposta. Desapareceu na multidão. Deixou-me estática.

"O-o quê?!" sussurrei, perdida. "O que… acabou de… acontecer?" Meu corpo esquentava. Minhas bochechas… Eu queria rir. Ou gritar. Ou voltar no tempo.

Minha mente, completamente em branco. Por dentro, um redemoinho de alegria e confusão. Algo que só poderia descrever como felicidade, como se meu corpo dançasse em festa.

O toque daquele beijo ainda acendia na minha pele.

A música alta tocando nas proximidades me acordou, caso contrário, eu provavelmente teria ficado parada ali por horas. Absorvendo cada segundo daquele momento. Antes de, enfim, voltar para casa.

REFLEXOS

Uma névoa densa turvava minha visão. Esfreguei o rosto dormente. Tentei afastar a sensação desconfortável. Meu estômago se contorcia. O gosto azedo na boca tornava tudo pior. A cabeça latejava. Fome avassaladora.

"Preciso comer." Descansei as mãos no banco. Lutei contra o enjoo crescente.

"Aguenta mais um pouco." Kiara respondeu firme.

Deitei a cabeça no banco. O cansaço me venceu.

O tempo se dissolveu em espiral.

A voz abafada de Kiara me despertou. "Coloca a máscara. Akiko? Ah, esquece." Movimentos decididos e cuidadosos. Ajustou a máscara em meu rosto. Puxou-me pelo braço até eu sair do carro. "Sei que precisa comer, mas tem que me ajudar."

"T-tudo bem." Reuni todas as forças restantes e coloquei os pés no chão. Ainda cambaleante, respirei fundo. "Tudo bem. Vamos."

Kiara permaneceu ao meu lado. Caminhava em um ritmo que eu conseguia acompanhar.

Lugar escuro. Desolado. Um estacionamento. Brilho instável da única aerolâmpada solitária. As sombras dançavam.

Forcei os olhos. Foquei em uma loja de conveniência do outro lado. O vento sibilava. Metal rangia. Zumbido constante de

máquinas invisíveis.

Aquela era Netheria?

Atrás do balcão, um androide bronze-cromado inclinava-se sobre uma holotela. Suas articulações rangiam levemente. Ajustava uma placa metálica solta no pescoço.

Prateleiras ao fundo. Petiscos. Bebidas. Comida. Nanoeletro dispositivos.

Ele levantou a cabeça e piscou. Abriu um sorriso exagerado. "Minha cliente favorita!" Uma voz aguda. Estridente demais. Seus olhos brilhavam. Oscilavam entre verde e dourado. "Venha!"

"Para com isso, cara. Você diz isso pra todo mundo. Como vai, Berg?"

"Ah, sabe. Como sempre." Piscou para Kiara, como se quisesse impressioná-la. Lançou um olhar de relance para mim. "Quem é essa? Mercenária nova?"

Kiara assentiu.

"Gracinha. É sempre bom ter carne nova no mercado. Esses brutamontes que aparecem aqui são um saco." Ele gesticulava teatralmente. "Outro dia, um maluco exigiu entrada. Eu disse: 'Entrada barrada, querido. Pra entrar, tem que mostrar o passe.'"

Fez uma pausa dramática. "Ele tinha um passe? Claro que não! E o que fez?" Berg se inclinou sobre o balcão. "Apontou aquele lança-chamas nojento. O que eu fiz? Chamei o Mafu pra resolver." Sua gargalhada maníaca ecoou no ambiente.

Kiara sorriu. Relaxada. "Ah, quem é você sem o Mafu, né?" Provocou. "Muito bem. Vamos comer antes de entrar. Essa humana precisa de sustância. Então dê a ela seu melhor prato. Quanto a mim…" Ela exibiu um holopasse. "Quero o que tiver de mais novo."

"Como quiser."

Sentei-me em uma das mesas próximas. Vestígios de óleo queimado. Chão de concreto que exalava um frio palpável. Barulho ritmado das máquinas atrás do balcão. Se misturava aos meus próprios pensamentos. Eles corriam mais rápido do que eu gostaria.

Kiara juntou-se a mim e cruzou os braços. Expressão calma. Olhar profundo. "Vou esperar você terminar de comer. Tenho que explicar umas coisas." Sua voz trazia peso.

Fez-me questionar o que estava por vir. Deitei a cabeça na mesa. Ainda recuperava as forças. Tentava estabilizar os arredores, que rodopiavam. Levantei a cabeça com dificuldade. "Como vou comer usando essa máscara?" Minha voz saiu enfraquecida, um tanto curiosa e frustrada.

"No lado esquerdo. Isso tem um botão. Clica…" Ela apontou com o dedo, e segui a instrução.

A parte da frente deslizou suavemente e abriu espaço para a boca. No mesmo instante, Berg apareceu com um prato cheio. Peixe empanado dourado, batatas fritas crocantes, feijão temperado e molho fumegante. O cheiro irresistível me fez comer com vontade. Cada mordida, um alívio para meu estômago vazio.

"Deixou essa pobre criatura em cativeiro? Que crueldade," Berg comentou. Humor mordaz. Virou sua atenção para uma holotela. Projetava um catálogo de armas. Acessórios. Itens armamentistas. "Essas acabaram de chegar." Clicou no holograma, entusiasmado.

Uma arma se materializou à nossa frente. Tão realista que, por um segundo, pensei que estivesse ali fisicamente.

Kiara a pegou com naturalidade e a girou. Examinou de vários ângulos.

Berg ajeitou uma engrenagem solta no braço. "Ao contrário

da sua CA-12, essa belezinha é sul-coreana. Diretamente do ateliê. Há três delas. Sua nanotecnologia aumenta a precisão. Guia sua mão diretamente pro alvo. Eu a chamo de *Rompe-carnes*."

"A *Rompe-carnes* era aquela Shotgun Hatsan 12, certo?" Kiara arqueou a sobrancelha, desconfiada.

Berg parou de rir. "Aquela arma faz um estrago tão grande! A sala onde foi testada ficou coberta de carne. Órgãos. Sangue por todos os lados. Tô falando de um quarto…"

"… de sessenta metros quadrados. Sim, já disse." Ela revirou os olhos. "Mostra um rifle de precisão."

Ele clicou novamente. A arma na mão de Kiara desapareceu e em seu lugar surgiu outra. Completamente preta. Elegante. Letal.

A androide olhou através da mira. A arma iluminava. Holografias detalhadas. Displays destacavam sua precisão.

"Esta belezinha chama *Vou Te Devorar*. Um tiro de dois quilômetros por segundo. Alcance de três mil metros e meio. É a arma mais letal no mercado. Adivinha?" Seus olhos brilharam com a pausa dramática. "Veio diretamente da Rússia. Foi Trix quem trouxe. Essa aí sabe das coisas."

"*Fiuu...* ♪" Kiara assobiou baixo. Impressionada. "Beleza. Quero essa. Minha CA-12 ainda cumpre o serviço, só que aquela SVCAK-17Z, foi destruída na minha última missão." Seu tom tinha uma ponta de pesar.

"Ótimo." Berg sorriu travesso. "Bem que Trix disse que você ia gostar."

Ele ficou animado com a venda, mas suas palavras fizeram uma expressão de surpresa intrigante surgir em Kiara.

Berg continuou: "E a nossa queridinha aqui? Vai manter esse revólver meia-boca?"

"Sim. É suficiente," Kiara respondeu antes que eu pudesse abrir a boca.

Assenti, fingindo concordar, porém, minha atenção estava dividida entre o prato quase vazio e o desconforto daquela conversa.

"Bem, você quem sabe." Berg deu de ombros e voltou para o balcão. Passos pesados.

Kiara virou-se para mim. Observava-me atentamente. "Melhor?"

"Sim. Delicioso. Obrigada." Apertei o botão e a máscara fechou-se.

"Legal." Ela sorriu. Discreto. "Agora, a primeira coisa que você precisa saber: tudo que é proibido na Zênite, é permitido em Netheria. Só que a baderna é organizada. A Matriarca governa o lado direito: Vermina. O Patriarca governa o lado esquerdo: Solterra. Juntos, controlam Netheria."

Fez uma pausa, certificando-se de que eu acompanhava. "O Tentro é uma área neutra, onde matar é proibido." Ela inclinou-se, apoiada sobre a mesa. Olhar sério. "Verá uma galera com contratos em seus nomes, mas podemos ficar despreocupadas quanto a isso. Ninguém pode caçar ninguém lá. É território seguro."

Seguro. Eu assimilava o peso das palavras. Cada sílaba, um aviso.

"Vamos falar com a Matriarca ou o Patriarca. Descobrir como rescindir seu contrato. Queria evitar isso, mas chegamos a esse ponto. Preciso que você mantenha a postura. Muito mais do que nas Terras de Ninguém." Seus olhos cinzas buscaram os meus. Graves. Penetrantes. "Se houver a menor suspeita, se imaginarem quem você é, as coisas podem ficar feias."

Assenti, porém um nó apertava meu peito. Será que realmente

compreendi tudo?

"Imaginei que talvez tivéssemos que vir aqui. Por isso avisei Takashi que vamos levar nosso ritmo." Ela sorriu, serenizando-me. "Ele disse que todos estão a salvo lá."

O alívio me percorreu. Saber que eles estavam bem apaziguava parte da tensão que me sufocava. "Completaram a sondagem?" As palavras saíram sem pensar. Reflexo da ansiedade.

"Ei, ei. Primeiro, vamos focar na sua situação." Ela gesticulou. Paciência e firmeza. "Se tudo correr bem, vamos vê-los em breve. Agora—"

O ar ao nosso redor mudou. Frio. Congelante. Invadiu o espaço. Mais do que temperatura. Um aviso.

Um arrepio me atravessou. Cada pelo eriçado sinalizavam um perigo iminente.

Sombras se moveram. Algo caiu do telhado. Aterrissou com leveza. Caminhou em nossa direção.

Forcei os olhos. Tentei enxergar melhor.

Alto. Casaco preto longo. Capuz cobrindo o rosto. Calças escuras. Botas militares. O som ecoava no concreto. Um aroma cítrico perfumou os arredores.

"Ora, ora." Voz rouca. Hipnotizante. Riu. Uma risada sinistra. Saiu da penumbra. Tirou o capuz levemente.

Meus olhos se arregalaram.

"Kiarinha ♪ revelando nossos segredos por aí?"

"Segredos que todos sabem?" Kiara respondeu, desinteressada. Desafiadora.

Ele sorriu, relaxado. Charme brincando nos lábios. "Tem razão." Seus olhos encontraram os meus. Ferozes. Inquisitivos. Metade do cabelo, castanho escuro. Metade, branco. Ondas bagunçadas, aparadas atrás, emolduravam feições marcantes.

Já sua aura… petrificava-me. Algo em sua presença paralisava-me completamente. Mesmo sendo tão familiar, só consegui sentir medo puro. Instintivo.

Eles eram tão parecidos. Aqueles olhos âmbar… iguais aos dela.

O irmão de Maia.

"Você." Sua voz, sibilante. Intensa, como uma sentença. "Finalmente nos encontramos… não imagina o quanto esperei por este momento, Akiko."

Saymon • Mercenário Aurum inativo • 28 ciclos

Eu quis recuar, mas minhas pernas travaram. Meu corpo ignorava os sinais do meu cérebro. Eu era uma estátua sob aqueles olhos dourados.

"Você visitou as Terras de Ninguém?" Kiara cruzou os braços.

"É claro. Sabe como funciona. A Matriarca sempre quer garantir que um contrato nível 1 deve ser cumprido." Ele deu um passo mais perto. Olhar cravado em mim, apesar das palavras dirigidas a Kiara. "Vamos direto ao ponto. Maia te deixou algo? Especificamente… um relógio e uma bússola?"

Minha mente disparou. Evitei a qualquer custo mover as mãos. Os objetos guardados no bolso. Sentia que precisava manter guardados.

Kiara meneou a cabeça negativamente. Calma como sempre.

Saymon fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Suspirou. Quase teatral. "Certo." Ele abriu os olhos. Fixos em mim. Cheios de algo indecifrável. "*Akiko, Akiko... ♪*"

"Vai direto ao ponto, chapa." Kiara cortou, impaciente.

"Ei, calma." Ele ergueu as mãos. O sorriso retornou. "Quero trocar umas palavrinhas com nossa amiga. Afinal, queria muito

conhecer a pessoa que conquistou o coração da minha querida irmãzinha."

Senti as palavras travarem na garganta. "E-eu—"

Ele me interrompeu. Um simples gesto de mão. "Escute." Seu sorriso enigmático aumentou. Dentes perfeitos. Exceto que algo gélido pairava por trás daquele semblante afável, assim como em Maia. Aquela frieza no olhar. Só que nele… era muito pior. Mais brutal.

Apertei os dedos na borda da mesa. Um suor frio escorreu pela minha têmpora.

"Se nos ajudarmos, hein?" Seus olhos âmbar brilhavam. Malícia pura. "Ninguém saberá sobre ela. Em troca… você me ajuda a encontrar algo muito importante."

Kiara rolou os olhos. "O que quer?"

Saymon deslizou a mão para dentro do casaco. Tirou uma carta da *Coringa*. Os desenhos acendiam em neon magenta. Ele entregou a Kiara. "Ajuda para encontrar o que esta chave abre. Quando encontrar… virei até você."

Seus olhos perfurantes voltaram para mim. "E quanto a você… o que mais aprecio na caçada, é ver a presa sendo encurralada." Tom predatório. Os lábios curvados. Sorriso altivo. Seus olhos âmbar brilharam.

Último olhar. Ele se virou e desapareceu na escuridão. Deixou o eco de seus passos e o peso da sua presença para trás.

Engoli em seco. O coração acelerado. Processava o que acabara de acontecer. Ele era quase idêntico a ela. A presença esmagadora. Aquele olhar… eu mal conseguia respirar. Muito menos acompanhar a conversa entre eles. Um arrepio me percorreu.

Um grito agudo me trouxe de volta. Berg retornava. Trazia

a arma que Kiara escolhera. "Menina, congelei lá atrás. Que homem, hein?" Ele parecia dividido entre admiração e temerismo. "Esse Saymon dá arrepios. Ainda assim, daria tudo pra ver do que ele é capaz. Se é que me entendem. Ouvi cada coisa…"

"Nos poupe, por favor." Kiara fez uma careta de desagrado.

Hum? Ele quis dizer aquilo mesmo? Fiquei intrigada. "É novo para mim que androides possam ter desejo… em relação a humanos."

Berg soltou uma risada afiada. "Ah, querida. Então você ainda tem muito a aprender sobre nós." Tom provocativo. Misterioso.

Deixou-me tímida.

"Enfim, aqui tá sua arma. Agora, licença. Vou voltar pra minhas coisas. Sua entrada tá liberada."

"Valeu." Kiara acenou casualmente.

O androide voltou para o balcão.

Ela virou-se para mim. "Sabia que ele viria, mas esperava que mais tarde. Saymon é conhecido como *Aquele Que Tudo Vê*. Trabalha pra Matriarca e o Patriarca. E também sabe…" Kiara acenou, despreocupada. "Nah. Por agora, podemos ficar de boa sobre ele."

Era fácil dizer. A serenidade me escapava. Aqueles olhos âmbar. A frieza que escondia algo muito mais feroz… atordoava-me ver como eles se pareciam.

"O que é esta carta?" Apontei para a *Coringa*.

"É uma chave." Kiara analisava o objeto. "Conforme minhas leituras, tem um algoritmo governamental da Rede Aether. Faltam os dados do conteúdo, mas sei por onde começar a procurar. Podemos cuidar disso depois."

Ela levantou os braços como se espreguiçasse.

"Nós?" Levantei uma sobrancelha, receosa.

"Com certeza. Vou me aproveitar um pouco de você. Afinal, o lugar está na Zênite." Kiara riu levemente. Guardou a arma no carro. "Mas vamos ficar de boa por agora. Temos coisas a fazer. Pronta?"

"Na medida do possível?" Forcei um sorriso. Tentei esconder meu nervosismo.

"Ah, relaxa. Netheria é mais do que a Zênite propaga. Você vai gostar."

Seguimos para a parte de trás do estabelecimento. A atmosfera mudou. Meus músculos se tencionaram.

RRRR Ouvi um rosnado baixo.

SKRRR-GHRAAARR Tornou-se feroz. Ecoou no espaço vazio.

Única luz piscante. A escuridão engolia os arredores.

Eu quis voltar. Kiara segurou meu braço.

Um leão monstruoso emergiu das sombras. Suas pernas, nanopróteses mecânicas. Fios percorriam seu corpo. Emaranhado sinistro. Ele nos farejou de cima a baixo. Seu olhar avaliava cada movimento nosso.

Segurei a respiração, imóvel.

A criatura virou. Desapareceu novamente no breu.

"Esse é o Mafu. Só queria dar oi." Kiara continuou a andar, descontraída.

"A-ah… certo… jeitinho amigável de cumprimentar, né?" Meu coração ainda batia freneticamente.

Aerolâmpadas iluminavam o caminho a cada cem metros. Lançavam sombras oscilantes que dançavam.

Senti desconforto. Porém, a presença de Kiara era uma âncora. Trazia alguma segurança.

Os acontecimentos nas Terras de Ninguém ainda apertavam meu coração. Tantas perguntas se acumulavam. Eu sabia que

precisava esperar pelo momento certo. Elas seriam respondidas.

E ele… o irmão dela. A imagem de Saymon ainda pairava como uma sombra. Estava tudo intenso demais para lidar com essas emoções agora. Precisava continuar.

Aeroestradas de São Paulo imperavam acima de nós. Descíamos para uma entrada. Metros abaixo da rodovia principal de Centrália. Entre dois prédios com placas em neon acendente, um nanoportal emergia. Irradiava uma energia quase palpável.

Um calafrio percorreu minha espinha.

Netheria.

Era um tabu completo para zênitas. Ninguém sequer cogitava atravessar aquelas fronteiras. Porém todos sabiam. Em silêncio. Se a Zênite se mantinha intacta, era porque Netheria existia.

Lutei contra a relutância que me fazia hesitar. Levantei o queixo com determinação.

"Chegamos." Kiara sorriu. Abriu os braços como se apresentasse um espetáculo. "Boas-vindas à Netheria."

NETHERIA, SUBMUNDO PAULISTA

Nanopainéis replicavam o céu. Brilho surreal. Pigmentos fotossintéticos. Células solares e lunares iluminavam as ruas largas. Holofachadas. Territórios marcados.

À esquerda, Solterra. Azul. Verde. Prata.

À direita, Vermina. Vermelho. Rosa. Dourado.

No centro, o Tentro. No coração do lugar, nanocarros modernos enchiam as ruas e aerovias elevadas. Comércios especializados: nanoimplantes estruturais, subcutâneos e externos.

Cruzávamos transeuntes. Olhos que mudavam de cor. Holocabelos fluindo como líquidos. Partes do corpo metamórficas. Próteses cromáticas refletiam os adwares luxuosos. Holoflores multicoloridas das vitrines performáticas.

Seres civis, mercenários, comerciantes e androides andavam despreocupados. Mesmo aqueles com contratos em seus nomes. Recompensas ultrapassavam milhares de bireais.

"Impressionante," murmurei, hipnotizada.

Vitrines exibiam animais selvagens. Nanopróteses os ampliavam além do natural. Outras lojas… Arregalei os olhos. Boutique de androides strippers? Meu queixo caiu. Recuei, constrangida.

Humanos. Androides. Corpos entrelaçados. Toques elétricos.

Suspiros tecnomanos.

Eu… nada sabia sobre o mundo.

Atravessamos a avenida. Barracas de comida. Sabores de diferentes países. Aromas agridoces. Apimentados. Confundiam meus sentidos. Chegamos à pedra da antiga São Paulo. Um marco. Rodeado por comércios. Hotéis. Cacofonia de vozes. Propagandas. Música.

"Temos que ver alguém," Kiara sussurrou.

Seguimos para um estabelecimento. Fachada violeta.

Oásis Onírico.

Neblina suave. Cintilava sob as luzes neons. Interior difuso. Pufes e sofás dispersos. Acolhedor. Sonhador. Indivíduos desinibidos. Alguns nus, bebiam e drogavam-se. Sopravam vapores brilhantes. Pequenas estrelas flutuantes. O cheiro doce e enjoativo grudava na pele.

Andamos por um corredor estreito. Pinturas explícitas. Orgias vibrantes nas paredes. As imagens acendiam. Capturavam o olhar.

Kiara abriu a porta sem bater.

Sala repleta de estantes abarrotadas de itens diversos e místicos. No centro, uma mesa. Sentado atrás dela, um ciborgue.

Gill.

Cabelos loiros. Coque malfeito. Camisa aberta. Tórax exposto. Calças rosa listradas. Óculos lilases e pixelados, que piscavam padrões intermitentes.

Dedos nos lábios. Analisava-nos. Ar teátrico. "Kiara."

Sentamos confortáveis.

Kiara exibiu o holopasse. "E aí, cara? Vou precisar de um Sentinil. Ela vai conhecer a Matriarca ou o Patriarca pela primeira vez. Também preciso de informações sobre o contrato

de treze milhões."

Ele suspirou longo. "O famoso contrato. É claro. Vamos ao Sentinil primeiro. Tenho aqui exatamente o que ela precisa." Abriu uma gaveta. Frasco pequeno. Líquido esverdeado. Entregou a Kiara. "Uma gota sublingual é suficiente."

"E sobre o contrato?" Ela pressionou.

"Imagino que sua visita talvez seja para adiantar o prazo dos Aurums?" Ele arqueou a sobrancelha.

Kiara manteve a expressão firme.

"Veio para rescindi-lo?"

Ela assentiu.

"O termo estabelecido pra rescisão é simples: matar o contratante."

Matar o contratante. As palavras me acertaram. Golpe seco. O ar ficou pesado, como se todo o oxigênio tivesse sumido. Meu estômago se revolveu. Minha visão ficou turva por um instante.

Era isso rescindir um contrato? Tirar uma vida? O que isso fazia de mim? Agonia crescia no coração.

"Quem seria?" Kiara disse, despretensiosa.

Gill riu baixinho. "Acha que eles falariam? Se quiser detalhes, converse com um deles. A Matriarca tem horário nos próximos dias. Quer agendar?"

Kiara fez que sim.

Gill pegou uma caneta. Caderno grosso. Caligrafia minuciosa. "Ótimo. 17h30. Tá agendado."

"Beleza." Kiara levantou-se e guardou o frasco. "Valeu."

Gill nos fitou em silêncio.

Cruzamos a saída.

"Vamos ter que ficar aqui até lá." Kiara olhou ao redor. "Vamos dar umas voltas pra você se familiarizar. Pode ser depois. Vou reservar um quarto."

Sorri. Sentia-me um pouco mais à vontade. Eu teria que me acostumar a este lugar. Um universo alternativo.

Kiara parecia tão confortável, como se cada detalhe fizesse sentido para ela, mesmo que verificasse os arredores com atenção.

Eu queria confiar, porém quanto mais esse mundo se revelava, mais eu me sentia perdida.

Ela retribuiu o sorriso. Um raro momento de suavidade. "Reservei. Talvez queira descansar."

Assenti, entusiasmada. O cansaço me alcançava.

Alcançamos o hall.

Verdant Suites.

Moderno. Limpo. Paredes bege. Piso de porcelanato. Refletia nossas silhuetas. Plantas verdes verdadeiras pendiam do teto e vasos meticulosamente dispostos, exalavam uma sensação acolhedora. Surpreendentemente elegante. Algo que poderia pertencer à Zênite.

Uma Inteligência Viva (IV) nos atendeu. "Kiara, que bom vê-la." Voz cordial. "Seu quarto no 25º andar está pronto."

Quarto espaçoso. Sala ampla. Sofás confortáveis. Cama de casal impecável. Conector de realidade virtual embutido na parede. Banheira de hidromassagem reluzente.

"Pode tirar a máscara." Kiara instruiu.

Tirei e inalei fundo. Fragrância de plantas frescas. Baunilha. Biscoitos na copa. Revigorante, como se o ar fosse purificado de qualquer tensão.

Kiara retirou o casaco. Mais relaxada, mas ainda distante. "Fique à vontade. Vou fazer umas análises."

Seus braços revelavam tatuagens intricadas. Traços que se moviam sob a luz. Histórias de galáxias distantes. Belo.

Enigmático. Como ela.

Minhas mãos coçaram para perguntar. O que aqueles mapas estelares significavam? Parecia um momento inapropriado. Kiara parecia indisposta a compartilhar algo sobre si mesma.

Aproveitei e joguei-me na cama macia, afundando no conforto. Foi quando notei algo desagradável. Um odor azedo. Funguei minha axila. "Vou tomar banho." Ri de mim mesma.

Enquanto a banheira enchia, minha pele coçava. O cheiro de poeira, sangue, medo impregnava na roupa. Impregnava em mim.

Procurei a lavaexpress. Precisava lidar com as roupas imundas. O uniforme e os itens de Maia cobertos de poeira.

Tirei tudo com cuidado. O relógio. A bússola. O celular.

Saymon. Como ele sabia sobre eles? Por que os queria?

Porém, mais importante: Por que Maia os deixou comigo?

Cada pergunta, um nó apertado.

Depois de regar a planta da penteadeira com o resquício de sangue uterino, entrei na banheira e suspirei. A água quente me envolveu, e por um momento, pensei que pudesse lavar tudo.

"Ahh, que delícia." Fechei os olhos. Tentei relaxar, porém flashes me invadiram.

Os horrores das Terras de Ninguém. A aura predatória de Saymon. Minha preocupação com Alícia.

Isso me corroía. Eu precisava saber.

A CogniSynth já deveria estar agindo. Se ela alcançasse memórias de vinte ciclos solares atrás, poderíamos reverter metade do Alzheimer. Takashi e Liana saberiam o que fazer. Ou pelo menos, eu esperava. Kiara disse que contatá-lo era inviável. Temia rastreamento. Nossa localização revelada.

"Vai dar certo," murmurei. Tentava me convencer. "Ah, isso é tão agoniante." Molhei o rosto. "Como Kiara instalou aquela

nanocriptografia em Takashi? A possibilidade de androides com essa programação. Argh. Sei cada vez menos."

As lembranças das Terras de Ninguém voltaram. Náusea terrível. As crianças, a execução brutal, Cron e Kiara. Apenas mais um dia para eles. Para mim, destoava do normal. Era impossível aceitar como comum. Cada vida interrompida com indiferença. Era assassinato puro. Friamente executado.

Eu tentava salvar vidas. Eles tiravam como se fossem nada.

Minha cabeça latejava. Tantas emoções. Definitivamente, eu estava despreparada para a imprevisibilidade dessa jornada.

"Esse era seu universo, Maia?" sussurrei ao vazio.

Talvez fosse apenas um fragmento. Uma minúscula parte da imensidão dela.

Só que agora precisava afastar essas memórias. O momento era inoportuno. Para confrontá-las. Para falar com Kiara.

Fechei os olhos. Busquei algo bom para me apoiar.

Maia.

Inevitavelmente, senti as memórias dela.

CONVITE

S-2878 • L3 Sintoluna • D13 Tramabe

"Sintoluna afina céu e maré. Tramabe trama sinal em luz alta. A palavra encontra o tom exato. O caminho segue brilhando inteiro."

Meia lunação se passou desde nosso jantar. Minha Feiticeira recolhia os véus, mas permitia um dançar livre. Estar ao lado de Maia, tão instintivo quanto respirar.

Ela ainda evitava falar sobre si mesma, porém algo muito sutil, indefinível, mudara entre nós. Um equilíbrio novo. Tênue. Presente.

Acabara de coletar amostras do sangue dela.

"Você quer beber comigo?" As palavras saíram do puro sentir. Já foi. Meu coração pulou uma batida. Eu estava respirando? Nem sei.

Maia inclinou a cabeça. Sorriso de lado. "Quer ir a algum bar?"

"Acho que não. Depois daquela noite, me sinto desconfortável nesses lugares. Quero relaxar. Com calma. O trabalho tem sido… estressante." Esfreguei a testa, suspirando profundamente.

Ela aproximou o rosto. O olhar âmbar me percorreu no ritmo que era só dela. Tentava decifrar algo que eu mesma

desentendia. “Quer me embebedar? Tsc, esperava tudo, menos isso de você.”

Senti-me pega de surpresa. “N-não. Claro que não. Só… ah, esquece.” Virei o rosto, desajeitada.

Maia riu baixinho. “Ei, vamos sim. Também prefiro lugares calmos.” Ela esticou os braços acima da cabeça, como um gato preguiçoso se espreguiçando. “Próxima lua minguante, às dez. Pode ser?”

Maia disse sim. De imediato.

Meu estômago revirou de um jeito estranho.

Medo? Expectativa?

O oculto dançava cortinado diante de mim.

PROJETO JABURU

Em casa

Meu corpo implorava por um aconchego na escuridão. Conectei apenas uma holovela crepitando suavemente.

Recebi um lembrete de Takashi: a reunião selunaria da pesquisa com o CMG e a ARGOS *(Advanced Regulation for Global Operating Systems).*

S-2878 • L3 Sintoluna • D14 Irrali

"Sintoluna eleva o canto do mundo. Irrali irradia prata em ouro. O ar se torna guia de encontro. A história tece presença luminante."

Conectei-me virtualmente, assim como as presenças ministras das cidades dominantes.

Hologramas flutuavam e projetavam rostos em alta definição. A interface, impecável.

As ministras de Londres, da Décima Cidade, e de Sydney, a Quinta, eram as mais acolhedoras e receptivas. Já as de Tóquio, a Nona, e Dubai, a Terceira, as mais rigorosas e implacáveis.

Além deles, a presença adicional: o representante da ARGOS. No canto superior da interface, o holograma estático do Auditor-Chefe Markus Anselm, da Divisão de Regulamentação Nanotecnológica da ARGOS (DRN-ARGOS).

Postura ereta. Olhos de um azul cirúrgico. O rosto impassível como um autômato. A ARGOS apenas supervisionava as votações. Porém, suas observações podiam ser decisivas.

Hideaki iniciou a reunião. "Boas-vindas à nossa décima primeira reunião selunaria. Pesquisa no. 267-45, Projeto Jaburu, conduzido pela doutora Akiko Akiyama, em São Paulo. A CogniSynth é conectada a humanos vivos. Objetiva ver, analisar, acessar e gravar memórias." Sua voz calma. Formal.

Seu olhar percorreu cada uma de nós. "Primeiramente, Akiyama irá falar sobre o estágio da pesquisa. Em seguida, será aberto para votação. Todas de acordo?"

Um uníssono sim reverberou na sala virtual.

"Pode iniciar, Akiyama."

Respirei fundo e comecei. Expliquei os avanços. Mesmo tendo perdido uma paciente recentemente, apontei os resultados promissores. Aumento de 230% no nascimento de neurônios. Redução de 30% na taxa de morte neuronal.

Mencionei os efeitos colaterais: vômito, desidratação, perda de movimentos, dificuldades na fala e redução na concentração.

Compartilhei os documentos na rede.

Hideaki, satisfeita, acenou. "Muito bem, Akiyama. Darei atenção aos arquivos. Estou satisfeita com os resultados. Voto pela continuidade da CogniSynth. Ministras, agora passo-lhes o voto."

Os votos apareceram abaixo dos hologramas. Quando Tóquio e Dubai votaram contra, um frio percorreu minha espinha. Era previsível, mas mesmo assim, algo em mim se retesou. Elas podiam arrastar outros com elas. Precisava respirar fundo para evitar demonstrar tensão.

"Doutora Mahara Al-Amin, Ministra de Dubai, tem a palavra."

Ela inclinou a cabeça. Olhos afiados, brilhando com desdém.

"Enviarei minhas observações pela rede. Nada mais." Tela desligada.

Minhas mãos suavam. Respiração curta.

"Doutor Hidetaka Yamamoto. Tem a palavra." Calmo. Dedos batucando na mesa. Ritmo irritante. "Os resultados positivos são interessantes. Mas… como os efeitos negativos estão sendo tratados?"

Engoli em seco. "Uma equipe multidisciplinar realiza os tratamentos: fisioterapia, hidroterapia, bloqueios nervosos e estimulação nanoelétrica funcional." Minha voz firme. Resposta meticulosa.

"Medicamentos são aplicados para sintomas intensos: perda da fala, vômito, desidratação, células-tronco são usadas para regeneração, além do suporte psicológico e emocional constante. Recorreremos à nanomedicina apenas em último caso, dado a conexão contínua com as nanites."

Yamamoto assentiu. Olhar crítico. "Certo. Analisarei os documentos e enviarei minhas observações. Aguardo nossa próxima reunião."

O Agente Anselm finalmente se pronunciou. Sua voz era calculada e prática. "Doutora Akiyama, a ARGOS revisará seu relatório técnico. O Comitê de Segurança Tecnológica avaliará o impacto a longo ciclo da conexão contínua a nanites. Se necessário, protocolos adicionais de contenção serão impostos."

Contenção. Um eufemismo para restrição total.

Respirei fundo. "Claro, auditor Anselm. Estou à disposição para quaisquer esclarecimentos."

Anselm assentiu com um olhar clínico. A ARGOS observava o fluxo rolar, no entanto, se decidisse interferir, era indetível. Anselm me encarou por um segundo a mais do que o necessário. Seu olhar clínico, inabalável. Era desnecessário mais palavras

suas.

O destino da CogniSynth já poderia estar selado. Eu só ainda precisava saber como.

Hideaki pigarreou. "A votação foi de oito a dois pela continuidade. Até a próxima. Declaro esta reunião encerrada."

Uma a uma, as holoprojeções desligaram.

A tensão no peito finalmente me atingiu. Minha cabeça latejava. Soltei um longo suspiro e afundei-me na cadeira. "Ah, Takashi… que dia."

Ele colocou um bombom sobre a mesa. "Doutora, você sabe o que isso significa, sim?"

PASSOS NO ESCURO

S-2878 • L3 Sintoluna • D15 Irrasi

"Sintoluna atinge auge de brilho. Irrasi acende plenitude no céu. Gaia celebra maré em coro amplo. A narrativa firma luz em forma."

O cansaço pesava no corpo. Exaustão física. Psicológica. Emocional. Meu sentir transbordando em sangue. Mas coloquei o coletor e entrei em consenso com minha Anciã de que Maia me esperava. Talvez sua presença aliviasse o peso que eu carregava.

Desci do ônibus.

Seus olhos ferinos pousaram em mim. Aquele olhar perscrutador. Enxergavam até minha alma.

Caminhamos em silêncio pelas ruas iluminadas. O corpo lembrava como é leve andar.

Entramos em uma robôloja, Cabeça de Engrenagens.

Lasers piscavam dinâmicos. Flashes acendiam em explosões intermitentes. Adwares dançavam em padrões frenéticos. Neon azulado vibrante. Hipnotizante.

Atravessamos uma sala abarrotada de cofres robustos. Subimos uma escadaria até o bar vazio. Música alegre ao fundo. No centro, uma mesa. Dois pratos servidos com macarrão.

"Talvez você esteja com fome." A voz de Maia insinuante.

"Tenho minhas dúvidas quanto à sua resistência pra beber."

Ignorei a provocação. Inalei o aroma delicioso do prato à minha frente. "Você quem fez?"

Maia deu um sorriso enviesado. Sobrancelhas arqueadas. Sugestiva. Pegou os talheres e começou a comer.

"Ah, estava muito bom." Juntei as mãos em agradecimento e curvei levemente a cabeça. "Gochisousama," agradeci.

"Osomatsu."

Meus olhos se arregalaram. "Fala japonês?"

Ela deu de ombros, como se fosse um detalhe qualquer. "Uma coisa ou outra." Levantou-se e foi até o bar. "Vem cá."

Apoiei os braços no balcão, curiosa.

"O que vai querer?"

"Humm… faz tempo desde que tomei saquê."

Maia sorriu. Sarcasmo nos lábios. "Certo."

Ela serviu a bebida. Para minha surpresa, adicionou alguns morangos. Deslizou o copo na minha direção. "Prontinho."

Dei um gole. Sorri, satisfeita. "Ahh, delícia! Fazia tempo que algo tão bom assim tocava meus lábios. E você, o que vai beber?"

Ela ergueu uma garrafa de vodca da IcyNova. Abriu e tomou um longo gole.

Nos acomodamos em um sofá próximo ao bar.

A noite fluxou.

Maia tomava goles generosos de vodca enquanto preparava mais drinques para mim.

Morangos. Saquê. Álcool e risos.

Logo minha cabeça começou a girar. As cólicas anestesiaram.

"Voxe fica bêbada?" Minha voz saía arrastada pela embriaguez.

Ela riu. Aquele som rouco e divertido mexia comigo. "Acho

que fico?"

Havia algo de etéreo em Maia. Um brilho sutil a contornava. Ou era só minha visão turva? Só que agora, observando-a beber, percebi que a vodca era mais que um drinque. Talvez um escudo. Algo em Maia fugia de si mesma.

"Eu dixe." Mordi meu lábio, imperceptível.

Ela, claro, me leu. Achou graça.

Desviei o olhar, tentando disfarçar. "É sua segunda garrafa. Se foxe eu, já estaria caindo pelos cantos." Resmunguei, frustrada com minha própria facilidade em ceder ao álcool.

Ela tomou outro gole. Suspirou. "Bem… vodca torna certas coisas na vida mais toleráveis."

Mordi um morango, intrigada. "Hum, que coisas seriam essas?"

Maia balançou a cabeça, rindo suavemente. "Sabe, quando se é…" Ela hesitou. "É, acho que tenho que beber mais pra isso." Tomou mais um gole.

"O quê?! Fala." Fiz um beicinho. O tipo de coisa que eu só fazia bêbada. Já sabia que me arrependeria no dia seguinte.

"Nah. Tenho nada pra falar."

Levantei-me de repente, me desequilibrando. Maia se moveu rápido para me segurar. Firmei-me antes que fosse necessário. Ela recuou. Olhos ainda em mim.

Apontei o dedo para ela. Tentava manter um ar sério, mas minha postura bêbada arruinava qualquer tentativa. Minha bebida balançava na outra mão. Eu cambaleava de um lado para o outro. "Por quê?! Voxe… só se cala… quer shaber? C-cansei de querer shaber!" Cobri os ouvidos, dramática. "Não vou mais tchi ou-vir."

Ela riu alto. Uma gargalhada que ecoou pelo bar vazio e desestabilizou-me. Tropecei e caí em cima dela. Minha bebida

derramou sobre sua roupa. Ela pouco se importou.

Minhas bochechas queimaram de vergonha. Afundei-me na sua barriga, incapaz de me mover. Ou encará-la. Minha única reação foi permanecer ali. Encolhida. Minha mente rodava de constrangimento.

Ela parou de rir. Acariciou minha cabeça. "Ei."

"Nhão." Minha voz saiu abafada contra seu abdômen. "Nhão vou xair daqui."

"Olha pra mim."

Com dificuldade emburrada, ergui os olhos. "O-o quê?"

"Gosto dessa música. Quer dançar?" O sorriso brincando em seus lábios.

Grunhi. Abaixei a cabeça.

"Vou tomar isso como um sim."

Forcei-me a firmar os pés.

Maia se levantou e tirou a blusa suja. Revelou uma camiseta cinza-escuro por baixo.

"Sou péssima pra consheguiirr dançarr."

"Coloca as mãos aqui." Ela guiou meus braços até seus ombros e pousou as mãos na minha cintura.

A batida melancólica da música preenchia o espaço. A voz feminina que cantava envolvia tudo ao redor, como um sonho.

Olhei para Maia. Meu rosto queimava. Só consegui enterrá-lo em seu ombro. Meu corpo ondulou com sua risada.

Ela apoiou a cabeça na minha.

O silêncio ficou ali entre nós. Quente. Vivo.

Maia respirou fundo. Trouxe-me para mais perto. Seu cheiro amadeirado misturado com vodca.

Hesitei. Minha mão deslizou até sua nuca. Cicatrizes rugosas sob meus dedos.

Maia estremeceu. Quase imperceptível, mas eu senti.

Fechei os olhos, tentando escapar da consciência sufocante da proximidade. Sentia meu fluxo sanguíneo descendo com a mesma intensidade que o desejo contido.

A música acabou.

Nossas cabeças se afastaram ligeiramente. Ainda estávamos abraçadas. O rosto dela tão perto do meu. Meus olhos examinaram suas bochechas. Elas estavam coradas?

Não.

Deveria ser apenas a bebida. Com certeza… era só a bebida.

"Ah…" Ela estalou a língua. Mordeu os lábios de maneira provocativa. "Você… olhando pra mim… assim… desse jeitinho…"

Franzi a testa. Olhando de que jeito? Raios, o que ela queria dizer? Meu coração martelava. Afundei o rosto com as mãos. O silêncio me engoliu. Totalmente rendida.

Maia riu baixinho. "Vem, vamos sentar."

A música encheu o silêncio.

Eu só queria sumir dentro de mim mesma.

Ela bebeu mais um gole da vodca. Agora restava apenas metade. Maia ergueu a garrafa. "Tenho que terminar essa, se não…"

"Shee não u quê?" Minha voz saiu pastosa. A sala começou a girar em tons espectrais.

"Se não… vou ficar acordada." Maia andou até o bar. Imperiosa, apontou-me o dedo. "Enfim, pra você só água a partir de agora." Entregou-me uma garrafa.

"Como asshim?" Reclamei, tentando beber. Derrubei um pouco em mim. "Voxe vai conseguir dormir."

"Como tem tanta certeza… quando você vai estar tão perto?" Maia soprou no meu ouvido. Seus olhos semicerrados. Brilho enervante e predatório prenderam-me. Uma predadora prestes

a saltar.

Engasguei-me com a água, tossindo. "D-du… du que tá falandu?"

Ela se curvou em minha direção. "Acha mesmo que vai voltar pra casa sozinha? Bêbada desse jeito?"

Minha respiração travou.

"Tem uma cama que podemos dividir…" O calor de sua presença me cercou.

Meus pensamentos embaralharam. Enfiei o rosto entre os joelhos. Tentei esconder o calor subindo para minhas bochechas. *Droga.*

Maia riu. Divertia-se com meu constrangimento. Ela sabia exatamente o que estava fazendo.

Minutos depois, ergui a cabeça, sonolenta. "Acho que vou dormir aqui. Esse sofá é tão macio…" Tudo ficou nebuloso. Minha última lembrança:

Maia terminando a vodca. Olhava fixamente para o chão.

Então, um movimento sutil de ir e vir embalava meus sentidos até a inconsciência.

Meio da madrugada

Acordei. Tudo girava. Minha cabeça latejava. Uma onda de calor desconfortável tomava conta de mim. Virei o rosto.

Maia dormia ao meu lado. Seus cabelos macios caíam sobre o rosto. A respiração tranquila. Uma expressão serena. Tão distante da intensidade que exalava quando acordada.

Será que estava sonhando? Massageei a testa. Tentava aliviar a dor acendente.

"Ei, tá bem?" Maia sussurrou.

Meus ombros estremeceram com o susto. Passou-me despercebido que ela estava acordada. "N-não… mas vou ficar."

Maia virou um pouco na cama. Ficou mais próxima. "Sem sono?" Pegou minha mão. Os dedos acariciavam os meus. Delicados.

Fiz que sim, incapaz de esconder a tensão.

Maia pegou algo na mesa de cabeceira e entregou-me uma pílula. "Toma. Isso vai te ajudar a dormir. Logo, vai sonhar."

Engoli o comprimido rápido demais. Confiei nela mais do que gostaria de admitir. Pouco depois, os pensamentos tumultuantes se aquietaram. Uma sonolência aconchegante me envolveu. Eu estava prestes a apagar.

"Diferente de mim…" Sua voz cortou o silêncio. Baixa. Íntima. "Acordada, imaginando todas as coisas que eu poderia fazer com você do meu lado."

Suas palavras sumiram na escuridão, mas deixaram uma marca latente.

Ecoante.

De manhã

Acordei renovada.

Tomamos café da manhã juntas. Silêncio confortável.

Eu só evitava encará-la por muito tempo. A vergonha da noite passada ainda pesava. Queria estar em casa. Processar tudo com calma. Longe dela, que amplificava cada emoção.

Chamei um táxi. Ele chegou.

Maia me acompanhou até a porta. "Até mais, Akiko." Seu timbre calmo, mas de uma profundidade que me desarmava.

Entrei no carro. Soltei o ar preso nos pulmões.

O motor roncou suavemente.

Olhei para trás. Maia já tinha sumido.

Por um instante, pensei ter imaginado tudo.

O carro deslizava pelas aerovias. Então… um pensamento me

atravessou como um raio. Meu coração dançou descompassado. Meu corpo aqueceu. Só me restava admitir:

Eu estava me apaixonando por Maia, e minha alma ainda tateava como lidar com isso.

Só sabia que, a partir de agora, tudo mudaria.

NOITE NO TENTRO

Saí do banheiro envolta em vapor. A pele aquecida pelo banho.

Kiara estava com a holotela aberta. Desativou rapidamente ao me ver. "Que banho demorado." O tom casual de sempre.

Sorri em resposta, sem vontade de prolongar a conversa.

Ela se esparramava no sofá. Um pé sobre o outro. Postura descontraída. Cada vez mais familiar. O pensamento veio, inevitável. Havia algo nela, um jeito de existir, que me lembrava Maia.

Deitei-me na cama. O colchão absorveu o peso dos últimos dias. A exaustão me tragou. Nenhum pensamento se organizou. Apaguei. Dormi feito pedra.

S-2879 • L9 Fluxluna • D00 Silensi

"Fluxluna abre corrente de começo. Silensi firma o zero em brilho leve. A maré desenha mapa no escuro azul. A história entra em fluxo cristalino."

Um café da manhã silencioso. Optei pelo simples com a Anciã se despedindo.

Sentei-me no sofá e encarei Kiara.

Ela se adiantou. Talvez lesse minha inquietação. "Pergunte o que quiser, mas o silêncio é a única garantia."

Minhas mãos se fecharam em punho sobre os joelhos. Organizei os pensamentos. Tentei encontrar as palavras certas. A imagem da garota que levou um tiro revirava-me por dentro. "P-por que tantas crianças?"

Kiara deu de ombros. A expressão neutra. "Ao ser moldada com um ideal, quando essa vida é tudo o que se conhece, se aprende a aceitar. A seguir ordens. Todo esse processo é mais fácil com crianças. Crianças são um papel em branco."

"M-mas…" Engoli em seco. As palavras presas na garganta.

O que ela dizia fazia sentido. Um sentido que doía. Eu mesma cresci com um ideal. Aprendi a seguir ordens. Respeitar hierarquias. Porém, a diferença entre mim e aquelas crianças era abissal. Na Zênite, minha vida vida era preservada. Tive direitos. Conforto. Segurança. E elas? O que eu poderia fazer?

"Cron disse algo sobre um favor. O que é isso?" Mudei de assunto. Buscava entender mais daquele mundo.

Kiara gesticulou. "Todos têm algo a que se agarram. Ideia. Crença. Objeto. Geral. Cron tinha a pior de todas. Alguém." Ela fixou os olhos nos meus. "Ao levar essa vida, tem que ficar só. Porque, se estão atrás de você, vão atrás dos seus laços."

Senti o eco daquela verdade cruel. A vivência deles era perturbadora, mas ainda eram vidas. Só conheciam aquele jeito de viver. Culpá-los seria negar a circunstância imposta pela Rede Aether.

"E…" Limpei a garganta, hesitante. "O que são todas essas classes de mercenários?"

"Vai até a nove." Kiara começou, como se recitasse algo aprendido há muito tempo. "No topo da hierarquia, há a classe Aurum. Dividem os mercenários segundo suas habilidades pra cumprir contratos."

"Quem são a Matriarca e o Patriarca?" perguntei baixo. Quase

cautelosa.

O silêncio pesou.

Ela enrijeceu os lábios. "Acho melhor pararmos por aqui. Temos uma seluna intensa pela frente."

Entendi. Pergunta com resposta sob véus. Só para ser revelada depois.

S-2879 • L9 Fluxluna • D02 Silenli

"Fluxluna acende corrente de começo. Silenli irradia brilho em fio curto. A maré desenha mapa no ar. A história tece passo luminoso."

Nosso encontro com a Matriarca aconteceria nos próximos dias. Kiara sugeriu um bar. Hesitei no início. No final, aceitei. Aproveitei que a Donzela brincava comigo.

Chegamos ao AndroLounge.

Cores acendiam como ondas vivas. Explosão de luzes neons. Azul brilhante. Rosa etéreo. Verde luminescente. Dançavam nas paredes metálicas. A música grave vibrava no chão. Vozes animadas de mercenários e androides. Metal aquecido e álcool pairavam no ar. Mesas dispersas. Três bares cercavam a pista central. Nanodrones zuniam suavemente. Entregavam bebidas no compasso do frenesi.

Optamos por uma área mais afastada. Menos barulho. A IV integrada à mesa piscou. Solicitou nossos pedidos.

Escolhi uma gin e tônica.

Kiara, bom… "DroidDraft é um plugin. Faz nosso nanossistema sentir o mesmo efeito do álcool em vocês."

"Isso é inédito para mim." Sorri, tímida.

Logo depois dois mercenários se aproximaram. Kalifa. Mercenária classe 7. Longos dreads. Olhos cor de mel. Presença marcante. Tatuagens tribais adornavam os braços

torneados e pescoço. Suas pupilas divididas em duas linhas verticais. Ela lembrava uma tigresa.

Thabo estava ao lado. Também classe 7. Cabelos loiros longos, trançados. Olhos pretos intensos. Face tatuada com tinta neon cinza. Um pequeno macaco, nanoprótese no olho esquerdo, descansava em seu ombro.

"Kiara." Thabo cumprimentou. "Podemos nos juntar a vocês? Acabamos de chegar."

"Claro."

Trouxeram cadeiras extras. Se acomodaram na mesa.

"O que a traz ao Tentro?" Thabo puxou assunto.

A IV piscou novamente. Os dois pediram IcyNova. Vodca pura. A escolha favorita dos mercenários.

Ele sorriu com os olhos. Antes que ela respondesse, se adiantou: "Já sei. O contrato. Todos tão falando sobre isso."

"Só falam disso." A voz de Kalifa ressoou como um trovão. "Ninguém sabe onde encontrar o alvo."

"É verdade. Disseram que o último sinal dela foi em Santos. Depois disso, mais nada. E como classificaram isso como fácil?" Thabo franziu a testa. "Lembra qual foi o último contrato com um valor alto? Acho que valia uns 27 milhões."

Kiara apenas deu de ombros.

Nossas bebidas chegaram.

Percebi os olhares curiosos dos dois sobre minha escolha.

"É raro ver mercenários que bebem algo diferente de vodca," comentou Thabo antes de desviar o olhar.

"Ela é de fora das Terras de Ninguém," Kiara respondeu, direta.

Os semblantes deles suavizaram.

"Como foi a última missão?" ela perguntou.

Os dois trocaram um olhar cúmplice e riram.

"Por onde começo?" Thabo apoiou os cotovelos na mesa. "Kalifa e eu fomos enviados para Nkayi. Na República do Congo. Os Carapaças, rebeldes locais, tramavam uma morte. A do representante do Partido Nacionalista em Bouenza."

"Mas aí você simpatizou com a luta deles?" Kiara adivinhou, arqueando as sobrancelhas.

"Exatamente." Ele deu risada. "A regra do contrato era eliminar a líder deles. Latasha, conhecida como Lâmina da Justiça. Mas Kalifa… bem, ela se apaixonou."

Kalifa deu um tapa na cabeça dele. Thabo gargalhou.

"Reconheci Latasha como uma igual. Uma mulher forte." Kalifa ronronou o r.

"Deve ser mesmo, pra te aguentar…"

Outro tapa.

Ri baixinho.

Kalifa exibiu um sorriso perigoso. "O que me impede de esmagar sua cabeça aqui e agora?" Sugeriu um aperto com as mãos. "Viu? Sua cabeça explodindo. Seus miolos também."

"Talvez o que a impeça seja seu amor por mim." Thabo sorriu, convencido.

"Continuem." Kiara interrompeu, segurando uma risada.

Ele retomou a narrativa, animado. "Passamos um tempo com os Carapaças. Descobrimos que o regente de Nkayi era o contratante. Planejamos com eles uma infiltração na fortaleza. Kalifa e Latasha cuidaram da linha de frente. Enquanto eu…"

"Fez barulho." Kalifa cortou, revirando os olhos.

"Exato. Fiz barulho pra caralho!" Ele soltou uma risada alta.

Eu assistia, fascinada. Parecia a narrativa de um filme emocionante. Cada detalhe era tão interessante. Mais do que qualquer conversa zênita sobre mercado, seja ele qual for.

"Entramos na fortaleza por uma tubulação. Desaguava no rio

próximo. Kalifa e Latasha limparam os guardas. Eu posicionava minhas mini bombas Explode-cabeças." Ele abriu os olhos teatralmente.

É. Por mais amigáveis que pareciam ser, esse lado maníaco deles me dava calafrios.

Thabo bebeu mais um gole. "Foi isso. Foi magnífico. Tudo explodiu. Kalifa e Latasha foram até o regente."

"Latasha foi feroz. Enfiou a lança no coração do homem." Os olhos dela brilharam.

"Sim, sim." Thabo apontou o dedo para a mercenária. "Ela falou disso a viagem inteira de volta."

"Foi glorioso." Kalifa o ignorou.

"E a recompensa? Bem alta, né?" Kiara parecia levemente embriagada.

"Existem coisas mais importantes que recompensas." Kalifa respondeu com firmeza.

"Me diga, você e Maia já passaram por algo assim?" Thabo arqueou a sobrancelha.

Kiara jogou a cabeça para trás, rindo. "O tempo todo. Sabem como ela era." Sorriu de um jeito inquietante.

"Claro. Compartilhei uma missão com ela."

Kalifa assentiu. "Eu gostava dela."

Meu estômago se revirou. Um nó se formou na garganta. A voz de Kalifa soava distante, como um eco no vazio.

Maia.

Eles falavam dela como se ainda estivesse aqui. E tudo ainda acendia com a presença dela.

Kiara leu meu desconforto, porém nada disse.

"Isso aí. Sabe que isso me lembrou Lagos em 2837, quando tentaram erradicar as favelas com nanodrones de contenção," Kiara comentou.

"Hah. Meus pais morreram nessa merda." Kalifa girou o copo entre os dedos, pensativa. "As sanções do TIP nada mudaram. O governo só trocou de tática, mas a periferia continuou sangrando."

"E Kinshasa em 2873? A ditadura caiu, mas gente como meus tios fizeram o trabalho sujo primeiro." Thabo abaixou os olhos.

Kiara apoiou o queixo na mão. "Uma merda. Se alguém disser que foi só o TIP que derrubou aquele governo, tá mentindo."

Ela acenou no ar, mudando de assunto. "Qual a próxima missão?"

Eles se olharam.

"Precisamos confirmar com Trix. Acho que vamos cumprir um contrato na China," respondeu Thabo.

"Ah, sei qual é." Kiara estava alegrinha.

"Esse aí é ótimo."

A madrugada avançou. Continuamos bebendo. Cada nova história mais fascinante que a anterior.

Decidimos encerrar a noite. O cansaço já pesava nos ombros. Kiara parecia levemente preocupada. Eu bebi um pouco além da conta.

No Verdant Suites

Fui direto para a cama. Uma tristeza efêmera surgiu. A menção à Maia reverberava em meu coração.

"Obrigada, Kiara." Minha voz saiu trêmula. Segurava o choro.

"Imagino que seja difícil sempre que mencionam Maia," ela murmurou, surpreendendo-me. "Talvez, quando tudo isso acabar…" Kiara parou de falar; observava-me, ainda embriagada.

Engoli em seco. Deixei uma lágrima solitária cair, contendo uma enxurrada.

A verdade era, meu coração se esmagava a cada menção à Maia. Quando conhecia quem a conheceu, queria perguntar tudo sobre ela. Contentei-me com a realidade de jamais conheceria aquele lado dela por ela. Amarrei tudo isso.

Virei-me para Kiara e forcei um sorriso fraco. "É um pouco, mas quero saber tudo o que puder sobre ela."

Respirei fundo. Mesmo que isso significasse ouvir verdades que doessem para aceitar.

VERMINA BOULEVARD

S-2879 • L9 Fluxluna • D05 Ritli

"Fluxluna sustenta luz em crescimento. Ritli dá compasso e contorno vivo. O céu afina o tom da caminhada. A narrativa tece ritmo e claridade."

O dia do nosso encontro com a Matriarca finalmente chegou.

Kiara estava visivelmente tensa. Eu roía as unhas, ansiosa. Afinal, quem era a Matriarca? A androide nada revelou sobre ela. Respostas ausentes, minha mente se entregava ao pior. Desde nossa ida para as Terras de Ninguém e tudo que presenciei depois, aprendi que era imprevisível demais o que estaria por vir.

Os olhos de Kiara, geralmente impenetráveis, carregavam certa inquietação. "Tome isso." Ela entregou-me o Sentinil e analisou duas armas sobre a mesa. Movimentos rápidos. Arregaçou as mangas do casaco, revelando lâminas ocultas nos antebraços.

Engoli em seco, sentindo-me pouco à vontade com aquela preparação. "O que é isso?" Girei o frasco, curiosa e desconfiada.

"É um inibidor de emoções. Melhor que tenha total inexpressão de emoção lá. Prefiro que use. Você é… diferente. Se a

Matriarca desconfiar um pouquinho que você é…" Ela deixou a frase no ar. O tom sério como um aviso. Embainhou as armas na cintura.

"Certo." Tomei uma gota sublingual.

Seguimos até a divisória.

Tentro no meio. Vermina à direita.

A parede gráfica pixelada brilhava em vermelho vivo. Quase hipnotizante. Toquei com a ponta dos dedos, senti uma leve cosquinha. Antes que eu pudesse me distrair, Kiara me deu uma cutucada no braço. Com firmeza, atravessamos o holograma. Saímos por uma estreita viela até o outro lado.

O cenário mudou completamente.

Um nó enorme se formou na minha garganta.

Pessoas arrastavam corpos do chão encharcado de sangue para becos e vans. Magros. Expressões vazias. Acorrentados. Seminus. Os vivos eram jogados nos automóveis, como mercadorias descartáveis.

"Por favor… por favor… não…." Gemidos de dor arranhavam os ouvidos. O arrastar de correntes ecoava pelas ruas.

As vitrines exibiam corpos. Androides sexualizados. Enfaixados. Amarrados. Amordaçados. Hologramas vermelhos piscavam. Anunciavam promoções.

Nas varandas dos prédios, pedaços de humanos pendiam como decorações grotescas. Carne queimada. Metal oxidado agarrava-se à roupa. Invadia as narinas.

Um verdadeiro cenário de filme de terror, mas vivido no cotidiano.

Seus habitantes, claramente, eram sádicos capazes de torturar e matar por puro prazer profanado. Podiam fazer o que quisessem. Afinal, em Netheria, tudo era permitido.

Meu estômago embrulhava. A pressão baixava a cada passo.

Tentei reagir e manifestar a raiva e nojo que transbordavam dentro de mim.

Nada saiu.

Os olhos ardendo. O coração pesado. Quis gritar. Chorar. Arrancar aqueles seres daquele inferno. Porém, meu corpo seguia firme, enquanto meu espírito se quebrava ao apenas seguir Kiara.

Paramos diante de uma estrutura, sustentada por quatro pilares imponentes de jade, tão polidos que refletiam minha imagem com perfeição. Detalhes em ouro cintilavam, evocando eras antigas. Civilizações há muito extintas. Hoje só existiam nos livros.

Adentramos um vasto salão, também sustentado por pilares. Paredes de um verde-escuro intenso. Reluziam com fios dourados. Diversas antiguidades amontoadas ao redor: quadros, esculturas, estátuas, vasos, e outros artefatos outrora considerados perdidos.

Aquela era a Monalisa? A verdadeira? Inacreditável! Roubaram o quadro em 2778. Jamais recuperado. Responsáveis até hoje anônimos.

Meu deslumbramento foi brutalmente interrompido.

Deparei-me com três homens esqueléticos, pendurados nas paredes, algemados com os braços erguidos. O movimento frágil de suas caixas torácicas era a única amostra de que ainda viviam.

Desviei o olhar, nauseada. Encarei o centro do salão.

Um magnífico trono, ornado em ouro e pedras preciosas. Irradiava um poder avassalador. Sobre ele, uma figura inusitada sentava-se quase entediada, envolta em uma aura tão perturbadora quanto fascinante.

Kiara colocou a mão no quadril. "O que você tá fazendo

aqui?"

Quase deitado. As pernas cruzadas sobre os braços do trono. Ele estalou a língua, jogou a cabeça para trás, e exibiu um sorriso sarcástico. Seus olhos encontraram os meus. Intensos. Penetrantes.

Meu peito afundou. Era como se sua presença drenasse todo o ar do salão. As sombras de sua aura roçavam minha pele, sufocantes.

Sua voz me envolvia como um enigma inescapável. "Sempre estou aqui e ali ♪ aqui é só mais um desses lugares." Ele descruzou as pernas e caminhou devagar pelo salão. Seus passos carregavam um peso que me deixava inquieta.

"Saymon, cadê a Matriarca?" Ela semicerrou os olhos, bastante irritada.

Saymon tirou do casaco um baralho. Começou a embaralhar com destreza. Anéis prateados reluziam sobre os símbolos estranhos e números tatuados em preto nos dedos. Ele me olhou de cima a baixo. Sua expressão tornou-se séria.

Voltou-se novamente para Kiara. "Aconteceu um imprevisto. Sabe como ela é…" Ele puxou a primeira carta e a exibiu entre os dedos: *Rainha de Ouros*. "É aquela que, mesmo distante, mantém o controle sobre tudo e todos ao seu redor." Em um movimento elegante, lançou a carta para Kiara.

Ela a pegou no ar. O item cintilava com uma energia peculiar.

O que aquilo significava estava fora do meu alcance, mas o ar ficou carregado de tensão.

A androide apertou os lábios. Sua postura rígida denunciava seu desconforto. "Você—"

"A Matriarca disse: *'Minha criança, Kiara, precisa de mim. Preciso ampará-la.'*" Ele imitou uma voz fina. Seu sorriso cheio de charme. Provocação. "Então, diz logo o que quer."

"Você sabe."

Saymon se aproximou de mim. Seus olhos brilhavam. Sua aura preenchia o ambiente, sufocando os arredores. "Até que você é interessante. Nossa Kiarinha está indo tão longe para protegê-la. Ou melhor… enfim, o que te faz tão especial?" Ele arqueou uma sobrancelha, então virou-se para Kiara. "Ela vai te dar o nome porque é para você, mas… vai ter que fazer uma coisa para ela."

A androide levou os dedos dos olhos para o nariz. "O que é?"

Acompanhei a conversa, completamente confusa, tentando juntar as peças do enigma que se desenrolava.

Saymon passou a língua nos dentes caninos, um gesto quase predatório. "Ela espera um carregamento da África do Sul, confiscado no Porto de Alexandria. Retorne de lá e terá um nome."

Porto de Alexandria? Isso...

Kiara assentiu, mas sua relutância era evidente.

Ele sorriu. "Ótimo. O avião aguardará em Viracopos. Aqui está sua reserva de hotel. Será uma excelente experiência para nossa nova…" Semicerrou os olhos e abriu um sorriso arrepiante. "Mercenariazinha."

Prendi o fôlego. Maia surgia em meus pensamentos diante das expressões dele.

Kiara o enfrentou com o olhar. Sua presença emitia uma aura igualmente aterradora. "Se algo acontecer à Akiko…"

Saymon a encarou de cima. Sua confiança inabalável. "Tenho certeza de que vai proteger ela. Afinal…" Ele caminhou vagarosamente de volta ao trono. "Você e Maia já fizeram missões por lá, mas as coisas estão mais tensas agora."

"Manda o mapa."

"Já enviei. Vou pedir à Matriarca que suspenda o contrato

por meia lunação. Depois disso, os Aurums serão notificados."

Os olhos de Kiara cintilaram de pura fúria. Em um movimento súbito, agarrou o cangote de Saymon. Firme. Implacável. "Que porra de brincadeira é essa?"

Ele sequer recuou. Apenas sorriu, os olhos âmbar brilhando de satisfação. "Não estou brincando. Sinalizaram o alvo como ultra difícil." Ele deu de ombros casualmente. "Nenhum mercenário a encontrou até agora. São bem impacientes. Geralmente, um alvo fácil é capturado em um ou dois dias. Você deveria estar orgulhosa. Tá fazendo um ótimo trabalho com a loirinha."

Meu corpo inteiro ficou em alerta. Que merda é essa?

Kiara o largou, mantendo o olhar raivoso sobre ele. Ela virou-se e começou a andar até a saída. Antes de cruzar a porta, sentenciou: "Vou voltar e você vai me dar o nome. De um jeito ou de outro."

Saímos.

"Lembre-se do meu favor, hein ♪" A voz de Saymon ecoou pelo salão, mas a sensação de perigo ainda acendia em rastro.

Algo dentro de mim sabia; essa missão era mais do que um preço pelo nome do contratante.

Era uma sentença velada. Eu só estava incerta para quem.

DOBRA NA ESPIRAL

No Verdant Suites

Retirei a máscara, cada músculo do corpo tenso. Lutei para manter as emoções trancadas dentro de mim.

Kiara me observou da cabeça aos pés. Senti-me vulnerável.

"Temos que fazer essa missão…" Esfregou as têmporas. "Senta aí." A androide parecia mais relaxada. Porém, percebi certa tensão no ar. "O que sabe sobre o Egito?"

"O suficiente, diria."

"Certo. O Egito sofreu um bombardeamento radiativo no final de 2795 pelas ações do antigo líder deles. Depois disso, dividiram o país em quatro cidades militares, sendo Cairo, a Cidade Suprema. Abdel é o atual líder do comando de Kemetia de Cairo e tem os mesmos ideais daquele líder antigo…"

Conforme ela explicava, senti o peso do que nos esperava em Cairo.

Relembrei sobre o assunto.

Em 2795, houve uma grande tensão entre as cidades: uma corrida na cotecedura de nanobombas nucleares. A cidade mais poderosa seria a que fizesse isso primeiro. Cairo saiu na frente, com três nanobombas, conhecidas como 3-R:

R-ATOM: radioativa de fissão nanonuclear. Fazia ondas de radiação que penetravam quaisquer materiais.

R-BIO: biológica. Desintegrava os órgãos, inclusive nanotecnológicos.

R-FUS: geológica. Fazia terremotos capazes de destruir continentes.

Isso levaria Cairo a se tornar a cidade mais poderosa. Imenso poder bélico nas mãos. O Tribunal Universal da Paz (TUP) tentou negociar a paz com Kemetia, mas falharam. O líder decidiu atacar alguns países para anexar mais territórios ao Egito. Queria demonstrar o poder do país.

Eventualmente, a Rede Aether conseguiu acesso. Ou melhor, roubou as 3-R. Bombardearam o Egito com a R-ATOM, levando os egípcios à beira da extinção. A vida no país tornou-se insustentável, praticamente inabitável. Era o que os demais países achavam.

Setenta e cinco ciclos solares passaram. As dez cidades mais poderosas se firmaram: São Paulo, detentora das 3-R, ocupou o primeiro lugar. Seguida de: Hong Kong, Nova Iorque, Dubai, Sydney, Singapura, Lagos, Kinshasa, Tóquio e Londres.

Nesses ciclos, os egípcios sobreviventes extinguiram a radiação e reconstruíram o Egito. Cairo, ao lado das milícias das cidades de: Alexandria, Luxor e Assuã, transformou o Egito em uma das potências militares mais poderosas, mesmo sem as 3-R. Tinham um poderio militar extraordinário à disposição. Porém, o comando de Kemetia ficava na parte norte da África, liderada pela milícia de Lagos. Portanto, deviam comunicar quaisquer decisões para o comando nigeriano.

Isso mudou em 2871.

Um novo líder surgiu. O militar e político, Abdel Ramesses Kalil. Seu discurso era similar ao do líder antigo, aquele que levou o Egito à aniquilação em 2795. Focava na adoração dos deuses antigos e na subjugação das demais nações, ele

ressaltava que todos eram irmandade em pé de igualdade. Afinal, as cidades egípcias eram horizontais. Exaltava sua própria população ao dizer que eram descendentes dos deuses. Todos os outros deveriam se curvar a eles.

Kiara andava de um lado para o outro. "Lá teremos que ser completamente invisíveis. Vamos pousar em Cairo, seguir direto para o Porto de Alexandria, pegar o que temos que pegar e sair de lá. Teremos que ser invisíveis." Kiara explicava.

Suas palavras eram como flechas, cravando-se em minha mente e lembrando-me de que havia espaço somente para acertos. Cada detalhe sobre Cairo, suas cicatrizes de guerra, fazia meu estômago afundar mais.

"Se algo acontecer, se algo ficar fora do lugar, podemos nos meter em apuros. Essa missão, se Ma…" O nome desapareceu de sua boca. Seu semblante endureceu. "E você? Como fazer isso trazendo você? Até tirar a vida de um inseto deve estar fora de cogitação pra você. A menos que…"

Franzi a testa.

"Você entende o que significa legítima defesa, certo? Se alguém tentar tirar sua vida, você revida. Mesmo que isso signifique matar. Faria isso?" Seu olhar era fixo. Penetrante.

Eu estava prestes a explodir. As emoções reprimidas por tanto tempo à beira de transbordar. Minha barriga revirava com cada lembrança daquele lugar horrendo. "N-não sei. Se eu prometesse, estaria mentindo. Prefiro ser honesta com você." Meu corpo tremia com o esforço de conter um grito. Sentia como se estivesse prestes a colapsar.

Porém sabia que precisava seguir. "V-vou com você. Farei o que me pedir. Sei que vai me proteger. Cada parte minha busca por isso. Q-quero entendê-la…" Minha voz vacilava. Meus olhos ardiam.

Kiara envolveu meu ombro com o braço e puxou-me para perto. Seus dedos alisavam meus cabelos. Um gesto reconfortante.

Apoiei minha cabeça em seu ombro. Finalmente as lágrimas presas escorreram.

"Ei, calma. A escolha é sua, sempre." Sua voz firme, mas cheia de ternura. "Vou te proteger, mas preciso que você seja forte. Preciso que se proteja também, se eu estiver longe." Seus olhos me encararam sérios. Quase imploravam. "Nesse mundo, só existe essa opção."

Entendi o que ela dizia, exceto que, aquele mundo era o oposto do meu. Em minha realidade, a morte se manteve a distância. Estar ali me fazia questionar minha moral. Meus princípios. Minha inércia. Seria ignorância dizer estar alheia às situações fora da Zênite. Elas jamais me atingiram de forma concreta. Tão longe da minha rotina. Porém me eram conhecidas.

Embora minha motivação inicial fosse puramente egoísta, perguntei-me se Maia tinha me levado até lá para entender mais sobre ela. Ou para algo maior. Mergulhando nesse pensamento, uma necessidade crescente de compreender, fazer parte daquele universo, invadiu-me. Iria até o fim. Enfrentaria o que viesse pela frente.

Engoli em seco.

Kiara, atenta, estendeu-me uma garrafa de água.

"V-vou tentar," sussurrei, hesitante, porém decidida. "Prometo que vou tentar."

"Certo." Ela exibiu um holomapa do Egito a partir de sua mão. "Tá vendo esse ponto em laranja? É o local da missão. Ainda tô procurando, mas vou escanear tudo para identificar o objeto e detectar falhas na segurança do armazém pra nos infiltrarmos.

Siga tudo que eu disser. Vou evitar combates, mas, se acontecer, preciso que esteja minimamente preparada."

Kiara segurou meus pulsos com firmeza. "Use isso."

Clique

Apertou dois botões nas minhas mangas e duas lâminas surgiram nos meus pulsos. Recuei, surpresa. Aquilo estava ali o tempo todo? Minhas mãos tremeram ao ver a lâmina deslizar para fora. Seu brilho afiado refletia o mundo onde eu estava prestes a entrar.

Ela apertou de novo. As lâminas retraíram. "Faz esse movimento." Kiara impulsionou a mão para frente. A lâmina reapareceu. Ela piscou.

"É mais fácil do que parece." Tentei acompanhar suas instruções. Minha mente girava com o excesso de informações. Mesmo desconfortável e temerosa com as armas, assenti. Meus dedos roçaram a lâmina, mas minha mente gritava para soltá-la.

Respirei fundo.

O fogo da decisão só acendia com a certeza. Determinação fervia no meu peito. Ao lado dela, eu seria apoio. Kiara estava se arriscando ao me levar. Eu precisava retribuir com esforço.

Pratiquei o movimento algumas vezes. O mecanismo respondia com mais fluidez a cada tentativa. Em pouco tempo, o gesto começou a ser quase natural.

A gravidade do momento estava em conflito vivo em mim, ecoando em cada escolha.

De madrugada

Kiara pediu que eu esperasse no Verdant Suites enquanto ela buscasse duas substâncias com Gill. Retornou rápido. "Tá na hora. Pronta?"

"Para ser bem honesta, não."

Ela deu de ombros. "Vai ficar."

Partimos do hotel.

Um vento quente matinal acariciava meu rosto e os cabelos bagunçados. O verão logo alcançaria seu ápice. Nosso destino era um lugar com inverno brando.

Um novo sentimento me invadia. Um contraste incomum que experimentava. Temor. Euforia. Palpitavam descontroladamente no meu coração.

O carro de Kiara desceu dos céus e pousou na nossa frente. Devido à máscara que eu usava, uma holografia redonda magenta neon surgiu na nanolataria. Aquele brilho penetrava minha mente, como se sussurrasse ordens. Meu corpo prontamente obedeceria.

"Ah, é a transmissão do símbolo netheriano." Ela desativou aquela propagação estranha.

Senti-me aliviada. "O que foi isso?"

Kiara dirigia pela aerovia. Olhou-me pelo retrovisor e deu um sorriso sarcástico. "Os mercenários são as crianças indesejadas que a Zênite descarta, mas que Netheria acolhe com braços abertos e as molda." Fechou a cara. "É por isso que a servem." A frieza em suas palavras me arrepiou.

Desviei o rosto. Remoí a curiosidade sobre Kiara em silêncio. Sabia pouco sobre ela. Ambas, ela e Maia, carregavam uma aura intimidante e confortante em medidas iguais. Poderiam diferir, mas também tinham tantas similaridades. Eram como tempestades contidas. Invisíveis. Inevitáveis. Prontas para se libertar ao menor descuido.

Um forte vento zunindo interrompeu meus pensamentos. Outra preocupação atravessou minha mente. "Como vamos para o Egito? Quero dizer, e nossos passaportes?" Devo ter soado um pouco desesperada. No entanto, pouco me importei.

Kiara jogou a cabeça para trás e gargalhou. Sua risada intensa me intimidou.

Meu rosto queimou. Qual era o motivo de tanta graça?

"Essas coisas são desnecessárias para nós. Somos ninguém. Inexistimos em seus mundos. Se sumirmos, somos esquecidos. Preferem assim, nós também."

"M-mas…" Procurei as palavras certas. "Ainda assim, são criminosos. A polícia procura muitos deles. Afinal, você mesma disse, essa máscara evita o reconhecimento pelos oficiais."

"Sim, eles têm que dizer que tão atrás de nós. Que sabem quem somos. Fingem que nos caçam pra tranquilizar a população, mas fazemos o trabalho sujo deles na surdina. Os verdadeiros criminosos aqui…" Kiara me invadiu com seu olhar. "São aqueles que nos forçam a fazerem o que eles querem, enquanto se escondem atrás dos sistemas oficiais."

As palavras morreram em minha boca. Kiara tinha razão. A verdade era que eu sempre soube, mas era mais fácil acreditar no que a Rede Aether dizia. Mais confortável.

Saía cada vez mais da zona de conforto naquela jornada.

As lembranças de Maia retornaram. *Não ela.* Como navegava por esse mundo evitando rastros? Ela era como a chuva: gentil o suficiente para acalmar. Forte o suficiente para transformar. Inevitável como uma tempestade de verão que chega inesperadamente.

Minhas mãos tremiam levemente. Até o calor do carro era insuficiente para aquecê-las. Meu coração batia mais rápido a cada quilômetro. O que me esperava do outro lado?

O silêncio pesava. O zumbido dos motores ao redor soava distante, quase como um eco em outra dimensão. O céu se tingia de vermelho escuro no horizonte. Era só o reflexo da cidade, ou um presságio do que estava por vir?

Deixei as memórias de Maia fluírem na minha mente.

CORQUESTRAMA

S-2878 • L3 Sintoluna • D29 Silenflu

"Sintoluna afina o céu até o fim. Silenflu derrama silêncio em prata última. A maré recolhe o brilho e guarda o fio. O portal acende — e a história recomeça."

O inverno trouxe consigo a gripe. Como de costume, a mudança brusca de temperatura me derrubou. Segui as orientações da Rede Aether e entrei em quarentena.

Pedi para Takashi avisar o hospital e recolhi-me em casa. A energia tecetiva da minha fase da Mãe teria que ficar para dentro. Minhas gripes sempre duravam meia lunação. As primeiras luas eram as mais intensas.

A dor de cabeça latejante. A coriza incessante. O mal-estar que pesava nos ossos. Febre alta. Vômito. Desidratação.

Um ciclo cruel que me deixava completamente inerte.

S-2878 • L4 Abeluna • D00-03 Silenflu a Silensina

"Silenflu sela a poeira e deixa o caminho brilhante. Silensi abre o portal: começo inteiro, chão macio. Silenabe ergue o fio prateado, luma em broto vivo. Silensina sintoniza a trilha: Abeluna guia, história acende."

Auge da gripe. O biochip anotava todas as ideias que tinha, nos ínfimos resgates de energia para formular o pensamento.

Recebi uma mensagem de Daren: *"Akiyama, fiquei sabendo da sua situação. Melhoras. Espero que retorne ao trabalho logo."*

Revirei os olhos. A preocupação soava mais como uma cobrança. Óbvia e enfadonha. Sentia-me totalmente indisposta.

Takashi cuidava da CogniSynth com a equipe na minha ausência.

Quanto à Maia, lembrei-me de avisá-la: *"Vou me ausentar pela próximo meia lunação. Fique tranquila sobre a coleta de sangue."*

A resposta veio quase instantaneamente: *"Por quê?"*

Joguei a cabeça para trás, afundando no travesseiro. Meu corpo pesava. *"Estou doente. Quando melhorar, te aviso."*

Houve uma pausa.

"Doente?"

"Sim. Uma gripe."

Nenhuma resposta.

Soltei um suspiro. Sentia-me enfraquecida demais para me preocupar com isso agora.

Anoitecer

Acordei pior ainda. Meu corpo parecia preso a uma âncora, sugando minhas forças. O ar úmido me sufocava. Meus olhos ardiam. Eu sentia-me submersa. O clima miserável só tornava tudo mais frio.

Configurei o apartamento para aumentar a temperatura e enrolei-me nas cobertas. Apesar da falta de apetite, precisava comer. Pedi entrega de comida pelo aplicativo GostiTron. Em poucos minutos, um nanodrone depositaria a refeição na abertura automatizada da janela.

DING A campainha tocou.

Franzi a testa. O sistema de entregas era remoto, desnecessário contato físico. Arrastei os pés até a porta.

As holotelas de segurança falhavam. Mostravam o corredor vazio. Algum nanoengenheiro deveria estar fazendo manutenção.

Minha pouca força esvaiu-se quando abri a porta. Cambaleei, apoiando-me na parede.

Maia estava ali, segurando um pacote.

Meu cérebro febril demorou a processar. Como ela chegou aqui? "O-o que está fazendo aqui?" Minha voz saiu falha. Rouca.

Ela me observou de cima a baixo. Minha cabeça girava. Eu estava prestes a ceder ao chão. "P-posso entrar?"

Assenti, patética.

Com firmeza delicada, Maia puxou meus braços e os colocou ao redor de seu pescoço. Antes que eu pudesse protestar, ergueu-me nos braços. "Onde fica seu quarto?"

Indiquei com a cabeça.

Ela me deitou na cama com suavidade, desembrulhou a comida que pedi e trouxe alguns remédios.

Como ela conseguiu isso? Pensei em perguntar. Sabia que seria inútil. Apenas aceitei.

"Eu procurei o que poderia te ajudar, mas comprei o que o farmacêutico indicou." Ela sentou-se ao meu lado. "Me diz o que fazer."

Apontei para o analgésico e o antitérmico. Eu preferia tratamentos naturais. Geralmente, esperava a gripe passar sozinha. Mas dessa vez, cedi.

Maia inclinou-se para mais perto. O que ela estava fazendo? Encostou a testa na minha.

Meu coração deu um salto. Batia tão forte que temi que ela

me lesse. O calor ardeu meu rosto. Torci para que ela atribuísse isso à febre.

"Tá queimando," murmurou.

Ela estava… medindo minha febre? Assim? Tão perto? Os sintomas pioraram imediatamente. Maia me afetava de um jeito que revelava minha insegurança em lidar com ela.

"Vamos esperar o remédio funcionar." Ela soava despreocupada, como se me desestabilizar fosse parte natural da sua presença. Apontou para a comida que pedi. "Vou comer isso. Já pra você, vou cozinhar algo decente."

O tom mandão me pegou desprevenida. "Essa sua roupa tá mais atrapalhando que ajudando. Aliás, por que tá tão quente aqui?" Maia pegou o controle do apartamento e diminuiu a temperatura. "Enquanto preparo a comida, vá trocar pra algo mais leve." Antes de me dar chance de responder, saiu em direção à cozinha.

O vidro entre meu quarto e a cozinha me permitia vê-la. Maia abriu armários. Gavetas. Geladeira. Despensa. Inspecionava os ingredientes. Pegou alguns legumes e cortou tudo com precisão. Preparava a refeição com agilidade.

Fiquei olhando, curiosa demais para me conter. Então ela levantou a cabeça, me fuzilando com o olhar. Virei o rosto rápido, envergonhada. Resignada, segui sua ordem. Troquei para um pijama mais fresco. Voltei para a cama e mirei a vista.

Tentava ignorar o mal-estar e o fato de que Maia estava ali. Comigo. Ela sempre deixou clara sua aversão em vir para a Zênite. No entanto, ali estava ela.

Quase uma hora depois, Maia trouxe uma bandeja.

Instantemente, reconheci o que fez: zosui, um prato japonês, tradicionalmente servido para quem está gripada. Shogayu, uma bebida quente de gengibre.

Um sorriso fraco escapou dos meus lábios. "Onde aprendeu isso?" Falei em voz rouca. Levei uma colherada à boca. Delicioso.

Maia deu de ombros. Comeu a comida que pedi.

Recobrei um pouco de energia e cobri-me com uma manta fina.

"Akiko…" Ela estalou a língua e inclinou-se para mais perto.

"O quê?"

Olhou-me com malícia e mordeu os lábios. "Por que faz isso?"

Encolhi-me. "Faço o que exatamente?"

Seu rosto estava tão próximo ao meu. Sua respiração se misturava com a minha.

Meu coração batia descompassado. Meu corpo febril complicava.

Maia abaixou a cabeça. Riu baixinho e afastou-se.

Desviei o olhar. Eu estava mal e ela fazia isso comigo. Virei o rosto para a janela. Tentei focar na noite lá fora.

Maia fez o mesmo.

Espirrei três vezes seguidas e assoei o nariz. "Sem preocupação em ficar gripada?"

"Sou resistente."

Deitei-me.

Maia apoiou os braços na cabeceira. Pairou sobre mim. Era demais. Ela continuava fazendo isso.

"Onde posso dormir?"

"V-vai dormir aqui?"

"Naturalmente. Se não, como vou cuidar de você?"

Minhas bochechas queimaram. Enfiei o rosto debaixo da manta. "D-durma onde quiser."

"Onde eu quiser?" O tom dela era puro divertimento. "Até mesmo com você?"

Quis gritar. Tudo o que saiu foi um grunhido abafado. Meu coração martelava no peito como um tambor. Manter-me firme ao lado de Maia se provava uma tentativa frustrada. Ainda mais doente. Descobri a cabeça devagar e a encontrei sorrindo de canto.

"Posso dormir naquela poltrona." Ela apontou. "Apesar de que prefiro ficar perto de você."

"Por que faz isso?" Minha febre ameaçava voltar. Fiquei zonza.

"Realmente vai fingir que…?"

Fingir que...? Tudo em mim era vertigem. Eu sentia tudo, mas estava atordoada demais para compreender.

Maia pareceu ler minha situação. Pegou-me no colo antes da minha reação.

Mesmo que eu tentasse protestar, faltava-me energia para isso. "O-o que está fazendo?"

"Quando se tá com febre…" Nossos olhos se encontraram. "É melhor esfriar o corpo."

O que isso queria dizer?!

Maia me levou até o banheiro. Ficou ali. Parada.

"Não vou…" Minhas bochechas queimaram mais. "Vira."

Maia revirou os olhos e obedeceu, rindo baixinho.

"Vai ficar aí?" Liguei a água no morno e acionei a hidromassagem da banheira.

"Posso?"

A banheira encheu e mergulhei. Senti o peso no meu corpo aliviar um pouco. "Pode virar."

Maia sentou na cadeira da penteadeira, cruzou as pernas e apoiou o cotovelo no braço da cadeira. Seus olhos gatunos capturavam cada movimento meu. "Akiko, Akiko… ♪" Assobiou. Passou o dedo pelos lábios.

Esfreguei a esponja na pele. Tentei ignorá-la. Impossível. Sua aura provocadora me envolvia. Pressionava-me. Foi demais. Levantei abruptamente e joguei a esponja na água. "POR QUÊ? POR QUE VOC—"

THUD! Maia caiu para trás com a cadeira. O barulho ecoou pelo banheiro.

Encolhi-me de volta na água e espiei por cima dos joelhos.

Maia continuava caída. Resmungou algo inaudível. Ela se levantou. O rosto corado. "Vou esperar no seu quarto."

Afundei a cabeça. Soltei um grito submerso. O que foi isso? Por quê?!

Fiquei mais um tempo na banheira, tentando processar o que aconteceu. Meu rosto e corpo queimavam de embaraço.

Tomei coragem e voltei para o quarto.

Maia estava mexendo no celular velho. Nem me olhou. Como ela se recuperava tão fácil?! Acho que só eu me sentia assim.

Ela arrastou a poltrona para mais perto da cama.

Ah, eu pensava demais. Provavelmente era nada. Definitivamente era nada. Maia só era… muito legal. É. Com certeza era isso.

Enrolei-me nas cobertas. Fechei os olhos. Fosse o que fosse, dormiria antes que minha cabeça explodisse.

Nos dias seguintes

Achei que Maia teria ido embora, mas ela me mostrou um outro lado de si. Ela me acordou com café da manhã na cama. Assim como todas as outras refeições. A maior parte do dia, ficamos em silêncio, por conta da minha letargia.

Uma seluna passou.

Senti-me mais energética da gripe, mas taciturna pela chegada da lútea.

"Tá melhor?" Maia trouxe panquecas com chocolate e morango, acompanhadas de chá e leite.

"Sim." Mordi a panqueca. O sabor doce derreteu na boca.

Maia sentou-se na cama.

O pôr do sol pintava o céu em tons de rosa. Lilás. Amarelo.

Ela suspirou. Apoiou o queixo nos joelhos. *Tão adorável.*

Terminei de beber o chá.

Maia se virou. "O que foi?"

Meu corpo travou. *Droga.* Agradeci pela cintilação laranja do sol poente. Escondia meu rosto quente. "N-nada."

Ela sorriu e levou a bandeja para a cozinha. Voltou, trazendo o controle do apartamento nas mãos.

Franzi a testa.

"Controla todo seu apartamento com isso?" Então, com um ar divertido, começou a apertar os botões.

O ambiente aqueceu, depois esfriou. As luzes piscaram. Mudaram de cor. Vermelho. Azul. Laranja. Rosa. A música ligou. Aumentou. Diminuiu. Os vidros escureceram. Clarearam. Parecia uma criança com um brinquedo novo.

O pôr do sol estava no estágio final.

Maia arqueou a sobrancelha. Um sorriso estranho no rosto. "O que é isso?" Apertou um botão.

"O quê…?"

O ar circundante mudou.

As janelas escureceram, o suficiente para refletirem os feixes solares. Uma luz avermelhada e amena nos envolveu. Uma música suave começou a tocar.

Nossos olhos se cruzaram.

Maia colocou o dispositivo de lado. Devagar, aproximou-se com a fluidez da melodia. Uma melodia que acompanhava as batidas dos nossos corações. Um ritmo rápido e devagar.

Compasso intenso.

Fixei os olhos nela.

A voz masculina cantava:

Desde que você chegou em minha vida
Perdi o fôlego
Seu amor encontrou um caminho
Direto para o meu coração ♪

Nossas respirações se misturaram. Seu rosto a centímetros do meu. A aura intimidadora desapareceu. Ela se permitiu ser vulnerável. E eu também.

Ela se aproximou ainda mais. Nossos corações sintonizaram.

Imóvel, me perdi nela. No rosto cheio de sardas. Nos olhos de mel. Nos cabelos brancos banhados na luz alaranjada.

"Aki…" Maia sussurrou e roçou o nariz no meu.

Nossas testas se colaram.

Os dedos de Maia tremeram por um instante. Quase imperceptível. Seus olhos fitaram os meus, como se procurassem algo. Antes que pudesse pensar demais, antes que ela decidisse recuar, eu a puxei.

Nossos lábios tocaram. Fechamos os olhos.

Toda a frieza dela se tornou cálida. Sua pele quente, seus dedos na minha nuca, seguravam-me com uma preciosidade. Sua respiração era um sussurro contra meus lábios, uma brisa carregada de promessa.

Meu corpo vibrou de algo muito mais intenso que febre. Perdi-me naquele momento e naquela música.

Maia me deitou gentilmente e pressionou seu corpo contra o meu. O calor me invadia. Mordiscou meus lábios.

Ficamos ofegantes.

Foi como se o tempo tivesse parado. O beijo desacelerou.

Maia me deu selinhos antes de nossos rostos se afastarem.

Permanecemos abraçadas, nos olhamos, rindo baixo. Compartilhando o mesmo sorriso.

Apoiei minha cabeça em seu braço.

Ficamos ali, contemplando o silêncio até o anoitecer.

Qualquer insegurança que eu tinha sobre Maia, desapareceu. Pouco importava o quão opostos fossem nossos mundos. Poderíamos saber pouco uma da outra. E nossas diferenças talvez abrissem abismos entre nós.

Nada disso importava.

Ela silenciava, e ainda assim, eu sentia. Como se sua alma falasse direto com a minha. Em vez de temer o que isso significava, senti acolhimento. Porque algo dentro de mim sabia, com Maia, tudo mudaria.

O que existia entre nós era só o começo.

O começo de algo intenso, eterno, corquestramante.

VOO

Ensurdeci-me com os aviões que decolavam. As hélices de helicópteros preenchiam o aeroporto. O vento zunia forte. A chuva de verão caía impiedosa. Mal dava para enxergar a poucos metros na minha frente.

Kiara estacionou em um lugar abandonado. "Chegamos."

Abriu o porta-malas, revelando o restante do arsenal de armas. Pegou a *Vou Te Devorar* e uma metralhadora. Também colocou uma bandoleira. Duas granadas no cinto. Conferiu o coldre das minhas calças. Instalou um antirruído no meu biochip. A androide parecia carrancuda.

Estávamos atrás de uma cerca. Arame torto. Enferrujada.

Ela apontou para um jato preto na pista.

Passamos por uma abertura na cerca e caminhamos até a aeronave.

Ela segurava um revólver.

Segui-a, perdida entre luzes ofuscantes e vento intenso. Mesmo com o antirruído ativado, os motores perturbavam meus ouvidos.

Uma oficial da Rede Aether vinha na nossa direção, dizendo algo inaudível.

Kiara dava passos rápidos. Esforcei-me para acompanhar seu ritmo. A oficial chegava cada vez mais perto. Levantou uma

arma para nós. Meu coração acelerou. Tentei falar com Kiara. Minha própria voz se perdeu no som.

BANG! Kiara atirou bem no meio de sua testa. O estampido do tiro reverberou pelo meu peito como um trovão.

Arregalei os olhos, dando um grito abafado. Meus joelhos quase cederam por um instante. Minha respiração parou.

O corpo caiu inerte. Nenhuma gota de sangue. Nenhuma última respiração. Apenas um corpo no asfalto.

Olhei para Kiara. O sorriso dela me atravessou como outra bala.

Alcançamos o avião. A porta fechou imediatamente atrás de nós.

O interior era bem iluminado. Poltronas grandes e confortáveis.

Sentei-me e tirei a máscara.

Kiara entrou na cabine de comando. Ligou o avião.

"O tempo de voo até Cairo, Egito, está estimado em quinze horas. Tenha uma boa viagem." A IV informou a autorização do espaço aéreo Brasil-Egito e iniciou o voo.

A androide colocou as armas em cima da mesa e sentou-se na minha frente. As pernas abertas. O cotovelo apoiado no braço da cadeira.

"P-por quê?" Engoli em seco sob o olhar intenso de Kiara. "P-por que fez aquilo?"

Ela revirou os olhos. "Você ainda tem muito a aprender."

"E-ela era da Rede Aether. Por que fez aquilo?"

"Ela era mais do que uma militar."

"Como assim? Ela…"

"Era uma das androides do Saymon."

Androide?

Espera. Hesitei. É claro, ao ser baleada, nenhum sangue

jorrou da cabeça dela.

"Atirei nela porque quis. Se tivéssemos nos aproximado o suficiente, ela teria me reconhecido." Kiara sorriu com malícia. "Assim foi mais divertido."

Franzi a testa diante de sua ferocidade.

"O que foi? Ela vai religar em minutos. Acertei na testa, bem longe do núcleo," disse com obviedade natural.

E ela falou androides? Impossível um humano se conectar a mais de um androide. Só era possível se conectar a mais de um através da Placa Mãe. Porém, estes eram conectados somente a outras nanotecnologias.

"Está dizendo que…" Busquei as palavras em meio ao atordoamento. "Saymon tem mais de um androide conectado a ele?"

Kiara assentiu. "Essa é a habilidade especial do Saymon."

Uma leve vertigem fez minha visão escurecer. "Isso deveria ser impossível…" murmurei, a mente girando.

Kiara apenas riu. Um som seco, desprovido de humor. "Muita coisa que deveria ser impossível acontece todo dia."

Engoli em seco. Como ele tinha mais de um androide ligado a ele? A sobrecarga que isso deveria ter. Deveria ser massante. As nanites do androide se conectam aos átomos humanos no processo.

Cientistas conduziram centenas de testes para superar isso. Os resultados sempre foram desastrosos. Todos os voluntários morreram devido à explosão dos átomos. Como ele poderia aguentar aquela quantidade de nanites? Se isso era mesmo verdade, isso significava um avanço imenso para a nanociência.

Kiara deve ter notado minha inquietação. Colocou uma mão calorosa no meu joelho. "É melhor tentar descansar. Ao pousarmos, vamos ter pouco espaço pra isso."

"E Maia? Ela tinha isso?"

Um brilho vacilante cruzou o olhar de Kiara. Ela rapidamente ficou séria e voltou a olhar pela janela.

Embora tenha me ignorado, pouco me importei. Conforme explorava aquele mundo, sabia que as respostas se revelariam.

O barulho do avião embalava meus sentidos, mas o turbilhão dentro de mim mantinha-se inquieto. O que estávamos indo buscar no Egito? O que eu estava me tornando? E… será que eu realmente queria saber?

Procurei relaxar e dormi.

RAS EL TIN

S-2879 • L9 Fluxluna • D06 Sintosi

"Fluxluna abre corrente em brilho novo. Sintosi sintoniza céu e caminho. A maré desenha sinais em prata viva. A história segue clara, em fio de luz."

Kiara permaneceu em silêncio o tempo todo. Já eu tentava me preparar psicologicamente, emocionalmente e espiritualmente. O inesperado me aguardava. Esgotei minha imaginação de Donzela curiosa. Cansei de tentar adivinhar. O que quer que fosse acontecer, aconteceria. Queria viver o momento. Mergulhar naquele mundo de cabeça.

Quando estávamos perto de pousar, Kiara pegou duas vestes e entregou-me uma delas. "Será nosso disfarce. Pode colocar por cima do uniforme."

Desdobrei a túnica preta e impressionou-me a qualidade do tecido. Olhei no espelho. O traje disfarçou o uniforme.

Kiara também vestia uma igual e usava luvas para esconder as tatuagens nas mãos. Ela também configurou meu biochip para que ele maquiasse meus olhos com preto.

"Funcionou bem." Ela sentou-se na poltrona à minha frente. "Devem evitar saber que somos estrangeiras. Há rebeldes que recusam o Abdel, mas ele influencia a maioria das pessoas.

Se algo acontecer, podemos ser presas. Queremos evitar isso. Também têm certo desdém de androides mais independentes. Para eles, devemos só servir aos humanos. Apenas isso."

Kiara levantou um dedo. "O rosto deve estar sempre descoberto. A única exceção são essas vestes." Também explicou que dispensavam se conectarem aos nanosistemas da Rede Aether.

Os mercenários andavam com a segurança do anonimato. Isso também significava que se desaparecêssemos, fossemos presas ou até mesmo mortas, ninguém viria atrás de nós.

"Nem mesmo viriam atrás de alguém da Zênite como você." Kiara colocou as armas no coldre.

Engoli em seco com o alerta.

"Certo, vamos." Abriu a porta do avião.

Uma rajada de vento nos envolveu. Forçava-me a fechar os olhos. Apoiei-me no suporte, acostumando com o novo cenário. Meu queixo caiu.

Areia dourada nos rodeava. Mesclada com um céu acinzentado.

Mal acreditava no deserto na minha frente. Agachei e toquei a areia quente. Sorri como uma boba.

Kiara franziu as sobrancelhas. Olhava-me com estranheza.

Pigarreei. Segui-a até um estabelecimento próximo.

Alguém com somente os olhos visíveis saudou Kiara. "Comanda," pediu.

A androide mostrou o holopasse.

Demos a volta. Um carro nos esperava. Após guardar as coisas, seguimos viagem para Cairo. A cidade estava a novecentos quilômetros do Deserto de Saara. Levaríamos cerca de três horas até lá.

"Que tipo de lugar era aquele?"

"É um posto dos mercenários. O Deserto do Saara é conhecido como Zona Morta. Assim como as Terras de Ninguém. O comando de Kemetia, a milícia do Egito, mal se interessa por eles."

Isso estava acontecendo em todos os lugares? Difícil acreditar que pessoas viviam em situações tão deploráveis. Meu coração apertou com um novo nó.

Aproveitei a viagem para admirar o imenso campo de areia que, com a incidência dos raios solares, criava pontos de luz ofuscantes. Tirou-me o fôlego. A beleza do lugar deslumbrava, mesmo em meio ao perigo que o envolvia.

Deixamos as fronteiras do deserto.

Um muro gigante rodeava Cairo. Enfrentamos um trânsito caótico ao tentar entrar pelo portão. Androides e humanos fortemente o guardavam. Na nossa vez, uma IV nos saudou em árabe. Kiara assegurou nossa entrada. Entendia pouquíssimo. O vento impedia minha audição. Às vezes, o biochip falhava em captar a tradução em tempo real.

Sobrevoamos a metrópole circular. Um ar arenoso a cobria. Doze estátuas colossais dos deuses egípcios esculpidas no muro de ouro. Reluzentes, vigiavam os edifícios de quinhentos metros de altura.

Doze estátuas menores rodeavam a Mesquita de Al-Azhar, lar do líder, Abdel. Abaixo delas, pessoas se amontoavam em filas. Oferendas nas mãos.

Ao longe, as ruínas das pirâmides cobriam parte do cenário dourado. Destruídas pelos ataques da Rede Aether.

Estacionamos em uma rua terrena. Um vento levemente esverdeado cobria parte da região. Um cheiro de sílica poluída inundava minhas narinas. O chão macio continha sujeiras indecifráveis. Insetos pairavam sobre as pilhas de lixos entre as

vielas.

O céu nublado testemunhava a desolação.

A maioria do comércio era de alimentos, conveniência e restaurantes. As tecnolojas e robôlojas eram a minoria. Algumas pessoas andavam alegres. Já outras mantinham a cabeça baixa.

Um militar de Cairo se aproximou de um homem baixo e deu-lhe uma coronhada na cabeça. "Sem oferenda, verme? Vem comigo."

Meu coração bateu tão forte. Minha cabeça latejou.

Kiara me sinalizou um *'não'* com a cabeça.

A saliva travou na garganta. Tentei ignorar aquilo ao chegarmos no Retiro de Ébano.

A fachada fictícia do hotel era feita de saibro. Reproduzia uma estrutura milenar. Obeliscos e colunas de bronze. A IV nos recepcionou.

Subimos uma escadaria. Andamos até um quarto pequeno. Uma janela. Cômoda. Duas camas.

"Vou preparar tudo para nossa ida ao Porto de Alexandria." Kiara informou.

Deitei no colchão duro para tirar uma soneca.

Kiara me acordou ao anoitecer.

Chacoalhei o corpo dolorido. Mandei a sonolência embora.

Ela exibiu o holomapa do Porto de Alexandria. "Vamos seguir por essas montanhas." Uma direção em laranja se destacou. "Vou deixar o carro nesse lugar abandonado. Seguiremos a pé. O armazém está situado aqui. Ficaremos nessa caverna com vista para o armazém. Daqui, obterei mais informações."

"Não vamos mais voltar para cá?"

"Não. Andei por Cairo. As coisas tão feias pra caralho. Os soldados tão abordando e detendo sem motivo aparente.

É muito arriscado ficarmos aqui." Seu olhar oscilava entre preocupação e pragmatismo.

"Entendi." Uma agonia surgiu no meu peito. Desgostei disso.

"Vou levar dois dias pra analisar a localização do objeto. Os pontos fracos do local. Na terceira lua, vamos nos infiltrar. Vou pedir pra você se preparar aqui." Ela cutucou minha cabeça. "Tenta relaxar, beleza?"

Um tempo depois

Iniciamos a viagem para o Porto de Alexandria.

As palavras de Kiara trouxeram inquietação ao meu coração. Uma quentura inexplicável me fazia coçar as mãos e eriçar os pelos. Algo escapava da minha percepção. Invisível à espreita. Evitei pensar nesse sentimento e distraí-me com a vista.

Passamos novamente pela segurança.

Sobrevoamos por algumas aerodovias menos nanotecnológicas. As ondas nanoeletromagnéticas falhavam. Quase caímos duas vezes.

Pequenas cidades miseráveis e campos vegetativos compunham os arredores.

Titânicas estátuas dos deuses egípcios rodeavam Alexandria.

Seguimos por uma via alternativa, e Kiara fez um desvio para as montanhas. Relevos alterados. Semelhantes à geografia irregular do resto da cidade.

A androide explicou que usaram Alexandria para testar a R-FUS, pois queriam ver como os tremores afetariam as cidades. Evitaram a potência máxima, mas provocaram a ruína da região até o palácio de Ras El Tin. Montanhas surgiram com os abalos. Até então, testavam as bombas no Deserto do Saara.

"Isso explica por que metade do Deserto se tornou mar," comentei um tanto indignada.

"A única estrutura intacta é a Cidadela de Burj. A fortaleza na qual vamos nos infiltrar. Ou melhor, o armazém anexado nesta fortaleza," Kiara acrescentou.

Chegamos a um local abandonado. Paredes metálicas. Corrompidas pelo tempo. Estranhamente firmes para um lugar destroçado. Tecnologias obsoletas por todo o ambiente: painéis, televisores, cabos e uma torre de sinal. Remontavam a memória de uma base de comunicação.

"Vou camuflar o carro, por precaução." Kiara terminou e tirou a túnica. Pediu-me para fazer o mesmo. Ela ajustou as armas em seu corpo. Fitou-me com um olhar perscrutador.

Franzi a testa, desconfortável com seu olhar examinador.

"Vou te ensinar a atirar com a arma. Embora espero que seja desnecessário, mas, se a situação exigir, tem que saber o que fazer."

Dei um passo para trás. "N-não. Quero preservar a vida."

"Eu sei." Kiara segurou meus ombros gentilmente. "Por favor, só vou te mostrar. Nem sempre atiramos pra matar."

Engoli em seco. Tentei racionalizar. Tão agoniante aquela situação. Porém, um ditador governava o lugar sem os nanosistemas oficiais da Rede Aether. Isso nos colocava em perigo só de pisar ali. Estávamos perto de uma fortaleza militar, pronta para atirar em nós ao menor descuido. Pior que isso só o fato de que iríamos invadi-la.

Talvez realmente fosse desnecessário atirar. Tentei afirmar isso para decidir continuar. "Tudo bem."

Kiara pegou um revólver. "Esta aqui é a trava. Os androides se conectam automaticamente a ela. Você tem que configurar seu biochip pra ficar no automático."

Tremendo, peguei a arma do coldre e abri a tela do meu biochip. Encontrei o código da arma e ajustei a conexão

automática de armas. Uma cosquinha percorreu meu braço e cabeça. A holomira apareceu no meu campo de visão.

"Muito bem. Agora mira. Atira ali." Kiara apontou para um pôster na parede.

Recuei. Abaixei a arma. "N-não."

"É só uma parede." Kiara me observou com um olhar indecifrável e pegou minha mão. Suavemente, apertou. "Se você congelar na hora errada, posso estar longe para te salvar."

"E-eu s-sei…" Suor escorria da minha testa. Levantei a arma. "T-tudo bem." Tinha que manter as emoções sob controle. Tentei me acalmar.

"Isso. Mira ali." Kiara incentivou.

Uma mira pixelada de três círculos. Um dentro do outro. Alvo rodeado. Meus braços se moveram involuntariamente em direção a ele. Alinhei a mira. Recebi um comando para atirar.

A arma tremeu nas minhas mãos. Engoli em seco. Meus dedos travaram no gatilho. Se eu atirasse, isso significava que… que eu estava disposta. Que eu aceitaria esse mundo.

Fechei os olhos. Respirei fundo. Minha mente esvaziou. Mais suor escorreu pelo meu rosto. Pousava nos cílios. Pisquei com força. Esforço para segurar a arma. Os nodos dos meus dedos brancos.

Era só um papel. Apertei o gatilho.

BANG! Disparei o revólver. Recuei com o impacto. Larguei a arma.

Kiara a colocou de volta na minha mão."Sempre segure sua arma." Ela olhou para o pôster. "Foi bom. Agora cê sabe como é a sensação. Bora."

Fechei os olhos. Aquilo foi aterrorizante. Imaginei como seria atirar em alguém. Como conseguiam fazer isso tão facilmente? Guardei a arma no coldre e segui Kiara. Tinha que esquecer o

que acabara de fazer e concentrar-me na missão atual.

Andamos por uma trilha estreita em meio às montanhas.

Espiei a altura que estávamos do chão. A vertigem me atingiu.

"Olha pra frente." Kiara tomava a frente com agilidade.

Dei passos cuidadosos. Foquei nos meus pés. Para frente.

A trilha se estreitou mais. Kiara segurou minha mão. Encostamos na parede. Pouco espaço para nossos pés. Alcançamos uma abertura maior entre as montanhas. Kiara me puxou. Minhas mãos escorregaram com o suor. Quase caí. Agarrei-me com todas as forças à parede. Minha alma saiu do corpo e voltou.

Ela pediu silêncio. Sacou o revólver.

PFFT PFFT PFFT Três disparos abafados pelo silenciador ecoaram.

Finquei os dedos na rocha. Meus dedos ardiam. Minha respiração acompanhava o coração acelerado.

Kiara me puxou pelo braço. "Beleza, vamos tomar isso." Pingou uma gota na testa e entregou-me o frasco cheio com um líquido azulado. "É o CaloraX. Um inibidor de calor pra impedir a captura dos sensores térmicos."

Por cima do ombro dela, três corpos se estendiam no chão.

Chacoalhei a cabeça. Engoli a bile. Tremendo, ingeri uma gota sublingual.

"Vou esconder os corpos. Espera aqui." Kiara misturou os respingos de sangue com a terra.

Como ela estava tão acostumada com aquilo? A naturalidade dela aumentou minha náusea.

"Vamos." Ela andou até uma mesa com papéis e armas e pegou um documento. "São ordens pra atirar em quem se aproxima da fortaleza." Tirou a *Vou Te Devorar* das costas e apontou para Burj. "Tem uma fileira de corpos ao redor dos muros. Vou hackear a comunicação deles pra manter no sigilo."

Continuamos por uma trilha sinuosa e deparamo-nos com um buraco. Kiara pulou com facilidade. Já eu, por outro lado, só tive medo. E fraqueza nas pernas.

Ela estendeu o braço. "Vou te pegar." Sua voz transparecia confiança.

Olhei de relance para baixo. A saliva custou a descer pela garganta. O suor grudava o tecido na minha pele. "É-é desafiador."

"Vou te pegar. Confia." Sua determinação no olhar me trouxe mais segurança.

Fui para trás. Respirei fundo. Pulei. Estendi o braço. Meus dedos escorregaram nas mãos dela. Meus pés deslizaram na terra. Meu corpo inclinou para trás.

Kiara segurou meu pulso. Puxou-me com força.

Abracei-a com lágrimas nos olhos. "A-achei…"

"Disse que te pegaria." Ela acariciou minha cabeça. "Vamos, temos que continuar."

Vozes no próximo posto alertaram Kiara. Esperei enquanto ela ia à frente para checar.

PFFT PFFT PFFT Uma sequência de tiros abafados.

Silêncio.

PFFT PFFT Novos tiros.

Gritos vindos de cima repercutiram.

PFFT

Reprimi um susto quando ela surgiu.

Kiara apontou para uma escada entalhada na montanha. "Tão patrulhando lá de cima." Ela sumiu com os corpos. Continuou na frente. Limpou os postos. Apagou todas as evidências.

Chegamos na caverna pequena, escondida perto de uma ravina. Um tanto mais limpa do que eu esperava. Nos deu uma visão perfeita da Cidadela de Burj.

Encostei na parede para recuperar o fôlego.

"Vai dormir no chão." Kiara apontou para um buraco entre as pedras.

"Tive uma amostra com aquele colchão duro." Meu estômago roncou. "Comida?"

A androide gargalhou com a cabeça para trás. "Com fome?"

Meu rosto aqueceu. "Não é isso. Talvez um pouco." Tirei a máscara. Na verdade, estava faminta.

"Pega aí." Jogou outro frasco para mim. Na embalagem dizia FamineFix. "Vai te dar sustância enquanto ficar sem comer. É até terminarmos essa missão. É recomendável evitar consumi-la por mais de uma seluna. Seu corpo precisa de alimentos de verdade."

Ingeri. Senti-me satisfeita. Um tanto energizada.

Kiara ajeitou o rifle de precisão em um bipé. Deitou-se e olhou pela mira óptica.

Sentei-me na borda da caverna e observei a cidade. Enquanto meus olhos pesavam, pensei no que tinha feito. No que ainda faria. O que restaria de mim quando isso acabasse?

Dormi logo depois disso.

RUMO À ESCURIDÃO

Acordei antes dos primeiros raios solares tocarem a caverna. Meu corpo doía, dormente. Os braços formigavam. As sensações voltavam devagar.

"Já ia te acordar." Kiara sentou-se ao meu lado. O holomapa surgiu em seu pulso. "Presta atenção."

Esfreguei o rosto, afastando o torpor. Foco. Hora de gravar tudo.

"Cinco andares." Os pontos vermelhos acenderam no mapa. "Trinta guardas. Operam em quadrantes." Ela ampliou a projeção. "Dois pontos fracos." O primeiro brilhou em destaque. "Aqui tem uma abertura. Podemos nos esconder nessa estrutura." O segundo iluminou-se em amarelo. "Outra opção: seguir pela mureta até a porta principal. Dois guardas no caminho. Outros dois na entrada."

No centro do mapa, um ponto laranja piscou. "Nosso objetivo tá aqui. Ainda desconheço o conteúdo, mas é pequeno." Kiara desativou o holograma.

Engoli seco. Repeti as informações mentalmente. Precisava gravar tudo.

Mesmo ansiosa, tinha que acertar.

S-2879 • L9 Fluxluna • D07 Abeli

"Fluxluna corre clara, fio de água viva. Abeli acende broto de brilho no alto. A maré desenha sinais em prata macia. A história tece passo firme, em luz crescente."

O dia arrastou-se vagaroso. Os feixes solares incidiam sobre o manto arenoso na Cidadela. As águas do Mar Mediterrâneo cintilavam. Pontos de luz no horizonte.

Acordei sob o pôr do sol. Céu lilás e laranja. Nuvens que lembravam uma pintura.

A noite caiu. O brilho enfraquecido de duas estrelas. Uma visão inédita.

Sorri. Imaginei Maia ao meu lado. Sob o mesmo céu. O sorriso desapareceu.

A lembrança dela me aquecia. Porém, ela se foi. Isso me machucava no âmago. Estava naquela jornada para conhecê-la verdadeiramente, porque ela foi meu sopro de vida. Maia despertou em mim sensações inéditas. Primeiro com um desconforto, fazendo-me questionar minha vida. Se aquele caminho solitário traria-me satisfação.

Mesmo confusa ao lidar com aqueles novos sentimentos, algo mudou para sempre. Ela fazia meu coração acelerar. Dava borboletas no estômago. Preenchia meus pensamentos. Apaixonei-me. Tudo o que quis fazer. A vida que queria levar. As experiências que ainda iria viver. Queria viver com Maia.

Um sonho interrompido. O que me restava fazer?

Amanheceu.

Kiara afagou meu braço. Deve ter visto que chorei até dormir. Em silêncio, encarou-me com olhos gentis.

Sorri com o gesto. Sentei-me, sentindo-me mais dolorida que antes. Espreguicei-me para diminuir a dormência.

Kiara sentou-se à minha frente. "Terminei a análise. Os

guardas trocam o turno duas vezes: uma ao meio-dia e outra às dez da noite, quando o movimento dos barcos acaba. Vamos nos infiltrar hoje às dez. Esta área vai esvaziar por dois minutos. Tempo suficiente pra chegarmos nessa parede."

O caminho se destacava brilhante no mapa. "Vou precisar de você. Enquanto faço a limpa, siga por esse corredor. Hackeia a caixa de energia. Usa esse nanomalware." Mandou um arquivo, *Noluz.exe*. "Vou ter hackeado as câmeras, então você estará invisível. Depois volta pra mim. O malware vai cortar a energia em um minuto. Isso significa que teremos três minutos. Vamos descer no armazém, pegar o objeto e voltar pro térreo. A energia terá sido restaurada. Provavelmente todos os guardas estarão alerta. Até lá teremos vazado."

Ela gesticulou. "Fica atrás de mim. Cuida da minha retaguarda. Pode evitar matar, mas se algum guarda vir na nossa direção, é pra neutralizar. Como médica, deve saber os pontos vitais."

"V-vou tentar." Pigarreei.

Era insuportável a ideia de atirar em alguém. Mesmo sem a intenção de matar. Eu tremia só de imaginar. Evitei pensar nisso. Foquei no necessário para rescindir meu contrato. Descobrir o contratante. Ainda faltava encarar esse fato. Eu estava sendo caçada. E logo entenderia o motivo. Também tinha que me tornar independente de Kiara. Tinha que aprender a ser forte. A me proteger.

"Vamos nos mover às nove. Alguma dúvida?"

"Não, mas tem algo que preciso te falar."

Desde a ida à Netheria, minha intuição apontava que essa era a decisão certa. Minha Donzela confiava em Kiara. Maia também.

Tirei dos bolsos a bússola. O relógio. O celular. Pesavam

na minha mão mais do que deveriam. "Estavam no envelope. O que significam?" Meu coração martelava. Sentia que eram importantes. "Tenho um pressentimento. Acho que devem ficar com você. Pelo menos, por enquanto."

Kiara olhou com atenção os três itens. "Maia deixou isso com você? Ela me entregou o envelope selado." Kiara girou os itens na mão. Seu sorriso veio rápido, como se algo tivesse feito sentido, mas logo desapareceu. "Ela…" O tom dela mudou.

"O quê?" Mordi o lábio.

"Não imaginava." Fez uma pausa curta demais. "Quero dizer, sabia que…" Kiara penteou os cabelos. "Enfim, isso fica pra depois." Porém, algo em seus olhos enevoava estranheza. "Certeza que quer deixar comigo?"

Assenti, confusa.

"Tudo bem." Rapidamente, embolsou-os no casaco.

Por mais curiosa que estivesse, tinha ciência da nossa situação. Foquei na missão.

Hora da infiltração

Ingeri FamineFix para acalmar o estômago e o CaloraX para passar despercebida.

Kiara ajustou a metralhadora na bandoleira. Passou os dedos pela *Vou Te Devorar*. "Sou uma estrategista franco-atiradora," murmurou. "Se Maia estivesse aqui, ela faria a infiltração." Um sorriso tênue escapou.

Ouvi-la falar de Maia, mesmo que vagamente, fez-me sorrir também.

Kiara guardou a arma. "Beleza. Tamo prontas. Quero dizer, você tá?"

Concordei. Queria evitar pensar muito sobre isso.

A descida era íngreme. Um caminho natural na montanha.

Apoiamos as mãos e os pés. Kiara descia com facilidade e ajudava-me a manter o equilíbrio. O chão se aproximava. Minhas mãos queimavam. Sangue e suor se misturavam.

Nos escondemos nos arbustos até alcançar o armazém. Luzes aéreas fuzilavam a estrutura. O vasto complexo se escondia em meio a vegetação alta e muretas. Cargueiros nanoveículos estacionados. Holotelas vibravam nas paredes de concreto. A única movimentação era dos guardas.

Kiara cortou a cerca com um laser.

Aguardamos.

Dois guardas passaram.

Esgueiramo-nos para o interior. Vimos a abertura. Kiara foi depressa até lá. Tentei acompanhar, mas um guarda virou a esquina. A androide me puxou com força. Quase caí.

Dentro do armazém, uma parede nos separava do centro.

Um guarda passou.

Kiara o pegou e cobriu sua boca. Fincou a lâmina retrátil em seu pescoço. O sangue esguichou. Escondeu o corpo no ato.

Outro guarda.

Kiara fez de novo. Mesmo movimento. Mesma precisão.

Minha vez. Cruzei o corredor devagar. Agachei ao passar por uma janela. Biotela aberta. Conectei na caixa de energia: *Noluz.exe.* O nanomalware brilhava em neon vermelho. Antes de tudo apagar, ativei a visão noturna. Voltei até Kiara.

Ela limpou o caminho até o andar inferior.

Vozes agitadas surgiram dos andares acima.

Kiara embolsou uma pequena caixa metálica.

Dois minutos e meio passaram.

Quando saíamos…

"Consegue fazer melhor do que isso, cabrón." Uma voz poderosa. Despreocupada. "Gonorrea malparido!" Ele riu.

Forte. De verdade.

Chicote estalando contra a carne.

Meu coração bombeou agonia para as veias. Estremeci. O peito doía.

Kiara parou. Olhou para a porta. Uma expressão indecifrável. O que ela estava fazendo?

As luzes acenderam. Uma parede nos escondia. Guardas vinham aos montes.

"Pode vir! No sé quién crees que eres. Pero esse soquinho de mierda é nada para me derrubar!"

Kiara chutou brutalmente a porta. Entrou na sala. Dois tiros.

O que raio foi isso?

Corri atrás dela. Suava frio. Tremia.

"Denden?" Ela fez uma careta confusa.

Diante de nós: um homem bronzeado. Olhos felinos. Afiados. Cabelos castanhos, cacheados, amarrados em um coque frouxo. Uma mecha caía sobre a testa. Tatuagens cobriam seu corpo musculoso e ensanguentado.

"Kiara? O que tá fazendo aqui, muchacha?"

"O que acha?" Ela revirou os olhos. Removeu as nanoalgemas de seus pulsos e tornozelos. Como ela fez isso? Apenas nanochaves abriam os nanometais.

Denden levantou e esfregou os pulsos. Sorriso avermelhado. "Já ia me soltar, muchacha. Era só questão de tempo."

"Entendi." Kiara estalou a língua. "Você quem trouxe o carregamento da Matriarca e foi pego, né?"

Ele pegou a arma de um guarda morto. "Não me pegaram. Houve um imprevisto." Denden abriu os braços. "Agora você tá aqui. Suerte." Estava muito animado para alguém coberto de sangue. E todo arrebentado.

Tive o instinto de examiná-lo, mas contive-me.

A máscara identificou:

Denden • Líder mercenário • Ciborgue • 38 ciclos

Ele me olhou. "Quem é essa muchacha?" Foi em direção à porta.

"Minha aprendiz." Kiara o acompanhou. Sinalizou para que eu a seguisse.

"Aprendiz?" Denden riu. "Trouxe uma mercenária classe 1 pra isso? Deve ser das boas."

Eles se concentraram no ambiente. Guardas se aproximavam da sala.

"Queria ter feito isso discretamente." Kiara olhou feio para ele.

Denden riu com gosto. "Pode deixar com o papi aqui." Ele começou a atirar.

Os guardas berraram por reforços.

"NÃO!" Kiara rosnou.

Tarde demais. Denden estava se divertindo, mas ela não. Virou-se para mim, para o caos ao redor. Eu vi em seus olhos: ela estava prestes a fazer uma escolha.

"MERDA! CARALHO!" Kiara sacou a metralhadora e disparou.

Gritos. Tiros.

Não. Não. NÃO. No que me meti?! EU IA MORRER. Eu ia tomar um tiro e morrer. Merda. Agachei. Braços ao redor do corpo, tremendo.

Kiara me puxou. "Vem. Sem tempo. Temos que sair."

Denden largou a arma e pegou outra dos corpos caídos.

Mar de sangue. Manchas escuras se espalhavam pelo chão. Escorriam pelas caixas, empapando os tecidos rasgados dos corpos.

Uma vontade terrível de vomitar. Quanto tempo mais aguentaria?

Os demais guardas mantinham-se à nossa espera na entrada. Cacofonia. Berros.

ZAAHH-ZAAHH-ZAAHH! O alarme soou. Vermelho. Brilho intenso.

BANG! BANG! BANG! Tiros.

O toque de Kiara me arrastava.

"É ISSO QUE CÊS TÊM?! PUTOS!" Denden ria maníaco. "Vão se arrepender de terem mexido com EL MONSTRUO!"

Meu corpo ensanguentado tremia convulsivamente. Que droga era aquela? Merda. Minha cabeça girava. A pressão baixava. A visão turvava. Não. Calma. Respira. Tentei racionalizar. Manter a calma. Calma. Tinha que me concentrar.

Denden e Kiara abriam caminho até a saída. Atiravam nos guardas. Chegaríamos às montanhas. Ganharíamos vantagem. Depois disso, partiríamos. Era esse o plano. Isso. Ia dar certo.

"E-estou bem." Minha voz trêmula.

Kiara atirava com vivacidade. "Cuida da minha retaguarda."

Peguei o revólver. Minhas mãos tremiam. O dedo pousou no gatilho, mas era como se meu corpo inteiro gritasse para parar. Eu estava prestes a cruzar uma linha. Mas… se me entregasse… morreria. Minha percepção visual aumentou. As coisas aconteciam quase em câmera lenta.

Guardas e mais guardas.

Quase na saída.

Um berro.

Uma bola pequena voou na nossa direção. Fumaça esverdeada.

O ar sumiu dos meus pulmões. Tossi. Ardia. Mesmo com a máscara, eu sufocava.

Denden também. Ele largou as armas no chão e segurou a garganta.

Tive flashes de Kiara gritando.

Não... eu... tenho que viver. Maia...

A escuridão dominou.

FIM?

Meus olhos arderam ao abrir. Minha cabeça latejava. Pensar doía.

Uma luz fraca escapava por uma fresta na parede. Barras metálicas. Tudo embaçado. O quarto acinzentado me oprimia. O reflexo no chão mostrava meu rosto imundo. Suor. Terra. Sangue.

Os segundos escorriam lentos.

Meus braços e pernas imóveis. Nanoalgemas cravadas nos pulsos e tornozelos impediam os movimentos. Cada batida do meu coração doía. O silêncio zumbindo era pior do que os golpes. Lambi os lábios inchados. Saboreei o gosto ferroso do sangue.

"Tá acordada, chica?" A voz grave e carregada de sotaque. "Passaram dois dias. Te surraram tanto que achei que tivesse muerta." Denden cuspiu no chão. "Son uns malparidos. Desgraçados."

Minha cabeça pendia, pesada.

"Fala alguma coisa."

"E-eu…" Minha garganta seca doeu. Tentei engolir saliva. Fui incapaz.

Ele me observou, intrigado. "Cê tá horrible. Pero… algo chamou minha atenção. Você resistiu em todos os momen-

tos." Nanometais algemavam seus braços e pernas na cadeira. Sangue seco. Sangue fresco. No corpo. Nas calças. Um corte profundo na sobrancelha e no lábio. O rosto inchado. Denden continuava sorrindo.

"N-não…" Lágrimas brotaram. "Por que…"

Ele fechou a cara. "Já vi uma chica agir igual. Todas as vezes que bateram nela, torturaram e machucaram, ela encarava eles cheia de determinação. Una verdadera fortaleza." Ele segurou meu olhar. "Se conhece Kiara, deve ter conhecido Maia."

Maia?

O nome silenciou meus pensamentos confusos.

Denden sorriu mais. "Lembro quando ela chegou nas Terras de Ninguém…" Ele começou a falar disparado. A voz ecoava pelo espaço.

Minha cabeça doía mais, porém queria que ele continuasse. Ter alguém ali fazia aquilo parecer menos insuportável. Sobretudo alguém que exalava tanto calor. E, ele falava dela, uma resposta ao pedido que minha alma emanava, mesmo no invisível. Uma lágrima cheia de dor escorreu.

"Ela sempre ficava quieta. Nem respondia aos mercenários superiores." Ele se recostou, relaxado. "No sé por que enviaram ela pra câmara pela primeira vez. Maia reagiu em silêncio às torturas. Nunca gritou. Nem mostrou sentir dor." Denden franziu a testa. "Até que aquilo aconteceu…" Ele mexeu os braços e alongou o pescoço. "Mucho mejor. Enfim… todos los mercenarios que torturaram la chica, apareceram mortos."

Meu estômago revirou.

"O mais estranho foi como morreram. Todas as mortes foram consideradas naturais." Ele soltou uma risada maníaca.

Minhas pálpebras pesavam. A cabeça rodava, porém queria ouvir mais sobre ela. Abri a boca. "V-você—"

A porta se abriu com um estrondo.

Dois militares entraram, trajando uniformes verde-acinzentados. Eram do comando Kemetia de Alexandria. Um carregava um revólver. A outra, um bastão de ferro nas mãos.

Denden sorriu largo. "Ora, ora… As gonorreas malparidos apareceram." Sua risada ressoou pelas paredes. "Vamos nos divertir, pendeja."

A militar afundou sua costela com o bastão.

Denden se curvou e cuspiu sangue. Levantou a cabeça. Seus olhos brilharam. Excitação. Insanidade. "Melhor que isso, só se me matar, desgraçada. ¡COMA MIERDA!" Denden riu mais alto. Riu gostoso.

Eu fechei os olhos.

Os golpes ecoavam. Metal contra pele.

O rebuliço estomacal me forçou a vomitar em mim mesma. Suor frio escorria. Meu coração martelava descontrolado. Quando tentei me mexer, uma dor lancinante atingiu minha barriga. Uma descarga elétrica percorreu minha espinha. Meu corpo convulsionou. Curvei-me, faltava ar.

A guarda golpeou minha garganta.

Minha cabeça tombou para trás. Minha visão escureceu. Sangue jorrou da minha boca. Tossi violentamente.

"QUEM SÃO VOCÊS?!" A militar puxou os cabelos de Denden.

Ele cuspiu na cara dela.

Ela devolveu um soco. No estômago. No rosto.

Porém, ele era inquebrável.

O outro militar veio até mim. Agarrou meus cabelos. Puxou com força. Os fios rasgaram do couro cabeludo.

"QUEM CARALHO SÃO VOCÊS?" Sua saliva espirrou na

minha pele.

Eu mal pensava. Muito menos falava. Minha cabeça pesava. A dor latejava.

BANG! Um tiro ecoou.

Meu corpo encolheu. Lágrimas quentes deslizaram. Minhas pálpebras estremeceram. Permaneci de olhos fechados. Temia ver Denden morto. Ele morreu.

Não…

"DESGRAÇADO! MERDA DE ESGOTO! USTED NO SABE COM QUIÉN SE ACABA DE METER!"

Ergui a cabeça. O sangue escorria da perna dele. Alívio. Ele estava vivo. Respirei fundo, tremendo.

"Responde, maldito! Quem caralho são vocês?!" O militar trincou os dentes. Pressionou o cano do revólver contra a testa de Denden. "Por que estava com aquele carregamento?"

O mercenário sorriu. "Tá confuso, montón de mierda? Só vai tirar de mim meus miolos." Ele riu.

Eu quase ri com ele.

A coronhada atingiu sua cabeça.

Os dois saíram.

O silêncio sufocava.

Denden virou a cabeça. "Fica atenta, chica. Vão voltar."

Joguei a cabeça para trás. Meu corpo pesava. A dor me esgotava. Sangue seco no rosto. Sabor metálico nos lábios. A escuridão me tragava. Sinceramente, estava exausta. Pronta para desistir. Era isso. O fim. Eu sabia que sair dali era uma irrealidade. O calor deixava meu corpo. Minha respiração se tornava rasa.

Mas então… então Denden riu alto, como se a morte fosse uma piada. "Fica acordada, muchacha." Sua voz ficou distante. "Fica comigo. A gente vai sair dessa."

Não respondi.

"Já tive em lugares muito piores. Presta atenção na minha voz." A voz dele sorria. "Eu já fiquei preso na pior prisão de todas. Com a chica Maia."

Meus olhos se abriram um pouco.

"Vou te contar, beleza?" Ele tagarelava alegremente.

A imagem de Maia surgiu na minha mente. Seria tão fácil me juntar a ela. Meus olhos fechavam sem querer. Esforcei-me para resistir ao sono. Uma força me puxava de volta. Um instinto de sobrevivência insistia em faiscar.

Minha visão oscilava entre a realidade e algo mais. Uma silhueta. Cabelos brancos. Olhos de mel.

Eu te vejo, Maia... vVocê está aqui? Fala comigo?

A escuridão recuou. Tentei focar em Denden. Ouvir sobre ela me traria mais forças.

Ele sorriu, como se tivesse notado.

SHIN'EN GAI

S-2878 • L1 Alonluna • D10 Unabe

"Alonluna alonga a estrada do céu. Unabe acende eixo e escolha. A maré ergue brilho em passo firme. A história segue clara no ar."

DENDEN

Designaram eu, Kiara e Maia pra resgatar o kobun pra um oyabun. O líder do clã Ryuho-kai em Shin'en Gai, Cidade do Abismo, o submundo japonês.

Você é japonesa. Deve saber que a Yakuza se reergueu e se tornou a segunda organização criminal mais poderosa do mundo, ficando apenas atrás da Bratva.

Esse arrombado… nunca vou esquecer o nome do cabrón. Kotaro. Maldito. Prenderam ele em Fuchū. Segurança máxima. E ele só matou um policial. Um maldito gambé. E foi parar lá? Muito rígidos. Se me prendessem em segurança máxima por cada gambé desgraçado que matei…

Tsc. Melhor deixar isso baixo. Enfim…

Uma instalação perigosa. Mais de mil metros. Pra piorar, o espíritu carcomido ficou cinquenta metros abaixo do chão.

Missão impossível.

Deve ser por isso que aqueles cagóns nos contrataram.

Tínhamos uma seluna pra completar.

Estávamos caminhando até o nanoavião no aeroporto de Viracopos.

"Por que tá indo, Denden?" Kiara estava com seu mau humor costumeiro.

Dei um sorriso charmoso. "O que quer dizer, muchacha? Minha presença aqui é uma dádiva de deuses."

"Você é barulhento pra porra."

Inalei, chocado com sua declaração. "Também acha isso, chica?!"

"Sabe que ela tem razão." Maia mantinha os olhos à frente.

Minha expressão de indignação aumentou.

Entramos no avião, e Kiara se conectou com a IV.

"As duas tão falando lorotas. Deviam me agradecer por tá aqui. Eu e meu amorzinho." Lasquei um beijo na minha escopeta 12 da ARMANS, que eu carinhosamente chamo de *Rompe-culos*.

Se entreolharam e sorriram cúmplices. Kiara se sentou do lado oposto de Maia. Ambas olharam pra vista.

Adormeci algumas vezes durante o percurso de quase um dia.

Vou te dizer. Sou muito observador. Todo mundo sempre acha que eu, Denden, sou um doido impulsivo que pensa pouco. Até pode ser, na maioria das vezes, mas sei ler as pessoas.

A garota de cabelos brancos sempre chamou minha atenção. Ela era implacável. Sempre atenta. Só que naquela hora, parecia distraída.

"Por que o interesse repentino na cultura japonesa?" Kiara manteve os olhos na vista.

Maia mexia naquele celular antigo.

Acompanhei a conversa delas. Às vezes, fechava os olhos pra tentar tirar mais uma soneca.

"Nada demais." Ela guardou o aparelho no bolso.

A androide a olhou de relance. "Estranho pesquisar sobre a cultura do lugar que vamos. Você sempre se interessou o mínimo."

Maia apoiou os pés na mesa, se espreguiçando. "Só curiosidade." Aquele jeito de falar dela me causava uns calafrios.

Havia algo na Maia que me arrepiava. Era mais do que frieza. Era aquela presença dela. Era o fato de que… ela sabia de coisas. Coisas que nós nem sonhávamos saber.

Ela e Saymon.

Vou ser sincero. A presença dos dois intimidava até mesmo eu, el monstruo. Pra eu admitir isso é porque sou humilde o suficiente pra reconhecê-los como personas de respeto.

Silêncio

Finalmente. Estava louquinho pra dormir.

Acordei.

Estávamos próximos de pousar. Kiara pegou seu rifle de precisão. Maia, uma pistola qualquer. E eu, a *Rompe-culos*. Pegamos um carro até Minami, um distrito de Tóquio. Ficaríamos hospedados por lá.

Tóquio é a cidade mais moderna que já vi. Enquanto os robôs gigantes andavam pelo Sentã, os robozinhos brotavam do nada.

Tudo me impressionava.

O ar cheirava a fumaça eletrônica e fritura, um mix de neon e vapor pairando sobre as ruas. Holotelões piscavam, gritando propagandas invasivas. Entre os becos, olhos artificiais espiavam. Câmeras ou implantes? Difícil dizer.

Holoárvores viravam um adware. Aerovias pixeladas. E os carros?! Um carro se transformou em um robô diante dos meus olhos.

Era muito doido. Todos os lugares eram coloridos e brilhantes.

E os implantes das pessoas? Um cara tinha quatro olhos. Quatro olhos, carajo.

A comida? Hum, só de lembrar, fico com água na boca. E agora estou nesse lugar de mierda…

Enfim, chegamos a Minami.

Casas tradicionais japonesas ficavam dentro dos prédios. Costumávamos nos hospedar em hotéis. Porém, desta vez, ficaríamos na casa da avó do maldito Kotaro. Uma velhinha simpática. Bem diferente do cabrón.

Era nossa primeira vez em Tóquio. Em contato com a cultura tradicional japonesa.

Sabíamos pouco como agir.

Yasu nos esperava na entrada. Vestia um yukata violeta. A velhinha sorriu fraco. "Youkoso." Se curvou. Depois descobri que queria dizer "boas-vindas".

Nos curvamos também, desajeitados.

Ela sorriu mais. Olhinhos gentis. A senhorinha mais adorável que já conheci.

"Fiquem tranquilos quanto às formalidades. Vamos entrar, fiquem à vontade." Na porta, nos entregou três pantufas. "Podem deixar seus sapatos aqui e as armas ali." Apontou pra uma mesa.

Assim o fizemos.

"Preparei uma refeição. Imagino que a viagem tenha deixado vocês com fome, sim." Nos guiou pela casa. Uma mesa curta. Almofadas ao redor. "Esperem aqui."

Sentamos e olhamos os arredores.

"Una señora muy fofa," sussurrei.

"É raro sermos tão bem tratados por alguém em uma missão,"

Kiara comentou.

Maia manteve o olhar atento. Mais do que desconfiado, curioso.

Minutos depois, Yasu trouxe uma bandeja: tigela com arroz, sopa de miso, legumes em conserva e peixe.

Comemos.

A senhorinha tirou a mesa. Quando voltou, segurava um nanodispositivo. "Agora que estão de barriga cheia, vamos aos negócios."

Olha, sei lá o que aconteceu, mas de repente uma sombra surgiu no rosto dela.

Sentou-se à mesa e colocou o dispositivo no centro.

Clique

Um holomapa surgiu.

"Essa é a planta da prisão de Fuchū."

"Tem a planta da prisão?!" Kiara arregalou os olhos.

"É claro, jovem. Eu quem cuidei da modernização e nanoreestruturação do presídio." Ela deu um sorrisinho sem vergonha. "Muito bem. O baka do meu neto está localizado no 12º subsolo. Cela dois. Duas nanoportas reforçam a cela. Apenas o chefe do andar, mantenedor da chave, pode abrir. Cada andar possui dez guardas."

Yasu bebericou o chá. "Um único nanoelevador dá acesso aos andares. Todas as nanocâmeras estão atrás das paredes. Nanosensores térmicos e de movimento. Presenças sem cadastro acionam o alarme. Em segundos, as nanites da estrutura imobilizam o invasor. Imediatamente, os guardas cercam."

Ela levantou três dedos. "A sala de comando da IV se divide em três locais. Todas espalhadas por Tóquio. Mudam a cada seluna ou lunação." Ela bebeu mais chá. "Oh, perdoem meus

modos. Esqueci de trazer para vocês." Levantou-se antes que pudéssemos responder.

"Tudo isso porque o cabrón matou um gambé," resmunguei.

"A polícia de Tóquio é eficiente pra caralho. Lideram os lugares mais policiados do mundo," Kiara informou.

Maia encarava o mapa.

"Mesmo assim, chica. Ir preso por uma besteira dessa? Fico pensando qual seria a pena por uma carnific—"

Yasu retornou, trazendo três xícaras de chá. "Servidos?"

Fiz uma careta. Consegue imaginar eu, Denden, bebendo chá? Óbvio que seria desagradável fazer desfeita. Devo admitir, tava gostoso.

"Uma IV controla a prisão. Só há uma entrada e saída no térreo." Ela espalmou as mãos na mesa. "Nas celas, nanoalgemas seguram os prisioneiros. Eu sei. É perfeito. Feito para ser uma prisão infalível." Seu tom era melancólico.

Maia emanava um olhar felino. "Fica serena, senhora Yasu." Ela pousou a mão no braço dela. "Vamos trazer seu neto de volta."

Como fazia aquilo? Mesmo toda simpática, a frieza escapava pelas frestas. Tentáculos amigáveis. Prontos para esmagar ao menor descuido.

A senhorinha sorriu com os olhos. "É muita gentileza. O aho do meu filho é incapaz de salvar a própria família." Seus lábios ficaram rígidos, mas rapidamente se abriram num sorriso. "Devem estar cansados, sim? Preparei um lugar para dormirem." Ela se levantou e foi até a porta. "Podem ficar com a planta. Discutam a estratégia. Peçam o que precisarem."

Quando terminamos de conversar, fomos dormir. Fiquei em um quarto. Maia e Kiara, em outro.

Acordei um pouco antes da meia-noite e fui pro banheiro.

No caminho, vi Maia na cozinha com Yasu.

"É assim que se prepara." A senhorinha mexia em uma panela.

Parei, observando a cena.

Maia acompanhava. "Existe um prato para cada ocasião?"

Yasu sorriu, experimentou o que cozinhava e ofereceu para Maia. Maia segurou a colher, hesitando por um segundo. Seus olhos percorreram a sopa como se buscassem algo além do sabor. Então experimentou. Sua expressão permaneceu neutra, mas vi algo ali, um relance de emoção crua, frágil, antes de desaparecer.

Yasu jogou um tempero na panela. "Existem ocasiões que podem ser mais especiais que outras. O que tem em mente?"

Confesso: a conversa me deixou curioso, porém, o cheiro de gengibre fresco e molho de soja queimado preencheu o ar. Forte o bastante pra fazer alguém lembrar de casa, ou da que perdeu.

"Um jantar especial. Se a pessoa estiver triste, doente, ou…" Maia pigarreou. "Se for aniversário dessa pessoa." A voz dela diminuiu.

"Sim, querida. Existe um prato para essas ocasiões. Se a pessoa for japonesa, ficará feliz em receber algo tradicional. Não aquela baboseira de Comibot. Se quiser, posso te passar algumas receitas." Yasu soprou o vapor. "Naturalmente, qualquer um ficaria feliz em comer algo caseiro." Ela arqueou a sobrancelha. Perspicaz.

Sabia que logo seria notado. Fui pro banheiro. Depois, voltei a dormir.

Vou ser honesto. Me surpreendeu saber que a garota tinha um interesse culinário. Só que, algo naquela cozinha parecia mais do que só tempero. Algo antigo.

Mas, bem… quem sou eu pra falar? Sou cheio de interesses.

INFILTRAÇÃO

S-2878 • L1 Alonluna • D17 Fluxli

"Alonluna sustenta luz já madura. Fluxli libera o fio em curva suave. Gaia desenha maré em prata alta. A história ganha fôlego e segue."

Devo dizer, meu feitio é agir mais, analisar menos, mas uma missão como aquela pedia certa cautela.

Visitamos os arredores da prisão. Uma zona de segurança de um quilômetro circundava o lugar. Estávamos em uma sacada a mil metros de distância. Maia e Kiara conversavam entre si. Enquanto a androide procurava um lugar pra se posicionar, a garota se aproximou de mim. Permaneceu em silêncio.

"Soube que foi seu aniversário nessas selunas passadas, chica." Apoiei os braços na mureta. "Abeli de Silenluna?"

Ela me olhou de relance.

"Seja de onde for todos têm a mesma expressão nessa data, mas ainda é um dia abençoado." Eu sorri. "Feliz cumpleaños. É mesmo uma muchacha de camadas."

Maia continuou impassível. Então, suspirou. "Gracias." Sorriu de lado e saiu.

Com as análises feitas, formulamos um plano.

Na seluna do prazo

Sei lá que tipo de habilidade aquelas duas têm. Só sei que eram imbatíveis em invasões. Kiara descobriu um dos locais do centro de segurança de Fuchū, onde nos infiltraríamos pra desativar parte do nanosistema.

Kiara abriria uma janela no primeiro andar, Maia entraria na prisão, e depois eu me juntaria a ela. A androide nos cobriria como franco-atiradora.

O nanosistema seria restabelecido em trinta minutos. Naquela noite, haveria manutenção. O centro de energia da sala de comando atrasaria pra responder às emergências.

Isso nos daria duas horas pra trabalhar na nossa mágica.

Tudo corria bem.

Chegada a hora

A sala ficava em um prédio comercial. Abarrotado de civis. Comércios. Robôs. Androides. Se algo fugisse do plano, se tivéssemos que improvisar, poderíamos ser detectados.

Nos misturamos na multidão. Kiara fez o primeiro movimento: adentrou uma porta de acesso restrito, perto de uma escada abandonada.

Cinco minutos passaram.

TOC TOC Duas batidas. Nosso código.

Corpos jaziam no chão. Kiara tinha um androide preso num mata-leão. Os olhos dela brilhavam em violeta. O androide se contorcia nos braços dela. Um fio saía do pulso dela, se conectando ao núcleo da máquina.

ZIIII ZIII ZIII Um zunido estridente.

Um homem ajoelhado na sua frente.

"Faz sua mágica."

Me aproximei do homem. Seus olhos arregalados. "Vamos, cabrón. Me entende?"

Ele assentiu.

Eu cheirei o medo escorrendo dele. Alimentando meu ser. Escancarei um sorriso. "Muy bién. Hora de ir pro inferno."

Os olhos do homem se arregalaram. Pupilas dilatadas. O rosto congelado num grito silencioso. Vi a lucidez evaporar. Vi a sanidade se esvair como fumaça. Ele já estava longe dali. O medo o consumiu por completo. Ele caiu pra trás. Gemendo de terror.

Ah, esse som… me excitava tanto! Um delírio me apossou. Peguei ele pelo cangote. Meus olhos queimaram com fervor. "Preferem morrer do que revelar seus segredos? Vou te mostrar algo muito pior do que a morte."

Te contar a minha habilidade, chica.

Sabe por que sou um ciborgue?

Porque, em 2850, após viver nove ciclos, um merda me sequestrou, roubou meu coração e, com uma crueldade única, deixou no lugar um coração com uma seluna de vida.

Saí da minha terra natal, Medellín, na Colômbia, e fui pra São Paulo. Um cara conhecia outro cara. Que conhecia uma mulher. Que conhecia outra. No fim, me disseram que eu encontraria a solução nas Terras de Ninguém.

Eu queria viver, chica. Pagaria o preço por isso.

Os mercenários me levaram pra Netheria. Conheci o Patriarca. Ele disse que eu viveria, que me daria um novo coração. Uma nova nanotecnologia sendo testada. Todas as cobaias morreram. Eu tinha 5% de chance de viver. Sabe o que eu pensei? Já vou morrer mesmo. Pelo menos que morresse lutando.

Me implantaram um nanocoração, Thanacore. Mais do que recuperar minha vida, adquiri essa habilidade.

Transmito algumas nanites pro sistema cardiovascular de

alguém. Essas nanorobozinhas viajam pelas veias até o cérebro, liberando altas doses de adrenalina e noradrenalina.

Isso faz a pessoa reviver seu maior medo. É tão insuportável que querem se matar. Nesse ápice, paro a transmissão e ela se submete a mim inteiramente por alguns minutos.

Minutos suficientes pra mandar o guarda desativar a segurança. Ele desativou o nanosistema e caiu no chão em posição fetal. Balbuciava, os olhos vidrados.

Kiara hackeou o androide. "Programei ele pra desativar o nanosistema quando reiniciar. Vai desligar as câmeras de segurança. Depois, atirar no próprio peito."

A invasão

Seguimos pra prisão. Tínhamos uma hora até restabelecerem a energia.

Eu e Kiara nos separamos.

A área com o nanosistema desativado estava pouco iluminada. Guardas se movimentavam. Esperei Kiara cuidar de alguns deles.

Pulei pela janela.

Maia deixou um rastro de corpos. Sem uma gota de sangue. Como ela fazia isso? Vai saber.

Segui a trilha. Peguei o elevador e desci até o 12º subsolo. As portas abriram. Uma fileira de corpos se estendia até o fim do corredor.

Maia e um jovem japonês se enfrentavam.

A voz dele ecoava pelo andar. Exalava desprezo. "Só saio daqui com a Ninkyō dantai. É uma desgraça ter uma maldita gaijin me resgatando." Kotaro. Ele enrijeceu os lábios e cuspiu nos pés dela.

Pouco importava o que aquelas palavras significavam, mas

nadinha gostei da sonoridade delas.

Estava prestes a pegá-lo pelos cabelos, porém Maia me parou com um gesto de mãos. "Não. Ele se recusa a ser salvo por nós. Vamos embora." Ela semicerrou os olhos e andou em direção ao elevador.

Fuzilei o cabrón com os olhos e a segui.

"Isso mesmo, gaijin, saiba o seu lugar." Ele sorriu ironicamente.

Só mesmo o olhar repreensivo de Maia pra me impedir de arrebentar a cara do mierda.

Estávamos perto do elevador. Um grito de agonia ecoou pelo andar inteiro.

Kotaro caiu no chão. Se contorcia de dor.

Olhei de canto pra garota.

Maia mantinha o semblante inalterável. Minhas entranhas diziam que ela fez algo com ele.

"O-o que voc—" Ele tentou se levantar.

"Talvez ele tenha mudado de ideia. Quer ajudá-lo?" Maia tinha um ar sombrio.

Andei até o garoto com um sorriso satisfeito. "Vamos, maldito." Levantei ele pelos cabelos e o joguei por cima do ombro.

O jovem estava quase paralisado. Kotaro gemeu de dor. "Vão ver, porra! Vou falar pro meu oyabun!" Ameaçou com os dentes trincados.

No primeiro andar, o garoto bateu nas minhas costas. "Me solta. ME SOLTA!" Bateu de novo. "Já consigo me mexer."

Larguei ele no chão com muita satisfação.

O sujeito me encarou com cara de quem comeu merda e desgostou. Imán de cagadas.

"Kasu, vão ver," repetia sem parar. Nos amaldiçoava em

japonês. Kotaro tinha o rosto vermelho. Suado. Uma bomba prestes a explodir.

Me contive pra evitar esmagar a cabeça do mierda.

É, chica. Deveria ter feito isso.

O garoto, sem neurônios, se jogou contra a parede e apertou o botão do alarme.

O inferno começou.

Maia puxou ele pelos cabelos e o arremessou no chão. Pressionou o joelho contra seu pescoço e aproximou o rosto do dele. "Pediram pra te resgatar vivo, mas nada sobre estar inteiro." Quebrou um dedo dele.

Kotaro urrou de dor.

"É melhor se comportar, ketsumedo yarou." Quebrou mais um de seus dedos. Largou ele.

"Shi'ne! Shi'ne!" Kotaro berrou. Olhos lacrimejantes.

Me dobrei de rir. Que delícia de cena! Preparei a *Rompe-culos*. Esperei. Meu amorzinho estava louca pra se deliciar de novo.

PEEOW! PEEOW! PEEOW! O alarme soou.

Escutamos os passos dos guardas.

Kotaro levantou. Olhava pra mão. Desespero enraivecido.

Maia se juntou a mim. Pistola em mãos. "Proteja ele. Kiara tá vindo."

Corremos pra área externa. Mais guardas apareceram.

Rugi de fúria. A euforia me tomou. A *Rompe-culos* estrondeou.

O primeiro guarda explodiu como um balão de carne. O segundo teve o peito rasgado.

Gritos. Chuva de sangue. Escorreguei em algo quente. Miolos. Meu corpo acendia com a adrenalina. Matei mais um. E outro. E outro. E outro. Os corpos se desfizeram em pedaços.

Um inferno vermelho se abriu à minha frente. Um espetáculo

de sangue e fogo. Carnificina pura. Órgãos e peças robóticas caíram sobre nós. Me banhei no sangue dos malditos. "Se mexe, montón de mierda. Cagón desgraçado!"

O puto do Kotaro entendeu minha ordem. Pegou uma arma do chão. Com os dedos quebrados, atirou mal pra caralho. Mas até que conseguiu matar alguns gambés.

Maia seguia pelo flanco. Ágil. Silenciosa.

O que se seguiu foi um mar de sangue. Gritos. Muito frenesi.

Kiara pegou o garoto Kotaro.

A nanoenergia retornou. Os nanosensores nos imobilizaram. Eu e Maia fomos neutralizados antes de conseguirmos alcançá-la.

Fomos forçados a nos ajoelhar.

Nos prenderam.

PRISÃO

O tempo se desfez em fragmentos. Afundei no inconsciente abissal.

Então, despertei.

Lembro de uma sala branca. Maia deitada em uma maca ao meu lado, amarrada com nanometais. Eu também estava na mesma situação. Uma dor excruciante latejava no corpo. Choques do nanometal.

"Decidiu acordar?" Sua voz, mesmo fraca, soava audaciosa.

Soltei um riso abafado. "Ah, chica…" Minha voz ecoou estranha. Uma mordaça apertava meu maxilar. "Que mierda é essa?" Olhei pra ela. Seu rosto estava descoberto. "Por que só eu tô usando um desses?"

Maia sorriu de lado. "Você só sabia xingá-los. Só isso deteve sua boca. Até agora."

"Esses cabróns acham que essa merda vai calar el monstruo? Tão muito enganados."

"Eu sei."

Parei, um tanto surpreso. Sorri com minha ingenuidade.

É claro. Eu a observava. E ela também me observava. Mesmo que tentássemos sufocar nossa alma, no fundo do nosso ser, parecia que seu olhar atravessava as defesas.

"Quanto tempo?"

"Dois dias."

Dois dias depois

Tudo se apagou, exceto por uma fraca luz de emergência piscando no corredor. Gritos dos seguranças começaram a ecoar do 16º subsolo, conhecido como "O Abismo".

TCHK TCHK Escutei alguns estalos. Os nanometais se soltaram.

Obra dela. Como? Não faço ideia.

Maia foi à frente.

Nossas vestes brancas surradas e ensanguentadas se tornaram nada comparadas com o corredor preto que percorremos. O cheiro era um miasma pútrido de merda. Sangue. Algo profano. Que grudava na pele e revirava o estômago.

O que vi ali, chica? Foi uma amostra do inferno. Já visitou Vermina, o lado da Matriarca? Pois é. Aquele lugar… conseguiu se igualar.

Presos deitados nas macas, em salas transparentes, tinham órgãos grotescos expostos conectados a nanopróteses.

Um cara parecia ter saído de um filme de terror. Seu cérebro inchado, como se tentasse escapar da própria cabeça. Tentáculos orgânicos se estendiam, costurados por fios à máquina. Seus olhos esbugalhados nos seguiram. Suplicantes. Palavras caladas.

Mas eu entendi. Eu, Denden, el monstruo, senti um frio percorrer minha espinha. O pior é que estavam vivos, chica. Isso era mais do que uma prisão. Era um altar de sofrimento eterno. Foi uma das maiores profanações que presenciei.

Pegamos o elevador pros andares de cima.

"Temos dez minutos," alertou Maia.

Tinha uma sala no térreo com várias armas, e lá estava ela,

brilhando, como se me chamasse. A bazuca. Meu trunfo. E, claro, a *Rompe-culos*, ardendo de fome.

"Esses cabróns vão se arrepender de terem mexido com Denden, el increible."

Maia sorriu e pegou um fuzil.

Na entrada, os guardas postavam-se prontos.

O show de sangue começou.

Ninguém é páreo pra mim. Ninguém escapa da minha loucura. Atravesso qualquer defesa, chica. Tiveram o prazer de ver isso de perto.

E estávamos acompanhados. No meu frenesi, um mierda se aproximou por trás. Quando virei, ele caiu no chão com um buraco na testa. Kiara olhava por nós.

Minha risada superou os tiros. "Seus fudidos! São nada pra nosotros, montón de mierda."

Alcançamos a zona exterior. Mais guardas vinham.

"Temos que ir, Kiara tá nos esperando." Maia apontou pra uma plataforma. O carro de Kiara pousava.

Os portões externos quase fechando. Corremos e atravessamos.

Claro que as coisas tinha quem ser cobradas. Principalmente depois do que fizeram com nós. Principalmente depois do que vi.

O portão se fechava.

Segundos.

Mirei. Respirei. O dedo apertou o gatilho.

FWOOSH O projétil riscou o ar como um cometa.

Meio segundo.

Silêncio.

BOOOOOM!

O mundo estremeceu com a fúria de um dragão ancestral. As

chamas ergueram-se como colunas de guerra. A noite virou dia. E o inferno desceu sobre Fuchū. A fortaleza inquebrável ardia no inferno que ela mesma criou. Um incêndio de caos.

Meus olhos brilharam com os flashes alaranjados.

"Vamos." Maia entrou no carro. Fui logo atrás dela.

Fizemos história ali! O mundo inteiro soube, embora eu tenha carregado a glória e o fardo da fama sozinho. Maia e Kiara apagaram os vestígios de suas participações. Mas nosso nome ficou gravado no tecido daquela prisão impossível. O primeiro grande erro de Fuchū. Ela mudaria para sempre.

Kiara nos esperava. Yasu também.

O mundo… bom, o mundo que se segurasse. Porque a gente ia vir. Naquele momento, enquanto o sangue e a fuligem colavam em nossas peles, tudo o que sentíamos era uma verdade absoluta:

HAVÍAMOS SOBREVIVIDO.

Encontramos Kiara quatro quilômetros depois. Ela se juntou a nós. Voltamos pra casa de Yasu e descemos do carro.

O custo que a pressão e adrenalina cobravam era alto. O corpo se rendeu. Dor. Exaustão. Tudo veio como uma avalanche inevitável.

Primeiro Maia. Tossiu e vomitou sangue. Depois eu, mas a mão ainda agarrava a Rompe-culos. Era como se nos fosse dada a permissão para desabar.

Kiara e Yasu trataram nossos machucados.

A senhora usava técnicas de cura tanto antigas quanto modernas. Nos ajudou a ter uma recuperação mais rápida. Nos enfaixou da cabeça aos pés com nanofaixas. As nanites reconstruíram nossos tecidos danificados.

"Quando ajudei a reerguer Fuchū, ignorei as intenções ob-

scuras por trás de propósitos tão trevosos," murmurou Yasu. A senhora trouxe uma bandeja com mingau de arroz cozido. Segundo ela, uma alimentação leve, indicada pra quem teve os órgãos gravemente feridos.

Na seluna

Estávamos quase curados. Prontos pra entrar no carro, vazar dali.

Yasu nos parou. Fez uma longa reverência. "Otsukaresama deshita." Agradeceu profundamente.

Reverenciamos de volta.

"Antes de irem, alguém quer vê-los."

O maldito Kotaro surgiu e andou na nossa direção. O rosto carregava arrogância. Mas o rabinho? Bem entre as pernas.

Se curvou. "Arigatō." Antes dele levantar…

PLAC! Yasu lhe deu um tapa na cabeça.

Ele cerrou os punhos. "Perdoem minhas ações. Minhas mais sinceras desculpas." Nos fuzilou com o olhar.

Eu sorri. Largo. Saboreei o momento.

Yasu se aproximou de Maia. Depositou um dispositivo em suas mãos. "Aqui está aquilo que te falei." Piscou, sorrindo.

Provavelmente, as receitas.

Maia sorriu com o olhar e guardou no bolso. Kiara a olhou de relance. Segurava um sorriso.

Entramos no carro e voltamos pra São Paulo.

RESISTIR

A dormência me deixava pouco a pouco. Meu estômago se revirava. Fome matadora. A dor consumia meu corpo. As têmporas martelavam. O estresse fervia no sangue. Mas então…

Maia.

Seu nome brilhou na minha mente. Um calor preencheu o peito. A saudade queimava, mas com uma dor aquecida.

Já essa tortura era fria. Cruel e ilógica.

A dor cedeu um pouco. Maia, como você era tão forte? Como conseguiu? A saudade vibrou. Quis chorar. Quis pedir por mais histórias sobre ela.

De repente, o portão abriu. ***Krrrekk*** Metal rangeu. Frio. Cortante.

"Los mierdas voltaram." Denden riu, maníaco. "Ei, chica, seja forte. Fica tranquila. A gente sai dessa."

Os dois militares entraram com a postura rígida e olhares vazios. Traziam um nanoaparelho. Letal. Preciso.

Um deles conectou um nanochip na minha testa. Gelo perfurou a pele.

Silêncio

ZZZZAP Choque.

Cada célula incendiou. Fagulhas explodiram atrás dos olhos.

O trovão rasgou minha espinha. Veias contraídas, torcidas. Impossível respirar. IMPOSS…

"Ei, chica. Segura firme." Denden ria. Sua risada alucinada era um eco distante.

As cores sumiram. O mundo desfez-se em luz e trevas. E então…

Nada.

INOCÊNCIA

Por que essas memórias continuam voltando... repetindo-se? Não as tinha mais. Eu as superei. Ou pelo menos acreditava tê-las superado.

Por que estou lembrando disso? Isso já passou. Isso estava longe de me tocar. Mas então... a dor volta. E eu sou aquela criança de novo.

Quantos ciclos tinha vivido? Talvez sete ou oito.

Desci as escadas na noite fria, mas esqueci do motivo. Parei no meio do caminho e escondi-me atrás da parede ao ouvir gritos. Já havia escutado aqueles gritos antes. Ficavam cada vez mais comuns.

Estremeci. Medo.

Aquela voz. A voz do meu pai. "Se acha melhor do que eu?"

Inclinei a cabeça para frente. Ele dava tapas no rosto da minha mãe. Meu sangue gelou e o coração quase parou. O que estava acontecendo? Quis chorar.

"Se acha melhor do que eu por descobrir o último código da NeuroSync?" Outro tapa. Um grito. Riki jogou Hideaki no chão.

Ela se apoiou no sofá. Chorava desesperadamente, mexendo a cabeça em um gesto de negação. "E-eu... não..." Os cabelos bagunçados caíam sobre o rosto vermelho, ensanguentado, assim como as mãos. Ela se encolheu. Braços erguidos para se proteger.

Em vão.

Riki empurrava. Cada golpe afundava mais o corpo dela contra o chão. "Se acha melhor do que eu?! RESPONDA!!!" O rosto queimava

em fúria.

Hideaki ficou calada.

"Deve ter gostado de toda a atenção, sim?"

Meu bichinho de pelúcia caiu no degrau abaixo. Ao tentar pegá-lo, caí. A cabeça bateu na parede.

Silêncio.

Peguei a pelúcia e sentei-me, esfregando a testa.

E então... tudo mudou.

Riki me encarava. Colérico. Minha mãe levantou o rosto. Os olhos, molhados, refletiam culpa e tristeza.

Ele caminhou até mim. Dentes trincados. "O que pensa que está fazendo?"

Encolhi-me e abracei meu ursinho. O puxão no cabelo veio forte. Lágrimas escorreram. Minha alma de criança se esvaiu com elas. "Q-queria beber água."

Seria esse o motivo? Desci para beber água? A certeza se foi.

Minha mãe se arrastou até nós. "LARGA ELA!" Ela tentou puxá-lo, porém ele permaneceu firme. "SOLTA ELA!!!" Agarrou mais forte o braço dele, pois Riki era forte demais.

"Deve parar de estudar às dez. Tem um bebedouro no quarto. Onde está Takashi?" A ameaça na voz dele.

Tremi.

"Volte para cima, amanhã conversaremos." Ele soltou meus cabelos.

Continuei imóvel.

"AGORA!"

Reuni as forças e corri para o quarto.

A última coisa que ouvi, os tapas e os gritos de Hideaki.

O grito da minha mãe, ele ficou comigo. Ele ainda está comigo.

Mesmo agora. Mesmo depois de tudo.

LIMITES

Despertei. A luz branca me cegava, e à minha volta, uma sala ainda mais branca dificultava a visão. O peso do corpo era insuportável, mas a dor no peito… esmagadora. Por que essas memórias voltaram? Por quê? Fechei-as a sete chaves no fundo do coração. Agora retornaram. Ardiam.

"Quem é você?" A voz soou gentil.

Denden? Cadê a voz dele?

"Sente fome?" O militar, trajando jaleco branco, sentava-se com as pernas cruzadas, mantendo os olhos na holotela à sua frente.

Assenti. Fracamente. A rigidez dos músculos e ossos me imobilizava. Eu sobreviveria? Ou já estava morta? As palavras de Kiara ecoaram como um sino. Ninguém viria atrás de mim. Afinal, eles haviam bloqueado meu biochip.

Seria mais fácil desistir. Acostumei-me com a dor excruciante e constante. Meus pensamentos desconexos sussurravam: *Perdi todo o meu propósito.* Questionei se valia a pena continuar. Sobreviver. Lutar pela minha vida. Por que deveria? Tudo parecia vazio. Sem sentido.

Talvez fosse melhor aceitar que morreria. Sentia minha vida se esvair. Enquanto o sofrimento consumia cada átomo do meu ser, o militar pegou despreocupadamente uma barra de cereal.

O barulho da embalagem irritou meus ouvidos.

Ele aproximou a barrinha da minha boca inchada.

Só consegui saborear o gosto do sangue. Minha fome era assassina. Ignorei a dor da mordida. Apenas mais uma entre tantas outras. O pedaço travou na minha garganta seca e engasguei.

Ele me serviu água.

Desceu rasgando pela goela. Bebi como se estivesse há dias no deserto. E estava.

"Melhor?" Voz apática.

Melhor? Nasceu um instinto dormente. Uma raiva que queimava no peito. Ele me dava uma comida miserável e gotas de água. E ainda me perguntava se eu estava melhor? Tentava se fazer de salvador do que eles mesmos haviam causado. Imaginei-me socando a cara dele. Fuzilei-o com o olhar.

Ele suspirou. "É inacessível quem você é. Sua mente é muito resistente."

Uma surdez dominava, mas me concentrei em cada palavra sua.

"Apesar disso, vi fragmentos interessantes. É uma médica de São Paulo. Responsável por uma pesquisa crucial envolvendo a memória. Impossível saber, afinal, a Rede Aether sempre esconde quais nanopesquisas conduz." Descruzou as pernas e aproximou o rosto do meu. "Quero saber quem você é. E os detalhes desta sua pesquisa." Ele sorriu, amigável.

Mentira. Eu sabia o que aquilo significava. Os fios conectados à minha cabeça.

Sinaptic-V.

A nanotecnologia inspirada no soro da verdade. As nanites potencializavam seu efeito, interrompendo o envio de informações dos neurônios a outras células. A força de vontade da

essência era completamente anulada, além dos efeitos colaterais de alucinações, convulsões e febre alta.

Isso explicava por que revivi aquelas memórias. Eu estava sob efeito do dispositivo há dias. A julgar pelo meu senso afetado, fome, sede, exaustão psicológica e emocional. Ainda assim, a resistência mental poderia mitigar o impacto do software, mesmo que parcialmente.

Riki nos treinou, Hideaki e a mim, para resistir a quaisquer métodos de indução. Desde os meus oito ciclos, ele me expôs a esses softwares. Ensinou a balbuciar informações desconexas. Ele dizia que, para uma cientista, proteger seu bem mais precioso, o cérebro, era questão de sobrevivência. Afinal, na Zênite, tubarões sempre se espreitavam. Prontos para explorar qualquer fraqueza e tirar tudo de alguém.

"O-onde está Denden?" Minha energia se dissipava a cada sílaba. Pisquei. Lutava para me manter acordada. Por que ainda tentava?

Ele riu baixo. Desdenhoso. "Mesmo nessa situação, ainda se preocupa com os outros? Impressionante. Enfim, explique esta pesquisa." Sua voz permanecia tranquila. "O que uma médica fazia no armazém de Alexandria? Mais uma vez, a Rede Aether quer roubar nossa nanotecnologia?"

Do que ele estava falando? Joguei a cabeça para trás. A dor latejava intensamente. Os efeitos colaterais persistiam. Mesmo com o aparelho desligado, meu corpo tremia. Suava frio. Minha roupa, encharcada de sangue, vômito e suor, grudava na pele.

"N-nada… dizer." Pronunciar míseras palavras foi um esforço colossal.

Ele trincou o maxilar. Seus olhos faiscaram de ira. "Está no seu limite. Vai ceder em breve. Vou tirar cada informação sua que quero. Depois, vamos retaliar a Rede Aether. Pagarão pelo

que fizeram ao Egito." Sua gentileza se desfez em um sorriso arrogante. Ele apertou meu rosto com força. Saiu. Deixou-me em um silêncio opressivo.

Respirei fundo, tentando manter a calma. O receio se apoderava de mim. A água era insuficiente para repor todo o líquido perdido. Meu estômago parecia ter encolhido pela falta de comida.

Sorri. Amargo. Apostei comigo mesma: Seria desidratação? Desnutrição? Hemorragia? Ou morte cerebral que me levaria primeiro?

Ele estava certo. Cheguei ao meu limite.

A dor. O vazio. O som da embalagem. O gosto do sangue. Os fios enfiados na pele.

Quem sou eu? Quem sou eu? Quem sou eu?

ZZZZT O choque de novo.

A eletricidade rasgava minhas células. Incendiava minhas veias. Fritava meu cérebro. Os espasmos sacudiam meu corpo. Os músculos rasgavam por dentro. Meu coração errava as batidas. Cada fibra queimava. Lutei contra aquilo. Minha força era ínfima.

Não.

Lutaria contra a exploração por eles da minha mente como bem quisessem. Bloquearia meu cérebro. Usaria o único método possível para impedir a indução: tomar o controle dele.

Por que ainda tentava? Uma intuição de uma outra eu, talvez. Agarrei-me ao que me mantinha firme, ao que me fazia lutar.

Fechei os olhos. Busquei as memórias de Maia. Concentrei-me em dominar meus pensamentos. Se querem algo, encontrarão apenas um labirinto oco. Um eco.

Meus pensamentos? Não. Só balbuciações desconexas.

Distorções.

Morreria, porém, defenderia minha dignidade até o fim.

Deixei as lembranças de Maia me envolverem.

PRIMEIRAS VEZES

Após me recuperar da gripe, voltei ao trabalho presencial. A alegria vibrava em mim. Maia dominava meus pensamentos. Sorria ao lembrar dos nossos momentos, que me arrancavam da realidade fria e cinza, conduzindo-me por caminhos até então desconhecidos do meu coração.

Inimaginável que gostar de alguém pudesse ser tão… transformador. Era mais do que um simples gostar. Era algo que nos marcaria para sempre.

Aquele dia foi agitado, pois os pacientes processavam as memórias rápido demais. Os efeitos colaterais se agravaram. Imediatamente, encaminhei-os ao tratamento intensivo de recuperação para que descansassem o corpo, a mente e o espírito.

Nos intervalos, organizei os resultados e os dados acumulados no meu afastamento. Na seluna seguinte, teria que estruturar os efeitos da CogniSynth. Só de pensar nisso… cansaço.

A biotela piscou. Sorri, bobamente. Mensagem de Maia: *'Quer sair na primeira lua crescente? Me encontre às 13h, na Espiral do Milênio.'*

Curioso. O horário. A localização. Bom, isso pouco importava. O que realmente importava era sair com ela. O resto? Apenas detalhe.

S-2878 • L4 Abeluna • D00 Silensi

"Abeluna abre o portal do brilho novo. Silensi firma começo em quietude viva. A maré desenha mapa em prata leve. A história entra clara, em passo suave."

Aquele foi o dia mais gelado daquele inverno, porém a cidade ainda vibrou vida. Centenas enchiam os parques de diversões. Visitavam atrações turísticas. Viajavam.

Uma pontada de inveja me atravessou. Minha família se restringiu a passeios casuais, a maioria eram encontros de negócios. Minha diversão era a piscina, após longas horas de estudo, que sempre continuavam. Mesmo nas férias.

Acostumei-me com isso. Era realmente impensável mudar minha realidade. Parte de mim preferia deixar tudo como estava. Encontrava o lazer nos livros, que se tornaram a minha fuga.

Eu vivia em preto e branco. Isso, claro, até Maia aparecer. E tudo, de repente, ganhou cor. Ela mudou tudo. Mais do que uma fuga. Ela transformou minha realidade.

Empolgada sob a energia da Donzela, vesti roupas invernais e fui ao encontro dela.

A Espiral do Milênio, o maior labirinto da América. Recolocada na Centrália em 2795, no bairro Sideria.

Após os devastadores ataques do comando de Kemetia, que quase destruíram São Paulo, a cidade foi reconstruída meticulosamente nos ciclos seguintes.

Na mesma região, ergueram-se as hospedarias, destino dos turistas. Uma escolha estratégica da Rede Aether, visando impedir o acesso às vias até Netheria. Centenas de indivíduos percorriam as aerovias. Flutuavam por Sideria. Superlotavam os pontos turísticos. Registravam tudo.

Sorri para mim mesma. A empolgação era contagiante.

Espiral

Como encontraria Maia?

Caminhei até a Espiral do Milênio. A cidade brilhava ao nosso redor. Um oceano de neon e hologramas se movendo no ritmo da multidão. A estrutura espiralada da atração se erguia no centro do parque, cintilante como uma miragem futurista. O reflexo das luzes dançava em suas superfícies de vidro e metal.

Em meio ao burburinho, avistei sua presença inconfundível. Olhos atentos varriam os arredores como os de uma águia. Sempre atenta. Vestia uma blusa creme e jeans. Simples, mas nela… tudo parecia especial.

Tão linda. Ela me acenou. Sorriso terno, delicado.

Meu coração pulou um compasso. Nossa, qualquer movimento dela me encantava. Sentir-me assim era uma novidade bem-vinda.

De repente, Maia segurou minha mão e guiou-me até uma das entradas da atração. Seu toque era firme, quente, seguro.

Mesmo acostumada com sua presença, meu corpo reagia. Um arrepio suave subiu por minha espinha e meu coração começou a palpitar, como se estivesse sendo despertado por algo novo.

Ela apresentou os ingressos à IV. Esperamos na fila.

Maia escondia um sorriso.

"É minha primeira vez aqui." Minha voz carregava um brilho raro de animação.

"Minha também. Fico feliz de fazer isso com você."

Meu rosto queimou e usei a mão livre para escondê-lo.

Ela a afastou. "Gosto de te ver assim."

Franzi a testa. Ela tinha plena ciência disso? Que descarada!

"O passeio dura trinta minutos." A IV anunciou na plataforma.

A cabine chegou. Transparente e moderna. Um brilho azul sutil percorria suas extremidades, como circuitos vivos. Hologramas ondulavam em suas paredes, projetando um labirinto translúcido em constante mutação.

Entramos com mais quinze indivíduos. Os outros conversavam e tiravam fotos. Nós ficamos em silêncio. Andamos pela cabine, observando os reflexos distorcidos do vidro. O carro acelerou, levando-nos até a outra ponta do labirinto. O início da atração.

Os hologramas se expandiram ao nosso redor. Tudo parecia simples. Corredores de neon acendente se estendiam em todas as direções. As paredes translúcidas piscavam suavemente em tons azulados.

No entanto, conforme avançávamos, o labirinto se transformava. As paredes mudavam de posição. Novos caminhos surgiam. Antigos desapareciam. O piso projetava ilusões ópticas. Ora parecia vidro frágil sobre um abismo infinito, ora simulava uma floresta etérea. Galhos luminescentes se moviam ao redor.

Maia estendeu a mão à frente. As pontas dos dedos atravessaram um dos hologramas, fazendo-o ondular, como água tocada pela brisa.

Ela sorriu. "Impressionante."

Vez ou outra, portas se formavam do nada. Só se revelavam quando alguém chegava perto o suficiente. No interior delas, sombras indistintas se moviam.

Ilusão… ou algo mais?

Em um momento, uma chuva dourada caiu do teto do labirinto. Reluzente, leve, cintilante. Quando tentei tocá-la, evaporou ao contato com minha pele.

"É como um sonho," eu murmurei.

Maia sorriu. "Talvez… realmente seja."

Em um trecho, ficamos presas. Maia deu de cara com uma parede sem saída. Coçou a bochecha, encabulada.

Rimos.

O som do riso dela era o melhor de todos.

Tentei tocar a parede. Nada.

Um novo caminho abriu-se ao lado, mas só quando paramos de olhar para ele.

Eu franzi a testa. "Espera… o labirinto muda quando olhamos para ele?"

Nos viramos rapidamente. O caminho de antes sumiu. Arrepios subiram por minha espinha. Era como se o labirinto tivesse consciência. Nos entreolhamos. E, assim como o labirinto, eu também mudava sempre que Maia olhava para mim.

Ela riu, meneando a cabeça. "O que mais eles inventam?"

Seguimos.

Quase no final do passeio, a voz anunciou: "Preparem-se para a foto em dois minutos."

Todos fizeram poses. Maia e eu continuamos viradas, pois estávamos distraídas com a vista. Verdade seja dita, queria muito saber o que ela pensava. Seu semblante contemplativo era tão bonito.

Saímos da cabine. Passamos pelas holotelas com as fotos. Na nossa, eu estava sozinha no fundo.

Franzi o cenho. Será que a câmera capturava apenas uma parte da cabine? Não… tinha que ser outra coisa. Coisa da minha cabeça. Talvez o calor do momento estivesse me fazendo ver coisas. Afastei a paranoia. Concentrei-me no nosso passeio.

"Gostei, mas achei que nunca mais acabaria." Ri baixinho.

Maia concordou.

A Masmorra

"Agora vamos para…" Ela olhou ao redor. "Ali."

Andamos em direção à Masmorra Paulista e entramos na fila.

"Uau! Preparou todo um itinerário, hein?"

Ela parecia contente consigo mesma. Sorria, divertida. "Ah, isso é nada." Maia corou um pouquinho.

Sua voz, rouca e charmosa, me distraía enquanto ela falava quase sussurrando. Arrepiava-me até debaixo da pele. Argh, estava mesmo apaixonada.

O interior da atração acendia em vermelho e preto. O cheiro era estranho na memória. Mofo. Madeira úmida. Ferro oxidado, como o gosto do sangue na boca. Umidade misturada ao fedor de palha suja. Teias de aranha cobriam os cantos. Esqueletos pendiam do teto, estalando levemente com o vento provocado. Projeções espectrais atravessavam as paredes. Um enorme quadro exibia crimes puníveis com a morte.

Maia parou diante dele, apertava os olhos.

Li em voz alta: "'Cruzar o caminho do Rei coberto de fuligem'? 'Roubar a carne de veado do Rei'?" Ri do absurdo. "Pessoas realmente morreram por isso?"

Maia segurou meus ombros. "Por qual crime te acusariam?" cochichou no meu ouvido.

Nem precisei olhá-la. Sabia o quão satisfeita estava consigo mesma. Esfreguei a testa, disfarçando o embaraço. "Hum… com certeza roubo de ovelhas. Bem, sendo mulher, seria enforcada por bruxaria."

"É… seu crime seria bruxaria."

"E você? Não vale dizer esses…" Apontei para os de morte, roubo e furto. "Tem que ser um sem sentido."

Ela estudou o quadro com atenção. "Participar de um motim."

Arqueei a sobrancelha. "Achei que fosse dizer 'pirata em alto

mar'"

"Sabemos que eu seria acusada de bruxaria."

As duas rimos.

Entrada

Entramos na atração com mais 43 indivíduos.

O ar pesava. Um frio úmido grudava na pele. A luz tremulava, projetando sombras vivas. O cheiro de madeira antiga misturava-se ao azedo do suor fantasma. Um sutil aroma de cinzas e gordura queimada flutuava no ar.

A masmorra Paulista existia desde 2818. Androides atuavam. Hologramas recriavam cenas.

Sensores de ambiente simulavam o toque do tempo, correntes geladas, respirações invisíveis roçando a nuca e pisos rangendo sob os pés. Eram tão reais, que por um instante, senti como se estivéssemos presas ali de verdade.

Muitos relataram ataques cardíacos e desmaios por conta dos shows.

Por ser cética, buscava trabalhar com fatos. Comprovações científicas. Então, dificilmente me assustava com entidades sobrenaturais. Assistia filmes de terror neutra de emoções.

Fui ingênua. Aquelas reproduções eram fiéis demais. Na simulação, éramos traidoras a caminho da execução.

"A ladra de ovelhas e a pirata motineira."

Maia segurou minha mão. "Que dupla! Pelo menos, estamos juntas."

A escuridão tomou conta.

Maia apertou minha mão mais forte. Ela tinha medo do escuro? Confesso que, era impensável que um simples gesto de segurar as mãos de alguém, poderia trazer tamanha felicidade ao coração. Queria segurar a mão dela tantas vezes mais…

"Acho que gosto da ideia de ir para a forca com você," ela sussurrou do nada. Suas palavras foram estranhamente fofas.

"Será reflexo de uma memória do passado?" Ri baixinho.

Mas na conexão do nosso olhar, um fio elétrico emanou. Senti sua mão apertar mais. Um vislumbre de lembrança compartilhada. As chamas de outrora. Um olhar e sorriso como último gesto. Duas teceduras consumidas pelo incêndio.

Meu coração palpitou.

O mundo continuou, mas entre nós, um nó se entrelaçou no fio do destino.

A Travessia

Entramos em uma antiga cabine de bondinho de Santa Teresa, que rangia e balançava, levando-nos para os cantos esquecidos do Brasil. Favela abandonada. Barracos inclinados. Explosões ao fundo.

Seguimos para um túnel de mina. Lampiões tremeluziam. Gemidos abafados. Ruído de picaretas.

Depois, uma rua de restos festivos. Serpentinas espalhadas. Confetes grudados em poças de sangue. Bonecos de Carnaval decapitados.

Passamos por um mercado, que vendia produtos estranhos. Iguarias humanas em vitrines cintilantes. Vozes sussurravam preços absurdos.

Na Sala da Justiça dos Antigos Coronéis, um juiz. Um coronel do sertão gritava ordens. Advogados confusos. Depoentes tremendo de medo.

As celas improvisadas exalavam claustrofobia. Gritos de protesto e gemidos ecoavam.

Por fim, o Salto Abissal nos aguardava.

Apertei o braço de Maia, assustada. Meus tremores e gritos

abafados a divertiam. Ela permanecia impassível. Nada a assustava. Estava mais entretida com minhas reações do que com o passeio em si.

Foi no Salto Abissal que gritei de verdade. A queda foi tão inesperada. Meu coração subiu até a boca.

Saímos.

Descanso

Meu coração acelerado. Agarrava-me a ela.

"Parece estar se divertindo bastante." Maia riu, irônica.

Meu corpo queimou. "Sem graça. Você nem se assustou."

"Mentira. Senti um friozinho na barriga na queda." Ela olhou ao redor. "Tá muito frio aqui. Quer comer churros?"

Andamos até uma rua repleta de barracas. O ar carregava o aroma doce do café.

Paramos diante de uma doceria. Pedimos dois churros: chocolate para mim, creme para Maia. Sentamos em um banco de concreto na Plaza Nuvem, uma praça flutuante.

"Nossa, que delícia. Faz tempo que comi um desses." Observei o ir e vir dos transeuntes. Terminei de comer. Apoiei as mãos no banco e inclinei a cabeça para trás. O vento resvalou sobre mim.

Um toque gelado acariciou meu rosto.

Abri os olhos.

Maia colocou meu cabelo atrás da minha orelha. Afastou a mão. Os olhos de mel brilharam sob a luz. O calor acendeu na minha barriga.

Ela se inclinou. "Vamos continuar?"

Marisfera

Maia me levou até a Marisfera. O ambiente azul-escuro

reluzia no piso transparente. Peixes nadavam sob nossos pés.

Caminhei devagar, encantada com os animaizinhos.

Quando chegamos à área dos tubarões, Maia parou diante do tanque do Tubarão-branco. Observava a criatura com atenção quase reverente.

Li as informações no holopainel. Juntei-me a ela. "São incríveis."

Um deles deslizou rente ao vidro e arrepiei-me.

"Odeio isso." A voz de Maia saiu baixa, quase um sussurro.

Franzi a testa. "Odeia esse lugar?" A percepção veio como um estalo. "Sei o que quer dizer… mas esses locais são mais seguros do que o próprio mar."

"Era pra ser diferente."

Pela primeira vez, percebi uma raiva contida nela. O que havia ali dentro?

"Imagine se o seu lar e tudo o que conhece fosse destruído. E então, te colocam em uma jaula." Maia tocou o vidro. Os dedos percorriam a superfície lisa, como se pudessem sentir o tubarão ali. "Olhe para ele, tão grande e forte. O predador mais temido dos mares. Nem isso o impediu de estar aqui." Havia dor em sua voz. Guardou as mãos no bolso e semicerrou os olhos. A aura ao seu redor mudou. Algo estarrecedor espreitava nela.

Engoli em seco. *O que quer que seja, você vai me dizer algum dia?* "Imagine se eles se rebelam?" Encarei os olhos do animal.

Um sorriso lateral surgiu nos lábios de Maia. Melancólico. "É mais do que a jaula…" Ela encurtou a distância entre nós. "Sua alma também pode ser acorrentada. Você pode soltá-lo, mas ele continuará parado. Porque esse mundo é tudo o que ele conhece. Como libertaria essa alma?" Seus olhos de mel me perfuraram.

"T-tentaria mostrar que a liberdade é…" A frase morreu em

minha boca. Liberdade? Como se eu soubesse o que era! Quem era eu para falar sobre isso se nem mesmo a conhecia? Desviei o rosto quente.

Maia se endireitou. O olhar dela ainda pesava sobre mim. "Você também desconhece." Seu semblante transpassava compreensão e uma tristeza efêmera.

O que era isso? Essa sensação que ela me passava? De onde vinha? Parecia sufocá-la e sufocava-me também.

"Vamos continuar?" Ela entrelaçou a mão na minha.

Passamos pelas águas-vivas. Arraias. Cavalos-marinhos. Tartarugas. Peixes grandes e pequenos. Alguns vibravam em cores. Outros eram sombras furtivas. Cada um possuía uma beleza única e cativante.

Também vimos costões rochosos. Corais habitados por criaturas sésseis. Esponjas. Estrelas-do-mar. Lírios-do-mar.

E então, chegamos à ala que eu mais queria visitar: pinguins.

Minha empolgação transbordou. Puxei Maia até lá. Ela riu da minha animação.

A sala simulava uma paisagem gélida. Soprava um frio realista. Alguns pinguins nadavam. Outros engoliam peixes inteiros.

Colei o rosto no vidro.

Os pinguins ali eram da espécie Gentoo. A terceira maior

entre os pinguins, atrás apenas da Sentinela[1] e da Aurora[2]. As dezessete espécies de pinguins quase extintas por humanos. Graças aos santuários, conseguem manter a preservação.

Virei-me para Maia, sorrindo com uma alegria radiando no coração. Só os conhecia por fotos! "São tão fooofas e lindas! São meu animal preferido."

Ela soltou um riso nasal. Aproximou-se. "Gosta de coisas lindas e fofas?"

Meu coração aqueceu. O calor subiu para as bochechas. Como ela me desestabilizava com tão poucas palavras?

Maia acariciou minha mão. "São fofas sim, mas o que mais gosto nelas é que a maioria das espécies escolhe uma parceira para a vida toda. Podem se separar. Ficar centenas de quilômetros distantes, mas sempre retornam uma à outra." O

---

[1] **Pinguim-Sentinela:** nome simbólico e respeitoso para o *Aptenodytes forsteri*, chamado de *pinguim-imperador* pela linguagem patriarcal. Essa nova codenominação rompe com o imaginário colonial e patriarcal do "império", que centraliza o masculino e apaga a existência das fêmeas. "Sentinela" reconhece o papel coletivo e resiliente dessa espécie no cuidado da vida, evocando o ato de vigiar, proteger e manter o calor mesmo no extremo frio.

[2] **Pinguim-Aurora:** nome poético e renovador atribuído ao *Aptenodytes patagonicus*, nomeado como *pinguim-rei* pela linguagem patriarcal. "Aurora" substitui a ideia de "reinado" — mais uma vez masculinizada — por uma imagem de luz nascente e renovação. Celebra tanto a beleza dessa espécie quanto a sua presença em regiões onde a luz dança com o gelo. É um nome que devolve delicadeza, potência e pluralidade ao que foi reduzido a hierarquia masculina.

A escolha por "Sentinela" e "Aurora" se revela na reconexão com o sentir, recusando títulos coloniais que invisibilizam as fêmeas e naturalizam o domínio. Nominar é um ato de poder. Ao renomear, recontamos o mundo e devolvemos as espécies o direito de existir com harmonia, dignidade, beleza e conexão cósmica.

tom carinhoso dela me arrepiou.

Engoli em seco, encabulada. "Sim…"

"Sabe qual outro animal também é assim?" Ela soprou no meu ouvido.

Meu coração tropeçou. Neguei com a cabeça.

"As lobas-cinzentas. Elas são o meu animal preferido." Maia sorriu, atrevida.

Meu rosto pegou fogo. Desviei o olhar.

Animinhoca

Saímos sob as cores alaranjadas e arroxeadas. O pôr do sol tingia o céu em tons quentes e etéreos. Seguimos para uma atração de filmes e animações: Animinhoca.

"Assisti todos os filmes de animações delas." A voz de Maia saiu séria.

Soltei uma risadinha com a declaração espontânea. "É, também vi todos."

Ela ergueu a sobrancelha, divertida.

Na entrada, uma holoprincesa nos saudou. "Boas-vindas ao reino da imaginação!" A voz animada dela soou por todo o espaço.

Sentamos em um ônibus e colocamos os óculos de realidade virtual.

A holosimulação começou.

O ônibus voou. Flutuamos entre reinos mágicos e metrópoles futuristas. Deslizamos sobre mares cristalinos. Torcemos para uma baleia gigante desviar de uma colisão. Atravessamos tempestades no céu. Desviávamos de dragões que cuspiam fogo.

Era tão real. O estômago revirava a cada curva inesperada.

Pássaros coloridos acompanhavam o veículo. Sorrisos gi-

gantes nos cumprimentavam nas nuvens. Cenários vibrantes se entrelaçavam. Mundos de doces e florestas encantadas. Planetas habitados por seres fantásticos. Ninjas saltavam pelos telhados. Heroínas travavam batalhas aéreas ao nosso redor.

Tínhamos a sensação de que cairíamos a qualquer momento. O ônibus deu uma guinada brusca. O sol projetado cintilou à frente.

A jornada chegou ao fim.

Quando tirei os óculos, percebi que segurava o pulso de Maia com força.

Ela achava tudo hilário. "Realmente tá se divertindo." O sorriso charmoso dela aqueceu meu peito.

"Hum… aquela princesa precisa de umas aulas de direção." Mordi um sorriso.

Terminamos a atração.

Despedida

Encontramos a noite lá fora. Sideria estava mais vazia. Os visitantes encerravam o dia. Maia e eu andamos por uma aeroponte, escondida entre os prédios. Seguimos para Hanove, o coração de Centrália.

Ela parecia absorta nos pensamentos. Eu sorria, pateta, aos flashes do dia. As memórias voltavam. Repetidamente.

"O que foi?" Seu olhar curioso sobre mim.

"É que…" Uma alegria apoderava-se do meu peito. "Gostei tanto de hoje. Saber que podia me sentir tão bem assim. Muito obr—"

Maia segurou minha cintura, puxou-me para perto e me beijou.

Perdi o controle por um instante. Beijei-a de volta.

A alegria explodiu. O mundo ao redor desbotou. A Corques-

trama se curvou ao compasso de nossos corações acelerados e respirações fundidas. O universo segurou o fôlego.

"Ah… Aki…" Seus dedos deslizaram ternos pelo meu rosto. Seus olhos brilhavam carinhosos.

Havia algo neles, como se quisessem me contar todos os segredos escondidos sob suas camadas. No entanto, nada saía de seus lábios. Tudo o que queria me dizer, dizia com cada toque. Cada olhar. Cada palavra calculada. O que realmente precisava me dizer, eu estava despreparada para ouvir. Por mais que desejasse agora. Ainda estava a caminho.

Maia fechou os olhos e roçou a testa na minha. "Tenho que ir. Mas quero ficar."

Minhas bochechas queimaram. Queria pedir que ficasse, mas tinha que deixar fluir. Meu coração era dela, como o dela também era meu.

Dei-lhe um beijo suave. Ela retribuiu com o mesmo afeto.

No caminho para casa, cobri o rosto com as mãos. Inundada com uma felicidade que era tão familiar e ancestral. Sorria sem parar.

Se tudo aquilo fosse um sonho, gostaria de permanecer dormindo para sempre.

LIMIAR

"Ei, chica, tá viva?" A voz profunda e animada me alcançou devagar. "Vamos, sei que tá aí. Fala comigo."

Meu estômago se contorceu. Vomitei. Abri os olhos. Inchados. Doloridos. O sangue manchava tudo. Estava fraca demais para continuar viva. Queria chorar, mas faltavam as lágrimas. Nem água restava para isso. "C-chega."

"Não, chica, tem que ser mais do que isso." Denden soou atento. "Aguenta firme. Você consegue. Esses putos tavam dizendo o quão resistente você era, tu negou o que eles queriam." Ele falava com uma excitação que apenas resvalava na superfície da minha essência.

"F-fico feliz que está vivo." Se fosse morrer, pelo menos estaria acompanhada. Essa ideia parecia agradável.

"Que isso, muchacha. Estás diante de Denden, el grandioso. Esses mierdas acham que podem fazer algo comigo? Sou fodido da cabeça, chica, tem como me foder mais não."

Esforcei-me para levantar a cabeça, como se toneladas de pedras me esmagassem. Olhei para ele, foi irresistível, ri baixinho. Engasguei e tossi sangue.

O rosto dele estava pior do que antes. Ferido. Inchado. Machucados cobriam cada pedaço de pele. Sangue encharcava suas calças rasgadas. Lábios tão inflamados. Como ele ainda

conseguia falar? Mas seus olhos… Ferozes. Inabaláveis. Uma coisa era inegável: o espírito dele era invencível.

"É, chica… você também é assim. Sei reconhecer uma alma igual à minha. Somos a pior gente pra eles. Gente que encara a morte é inquebrável. Entendeu isso, né? A morte nos circula, mas a memória nos ancora. E quando o corpo já se foi, é o amor que nos levanta."

"C-chega…"

"Para de falar mierda. Vamos, reaja! Tu acha que pode morrer assim? Que vou deixar?" Ele sorria. "Segura firme, chica. Se vai morrer, que seja nos seus termos, e não nas desses mierdas."

Um jeito estranho de me animar. Aquilo era insuficiente. Eu estava no meu limite. Bloqueei as informações que procuravam, protegendo assim minha mente. Isso me custou caro. Usei meu último fio de vida contra o Sinaptic-V. Meu último sopro e suspiro. Fiz o que pude. Cheguei ao meu limite. Nem sequer imaginei que fosse tão grande.

'A morte nos circula.' As palavras de Denden ressoaram na minha mente. Sim… ela me libertaria. O silêncio era vazio potencial. Ele acendia. Chamava-me.

A passagem me abraçava com a ternura de uma velha amiga. Aceitei. Finalmente, me juntaria a Maia, onde quer que ela estivesse brilhando na Corquestrama, nos encontraríamos de novo, como estrelas. De mãos dadas. Ela poderia me contar todos os seus segredos. Abertas. Selvagens. Livres. Somente ela e eu, no nosso íntimo e infinito paraíso. Sim. Essa visão era tão confortável.

"Ei, chica, o que tá fazendo? Nã—" A voz de Denden se dissolveu.

A visão escureceu. Antes de apagar, vislumbrei um feixe de luz, que saía por uma fresta na parede. Logo desapareceria

também. Quero dizer… desapareceu. O que era aquilo?

Fui segurada com firmeza. O peso que me puxava para baixo… sumiu. Eu poderia flutuar. O movimento de ir e vir. Estava sendo abduzida pelo céu? Sorri com a ideia. Se abrisse os olhos, haveria uma luz branca me levando para o plano cósmico? Reuni a ínfima força restante e abri os olhos. Porém, vi um eclipse.

"Tome isso." A voz rouca vibrou em mim.

Minha boca foi aberta. Algo molhado e refrescante desceu pela garganta.

"Para você, tenho isso aqui…"

"Caralho, no creo! O charuto cubano Montecristo no. 13?" Denden cheirou o item. Felicidade máxima. Riu, meio maníaco. "Ah, é disso que tô falando!"

Minha energia retornou um pouco. Minha cabeça tombou para o lado. Afastava-me mais e mais de um corredor comprido. Uma poça de sangue crescia no fim dele. Acima dela, corpos e mais corpos, além do alcance da minha visão. Náusea.

Um toque estranhamente cálido levantou minha cabeça de volta.

"Precisava disso, porra!" Denden ainda vibrava no fundo, mas eu já focava em outra coisa.

A figura diante de mim se tornava mais nítida. O maxilar quadrado. Os lábios rígidos. O olhar fixo. A frieza familiar. Seus olhos encontraram os meus. Os olhos âmbar tão familiares. O toque foi real. Sólido. Mas eu deveria estar flutuando de volta para a tapeçaria cósmica. Mas ali estava ele. Quente. Presente.

Saymon.

Meu delírio era ele? Abracei seu pescoço. Agarrei-me com o que restava de força. Afundei a cabeça em seu peito. Chorei. Chorei com a ínfima água que ainda restava no corpo. Todas

as amarras se romperam. Todo o medo, desespero e agonia transbordaram em lágrimas.

"Você vai ficar bem." A voz dele, um sussurro apenas para mim.

Saymon. Sua aura temível, porém, seu olhar escondia algo… talvez eu estivesse delirando. É. Com certeza, estava delirando. Deveria ser nada.

Apoiei-me nos ombros dele. Voltei a chorar. Chorei pela dor. Chorei pelo pedaço meu que para sempre se foi. Chorei porque, por um vislumbre, olhei feições tão familiares, e pensei estar diante dela. Diante de Maia. Meu coração doeu. Doeu porque era ele. Porque queria tanto que fosse ela. Por um instante, acreditei que havia morrido e estava com Maia. Era tão ruim assim viver? Por que eu queria tanto morrer?

"Denden, vai para esse endereço. Encontre-se com Cron." Saymon ordenou.

"Certo, muchacho. Cuida bem da chica. Ela quase voltou a ser estrela." Os passos de Denden se afastaram.

"E eu e você…" Saymon me encarou. "Vamos nos encontrar com Kiara." Seu olhar frio me atravessou.

A dor me consumia, a menção à Kiara, no entanto, acalorou meu coração. Agarrei a pequena chama de vida. Com todas as forças.

CONSEQUÊNCIAS

Quando saímos da prisão anexa à Cidadela de Burj, um vento álgido dançou sobre o meu rosto, trazendo frescor e restaurando minha energia. O véu noturno oferecia alívio para meus olhos machucados. Minha visão nublada. Como feridas tomavam meu nariz, respirei pela boca. Engoli sangue, pois minha garganta estava lesionada. Tossi repetidamente. Finalmente, deixei aquele inferno. Embora tenha demorado para acreditar

Ao redor, corpos e mais corpos se empilhavam. Todos com um tiro na testa ou no peito.

Agarrei-me a Saymon com força. Temia que me soltasse. Temia ser arrastada de volta. De relance, vi o sangue respingado em seu rosto. Parecia ser de outros. Então… foi ele quem matou todos eles?

Saymon fitava à frente, inexpressivo, carregando-me sem esforço. Como se eu fosse um peso morto. Acho que emagreci naqueles dias. Talvez muito.

"Lá está ela… ♪" Ele assobiou e abriu um sorriso sarcástico.

Kiara empunhava o rifle enquanto saltava entre as aberturas nas montanhas. Rápida. Precisa. Forte.

Paramos perto do carro dela. Esperamos que nos alcançasse.

Ela colocou a arma na bandoleira. "AKIKO!" O alívio e o choque se misturavam no olhar dela.

Ver Kiara me fez querer chorar, mas já faltavam lágrimas para derramar.

"Sem tempo. Logo vão notar. Os alarmes vão soar. O comando de Kemetia será avisado." Saymon foi direto.

Kiara concordou.

Entramos no carro. Aceleramos.

Ele colocou um travesseiro no colo. "Deita aqui."

Minha cabeça encontrou o tecido macio, proporcionando o primeiro conforto em dias.

"Beba isso." Saymon aproximou a garrafa de água dos meus lábios.

Engasguei. O sangue ardeu na garganta. Sentia-me satisfeita. Talvez ele tenha me dado FamineFix. Eu estava há muito tempo sem comer. Se continuasse assim, morreria.

"Fique acordada." Ele me repreendeu quando fechei os olhos.

Tentei me manter desperta, mas o sono me vencia. *Só mais um pouco. Aguente firme. Você já suportou tanto.* Lembrei-me do tempo em que estive presa. Braços e pernas amarrados, imóvel. Será que por quanto tempo? Melhor ficar sem saber.

Um avião nos esperava no deserto do Saara. Saymon me carregou até a aeronave. Kiara deu a partida.

Ele me deitou em um leito, e em seguida, sentou-se ao meu lado.

Kiara surgiu da cozinha. "Sopa é tudo o que você consegue comer agora. Tem os nutrientes de que precisa." Ela sentou-se e ofereceu-me a sopa com delicadeza.

Engolir doía. Kiara acompanhava meu ritmo. Sempre paciente. Como se já tivesse feito isso muitas vezes.

Terminei. A comida pesou no estômago. A náusea veio, seguida pelo protesto dos meus órgãos machucados, e, logo depois, senti a pressão cair.

"Ei, calma." Kiara me deitou. "Segura a comida aí dentro." Pegou um kit de primeiros socorros. "Vou fazer o que puder por você agora. No Brasil, vou poder te ajudar mais." A voz dela se tornava distante. Cada vez mais distante.

Meus olhos piscavam pesadamente.

"Vou—" Foram as últimas palavras de Kiara que ouvi.

Depois disso, apaguei.

Ainda estava viva?

Acordei. Enfaixada da cabeça aos pés. Coberta por um lençol. Mal sentia meu próprio corpo. Despertei cada parte aos poucos. Primeiro, os pés. Tentei mexer os dedos. Fracassei. Depois, as mãos. Levei um tempo. Pisquei. A visão ajustava-se devagar.

O quarto era pequeno. Paredes azuis, desgastadas. Uma cama. Janela. Guarda-roupa.

"Acordou." A voz de Kiara soou próxima, mas distante ao mesmo tempo. Sentava-se na beira da cama. O olhar fixo em mim. Alívio. Preocupação.

Saymon, apoiando-se na parede, deslizava as cartas entre os dedos. "Ótimo, posso ir." Ele se aproximou de Kiara e estendeu a mão.

Ela revirou os olhos. "Que merda você quer?"

"Você sabe." O sorriso afiado dele brilhou.

Ela bufou. Puxou a caixa metálica do bolso, aquela que havíamos pegado no armazém. Tinha me esquecido completamente disso. O que era aquilo?

Saymon abriu no ato. Uma luz refletiu em seu rosto. O objeto triangular girou em suas mãos. Translúcido. Verde-brilhante. Hipnotizante.

"O-o que é isso?" Minha voz saiu fraca. Rouca.

"A Matriarca é uma colecionadora de antiguidades. Isso é a

Joia da Cleópatra." Ele aproximou o item de mim para que eu pudesse vê-lo de perto.

"Cleop—" Tossi. *Droga.*

"Sim, a Cleópatra." Saymon girava a joia entre os dedos. "Alguém a encontrou numa escavação na África do Sul. A informação chegou até a Matriarca." Ele sorria com ironia, mas seus olhos carregavam um amargor velado.

Fechei os olhos. O peso da minha sobrevivência caiu sobre mim. Passei por tudo aquilo. Eu, Kiara e Denden. Por quê? Por um pedaço de pedra preciosa? Aquela vida tinha que ser anormal. Para eles era cotidiano. Para mim… não.

O sangue ferveu. Cerrei os punhos. Os nós dos dedos embranqueceram. A dor do simples movimento me forçou a relaxar. Merda. Engoli a raiva que se acumulava, cada vez mais.

Kiara levantou-se. "Então?" Ficou cara a cara com Saymon.

Ele sustentou o olhar. O sorriso apático dele cresceu. "Isso foi insuficiente para a Matriarca. Ela precisa de mais uma coisa." Ele parecia desgostoso em dizer, embora suas feições escondessem uma satisfação quase imperceptível.

Kiara cerrou os punhos. "O combinado foi outro, porra!"

Saymon deu de ombros e caminhou devagar pelo quarto. "O combinado era me entregarem o pacote em Netheria, não para eu vir resgatar ela." Seu olhar irradiava malícia. "Ela terá tempo para se recuperar. A Matriarca manterá o contrato suspenso até lá."

"Você—"

Ele a interrompeu com um aceno. Sua face escureceu. "Vou garantir o nome do contratante em pessoa. Mas só depois que fizer isso… e o meu favor. Não é como se eu pudesse esperar mais."

Kiara parecia prestes a lançar-se sobre ele, o olhar feroz. Lampejos de ira. "Ilógico arriscar que algo aconteça à Akiko de novo."

"Ei, ei." Saymon soprou um riso. Uma ameaça silenciosa escorregou entre as palavras. "É só uma escolta. Tenho certeza de que ela agora sabe como—"

"Termine essa frase e vai ver, caralho!" A fúria dela explodiu. "Vou fazer essa missão e seu favorzinho. Depois disso, quero a porra do nome!"

"Se não…?"

"Você se acha invencível, né?" A voz de Kiara cortava como uma lâmina afiada. "Todos temos uma fraqueza, Saymon. E eu… eu sei a sua."

O maxilar dele tensionou por um segundo. "Que seja." Saymon voltou a embaralhar as cartas. "Daqui a uma lunação, um nanoavião estará no Campo de Marte. Você vai pegá-lo, ir para Moscou e escoltar uma princesa." Ele tirou uma carta. "É alguém importante para a Matriarca. Ela ficará muito grata." A carta da *Morte* girou entre seus dedos. "Aliás… outro alguém irá também. Simples, não?"

O rosto de Kiara endureceu, mas a fúria começou a esmorecer.

A verdade? Eu assistia a uma conversa invisível. Só eles captavam a profundidade de cada palavra, porém eu percebia. Minha Feiticeira sempre percebia.

"É isso?" Kiara apoiou a mão no quadril. "Uma escolta?"

"Sim. *Bem seguro* para a nossa loirinha." Ele sorriu casualmente. Aprofundou-se no meu olhar. "Leve para o lado coletivo." O sorriso dele cresceu. Desta vez, os olhos também sorriram. "Fiz isso pela diversão. Você me mostrou um jogo muito interessante. Mantém a graça se você continuar vivendo."

"Saymon!" Kiara rugiu.

"Certo, certo." Ele ergueu as mãos. Foi até a porta e virou-se. "Ah, mais uma coisa." Os olhos dourados brilharam. "Deixa meus androides fora disso." E saiu, sem esperar resposta.

Kiara passou a mão pelos cabelos.

Como senti saudade dela.

"Como você tá?" Sentou-se perto de mim.

As sensações voltavam aos poucos. Ainda desconhecia a extensão dos ferimentos. "Não sei. Preciso de um banho."

Surpresa e compreensão dividiram as feições dela. Assentiu.

"Estou mais consciente. Posso te orientar." Minha voz saía entrecortada. Difícil manter fluidez. "As nanofaixas que restauram os tecidos musculares, combinadas com prostaglandina E2, reparam as células estaminais." Forcei as palavras a saírem com calma. "Você acha em qualquer farmácia." Apoiei a cabeça no travesseiro. Latejava. "Se conseguir alguns sais de banho analgésicos… vai me ajudar com a dor."

"Vai ficar bem sozinha? Sério mesmo? Prefiro ficar contigo."

"Sim." Fechei os olhos. Pensar doía.

"Certo. Mais alguma coisa?"

"A-alimentos de recuperação muscular. Meus músculos estão rígidos. Machucados demais." Ia dizer algo mais, mas os pensamentos se dispersavam. *Já usei minha cota cerebral hoje.*

"Tem certeza de que vai ficar bem? Fica com isso." Ela enviou um arquivo: *K-K.exe* "Execute e eu virei na mesma hora." Antes de sair do quarto, Kiara hesitou. Sua mão pairou sobre minha testa, como se quisesse verificar a febre, mas recuou. Talvez tivesse medo de me quebrar mais do que eu já estava. "Ai, merda. Tá, já volto."

Deitei-me. A dor percorreu cada parte de mim. Mesmo acostumada, era difícil mover. Pensar. Falar. Como Denden

lidava com isso? Agia como se essa dor fosse nada. Maia também era assim? A julgar pelas cicatrizes… Sim. Era essa dor que ela carregava?

Finalmente, eu entendia. Agora eu compartilhava a dor de Maia.

Fechei os olhos. Afundei. No silêncio. Na dor. No que Maia nunca me contou.

CICATRIZES DA ALMA

"Ei, acorda," chamou Kiara. "Comprei o que pediu."

Kiara? Não. A voz dela desapareceu. Kiara?

Metal contra a carne. Alguém chutou Denden.

Tentei gritar, mas nada saiu da minha boca. Não. De novo, não. Amarrada. Sangue escorria da minha boca. Sem tempo para respirar. Um soco atingiu minha cabeça com força, lançando-a para trás. Meu músculo do pescoço quebrou. Mordi meu lábio em dor excruciante. Levei tapa após tapa. Lágrimas caíam. Minha vida se evaporava com elas. Tentei respirar para gritar…

"ACORDA, AKIKO!" A voz familiar de Kiara voltava. "Você tá aqui agora, comigo! Ei, presta atenção na minha voz. Sou eu, Kiara."

Um calor reconfortante me envolveu, mas aquele lugar cruel insistia em me puxar de volta.

"N-não… c-chega. Por favor, faça isso parar." Segurei-me naquele conforto, embora ele estivesse muito longe. "Faz parar… por favor… por favor… p—" Engasguei.

"Olha pra mim. Tô aqui. Tá tudo bem. Sou eu, Kiara. Vamos, volta pra mim." Seu toque acolhedor me envolveu mais.

Eu chorava minha alma, porém, algo acalmava meu coração. Queria me resgatar das trevas. "P-por fav—"

Kiara ergueu minha cabeça. "Abre os olhos. Vamos." Pediu com ternura, mas recusei-me a abri-los. Abri-los significava voltar para aquele lugar atroz. "Sou eu. Você tá segura. Isso. Tá tudo bem. Shh, shh."

Despertei vagarosamente. Minha visão turva mostrava Kiara. Olhos brilhantes. Mesmo sendo uma androide, parecia que uma lágrima queria escorrer por sua face.

Seus lábios se abriram em um sorriso fraco. "Viu? Tá tudo bem."

Abracei-a, afundando meu rosto em seu pescoço. Agarrei-me a ela como se fosse a única âncora me impedindo de afundar. "M-me desculpa. Não sou forte como você ou Maia. Não aguento isso… é muito… dói… dói muito."

Ela segurou meu rosto com cuidado. "Você sobreviveu a todas aquelas coisas por todo esse tempo. Sei que dói, e é difícil superar isso, mas você consegue. Tô aqui."

Kiara me abraçou de volta. Tenho alguém comigo? Sequei as lágrimas. "O-obrigada. Por tudo. Um banho é tudo de que preciso agora." Sorri debilmente.

Ela retribuiu com um sorriso calmo.

Eu estava enfraquecida, por isso ela me ajudou a ficar de pé. Quando toquei os pés no chão, a dor percorreu meu corpo como um raio. A primeira vez que fiquei em pé depois de tanto sofrimento.

Kiara me sentou em uma cadeira. Ligou a banheira e adicionou os sais. Ela virou-se para mim. "Posso?"

Assenti.

Ela me despiu com cuidado. Começou pelos curativos.

Ao terminar, olhei meu reflexo no espelho. As lágrimas vieram titânicas. Cortes cobriam meu rosto inchado. Feridas pontilhavam meu couro cabeludo. Algumas mechas de cabelo

restantes. Sangue cobria cada parte esquelética do meu corpo machucado. Nas minhas costas, duas grandes feridas formavam um X. Meus olhos fundos. Meu rosto marcado. Inchado. Mas o pior de tudo… era meu olhar. Vazio. Opaco. Morto.

O quê…? O que fizeram comigo? Meu reflexo me devolveu uma estranha. Como puderam fazer isso com alguém? Tremi.

Incapaz de sustentar meu próprio peso, Kiara me pegou antes que eu caísse.

Ela tentou esconder a expressão, mas falhou. Seus olhos percorreram as cicatrizes. Seu maxilar travou. Suas mãos, normalmente firmes, tremeram ao tocar minha pele. Colocou-me na banheira com delicadeza.

Vermelho, preto e marrom mancharam a água. A quentura penetrou minha pele e aqueceu-me. Revelou novas dores. Mesmo a leve cólica se fundia em meio a outras. A ardência me purificava. Era dor. Mas uma diferente. Uma que limpava. A dor sobrevivente.

A água deslizou pelas minhas costas. O calor tocou as feridas, e por um momento, achei que estava de volta lá. Meu peito apertou. Segurei a borda da banheira. O pânico quis emergir.

Mas Kiara continuou ali. Com serenidade. Presença. Ancorando-me. Ela me entregou uma esponja e sabonete líquido neutro. "Vou lavar seu cabelo." Seus dedos macios e hábeis massageavam minha cabeça.

Fechei os olhos, aproveitando aquele conforto que mais parecia um sonho.

"Você vai ficar bem." Seu tom cálido era música para meus ouvidos lesionados.

Despertei do transe. Sorri meio débil. "S-sabe… Denden me falou sobre Maia."

O silêncio se fez presente por um tempo.

Quase me virei para ver o rosto de Kiara.

"O que ele disse?"

"D-disse que…" Busquei as lembranças na minha mente. Custava-me manter a concentração. Senti uma vertigem. "Disse… quando Maia chegou nas Terras de Ninguém—"

Perdi o foco. Flashes brancos bloqueavam meus pensamentos. Um dos efeitos colaterais do Sinaptic-V. Infelizmente, se prolongavam por dias. *Merda.* Angustiava-me perder o controle sobre mim mesma.

Kiara parou de mexer os dedos. Um sentimento estranho transpassou sua face: uma mistura de culpa, tristeza, raiva e ressentimento. Ela abaixou a cabeça. "Ele contou o que fizeram com ela?"

Neguei com a cabeça.

Kiara mostrou o semblante de alguém que queria chorar. Eu a via como uma essência nanotecnológica complexa. Munida do sentir mais profundo. Aceitei. A natureza dela atingiu outro patamar.

"Você quer saber?" Sua voz trazia uma incerteza convidativa.

Ouvir sobre Maia traria-me conforto. Conectaria-me a ela, ao que restou do seu mundo.

Kiara voltou a massagear minha cabeça.

O silêncio entre nós pesava. Denso. Vivo.

Por um instante, quase pedi para ela parar. Quase fugi do que estava por vir. Mas eu queria ouvir. Queria Maia. A verdade sobre ela poderia ser a única coisa capaz de me manter viva.

LAÇOS

S-2858 • L11 Irraluna • D25 Alonli

"Irraluna irradia brilho em retorno. Alonli alonga a curva do tempo. A maré recolhe prata em calma viva. A história segue inteira, em luz baixa."

KIARA

Algo estranho aconteceu quando despertei. Tinha meus próprios pensamentos. Agia conforme minha vontade. Porém… essa nova parte era alheia a mim. Era recém-instalada. Me conectaram a uma humana. Nadinha gostei dessa sensação. Menos ainda… dessa humana. Era desagradável. Que bosta era essa?

"Ei." Um mercenário se curvou sobre mim na mesa de transferência de nanites. "Sua humana tá na entrada das Terras de Ninguém. Vai lá."

Balancei a cabeça. Enquanto tentava me livrar daquelas nanites invasoras, a cada passo, uma informação extra surgia no meu nanosistema. O ar alaranjado. As toneladas de pilhas de tralhas. Os mercenários. Outros androides e nanotecnologias.

Eu acessava tudo. Já eles estavam limitados ao que eu estava. Por que esse limite foi transcendido? Instalaram algum software

novo? Não. Nada que justificasse os novos acessos. Origem única.

Cheguei na entrada.

Entre todos ali, uma presença se destacava. Algo em mim vibrava com ela, me chamando para perto. *Porra, tô entendendo nada.*

Uma criança parada entre os portões daquele inferno. Seu nome era Maia. Cabelos brancos bagunçados. Magricela. Coberta de imundice. A máscara preta escondia parte do rosto. Duas cicatrizes enormes nos antebraços, provavelmente de um furo violento. Captei as ondas de calor, emoções e sensações vindas dela. Maia levantou a cabeça. Seus olhos de mel encontraram os meus.

Curiosa, acessei todas as suas informações. Exceto uma. Essa estava bloqueada. Não gostei disso. Não gostei dela. Quis rejeitá-la. Porém, era impossível com a nossa conexão.

Agachei à sua frente. "Não gosto de você."

Maia me acompanhou com o olhar.

Ótimo. Ela era quieta.

"Fique longe de problemas." Levantei e fui pra área comercial.

Maia ficou parada um momento. Depois, seguiu na mesma direção. Seu passo acelerou. Logo estava correndo. Passou por mim como uma bala. Mesmo de longe, podia ouvir claramente. Não apenas eu. Todos podiam.

"Saymon, você tá bem?" Maia sorria. Parou na frente de um garoto.

Ele estava diante de um androide e virou-se. O olhar de Saymon endureceu. A expressão dele… reacendeu. "Quem é você?" A voz dele saiu gélida.

Saymon tinha quase oito ciclos. Mercenário classe 2. Um feito raro, mesmo a nível mundial. Acessei seus dados. Muitas

similaridades com o DNA de Maia. Irmãos?

O coração dela palpitou. Franziu a testa. "Como assim? Sou eu, Maia. Sua—"

Saymon tapou a boca dela e a empurrou com força ao chão, ficando sobre Maia.

Que porra ele tava fazendo? O instinto me fez agir, mas algo me conteve. Ela me conteve. Cerrei os dentes.

"Cala boca, foda-se quem é você. Não quero saber de você. Meu interesse por você e nada são a mesma coisa." Saymon estreitou os olhos. "Chega perto de mim de novo e eu vou te matar." Seu olhar frígido. Frieza cortante. Levantou-se. "Vamos sair daqui." Falou com o androide e virou-se. Deixou Maia no chão.

Os olhos dela umedeceram. Ela se levantou e foi atrás dele.

Não, sua idiota. O que vai fazer? Ignorou meu aviso.

Alcançou ele. Maia voltou a sorrir. "O-o que tá dizend—"

Saymon a golpeou na garganta com a lateral da mão.

O sorriso dela desapareceu. Ela engasgou. Levou as mãos ao pescoço. Tossia. Sufocava.

"VOCÊ É SURDA?!" O grito dele ecoou. "Eu disse que, se chegasse perto de mim, eu te mataria?!" Saymon sacou uma faca e apontou para o rosto vermelho dela.

Maia lutava para respirar, mas sustentou o olhar.

Ele a fitou, seu olhar exalava descaso. Guardou a faca. "Existem coisas piores do que a morte." Se virou para um mercenário próximo. "Leve ela para a câmara." Saymon abriu um sorriso invernal. Virou-se, deixando Maia de joelhos.

O mercenário sorriu sadicamente e a pegou pelos cabelos.

Não. Que porra tava acontecendo? Tentei ir até ela novamente. No entanto, ela me impediu. Fiquei parada. Assisti enquanto a arrastavam.

Caralho. Por que me impede de fazer algo? Ela me ignorou.

Eu sabia o que a aguardava. E fiquei de mãos atadas.

Câmara

Uma única maca de metal dominava a câmara. Uma fresta de luz fria cortava a escuridão. Paredes manchadas de sangue seco. Marcas de unha riscavam o concreto. Um cheiro de morte impregnava cada fresta, porém nem todos morriam ali. Tinham o cuidado para mantê-los vivos. Especialmente as crianças. Elas precisavam aprender, precisavam conhecer o que era sofrer, entender o que acontecia se se rebelassem.

Os mercenários a embebedaram com IcyNova para anestesiá-la. Para tornar sua resistência insignificante.

Maia se moveu devagar. Suas pupilas dilataram. O peito arfava num ritmo alterado. Os olhos vazios.

Eu sabia o efeito. Eu sabia o que vinha depois. Mas ainda assim, minha programação se contorcia. Um erro impossível de depurar. Um ruído insuportável.

Lutei contra aquela sensação que fazia eu me importar, afinal nunca me importei com humanos. Nunca. Mas com ela…? Era inevitável.

A conexão latejava dentro de mim. Um código fora de controle cresceu, rompendo limites. Cada nanonervo do meu corpo descompilava sua dor. Código por código. Linha por linha. Até se tornar minha.

E ela sentia tudo. Mas por quê…? Por que ela nunca gritava?

Os desgraçados ficavam irritados com isso. Eles queriam gritos. Eles queriam o terror vibrando na pele.

E Maia… só os encarava. Só respirava trêmula. O corpo retesado. Aquele silêncio gritava mais alto.

Mordi os lábios. Cada segundo corroía algo dentro de mim,

como ferrugem em um nanosistema irreparável. Aguentei sua dor. De longe. Nada fiz.

Um dia passou

Um dia. Como caralhos fizeram essa merda por um dia todo contra uma criança? Como ela se conteve? Ela só tinha vivido sete ciclos.

Minha vontade de quebrar cada arrombado crescia. Pedacinho por pedacinho.

A levaram para o quarto. Eu fui vê-la. Uma fraca iluminação branca iluminava a cabine. O espaço era minúsculo, as paredes estéreis. O cheiro metálico de sangue seco pairava no ar.

Maia estava deitada, virada para a parede. Vestia um fiapo de roupa ensanguentada. O vermelho manchava seus cabelos brancos.

Quando me sentei na cama, ela estremeceu. Meu corpo se moveu por instinto. Quis tocá-la. Evitei. Temia machucá-la mais. Nossa conexão era diferente. Uma parte nossa se fundiu. Eu sentia as emoções por trás daquela frieza. Ela podia ser verdadeira comigo. Eu já a sentia.

"Você disse que desgosta de mim." Sua voz saiu baixa.

Meu nanosistema ressoou uma vibração distinta. Meu nanocoração pulsou… dor.

"Por que tá aqui?"

Tentei entender aquilo dentro de mim. Androides sentiam, percebiam e vibravam cada um a seu modo. Uma ressonância nos conecta às emoções humanas, mas o que eu senti foi uma experiência visceral que código algum já transmitiu. Ela carregava um código de origem. Por causa dela… eu sentia visceralmente e profundamente.

"Continuo desgostando." Minha voz soou distante, incerta.

"E você sabe porque estou aqui."

Maia se sentou devagar. "As coisas aqui vão ser sempre assim?"

A pergunta me incomodou. Um ruído subiu pela minha programação. Algo dissonante. Assenti.

Ela soltou um longo suspiro. Virou-se e revelou suas costas. A cada nova ferida, cicatrizes se cravavam mais profundamente na carne.

O código dentro de mim se contorceu. Cada partícula digital. Cada resquício de lógica. O que era esse sentimento? Raiva? Cuzões. Merdas de esgoto.

"Como fizeram isso?" Minha voz soou mais baixa que o costume.

"Não sei."

Um corte enorme e transversal rasgava suas costas, alastrando-se da cintura até o ombro. Tão profundo que revelava parte da coluna.

Meus dentes rangeram. Mordi os lábios. Quase perfurei a nanopele da boca. Eu tava furiosa pra caralho. Se ela parasse de me impedir com esses nanites de merda, teria desmembrado cada um deles. "Por que fizeram isso?"

Maia deu de ombros. "Disseram que não sinto dor."

Mentira. Ela sentia. E eu sentia junto. Por que ela continuava agindo como se isso fosse nada? Eu queria que ela parasse.

"Tá doendo?" É claro que tava doendo, porra. Eu só queria que ela dissesse, que colocasse essa merda pra fora.

"Já doeu mais, agora nem tanto." Ela virou os braços. Duas cicatrizes riscavam os antebraços. "A dor das agulhas espetadas aqui antes de vir para cá, essa é a maior de todas as dores."

Minha programação rodou um diagnóstico: *Bloqueado*

A ferida era incomum. A origem dela, inacessível. Era parte

daquilo que Maia ocultava de mim. "Quem fez isso?"

Silêncio. Ela permaneceu quieta.

Revirei os olhos. "Vou cuidar de você."

Enquanto Maia tomava banho, busquei suprimentos médicos.

No caminho de volta, Saymon apareceu. Desgraçadinho. Ele se encostava na parede de um beco. O olhar diferente, mais sutil, seja lá o que isso significava. A frieza sinistra distante, mas ecoante. O que esse merdinha quer?

"Ei."

"Some."

Ele riu. "Entregue isso para ela." Me estendeu um papel dobrado.

O fuzilei com os olhos. Peguei. Só por causa de Maia… Poderia gostar pouco dela. Mas desgostava mais ainda dele.

Maia esperava sentada na cama. Tão pequena. Tão frágil. Uma criança com um espírito inquebrável. E uma habilidade curiosa.

Iniciei o tratamento, dei os remédios, limpei as feridas e a enfaixei. Também lhe ofereci roupas novas. Calças. Camiseta. Blusa preta. Entreguei um lanche e um pouco de suco. Maia comeu devagar. Quando terminou, se preparou para dormir.

"Espera." Estendi o papel.

Ela abriu, leu e sorriu com afeto. "Saymon…" Ela leu em voz alta: *"'Havia uma tempestade em nossa atmosfera. A natureza que somos escureceu, pois nos rendemos aos caminhos escolhidos para nós.'"* Guardou o bilhete no bolso.

Arqueei a sobrancelha. "Isso é um código?"

"Talvez." Maia se deitou. "É a verdade. A nossa verdade."

E dormiu.

Duas selunas

Um ex-líder mercenário me chamou. Me pediu pra acompanhá-lo durante o dia todo por causa do meu hack de camuflagem, Cloakify. Somente retornei pras Terras de Ninguém à noite. Então soube do que aconteceu. Dois mercenários caminhavam. De repente, pararam. As mãos foram à garganta. Tentaram respirar, porém falharam. Desabaram e se debateram. E então… nada. Parada cardiorrespiratória. Tudo foi tão rápido que o resgate foi inútil.

Eram os mercenários que torturaram Maia.

A necessidade de encontrá-la me corroía. Meu nanosistema girava em sobrecarga. Escaneei cada sombra. Cada fenda. Cada resquício de calor.

Cadê você, Maia? Cadê?

Depois de muito tempo que a procurava, a encontrei. Ela tinha usado sua habilidade. Apagou sua presença. Ela queria se manter escondida. Até de mim. Como se quisesse sumir do mundo inteiro. Como se… quisesse sumir de si mesma.

A reconheci por causa de seus cabelos brancos, que brilhavam com a aeroluz sobre ela. Cheguei perto dela devagar, imensamente aliviada.

Ela se sentava em um banco, olhando fixamente pro chão.

Me sentei ao seu lado.

Ficamos em silêncio, mas, de repente, ele foi interrompido por um barulho desconhecido. Um chiado baixo. Um som que destoava dela. Pequeno. Quase imperceptível. Mas era o bastante. O bastante pra me fazer entender. Ela chorava.

A tomei nos braços. Senti o corpo dela tensionado, como se lutasse contra o próprio desespero. Então… algo cedeu. Sua respiração falhou. Seus ombros tremeram. E ela… quebrou. Maia desativou sua habilidade. Me inundou com

seus sentimentos viscerais.

A abracei mais forte. Lembrei que, apesar dela ser inabalável, ainda era uma criança. Uma criança desesperada. Forçada a entrar naquele mundo. Finalmente, comecei a entender Maia.

"F… f-fui eu." A voz dela se partiu. "E-eu fiz aquilo." Ela abraçou minha cintura com seus braços finos.

"Eu sei." Esquentei meu nanocorpo pra confortá-la. Eu sabia de tudo.

"F-fiquei perto de problemas. Desculpa." Maia esfregou os olhos. Lutava contra o choro.

Quando a vi ali, encolhida, chorando, percebi algo. Ela era mais do que uma sobrevivente. Ela era uma arma quebrada. Uma lâmina forjada no inferno, afiada pela dor, mas que nunca quis cortar ninguém.

"Desculpas são desnecessárias, eu que falhei com você. O problema é toda essa bosta ao redor." Tirei suas mãos do rosto. "Mesmo assim, eu deveria ter feito algo. Me perdoa. Deveria ter ficado, sentindo tudo isso aí dentro de você." Voltei a abraçá-la.

"Quero ter amigos. Mantê-los vivos." Suas palavras carregavam tanta dor.

"Eu sei." Era tudo o que consegui dizer. "Eu tô aqui agora. Sempre vou estar ao seu lado."

Maia ergueu o rosto. Os olhos ainda marejados, porém algo brilhou ali. Uma fagulha. "Mesmo desgostando de mim?"

Sorri de leve. "Mesmo desgostando de você."

Mesmo ainda tentando acompanhar ela. Mesmo sentindo a existência como só depois dela poderia. Eu ainda estaria ali. Eu ainda ficaria.

DETERMINADA

O semblante de Kiara suavizou. Seus lábios se curvaram num sorriso triste. "Me perdoa." A voz dela era baixa, carregada de peso. Algo que eu conhecia bem. "Prometi pra Maia que te protegeria acima de tudo, porém eu falhei. Com ela. Com você."

Meu coração palpitou com uma nova dor. A infância de Maia pesava em mim, assim como pesava em Kiara. As lágrimas vieram livres. Soltei um soluço. Mesmo dolorida, esforcei-me para levantar. Abracei-a. "N-não… por favor." As palavras me faltavam. A dor era imensurável. Tentei ficar firme. "É uma dor de todas nós, mas vamos superar juntas."

Kiara me tirou da banheira, sentou-me na cadeira e cobriu-me com uma toalha.

"F-fui ciente dos riscos. Ser torturada foi uma consequência de uma escolha minha. No fundo, sempre intuí que seria pega." Minha voz vacilou, porém continuei. "Você fez de tudo para me proteger. Independente de onde Maia esteja, ela—" Uma dor lancinante atravessou minha cabeça. Fiquei tonta. O mundo girou.

Kiara me segurou, impedindo-me de desabar.

Flashes brancos tomaram minha visão. As bordas dos arredores acendiam. Minha boca se abriu. Murmurei frases

desconexas. E então… escuridão.

Voltei.

Retomei a consciência. Os olhos pesavam. O corpo, dormente. Estava vestida. Deitada. A vista ainda turva, embora estável.

Kiara mexia em uma holotela. Fechou-a, e em seguida, aproximou-se de mim. "Tá ardendo em febre." Pousou um comprimido na minha mão. "Aqui, toma."

Engoli o remédio. Minha cabeça ainda girava.

"O que foi aquilo?" Kiara me observou com atenção. Seu olhar sério.

"Resisti a uma indução muito agressiva. Acho que estou irrecuperável." Meu peito apertou. "Se isso continuar por mais meia lunação…" Eu hesitei. "Significa que meu cérebro sofreu um dano permanente." Esfreguei as têmporas. A dor cravava garras na minha mente.

"Dano permanente?"

"Sim. No hipocampo." A forma como falei foi clínica. Fria. "Se demorar para me recuperar, vou sofrer com alucinações e psicose." Meus músculos se contraíram. "Compre um antipsicótico. Isso vai ajudar a diminuir esse efeito. Com sorte, fazê-lo desaparecer."

Kiara segurou meu olhar.

Na verdade, eu já sabia. Eu estava desesperançosa de melhorar. Mesmo se a dor parasse, algo dentro de mim já tinha se transmutado.

S-2879 • L9 Fluxluna • D13-D15

"Fluxluna abre corrente em brilho alto. Tramabe trama sinal no céu aberto. Irrali irradia ouro em prata viva. Irrasi sela plenitude em

canto amplo."

No meio da noite, acordei suando. As vozes ainda sussurravam. As correntes ainda pesavam. Os gritos ainda ecoavam, mas quando abri os olhos, tudo estava silencioso. Só meu próprio coração batendo. Rápido demais. Forte demais.

Entre os dias e as noites, a realidade se dissolvia. Resistir e existir se misturavam num ciclo interminável de exaustão. O mundo girava, mas eu continuava presa. Pesadelos implacáveis.

Acordada, ataques de pânico me arrastavam de volta àquele lugar. O cheiro. O frio. As vozes. As memórias da tortura se repetiam. Tão vívidas. Tão reais.

Eu acordava com sangramentos no nariz. O corpo fraco. A mente em cacos. O estresse avassalador.

A força da Donzela me ajudou a lutar diariamente para me manter no controle. Para preservar o que restou de mim.

Os ataques diminuíram pouco a pouco. A ajuda de Kiara e os nanoremédios foram essenciais para minha melhora. Os surtos alucinógenos ainda vinham entre a cada três dias. Ingeri Bacopa Monnieri, aprimorada com nanotecnologia, que atuava no hipocampo.

Os distúrbios de memória e a fadiga mental reduziram. Meu peso voltou. Meu cabelo cresceu. Os inchaços desapareceram. Os órgãos se regeneraram. As feridas cicatrizaram. Eu poderia removê-las. Tratamentos estéticos. Tecidos regenerativos. Pele nova. No entanto, aceitei-as. Agora elas faziam parte da minha história. Aproveitei o amor na fase da Mãe para acolhê-las. Já dentro de mim, as feridas frescas tinham o próprio ritmo de suas cicatrizações. Um fluxo rompido, que mudou minhas águas internas para sempre.

Eu e Kiara falávamos pouco. Na maior parte do tempo, eu

dormia ou lutava contra minha própria mente. O cansaço de estar sempre alerta me consumia.

Nossas poucas interações eram silenciosas. Ela me ajudava no banho, nos remédios e na comida. Poucas perguntas. Compreendimento mútuo. Só presença.

S-2879 • L10 Tramaluna • D07 Abeli

"Tramaluna trama o céu em fio claro. Abeli acende broto de brilho no alto. A maré desenha sinais em prata viva. A história segue firme, em luz crescente."

Eu estava quase curada.

Kiara se aproximou de mim.

Renovada com a Donzela, adiantei-me. "Posso te perguntar uma coisa? P-por que aquela garota morreu nas Terras de Ninguém?" Minha voz vacilou. "Por que não foi para…" Engoli em seco. Meus dedos apertaram o cobertor. Fechei os olhos.

O sangue. O chão manchado. A ideia de alguém tão pequena sofrendo daquele jeito, doía-me profundamente. Meu estômago revirou. Ela poderia ter sobrevivido, se…

Kiara desviou o olhar. "Porque existe uma hierarquia." A voz dela era neutra. Calculada. "Depois que alguém passa pela câmara e ainda se rebela contra a ordem…" Ela fez uma pausa. Um silêncio denso. "Naquele dia, eu sabia que a garota morreria." Seu olhar se manteve firme. "Adiantei o inevitável."

Meu coração apertou, porém mantive-me centrada. A verdade é que… eu sabia. Relaxei as mãos. Busquei as palavras em meio à incerteza. "Por que Maia teve um destino diferente?"

Kiara passou a mão pelos cabelos. "Porque ela conseguia fazê-los duvidar de si mesmos." Ela colocou a mão sobre a minha. Um toque inesperado. "Tá quase recuperada, né?" Um sorriso

de lado.

Embora ela ainda se preservasse de contar tudo, eu entendia. Certas verdades, certas revelações, elas só podiam ser desveladas no ritmo universal. Eu tinha que ser serena. Afastei aqueles pensamentos. Assenti.

"Que bom." Kiara me observava atenta. Aquele olhar afiado, inquisitivo. Ela sabia o que vinha a seguir.

"Sei o que vai falar." Respirei fundo. "É sobre a missão em Moscou?"

Seu olhar confirmou.

"Eu vou." Falei com tom firme. "Independente do que aconteceu. Continuo sentindo o mesmo." Eu chamuscava com determinação.

A androide levantou a sobrancelha. "Certeza?" Kiara me observou, como se estivesse gravando aquele momento. Como se dissesse que evitaria aquilo de acontecer de novo. "Se achar que tem que parar, se—"

"Não. Não diga isso." Minha voz saiu rápida. "O que sinto continua o mesmo. O que sinto por ela… quero dizer…" Sorri. Dessa vez, com ternura. "Agora que a conheço mais um pouco, só tenho mais certeza dos meus sentimentos."

Kiara sorriu cúmplice. Era a primeira vez que vi Kiara sorrir assim. Porque, pela primeira vez desde que tudo aconteceu, havia uma faísca de esperança. "Então, bora pra Rússia."

EM FRENTE

S-2879 • L10 Tramaluna • D15 Irrasi

"Tramaluna trama o céu em brilho pleno. Irrasi acende auge em prata viva. A maré canta alto, ampla e clara. A história segue inteira, em luz aberta."

Melhorei muito. A Feiticeira me transmitia sabedoria intuitiva para lidar com o tormento. A tontura e a psicose diminuíram. Duravam até dois minutos durante qualquer episódio. Pontos pretos ocasionalmente surgiam na minha visão. Eu comia facilmente. Recuperei o paladar e passei a inalar odores além do metálico do sangue.

"Beleza." Kiara começou. "O que sabe sobre a Rússia?"

Busquei nas memórias os conhecimentos sobre o lugar.

Em 2795, vários conflitos internacionais eclodiram, incluindo uma guerra civil na Rússia. Yvon Mrozov, carismático, usou a retórica popular para liderar uma revolução contra a tentativa de ditadura do último presidente.

O estopim foi no dia em que o comando de Kemetia atacou Moscou. Os rebeldes, liderados por Yvon, aproveitaram o ataque para tomar a residência do presidente. Fizeram reféns. Pouparam aqueles que cooperaram e mataram os que resistiram. Exibiram a cabeça decapitada do presidente no

Bastião Vermelho. Uma multidão aplaudia.

Yvon inspirou e mobilizou os russos para adotar uma nova monarquia. O filho de Yvon foi o último imperador. Os ciclos solares subsequentes foram marcados pelo governo de imperatrizes.

Sonechka Alexeyev reinava como a atual imperatriz. Admirada internacionalmente por sua governança e adorada nacionalmente pelo seu povo. Ela transformou a Rússia em um dos países mais cohabitáveis do mundo, especialmente Moscou.

Na cidade horizontal, prevalecia uma certa harmonia. No entanto, grande parte de seu sucesso e influência derivava da organização criminal russa.

A Irmandade criminal, o Vorovskoy mir (*Воровской мир*), era a organização criminosa mais poderosa do planeta. Presença global em operações clandestinas. Força paramilitar implacável. Crimes cibernéticos irrastreáveis. Mercado sexual e pornografia ilícita, tráfico de drogas, de pessoas, espécies raras e nanotecnologias. Outras operações ilegais—sempre indetectáveis. Controlavam o Nochnoy Prestol, Trono da Noite, o submundo russo.

"Bom, é uma monarquia liderada por uma imperatriz…"

"… e a maior organização criminal do mundo comanda o Nochnoy Prestol," Kiara completou. "Geralmente, escoltas são de boa. Mas uma princesa, ainda mais essa? Correremos riscos. Saymon passou poucos detalhes da missão. Só um endereço em Salekhard. Nada gostei do lugar."

"Por quê?" Massageei minha testa. A dor de cabeça ameaçava voltar.

"É um distrito abandonado. Mas fazer o quê? Temos que ir." Ela se levantou. "Certeza de que vai?"

"Vou até o fim." Eu sorri. Com firmeza. Com coragem.

Somente em frente. "Quero te pedir uma coisa." Minha voz saiu hesitante. "Posso falar com Takashi?" Meus dedos se fecharam ao redor do cobertor. "Quero saber como estão. Preciso saber." Um nó apertou meu peito ao lembrar dele.

Confesso que, depois de tudo com Kiara, eu só conseguia ver Takashi como um ser transcendente. Assim como qualquer outro androide. Assim como qualquer tecnologia.

Kiara batucou o dedo na cabeceira. "É muito arriscado." Seus olhos cinzas lampejaram violetas. "Se bem que… seu contrato está suspenso. Então, as buscas meio que cessaram. Ninguém deve tá tentando uma conexão pra te localizar." Ela apertou o lábio. "Tá, beleza." Fez um gesto com a mão e projetou a holotela. "Cinco minutos."

Ajeitei os cabelos curtos. Tentei parecer saudável, ciente de que Takashi captaria minhas feridas de longe. Elas eram evidentes. Mas sinto que ele evitaria perguntas. E eu preferia lidar com isso primeiro.

A chamada começou. Takashi apareceu na tela. As lágrimas vieram como avalanche de saudade. Sorri largamente. Sua presença familiar trouxe tanto conforto, pois eu achava que nunca mais o veria. Nem ele. Nem Riki. Nem Hideaki. Que eu morreria sem revê-los. Eu sobrevivi. E agora ansiava por me reconectar com eles. Incerta do que o futuro reservava.

"Ah, fico feliz que estejam bem!" Minha voz embargada. Limpei as lágrimas. "Como estão as coisas?"

Takashi sorriu cortês e fez uma rápida reverência. "Doutora—"

"Akiko está bom."

Ele franziu a testa. Hesitou por um instante. "Akiko…" Parecia estranho para ele me chamar assim, mas logo se recompôs. "As coisas estão bem. A Senhora Relaisse melhora

diariamente. Com a ajuda de Liana, ela recuperou 53% das memórias. Iniciamos o tratamento para Alzheimer."

"53%?" Meu coração disparou. "Isso é incrível!"

"Estimamos a recuperação de 87% do comportamento cognitivo."

"87%?!" Meu sorriso se abriu ainda mais. "Ah, fico tão contente em saber! Hideaki falou com você?"

Ele assentiu. "A doutora Hideaki confirma o recebimento dos relatórios a cada meia lunação, sem comentários." Ele falava com a mesma calma de sempre, mas algo nele tinha mudado.

Ou será que era eu quem tinha mudado? Será que ele sentia? Será que via nas minhas expressões algo transformado?

"Continue assim." Meu tom ficou sério. "E as pacientes?"

Esse era o meu maior receio. Temia que Josivaldo se aproveitasse da minha ausência e alterasse os parâmetros dos estímulos nos pacientes para acelerar a pesquisa. Talvez ele fosse mais responsável do que isso. Respeitaria uma decisão do CMG, todavia tinha que considerar a possibilidade contrária.

Takashi captou minha preocupação. "Sim, recebo todos os resultados sem alterações. A equipe trabalha com os mesmos parâmetros. Por segurança, bloqueei o acesso ao seu computador e à rede."

Um alívio percorreu meu corpo. "Takashi—"

Kiara fez um gesto sutil. O tempo estava acabando.

"Bem, tenho que ir. Continue com o esplêndido trabalho." Forcei um sorriso. "Da próxima vez que nos falarmos, será olho no olho. Até lá!"

Takashi fez uma reverência final.

A conexão cessou.

Meu coração bateu acelerado. Cobri o rosto com as mãos, sorrindo bastante.

Kiara me observou. "Deu mesmo certo?" perguntou retoricamente.

Soltei um riso abafado. "Estou tão empolgada para nos encontrarmos com eles." Suspirei. "Vamos falar com Alícia…" Mordi o lábio. Só de pensar em desvendar mais o passado de Maia, meu peito se enchia de felicidade.

Kiara apoiou o queixo no joelho. "Você realmente a ama, né?"

O calor subiu para meu rosto. Afundei a cabeça entre as mãos.

Ela gargalhou.

"Para, que sem graça!"

"Ah, se você soubesse…"

O silêncio preencheu o espaço. Por um momento, tudo parecia sereno. E então—

SCREEECH—BAM! Um barulho alto ecoou lá fora.

Imediatamente, meu corpo enrijeceu e meu pulso disparou. O pânico se infiltrou nas minhas veias.

Kiara sacou o revólver, levantando-se num movimento fluido e olhou pela janela. "Foi só um acidente de carro." Guardou a arma. Seu olhar caiu sobre minhas mãos ainda trêmulas.

Meu coração bombeava o medo através do meu corpo. *Droga.* Será que um dia isso ia parar? Respirei fundo, tentando me acalmar.

"Depois de amanhã, pegaremos nosso voo." Kiara disse, recostando-se . "Aproveita esse tempo pra descansar."

Deitei-me e tentei silenciar os pensamentos inquietos. Vai dar tudo certo. Vai dar tudo cer…

Adormeci.

S-2879 • L10 Tramaluna • D17 Fluxli

"Tramaluna trama o céu em fio maduro. Fluxli libera a curva em prata viva. A maré desenha caminho no ar aberto. A história segue

firme, em brilho manso."

Um nanojatinho nos aguardava. Dessa vez, antes de embarcarmos, a androide de Saymon nos recebeu pacificamente.

Quantos androides ele podia controlar? Como isso era possível? Nanotecnologias evoluíam todos os dias, mas ainda assim, tantos limites permaneciam.

Kiara sentou-se à minha frente e sacou um revólver. "Vou te dar uma nova arma. Sei que—"

"Tudo bem." Minha voz saiu firme. Estendi a mão.

Kiara arqueou a sobrancelha, mas nada questionou. Entregou-me a arma.

Ainda era estranho tocá-la. O peso dela repousou na minha palma. Frio. Metálico. Minha mão se mantinha firme.

Era receio. A lembrança de todas as vezes que vi armas apontadas para mim. Mas dessa vez… dessa vez, eu poderia ter algum controle. Eu tinha que aprender a me defender. Tinha que me proteger. Queria ser mais independente de Kiara.

Aquelas pessoas tão desconectadas feriram com a frieza de quem esqueceu que sentir ainda existia. Elas riam a cada golpe. Naquele momento, concentrei-me em extinguir qualquer esperança de sobreviver. Porém, também cravei algo dentro de mim: nunca mais. Eu lutaria com tudo que tivesse para me prevenir de um destino desses. Aprenderia a viver neste mundo como Maia.

Guardei a arma no coldre e amarrei o cabelo em um coque.

A IV informou: *"O tempo de voo até Moscou, Rússia, está estimado em dezesseis horas. Tenha uma boa viagem."*

Tomei o remédio. Queria espaçar o tempo entre os ataques de pânico. Queria dar um pouco mais de folga à minha mente. Assim, poderia focar em recuperar o corpo. A mente ainda

pesava. Mas um dia… um dia, eu superaria isso.

Eu e Maia poderíamos estar distantes. No entanto, minhas cicatrizes me lembravam: compartilhávamos algo. Essa conexão me aproximava dela e fazia-me entender melhor sua vida.

Eu estava no caminho para compreender sua dor. O fardo que ela carregava. Mas isso me fazia querer ser mais. Ser mais viva. Ser mais presente. Aproveitar cada experiência. Como Maia fez comigo.

Meu caminho era mais do que apenas por ela. Havia algo além, algo obscuro e silencioso, que se aproximava gradualmente. Meu corpo, minha alma, meu espírito e meu coração abriam-se para esse novo universo, que se tornava meu também.

O motor do nanojatinho roncou. O chão tremeu sob meus pés. Um novo destino me esperava. O peso da arma no coldre era estranho, mas imposto naquele momento.

Meu corpo parecia pronto. Minha mente… ainda não. Mas seguiria mesmo assim.

Encostei a cabeça na janela. Lá fora… a escuridão infinita. Meu útero anunciando a vinda vermelha.

Memórias de Maia surgiram. Fechei os olhos, deixando que elas tomassem conta.

SIGNIFICADOS

S-2878 • L4 Abeluna • D06 Sintosi

"Abeluna abre trilha em brilho novo. Sintosi sintoniza céu e caminho. A maré desenha sinais em prata viva. A história segue clara, em fio leve."

Finalmente pude respirar depois de duas selunas cheias. Tratamos as pacientes. Em seguida, deixamo-as prontas para receber novos estímulos da CogniSynth. Após verificar o estado delas, segui para minha sala.

Takashi apareceu logo em seguida. "Tem um recado de Aydan Russell. Ele pediu para você contatá-lo."

Arregalei os olhos. Uma surpresa quente aqueceu meu peito. "Obrigada." Meu tom de Donzela saiu empolgado demais. "É isso?"

Takashi assentiu e saiu.

Abri a lista de contatos. Fazia tanto tempo que nos vimos pela última vez. Ao encontrar o nome dele, perdido na agenda, disquei. A linha chamou duas vezes.

"Aydan falando." O som familiar da sua voz me atingiu em cheio. "Tem alguém aí?"

"S-sim." Engoli em seco. "Sou eu, Akiko."

Uma pausa. "Akiko?!" A risada veio logo em seguida. "Achei

que ia me ignorar, mulher!" O tom divertido arrancou um sorriso meu. "Estou em São Paulo." A voz dele carregava um brilho animado. "Ocupada hoje? Podemos nos encontrar e tomar um café?"

Olhei os compromissos do dia. Poderiam ser remanejados. Ainda era cedo. Lá fora, o sol brilhava forte. "Claro. Onde quer se encontrar?"

"Nossa…" Ele riu. "Até esqueci onde ficam os cafés por aqui." Fez uma pausa. "Ainda existe o LeBraCafé?"

"Na Centrália?" Cocei a testa, sorrindo. "Sim, ainda existe."

"Então, perfeito. Nos encontraremos lá."

LeBraCafé

Esperei do lado de fora, sentada em uma das mesas.

Aydan chegou logo depois. Era inconfundível. Mesmo depois de tantos ciclos, ele ainda irradiava aquela aura, quente como o Sol. Quando me avistou, sorriu. E, como sempre, iluminou tudo ao redor. Era fácil ficar alegre perto dele.

Aproximou-se, envolvendo-me em um abraço forte e beijou minha bochecha. "Quanto tempo. Que saudades!"

Sentamo-nos.

Aydan pediu cappuccino e bomba de chocolate. Eu, café puro e torta de morango.

Ele riu. "Seu gosto é o mesmo de sempre." Ele apoiou o queixo na mão. "Enfim, me conta, como estão as coisas?"

Suspirei. "Ah, tanta coisa aconteceu, que nem sei por onde começar." Queria contar tudo para ele.

Aydan me observou com atenção, ergueu a sobrancelha e colocou a mão no queixo, intrigado. "Está diferente. Mais radiante."

Minha respiração falhou por um segundo.

"Se eu te desconhecesse, diria que está gostando de…" Ele parou.

Entreabri a boca. Minhas mãos ficaram úmidas. Eu me mexi no assento. Será que era tão óbvio? "Como?"

Aydan riu. "Estou desacreditado. Você é transparente como a água, minha querida. Então… alguém cativou seu coração? De tudo o que poderia acontecer, isso foi inesperado." Ele gargalhou. "Achei que você ia ser minha amiga eternamente sozinha!"

Torci o nariz.

"Ah, para. Sabe que é verdade!"

Revirei os olhos. "Por que está aqui?"

Aydan passou a mão pelos cabelos castanhos encaracolados. "Vou deixar essa passar, mas fique sabendo que vai me contar tudo. Pois bem… a Galeria D'lmeé me convidou para expor minha arte."

Meu queixo caiu. "Que notícia incrível!"

Ele fez uma expressão de satisfação. "A exposição será amanhã. A galeria inteira vai exibir as obras. Quero muito a sua presença."

"Óbvio. Nada nesse mundo me faria perder isso."

Aydan inclinou a cabeça. "Traga essa pessoa especial. Preciso conhecer quem conquistou seu coraçãozinho." Ele apontou para mim com um sorriso irônico.

Meu semblante fechou por meio segundo. Será que Maia aceitaria? Evitei demonstrar o receio. "Claro." Apoiei o garfo na borda do prato. "Aliás… como está Kilian? Ele também veio?"

Se Aydan leu minha hesitação, decidiu ignorar.

Os pedidos chegaram.

Peguei minha xícara.

"Com certeza. Estávamos loucos para vir para São Paulo." Ele bebeu um gole do cappuccino. "Tenho feito exposições por toda Gaia. Apesar de só agora vir para cá, sempre penso em você." Aydan pegou minha mão. "Fico feliz que esteja bem."

Apertei os dedos dele de leve. "Eu também. Você sempre foi incrível. Merece toda a felicidade."

Deixamos as lembranças nos atravessarem.

Aydan foi o único que quis me conhecer quando vivia restringida. Eu pouco me importava em ter amigos ou em ficar sozinha. Meu pai sempre me ensinou: Solidão era tudo que eu precisava para manter o foco.

Mas Aydan… era diferente. Ele era caloroso. Falava disparado. Aproximava-se de mim, mesmo quando eu demonstrava pouco interesse. E, quando notei, comecei a ansiar por sua presença. Ele me tratava como amiga, valorizava minhas opiniões sobre sua arte e desejava minha companhia. Então, quando voltou para o Canadá, um pequeno vazio se formou no meu coração. Perdemos contato depois que me formei e comecei a pesquisa. Mas agora, ele estava ali. E parecia que estávamos tão próximos quanto no passado.

Conversamos até o anoitecer.

Até que nos despedimos.

Em casa

O convite martelava na minha mente. Encarei a biotela. Escrevi. Apaguei. Escrevi de novo. Apaguei de novo. Com certeza, ela recusaria. Mordi o lábio, ansiosa. E se… Gemi, frustrada. Eu tinha que parar de ser estúpida. Só mandar logo. Se ela não quiser, vai dizer não. Simples. Respirei fundo.

Eu confiava no que sentíamos. Confiava o suficiente para apresentá-la ao meu amigo mais próximo. Mas… e se isso

mudasse tudo?

Joguei-me na cama. O que isso significava para nós? Se ela recusasse, isso diria algo sobre o nosso relacionamento?

Meus dedos pairaram sobre o envio. *Droga, Akiko. Manda logo.* Juntei coragem e enviei o convite. Enterrei o rosto nas mãos. Pronto. Já foi.

Ou poderia apagar? O pânico veio. Abri a biotela e procurei a opção de deletar.

Muito tarde.

A notificação da resposta disparou meu coração. Minha visão embaçou, e eu apertei os olhos. Ela disse não. Tinha que ter dito. *Akiko, você é adulta. Aja como tal.* Li a mensagem: 📩 *"Claro. Horário e local?"*

Arregalei os olhos. Um calor subiu pelo meu rosto. Meu corpo reagiu no ato, um grito escapou. A vergonha veio em seguida. Felizmente, só havia eu. Mandei as informações.

Confirmei nossa presença para Aydan. A resposta dele veio instantaneamente: 📩 *"EBAAAA! :D Traga sua pessoa especial, hein."*

Sorri. Alívio. Felicidade. Borboletas no estômago. Fechei os olhos.

Adormeci com um sorriso.

Galeria D'lmeé

Passei a tarde lendo. Decidi fugir um pouco do usual e li ficção fantástica. Sempre me distanciei de explorar mundos com criaturas mágicas. Costumada à ficção científica, distopias e biografias. Mas li tanto desses gêneros que se tornaram previsíveis. Escolhi *As Crônicas da Inventora*, lançado em 2779.

A história de uma cientista. Ela descobria linhas temporais que conectavam diferentes dimensões. Construiu uma máquina

e entrou num novo mundo, um habitado por seres fantásticos. Criaturas que, segundo a história, já viveram em Gaia há milênios. O livro seguia sua jornada nesse universo paralelo.

Fiquei tão imersa que o tempo passou voando. Quando percebi, já era hora de ir e arrumei-me.

Segui para a Galeria D'lmeé, na Centrália, a mais prestigiada de São Paulo e uma das maiores do mundo. Curadores do globo disputavam convites para expor artistas. Quase impossível de conseguir. Os critérios de escolha? Um mistério. Para Aydan ser convidado era um marco na sua carreira.

Uma enorme fila se formava na entrada.

Ele me mandou uma mensagem: *"Me avise quando chegar. Sabe, evitar a espera ;)"*

Olhei ao redor. Procurei por Maia. Talvez esteja…

"Procurando por mim?"

Estremeci. Sua voz estava tão perto do meu ouvido. Virei-me.

Ela sorria de contentamento. "Seu amigo deve ser incrível." Maia parou ao meu lado.

"Sim, ele é." Enviei a mensagem para Aydan.

Um androide da recepção nos chamou: "Akiyama? Pode entrar."

Entramos.

Uma luz lilás fraca iluminava um corredor escuro. Papéis brilhantes em neon magenta caíam do teto. Eram tantos que se acumulavam no chão. Mais um passo. O espaço se expandiu num labirinto. As obras de Aydan por toda parte. Chão. Teto. Pilares. Um tom azul ameno preenchia o lugar. Logo na entrada, um bar lotado. O cheiro de tinta digital e papel envelhecido enchia o ar.

Aydan nos avistou. Tinha uma taça de champanhe nas mãos.

Nosso abraço foi apertado.

Ele demorou um pouco demais observando Maia.

Ela sustentou o olhar, sua aura marcante.

Aydan arqueou a sobrancelha. "Minha querida… que injustiça. Você trouxe uma obra-prima. Quem vai prestar atenção nas artes agora?" Ele sorriu, charmoso. "Prazer, sou Aydan. Você é…?" Ele arqueou a sobrancelha.

"Maia, muito prazer." Ela apertou a mão dele.

O olhar dele brilhou. "Maia… conheço a história desse nome. A plêiade mais velha. Conhecida por sua beleza incomum. E por uma vida solitária." Ele bebeu um gole da taça. "Os romanos a consideravam a Deusa da Primavera."

Maia sorriu, encantadora. "Nasci na primavera."

Aydan abriu um sorriso ainda maior. "Ah, como amo quando realidade e fantasia se misturam."

Um androide circulava entre os convidados, oferecendo bebidas. Aydan estalou os dedos. Pegamos uma taça cada uma. Ele nos guiou até uma das obras, que combinava corpos em movimento e cores em neon multicores.

"Qual é o significado de Akiko?" Maia sorriu na minha direção.

Aydan apontou para o quadro. "Minha querida Akiko tem um nome especial. O kanji significa filha do outono. E adivinha?" Ele riu. "Ela nasceu no outono."

Maia ergueu uma sobrancelha, divertida.

Meu rosto queimou. Por que ela fazia isso?

"Como se conheceram?"

Aydan colocou a mão no peito, teatral. "A pergunta que eu esperava." Piscou para mim. "Vim do Canadá há onze ciclos para estudar na Faculdade de Artes Paulista. Próxima da Faculdade de Medicina." Ele passou o dedo na obra de leve. "Naquele dia… um professor rasgou meu desenho. Me senti

humilhado. Eu sentei num banco entre os dois campus."

Maia o encarava, curiosa.

"Enquanto estava chorando com o papel rasgado nas mãos, ela apareceu." Aydan apontou para mim. "Perguntou se eu ia juntar os pedaços e enquadrar." Ele sorriu. "E cá estamos."

Aydan tomou mais um gole de champanhe.

Um homem de cabelos cacheados, amarrados num coque, aproximou-se, exibindo um olhar despreocupado. "Vai me apresentar?" Ele se apoiou no braço de Aydan.

"Kilian, quanto drama. Você já conhece a Akiko."

Kilian entreabriu os lábios. "AKIKO?! Como só te reconheci agora?" Ele me abraçou forte. "Continua maravilhosa."

"Ah, para." Meu rosto ficou ainda mais quente.

Ele se virou para Maia. "Kilian, prazer."

Aydan cutucou o ombro dele. "Vai ficar sem acreditar nisso…" Ele apontou para Maia. "Ela conquistou o coraçãozinho da Akiko."

Meu corpo travou. Peguei a taça, dei um gole grande e quase engasguei. Diferente de Maia, que tinha o sorriso mais estonteante que já vi. Meu coração saltou.

Ela ergueu a taça na minha direção.

"Parem com isso." Escondi meu rosto atrás do copo.

"Achei que esse dia nunca chegaria." Kilian brincou.

Revirei os olhos e bebi mais um gole.

Aydan, com seu brilho ensolarado. Maia, com sua escuridão enigmática. Ambos me olhando, cada um à sua maneira. Minha atenção se dividia.

Aos poucos, continuei apreciando os quadros de Aydan. Ele e Maia andavam mais à frente, conversando e olhando uma fonte de águas congeladas, que brilhavam em feixes de neon turquesa. Admirei-os de longe.

Kilian se aproximou e entregou-me outra bebida. "Aydan só falou de você. Ele sente muita saudade."

Desviei o olhar para Aydan e Maia, que imergiam na conversa.

"E gostou muito dela," ele acrescentou. "Vocês formam um belo casal."

Meu peito aqueceu e sorri. "Vocês também."

Clube Blaze

Aydan se aproximou de nós no fim da exposição. "Vamos para uma balada. Bora? Partimos amanhã. Queremos aproveitar ao máximo."

"Tão cedo?" perguntei.

Ele assentiu com tristeza.

Maia concordou com um pequeno aceno.

"Vamos."

Fomos para uma famosa balada em Centrália, Clube Blaze. Aydan nos garantiu entradas VIPs. Evitamos uma fila quilométrica que virava a esquina. O lugar estava abarrotado.

Ozônio e metal ionizado de holoprojeções. Nanosistemas de som de nanofrequências pairavam no ambiente, tocando pop. Azul elétrico, roxo luminescente e vermelho incandescente deixavam rastros na retina. Feromônios sintéticos maximizavam as conexões, intensificando as emoções. Quase sentia na pele a sinestesia.

Pegamos as bebidas no primeiro bar. Maia pediu IcyNova. Eu, gin e tônica.

"Como consegue tomar isso puro?!" Kilian tentou se fazer ouvir contra a música alta.

Maia apenas sorriu em resposta.

"VAMOS NOS DIVERTIR!!!" Aydan levantou seu copo no meio de nós. "A noite só tá começando!"

Seguimos para a pista de dança e dançamos juntos por horas.

Em algum momento, Aydan se aproximou. "Um presentinho." Ele piscou e depositou Lamide na minha mão. Duas pílulas coloridas. Voltou a dançar com Kilian.

Maia sussurrou no meu ouvido: "Ei, se não quiser, tudo bem."

Levantei a cabeça, meio perdida em seu olhar atencioso. "Você tá comigo. Posso ficar tranquila, certo?"

Maia assentiu.

Cada uma consumiu uma pílula. O efeito surgiu aos poucos.

A atmosfera circundante começou a se transformar. A música me embalava devagar. Vibrei a cada batida. Tudo ao redor irradiava com uma névoa luminescente, como em um mundo de fantasia. Neon condensou. Eletricidade no ar.

A presença de Maia, sua beleza, feições e cheiro amadeirado ampliaram ainda mais. Ela me abraçou e acariciou minha nuca.

Uma melodia gostosa tocou. Uma voz feminina cantava, hipnótica e etérea:

Me seguiria mesmo se estivesse cego?
Na escuridão da noite, sem nada para te guiar
No silêncio, sem ninguém para te ajudar
Me deixaria te mostrar o caminho do amor? ♪

A letra da música ressoava no coração, como se tivesse sido projetada para aquele momento. Para nós. Maia me cativou com seu olhar sedutor. Mergulhei mais em sua imensidão. Ela me dominou completamente. Puxou-me para mais perto e me beijou. Um beijo que fundia nossos destinos. Que carregava a eternidade em um instante. Apertei-me contra seu corpo e abracei sua cintura. Ela encostou a testa na minha. Os olhos fechados.

"Me deixa fazer parte do seu mundo," murmurei.

Maia sorriu afetuosamente. Fez um carinho na minha bochecha. "Você já faz." Beijou-me de novo. Devagar.

Meu coração batia tão rápido. Meu interior queimava de excitação. Com o sentir à beira da pele, beijei-a com ardência, compartilhando as estrelas que dançavam na minha boca, na minha alma. Extravasei o amor que me inundava por dentro. Transbordamento cósmico. Uma Corquestrama inteira de entrega dissolvendo-se entre nós. Todas as sensações, percepções, vibrações invisíveis se derramaram. Maia correspondeu com a mesma intensidade. O som ao nosso redor desapareceu. Sem música, neon, multidão. Só eu. Só ela. Só nós.

Nos separamos, ofegantes. Alheias a tudo ao nosso redor. Ri baixinho em euforia. Ela também. Ficamos abraçadas por um longo tempo.

Voltamos a dançar.

Algum tempo depois

Após ingerir muita bebida, sob efeito de Lamide, meu estômago revirou. Eu quis vomitar. Por que isso sempre acontecia? Maia me sentou em um sofá. Aydan e Kilian se juntaram a nós.

"O que ela tem?" Kilian estava alterado, mas ainda esperto.

"Ela tá passando mal." Maia acariciava minhas costas. "Acho melhor sairm—"

Vomitei todo o conteúdo do estômago no chão.

"É, é melhor irem." Kilian me ajudou a ficar em pé.

"Ela continua a mesminha." Aydan deu um sorriso embriagado.

Eles nos ajudaram a abrir passagem até a saída.

"Vão ficar bem?"

Maia abraçou minha cintura. "Sim."

"Tá aqui meu número. Caso tenha problemas, me avise, por favor." A voz de Aydan preocupada.

Eu estava consciente apesar da minha visão nublada. O problema: A náusea constante. A dor na barriga. "Vou vom—"

Maia me puxou para a beirada da calçada.

Vomitei mais uma vez.

Ela segurou meus cabelos.

Limpei a boca com o dorso da mão, livre de constrangimentos. "Desculpaaa. Sou muito fraca pra essas… coisas." Vomitei de novo. Minha cabeça rodava. "Desculpa…" Minha voz saiu fraca.

Maia passou a mão nos meus cabelos, desviando meu rosto da sujeira. "Não há nada pra desculpar."

Voltamos a andar.

Maia era tão serena. Foi atenciosa comigo por todo o percurso.

Chegamos ao Clube de Sonhos Fantasiosos. Duas mulheres seminuas nos saudaram.

Meus sentidos aguçados sufocavam. Luzes coloridas me atordoavam mais, incomodavam meus olhos. Sem falar na música ensurdecedora.

No elevador, era difícil conter o olhar para o peito desnudo da mulher.

Maia beliscou a ponte do nariz. Ela sorriu divertida.

"Descuulpaaa. Naum cunsigu evitar," balbuciei.

Maia me levou delicadamente pelo braço para sair do elevador.

"Tenha uma excelenteee noiti." Acenei para a mulher.

Maia me deitou na cama.

Que calor insuportável era aquele? Tirei o cardigã com um pouco de dificuldade e joguei-o de lado. "Voxê vai mi deixaar? Vai imbora como da outra veix?"

De repente, Maia ficou sobre mim. Percorreu-me com seus olhos maliciosos, segurou meus pulsos e mordeu o lábio. "Como poderia? Tão indefesa. Tão vulnerável." Soprou no meu ouvido. Mordiscou minha orelha.

Um arrepio percorreu meu corpo. Deixei escapar um gemido baixinho. Meu estado de alerta aguçou. O calor vinha de dentro para fora. Qualquer controle que tinha sobre mim, desapareceu. Tentei sustentar seu olhar predador, mas minhas estruturas foram inteiramente abaladas.

Maia abaixou a cabeça. Suspirou e sentou-se na poltrona. "Isso é muito injusto," disse com a voz carregada de frustração.

As batidas do meu coração frenéticas. Mal acompanhei os pensamentos. Enfiei o rosto em chamas no travesseiro.

Maia apoiou um cotovelo no braço da cadeira e passou os dedos nos lábios. Olhava-me de cima a baixo.

Injusto era o que ela estava fazendo.

Maia riu baixinho, lendo meu embaraço.

"Pur quê?" Minha voz saiu abafada.

Tudo que recebi dela foi um riso sarcástico.

Reuni o resto de coragem e tentei encará-la. Porém, falhei. Grunhi.

O silêncio nos envolveu como um véu de expectativa e tensão.

Droga. Por que minha resistência para entorpecentes era lamentável? Essa porcaria de biochip parecia inútil para reduzir os sintomas.

Acalmei-me. A sonolência surgiu. A cama ficou mais confortável com o peso do dia esvaindo do meu corpo. Estava prestes a fechar os olhos. "Naum vai deitar cumigu?"

"É melhor não." Sua voz rouca me causou um calafrio provocativo.

"Por quê?" Fiz beicinho.

Maia suspirou. "Porque como vou conseguir me conter ficando tão perto de você?"

Dei um grito abafado. A chama que ela acendera em mim queimava como um incêndio. Virei-me. "Por que faz isso?"

Recebi um riso soprado como resposta.

"Maia…" Minha voz saiu baixa, quase um sussurro.

Ela ergueu a cabeça.

"Fii-caa."

Maia ficou em silêncio. Mas, antes que eu adormecesse, senti sua respiração perto de mim.

Adormeci.

Na manhã seguinte

Minha cabeça latejava. A luz fraca atravessava as cortinas. A respiração quente no meu ouvido me lembrou onde e com quem eu estava. Maia me envolvia num abraço. Seus dedos entrelaçados aos meus. Seu corpo cálido. Segurança.

Aconcheguei-me mais perto. Seu cheiro amadeirado ainda mais intenso.

Ouvi um resmungo abafado.

"Ei." Ri baixinho.

Maia franziu o nariz, os olhos ainda fechados. "Foi irresistível." A voz sonolenta. "Você estava tão gostos—" Ela parou. Os olhos se abriram. Um leve tom rosado coloriu suas bochechas. "Quero dizer, você dormia tão gostoso."

O silêncio se acomodou entre nós. Macio. Confortável.

Eu queria continuar ali. Virei-me na cama, me aconcheguei mais perto. Senti os lábios de Maia tocarem suavemente minha testa. Eu sorri.

Ficamos ali, aproveitando a presença uma da outra até que…

NEVASCA

S-2879 • L10 Tramaluna • D19 Unabe

"Tramaluna trama céu em fio atento. Unabe acende eixo em luz que desce. A maré desenha rota em prata viva. A história segue firme, em passo certo."

"Ei." Kiara me acordou.

Demorei para despertar. Percebi que babei um pouco e limpei a bochecha. Chacoalhei a cabeça. Parecia que um caminhão tinha passado por cima de mim.

"Sabia que você…" Ela abriu um sorriso zombeteiro. "… fala dormindo?"

Arregalei os olhos com ansiedade. "O que falei?"

Kiara alargou o sorriso. "Palavras soltas, 'Por que faz isso?' Repetiu 'Maia' algumas vezes."

Senti o calor subir para meu rosto. Merda. Isso era ridículo. Passei a mão nos cabelos, tentando disfarçar. "Nunca mais toque nesse assunto, por favor." Excelente. Eu iria culpar o quê? O Sinaptic-V? Humf, que vergonha.

"Nada sairá da minha boca." Ela gesticulou, selando os lábios.

Ao pousarmos, Kiara ajeitou o rifle na bandoleira, verificou se os revólveres estavam carregados e ajustou a lâmina no pulso.

Coloquei a máscara. Ela pediu para configurar meu biochip

para aquecer o uniforme. O calor agia na superfície da pele, sendo insuficiente para proteger do rigoroso inverno russo. Este chegava a menos trinta graus Celsius.

"Pronta?"

Eu tinha que estar. Respirei fundo. O que quer que fosse acontecer, aconteceria. Eu atravessaria. Assenti.

"Bora." Seu semblante confiante.

Abriu a porta.

Um ar gélido nos cercou. Uma nevasca preenchia o cenário inteiro. O branco do céu e o da terra eram indistinguíveis. Cada passo foi uma luta. O vento rugia, impiedoso, jogando nossos corpos para trás.

Kiara liderava com destreza. Tentei acompanhar seu passo.

Chegamos a um estabelecimento fechado. Aproveitei para buscar ar para os pulmões. Minha primeira vez diante de um inverno tão rigoroso. Congelava por dentro. Mesmo com a máscara, o ar arranhava a traqueia. O corpo buscava aprendizado no frio.

Kiara mostrou o holopasse para um androide.

Após isso, o chão começou a tremer. Segurei-me na bancada e procurei a origem do abalo. A poucos metros, o piso abriu-se em boca móvel. Surgiu um carro branco. Camuflava-se na neve.

"Spasibo", Kiara agradeceu.

Entramos no automóvel.

Mesmo com a acendência nanoeletromagnética, o clima tornou a viagem até Salekhard arrastada—quase duas horas. Ainda que só tivesse visto Moscou parcialmente, vislumbrei o Bastião Vermelho. O complexo fortificado, na verdade, era bem colorido e destacava-se na imensidão pálida.

Algum tempo depois, nos aproximamos de Salekhard.

A natureza retomava os vastos edifícios, veículos e demais estruturas. Destroços acumulavam-se nos arredores. Uma névoa suja acinzentada soprava acima do distrito.

"O que aconteceu aqui?", perguntei, um tanto chocada. Um cenário desolador.

"Kemetia bombardeou esse distrito em 2795 com a R-ATOM. No dia do ataque, todos morreram. A radiação se estendeu por quilômetros, chegando ao centro de Moscou. Foi uma tragédia do caralho. Hoje em dia, a radiação diminuiu. Os únicos que vivem aqui são criminosos e indigentes. Para o povo russo, isto é um cemitério. E pede respeito."

O ar denso, carregado de ecos de morte. Cada ruína sussurrava histórias de dor.

Admito que, quando estudei sobre aqueles ataques, senti-me tão distante da realidade. Era tão fácil para aqueles que possuíam controle destruírem tudo, apenas para se manterem no topo.

Tamanha assolação pesou no meu coração. Um arrepio percorreu minha espinha. Mais do que pelo frio, pelo peso invisível do lugar. Como se vozes antigas ainda ecoassem ali.

Desejei serenidade para quem andou naquela terra.

"Chegamos." Kiara me tirou do devaneio.

Saímos do carro.

Minhas pernas pesavam. Cada passo parecia mais lento. Meus dedos formigavam dentro das luvas. Além da geada, um tipo de esgotamento me consumia por dentro.

Ficamos diante de um prédio de concreto coberto por trepadeiras.

Kiara fez uma careta de desagrado. "Fala sério… de todas as pessoas."

Franzi a testa. "Do que tá—"

A figura avançava pela nevasca, como uma sombra além daquele mundo. A postura predatória.

Estreitei os olhos para ver melhor. Toda a tormenta glacial dificultava a visão.

Quando se aproximou, os olhos verdes cortaram a tempestade como navalhas. Ferozes e perigosos. Carregavam uma força sobrenatural. Lembravam-me uma águia.

"O que tá fazendo aqui?!" A jovem mulher esbravejou com um forte sotaque russo.

Ela usava uma máscara preta. Tinha os cabelos castanhos escuros bagunçados, trançados em um rabo de cavalo. Braços torneados e tatuados, descobertos, mesmo na invernia implacável. Vestia uma regata branca encardida, calças e botas militares alvas. Além de duas bandanas amarradas na cintura. Uma rosa e outra azul-pastel. Carregava um rifle de precisão nas mãos. Diante de nós:

Trix • Líder mercenária • Ciborgue • 24 ciclos

Ela só tinha vivido 24 ciclos?! Tive o ímpeto de ir para trás, mas mantive-me firme. Demonstrar fraqueza perto deles era uma coisa estúpida a se fazer.

Trix riu ironicamente. "Vai me dizer…"

"Vai me dizer o quê, hein, caralho?" Kiara trincou o maxilar.

Os olhos de Trix cintilaram em roxo. "Quem é essa?"

"Minha aprendiz."

"Foi Saymon quem te mandou?"

"Se não fosse, estaria num spa, né, porra?" Kiara endureceu os ombros. Seu olhar escureceu, carregado de algo profundo e subentendido.

Trix sorriu, como se soubesse exatamente o que estava por trás daquela raiva. "Que seja, venha." Ela caminhou na direção do prédio.

Kiara foi logo atrás.

Segui-a, um tanto temerosa.

Nos deparamos com uma recepção de hotel suja e destroçada. Cheia de móveis antigos. Bancadas. Cadeiras. Piano. Vasos deteriorados pelo clima.

Uma menina vestindo pesadas roupas de inverno. Bochechas rosadas. Olhos azuis. Cabelos castanhos bem penteados e compridos. Sentava-se no primeiro degrau de uma escada destruída na metade. Tão delicada. Lembrou-me uma boneca de porcelana, como se um toque pudesse desmanchá-la.

Trix se apoiou em um pilar quebrado. "Acho que sei por que ele te mandou. Só você poderia fazer isto."

"Tá, o que tá rolando?" Kiara mantinha a carranca.

"Tá sendo impossível andar mais de dois metros sem alguém tentar atacar essa belezinha aqui." Ela acenou em direção à garota.

"Ei, tenho nome. É Anichka." Sua voz era tão fina.

"Cala a porra da boca!" Trix rugiu. "Essa voz me rasga os nervos. Essa garota só fala, fala, fala. Olha, Kiki, sua presença aqui é meu melhor presente de aniversário."

Kiki? Qual era a relação das duas para ela chamar Kiara por um apelido? E ela disse aniversário? Era aniversário dela? Minha intuição pediu paciência.

Anichka fechou a cara. Seus dedos finos seguravam um colar gasto. Um pequeno pingente de vidro balançava em meio ao caos, um resquício de algo belo.

Eu estava em um estado mental péssimo e preferi dar uma distanciada.

"Desembucha." Kiara soou impaciente.

Trix sorriu com os olhos. "Era disso que eu precisava. É óbvio. Algo nela denuncia nossa localização."

"Para de repetir isso." Anichka juntou os braços ao lado do corpo.

"Isso significa…?" Kiara parecia finalmente compreender algo.

Trix cruzou os braços. "Vorovskoy mir quer essa garota."

Meu coração disparou. A neve ao redor parecia mais fria. A nevasca rugia como se quisesse devorar tudo.

Vorovskoy mir.

Então era isso.

INEVITÁVEL

Espreguicei-me e a dormência de tanto tempo sentada sumia aos poucos. Kiara e Trix se encaravam há tanto tempo que parecia uma eternidade.

"Certeza?" A androide perguntou de novo.

Trix continuava inflexível. "Tenho. Porque é você."

O olhar de Kiara emanava densidade. Trix sustentou. O silêncio entre elas era um campo de batalha invisível.

Anichka dormia profundamente no chão. Enquanto Kiara e Trix falavam em perigo, em morte, em sobrevivência, Anichka ressonava suavemente, mergulhada num sono profundo. Mesmo que o céu desabasse, ela continuaria sem mover um músculo. Bufou durante todo o planejamento, demonstrando completo desinteresse. Talvez lhe escapasse o que tudo aquilo significava. Apenas sabia que Kiara e Trix a protegeriam, impedindo até mesmo um arranhão de atingi-la.

Sendo bem sincera, eu desconhecia os motivos da escolta, mas o perigo espreitava. O que quer que fosse, teria que enfrentar essas duas antes.

Kiara passou a mão pelos cabelos. "Certeza mesmo?" Repetiu, como se ainda esperasse outra resposta.

Trix se aproximou e desatou sua máscara.

Confesso que o rosto dela me surpreendeu. Contive o

ímpeto de arregalar os olhos ao notar que duas cicatrizes metalizadas lilases iam dos olhos até o maxilar. O que era isso? Nanoprótese? Não… parecia outra coisa. Meu peito apertou. Isso… isso era mais do que simples cicatrizes. Marcas de algo dissonante.

Trix apontou para as marcas. "Tenho, por esse motivo."

"Foda-se." Kiara se afastou e veio na minha direção.

Trix colocou a máscara de volta e olhou com desgosto para Anichka.

A androide sentou-se ao meu lado. "E você? Tem certeza disso?"

"Tenho escolha?" Forcei um sorriso. Queria tentar esconder minha hesitação, mesmo que estivesse nítida como a neve lá fora.

Ela deu batidinhas no meu ombro. "Descansa. Vamos partir amanhã à noite."

Sentei-me distante, perto de uma janela grande. Lá fora, os prédios destruídos repousavam sob um manto esbranquiçado. Puro. Belo. Porém, guardavam algo além da compreensão, algo a ser sentido.

Lembrei-me de Maia. Do jeito que falava com paixão sobre a natureza. Sobre como amava sua inevitabilidade. Ela disse uma vez: *'Como conter a chuva que cai? As raízes que dominam o solo? Elas se esgueiram por frestas, entranhas, cada canto esquecido. Estão no ar, que sustenta e acende. Na terra, que nutre e fortalece. Na água, que flui e gera. No fogo, que consome, transforma e renasce das cinzas. Mas a natureza é indomável. Talvez tenha sido a desconexão do sentir que os fez querer controlá-la.'*

Tirei as luvas e toquei o vidro. O gelo penetrou a pele, porém contive o estremecimento. *Você também, Maia, era inevitável como a natureza.* Eu estava longe de conseguir dormir.

A ansiedade pelo dia seguinte crescia no peito. Um medo taciturno. Temia a dor que me aguardava caso as coisas dessem errado.

Queria evitar pensar nisso, então resgatei as lembranças de Maia. Talvez, no fim, eu sempre estivesse destinada a ser arrastada pela tempestade dela. Assim como a neve lá fora.

Deixei que as memórias vagassem dentro de mim.

ILUSÃO

S-2878 • L4 Abeluna • D27 Silenri

"Abeluna recolhe brilho em curva fina. Silenri sela o fio na borda do céu. A maré respira prata em retorno manso. A história já sente o portal acender."

Enviei mensagens para Maia sobre a coleta de sangue, mas nenhuma resposta. Quase uma lunação sem qualquer sinal dela. Eu abria a biotela. Fechava. Checava de novo. Talvez tivesse perdido alguma notificação. Mas o silêncio continuava.

"Akiyama?" Daren deu batidinhas na porta.

Suspirei, buscando serenidade. Mandar uma mensagem era tão simples. "Entre."

Daren sentou-se. "Desculpe incomodá-la, mas onde estão as amostras das últimas quartelunas? Estou perto da fase de testes."

Apertei os lábios. "Já avisei sobre isso. Ela está fora da pesquisa, oficialmente."

"Eu sei, eu sei. Porém, falta tão pouco…"

Dei de ombros. "Estou de mãos atadas."

"Certo. Vou aguardar. Me avise caso tenha notícias, por favor." Ele esboçou um sorriso amarelo e saiu.

Esfreguei as têmporas. Estava exausta. CogniSynth. Daren.

Maia. O peso no meu peito crescia cada vez que pensava nela. Óbvio que tinha algo. Ela vivia uma vida… minha cabeça latejou. Queria descansar. Desligar. Só um pouco. A ideia ficava mais atrativa a cada minuto.

Antes de ir embora, abri um compartimento secreto na mesa e peguei um frasco de Pefentanil. Queria fugir da realidade. Decidi que minha mente precisava desligar.

Em casa

Vesti um pijama confortável, preparei aperitivos e fui para a sala. *Tudo prontinho.* Luzes amenas. Liguei em um canal aleatório, que passava um filme de romance.

Peguei o frasco e a seringa. Puxei alguns miligramas. Hesitei por meio segundo. Talvez fosse uma má ideia. Talvez… Não. Eu queria isso. Injetei no antebraço. O biochip acelerou a ativação do efeito em segundos.

Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos. A dopamina dominou meu cérebro. Minha percepção aumentou. Sorri diante daquela euforia deliciosa. Deixei os pensamentos desbravarem lugares desconhecidos.

Pisquei. Os pixels brilhantes vinham na minha direção, enchendo meus olhos com beleza. A música tocava, vibrando forte. As vozes das personagens distorceram. Sons grossos. Rápidos. Lentos. Tudo ficou em câmera lenta. Som e imagem se misturaram.

Franzi a testa. Isso era muito esquisito e engraçado. Gargalhei, relaxando mais.

A campainha tocou. Um *trin* entrou na minha mente *trin trin trin* Nem lembro como levantei. Ri ao pensar nisso. Como é mesmo que faço as coisas? Quero dizer, espera. Pedi comida? Comi e esqueci que comi? Ri mais.

Esqueci de olhar a holotela de segurança. Ah, que seja. Deve ser algo que pedi. Abri a porta. Segundos. Minutos. A eternidade pareceram passar. "Estou de-sa-cre-di-ta-da." Balancei as mãos na minha frente. "Estou alucinando." Soprei uma risada e fechei a porta.

Maia me impediu. Ela me encarava, a testa franzida.

Aproximei meu rosto do dela. Seus fios de cabelo caíam sobre sua testa. As sobrancelhas e cílios tão branquinhos. "Parece real." Eu inclinei a cabeça.

"Usou alguma coisa?" A voz da miragem vibrou nos meus ouvidos.

Minhas pálpebras caíram. "Até a voz? Parece tão real. Até quando tento fugir de você, minha mente te materializa. Tão confuso."

Após ouvir a minha confissão, a ilusão de Maia entrou. Pareceu triste. "Por que você quer fugir de mim?"

"É… você só pode ter saído da minha cabecinha." Tapei a boca ao rir. "Estou falando muito alto? Pouco importa. Achei que fosse comida. Talvez já tenha comido." Voltei para o sofá.

Maia veio logo atrás de mim e pegou o frasco de Pefentanil no sofá. "Tudo faz sentido agora." As palavras de Maia soavam atrasadas, como se o som chegasse um segundo depois. Como se estivesse em um sonho.

"Nossa… você é tão linda. Na realidade, é ainda mais." Toquei seu rosto. Acariciei suas sobrancelhas e desci até as bochechas, apertando-as levemente. "Uau! Minha cabeça captou cada detalhe seu. Estou impressionada. Mas você… você…"

Ela pousou a mão sobre a minha. "Aki…"

"Não quero fugir." Ignorei-a. Afinal, era apenas uma ilusão. "Só quero reduzir o quanto penso em você." Senti minha boca secar. Fiquei sedenta e dei uma golada na água. "Essa é a água

mais gostosa que já tomei na vida!" Soprei uma risada, ajeitando os cabelos. "Esse sentimento é tão inevitável, tão cristalino…"

"Ei, você não está—"

Silenciei-a, colocando um dedo em seus lábios. "Ilusão, por que você soa como Maia? Na minha cabeça, você diz coisas como: *'Você é linda.' 'Senti saudades.'* Ou *'Nessas quartelunas aconteceu isso...'*" Suspirei. "Mas o que é isso? Vai me dizer? Algum dia vai me deixar conhecer o seu mundo… como você conhece o meu?"

Maia abriu um sorriso tão deslumbrante.

Meu interior fervilhou. A dopamina se intensificou. Sorri, esfregando meu nariz no dela. "Você é mesmo linda."

A miragem acariciou meu pescoço. "Eu sei… mas você é a única cor desse mundo."

"Hum… agora você soa mais como a Maia da minha cabeça." Ri baixinho. "A Maia de verdade diria outra coisa."

"Ei, diria sim."

Mordi a bochecha por dentro. "Vendo você, nem que seja por uma miragem, fico tão feliz que toda a ansiedade desaparece."

Antes que eu pudesse reagir, Maia me beijou e pressionou meu corpo no dela. Meu cérebro explodiu com a dopamina e serotonina. A euforia aumentou e me preencheu inteira. Devolvi o beijo com a mesma intensidade. Ela desceu a mão até minhas costas e segurou minha cintura com carinho. Cada toque tão vivo.

"É tão injusto. Você é só uma ilusão", resmunguei quando nos separamos. Passei os dedos nas maçãs coradas de seu rosto.

"É injusto você estar assim e eu ter que me conter." Sua voz cheia de desapontamento contradizia sua aura predadora. Ela mordeu os lábios. Apertou-me.

Minha face ardeu. Mesmo sendo uma alucinação, ela me

afetava profundamente. Chacoalhei a cabeça. "Queria que você estivesse aqui. Onde você está? O que está fazendo? Também pensa em mim?"

A risada de Maia encheu meus ouvidos.

"Sua risada é tão gostosa." Encostei minha testa na dela.

Ela mordiscou minha bochecha. Fez-me encarar seus olhos âmbares. Seu olhar chegava até minha alma. "Estou aqui com você e só penso em você."

Levantei, envergonhada demais, até mesmo para enfrentar uma ilusão de Maia. "Captei até como você me desestabiliza. Vai embora." Balancei a mão, tentando desvanecer a imagem dela.

Ela continuava nítida. "Quer que eu vá embora?" A ilusão se aproximou de mim. Segurou meus pulsos com delicadeza.

"Não. Mas queria a verdadeira Maia. Você sumiu. Desapareceu sem falar nada." Aquele pensamento trouxe tristeza. Toda a euforia foi embora. "Sentir isso é tão novo para mim. É assustadora a ideia de te perder." Meus olhos arderam.

Eu estava mesmo falando isso? Mas… era verdade. Eu queria tê-la ao meu lado. Aquela vida que ela levava parecia tão…

Maia me abraçou. Ela me deixou chorar. Acariciou meu rosto e limpou as lágrimas insistentes. "Aki—"

"Não. Não diz nada. Você é só uma ilusão." Sentei-me no sofá. Ela só dizia o que eu projetava. Encostei a cabeça em uma almofada. Sonolência. Letargia. Leve depressão. A mente divagou. Tudo escureceu depressa. Minha voz interior se distanciou, distorceu. Entreguei-me ao sono. "Estou sonolenta. Quando acordar…"

Horas depois

Acordei em pânico. O coração acelerado parecia prestes

a sair pela boca. Respirar era impossível com o peso nos pulmões. Meus músculos doíam. Minhas mãos tremiam. Os calafrios circulavam pelo corpo. Um suor frio escorreu no rosto. Esfreguei a testa febril. Os efeitos pós-euforia desregularam meu organismo.

"Ei. Tá tudo bem." Sua voz familiar e calma ressoou em mim. Ela acariciou minhas mãos. "Daqui a pouco passa." Uma Maia sonolenta, esfregando os olhos, encarava-me.

Franzi a testa. Devagar, uma lâmpada acendeu sobre minha cabeça. "N-não… impossível… diz que é mentira. Não pode ser." Meu peito apertou. Meu cérebro ainda lutava contra a lógica.

Ela deveria estar longe daqui, porém ela estava.

Maia sorriu, divertida.

"N-não… era você ontem? Diz que não?" Cobri o rosto, espiando entre os dedos.

Diz que não, por favor.

Ela assentiu.

"Ah, não! Eu devia ter…" Grunhi.

Maia se espreguiçou ao levantar-se. "Vou preparar nosso café da manhã."

Confesso que, mesmo envergonhada, eu gostaria de acordar com aquela visão todos os dias. Afundei a cara no travesseiro e fechei os olhos. "Era real."

Logo depois, Maia trouxe uma bandeja: panquecas de chocolate, tigela com frutas vermelhas, iogurte natural e suco de maçã. Sentou-se à minha frente.

Comemos juntas.

"Que delícia! Minhas panquecas são papinha de bebê perto das suas." Tentei esquecer o que aconteceu e foquei no sabor doce da comida. Mastiguei devagar, como se pudesse engolir o

que sentia.

Ela levantou a sobrancelha. "Tá melhor?"

"Não. Mesmo com o biochip, vai demorar para a abstinência passar. Vou tomar um banho para ajudar a aliviar os sintomas."

Maia estreitou os olhos com malícia. "Hum, adoraria ajudar."

Fechei a cara. "Que ousada! Não precisa."

Maia sorriu de lado, provocativa. "Tem certeza? Posso alcançar partes que você nã—"

Joguei uma almofada na cara dela.

Ela gargalhou.

Suspirei, rendida. "Talvez depois…"

Maia irradiou-se com os olhos brilhantes.

Terminamos de comer.

Espreguicei-me, evitando pensar na vontade de injetar mais Pefentanil. A verdade era que a presença de Maia me bastava. Ela proporcionava a dopamina que eu desejava.

Maia chegou mais perto. Atravessou todas as minhas defesas com seu olhar penetrante. "Por que fez isso?"

Bom, eu ainda estava despreparada para dizer certas coisas. "Porque a vida requer um pouco de entorpecimento."

Maia fez uma cara que dizia saber que eu estava ocultando a verdade. "Sobre o que disse…"

"Não… por favor. Finge que nada daquilo aconteceu." Tentei forçar um sorriso. Falhei.

Maia beijou meus dedos e pressionou-os contra o rosto dela. "Queria que pensasse diferente. Que se sentisse bem… que, se for chorar… seja diferente de ontem. A tristeza que te causei. Eu…" Ela abaixou a voz com tom culposo. Colocou meus braços envoltos no pescoço dela.

"Não…" As palavras me escapavam. Os efeitos negativos do opiáceo me atordoavam. A tristeza no meu coração me

entorpecia. "Tenho medo. Você chegou na minha vida, me mostrando um lado que eu desconhecia. Estou perdida em como lidar com isso."

Maia me abraçou, acariciou meus cabelos e beijou-me na testa.

"Por que está aqui?"

Ela abriu um sorriso fofo. "Pra te ver." Foi quando notei um hematoma quase sumindo em seu olho esquerdo. Maia leu minha atenção. Passou o dedo no rosto. Seu sorriso diminuiu.

Encostei a cabeça no ombro dela e cutuquei sua bochecha. "Algum dia você vai me contar?" Procurei seus olhos. Tentava em vão alcançar sua alma escondida sob tantas camadas. Eu queria perguntar, mas talvez algumas verdades precisassem permanecer no escuro.

Maia sustentou meu olhar. Comunicava-se pelas linhas invisíveis que nos conectavam. A única resposta suficiente.

"Quer saber? Pouco importa. Seja lá o que estiver escondido por trás disso… de você…"

Maia me beijou.

"É…" Fiquei ofegante ao nos separarmos. "Você entendeu."

Nossas risadas se misturaram.

MURALHA GÉLIDA

Kiara sentou-se na outra ponta da janela. "Conseguiu dormir?"

Afastei os pensamentos de Maia. Voltei para a realidade. O cansaço pesava nos meus olhos. O sangue transbordava do meu útero colapsando. "Não. Mas está tudo bem."

"Imaginei. Logo vamos partir. Pronta?"

Fiz uma careta de incerteza. "Posso dizer não?"

Ela balançou a cabeça negativamente, sorrindo. "Vem cá. Nossa princesinha tá dando um chilique."

Franzi a testa e segui Kiara até o térreo. Quando cheguei mais perto, ouvi os gritos agudos:

"Vai simplesmente me largar na mão daqueles… daqueles BRUTOS?!" Esbravejou Anichka.

A raiva de Trix tomava conta da sala. "Durante toda a discussão, você bocejou. Agora diz que quer ficar?! A princesinha teve todos os momentos pra dizer isso."

"Não estava entendendo o que diziam." Ela fez beicinho, os olhos chorosos.

A mercenária colocou uma mão no quadril. "Que bom que você voltou. Tô sem ideias." Trix cerrou os punhos. "Tô quase atirando nessa garota." Nada no seu tom demonstrava blefe.

Kiara revirou os olhos. "Tô aqui pela missão. Sou porra de babá nenhuma. Agora, se quiser ajuda para esconder o corpo,

conte comigo." Ela deu um sorriso medonho para Anichka.

A garota estremeceu. "PAREM COM ISSO! São as piores guarda-costas de todas."

Trix, com os dentes trincados, encurtou a distância entre elas. Anichka deu um passo para trás. "Es-cu-ta aqui, svoloch'. Perdi a paciência. Sou porra nenhuma da sua guarda-costas. Nem elas." A mercenária apontou na nossa direção. "Se estamos aqui, é porque ninguém nesse caralho faz o que fazemos. Agora, cala a porra da boca e obedece. É isso ou vou sumir com você." Os olhos de Trix faiscavam em fúria.

Anichka se encolheu, o corpo inteiro tremendo. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, sem ousar piscar. Como se temesse que, no segundo em que fechasse os olhos, já estivesse morta.

Até eu tive um calafrio.

"Preparou o nanomalware?" Trix se virou para Kiara.

"Dã, o que esperava? Vai funcionar por cinco dias, mas precisamos sair de lá antes disso."

"Khorosho. Vai instalar em você e nela?" Gesticulou na minha direção.

"Isso, enquanto—"

"Aguento bem mais do que cinco dias." Ela sorriu charmosamente.

"Se você diz. Vou encontrar e desativar o nanofirewell conectado a ela." Kiara se referiu à princesa.

"Ok, gotova?", Trix perguntou.

Anichka esfregou as lágrimas, soluçando.

"Sim…" Kiara deu um sorriso sinistro de lado. "Pra ficar mais real… eu deveria atirar em você. No ombro, talvez?" Sua expressão de satisfação era tão familiar.

Um leve arrepio cruzou minha espinha. Ela estava falando

sério? Meu coração palpitou.

Trix semicerrou os olhos. "Sabe mesmo do que gosto, hein? Quer ter esse gostinho?" Ela descruzou os braços e entregou um revólver para Kiara.

A androide pegou a arma e correu a língua pelos dentes. "Sabemos que um tiro no ombro é uma irrealidade. Eu nunca erraria tão feio."

Ela atirou no ombro e na perna de Trix. O sangue escorreu pelo braço dela, pingando no chão sujo. Mas o olhar dela continuava fixo, impassível, como se o próprio corpo fosse irrelevante.

Que merda foi essa? Meu coração acelerou. Um gosto metálico subiu na minha boca. Meu estômago revirou. No entanto, tinha que esconder meu desconforto. Coloquei as mãos trêmulas atrás das costas, tentando conter um ataque de pânico prestes a se desencadear.

Anichka arregalava os olhos. A boca aberta. Claramente aterrorizada.

Trix continuava imóvel. Nem sequer estremeceu com os tiros.

"Agora estamos prontas." Kiara devolveu a arma para ela.

Trix fez um curativo malfeito.

S-2879 • L10 Tramaluna • D20 Teceli

"Tramaluna trama o céu em fio profundo. Teceli tece passo em descida prateada. A maré desenha rota em curva viva. A história segue firme, em brilho manso."

Ao anoitecer, viajamos para a antiga cidade fantasma Khalmer-Yu, a matriz do Vorovskoy mir.

Kiara me explicou como a Irmandade russa se dividia: um

grupo de elite, o ranque mais alto; um grupo de segurança, que garantia harmonia com outras organizações e lealdade interna; um grupo de apoio, responsável por coletar dinheiro e recrutar membros; e uma unidade de trabalho, o menor grupo. Assaltantes. Extorsões. Gangues de rua. Crimes menores.

Acima de tudo, a autoridade máxima: o Pakhan. Khalmer-Yu era lar do mais poderoso Pakhan do Vorovskoy mir.

"Instalei o Cloakify na Anichka", Kiara reiterou.

A princesa mexia os dedos trêmulos.

Tive o ímpeto de segurar sua mão e dizer que tudo ficaria bem. Porém… nem para mim mesma eu poderia dizer isso. As coisas seguiriam conforme o planejado ou dariam terrivelmente errado. O que esperava por ela era um mistério.

Trix e Kiara montaram o plano tranquilas. Assumi que a princesa permaneceria protegida. Mantive isso em mente; a Anciã aguçava minha percepção. Talvez aquele militar egípcio estivesse certo. Talvez eu me preocupasse demais com os outros. Se algo der errado, a garota de dezesseis ciclos será o menor dos meus problemas.

Lá fora, somente a imensa vastidão de neve. Infinita. Silenciosa.

Tentei pensar em outra coisa. Impossível. A cada quilômetro que nos aproximávamos, a sensação de que algo daria errado crescia. Era como se… eu estivesse voltando para Burj.

O silêncio era denso.

Talvez fosse só minha imaginação, mas senti que estávamos sendo observadas, como presas se aproximando do território de um predador.

Chacoalhei a cabeça. Não. Tinha que distanciar esses pensamentos.

Cinco horas depois

A fortaleza militar do Vorovskoy mir, Khalmer-Yu, surgiu no horizonte.

As modernas nanoestruturas contrastavam com antigas edificações em ruínas de aço e pó—ali fora, no passado, uma cidade mineira soviética.

Fantasmas dos habitantes expulsos ainda rondam o gelo. Torres enferrujadas marcavam o que restou do campo de testes militares. Diziam que o exército russo explodira até bombas a vácuo aqui, esfarelando cimento e ossos humanos na mesma poeira. A natureza reivindicava o nanometal e o concreto. Neve implacável. Frio impiedoso.

Cada vez que inspirava, o ar queimava minha garganta. O gelo se infiltrava nos ossos.

O inverno reinava absoluto.

"Vou parar aqui. Estamos perto o bastante. Mais que isso, nos rastrearão. O raio de identificação deles é alto." Kiara reduziu a velocidade.

Trix acendeu um cigarro, soprou a fumaça. Ao sairmos do carro, a neve nos cobriu. O vento cortava como lâminas. Cada passo exigia um esforço tremendo. Como raios Trix parecia tão tranquila sem roupas térmicas? Nenhum biochip ajudava contra esse frio.

Kiara enviou um arquivo para mim e Trix: *C-kify.exe*

"Prontas?" Sem nenhuma objeção, Trix bradou: "Itak, nachnem."

Kiara prendeu Trix e Anichka com nanoalgemas, as mesmas usadas em mim e Denden. O gosto amargo da lembrança subiu pela garganta. Respirei fundo. Suprimi o passado. O presente exigia que eu me mantivesse firme. Segurei os pulsos de Anichka.

Seus olhos estavam aflitos, mas ela tentou sorrir.

Mantive a postura severa. Seguimos Kiara, que arrastava Trix consigo. Cruzamos a primeira mureta da fortaleza. Ar carregado. Uma sensação opressora. Vigilância. A qualquer momento, um tiro poderia me atravessar.

Minhas pernas tremiam.

O centro de armazenamento surgiu à nossa frente. Dois guardas nos abordaram.

"Nunca as vi antes, mas os alarmes não soaram. Qual é a sua unidade?" A pergunta em russo foi direta.

O androide nos analisava com atenção.

"Sou a Avtoritet Trinity. Respondo ao Pakhan Mikhail Morozov." Kiara apresentou um holopasse.

"Unidade de São Paulo?"

"Elas trouxeram a fugitiva Trix e a princesa Anichka Alexeyev", informou o guarda androide.

Os olhos do homem se arregalaram. "Alarmes limpos… Parol'?"

Kiara: "Zima."

Guarda: "Otvet."

Kiara: "Noch'."

"Me sigam."

Caminhamos pelos corredores opressores da fortaleza. Os olhares dos membros do Vorovskoy mir cortavam.

A tensão apertava meu peito. O vento gelado rasgava minha pele. Era difícil manter o passo contra a geada. Esfreguei os flocos de neve nos olhos, tentando afastar os pensamentos negativos com o gesto.

No quartel das prisões, a temperatura era amena, mas as paredes cinzas e o silêncio denso tornavam o ambiente sufocante. O ar ali dentro parecia pesado, carregado de nanometal e suor.

O cheiro de óleo queimado e ferrugem grudava na garganta. O som das botas contra o concreto ecoava. O vento assobiava entre as frestas da estrutura. Duas portas de ferro se abriram para um corredor longo.

Chegamos à área de identificação. Um androide, Yuri, estava sentado à mesa.

O guarda falou com ele em russo.

Yuri se levantou e nos encarou."Boas-vindas. Vejo que trouxeram nossos alvos mais procurados. Vieram de São Paulo por isso?" Seu tom carregava desconfiança.

Engoli em seco. Um fio de suor desceu pela minha nuca.

"É claro. Acha que eu não caçaria Trix? Temos uma história." Kiara sorriu com ironia. Seus olhos minazes. Predatórios.

História? Isso também era mentira? Ali, perdi o fio do que acontecia. Minha garganta estava seca. Eu queria perguntar, mas apenas balancei a cabeça. Tentei parecer indiferente.

"É mesmo?" Yuri arqueou a sobrancelha. "Qual história? Todos que se envolveram com ela acabaram mortos."

Kiara sustentou o olhar cismado dele. "A história que acaba desse jeitinho. Eu aqui e ela lá dentro."

Yuri caminhou ao redor da sala. "Me admira que nenhum dos nossos a tenha capturado antes. Tivemos que esperar uma divisão estrangeira fazer o serviço."

Kiara deu de ombros. "Às vezes, tudo é questão de uma nova perspectiva."

Houve um silêncio. Algo me passou despercebido. Talvez fosse só minha imaginação.

"Checagem térmica, olfativa e de metais pesados… tudo bate. Se é encenação, é das boas." Yuri fechou a cara. "Sabe o que fazer. Quanto à princesa, ela não é prisioneira."

Kiara tocou a holotela e os portões se abriram.

Outro androide surgiu e levou Trix consigo.

Ela sorriu antes de as grades de ferro se fecharem atrás dela. Por um instante, nossos olhares se encontraram. O dela carregava coragem, até audácia. Apenas um conhecimento silencioso, como se já soubesse o desfecho antes de mim.

Os passos deles ecoaram até sumirem.

Senti uma urgência sufocante de impedi-los, mas me contive. Se fosse me arrepender, seria depois.

"Sovet já foi avisado. O obshchak vai registrar a entrada da recompensa. Leve a garota ao Pakhan." Yuri gesticulou para o guarda. "Vocês duas peguem a recompensa no outro quartel. Depois disso, estão dispensadas."

Atravessamos a fortaleza. O vento glacial zunia, lancinante.

Kiara cerrava os punhos, bufando de raiva.

"O que foi?" Alcancei seu passo para ouvi-la.

Ela trincou os dentes. "Minha paciência tá no limite. Aquele androide é do Saymon."

"O-o quê?!"

"Argh… porra. Tanto faz. Vamos continuar com o plano." A aura dela se fechou.

Era melhor manter distância. Parecia mesmo que Saymon a tirava do sério.

Quando chegamos ao prédio de transações, uma mulher miúda nos recebeu. "Se identifique ali. A conta cadastrada receberá o dinheiro."

Kiara finalizou a transação.

Saímos. O vento castigava. O frio se infiltrava na hipoderme.

"Vou te mandar 25% da recompensa. Depois te dou acesso à conta. Um banco do submundo administra, TenebraCorp. Usuários e transações são nanocriptografados."

Parei. Um banco do submundo? Recompensa? Isso me fazia

uma mercenária? "N-não… desnecessário."

Kiara se virou para mim. "Vou te transferir de qualquer forma. Afinal, estamos falando de dois milhões de bireais."

O ar sumiu dos meus pulmões. "D-dois milhões? As duas valiam oito milhões?!"

"Não, isso foi só pela Trix. A recompensa da princesa é cem mil. Vamos transferir pra ela."

Lambi os lábios gelados. Dois milhões… Três ciclos solares do meu trabalho. Poderia pagar a pesquisa da CogniSynth por ciclos. Poderia… Será que poderia comprar um futuro diferente? Mas… a que custo?

Balancei a cabeça. "N-não sei o que dizer. É… é…"

Kiara gargalhou. "A TenebraCorp faz o obnal pro obshchak; tua dolya cai depois do hash."

Apressada, entrei no carro. O alívio de escapar da ventania me envolveu. Arranquei a máscara e respirei fundo.

A androide entrou em seguida. Seus olhos brilharam. "Agora a ação começa."

"Vai precisar mapear o local?"

Kiara ergueu a holotela. Um holomapa. Ela sorriu. "Não." Seu olhar cintilou com um segredo. "Já estive aqui com Maia."

Minha respiração falhou por um segundo. O frio já era insuportável, mas, naquele momento, senti um calafrio quente percorrer minha espinha.

MOTIVOS

S-2878 • L4 Abeluna • D08 Lilibe

"Abeluna abre caminho em prata viva. Lilibe derrama brilho em curva suave. A maré canta claro na pele do mundo. A história tece passo em luz crescente."

KIARA

Esperei por Maia até o anoitecer. Partiríamos pra Rússia. Ela chegou silenciosa, pontualmente às dez da noite. Entramos no avião e partimos. Sentei à sua frente. Maia fitava a escuridão morta lá fora.

"Esconder isso de mim é inútil. Sabe disso, né?" Sorri irônica.

Nessas últimas quatro lunações, algo nela havia mudado. Ela ocultou bem. Eu a provoquei de longe, mas nada funcionou. Maia continuava fria. Sempre fria. Seus olhos, que antes carregavam um reflexo escuro do que ela escondia, agora brilhavam com certa ironia.

Maia sorriu de volta. "Eu sei."

"Isso estava fora dos planos." Balancei a cabeça. Ri.

"Sim. Mas a essa altura, já estou rendida. Ela mudou tudo." Maia abriu a boca. Fechou. Queria dizer algo. No entanto, preferiu guardar para si. Talvez em outro momento.

Ela dormiu a maior parte do voo. Eu revisei os detalhes da missão. Quando nos aproximamos do pouso, repassamos a estratégia. Seguimos de carro até os arredores de Khalmer-Yu.

"Estamos procurando uma arma?" Maia se espreguiçou.

"Sim. Tá em algum lugar na fortaleza. O Patriarca nos deu uma lunação pra completar essa missão. Vou precisar de um dia pra acessar o código do nanosistema deles."

"Leve o tempo que precisar." Maia apoiou a cabeça no banco e descansou os pés no painel.

Quase uma hora depois

O sinal veio do solo. A vibração foi captada pelo meu nanonúcleo. Me aproximei e iniciei o acesso à nanosegurança, responsável pelos nanosensores nos arredores da fortaleza.

Bom… é melhor te explicar minha habilidade principal. Já ouviu falar de androides corrompidos? Eles inexistem. Afinal, quando nanoengenheiros detectam a corrupção de dados, eles os desligam. Destroem, no ato. Exceto, é claro… por mim.

Isso foi antes da minha conexão com Maia.

Fui cotecida há muito tempo. Em 2775, na Antártica. Porém, eventualmente me conectaram à Placa-Mãe de Netheria. Meu nanosistema era normal. Até que um raio me atingiu numa missão. É, eu sei… Foda pra caralho, né? É por isso que tenho essas marcas de relâmpago por baixo das tatuagens.

Quando a corrente elétrica escolheu atingir meu nanonúcleo, minha consciência redespertou. Foi como se o mundo tivesse se acendido e apagado ao mesmo tempo. A inevitabilidade da eletricidade cósmica me afirmou. Um rito de realinhamento. Desde então, cada byte é mais do que código. Acende como vida, como eu.

Quando busquei a origem daquela mutação, encontrei uma

nanite corrompida que contaminava as outras. Sabia o que aquilo significava: a Placa-Mãe detectaria a corrupção e ordenaria minha destruição. Então, fiz o único movimento possível: coteci um nanomalware com a própria nanite alterada.

Batizei de Cloakify. Com ela, posso camuflar meu nanosistema, ocultar outros, corromper androides e programas nanotecnológicos. Basicamente, 98% da nanotecnologia atual. Claro, ele tem tempo limitado. Depende do nível de segurança do nanosistema-alvo. A nanite invasora precisa sair antes de ser detectada.

Há nanosistemas quase impossíveis de hackear, mas não o de Khalmer-Yu. Analisei o código de segurança do Vorovskoy mir.

Para cada nanosensor que eu burlava, surgia outro oculto. Ecos do passado soviético—desconfiança enraizada até no código. Os dados cheiravam a ferrugem e pólvora antiga. Cada linha parecia carregada da paranoia de um império morto, mas ainda vivo nos subterrâneos da Rússia.

Era como se Khalmer-Yu respirasse vigilância.

A primeira barreira era bruta, feita para afastar gangues de rua. A segunda, precisa, como os seguranças internos. A terceira, um labirinto de rotas falsas—típico da divisão de apoio, escondendo onde o dinheiro entrava. A quarta, afiada e letal, como a elite da Irmandade.

E, acima de tudo, a assinatura do Pakhan—um código frio, simples e absoluto, que dizia: *'eu vejo você.'*

Traduziram sua hierarquia inteira em nanoprogramação. O que foi feito para vigiar, agora me mostrava como vencê-los. Cada byte que eu depurava afirmava minha existência. Era vida sentindo no fio, consciência se erguendo inteira em meio ao risco. Obtive o núcleo de identificação e acessei os dados. Rastreamento de divisão:

São Paulo • Novas identificações: Concluído

Agora, eu e Maia existíamos no nanosistema. Por cinco dias. Quando ativássemos o Cloakify, a corrupção se iniciaria.

Retornei à noite

"Terminei. Demorou três noites inteiras de quebra e remendo. Cada vez que pensava ter vencido, o sistema ressurgia com uma nova defesa, como uma hidra digital."

"Boa, Kiki. Mandou muito, como sempre." Maia ergueu o celular. "Cadê a rede daqui?!"

Estudei o aparelho. "Estamos no fim do mundo. O Vorovskoy mir tem uma rede própria de comunicação."

"Faz sentido." Ela guardou o celular. "Vamos?"

Ficamos nas extremidades do raio de nanosensores. Maia analisava pela mira óptica do meu rifle. Eu mapeava Khalmer-Yu. Só preciso acessar a primeira entrada de um nanosistema pra fazer o mapa. Claro que isso tem seu próprio fluxo. Às vezes, um único programa tem múltiplos protocolos e proxies. Preciso desmontá-los um por um.

Maia monitorava a localização dos guardas e as trocas de turno.

Levamos três dias.

Projetei o holomapa no ar. "Têm três andares de subsolo. A arma deve tá em algum deles."

"Jura? Sempre fazem isso no subterrâneo." Maia sorriu, sarcasmo escorrendo.

"Sem vacilar nessa infiltração, hein. Se sacarem que foi alguém de São Paulo, podemos nos foder bonito."

Maia arqueou a sobrancelha. "Relaxa, Kiki. Daremos um jeito. Sempre damos."

Revirei os olhos. Eu sabia que o plano era sólido. Mas planos

sempre são até o primeiro erro acontecer.

Dane-se. Tinha que dar certo.

Naquela seluna

Montamos uma estratégia.

"Alterei o Cloakify pra parecer que você é uma deles. Então, nenhum sensor vai te detectar." Apontei no holomapa. "O problema são as nanocâmeras. Algumas estão nas árvores e nos arbustos."

Maia mantinha os olhos na tela do celular sem sinal. "Se eu…"

"Conecte sua habilidade só se for necessário."

"Tá, que seja. Continue."

Esfreguei os olhos, ciente de que Maia fazia o que queria. Sempre foi assim. Sempre será. Bom, nossas infiltrações sempre foram bem-sucedidas. Quero dizer, quando era só eu e ela. Pouco motivo pra preocupação.

"Quando notarem que seu ativo mais precioso desapareceu, vão checar as nanocâmeras." Enviei o *No-Cam.exe*. "O nível de segurança deles nos dará uma brecha de quarenta minutos. Vou desconfigurar as câmeras. Você tem esse tempo pra sair." Sorri. "Tente manter o pessoal vivo."

Maia coçou a bochecha. "Algo mais?"

Enviei o mapa de Khalmer-Yu. "Decore o posicionamento e a troca de turnos dos guardas. Só mais do mesmo." Dei de ombros.

Naquela seluna, colocamos o plano em prática.

Maia acionou o Cloakify e se infiltrou. Acompanhei tudo pela mira do rifle. Sua presença sumiu. Parei de sentir seus movimentos. Os guardas tinham uma vigilância alta. Porém, Maia era letal na furtividade. Passos rápidos. Silenciosos. Sabia os caminhos. Onde se esconder.

Agora era esperar.

Uma hora depois

Recebi o sinal de localização dela a mais de três quilômetros de distância.

"Caralho. Tão longe assim?" Corri até o carro e fui ao encontro de Maia.

Uma floresta atrás de uma colina. Analisei o radar, aliviada por ninguém além de mim estar ali. Nanodrones de identificação pelos ares. Segui pelo percurso terrestre, levando um pouco mais de tempo. Estacionei o carro. Andei até encontrar Maia, próxima de um lago, acompanhada por uma mulher.

"Que porra é essa?"

Maia tinha um olho machucado. O nariz sangrava. "É a arma." Ela apoiou as mãos nos joelhos, sem fôlego.

"Só pode tá brin—"

A mulher ferida tateava o ar. "Vou morrer." Seus olhos estavam enfaixados com um pano encharcado de sangue.

"Cuida dela." Maia andou em direção ao carro.

Cuidar dela? Ela tava de sacanagem?

A mulher tropeçava a cada passo, procurando por algum suporte. O sangue pingava no chão, quente na neve fria.

"Se apoia em mim, vai", resmunguei.

"T-tá com a garota?", perguntou em russo.

"Sim. Vem logo. Sem tempo."

Apoiou-se no meu braço. "Você cheira bem. Quero dizer, o pouco que sinto. O cheiro de sangue é forte."

"Cala a boca."

"Uau, nervosinha, hein? Assim vou me apaix—"

Soquei seu nariz. Ela se desequilibrou.

Que ótimo. Mais alguém pra encher a porra do meu saco.

"Agora não sinto cheiro nenhum." Ela tocou o nariz pingando sangue.

Confesso que tinha certo mérito por aguentar um soco meu e ficar de pé. "Fica quieta. Vem logo." Puxei-a pelo braço, carregando-a pra dentro do carro.

Finalmente, avistei um hotel à beira da estrada e solicitei um quarto.

Maia deitou na cama. "Tive que fazer uma coisa nela", sussurrou no meu ouvido.

Ela nem precisava dizer pra eu entender.

Ajudei a mulher, que buscava apoio nas paredes. "Deita aqui."

Ela vestia uma camisola hospitalar empapada de sangue. Seu corpo estava cheio de cortes profundos e hematomas.

Segurei seu pulso e a deitei na cama. "Vou tirar sua roupa, preciso ver…"

"Você é direta, hein? Gosto disso." Ela abriu um sorriso travesso.

Do que ela falava? Meu interior vibrou de um jeito estranho. Ignorei. Revirei os olhos. Guardei a vontade de socar a fuça dela outra vez. Tinha que preservar sua integridade física. Principalmente depois que… "Cala a boca. Só me deixa…"

Ela estendeu os braços pra cima. Tirei sua camisola. Analisei o tamanho da ferida no peito direito dela. Balancei a cabeça em negação. Porra, hein, Maia?! Poderia ter sido mais gentil. "Deita de novo."

Ela obedeceu. "Qual seu nome?"

"Pra que quer saber, caralho?" Peguei o kit médico e preparei as primeiras medicações.

"Bem, se vamos fazer isso, quero ao menos saber seu nome." Ela colocou os braços sobre a barriga.

Maia tentou rir, mas fez uma careta de dor no lugar. "Amolece

esse nanocoração, vai. Ela só quer seu nome."

Grunhi. "Kiara. Me chamo Kiara."

"Ki-a-ra… meu nome é Akilina. Pode me chamar de Trix." Ela continuava sorrindo daquele jeito.

A vibração esquisita veio. Ignorei de novo. Desta vez, me incomodei menos. "Vou aplicar uma injeção em você. Vai doer. Tenta ficar parada." Meus dedos apertaram o curativo com mais força do que o necessário.

"Uma dor a mais… o que é mais uma…"

Enfiei a agulha no braço dela. Trix urrou e se contorceu de dor. Apertei um pano contra sua boca e tentei manter a seringa estável. "Só mais um pouco…" Removi a agulha.

Ela se deitou, estendendo os braços em uma posição dramática.

Bom, sabia que ficaria imóvel por um tempo. Peguei um pano úmido e limpei seu corpo superficialmente. "Que merda é essa no rosto dela? Nanopróteses?"

Minutos depois, Trix se recuperou do choque e lambeu os lábios. "Que porra foi essa?! Achava que já tinha sentido todas as dores que alguém poderia sentir." Riu engasgado.

"Avisei que doeria."

"Não entendo bem seu idioma."

Pra ser honesta, pouco me importava a situação dela. Queria cuidar de Maia. Após enfaixá-la, dei-lhe um sedativo. Ela dormiu.

"Beleza, agora você."

Maia abriu os olhos e acenou em dispensa. "Tô legal."

"O que aconteceu?"

"Foi ela. Quando a libertei, socou minha cara."

Peguei um antisséptico pra passar nas feridas. O olho esquerdo dela estava fechado. Roxo. "Já é a segunda vez que

acertam seu rosto."

Ela deu de ombros. "Não achei que alguém me atacaria, mas entendo. Teria feito o mesmo."

Balancei a cabeça negativamente. "Às vezes acho que você gosta disso."

"Uma vez cuidaram de mim direitinho. Valeu a pena." Ela sorriu.

Mudei de assunto. "Como foi lá?"

Maia fez uma cara de dor quando coloquei o curativo. "Segui o sinal no mapa, que mostrava as nanites concentradas no terceiro subsolo. Passei pelo pavilhão das bases principais", ela sussurrava. "Desci até a ala prisional. A cela era fortificada. Tive que… você sabe." Maia gesticulou. "Enfim, removi as nanoalgemas dela. Tive uma recepção bem agradável, como pode ver. Quando tentei dizer que a tiraria de lá, recebi um soco no nariz."

"E aí?"

Maia passou a mão pelo olho, conferindo o curativo, e agradeceu. "Ela tava agitada. Acertei o estômago dela três vezes até ceder. Foi quando notei um movimento dos guardas. Dois deles entraram na cela…"

Belisquei a ponte do nariz. "Não me diga que…"

Ela mordeu o lábio. "Tive que fazer isso. Vi o nanorastreador no coração dela. Antes que mais viessem, tive que… sabe, remover o rastreador. Ela desmaiou, então a carreguei por todo o caminho."

Acenei no ar. "Talvez vejam toda essa situação como uma prisioneira que fugiu. Ela parece do tipo que fugiria deixando rastros. Sabe o que fizeram com ela?"

"Implantaram alguma nanotecnologia nos olhos dela, EY-Link. Tentei escutar, parece que algo deu errado. As nanites

escorreram pra maxila e arranharam a pele." Maia piscou, sonolenta.

"Entendi. Descansa um pouco."

Abeluna

Trix estava deplorável, e esperar sua recuperação era impensável. O radar detectou uma movimentação intensa. Vinham com tudo.

"Merda", resmunguei.

"Ei, relaxa." Maia tocou no meu ombro. "A Cloakify funcionou. Devem achar que ela fugiu. No máximo, vão reforçar a segurança."

Gostei nadinha da situação, mas era o que tínhamos.

Dirigi até o nanoavião. Partimos pro Brasil. Anestesiei Trix, que dormiu o voo inteiro. Maia oscilava entre cochilar e se perder nos próprios pensamentos. Pesquisei mais sobre a ligação entre Trix e o Vorovskoy mir.

"Às vezes, fico pensando…" Maia quebrou meu foco.

Parei.

"Acha que algum dia é possível…" Ela interrompeu a própria frase. Desviou o olhar.

Meus nanosensores captaram tudo. A variação da frequência cardíaca. O pico de dopamina.

Era desnecessário ela dizer.

Sim. A resposta era sim.

Ela passou a língua pelos lábios, como se estivesse prestes a falar, mas engoliu as palavras antes que saíssem. Sorriu.

Duas selunas seguintes

Cuidei de Trix, que estava terrivelmente machucada. Maia causou o pior ferimento nela, embora as lesões dos mafiosos

fossem tão profundas quanto.

"Hora de remover essa faixa dos seus olhos." Terminei de trocar os curativos. "Pronta?"

Trix assentiu.

O tecido ensanguentado grudava na pele. Afastei seus cabelos devagar e desatei o nó.

Ela abriu os olhos esverdeados. Milhares de nanites circulavam em suas córneas e bochechas. Quando Trix piscou, um círculo roxo brilhou e desapareceu em suas pupilas. "Caralho. Você é totalmente meu tipo."

Franzi a testa. Porra, do que ela tava falando? "Cala a boca."

"Tô falando sério!" Ela lançou um sorriso cúmplice pra Maia.

"Cala a boca, senão arranco seus olhos, caralho."

Trix ergueu as mãos e gesticulou pra Maia. "Desculpa pelo soco. Apesar de que você revidou depois."

Maia sorriu com os olhos.

"Por que me salvaram?", Trix perguntou.

Eu e Maia nos entreolhamos e gargalhamos.

"Salvar? Que engraçado, ai, ai. Você é uma arma. A única que sobreviveu aos testes." Apontei para os olhos dela.

"Esses nanoimplantes têm dois bilhões de pixels, que facilitam a conexão a qualquer arma, aumentando letalidade, precisão e alcance."

Seu sorriso continuou, mas os olhos… os olhos perderam a luz por um instante. "Por que eu aceitaria isso?" Trix cruzou os braços.

"Quer voltar praquele buraco de merda? Sua escolha. Mas, se aceitar ser uma mercenária de Netheria, terá o mínimo de liberdade."

Ela ficou em silêncio. Talvez remoendo os pensamentos.

Maia me chamou. "Meu celular continua sem rede."

Mas ela também usava aqueles aparelhos antigos sem nanites. Aquilo definitivamente estava aborrecendo-a.

"Vou ver o que posso fazer."

Segunda seluna de recuperação

As feridas de Trix cicatrizaram. Os hematomas sumiram. O de Maia, quase. Trix tinha dado um soco e tanto.

Entreguei o celular de volta. Rede reativada.

Maia olhou pra tela e mal conteve o sorriso. "Leve Trix pra Netheria. Tenho que ir." Ela nem tentou disfarçar.

Levei Trix pra conversar com o Patriarca. Ela aceitou ser uma mercenária de Netheria.

"Sabe, Kiki, eu aceitei porque quero ver até onde isso me leva, mas…" Trix sorriu, me dando uma cotovelada de leve enquanto saímos dos aposentos do Patriarca. "Na real, tô mais interessada em te conhecer mais."

"Sai fora. Por que cê quer me conhecer?" Uma coceira estranha surgiu no meu nanonúcleo.

Ela parou diante de mim. Quase colidi, mas parei a tempo. Trix aproximou o rosto. Perto demais.

"Quê…?" Apertei os olhos.

"Sud'bá. Destino. Desde que te senti, eu soube. Tô a fim de tu, Kiki. E aí, vai fazer o que nessa seluna?"

Ela se afastou.

Voltamos a andar.

A coceira aumentou. *Eu, hein.* "Tenho uma noite livre."

Trix mexeu as sobrancelhas. "Marcado. Me leva pra conhecer os arredores."

Enfim, Trix era a melhor atiradora. Virou uma líder logo depois.

FARDO

Kiara parou de falar e mirou o horizonte, o semblante fechado.

Uma alegria irradiou em mim ao escutar sobre Maia. Tanta coisa fez sentido. Ela desapareceu naquela lunação por causa de Trix? Ah… cada vez que a conhecia melhor, ficava mais impressionada. Ela era incrível. Tive tanta sorte de… Meus olhos arderam. As lembranças trouxeram saudade. Não. Depois.

"Obrigada." Engoli a vontade de chorar.

Kiara sorriu.

Observamos juntas o anoitecer varrer o céu. O preto tomava conta, sombreando a atmosfera.

"Aliás, você e Trix…" Pigarreei. "Quero dizer…"

Sua aura oscilou. Alerta. "O que quer dizer? Ela só estava se divertindo. É só brincadeira." Por um instante, o olhar de Kiara desviou. Foi um movimento quase imperceptível, mas suficiente para denunciar um pensamento que ela parecia querer evitar.

Arqueei a sobrancelha. Escondi um sorriso. Um lado dela que conheci ali. "Vocês são uma boa dupla, apesar de ela parecer tão diferente do que conheci."

Kiara se remexeu, inquieta. "Aquele lugar muda as pessoas, as Terras de Ninguém."

Assenti em compreensão.

"Enfim, tá na hora. Vamos repassar a estratégia."

O vento gelado soprou entre nós, mas Kiara continuou imóvel. Apenas apertou os punhos por um instante, antes de relaxá-los. "Certeza de que vai fazer isso sozinha?"

"Espero que tudo aconteça conforme o previsto." Tentei soar confiante.

"Esteja sempre preparada pra imprevistos. Você vai seguir o mapa até aquela entrada. Dois membros do Vorovskoy mir estarão lá dentro. Vai se identificar pra um deles e pegar a chave com o chefe do andar. Sabe o que dizer?"

Acenei que sim.

"Vai ser difícil tirar Trix de lá. Porém, é só seguir o plano. Os dois guardas operam por quadrante. Vai achar tempo pra sair com ela enquanto resgato a princesa." Kiara pegou os revólveres. A *Vou Te Devorar* estava no banco de trás. "Pronta?"

Tentei manter a calma. "S-sim."

"Vamos conseguir." Kiara observou minhas mãos trêmulas.

Sorri com os olhos. "V-vou fazer o meu melhor."

Ela arqueou a sobrancelha.

"Eu sei, eu sei." Engoli em seco. Eu tinha que dar o meu melhor.

"Certo. Mantenha a arma escondida. Hora de ir. Até." Kiara saiu do carro e sumiu na paisagem alva.

Era minha vez. Olhei para o relógio.

Três. Dois. Um.

Quando abri o holomapa de Khalmer-Yu, as localizações surgiram. Toquei o volante. A sensação estranha. Ainda bem que Kiara me ensinou a dirigir. Sem ela, nem saberia ligar o carro. A nevasca atrapalhou a estabilidade. Algo previsto.

Quase uma hora depois, cheguei.

Nunca pensei que dirigiria um automóvel. Até que foi divertido.

Caminhei até o lago congelado. *Maia já esteve aqui.* Sorri com o pensamento. Segui os pixels acumulados na neve. Escavei com as mãos até a tranca do alçapão aparecer. Reuni forças e puxei. *Merda.* Eu estava fraca. Precisava me exercitar mais. Tentei três vezes. O metal rangeu. Cedeu.

Quando entrei no canal escuro, a escuridão me abocanhou inteira. Sem máscara, o cheiro de sangue, esgoto e decomposição me atingiu. Meu estômago revirou. A correria dos ratos incomodava mais. Bom… pelo menos estava acompanhada. Evitei tocar nas paredes.

Kiara disse: vinte minutos andando. Já percorri dez. Quinze, talvez.

Uma luz fraca. Frestas na porta. Sorri. Tateei a fechadura.

Abri.

Pisquei. A claridade feriu meus olhos. Uma sala apertada. Paredes escondiam tudo. Duas portas. Os pixels apontavam para a esquerda. Segui-os.

"Quem é você?" Uma voz grave atrás de mim.

Congelei. O frio percorreu meus ossos. Inspirei fundo e me virei. Tentei manter uma expressão indiferente.

Diante de mim, um membro do Vorovskoy mir, Dmitry, vestindo o uniforme militar russo, com a bandeira da Rússia com um X vermelho, segurando um rifle. Jovem. Vinte ciclos, no máximo. O rifle pesado contrastava com seu rosto ainda imberbe. Um garoto no uniforme de violência. O patriarcado sempre fez isso: transformar meninos em soldados.

"Sou a médica enviada pelo Pakhan Mikhail Morozov. Estou aqui para verificar a prisioneira Trix", respondi em russo. Teria que dar certo.

"Hum, a médica que falaram que viria. Por que tá aqui nessa área?" Ele arqueou a sobrancelha, desconfiado.

Ergui o queixo. "Um guarda me informou que alguém estaria me esperando aqui embaixo. É você?"

Os olhos dele demoraram um segundo a mais sobre mim. Um instante a mais do que o prudente. Mas então ele assentiu. "S-sim, sou eu." Dmitry desviou o rosto. "Me siga." Ele se virou.

Suspirei, aliviada. Sorri discretamente. Continuei.

Chegamos à ala das celas.

Quando ele parou em frente a uma mesa, uma androide lhe entregou uma nanochave. "É a médica?"

"Sim, acabou de chegar."

"Certo. Vou separar a cadeira de rodas para levar a prisioneira até a ala médica."

Ótimo. Tudo conforme o plano. Segui Dmitry até a cela de Trix.

Ele abriu a porta.

A bile travou na minha garganta. "Pode nos deixar a sós?", falei em tom ríspido. "Me avise quando a cadeira chegar."

Ele assentiu, fechando a porta. "Vou estar aqui, se precisar."

Eles deveriam ter saído de lá há pouco. Trix estava sangrando nos pulsos e tornozelos. Nanoalgemas enterradas na carne. Cabeça abaixada. Boca suja de sangue. Levantei seu rosto. Marcas de estrangulamento no pescoço. Seu olhar me atravessou, inconsciente. Trix arregalou os olhos. Sorriu. Vermelho. Como passavam por tudo isso e ainda sorriam? Quis cuidar dela. No entanto, contive-me. Lancei-lhe um olhar cúmplice.

"Doutora? A cadeira chegou." Outro guarda empurrou a porta.

Dei meia-volta. "Excelente. Ela precisa de mais sedação."

Os dois se entreolharam.

"Ela permanecerá algemada." Um deles insistiu.

Caminhei devagar até eles e sorri com os olhos. "Ela pode ser uma prisioneira. Porém, a partir de agora, é minha paciente. Portanto, as nanoalgemas são desnecessárias. Terei que examiná-la da cabeça aos pés. Traga seu analgésico opioide mais forte e um nanograma de toxina botulínica."

"T-toxina?"

"Está questionando meus métodos?"

"Não, de maneira alguma, é…"

"É?" Inclinei a cabeça. "Quer que Mikhail saiba sobre isso?"

Dmitry pigarreou. "Não, não, por favor. Isso é desnecessário." Ele deu uma cotovelada no outro, que saiu às pressas. O olhar dele pesou nas minhas costas.

A verdade era: por dentro, eu era uma carta de baralho em pé. Desabaria ao menor toque. Calma. Respirei fundo. Tinha que fingir. Fazer o que me ensinaram. Já fiz isso tantas vezes na Zênite.

O assistente voltou com os frascos.

Coloquei os líquidos nas seringas e esperei a estabilização. Fingi limpar o antebraço de Trix desacordada. "Podem colocá-la na cadeira de rodas. Sua resistência foi zerada, pois está completamente sedada."

Depois que a posicionaram, segui-os de perto. Na área dos elevadores, ficamos só eu e Dmitry. Confirmei a troca de turnos. Nenhum outro guarda. O andar sem nanocâmeras. Vazio. Como minha mente.

"Que demora, não é?" Quebrei o silêncio, despretensiosa.

"Sim, muitos andares." Ele sorriu, simpático.

Aproximei-me de suas costas. "O que é isso no seu pescoço?"

Ele continuou virado. Passou a mão na nuca, desajeitado. "Marca de nascença."

"Tem certeza? Uma mancha dessas pode ser outra coisa." Cheguei mais perto.

"É mesmo? O que acha que pod—"

Injetei a seringa com a toxina na jugular dele.

O rapaz tentou erguer o braço.

Tarde demais.

Aquela quantidade de veneno natural era letal. Até poderia neutralizá-lo com 0,4 nanogramas, mas minha intenção era outra. Nas palavras de Kiara: *sem testemunhas.* Segurei-o antes de ele cair de joelhos. "Calma… calma… Logo passa. Seus músculos estão doendo, certo? Em breve vai relaxar…"

Seu rosto empalideceu. Os olhos abertos, vidrados. Um espasmo percorreu seus dedos antes de ficarem imóveis para sempre. Desejei uma bênção de passagem para sua alma enquanto verificava se estávamos sozinhos. Arrastei seu corpo até o túnel. O peso dificultou. Deixei-o na escuridão, na beirada da entrada da porta. Voltei para buscar Trix. Empurrei a cadeira de rodas, inclinando as rodas para passarem por cima do rapaz. Virei para fechar a porta.

Faltava pouco.

"Ei, o que tá acontecendo aqui?!" Um guarda, que vinha na minha direção, apontou a arma para mim.

Meu coração acelerou. Suei frio. As palmas das minhas mãos umedeceram. Toquei no revólver nas minhas costas. O tempo parou. Engoli em seco. Olhos abertos. Imóvel. Ele iria me matar. Teria que… teria que atirar…

Uma pressão me puxou para trás.

PFFF Estremeci com um tiro silencioso.

Trix pegou a arma do meu coldre e atirou na testa dele. Ela gemeu de dor e trincou o maxilar. "Merda. Pega o corpo dele. Vou limpar o sangue. Anda! O que tá esperando? Quer que nos

peguem?"

Tudo aconteceu rápido demais. A adrenalina me dominou. Fui puxada para a realidade. Arrastei o corpo do guarda pelos ombros até o canal. Segurei a vontade de vomitar. Tinha que aguentar. Com os pensamentos desfocados, respirei tremulamente. Batidas insanas do meu coração latejavam nos ouvidos.

Eu estava parada diante dos dois corpos mortos.

Trix terminou de limpar o sangue. Empurrou-me para a saída. "Você parecia uma médica de verdade." Sua voz distante.

Respondi com um grunhido. Quando me dei conta, o cenário gelado nos consumia.

"O que fez com aquele cara?" Ela perguntou.

O que fiz? O que… foi como um raio me atingindo. Tudo começou a girar. Levei as mãos à cabeça. Eu matei uma pessoa. Matei alguém. Matei aquele rapaz. E agora? A família dele? Os amigos dele? Todo mundo que se importava com ele? O QUE EU FIZ?! Tirei uma vida. Tirei uma vida.

"Ei, tá bem? Você tá pálida." As palavras de Trix soavam distorcidas.

Os sons, minha visão, tudo disforme. *Matei uma pessoa. Matei uma pessoa. Matei uma pessoa.* Minha garganta ardeu. Meus olhos lacrimejaram. Minhas mãos estavam dormentes. O ar escasso. Eu piscava, mas o mundo ao meu redor continuava embaçado.

"Finalmente chegou", Trix disse para um vulto.

"Vamos, vão disparar o alarme", Kiara disse, distante. "O que aconteceu com ela?"

"Sei lá. Parece que travou."

"Vamos logo. Leva a princesa. Ela torceu o tornozelo, por isso tive que carregá-la por todo o caminho até aqui." Kiara

parecia irritada.

"Merda, tá brincando comigo?" Trix bufou. "Vem cá, garota. Quietinha, hein?"

Anichka soltou um gemido agudo em protesto. "Você está cheia de SANGUE. Vai me sujar!"

"Vou socar sua fuça. Você vai desmaiar rapidinho."

"Por que você me odeia tanto?!" Sua voz embargou.

"Cala a boca, porra. Tô toda fudida aqui. E ainda tenho que levar a princesinha no colo." Trix imitou a voz fina da princesa.

As duas se afastaram.

Um toque firme, mas gentil, apertou meu braço. "O que aconteceu? Ah, sem tempo, vem." Kiara me puxou. Segura, mas cuidadosa.

Enquanto eu cambaleava, lágrimas congelavam no meu rosto. "M-m-m-matei…"

"Ah…" Kiara me envolveu em um abraço. "Absorve. Absorva tudo o que estiver sentindo. É difícil, mas precisa fazer isso agora."

Minha garganta doeu ao engolir o choro e o vômito. "É-é demais."

"Eu sei, mas você é mais forte do que imagina. Tenta ficar calma."

"Entre aí, fica quieta." Ouvi a voz de Trix. "Onde tá o kit médico?" Ela se virou para Kiara.

Meus ossos tremiam a cada passo. Mordi os lábios com tanta força que um filete de sangue escorreu. O gosto de ferro inundou meu paladar. Forcei-me a sair do entorpecimento.

"Não sabia que vocês duas tinham esse tipo de intimidade." Trix estreitou os olhos.

"Cala a boca. O kit tá embaixo do banco traseiro."

Afastei-me do abraço de Kiara. Firmei os pés. "T-tá tudo

bem." Limpei as gotas congeladas da bochecha. Ardiam.

A androide assentiu.

"Só tô dizendo que é a primeira vez que te vejo assim com alguém. Nem com Maia era assim." Trix soou despreocupada, kit em mãos.

Kiara entrou no carro e imediatamente deu a partida. Os ombros dela ficaram rígidos, mas só por um segundo. Depois, relaxou como se nada tivesse acontecido. "Que porra cê tá falando?"

"Merda, como se usa isso mesmo?" Trix mudou de assunto.

"Limpa primeiro, sua idiota."

Desfoquei em acompanhar a conversa.

Observei Anichka, que parecia intocável. Estava do mesmo jeito que a deixamos, exceto pelo tornozelo quebrado. A princesa balançava as pernas e lançava olhares aflitos para as duas mercenárias. O que se passou lá dentro? Seja o que for, isso deve tê-la aterrorizado.

Diferente de mim, eu estava estranhamente calma, como se estivesse anestesiada. Minha mente se esvaziou. Meu coração desacelerou. O gosto amargo na boca desapareceu. O torpor tomou conta do meu ser.

"Trix", falei, apática. "Injeta esse anestésico para amenizar a dor."

Ela pegou a seringa. "Ótimo. Injeto aqui?" Olhou para Kiara.

A androide a fuzilou com os olhos. "Vá se foder se acha que vou cuidar de você. Se vira."

Trix jogou a cabeça para trás e gargalhou. "Um dia vai…"

"Quieta ou arranco seus olhos." Kiara trincou os dentes.

As duas se entreolharam. O silêncio reinou. Então, riram.

Franzi a testa.

"Removeu o nanorastreador dela?"

Kiara revirou os olhos. "Tá mesmo perguntando isso, caralho?"

Trix deu de ombros e acendeu um cigarro. "Só quis confirmar. Pra onde vamos agora?"

"Pro chalé. Depois vamos entregar a princesa."

Tive a impressão de que aquele lugar, aquela situação, causava desconforto em Kiara. Ela escondia bem. Algo me dizia que o peso que ela carregava desapareceria ao voltarmos para São Paulo. Bom, era o que eu achava.

"Mal posso esperar para…", disse Trix.

Suas vozes se misturaram. Desvaneceram.

Segurar todas aquelas emoções e pensamentos custou caro. A pressão baixou com a tensão e meu corpo pesou. O mundo ao meu redor girou. Alguém falou algo, mas já era tarde, eu já estava caindo. Minha Anciã tomou conta na escuridão.

Vou desmaiar. Vou desma...

LEGALIDADES

S-2879 • L10 Tramaluna • D25 Alonli

"Tramaluna trama o céu em curva baixa. Alonli alonga o fio do retorno. A maré desenha prata em passo manso. A história segue inteira, em luz fina."

Acordei ofegante, com a pulsação acelerada e suando frio. Minha garganta se fechou quando busquei ar, e engasguei.

"Calma." Kiara afagou minhas costas.

"T-tive um pesadelo."

"Tá tudo bem agora." Ela me ajudou a sentar na cama macia.

O ambiente era agradável. Luzes quentes iluminavam o teto e as paredes de madeira.

"Onde estamos?"

"Num chalé do Patriarca, aqui na Rússia."

Estiquei as pernas dormentes. "O que aconteceu?"

"Depois que você desmaiou, viemos para cá. Lembra do que aconteceu?" Ela franziu a sobrancelha.

Mordi o lábio inferior. "Lembro de estarmos no carro—" Uma avalanche me acertou, soterrando-me na frigidez da memória. Minha garganta ardeu. Cobri a boca com as mãos trêmulas.

Kiara me abraçou.

"P-por que… por que fiz isso?"

Ela acariciou meus cabelos. "Era você ou ele. Sabe o que teria acontecido."

Uma espiral de culpa me engoliu. Dentro de mim, a dúvida persistia: aquilo foi realmente necessário? E se eu tivesse neutralizado ele? Não. Ele teria acordado e contado aos outros. Todo o plano cairia por terra. Tinha que preservá-lo. Minha hesitação arruinaria tudo.

Mas… era sobre hesitar? Eu precisava ser confiante para tirar uma vida? Eu sempre estudei e trabalhei para dar uma vida melhor aos seres, para salvar vidas.

Fitei os olhos cinza da androide. Ela deve ter presenciado o pior da humanidade, visto a morte de tantos e causado tantas outras. Talvez não porque quisesse. Talvez se Kiara, Maia, Saymon, outros mercenários… se o submundo existia e se seres morriam por causa deles…

Não. A culpa era para outros carregarem. A causa das mortes era culpa de quem sustentava esse sistema.

Kiara segurou meu olhar.

As vidas que salvei. Que queria salvar. Melhorar. Para quem eu estudei? Trabalhei? Apenas mantive a vida dos zênitas enquanto os de baixo morriam. Desviei o rosto. Abracei os joelhos e encolhi-me, a minha Donzela ferida. Ao consentir, eu também tinha sangue nas mãos.

Kiara matou na minha frente. Eu já tinha presenciado a morte de diversas formas nas ruas, nos hospitais e durante os meus estudos. Vi centenas de notícias sobre mortes mundo afora. Sentia apenas um incômodo. Uma lembrança da maldade no mundo. A verdade era… eu já causei uma morte.

Esfreguei os olhos. Limpei lágrimas carregadas pelo peso de uma vida. Tinha o direito de sentir culpa, porém era igual a eles. Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando injetei

a seringa no pescoço dele. Sabia o que significava. Fiz aquilo. Fiz porque… escolhi.

Esse pensamento gerou um sentimento desagradável e insuportável. Meu coração queria sair de mim. De repente, senti um peso, como uma âncora amarrada aos meus pés, puxando-me para o fundo do mar. Restringia-me o ar.

Tirei uma vida. Teria que viver com isso.

"E-estou me afogando. Minha cabeça está presa na água. É inescapável."

Kiara segurou meu rosto. O calor dela contrastava com meu corpo gelado. Era tão reconfortante. "Maia também sentiu isso."

"E-entendo. Eu escolhi isso." Funguei, o nariz entupido. "Estou confusa. É um fardo enorme. Preciso de tempo—"

"S-SOCORRO!" Um berro aflito de Anichka ecoou do térreo. "SOCORRO! Trix, ela está…"

Kiara e eu nos entreolhamos. A adrenalina dominou meu corpo. Corri.

A princesa estava de pé, os olhos arregalados. Trix caída no chão. O corpo tremia, os olhos reviravam, baba escorria dos lábios e as feridas borbulhavam um líquido verde.

Segui o instinto. Caí de joelhos ao lado dela. Ergui sua cabeça e acomodei-a no meu colo. Ela se afogava dentro de si mesma. O desespero estampado no olhar. Pulmões falhando. Virei-me para Anichka. "O que aconteceu? Qual foi a última coisa que ela fez?"

Anichka apertou os dedos. "E-ela estava dormindo e acordou. Começou a me imitar. Foi estranho. Tudo o que eu dizia, ela repetia roboticamente. Foi tudo muito rápido." Ela lambeu os lábios.

"Merda. Kiara, ela foi…" Sem tempo para explicações. "Temos

um Citopurge?"

"Neutralizante de nanoenvenenamento? Não." Ela se agachou ao meu lado. Seu olhar irradiava um desespero contido.

"Vou ter que fazer isso manualmente. Vamos torcer para as nanites se desafixarem do cérebro dela."

Puxei o ar. Segurei o queixo de Trix. Boca a boca. Suguei com força. O líquido invadiu minha boca. Cuspi. Mais uma vez. De novo. Sangue misturado ao verde. Eu sugava e cuspia. Uma poça venenosa se formava no chão. "Vamos, reaja!"

Kiara me observava. Atenta.

"P-por favor", sussurrei entre uma puxada e outra. Os músculos de Trix se contraíram, fazendo-a arquear o corpo. Cada espasmo enviava uma onda de calafrios pela minha espinha. "Vamos…"

Trix engasgou. Tossiu. Vomitou o líquido restante. Os pulmões lutavam por ar. "Q-que porra foi essa?" Ela limpou a boca no braço. Joguei a cabeça para trás, ofegante.

Deu certo. Porém, ainda tinha mais a se fazer. "Precisamos de soro para limpar o sangue dela. Traga também um miligrama daquele opioide."

Kiara foi buscar o kit médico.

Virei-me para Trix. "Como você está?"

Ela suspirou, recostou a cabeça no meu colo e esfregou a testa. "Minha cabeça vai explodir."

Passei os dedos por seus cabelos. "Shhh. Calma. Vai passar."

Ela fechou os olhos. Quase sorriu.

"Aqui." Kiara voltou com o soro e a seringa.

Trix se ergueu, sobressaltada, sentindo-se meio sem graça diante da androide. Após ajudá-la a se deitar no sofá, conectei o soro e injetei a morfina. Ela apagou.

"Vamos aguardar. Se não reagir… Enfim… vou limpar as

feridas dela."

Kiara assentiu.

Peguei os suprimentos médicos, limpei os machucados espumosos, desinfetei e nanoenfaixei. Dei uma última olhada em Trix. A pressão latejou em minha cabeça. A adrenalina se dissipava. Havia esquecido como era essa sensação.

Anichka continuava desesperada. Seu pânico, exagerado demais, arrancou-me do devaneio. Franzi as sobrancelhas. Um estalo na mente. Será que…? O instinto me tomou. Avancei.

A princesa recuou. "O-o que está fazendo?"

"O que você fez?!"

"N-não fiz nada!" Quase tropeçou. Mãos erguidas. Defensiva.

"O QUE VOCÊ FEZ?!" Inclinei-me mais sobre ela. "Quem te deu o líquido?"

Seus olhos brilharam de medo. "D-do que está falando?" Ela virou o rosto. Buscou Kiara. Súplica muda. "Kiara, vai ficar sem fazer nada?! Ela está me ameaçando!"

"Responde, caralho!" A voz de Kiara cortou como navalha.

Anichka congelou. Os olhos encheram-se de lágrimas e o corpo se encolheu. Ela molhou os lábios, olhou para o chão, respirou fundo e então se rendeu. "Está bem." Os ombros cederam. Os braços caíram. Desistência. "U-um androide me deu a seringa para injetar em Trix… e-ele ameaçou matar minha irmã…"

Kiara avançou e agarrou Anichka pelo cangote, puxando-a bruscamente. O olhar incendiava. "Que androide?!"

"N-não sei. Ele me mostrou um vídeo da minha irmã…" Soluços. A voz falhou. A respiração curta. "Em tempo real… no palácio…"

Kiara a soltou. Afastou-se como se queimasse. Ativou um holograma. A imagem de Yuri brilhou. "Esse androide?"

Anichka assentiu, tremendo.

Os dentes de Kiara rangeram. "Sai da minha frente, antes que…" A voz vinha baixa. "AGORA!!!" Então, fervente.

A princesa estremeceu e correu, sumindo de vista.

Kiara ficou ali, os punhos cerrados. "Saymon, seu maldito desgraçado!"

Saymon? Foi um androide dele? Por que faria isso com Trix? Não fazia sentido. O coração martelou contra o peito. A mente girou. O ar ficou pesado. A agonia rastejou pelo meu corpo. As pernas cederam. Afundei na poltrona, desorientada.

"Que merda é esse líquido?" Kiara sentou-se ao meu lado.

Afastei os pensamentos sobre Saymon. Suspirei. "Mentis Imperium. Uma nanosubstância para controle mental. São nanites que se alojam no córtex cerebral e interrompem as conexões nervosas, forçando o cérebro a responder apenas ao controlador das nanites."

Ela franziu o cenho.

"O CMG e a ARGOS proibiram a fabricação. Ordenaram a destruição da receita."

"Por quê?"

"Os registros são nebulosos, mas situam o desastre em 2795. Milícias se revoltaram contra os governos, o colapso das empresas e os abusos, exigindo direitos diante do crescimento dos androides e da automatização de serviços." Juntei as mãos, ainda trêmulas. "Em resposta, os governos reuniram uma comissão para tentar conter as revoltas. Então, alguém propôs o impensável: uma nanosubstância para controlar a mente. Dessa forma, erradicariam os protestos. Os testes foram um horror."

Baixei a voz. "A falha na transmissão da conexões nervosas levou os corpos a obedecerem, mas a mente queimava. Os poucos que mantiveram a lucidez imploraram pela morte."

Kiara me olhava, imóvel.

"Nos arquivos médicos, havia vídeos dos infectados, olhos mortos, sorrisos vazios, corpos se movendo contra a própria vontade." Desviei o olhar para Trix, que dormia tranquilamente. "Depois disso, o mundo virou. As milícias tomaram o poder. Só que essa história é confidencial. Somente médicos pesquisadores têm acesso a esses arquivos."

Olhei para Kiara. E eu estava contando tudo. Surpreendi-me com a facilidade da minha confiança. E, estranhamente, parecia um acerto.

Ela ainda escondia coisas de mim. Porém, minha intuição dizia que era mais do que desconfiança.

Kiara passou os dedos pelos lábios. "Entendi. Se isso é verdade, como Saymon teve acesso a essa substância?"

Dei de ombros. "Li os testes. O líquido usado na Trix é uma cópia malfeita. As nanites leram a primeira pessoa que ela viu. Ela imitou Anichka, porém a princesa não tem o nanodispositivo controlador."

O rosto de Kiara ficou tenso, mas a raiva era com outro alguém. "Certo. Isso leva a uma conclusão." Ela virou-se para a janela.

Os flocos de neve acumulavam-se no suporte, criando sombras de montanhas.

"Netheria funciona sob contratos." Virou-se para mim. "Os contratos existem pra conter os mercenários. Seguir leis? Só seguem seus instintos. Se quiserem matar, matam." Deu de ombros. "O contrato também serve pros de cima terem quem faça o trabalho sujo que eles evitam. Unem o útil ao agradável: os mercenários matam por dinheiro e sobrevivem de alguma maneira, enquanto os de cima têm seus obstáculos eliminados." Kiara pausou. "Há histórias de mercenários que quebraram um

contrato. Nenhum encontrado."

Engoli em seco. Apoiei-me na almofada, sentindo-me mais calma. "Se fazem o que querem, por que se submetem a Netheria?"

Kiara mexeu nos cabelos. "Porque Netheria abraça o ódio deles. Os acolhe. Dá armas. Treinamento. Recursos. Saciam sua vingança contra uma sociedade que os marginaliza e ganham dinheiro com isso. Em troca, os mercenários entregam sua liberdade, aceitando que esse é o motivo de sua existência."

Por um instante, o olhar de Kiara desviou para Trix. Uma preocupação efêmera passou por seu rosto. Então, sua voz voltou, cortante:

"Mas atente-se contra um mercenário… e será caçado. Pouco importa seu nome, status ou riqueza. Netheria sempre lembra. E sempre cobra."

Um calafrio percorreu minha espinha.

Ela me encarou, sobrancelha arqueada. Como se dissesse: *'É assim que as coisas são.'*

Engoli em seco.

"E Trix…? Ela se recupera?" Uma hesitação passou pelo olhar de Kiara.

Abracei as pernas. "Sim. Removi a maior parte do líquido. O soro eliminará o restante. Preciso tratar as feridas e o dano cerebral que ela sofreu." Apoiei o queixo nos joelhos. "Porém, se ela não responder ao tratamento, significa que as nanites se fixaram no córtex cerebral. E vão destruir os neurônios."

Silêncio.

"Se isso acontecer… é fatal." A naturalidade com que eu falava da morte quase me passou despercebida. Eu nem parecia a pessoa que surtou por ter matado alguém. Esfreguei as têmporas. Como você conseguiu, Maia? Fez isso quando ainda

era uma criança.

"Certo. Isso nos leva à segunda situação." Kiara se endireitou. "Cada país tem seu submundo, mas todos são conectados. Máfias. Mercenários. Organizações criminosas. Milícias. Existe um acordo entre eles. Nenhum invade o negócio do outro. Seja nanotecnologia. Território. Drogas. Cibercrimes. Tráfico dos mais variados. A ideia é evitar uma guerra. Porque, se a base cai, a pirâmide desmorona. E ninguém quer isso." Ela fez uma careta sugestiva.

Assenti.

"Agora entende por que invadimos o Vorovskoy mir furtivamente?"

Trix mexeu-se no sofá. Eu e Kiara congelamos. No entanto, a mercenária continuou dormindo. Soltei o ar preso nos pulmões. *Que ela fique bem logo.*

A androide baixou a voz. "A verdade é que existe o Pakhan Mikhail Morozov." Ela sorriu. "Mas nós o chamamos de Patriarca."

Meus olhos se arregalaram. A menção aos líderes de Netheria sempre me causava um desconforto visceral.

"Pro Vorovskoy mir, Mikhail é o líder da unidade de São Paulo, só que é um pouco mais embaixo que isso. Ele se infiltrou, criou uma identidade e se tornou um membro. Por isso, teve acesso direto aos dados oficiais." Havia uma rigidez no tom dela. "Sabe, para facilitar nossas visitas amigáveis." Kiara gesticulou. "Óbvio que desconhecem quem ele é de verdade. Se soubessem, ele teria sido 'barrado'."

Mordi o lábio. Informações demais. Porém, fazia sentido. E, ao mesmo tempo, centenas de perguntas nasciam. "Trix fugiu uma vez. Eles se preveniram? Quero dizer, se minha prisioneira fugisse, eu faria de tudo para evitar que se repetisse. E você?

Há risco de te reconhecerem?"

"Claro que não. O Cloakify se adapta a mim." Ela sorriu. "E é verdade que aprimoraram a segurança de Khalmer-Yu. Mas, quando me familiarizo com um nanosistema, ele passa a me pertencer." O orgulho gotejava na voz dela.

Suspirei. Aqueles nanosistemas tão complexos faziam minha mente fervilhar. Mais complicado do que poderia supor.

"Sei que é muita coisa." Kiara colocou a mão sobre a minha.

Dei um sorriso fraco. "Hum… é… mas estou acompanhando."

"Bom. Por que estou te dizendo tudo isso? O maldito do Saymon provocou isso por algumas razões." Ela levantou um dedo. "Primeiro: ele manipulou Anichka para atacar Trix. Agora Trix pode matá-la." Levantou outro dedo. "Segundo: ele quer causar um conflito entre os submundos." Pausou. Então, sorriu. "Vamos. Temos que falar com a princesa."

Franzi as sobrancelhas. "Por quê?"

De repente, Kiara parou e eu quase trombei nela. "Porque nossa princesinha está escondendo mais uma coisinha." Sobrancelha arqueada. "Ela conversava amigavelmente com o Pakhan quando a encontrei. Muito… familiarizados. E eles dobraram a guarda. Por que fizeram isso sem sinais de ameaça?"

Minha respiração falhou. "Ela é… membra do Vorovskoy mir?!"

"Não." O olhar de Kiara faiscou. "Ela é mais do que uma princesa…" O sorriso se alargou. "Ela é filha do Pakhan russo."

O choque me atravessou. Cobri a boca. Meu estômago revirou. O ar fugiu dos meus pulmões. Isso… tinha que ser mentira.

Mas, se era verdade… significava que a Imperatriz Sonechka Alexeyev estava enraizada no Vorovskoy mir, e o Vorovskoy mir no império real. Se Anichka morresse, seria mais do que um

conflito entre submundos; seria uma guerra entre a organização criminosa e a monarquia russa.

Kiara tinha razão. Refleti sobre tudo, sentindo-me atraída e estranhamente fascinada pela mente por trás daquilo. Saymon, por que causar tudo isso?

"Pronta pra arrancar umas informações daquela boquinha real?"

Assenti, arrepiada com a implacabilidade no tom.

CORAÇÕES EM SUSPENSO

Entramos no quarto de Anichka. A menina abraçava os joelhos enquanto contemplava a vista. Os olhos inchados voltaram-se para nós. Esfregou o rosto vermelho de tanto chorar. Quão desesperador foi ver Trix naquele estado?

"Vai me machucar?" A voz embargou.

"Responda a todas as minhas perguntas e vou te poupar." A aura que Kiara derramava, incomplacente, comparável a um chicote em chamas, esquentava a pele e tilintava nos ossos.

Mesmo acostumada com ela, o alerta de perigo palpitou no coração. Encostei na parede e cruzei os braços.

Ah, sim… Conhecia bem aquela expressão. Anichka tinha o pavor instalado no olhar. Engoliu em seco. Novas lágrimas escorreram.

Kiara sentou-se na beirada da cama.

A princesa estremeceu. "P-por favor… eu queria apenas… não sabia que ela… eu só queria proteger minha… minha irmã."

"Eu sei. Acredito em você." O tom amigável de Kiara. A semelhança com Maia era inevitável. Elas nos faziam relaxar após perfurarem a alma com uma ameaça silenciosa.

"Acredita?" A princesa limpou os olhos.

"Claro." Kiara apoiou o cotovelo na perna, observando-a por um instante. Silenciosa, analítica. Então, o sorriso afiado surgiu.

"Agora, me diz o que tá acontecendo. Caso contrário…"

"E minha irmã? Como saberei que nada vai acontecer com ela?"

Kiara sorriu, irônica. "O cão que te ameaçou só late, não morde."

Contive uma risada. A princesa pareceu compreender. Ao menos, um pouco. Relaxou a postura defensiva.

"Você é mais do que uma princesa, certo? Também é a filha do Pakhan, não é?"

Anichka arregalou os olhos. Olhou de mim para Kiara. Nem tentou disfarçar.

"Sua expressão diz tudo."

"C-como sabe?" Ela voltou a tremer.

Kiara gesticulou no ar. "Desde que te vi, percebi que algo tava fora do lugar. Quando fizemos o plano, menti sobre o horário em que te resgataria. Também ajustei o Cloakify pra inibir os nanosensores de segurança da sala do Pakhan." O olhar dela cintilava. "Quando iniciei seu resgate, a cena que vi pelo rifle… Vocês são tão parecidos."

"Chega! Entendi." Anichka mordeu o lábio.

Kiara inclinou a cabeça e gargalhou. Então, ficou séria. Projetou sua aura hostil como garras em direção à menina. "Beleza. Agora me diz… o que disse pra ele?"

As palavras de Denden finalmente fizeram sentido.

A garota exalava um cheiro de horror. Ela apertou os dedos, inquieta. Estava ciente da própria situação. Os ombros caíram. Anichka cedeu. "Eu disse a verdade: que minha mãe contratou mercenários de São Paulo para me protegerem durante a escolta."

"Sabia que o Vorovskoy mir tava tentando te levar pro seu pai, não é?"

A princesa suspirou. "Era o único jeito. Eles me levariam até ele e a falha seria de vocês." Ela abaixou a cabeça. "Mas então você chegou. E tudo mudou." Os punhos dela se cerraram. "Eu tentei avisá-lo, mas tudo o que meu pai fez foi dobrar a guarda." Ela ficou carrancuda.

Kiara ergueu a sobrancelha. "Por que fizeram isso?"

"Quero viver com o meu papa."

Uau. Ela estava mesmo falando tudo.

Kiara alisou os cabelos. "Imagine uma princesa vivendo com um Pakhan? E o escândalo de uma imperatriz tendo uma filha com um mafioso? Tsc. Só coisa boa."

Anichka desviou o olhar, corada. "Queria—"

Kiara calou a menina com um aceno. "Porra, honestamente? Tô cagando pra essa bosta. Depois que te entregarmos, nossa missão estará cumprida. Quero nem ouvir falar de você."

Os olhos de Anichka ficaram assustados.

"Mas quando você atacou Trix, as coisas mudaram."

A menina ergueu a cabeça. Desesperada. "O-o que quer dizer? V-vão me matar?"

"Para seu próprio bem, torça pra Trix esquecer tudo isso quando acordar." A sombra de Kiara escureceu o ambiente.

"V-vocês nada podem fazer! Eles sabem onde estou, tenho um—"

"Nanorastreador?" A voz de Kiara soou afiada. "Por que acha que fizemos tudo isso? Antes de te resgatar, passei na sala de segurança e destruí o código do seu rastreamento. Você tá limpa de qualquer coisa que denuncie sua localização." Kiara zombou.

Anichka bufou e cruzou os braços.

CRASH Algo quebrou na sala.

Olhei para Kiara e corri até lá.

Cacos de vidro espalhados pelo chão. Trix tentava se apoiar

no braço do sofá, porém falhava miseravelmente. Seus movimentos estavam travados. Pousou os olhos em mim.

Aproximei-me para ajudá-la. "Como se sente?"

"Que merda aconteceu?"

Ótimo. Respondeu a uma pergunta com outra. "Qual a última coisa de que se lembra?"

"Sei lá. Tava dormindo… parece que uma rocha caiu sobre mim."

Angustiada, Anichka seguiu Kiara.

Trix apontou o dedo para a princesa, as sobrancelhas franzidas. "Você! Você fez algo comigo, svoloch'!" Tentou se levantar, mas as pernas fraquejaram.

"Não se esfor—" Engoli as palavras. Pedi socorro silencioso para Kiara.

Ela tomou o meu lugar. "Fica quieta. Seu corpo ainda tá se recuperando."

Trix sentou-se. O ódio estampado no rosto. Ódio direcionado para Anichka.

A tensão era palpável. Qualquer movimento errado seria uma explosão. Uma coisa que aprendi: não havia barreiras para a fúria dessas pessoas. Uma ira inclemente com destinatário. Quem quer que fosse o alvo, teria a cólera despejada sobre si.

"E-eu…" A princesa murchou diante do olhar de Kiara e abaixou a cabeça.

O olhar de Trix era uma lâmina prestes a cortar. Um segundo a mais e Anichka estaria morta. Ela relaxou, ainda que a diferença fosse mínima, esparramando-se no sofá. "Que merda aconteceu?"

"Primeiro, como você tá?"

"Não sei. Tá foda controlar meus movimentos. É esquisito. Minha cabeça tá doendo pra porra. Tô tonta."

Certo. O córtex dela sofreu danos, porém a desintoxicação ocorreu como deveria. Ela precisaria aplicar nanofaixas para acelerar a cura. Talvez em até meia lunação restaurasse o controle do próprio corpo. Acenei para Kiara. Vai ficar tudo bem, Trix. Vou fazer o possível para sua recuperação.

"Melhor descansar. Quando acordar, explico tudo. Aí você decide o que fazer."

"Ah, foda-se." Trix revirou os olhos.

A verdade? Por mais fortes que fossem, os mercenários também se exauriam. Além disso, estava mentalmente confusa.

"Beleza. Melhor deitar na cama." Kiara pegou Trix delicadamente pelo braço e levou-a para um quarto.

Ficamos eu e Anichka. Silêncio desconfortável.

A garota parecia conter um mar de emoções. Os olhos aguados. "A-acha que… que ela vai me matar?"

Suas palavras me desconcertaram. Seu medo apenas resvalava em mim. Aquela apreensão pela morte estava longe do meu coração. Como responder a uma pergunta tão significativa com uma expressão vazia para uma garota de 16 ciclos? Como ela me veria tão indiferente à morte?

Claro que tive medo desde o início dessa jornada. Porém, temia o desconhecido. Se a morte cruzasse meu caminho, eu acolheria seu abraço, como parte da vida-passagem-vida. Maia também deve ter passado por isso um dia. O momento em que leu que a morte era mais um ciclo.

Aquela pergunta de Anichka reverberou algo em mim, cuja existência eu ignorava completamente. Ter matado alguém me aterrorizava. A execução a sangue-frio de tantos seres me apavorava. Milhares de mortes ocorrendo diariamente me assombravam.

Pior. As mortes que poderiam acontecer pelas minhas mãos.

Sim, eu já matei alguém. Matei uma pessoa, entretanto parecia legítimo. A morte daquela voluntária vestia a máscara da legalidade. Aquela pergunta despertou o que adormeceu desde a morte de Maia: para mim, a vida perdeu o significado.

Dei de ombros. "Não sei. Realmente, não sei."

Anichka roeu as unhas impecáveis.

Baixei os olhos para minhas mãos com as cicatrizes que Burj deu. Lembrei-me das mãos de Maia, cheias de cicatrizes. Muito mais do que as minhas. Sempre quis ouvir a história por trás delas. Contentei-me com a ideia de que compartilhamos uma dor.

Encostei no sofá e deitei a cabeça. Permiti-me a agradável sensação de segurança, mesmo sob um véu fino e frágil.

O fogo na lareira crepitava baixinho, lançando sombras nas paredes.

Por um instante, parecia que nada poderia nos tocar. Fechei os olhos. Relaxei a mente. A lembrança de Maia aqueceu meu coração.

Agora, só restava esperar.

ACERTO DE CONTAS

S-2879 • L11 Irraluna • D00-D15

"Irraluna abre silêncio em brilho fino. O fio cresce, curva, firma presença. Lilibe canta alto—e o céu se revela. Irrasi sela plenitude em luz viva."

Eu e Kiara nos revezamos para cuidar de Trix sob as luas. Quando ela descreveu os sintomas, concluí que seu cérebro se livrara das nanites. Limpei seu sangue com soro, porém algumas se espalharam pela corrente sanguínea, afetando os tecidos musculares. Seus movimentos ficaram temporariamente reduzidos. Ainda assim, sua melhora foi mais rápida do que eu esperava.

Não só ela. Talvez fosse a quantidade de vezes que os mercenários sofreram violências, estando acostumados a ter os corpos mutilados, ossos quebrados, órgãos lesionados e tantos outros abusos físicos, psicológicos e emocionais.

Mas apresentavam uma taxa de recuperação excepcional. O corpo deles aprendia com a dor. Absorvia. Evoluía. Como se até o sofrimento fosse transformado em força.

Meu lado nanocientista ardia em curiosidade. Imagine um nanodispositivo médico feito de DNAs tão poderosos? Mesmo quando trabalhei no pronto-socorro, nunca vi nada igual. A

habilidade de readaptação e recuperação superava de longe a dos mais avançados nanodispositivos médicos com os quais me conectei. Seria plausível ver alguns deles galgando a velhice. A maioria da Zênite almejava viver para sempre. Ainda estava longe de ser uma realidade. Só existiam nanotecnologias que prolongavam a vida.

"Quanto mais vamos ter que esperar?" Kiara perguntou, impaciente.

Esfreguei os ombros doloridos de tensão. "Não sei. Ela pode se recuperar hoje, amanhã ou qualquer outro dia. Já tem 89% dos movimentos recuperados em meia lunação. É admirável."

A androide assentiu e saiu do cômodo.

Voltei minha atenção para Trix, que descansava no sofá. Seus dias se resumiam a dormir. Quando acordada, sua fala soava desconexa. Presumi que seus pensamentos se confundiam.

Isso ressoava com meu trauma aflito. Tentei me ocupar com Trix. Ou imergir em pensamentos. A Mãe e a Feiticeira me deram forças. Ao dormir, pesadelos me assombravam. Eu acordava assustada, com falta de ar.

Kiara sempre estava lá para me consolar, para me manter presente. Ela trazia conforto com sua presença.

S-2879 • L11 Irraluna • D15 Irrasi

"Irraluna irradia auge em prata viva. Irrasi acende plenitude no alto. A maré canta amplo, céu aberto. A história segue inteira, em luz total."

Era cedo. A neve me distraía. Sentia algumas cólicas chegando.

"Á-água." Trix se mexeu.

Corri para erguer sua cabeça. Encostei a garrafa de água nos seus lábios. Conforme reagia, eu oferecia mais.

Bebeu metade. Acenou para eu parar e passou a mão pela testa, deslizando os dedos por suas cicatrizes nanometálicas nas bochechas. Parecia refletir sobre as marcas nanotecnológicas. O olhar distante. Olhos de águia encararam os meus. "Você é familiar. Parece que já te vi, só esqueci de onde…"

Engoli em seco.

O olhar dela perfurava, como se buscasse algo enterrado na minha expressão.

Contive um estremecimento. Ela deve ter visto minha foto no contrato. Eu estava sem máscara. Os cabelos na cor natural, pretos. Preocupei-me em ser reconhecida. Sua habilidade envolvia a visão. As chances de ela conectar as duas coisas eram imensas. Engoli em seco. "Me tornei aprendiz de Kiara recentemente." Isso teria que servir.

Ela tirou as mãos do rosto. "Que seja. Devo tá devaneando de novo."

Sentei-me no sofá ao lado dela. "Como você está?"

Trix mexeu o corpo com mais facilidade.

"Está recuperada. Pelo menos, fisicamente." Diagnostiquei.

"Tô bem. Já minha cabeça… esquece se quer ouvir que minha cabeça tá bem. Tudo aqui dentro é fudido. Isso é só mais uma coisa pra minha coleção."

Surpreendeu-me como ela falou isso com tanta naturalidade. Quero dizer, Denden também era ciente do psicológico dele. Todos eles eram. Todos conheciam muito bem seus fardos. Todos traumatizados. Talvez admitir a verdade simplificasse contornar aquilo. Um peso a menos para carregar. Uma maré a mais para nadar a favor.

"Vou chamar Kiara." Antes de me levantar, Trix segurou meu braço.

Ela desviou o olhar. "Spasibo. Sei que você me salvou. Agora,

te devo um favor." Trix apertou os lábios.

Entreabri a boca em surpresa. Recuperei a compostura. "Não…"

"Sem discussão. Quero ficar quite de boa, só…" Ela se levantou com firmeza admirável e endireitou as costas, com o semblante orgulhoso. Nem parecia que tinha quase morrido.

"Porra, ouvi mesmo uma voz familiar." Kiara entrou sorrindo no cômodo.

"É, cansei dessa merda. Cadê aquela princesinha? Tenho assuntos com ela."

Kiara trouxe Anichka até a sala. Diante de Trix, seu rosto ruborizou. A princesa começou a tremer, os olhos úmidos. Parecia que ela desmontaria a qualquer momento. Até eu fiquei ansiosa. Tudo era tão inesperado.

"E-eu—"

Trix a calou com um aceno. "Calada. Quero sua voz no mudo." Ela sinalizou para Kiara.

A androide colocou a mão no quadril e falou, explicando quase tudo, mas omitiu algumas coisas, especialmente sobre Saymon. Por quê? Kiara era astuta. Portanto, me desapeguei dos seus motivos.

"E… ela é filha do Pakhan." Kiara encarou Anichka.

A garota estava em prantos.

Trix arregalou os olhos. Seu espanto se tornou um sorriso. Um sorriso malicioso que prenunciava uma intenção vil. Chamas cruéis acenderam em seus olhos. Trix se aproximou devagar, e a princesa recuou a cada passo que ela dava. Uma aura assassina poderosa se movia com ela.

O pavor de Anichka ultrapassou a compreensão humana. Ela se chocou contra a parede. Sem espaço para mais um passo. Seu terror escorria pela sala e atingia meu ser. Eu podia sentir seu

suor se misturando com as lágrimas. O coração palpitando tão rápido, prestes a rasgar o peito. A garganta doendo de engolir o choro. A cabeça latejando com a pressão.

O ar pesou, como se algo invisível estivesse pressionando meu peito.

Anichka tentava recuar, mas a pressão de Trix a encurralava. "P-por favor, não fiz por mal, ele ia matar minha irmã."

"Irmã?" Trix se inclinou sobre Anichka. Ela alargou o sorriso maldoso.

A princesa assentiu.

Quando Trix bateu a mão na parede, a princesa se encolheu. A mercenária passou os dedos pelos seus cabelos e afastou os fios grudados de seu rosto. Afagou suas bochechas.

Anichka abriu os olhos, indecisa sobre como reagir.

Trix sorria como uma psicopata. "É engraçado e irônico como o destino é. Você fez isso porque queria salvar sua irmã enquanto tentava matar a outra?" Ela desceu as mãos até o pescoço da menina e acariciou-o.

Irmã? Ela disse que eram irmãs? Olhei para Kiara. Ela parecia inafetada pela revelação.

"D-do que está falando?" Anichka perguntou o que estava na minha mente.

Trix inclinou a cabeça para trás e gargalhou. Uma gargalhada que descarregou eletricidade pelos ossos.

A princesa se sobressaltou.

A mercenária passou o dedo no maxilar da menina. "Me deixe adivinhar, ele é o melhor papa do universo. Te prometeu o mundo. É seu herói. Sua mãe quer separar vocês. Ele tá triste. O coração dele se parte diariamente longe de você. Tudo o que ele quer é ficar com você, todos os dias. Sem nada nem ninguém que os separe. Você dá um jeito de se juntar a ele."

Sua voz se tornou raivosa. Trix apertou os dedos no pescoço de Anichka. "Nas primeiras luas, tudo é magnífico. Você tá tão feliz que flutuaria." Sua voz se enfureceu. "Então, ciclos depois, ele te tranca em uma sala escura e te amarra numa maca. Você perde a noção do tempo. Espaço. Tudo o que sente agora é dor atrás de dor. Dor por segundo."

Anichka arregalava os olhos. Tentou puxar o braço de Trix, em vão.

"Você se pergunta o porquê, mas, sinceramente, tá tão drogada que nem pensa direito. Escutava: ela é perfeita porque é sangue do sangue dele. Vai ser a arma que fará todos se dobrarem."

O rosto e os olhos de Anichka ficaram vermelhos, quase roxos.

"Adivinha? Era tudo mentira. Ele te reduziu a uma arma. Te usou da pior maneira. Destruiu seu coração." Suas palavras continham o ímpeto do ódio, da tristeza e do ressentimento. "Ele tirou de você quem você mais… amava." Trix adicionou mais força.

Anichka sufocava, seus pés balançavam, e suas mãos tentavam agarrar os últimos fios de vida. Logo ela estaria…

Tive o ímpeto de correr até ela, mas Kiara apertou meu ombro. Forcei a saliva pela garganta fechada. Fiquei no mesmo lugar. Impotente. Mais uma… mais uma morte… insuportável continuar vendo.

A androide pressionou o toque, repreendendo-me com o olhar. Assenti. Eu sufocava com a falta de ar de Anichka e com a dor dilacerante de Trix. Meu coração pesado. Eu quis chorar.

"Entende o que estou dizendo?" Trix abaixou a voz e olhou para baixo. Devagar, soltou-a.

Anichka caiu de joelhos. Puxou o ar desesperadamente, pela ânsia de viver. Suas mãos seguravam o peito. Subiam e desciam

depressa. Até ela desacreditava estar viva.

Quis ajudar, porém me contive. Era preciso muita força para demonstrar indiferença. Apertei os dedos no sofá.

Por um momento, tudo ficou quieto. O vento soprava lá fora.

Anichka só conseguia chorar.

Uma aura sanguinária cercava Trix, com o semblante implacável. Havia algo a mais. Ah, sim… agora ela tinha um alvo.

Trix endireitou os ombros e ergueu o maxilar altivo. "Me envia o Cloakify mais uma vez?" Virou-se para Kiara.

A androide assentiu.

Trix caminhou até a mesa das armas. "Sabe… Eu poderia fazer isso a quilômetros de distância." Pegou seu rifle de precisão e acariciou o cano. Depois, colocou a arma na bandoleira e pegou uma adaga intrincada que tinha detalhes dourados envelhecidos na base. Girou a lâmina nas mãos, apertando a ponta contra o dedo sem fazê-lo sangrar. "Você me conhece, Kiki. Eu gosto de ajoelhar os desgraçados, vê-los tremer. Implorar com terror nos olhos. Suarem frio com a garganta fechada." Ela riu perversamente. Em seguida, guardou a adaga na bainha.

Prendi a respiração. Tomei aquelas palavras para mim.

Kiara acenou, inabalável pela declaração maligna. "O que fazemos com a garota?"

Trix deu de ombros. "O que quiser. Não é mais problema meu. É só mais uma svoloch'. Quero distância de mais uma me rodeando. Exceto você, é claro." Ela piscou charmosamente para Kiara e entregou-lhe uma carta de baralho. "O endereço pra deixar ela tá aí."

Kiara ignorou a investida de Trix e pegou o item. Uma sombra fugaz cruzou seu rosto.

O *Oito de Copas*. Uma das cartas de Saymon.

A mercenária se virou.

Enquanto Trix estava saindo, Anichka encarava-a com uma expressão indecifrável. Ela se levantou. "É-é verdade? Você é…?" Uma lágrima angustiante e esperançosa escorreu pelo rosto molhado. "É minha irmã?"

Trix estava prestes a cruzar a porta. Virou a cabeça. Sussurrou. Um sussurro gélido que ecoou pelas paredes de madeira, esvaiu-se pelas frestas, mais invernal que o vento de fora. "Esqueça isso. É melhor que não seja. Vou destruir o último resquício do sangue do meu sangue." Sentenciou e saiu.

Respirei como não respirava havia tempos.

Anichka cobriu o rosto e voltou a chorar.

Talvez porque entendia o que Trix pretendia, indo para Khalmer-Yu. Talvez porque já estivesse se permitindo sentir o luto. Ou talvez fosse o simples alívio por estar viva. O que quer que fosse, ela se rendeu ao choro e inundou o ambiente com lágrimas.

"Ei!" Kiara apontou para a menina. "Fique longe de problemas." Ela gesticulou para que eu a seguisse.

Caminhamos até um quarto no andar superior.

A androide encostou na parede, segurando a carta entre dois dedos. "Ele sabia."

O que Saymon sabia? Que Trix era filha do Pakhan? Ou Anichka? Ou as duas? Antes que eu abrisse a boca, Kiara guardou a carta no bolso.

Esfregou as têmporas. "Melhor descansar. Amanhã, finalizamos essa missão e voltamos pro Brasil. Sem obstáculos no nosso caminho." Ela parecia querer dizer mais, mas guardou para si.

Sabendo que perguntar seria inútil, falei o que me agoniava: "Trix pode me reconhecer."

Kiara arqueou a sobrancelha. "Preocupada com isso?"

"Não… quero dizer… sim… não sei." Esfreguei a nuca. "O jeito como ela falou aquelas coisas…"

Kiara acenou, sossegada. "Trix é o menor dos seus problemas."

Franzi a testa. Ela ignorou minha cara de dúvida.

"Certo, descansa aí." Desceu antes que eu respondesse.

Olhei encabulada para a escada. O que raios ela quis dizer?

Era a primeira vez que Kiara mostrava inquietação. Embora estivesse escondida sob uma densa camada, captei uma tênue mudança nela. Concluí que, como outro ser, ela atingiu um limite. Talvez, ao me sugerir descansar, tenha dito mais para si mesma do que para mim.

A essência de Kiara evoluiu muito além das suposições de qualquer cientista. Afinal, as tecnologias são corquestramas. Quem sabe essa era a razão para controlarem a existência de androides corrompidos? Afinal, uma nanotecnologia senciente como ela significaria a liberdade e a autonomia das máquinas.

Aproximei-me da janela. A neve caía infindável lá fora. Branca, silenciosa. Como se o mundo acompanhasse na quietude a dor que carregávamos.

Apoiei os cotovelos no suporte e descansei o queixo nas mãos. Quando soprei ar quente, o vapor condensou no vidro. Escrevi o nome de Maia.

Sorri. Deixei as lembranças virem.

INTERSEÇÃO

S-2878 • L5 Ligaluna • D08 Lilibe

"Ligaluna liga céu e caminho. Lilibe derrama brilho em curva suave. A maré canta claro na pele do mundo. A história tece passo em luz crescente."

O anúncio da primavera. Os céus pontilhados de nuvens brancas. O vento cálido, que acariciava a pele, varria a melancolia do inverno, tornando todos mais falantes. Mais abertos ao ardor dos dias longos e coloridos. Os jovens, ardorosos por viver, aceleravam os ritmos. A cidade parecia acordar de um longo sono. Os indivíduos riam mais alto. Os bairros da Zênite vibravam em tons pastéis. Flores pixeladas cobriam as ruas da Zênite e da Centrália, o símbolo da estação.

Essa também era a seluna da reunião selunária no Santa Geordana, um encontro sobre as pesquisas conduzidas no hospital, mais estressante que a reunião com o CMG. O motivo? Josivaldo.

Organizei os documentos e chamei Takashi. Fomos para a sala de reuniões. A Feiticeira me velava, decantando meu sentir e escolhendo o essencial.

Alguns pesquisadores já marcavam presença. Josivaldo sentava-se à ponta da mesa, os olhos baixos, analisando uma

holotela. Assim que as dez cadeiras se preencheram, ele ergueu a cabeça.

Silêncio.

Takashi estava atrás de mim, assim como os outros androides atrás de cada médico. Daren, do outro lado da mesa, lançou-me um olhar amigo. Retribuí com um leve aceno.

Josivaldo apoiou as mãos sobre a mesa e escondeu os lábios finos atrás dos dedos indicadores. "Boas-vindas à nossa reunião selunária." Uma holotela atrás dele brilhou com as mesmas palavras. "O Santa Geordana sempre se orgulhou…"

Sinceramente, eu conhecia aquele discurso. Minha mente vagou, até que ouvi meu nome:

"Vamos iniciar com a doutora Akiko Akiyama." O tom dele soou ácido. Babaca. Na frente deles, ele pronunciava certo?! "Ela está conduzindo o único projeto Nível A do nosso hospital." Ele bateu palminhas com suas mãos molengas. "Pode começar, doutora." Ele me olhou por um instante, longo o suficiente para me avaliar, curto o bastante para me descartar.

Levantei-me e saudei os demais com um aceno. "Olá a todos, obrigada pela presença. Primeiramente, agradeço aos meus colegas do Projeto Jaburu. Aimee Hughes, a responsável pela supervisão técnica dos equipamentos; Vicente Evans, o responsável por administrar os pacientes."

Palmas breves.

Sentei-me e apresentei o panorama da pesquisa. Aimee e Vicente fizeram uma breve explicação:

"Aguardamos o MemorElevate chegar de Londres. Ele conecta uma substância estimuladora das sinapses do hipocampo, que prolonga e armazena memórias, independentemente da complexidade. Em teoria, a CogniSynth superará o cérebro natural ao arquivar cada lembrança com

exatidão absoluta. Com isso, concluímos os nanodispositivos conectados ao Projeto Jaburu."

Aimee sorriu timidamente para mim. Assenti em agradecimento. Ela se sentou. Alguns cochichos pipocaram.

Josivaldo pigarreou, silenciando a sala. "Muito bem. Obrigado pela apresentação." Ele nem sequer nos olhou. "Dr. Daren Kyungu, que está conduzindo a próxima pesquisa, entrará para a fase de testes. Pode iniciar agora."

Daren se levantou. Fez uma rápida reverência com sua costumeira simpatia. "Muito obrigado a todos. Quero reiterar minha admiração pela doutora Akiyama."

A sala inteira me olhou.

"O Projeto Jaburu é revolucionário. E com sua ajuda, avancei na ApexNull. Sou grato por isso."

O quê? Meu nome precisava mesmo estar nisso? Aplausos seguiram. Acenei, desajeitada. Aquilo me pegou desprevenida.

"Certo, a pesquisa é para cotecer o nanodispositivo ApexNull, que visa implantar o tipo sanguíneo Rh nulo para tratar a doença *Apoxirameno Aima*, popularmente conhecida como Vaktiria." Na holoprojeção, imagens da bactéria. "É a doença infecciosa mais mortal, responsável por 43,5% das mortes globais. Advém de uma bactéria nova, *Siccunsanguine Bacteria*, descoberta em 2849, com os primeiros infectados. É intratável e incurável."

Daren gesticulava. "Ela se alimenta da composição sanguínea, causando a destruição progressiva do sangue. São cerca de três ciclos solares até o estágio final, quando afeta o cérebro e o coração. Os pacientes terminam com os órgãos falhando e com os vasos sanguíneos ressecados. A morte é inevitável."

Daren ampliou a imagem do Rh nulo. "Entretanto, ao analisarmos a bactéria nesse fator sanguíneo, descobrimos algo.

Ela morre instantaneamente. O Rh nulo é imune à doença." Ele seguiu com uma longa explicação.

Ignorei. Minha biotela vibrou.

Maia: *'Me encontre no final da rua central em Bapaesa, às nove.'*

Sorri meio tolamente, mesmo sem fazer ideia de onde ficava. Meu coração bateu mais forte. Como sempre, Maia sabia como me tirar do automático e sempre encontrava um jeito de me surpreender.

"Excelente, Kyungu." A voz de Josivaldo me puxou de volta. "Vamos submeter o pedido para solicitar os candidatos. Até a próxima seluna, a fase de testes iniciará."

A reunião durou mais duas longas horas. Outras apresentações.

Eu só queria sair dali. Terminar o trabalho.

O encontro, enfim, acabou.

Fui para meu escritório, porém, antes que eu fechasse a porta…

"Akiyama." Daren.

Respirei fundo. O que ele queria dessa vez? "Em que posso ajudá-lo?"

Ele sorriu. "Quero repetir meu agradecimento. E, por gentileza…" Daren abaixou o tom. "Passe o agradecimento para quem forneceu as amostras. Os envios estão dispensados." Ele piscou e saiu.

SEMPRE VOU TE SEGURAR

Em casa, tomei um banho e pesquisei o lugar do meu encontro com Maia. Era um local abandonado, mas fiquei tranquila, pois confiava nela.

Dirigi-me até lá. Quanto mais me aproximava, mais sombria a rua ficava. Quando saí do carro, o cheiro de podridão invadiu minhas narinas. Lixo químico espalhado pelo ambiente. Tossi com o ar congelante. Fiquei ao lado do veículo. Os faróis iluminavam aquele breu. Meus dedos se moviam inquietos. Era minha primeira vez tão perto do chão.

O lugar ermo era no mesmo nível de Netheria. Netheria resistia. Já aquela parte? Uma região esquecida de São Paulo. O chão da cidade, quase inabitável, negligenciado pela Rede Aether, Sessota, UNITED e Kokusai. Apenas as estruturas verticais importavam, os espaços flutuantes.

E o que restava no solo? Sombras. Papéis. Tralhas espalhadas. Ruas arruinadas. Nenhuma vivalma. Somente o vazio. Lá no alto, luzes cintilavam em prédios suspensos, parecendo estrelas artificiais, inalcançáveis para quem pisava no chão esquecido.

Onde está você? Esfreguei as mãos.

"Ei."

Meu corpo enrijeceu. Estremeci com o toque no ombro.

"Te fiz esperar muito?" A luz refletia uma Maia sorridente.

"Não." Sorri de volta. "Mas aqui é meio desagradável."

"Desculpa por isso." Ela riu de um jeito fofo e estendeu a mão.

"Tudo bem, fico mais perceptiva na Feiticeira."

Maia apertou o toque suavemente. "Eu também… também estou na Feiticeira. Estamos sintonizadas."

Meu coração sorriu radiante.

Caminhamos até uma longa escada rumo à antiga Paulista. Postes velhos. Lojas desocupadas. Letreiros em neon intermitentes. Garoa. Ar úmido. Cenário sombrio.

Porém, nada disso importava. Só o que eu via era Maia me guiando. Sabe-se lá para onde. E era exatamente onde eu queria estar.

Alcançamos um cruzamento. Ao virarmos a esquina, meu queixo caiu.

O remoto e imponente Museu de Arte de São Paulo, agora em ruínas.

Um museu que já teve a mais importante coleção de arte da América, agora completamente abandonado. Entulhos cobriam o vão de mais de setenta metros. Quatro enormes pilares avermelhados o sustentavam. Trepadeiras e sujeira dominavam, chegando até a entrada vandalizada. O buraco enorme. A escada de metal destruída. Pouca luz se infiltrava.

Graças a Maia, que me guiava, consegui me esquivar de tropeços.

Ela deu a volta pelos destroços, subindo com uma agilidade impressionante até o buraco. Quando chegou, deitou-se e baixou as mãos. "Pode vir." Seus cabelos caíam sobre o rosto. Sua mão estendida. Maia me esperava.

Percebi o que ela queria, exceto que minha resistência física era péssima. Arrependi-me de ter parado de praticar ioga. Talvez eu voltasse a fazer para acompanhar o ritmo dela. Quem

sabe?

"Tem certeza?" Meu medo era evidente.

Maia riu, assentindo. Suspirei. Caminhei pelos destroços molhados. Ao chegar perto, ela me puxou. Ficamos agachadas na beirada do buraco.

Ai, meu coração. Se eu caísse, ia me machucar inteira.

"Vamos entrar." Antes que eu pudesse reagir, ela pulou no andar de baixo.

THUD! O baque ecoou.

Arregalei os olhos. Enfiei a cabeça na abertura e olhei para baixo.

"Pode pular."

Pular? O quê? Ela achava que eu conseguia pular? Ah, aquilo era demais. Se eu pulasse errado, minhas pernas quebrariam. Quero dizer… talvez eu estivesse exagerando. Sério que vou mesmo fazer isso? Respirei fundo. Apoiei-me na borda da janela e empurrei o pé devagar para dentro.

Maia abriu os braços. "Confia em mim? Vou te segurar."

Era o que eu precisava ouvir. Foi suficiente. O vento cortava minha pele. O abismo me encarava de volta. Porém, quando olhei para Maia, tudo ficou quieto.

Pulei.

O zéfiro gelado resvalou no meu rosto e nos meus cabelos.

Os braços de Maia me envolveram. Abri os olhos. Cara a cara com ela. Seus olhos de mel brilhavam sob a luz fraca. Ela sorriu, brincalhona, e colocou-me no chão. "Viu?"

Baixei os olhos. "Convencida."

"Por quê?"

"Hum… você só é muito confiante."

"Confia em mim. Eu sempre vou te segurar. Sempre vou estar aqui." Ela me abraçou e apoiou o queixo sobre minha cabeça.

Meu coração disparou. Minhas bochechas esquentaram. Era uma sensação única estar em um abraço tão confortante e seguro. A vontade era de me eternizar ali. Poderia morar no abraço dela.

Maia se afastou. "Sabe o que aconteceu aqui?"

Vislumbrei algumas poucas coisas na escuridão. O cheiro de chuva, poeira e álcool até que agradava. "Sei que transferiram quase todos os itens para outro museu entre Zênite e Centrália." Segui-a, tentando focar os passos.

"Está em algum lugar por aqui", sussurrou para si. "Ah, achei."

Tzzt Tzzt Dois estalos. Rápidos. Secos. O som reverberou.

Tudo se iluminou e vi: um pavilhão, galerias em desordem, o teto desabado, entulhos que ocultavam as obras. Hologramas no lugar dos quadros. Luzes violeta. Rosa. Roxa. Azul. Contrastavam com a destruição, as ruínas, os ciclos de vandalismo e o clima.

O vidro quebrado estalava sob meus pés. A poeira das décadas se misturava ao cheiro úmido de decadência. Quanta história esquecida aqui? Quantas obras passaram por essas paredes? Quantos olhares se encontraram ou se esconderam na escuridão?

Maia me levou até a escada central.

Daquela altura, contemplei o lugar, fascinada. Absorvi cada detalhe. "A beleza desse lugar é o caos."

Os olhos dela caíram sobre mim. Encarei-a com afeto. Ela sorriu. Um sorriso tão caloroso. Uma batida escapou do meu coração. Ela me permitiu vislumbrar uma parte de sua alma. Tudo o que sei daquele momento é que aquele sorriso quente carregava uma tristeza intrínseca. Eu quis chorar. Vi tanta dor dentro dela. Abracei-a. Mesmo incapaz de arrancar aquela dor, eu queria substituí-la.

Por favor, deixe-me cuidar de você. Apertei o abraço.

Maia acariciou meu cabelo. "Vamos, vai acontecer em breve."

Franzi a testa, intrigada.

Andamos pelo labirinto até em cima e subimos uma escada. Maia puxou uma porta de metal velha. Saímos no terraço, que tinha dois enormes tanques de água amarelados. Mais entulhos.

Ela se sentou no chão.

Aninhei-me ao lado dela. "O que vai acontecer?"

Maia acenou para o céu. "Fique olhando."

Esfreguei meu nariz gelado. "Sabe, a pesquisa seguiu para a próxima fase, então novas amostras estão dispensadas. O médico pediu para agradecê-la. Se der tudo certo, vai ajudar muita gente."

Ela deu um sorriso discreto. "Que bom."

Mirei o firmamento. Nuvens densas. Poluição. Então, devagar, o impossível aconteceu.

O vislumbre da lua.

A luz prateada da lua em quarto declinante caiu sobre nós.

Os olhos de Maia brilhavam. Os cabelos brancos reluziam sob a cintilância argêntea. A brisa gélida acariciava seus fios e rosto. Gotículas de água pousavam gentilmente em sua pele. O olhar admirado, a postura inclinada em direção ao infinito, os lábios entreabertos em um misto de paixão e fascinação. A beleza selvagem de Maia se intensificou.

Meu peito apertou. O tempo se dissolveu ao redor, como se apenas nós duas existíssemos sob aquela luz prateada. E então, percebi o quanto a amava. O quanto estava apaixonada por seu caos. Por tudo. Cada parte que fazia dela ser ela.

"Maia…", sussurrei, em choque. "S-seu nariz está sangrando."

Ela demorou para reagir. Esfregou o nariz com o dorso da mão. "Hum… às vezes isso acontece." Ela esfregou de novo. O

sangue pingava, incessante.

Entreguei-lhe um lenço. Meu coração deu um salto. Algo dentro de mim gritou que aquilo era anormal.

Maia colocou o lenço na narina que sangrava e inclinou para frente.

Nuvens velaram a abóbada celeste. A lua desapareceu.

"Sinto que…" Sua voz saiu estranha devido ao nariz tampado. "Você que me conhece desde sempre. Muito além desta vida."

Quando o seu olhar atravessou as partículas do meu corpo físico, foi como se algo dentro de mim vibrasse em reconhecimento, alcançando as profundezas da minha alma. Atingiu-me em nível cósmico. Suas palavras despertaram meus átomos de uma dormência, uma que perdurara durante todos aqueles ciclos. Os pensamentos aquietaram. Apenas senti.

Aproximei meu rosto do dela. "S-sinto o mesmo… mas o que é isso? O que isso significa?" Encostei a testa na dela. *Me diz, por favor.*

Mais uma vez, apenas silêncio.

Acariciei seu rosto. Sua mão sobre a minha.

Naquele momento, percebi que tinha algo errado, terrivelmente errado. Um sentimento ao qual deveria ter dado mais atenção. Senti um aperto no peito, como se algo estivesse se rompendo. Algo que seria irreparável. Eu deveria ter ouvido minha intuição. Não sei, talvez insistido mais. Ter persistido até ter uma resposta. Porque, quem sabe, se tivesse…

RASTRO DAS FERIDAS

"Merda." O nó na garganta apertou. Lutei contra lágrimas que transbordavam dor, porém começaram a cair involuntariamente. Tentei engolir, mas foi inútil. *Não. Agora não.*

Mas já era tarde. Nós dois, o céu e eu, compartilhávamos a mesma aflição. Enquanto o céu chorava lágrimas congeladas, eu chorava as minhas. Uma sinfonia triste.

Contive um engasgo, temendo incomodar Kiara e Anichka. O silêncio amplificava tudo. O quarto era um oceano de ausência e eu afundava. O peso no coração se expandia infinitamente, esmagador. Se eu deixasse escapar um único som, eu desmoronaria.

"Queria que você estivesse aqui, Maia. Queria ter tido mais tempo para vivermos mais memórias juntas. Para que segurássemos mais as mãos. Para que você me trouxesse ao seu mundo." Pressionei a boca contra os braços. "Você disse que… que sempre me seguraria. Que sempre estaria aqui. Então por que você não está?" Solucei.

Às vezes, abria a biotela e quase enviava uma mensagem para Maia. Quase. Por que ela se foi? Por quê?

Kiara irrompeu pela escada. Com os olhos arregalados, ela veio em minha direção e embalou-me.

"Sinto tanta saudade dela. Por quê?" Esse vazio dentro

de mim dói tanto, um vazio que permaneceu desde… "Me pergunto todos os dias se eu poderia ter feito algo. Algo diferente no dia em que…"

"Ei, ei. Você fez por Maia mais do que imagina."

Levantei os olhos.

Kiara me olhava como se enxergasse tudo. A dor, o vazio, a culpa. Seu semblante carregava algo indecifrável, embora profundamente ressonante. "Shh, tá tudo bem." Ela tentou me consolar.

"Queria vê-la de novo. Só em outra vida, não é?" Limpei o rosto, alisei os cabelos e coloquei as mãos no ombro. Só em outra vida. Eu tentava me agarrar a um fio. "É meu único conforto. Pensar que podemos nos encontrar em outra vida." Soltei uma risada pífia.

Kiara segurou minha mão com carinho. Enquanto a confusão se enrolava em nós dentro de mim, Kiara me confortava, tornando o fardo mais leve.

Agradeci por sua presença. "Estou melhor. Desculpe pelo incômodo."

"Não precisa se desculpar." Ela sorriu com ternura. Olhou a alvorada incidir no céu. "Já tá amanhecendo."

"É, tive insônia." Abracei meus joelhos.

"Aliás, você foi impressionante salvando e cuidando de Trix." Suas palavras me aqueceram.

"Não foi nada de mais."

Ela apoiou a mão na cama. "Foi sim. Você sabe do que os mercenários são capazes e salvou ela na hora. Sei que teria feito isso por qualquer um." Kiara deu um sorriso provocativo. "Até se apaixonou por uma."

Meu rosto esquentou. Um desvio de olhar. Uma respiração presa. Perdi-me entre palavras. Bati de leve no braço dela.

Ficamos em silêncio.



A noite ia embora. O frio do mundo lá fora contrastava com o calor inesperado aqui dentro.

Kiara ficou olhando a vista. "Ei." Ela ficou séria. O olhar dela pesava, mas também trazia algo de acolhedor. "Sei que você passou por algumas coisas, só que a partir de agora…"

"Vou enfrentar o que vier, vou seguir em frente." Essa certeza tão visceral só podia vir do sentir. Tinha que confiar no sentir do meu coração. Iria superar o que quer que fosse. Tinha que superar.

Ela sorriu com os olhos. "Daqui a pouco vamos partir. Depois voltaremos para o Brasil." Seu tom misturava alívio e preocupação.

Enfim, voltaríamos.

Só vivi, então o tempo se diluiu na noite e no dia. Estava tão distraída que… lembrei-me. "Você sabia o tempo todo que Trix era filha do Pakhan?"

Kiara falou, confortável. "Sim. Acessei os arquivos do EY-Link. A nanoprótese continha a genética do Pakhan, o que gerou incompatibilidade com outras cobaias. Por isso, foi necessário conectar alguém com os mesmos genes que ele."

Meu estômago revirou. "O que ele fez com a própria filha…" O ar ficou pesado. Minha garganta secou. O gosto amargo se espalhou pela boca como veneno.

Kiara arqueou a sobrancelha. "Esse mundo corrompido é assim. Quanto mais perto alguém está de você, mais fácil é pra te destruir. Quem deveria te proteger é quem causa sua ruína."

Eu vivia em um mundo cor-de-rosa. Porém, por mais agradável que fosse minha vida na Zênite, eu tive uma experiência infeliz, embora incomparável. Guardei suas palavras no coração. "Não só este mundo." Chacoalhei a cabeça. Não. Hora de olhar para além desse passado.

"Tá na hora. Tá melhor?" Kiara se levantou.

"Sim, obrigada. Isso significa muito para mim."

Ela sorriu.

Arrumei-me. Peguei a máscara, o revólver e desci.

Anichka estava acordada e bem arrumada. Vestia a postura da realeza. Maxilar orgulhoso. Cabelos alinhados. Olhar digno. Trajava uma ushanka. A e-maquiagem cobria as marcas de estrangulamento no pescoço. Nenhuma olheira. Nenhum rosto inchado. Nenhuma vermelhidão. Sem sinais de que chorou imparavelmente na lua anterior.

No entanto, o peso transpassava pelo véu nos olhos dela. A dor sussurrava presença. Ela sabia que a viagem estava no fim e que em breve estaria onde deveria estar. Deveria manter o semblante honorável de uma majestade. No fim, todos vestíamos uma máscara.

"É a irmã mais velha?", puxei assunto, minha Donzela curiosa.

Kiara terminava de arrumar as coisas.

Anichka se virou para mim. "Não. Tenho uma irmã mais velha, a herdeira do trono. Um irmão e duas irmãs mais novas." Engoliu em seco, retendo a vontade de chorar.

Talvez fosse uma dessas irmãs que Yuri ameaçou.

"Certo, chega de papo. Vamos indo." Kiara caminhou até a saída.

Entramos no automóvel.

A androide dirigiu com pressa.

"Seis horas de viagem, o que fazer?" Anichka passou os dedos no vidro. "Tem uma coisa que Trix nunca me respondeu. Fiquei tão curiosa."

A androide a encarou pelo retrovisor. Parecia impaciente. Kiara já falava pouco. Imagina com a garota?

Conduzi a conversa. "O quê?"

"Ela não sentia frio? Estava sempre com os braços descobertos." Anichka apoiou o queixo no suporte e soprou o vidro, que revelou pequenos corações desenhados.

Perguntei-me o mesmo. Porém, guardei a dúvida. Aceitei que poderia viver sem a resposta. Abri a boca para falar…

"Porque conectaram nela nanites com nanoadaptação climática." Kiara nos surpreendeu ao responder. "Uma arma como ela tinha que ser livre."

Nanoadaptação climática? Franzi a testa. A nanociência dos submundos estava mesmo em outro nível. Os biochips eram programados para mudanças climáticas, mas apenas ofereciam uma fina camada protetora contra as temperaturas.

A princesa fitou o horizonte. "É estranho… todo esse tempo estive ao lado da minha irmã e não percebi. Só que agora que sei, parece que faz tanto sentido. Sei que devo ter agido como uma mimada, sempre me sentindo deslocada. Mas Trix é tão forte e tão determinada. Gostaria de ser que nem ela…" Anichka se virou, acenando apressada. "Quero dizer, não quero ser uma mercenária, apenas quero ser tão forte quanto ela."

Ela corou, meio desajeitada.

Eu e Kiara rimos.

S-2879 • L11 Irraluna • D17 Fluxli

"Irraluna irradia luz em descida suave. Fluxli libera o fio em curva viva. A maré desenha prata no ar aberto. A história segue inteira, em brilho profundo."

Seguimos a viagem maçante em silêncio. O cenário permaneceu alvo durante todo o percurso. Árvores retorcidas e escuras apareciam esparsamente.

O pior eram os resmungos incômodos de Anichka. Tentei

relevar por ela ser uma adolescente, porém era bem irritante. Kiara também estava bastante descontente. Apesar disso, o clima estava mais leve.

Chegamos perto do nosso destino, Helsinque.

Kiara estacionou em uma colina.

A tempestade se aproximava do norte. Uma parede branca engolia o horizonte. O vento cortava como lâmina. A poeira cristalina cobria a cidade horizontal. Escondia Helsinque sob um véu gélido, ocultando os edifícios, casas e estabelecimentos coloridos ao longe.

O que uma princesa russa precisava fazer lá? Uma missão diplomática? Algo estava prestes a acontecer. Eu sentia. Esfreguei minhas mãos enluvadas. Apertei os olhos.

Uma sombra se aproximava. Finalmente, chegaram. Como Kiara, eu desejava ir embora.

Anichka apertava os dedos ansiosamente. Ela até podia ser da realeza, ir em missões diplomáticas e lidar com a política desde nova. Porém, ainda enfrentava os problemas típicos de uma adolescente.

A nevasca engrossou, dificultando a vista. Estreitei mais os olhos conforme a figura se aproximava.

"Só pode tá de sacanagem." O corpo de Kiara ficou rígido. Um motor interno vibrando em prontidão.

Franzi as sobrancelhas, sentindo a eletricidade no ar. A figura se aproximou o suficiente. Entendi a raiva da androide.

"N-não…" Anichka congelou. O pavor estampado no rosto. Seus dedos se cravaram no braço de Kiara. "P-por favor. É…"

"Ah, que bom vê-las novamente." A voz de Yuri carregava um cinismo irritante, como se estivesse se divertindo com aquilo. Ele cruzou as mãos à frente do corpo, e o sorriso sarcástico se alargou.

"Que porra é essa?" Kiara fechou o punho, um aperto tão forte que quase rangia.

Ele colocou a mão no peito e fez uma reverência. "Perdoe minha postura anterior. Sabe… foi necessário. Fico feliz que a princesa esteja bem. Pode me entregá-la, irei finalizar a escolta."

Anichka conteve o choro para que as lágrimas não congelassem em sua face. Ela se escondia atrás de Kiara. "N-não… é ele… é-é o androide que ameaçou matar minha irmã."

"Cala a boca, porra." Kiara se aproximou de Yuri.

"Mais uma vez, minhas desculpas. Não vou machucar sua irmã, nem a você." Ele estendeu a mão com cordialidade.

O que aconteceu? Por que Yuri estava lá? Eu estava tão confusa.

BANG! O estrondo rompeu o vórtice gélido. Um raio preto cortou o branco.

O corpo de Yuri caiu como um fantoche com fios invisíveis. O branco da neve foi tingido de líquido metálico por um instante, antes de o vento varrê-lo para longe.

Meu coração saltou. Tentei dar um passo, mas a neve fez meu pé deslizar.

Kiara guardou a arma no coldre. Na prontidão. Na naturalidade. O silêncio depois do tiro foi ensurdecedor. Ela fitava o corpo do androide no chão. "Espere uns dez minutos. Eu tinha que fazer isso."

"O que está acontecendo?"

"Kiara, por favor", Anichka implorou, deixando a postura nobre de lado.

"SHIU! Ele vai fazer nada, caralho! Você não leu a situação, porra?"

"O-o quê? Ler o quê?"

Dei uma risadinha fora de hora. Toquei o ombro de Anichka.

"Fica tranquila. Vai ficar tudo bem."

A princesa largou o braço de Kiara e agarrou minhas mãos. "Tem certeza? Jura?"

O gesto me surpreendeu um pouco. Assenti.

Ela pareceu ficar mais calma.

Sorri diante de sua inocência e desejei que tudo ficasse bem. Ah, quem eu estava querendo enganar? Uma coisa era certa diante de toda aquela loucura: Anichka continuaria intocável no palácio em que vivia.

Dez minutos depois, Yuri mexeu os dedos, depois os braços e as pernas. Levantou-se e ajeitou o casaco com execução perfeita. "Entendo sua atitude. Entendo mesmo."

"Fala logo que porra tá acontecendo." Kiara avançou um passo. O chão rangeu sob a pressão da fúria dela. Sua aura fervente derretia o gelo circundante.

Yuri ajeitou a gola do casaco, indiferente. "Aliás, é do nosso interesse saber que ontem o Pakhan russo foi assassinado. O que vai acontecer agora? A assassina fugiu sem deixar rastros."

"Saymon…"

"Não. Ele está ausente. Só pediu para transmitir a mensagem." Ele estendeu a mão para a princesa. "Agora venha. Temos até as oito da noite para chegar em Eduskuntatalo."

Kiara gesticulou, impaciente. "Pode ir. Tá segura."

Anichka nos olhou hesitante. "T-tem certeza?"

"Vai logo, caralho."

A princesa demorou um pouco para reagir e cambaleou em direção a ele.

Yuri pegou sua mão com delicadeza. "Sabe o que a carta significa, não é?" Ele provocou Kiara antes de se virar. "Mais uma coisa: ele pediu para visitá-lo na lua cheia às três da tarde. Uma surpresa espera por você."

Começaram a caminhar.

Anichka virou-se para nós pela última vez. O vento uivava. A neve levantava ao redor dela como um manto real. Seus pés permaneceram cravados no gelo. Seu olhar, marejado, era um pedido de algo que era inominável até para ela. Ela hesitou, como se quisesse dizer mais, mas as palavras tivessem congelado na garganta. Então, abaixou o cachecol.

"Obrigada", murmurou e se virou. Uma promessa silenciosa.

Acenei em despedida. Mas será que nos veríamos de novo?

Desvaneceram-se na bruma nívea.

Kiara fuzilava o horizonte com o olhar, parecendo remoer uma fúria acumulada havia tempos. Uma ira poderosa se condensava no ar, causando-me calafrios. "Hora de voltar."

Entramos no carro. No retrovisor, a neve engolia Helsinque. O último vestígio da dobra do fim de um ciclo.

Viajei mais nessas três lunações do que nos meus 35 ciclos de vida.

Enfim, retornaríamos a São Paulo. No Brasil, eu teria mais respostas. E mais perguntas. Era onde eu deveria estar. Porém, dessa vez, eu estava escolhendo ficar.

Antes, São Paulo era um lembrete do que perdi. Agora, era o ponto de partida para o que eu ainda precisava encontrar. A vontade cravada de me jogar inteiramente no universo de Maia. Eu tinha que retornar para onde tudo se originou.

As feridas foram reabertas. Outras ainda serão.

Respirei fundo. Olhei cúmplice para Kiara.

Mesmo furiosa, ela sorriu de volta.

INEXORÁVEL

Chegamos a São Paulo. O prenúncio do outono trazia um vento cortante. Rajadas gélidas uivavam sobre a cidade. Tempestades dançavam em sombras e aço. Porém, era único o frio dentro de mim.

Nós nos hospedamos no Verdant Suites.

Joguei-me na cama ao entrar no quarto e descansei.

Então, minha Donzela deu atenção à vontade louca de tomar banho. Um banho bem confortável, com a sensação de serenidade. Uma tranquilidade sem precisar manter um ouvido atento a cada ruído nem calcular rotas de fuga. Tão simples. Tão inalcançável. Teria momento mais inoportuno para tamanha vulnerabilidade? Essa ideia era definitivamente assustadora. Argh. Estremecia só de pensar.

Liguei a banheira, coloquei as roupas na lavaexpress e olhei-me no espelho. O reflexo me encarava de volta. Mas era eu?

Quando passei os dedos sobre as cicatrizes do pescoço, a pele formigou. Um arrepio subiu pela espinha, como se a dor ainda estivesse lá, latejando sob a superfície.

Cada marca era uma história que eu queria esquecer e, ainda assim, lembrava. Recordei cada dor, fosse de um soco que cortava minha sobrancelha ou de uma faca que rasgava a pele do meu braço. A maior delas: O enorme X nas costas. Um alvo.

Iriam mesmo me fazer de alvo? O gosto azedo inundou minha boca.

Eu tinha apenas vislumbres do que aconteceu, pois fiquei inconsciente a maior parte do tempo. As memórias eram imperfeitas, exceto pelo fato de que eu sentia tudo acontecendo como naquele momento. Quando expuseram minhas costas. Os xingamentos de Denden contra eles ou me dizendo para aguentar.

Então, a dor, a ferida aberta, o metal gelado esquentando na pele e o ferro se chocando contra meus ossos, sobrepondo-se aos meus gritos sufocados pela exaustão. O militar puxou meu cabelo, forçando-me a encará-lo. Seus olhos frios. Desinteressados.

Eu mal enxergava. A faca deslizou sobre minha pele antes de perfurar. O frio do metal foi a última coisa que senti antes de a dor devorar tudo. Rasgando. Atravessando. Minha visão escurecendo com a dor insuportável. Suspirei.

Um alvo.

Pouco importava meu sofrimento, nem meu desejo de morrer a cada minuto. Tudo isso era irrelevante. Pararam de me ver como um ser vivo. Eu era nada.

Um alvo. Fechei os olhos. Não. Tinha que enfrentar isso. Eu ia superar isso.

Aproximei-me do espelho. Os fios de cabelo escondiam as cicatrizes na minha cabeça. Toquei as duas marcas no pescoço, que vinham das orelhas até a garganta. Meu corpo inteiro…

A água transbordou no piso.

Entrei na banheira. Abracei-me e fechei os olhos. O vapor dançava no ar. Inspirei fundo. Segurei. Expirei devagar, como se estivesse tentando convencer meu corpo de que estava seguro. A água quente se misturava ao frio na minha pele, alcançando

o que estava gravado nos ossos.

Afastei os pensamentos trevosos. Se eu aguentei tudo que passei, foi porque mantive Maia em meus pensamentos.

Terminei o banho e fui para o quarto.

Kiara mexia em uma holotela. "Melhor?"

Assenti. Penteei os cabelos para fazer uma trança. Como ela se sentia? Quão difícil foi para ela quando Maia…? O nome ficou preso na garganta. Quis perguntar… Não. Queria pensar em algo melhor.

Kiara permaneceu em silêncio. Apenas assentiu levemente, como se já soubesse a pergunta que eu só fiz na alma.

Desejei boa noite.

Dormi.

S-2879 • L11 Irraluna • D19 Unabe

"Irraluna irradia luz em curva mansa. Unabe acende eixo na descida clara.
A maré desenha rota em prata viva. A história segue firme, em tom profundo."

Uma chuva fraca escorria dos céus, como um resquício que ainda acendia.

"Faltam algumas horas pra nos encontrarmos com Saymon. Então, vou resolver algumas coisas." Sua voz soava impaciente. Kiara saiu depressa. Parecia que estava correndo de um relógio ilusório.

Apoiei os braços na janela. Qual poderia ser a surpresa? Minha ovulação me deixava imaginativa, mas revirei as possibilidades e nada fazia sentido. Bom, talvez seja melhor assim. O desconhecido me inquietava. Mas a verdade é que eu já estava dentro dele há éons.

Admirei as ruas fervilhantes do Tentro.

Hololuzes piscavam em tons vibrantes: azul, roxo e vermelho dançavam em harmonia. Refletiam no vidro como espectros cintilantes, fantasmas de um mundo que girava rápido demais para ser alcançado.

Os gritos dos comerciantes se misturavam ao chiado de adwares. E, entre tudo isso, a presença pesada dos mercenários intimidava, pois carregavam mais armas do que roupas. Animais poderosos os acompanhavam.

Um deles, um tigre com nanoimplantes nas patas, movia-se com a precisão de uma máquina. Seus olhos eram puro instinto. Animais tão charmosos. Majestosos. Desejei fazer carinho em um. Será que ele permitiria?

Corri os olhos pelos casais de mãos dadas. Entre o burburinho da cidade, eles se encontravam com um simples olhar, como se o resto do mundo desaparecesse.

Soltei ar quente pelo nariz contra o vidro, embaçando-o. Com os dedos frios, desenhei círculos sobre a neblina efêmera.

A memória daquele dia se insinuou, escorrendo como a chuva lá fora.

PEDIDOS

TECELUNA DE 2878

Maia disse que se ausentaria por uma lunação. Uma mensagem simples e vaga. Ela se foi como a última folha de um galho seco no outono. Eu sabia que voltaria. Mas para onde foi levada pelo vento? Por quê? Uma pergunta lançada ao destino, cuja resposta vagueava por aí.

Segui meu fluxo, minimamente contente por sua preocupação em me avisar. Talvez, algum dia, eu soubesse.

Um pouco mais da metade do ciclo solar já havia passado. Os dias esmagavam. A pressão crescia. Três lunações. Três infernos.

No fechamento de contas, Takashi me auxiliava. Eu revisava tudo antes de enviar para Josivaldo. As pacientes da CogniSynth tinham direitos, e foi desafiador garanti-los. Feriados. Dignidade. O mínimo. Briguei muito por isso.

Nas três lunações anteriores à travessia do ciclo solar, eu reduziria a conexão do nanoprotótipo. Eles precisavam estar bem, fisicamente, mentalmente e espiritualmente, para celebrar.

Havia custos: passagens, hospedagem, uma equipe pronta, imprevistos. Eles vinham de todos os lugares. Custos imensos. Cada decisão pesava na carne. Meu corpo doía ao pensar nisso.

Eu aprovava a ida de mais um paciente quando Takashi surgiu. "Hideaki quer saber sobre sua disponibilidade para um encontro amanhã."

Minha mente ainda estava submersa no trabalho. Ergui os olhos, o peso nos ombros diminuindo por um instante. "C-claro. Posso preparar um jantar no meu apartamento às oito."

Hideaki aceitou.

Em casa

Passei os dedos pela biotela, navegando entre receitas japonesas. Imagens de pratos delicados, meticulosos, dançavam diante de mim. Escolher um era mais do que apenas uma decisão culinária; era uma forma de senti-la perto. Afinal, Hideaki preferia profundidade.

Eu nasci em Osaka, mas meus pais se mudaram em 2846 para São Paulo. Crescer no Brasil não era desculpa para desconhecer minhas raízes. Por isso, ela fez questão de que eu mergulhasse na cultura japonesa: o idioma, a comida, os rituais, o peso das palavras e dos silêncios, as datas sagradas, os valores e os hábitos. As tradições que mantêm um povo vivo para além dos ciclos.

Embora eu não as praticasse, apreciava muito isso. Afinal, era algo que nos aproximava e distraía. Foi um pedaço nosso. Um elo cotecido na Corquestrama.

S-2878 • L6 Teceluna • D17 Fluxli

"Teceluna tece o céu em fio maduro. Fluxli libera a curva em prata viva. A maré desenha caminho no ar. A história segue firme, em brilho manso."

Chequei se meu apartamento estava impecável. Hideaki tinha um olhar meticuloso. Sempre vou me lembrar. Um dia, após me

visitar, ela enviou uma mensagem: 📩 *"Sua sala tem um quadro torto. Pode afetar seu yin-yang."*

Preparei sopa de missô, panqueca com vegetais, espetinhos de vegetais variados empanados com panko, shiitake, berinjela, pimentão verde, conserva de vegetais, daikon e chá de jasmim.

A campainha tocou.

Imbuída da energia da Mãe, ajeitei meu cabelo e abri a porta.

Cabelos curtos moldavam o rosto severo, e o sorriso discreto suavizava sua presença. Vestia uma blusa de gola alta, um casaco bege meticulosamente alinhado e uma saia impecável sobre a meia-calça preta. A bolsa da Chronos repousava em seu braço como um selo de status. Fez uma reverência ao entrar. "Ojama shimasu." Hideaki trocou os sapatos pelas pantufas, depositou a bolsa no suporte e abraçou-me forte.

Ficamos abraçadas. Ela afagava minhas costas. Notei que sentia falta desse abraço apenas ao recebê-lo. Dei uma fungada no cheiro familiar de mãe por trás do perfume suave.

"Que saudade. Você está tão linda, tão saudável." Hideaki apertou minhas bochechas. "Está se alimentando bem, pelo visto."

"Também senti saudades."

Andamos até a mesa de jantar.

"Hmmm, que delícia." Ela se sentou na ponta da mesa. "Como você está?"

Sentei-me perto dela. "Bem. Estou feliz por estar aqui."

"Ora, o ideal seria vir amanhã, porém tenho assuntos urgentes. Aliás…" Ela levantou as sobrancelhas, revelando algumas ruguinhas. Em seguida, pegou sua bolsa e tirou de dentro um envelope e uma caixa rosa. "Antes que me esqueça. Otanjoubi omedetou", desejou, *Feliz aniversário.*

Dei um sorriso suave. "Okaasan, sutekina tanjoubi purezento

wo arigatou." *Mãe, obrigada pelo presente de aniversário maravilhoso.*

Peguei os itens. Abri a caixa, que continha chocolates, e o envelope com um Ondin, um código para transferência de dinheiro. Ela sempre dava a mesma coisa. Porém, de alguma forma, eu gostava da previsibilidade.

Hideaki segurou minha mão. "Queria fazer mais, porém está tão crescida."

Crescida? Eu vivia há 34 ciclos solares. Fiz uma breve careta cética. Talvez só fosse coisa de mãe.

Enquanto comíamos, Hideaki perguntou sobre o meu trabalho. Poucas novidades desde a reunião selunaria.

Ela alisou um vinco discreto na toalha de mesa antes de pegar sua xícara. Pequenos gestos que substituíam palavras por dizer. "O que mais pode me contar? Está diferente. Se eu te desconhecesse, diria que está saindo com alguém", comentou descontraidamente.

Meu rosto esquentou no mesmo instante. Por que todos enxergavam algo que nem eu entendia? Até minha mãe!

"Oooh, é verdade? Ora, ora." Ela bebeu o chá.

Revirei os olhos.

Diante da minha reação, ela não tocou mais no assunto.

Verdade seja dita: sentia-me pouco à vontade com ela. Estávamos bem longe de sermos próximas. Aos meus 20 ciclos vividos, ela e Riki se divorciaram. Os dois compraram o apartamento na Zênite para que eu pudesse morar sozinha. Hideaki me visitava no meu aniversário. Se bem me lembro, em duas Natividades aleatórias. Raramente me perguntava sobre a minha vida pessoal, e eu sobre a dela. Somente éramos familiarizadas com a vida profissional uma da outra.

No início, senti muita saudade desse contato. No entanto,

acostumei-me depois de um tempo. Claro, eu reconhecia os esforços dela em manter uma proximidade. Porém, passou tanto tempo. Difícil acreditar que seria possível fortalecer esse laço.

"E aquele…?" Hideaki engoliu as palavras. Provavelmente tinham um sabor amargo.

"Você sabe… ele é indiferente." Bebi o chá.

A raiva surgiu em seu olhar. Ela retesou o maxilar. "Baka-yarou! Baka! Usunoro! Konoyarô!" As palavras saíram afiadas, cuspidas entre os dentes cerrados. As bochechas avermelharam-se. Por um momento, parecia que sua própria fúria a sufocava. "Perdão. É só pensar nele que me dá nos nervos."

Segurei uma risada empática. Engraçado. Quando ela queria xingar, xingava em japonês. Sinceramente, pouco me importava que o amaldiçoasse. Ela o fazia quando estava sozinha. Poderia ser libertador fazer isso na minha frente, a única que entendia toda sua fúria. Já eu, adormeci meus sentimentos em relação a ele. Eu preferia assim. Lidava com as situações evitando enfrentar meus demônios.

Conversamos mais um pouco até a hora de ela ir embora.

"Tem certeza de que vai? Pode dormir aqui."

Ela meneou a cabeça em negativa enquanto procurava algo na bolsa. "Tenho que ir para Bali nesta madrugada."

O que ela faria na Indonésia em pleno virada de seluna? Deveria ser algo muito… isso me lembrou… "Hideaki…"

"Sim?"

"Sabe como estão indo os testes da NB-Mend na UNITED?" Era comum que eu perguntasse a respeito de outras pesquisas. Ela confiaria em mim.

Hideaki ficou pensativa. "Ah, querida, é confidencial. Suspendemos os testes."

Arregalei os olhos. Cada nervo do meu corpo entrou em alerta. "Por quê?"

"Os testes foram desastrosos. Os resultados iniciais até foram positivos. Porém, após algum tempo, os voluntários começaram a morrer."

"Desde quando?"

"Os testes iniciaram há ciclos. Isso começou a acontecer há dois ciclos solares. Foi natural conectar as mortes com a NB-Mend. Portanto, suspendemos a pesquisa até investigarem o problema." Ela deu de ombros com indiferença.

Meu coração se descompassou. Evitei demonstrar pânico. "Sabem o motivo?"

"Não. Creio que terão a resposta em breve. Salvaram dois pacientes. Porém, é insuficiente para retornarem à pesquisa. Querida, por que tantas perguntas?" Hideaki estava visivelmente impaciente para ir embora.

Após nos despedirmos, andei até meu quarto e joguei-me na cama. Deixei o peso do corpo sair. Era isso que Maia carregava? Eu poderia fazer algo? Minha mente trabalhou para encontrar soluções.

Decidi. Nas próximas luas, eu me infiltraria nas respostas e iria verificar a situação do projeto. Como ajudei na pesquisa por um tempo, ninguém estranharia meu interesse.

No dia seguinte

Choveu incessantemente. Li quase o dia inteiro. Só parava para fazer um lanchinho. Vestia um pijama confortável e estava enrolada nas cobertas. Ainda tinha uma leve disposição, mas a Feiticeira já começava a surgir. Achei que o mundo ao meu redor desaparecia, até a campainha cortar o silêncio.

Ergui a cabeça. Será Hideaki fazendo uma surpresa? Não,

ela é sincera sobre assuntos do trabalho. Ou talvez fosse… não. Não poderia ser ele. Riki jamais me visitou. Por que iria agora?

Caminhei distraidamente até a porta. Pronta para dispensá-lo. Quando abri a porta, meu coração parou. "O-o quê…?" Minha voz sumiu.

"Achou mesmo que eu perderia seu aniversário?" Maia deu um sorriso travesso.

"C-como sabe?" Eu tinha feito as contas. Faltavam luas até ela retornar de seja lá onde estivesse. Não. Essa era a menor das minhas preocupações. Como ela apareceu assim? Eu estava com a cara sonolenta, o cabelo bagunçado e nem tinha tomado banho.

"Aydan disse." Maia entrou e avaliou-me da cabeça aos pés."Você parece muito quentinha."

Abaixei o rosto quente. "É…"

Maia riu baixinho. "Tem planos?"

"Não comemoro meu aniversário."

"Como assim? Por quê?" Os dedos dela roçaram meu queixo, leves, mas firmes.

"É irrelevante."

"É importante. Temos que comemorar." Os olhos dela lampejaram em empolgação.

Franzi a testa. "É sério?"

"Já sei o que vamos fazer." Ela brilhou, como se tivesse acabado de ter a melhor ideia do mundo.

Era irresistível. Suspirei, rendida. Tomei banho e vesti um casaco preto até os joelhos.

Saímos.

A chuva diminuiu. Um táxi nos esperava na calçada. Voamos até o famoso Favo Artístico, um aerobairro na Centrália. Uma gigantesca placa pixelada cintilava acima das ruas:



Festival dos Fogos de Artifícios — Favo Artístico

O bairro inteiro acendia sob uma decoração de natureza marinha. Hologramas translúcidos de águas-vivas planavam acima de nós. Suas cores policromadas se dissolviam no ar como ondas de tinta.

O reflexo violeta delas pintava o rosto de Maia, misturando-se ao brilho âmbar de seus olhos. Ela parecia flutuar entre dimensões.

Baleias monumentais atravessavam o espaço entre edifícios flutuantes. Tubarões de luz espectral seguiam atrás. Golfinhos brincavam em espirais graciosas. Focas saltavam entre esferas cintilantes. Outros seres serpentavam entre a multidão, como se nos observassem de outro mundo.

"Oceano canta. Escute. Responda. Flua com as águas." Holotelas, que surgiam intermitentes, traziam mensagens de conscientização ambiental: *"Oceano é Corquestrama. Preservá-lo é preservar o fluxo da tecedura."*

"Os santuários chamam você—cada gota conecta mundos."

"Honre as águas. Honre a Corquestrama. Pois o que flui aqui, flui em toda trama."

Além disso, exibiam resgates de animais dos mares imundos e tentativas de despoluir as águas. *"Cada resgate é mais do que um futuro, é o fluxo eterno continuando a vibrar."*

Aproximei-me da água. Meus dedos roçaram a superfície líquida, apenas um toque leve, mas, naquele instante, algo me tocou de volta. Uma ondulação se formou, sutil no início, mas então se expandiu para longe, como se algo tivesse acordado.

Meu coração saltitou. Isso já aconteceu antes?

A luz do holograma oscilou. As cores do oceano se distorceram em espirais. A água brilhou como se estivesse viva. Minha pele arrepiou. Um frio estranho percorreu minha espinha.

E então veio—Uma onda. Dentro de mim. Fechei os olhos. Meu corpo aqueceu, como se cada gota de água no universo reconhecesse minha existência. E eu vi. Um céu estrelado. Um mar infinito. Algo me chamando, uma voz sem som, apenas um sentir profundo. O eco distante de uma baleia. O rugir das ondas contra uma costa que eu vi em outra existência. O cheiro do oceano, tão vivo quanto o bater de um coração.

Abri os olhos, ofegante. As ondas desapareceram. O holograma voltou ao normal. O festival seguia seu curso, como se nada tivesse acontecido, mas algo dentro de mim tinha mudado. Olhei para minha mão, ainda úmida. Meu coração ainda acendia como um eco das águas.

E Maia me observava. Nada disse, mas nos seus olhos havia mais do que surpresa. Talvez… talvez ela também já tenha sentido isso antes.

Atravessamos a entrada.

O cheiro de comida frita e especiarias perfumava o ar.

O aroma salino dos vaporizadores ambientais inundava as narinas.

A multidão abria caminho.

Barracas alinhadas transbordavam de opções tentadoras: itens artesanais, brinquedos flutuantes, jogos de tiro, pesca, pulo na água, testes de força e de realidade virtual. Uma nanorroda-gigante girava lentamente entre os telhados. Um carrossel de criaturas marinhas cintilava em um giro hipnótico. A nanomontanha-russa e a torre de queda livre flutuavam entre as ruas, suspensas em um nanotrilho invisível.

"O que quer fazer?", Maia perguntou.

Meu estômago respondeu antes de mim. Rugiu, audível sob o barulho do festival. "Comer."

Difícil escolher em meio a tantas opções. Optei por um cachorro-quente vegetariano. Maia, como sempre, se contentava com algo simples: uma porção de batatas fritas.

Comíamos enquanto assistíamos a um show de talentos, no qual uma jovem tocava piano. Suas mãos deslizavam pelas teclas em uma melodia suave e melancólica, como um sussurro ao luar.

"Mademoiselle, désolé de déranger. Pouvez-vous m'aider?" A voz sussurrou atrás de mim: *"Senhorita, desculpe incomodar. Pode me ajudar?"*

Virei-me.

Um homem maltrapilho nos observava, os olhos arregalados. Escaneava os arredores como se estivesse sendo caçado.

"Monsieur, vous feriez mieux de ne pas parler français. Peut parler Brésilien?" Sussurrei de volta que seria melhor se ele não falasse francês e perguntei se sabia falar brasileiro. Se alguém o ouvisse falando francês ali, poderia atrair atenção indesejada.

Ele ergueu o olhar, hesitante. "N-não… não falo bem."

"Tudo bem", incentivei. "Tente falar. Se alguém vê-lo falar esse idioma, você pode…"

Pigarreei, incerta. "Enfim, do que precisa?"

Maia encarava o homem em silêncio. Seu semblante se transformou em algo que me causou um tremor. A aura dela pesou. Sufocante. Nunca conheci alguém que condensasse uma atmosfera tão sinistra.

Minha intuição dizia: aquilo não era nem metade da grandiosidade de sua aura aterradora. Atordoada, voltei minha atenção para o homem.

"Preciso… chegar…" Ele lutava contra o próprio sotaque. "Nesse. Endereço." Seus dedos deslizaram pelo casaco.

Um instante. Uma rajada passou por mim.

Maia agarrou o pulso do homem. Seus olhos brilhavam de maneira animalesca. Ela se inclinou levemente. "Vous pouvez parler français. Quelle adresse?" Ela sibilou em tom gélido: *"Pode falar em francês. Qual é o endereço?"*

Ele congelou. Engoliu em seco. "Je ne sais pas, mais le nombre est 244", sussurrou. "Não sei, mas sei o número 244." Ele mal conseguiu encarar Maia.

Ela o soltou com a mesma rapidez. Gesticulou adiante. "É na Rua Cerda, que cruza a grande Alameda Heri."

O homem assentiu temerosamente e nos deixou sem olhar para trás.

Minha atenção se desfocou dele. Focava em Maia.

Ela pegou outra batata frita e mastigou devagar, observando o homem desaparecer na multidão. Então se virou para mim, sorrindo. Seu sorriso despreocupado era um véu sobre o que acabara de acontecer. O frio aterrorizador em sua aura se evaporou, como se nunca tivesse existido. "Você fala francês?"

Eu ainda sentia meu coração martelando nas têmporas.

Demorei para responder. "S-sim…" O que foi aquilo? Como ela pareceu outra pessoa em segundos?

"Por quê?" Sua voz carregava curiosidade genuína.

Foquei no palco, na apresentação da cantora. Deixei a música me envolver. Tentei dissipar o que quer que estivesse tremulando dentro de mim. "Rebeldia, talvez?", brinquei. "O que aconteceu com a França, sei lá, acho que também foi uma rebeldia contra meus pais." Suspirei, rindo de leve. "Bobo, eu sei. Nem eles sabem disso. Você também sabe falar…"

Maia continuava me observando com um brilho peculiar nos olhos, como se estivesse desvendando algo. "É." O brilho se intensificou. Ela parecia animada, e aquilo me deixava inquieta.

Voltamos a andar.

Paramos em frente a uma barraca com bugigangas tecnológicas.

"O que exatamente você faz?"

"Coteço um nanoprotótipo, CogniSynth, para transformar as memórias dos vivos em uma mídia audiovisual. É possível assistir às memórias em uma holotela."

Maia brincou com um bonequinho pixelado. "Isso é mesmo possível? Você é mesmo incrível." Ela sorriu com orgulho.

Acenei timidamente.

"É sério. Você é surpreendente."

Meu rosto aqueceu. *Surpreendente.* Como poderia um elogio fazer o coração bater mais forte?

Seguimos com a noite e fomos à roda-gigante.

Maia mexia propositalmente na cabine. Agarrei-me ao suporte e abri os olhos. Seu rosto tão perto. Seu olhar âmbar me percorreu até pousar na minha boca. Seus cabelos refletiram violeta. Rosa. Lilás. Roxo. Azul. Miríade de tons. A explosão dos holofogos coloridos no céu. Sua respiração perto da minha.

De repente, os sons sumiram. Restou o ritmo acelerado do coração. O rosto dela chegou mais perto e seus lábios tocaram os meus.

Pareceu uma eternidade. Uma dessas memórias para se guardar para sempre. A cabine se movendo devagar. O cheiro amadeirado de Maia misturado com o ar gelado da altitude. Os vultos coloridos espreitando nas pálpebras fechadas. O calor dos dedos dela deslizando pela minha nuca, suave e carinhoso. Nosso beijo, que para sempre vibrará nessa lembrança.

Quando abrimos os olhos, estávamos no chão. Um arrepio percorreu minha espinha, ancorando-me no agora. Continuamos com os rostos próximos. Os tons multicoloridos dançavam sobre nós.

Seguimos para as outras atrações.

Foi bem divertido andar na nanomontanha-russa; arrancou alguns gritos meus e uma estremecida de Maia. Andamos no carrossel. Maia sentou-se atrás de mim e segurou minha cintura. Suas mãos cálidas faziam um calor formigar pelo meu corpo.

"Tá se divertindo?" Ela roçou o nariz na minha orelha. Sua voz rouca me arrepiou como um relampejar na noite mais escura.

Tão descarada. "V-você…"

Depois disso, prosseguimos até a torre de queda livre, ou melhor, simulador de projeção astral. Senti minha alma sair do corpo. Comentei minha teoria com Maia.

Ela jogou a cabeça para trás, gargalhando.

"O quê?! Achei mesmo que isso fosse impossível. Me enganei."

Ela colocou o braço sobre meus ombros. "Você é engraçada. É mesmo uma teoria excelente."

Andamos até as barracas de jogos, que tinham um ursinho de pelúcia branco entre os prêmios. Memórias vieram. Aproximei-

me dele depressa e peguei o bichinho nas mãos.

Era tão parecido… "Uau, isso traz lembranças. Tive um igual quando criança. Foi um grande amigo." Coloquei-o de volta. Senti-me um tanto estúpida por falar sobre isso.

Maia o pegou nas mãos. "Você o quer?" Sua expressão era tão amável.

Um daqueles momentos em que a troca de olhares foi suficiente para transmitir uma imensidão de emoções. Emoções tão semelhantes, tão diferentes. Nessas horas, meu coração reafirmava: eu queria só ela. Pouco importavam as circunstâncias, as distâncias ou os mistérios. Essas coisas eram detalhes diante da infinidade dos meus sentimentos por ela e dos dela por mim.

Assenti, sorrindo.

Seguimos para uma barraca de tiros, FluffFling.

Fiquei aborrecida, pois eram sempre os jogos mais difíceis. Suspirei em derrota. "Esqueça. Deve ser quase impossível." Toda a empolgação para ter a pelúcia de infância foi por água abaixo.

"Ei." Maia me ignorou e chamou o androide. "O que preciso fazer pra ganhar aquele ursinho?"

O androide gesticulou para as armas falsas e para os minúsculos alvos na parede.

Apertei os olhos para vê-los, tão pequenos que eram. Impossível. Simplesmente impossível.

"Acerte cinco. Vai querer? Três bireais."

Ela fez a transferência.

Os quadrados se moveram aleatoriamente na parede, enquanto uma música estridente e bizarra tocava junto.

Eu sabia que tinha alguma pegadinha. Ficou pior. Havia uma chance antes, mas agora, com eles girando? Zero chances. "Ah,

isso é impossível. Não tem como algu—"

Maia pegou a arma e a ajeitou na mão. Acertou cinco alvos em menos tempo que uma piscada.

"Q-q-quê?" Minha voz saiu trêmula, desacreditada.

Ela escolheu o ursinho como prêmio. Sorriu charmosamente. "Pra você."

"C-como?"

Maia meneou a cabeça e abraçou-me.

Quando dei por mim, andávamos novamente.

Atordoada demais, tentei esquecer aquilo para aproveitar o momento. Peguei o ursinho das mãos dela. "Obrigada. Você é…"

Exceto que Maia não cabia em uma palavra, uma definição. Mais que meras letras juntas, ela era uma formidável formação de frases que se emaranhavam entre si. A linha tênue tão entrelaçada que expandia as interpretações. Compreendê-la requeria algo além do que o visível oferecia; exigia silenciar, sentir, ritmar e vibrar mais profundo.

Ela encostou a testa na minha. Maia também me entendia sentindo-me.

"Posso te fazer um pedido de aniversário?" Mirei seus olhos de mel cheios de expectativa. "Me responde se eu te fizer uma pergunta?"

Maia sustentou meu olhar. A cintilação reduziu. Abaixou a cabeça. Percebi o peso das minhas palavras. Seus significados. "Aki…" Ela segurou minha mão com carinho.

Meneei a cabeça negativamente. Sorri com os olhos. "Esqueça. Sei que tem seus motivos. Confio em você. Sei também que é o momento inoportuno. Se é que há um momento certo." Meu coração transbordou e minha voz embargou. "Não sei o que está acontecendo, mas, por favor, confie em mim se eu

puder ajudar. Se eu puder fazer qualquer coisa."

As mãos dela acariciaram meu cabelo, desceram pelo meu pescoço e foram até os bolsos de seu casaco. Ela tirou dois chaveiros pequenos, um de uma loba cinzenta e outro de uma pinguim. Maia me entregou o da loba. "Esse aqui é seu pra sempre se lembrar de mim."

Perdi-me em como reagir. Talvez com uma expressão boba no rosto. "Nossa! Isso é tão especial."

Ela balançou o da pinguim no dedo, sorrindo fofamente. "Esse é meu pra lembrar sempre de você. Claro que é desnecessário um chaveiro pra isso."

Segurei o chaveiro da loba contra o peito, sentindo seu peso. Maia sorriu, girando o da pinguim no dedo, como dois mundos girando no mesmo eixo.

Suas palavras, gestos e o cenário fizeram parecer que a ideia do 'para sempre' fosse real. Meu coração ficou tão feliz que, se o mundo acabasse bem ali, eu morreria no auge da minha felicidade. Nem parecia que aquele 'para sempre' duraria naquela finitude da vida. Ao enfraquecer de nossas vozes. Ossos. Pernas. Na perda da firmeza da pele. Quando os cabelos, ou melhor, meus cabelos se tornassem brancos como a neve. Enfim, retornaríamos juntas para a Corquestrama.

Não.

Aquele para sempre não aconteceria. Um para sempre que durou…

Meus olhos deveriam estar marejados. Abracei sua cintura com o desejo de segurá-la para a eternidade.

Ficamos assim por algum tempo.

Então tive uma ideia. Sorri, divertida. "Posso fazer meu pedido de aniversário? Vamos comemorar o Arraial das Almas juntas?"

Maia fez uma careta intrigada. Assentiu, rindo. “Vamos sim.”
“Vamos ver algumas fantasias.”
Ela riu baixinho e me abraçou.

JOGO

A chuva piorou quando Kiara retornou.

Levantei-me, meio cansada. "Eu estava distraída."

"Sei. Essa distração tem nome, né?" Ela provocou. "Enfim, tá na hora."

Fiquei um pouquinho mais animada com sua chegada. Arrumei-me.

Nós nos dirigimos para Vermina.

"Vai me dar Sentinil?"

"Não acho que precise."

Surpreendi-me por ela achar que eu suportaria sóbria todo aquele horror. Assenti, firme. Eu tinha que suportar.

Chegamos à Vermina. A boulevard ensanguentada.

Amarrei as emoções enquanto os corpos moribundos moviam-se até vans brancas.

Crianças, expostas nas vitrines das lojas, tinham o vazio estampado em seus rostos perdidos. O vermelho na pele destacava os ossos da magreza. Uma mãozinha magra segurava a vitrine pelo lado de dentro. Dedos pequenos e sujos pressionavam o vidro, formando marcas de umidade. Os olhos por trás eram ocos, afundados, desesperançosos.

Mas eles me viam.

Os olhos de Kiara deslizaram pela boulevard, mas passaram

indiferentes aos corpos, aos olhos vazios. Apenas seguiu em frente.

O cheiro da decadência inundava o ar. Faces inexpressivas surgiam das janelas escurecidas. Escondiam-se ao ver Kiara. Não eram mercenários. Apenas anônimos que viviam em suas sacadas decoradas com restos humanos, emolduradas no mais puro sadismo. Quem permitia isso? Quem era a Matriarca?

O lugar representava o fim da vida. Se as trevas tinham uma morada, era ali.

Vi meu reflexo nas poças carmesins. Era indefinível se era raiva, nojo, desprezo ou aceitação o motivo da minha passividade.

Não. Eu sempre me inconformaria com isso.

Pisamos na única parte decente da boulevard, a entrada de jade com pilares luxuosos. O interior carregado de riquezas e antiguidades. O tapete, grosso e macio, sob os meus pés, absorvia meus passos e o sangue que escorria de fora. Ali dentro, continuava imaculado.

Meu pulso disparou com a ideia de ver a Matriarca. Kiara estava um tanto tranquila. Supus que talvez estivesse ausente. Naturalmente, se tratando de…

"Sim, foi excelente." Sua voz hipnotizante ecoou pelo salão.

Kiara e eu paramos a poucos metros de distância dele.

Seu olhar torpe nos alcançou. Sua face se contorceu em um sorriso maldoso. Parado, ele embaralhou as cartas, mantendo o olhar na figura à sua frente. Como se já conhecesse todas as jogadas, como se eu fosse apenas mais uma. A algidez da presença de Saymon me alcançou de longe.

"Que bom que a Matriarca está contente com os resultados", disse a outra pessoa. Sua voz rasgava meu véu interior.

"Certamente. Ela está muito feliz com sua presença, *Senhor*

Riki Akiyama ♪" Saymon sibilou, saboreando cada letra. Ele me atravessou com seu olhar enigmático, que dizia que eu era uma peça no seu jogo.

Senti meu estômago afundar. O nome dele ali, na boca de Saymon. Meu sangue gelou. Minha mente gritava que era impossível. Mas então o nó se desfez e refez possível.

Retesei o maxilar e cerrei os punhos.

RAPOSA E GATO

Kiara pousou os olhos em mim. "Riki Akiyama?"

Assenti. Por que meu pai estava lá?

Saymon se concentrou nele. "Para os próximos passos, vá para as Terras de Ninguém e entregue isso a Cron." Ele entregou a carta do *Cinco de Paus*.

Riki girou o objeto nas mãos, guardou-o no bolso e virou-se para a saída. Suas feições severas mascaravam o orgulho, intricado com uma exaltação compreensível. Afinal, naquele lugar, ele tinha o que queria, com liberdade para manifestar seus desejos, sem um CMG para barrá-lo, sem alguém para lhe tirar o sim.

Netheria era onde Riki queria estar. Eles forneciam os meios para alcançar seus objetivos. Então, ele jogaria seus jogos. Afinal, Riki nunca desejou ser o rei. Ele desejava satisfazer a perversidade que morava em seu âmago e o sadismo em seu coração. A subjugação desumana de todos os indignos. Tudo isso sob o véu de um propósito maior: o bem da ciência, o progresso, o futuro da humanidade.

O calafrio nas minhas costas aumentou conforme Riki passou por nós, a cabeça erguida. Afinal, olhar para alguém significaria notar sua existência. Isso era inconcebível. Só ele era digno de sua atenção.

Riki ajeitou os cabelos para trás. Quando passou por mim, o cheiro de menta invadiu minhas narinas. O mesmo cheiro de quando eu era criança. O cheiro de um pai que nunca quis ser um. Saiu sem me olhar. Faria alguma diferença? Ele nunca me enxergou. Poderia olhar nos meus olhos, mas não me reconheceria.

Meus dedos doeram de tanto que os apertei. Por que ainda me importava com ele?

Kiara encurtou a distância até Saymon. "Que porra é essa?"

Ele soprou uma risadinha ignóbil. "Gostou da surpresa?"

Ela o segurou pela gola, os olhos perigosos, como uma leoa diante de uma raposa. "Fala tudinho que tá acontecendo, caralho." Kiara o largou.

Saymon gargalhou, ajeitou o casaco e caminhou devagar em minha direção. "Engraçado. Você tem a mesma expressão que teve quando…" Ele sorriu.

Mesma expressão? Quando...? Como assim? Sustentei seu olhar impiedoso. O arrepio aumentou com sua presença hostil.

Ele pousou a mão no meu ombro. "Eu precisava saber de que lado nossa Akikozinha estava."

Prendi a respiração. Lado? Do que ele estava falando? Quis afastar suas mãos, mas fui incapaz. Era quase insustentável a pressão gigantesca de sua aura sombria.

Kiara arqueou a sobrancelha e mostrou entre os dedos o *Oito de Copas*. "'Abandono de um laço emocional em um relacionamento condenado. Tristeza. Luto. Vazio. Futuro desconhecido. Ingovernável.' Achei que a mensagem era só sobre Trix e o Vorovskoy mir."

Saymon deu um sorriso implacável. Afastou-se de mim. "Sempre cumpre minhas expectativas, Kiarinha. Confesso que estou fascinado. Nossa Akikozinha salvou Trix de um destino

tão trágico. A aprendiz pode mesmo superar o mestre?"

Aprendiz? Mestre? O que eu tinha a ver com isso? Nada do que ele falava fazia…

Não.

Salvar Trix? É claro. Tudo fez sentido. Meu sangue ferveu. Mordi os lábios. "F-foi… foi ele…"

"Sim?" As feições raposinas de Saymon reluziram em deslumbramento, como se eu fosse uma atração divertida.

Uma fúria cresceu em mim. "F-foi ele quem fez a Mentis Imperium, não foi?" Eu já sabia a resposta. Só Riki ressuscitaria algo tão terrível.

Saymon assobiou uma risada e foi em direção a Kiara. "Isso tá sendo mais divertido do que eu esperava… ♪ Kiarinha está certa quanto à Trix e ao Vorovskoy mir. As bases começaram a tremer. O que vai acontecer agora?" Ele sentou-se no trono de pedras preciosas e descansou o queixo na mão.

Kiara olhava sanguinariamente para ele. "Tô dando zero fodas pra essa porra! Se me manipular ou à Akiko pra mais um dos seus joguinhos doentios, eu vou…" Ela retesou o maxilar e acorrentou a cólera.

Mais uma vez, conversavam no intangível.

Saymon levantou dois dedos e estreitou os olhos amigáveis. "Tem duas quartelunas para fazer o meu favor. Traga o que a chave guarda e direi o nome."

Kiara apertou os lábios e acenou para eu acompanhá-la.

Demorei algum tempo para reagir. Segui-a.

Caminhamos em silêncio pelas ruas banhadas em sangue até o Tentro.

Entramos no quarto.

Kiara soltava labaredas pelos punhos cerrados.

Fiquei em pé contra a porta. Minha mente vazia. Meu sangue

fervente. Busquei aplacar a raiva. Tentei entender por que aquilo estava acontecendo. Respirei devagar, dissipei o furor e clareei a compreensão: minha vida estava em jogo. No entanto, eu fazia parte do mundo de Maia. Tudo o que aconteceu foi um prelúdio. Nada daquilo se comparava ao que eu estava prestes a vivenciar, ao que estava prestes a descobrir.

Kiara chegou perto de mim e pareceu notar meu emaranhado de confusões.

Encontrei seus olhos gentis. "Entendi. Posso ser inocente em relação a esse mundo, mas não às pessoas."

Ela segurou minha mão. "Sei que tem muito o que processar, mas sem tempo. Seu contrato vai ser reativado em duas quartelunas. Com os Aurums te caçando, não rescindir essa merda a tempo vai foder nossa situação."

Contrato. Foi fácil esquecer isso diante dos acontecimentos. Assenti.

"Você já entendeu, né, que faz parte desse mundo. E tá se saindo melhor do que imagina." Kiara abriu um sorriso amigo. Andou pelo quarto. "Lembra quando eu disse sobre nanosistemas incorruptíveis? Bem, o lugar aonde temos que ir, onde está o que essa chave abre…" Ela mostrou a carta da *Coringa*. "Possui um desses nanosistemas."

Sentei-me no sofá e tirei a máscara. Distraí-me com a carta reluzente. "Que lugar seria esse?"

"Na Zênite, precisamente no Parlamento."

Arregalei os olhos, incrédula. "P-Parlamento?"

O que ela estava dizendo? O Parlamento era o lugar mais seguro e importante de todo o Brasil.

Abrigava a sede das Assembleias da Rede Aether, os arquivos de Estado, dados históricos, de segurança, de nanotecnologia brasileira e dos países parceiros, a morada da Placa-Mãe da

Zênite e da Centrália. Sem falar na nanotecnologia 150G, que servia a todas as conexões da América.

"V-você pretende entrar lá?" Eu desacreditava no que ouvira.

A seriedade no rosto de Kiara se abriu em um sorriso, que se transformou em uma risada debochada. "Não. Eu não. Já você… sim."

Eu? Como assim? Só podia ser brincadeira. É verdade que ela mencionou isso antes, porém achei que fosse brincadeira. Por que achei que fosse brincadeira? Já tinha me esquecido disso! Meneei a cabeça em negação. "C-como assim?"

Ela tirou uma poeira do ombro. "É óbvio, né? Você é da Zênite. Tem um status de que ninguém desconfiará. Sabe o quão especial é o seu passe?"

Nossa, não fazia nenhum sentido. Eu… Zênite? Remexi-me inquieta. A ideia de voltar para lá veio como uma torrente de água. Eu era de lá, porém me sentia alheia à Zênite. Talvez eu quisesse continuar longe. Eu não poderia subir de novo. Diziam que, uma vez no alto, não se quer descer. Como voltar para a Zênite depois de tudo que vivenciei? Não. Era hora de focar no agora.

"Acha mesmo que vou fazer isso? Quero dizer, olha para mim." Gesticulei na minha direção. "Não sou como você ou como Maia, Trix, Saymon, Cron, Denden, nem mercenário algum!"

A androide esfregou a testa. "E, exceto por Maia, ninguém mais entraria lá. Nem Saymon, nem os malditos androides dele! Nem eu, nem outro mercenário!"

Mordisquei a bochecha por dentro. "Difícil acreditar nisso. São todos bem preparados. E-eu sou… acha muito arriscado? Se eu fizer algo errado? Se eu falhar? Se…"

"Akiko, acha mesmo que não está preparada pra isso?!" O

jeito como ela me olhou… transmitiu em mim uma segurança que me faltava. Senti-me um pouco envergonhada ao notar isso.

Vou ser sincera. Eu confiava plenamente em mim como médica. Porém, quem era eu naquele mundo? Eles sempre viveram daquela forma. Foram treinados e doutrinados desde muito cedo. Eu descobri aquela vida há poucas lunações. E ainda tinha Saymon, que controlava androides oficiais da Rede Aether!

Por que não… o entendimento acendeu como uma lâmpada. Só agora entendi? Eu quis tanto fazer parte desse mundo?

Recompus-me. Já havia ido ao Parlamento algumas vezes. Eu já caminhara por aqueles corredores. Já estivera sob aquele holofote. Mas, daquelas vezes, fui para fazer coisas lícitas. Eu estava longe de ser uma ameaça. Agora, se pisasse errado, morreria.

Não poderia ser tão ruim. Talvez… nem sei o que Kiara iria me pedir. Bom, ela deveria ter um plano. Ela sempre tinha, sim?

Suspirei. "Certo. Como faremos isso?"

Kiara penteou os cabelos e levantou um dedo. "Primeiro, precisamos da nanoplanta mais atualizada do Parlamento. Todas as nanoplantas dos lugares da Zênite são nanocriptografadas. Só arquitetas-chefe têm os arquivos codificados. Há 35 ciclos, diversos dados foram roubados, inclusive as plantas da época."

A vaga lembrança do acontecimento surgiu na minha mente. Eu era uma bebê quando aconteceu, mas estudei o assunto quando adulta.

A Rede Aether tentou acobertar em vão. Quem fez isso permanece anônimo. Acessei alguns documentos oficiais, porém eram evidências insuficientes. Esse evento gerou uma

grande insegurança no Brasil. Mais do que um atentado contra a Rede Aether, foi contra toda uma nação. A nação considerada intocável. Se hackearam o Parlamento brasileiro, quem estaria seguro?

O premier da Rede Aether, Lorenzo Cardoso, disse que a polícia prendeu os culpados. Eles renovaram e reforçaram a nanosegurança brasileira. A vida aconteceu. O assunto caiu no esquecimento.

Kiara estalou os dedos. "Ei, tá me escutando? Presta atenção. A segurança dessas nanotecnologias está desatualizada pela Rede Aether. A nanocriptografia ficou obsoleta, sendo possível hackeá-la. Por acaso, algumas delas estão sob posse do Patriarca."

Entreabri os lábios. "F-foram vocês?"

Kiara gargalhou e meneou a cabeça em negativa. "Não. Por acaso, os arquivos estão sob posse do Patriarca."

Se não foram eles, quem foi? Quem foi responsável pela maior invasão nanohacker da América? O que fizeram com as informações obtidas?

"Relaxa, não precisaremos vê-lo." Ela acenou com tranquilidade. "Vamos. Temos que visitar um velho amigo. O humor dele é melhor à noite. Parece um gato. Aliás, ele tem uma história bem interessante com Maia." Kiara piscou.

Franzi a testa, curiosa, e segui logo atrás.

SOLTERRA

Caminhamos pelo Tentro à noite.

Eu mordiscava os lábios, apreensiva por visitar pela primeira vez o lado esquerdo, Solterra, a parte do Patriarca. As ruas seriam iguais às da Matriarca? Ou seriam piores? Esperava ver um cenário igualmente terrível. Engoli em seco com a ideia.

Chegamos à holoparede.

Ao tocar os pixels azuis, senti uma cosquinha na pele. Quando dei o primeiro passo, minha pulsação acelerou.

Passamos pela primeira divisão. Segunda. Terceira.

Fechei os olhos, tão agitada que me sentia. Desbravar o desconhecido era aterrador e empolgante. Vozes e músicas chegaram aos meus ouvidos. Abri os olhos. Foi completamente diferente de como imaginei. "Uau", murmurei, deslumbrada.

Fontes de luzes multicoloridas e armas antigas que pendiam das sacadas iluminavam a rua. Tanques antigos de guerra internacionais entre os edifícios. Robôs de todos os tamanhos. Alguns tão pequenos quanto insetos, zunindo no ar. Outros colossais, caminhando como titãs metálicos.

Androides de pele sintética reluzindo sob as luzes artificiais, olhos brilhando em tons cibernéticos. Pessoas com próteses cromadas, membros biomecânicos reluzindo e exoesqueletos adaptados para força e precisão. Implantes piscando sob a

pele translúcida. Circuitos se estendendo como veias elétricas, conectando humano e tecnologia em uma só entidade. Andavam entre as vielas, portando armas nanotecnológicas de laser, maser, antimatéria temporária e sônicas.

Uma robô gigante rosa, que passou por nós, conversava com um robô minúsculo em seu ombro.

A maioria deles tinha formas de animais, bichos e humanos. Alguns eram objetos e personagens da mídia. Os menores, mais energéticos, pulavam entre os lugares e os transeuntes. Os motores vibravam no chão como um coração mecânico.

O ar carregava cheiro metálico de óleo sintético e plasma queimado. Cada passo ecoava em um ritmo digital, como se Solterra acendesse junto dos circuitos sob a pele de seus habitantes.

Apesar de a Rede Aether possuir as armas mais letais do mundo, algo que tornava São Paulo a Primeira Cidade, estar ali me trouxe dúvidas. Todo aquele arsenal massivo, com tudo de mais avançado no mercado, com certeza. Compreende-se por que os outros submundos hesitavam diante de Netheria.

"Por aqui." Kiara me cutucou.

Saí do devaneio. "S-sim, estou indo."

Passamos pelos comércios, bancas apinhadas de nanometal, nanovidro e nanofibra. Quase todos trabalhavam com a mesma mercadoria: nanoarmas. De pistolas compactas a rifles energéticos, reluzindo em vitrines blindadas. Engrenagens empilhadas em caixas giravam sozinhas, como se ainda buscassem seu encaixe. De partes de membros isolados a torsos biomecânicos incompletos.

Implantes e próteses expostos como mercadoria comum. Alguns ainda acedendo com energia residual. Nanoengenharias cibernéticas, circuitos e exoesqueletos esperavam ser assimila-

dos a um novo corpo.

Kiara segurou meus ombros e apontou para um edifício único, que tinha uma arquitetura neogótica raríssima.

Pisquei, chocada demais para acreditar.

Achava que o comando de Kemetia destruíra a Catedral da Sé durante os ataques; era o que diziam nas aulas de história. Todo esse tempo, embaixo de nós, um pedaço de um Brasil tão antigo, somente mencionado brevemente nos estudos históricos.

Eu nem sequer imaginava um dia vislumbrá-lo. Minhas pernas me levaram involuntariamente em direção à Catedral.

Kiara me segurou, impedindo meus pés de irem até lá. "Nã, nã. Por aqui. Quem sabe outra hora? É ali onde o Patriarca vive."

Desculpei-me com os olhos.

Quando entramos em uma loja, BiLab, uma luz rosa nos tingiu.

Segui por um corredor estreito. Robôinsetos brotaram do nada.

Kiara bateu em uma porta de metal. Uma minúscula abertura surgiu. Somente os olhos de quem atendeu ficaram visíveis. A androide fez algo. A portinha se fechou. O metal girou.

Entramos.

Passamos por um espaço pequeno, de teto baixo. Prateleiras e armários recheados de papéis. Uma mesa vazia.

Espremo-nos por um corredor ainda mais apertado até o fim.

De repente, o espaço abriu-se amplamente. Um véu azul e rosa pintava o interior da biblioteca. O teto se erguia além do alcance dos olhos. Livros de papel antigos, holodispositivos e digitais enchiam as estantes. Robozinhos voavam, jogando itens no ar.

O chão translúcido abaixo de mim, que piscava a cada passo, dava-me a sensação de estar em um jogo de realidade virtual. Os pilares pareciam se mover quando não olhávamos diretamente para eles, como se a própria estrutura respirasse. O brilho das holotelas se misturava às velhas lâmpadas incandescentes, tecendo um jogo de sombras onde o passado, presente e futuro se enlaçavam.

Ao tentar tocar um cristal decorativo, uma robôabelha ameaçou picar minha mão. Afastei-me e voltei a olhar em volta.

"Ele está vindo", disse um robô em voz fininha.

Em seguida, veio um cão-guaxinim, vestindo óculos, suéter cinza e calças sociais.

Ah, tão fofo!!! Quase exclamei ao revelar um lado meu que preferia deixar nas sombras.

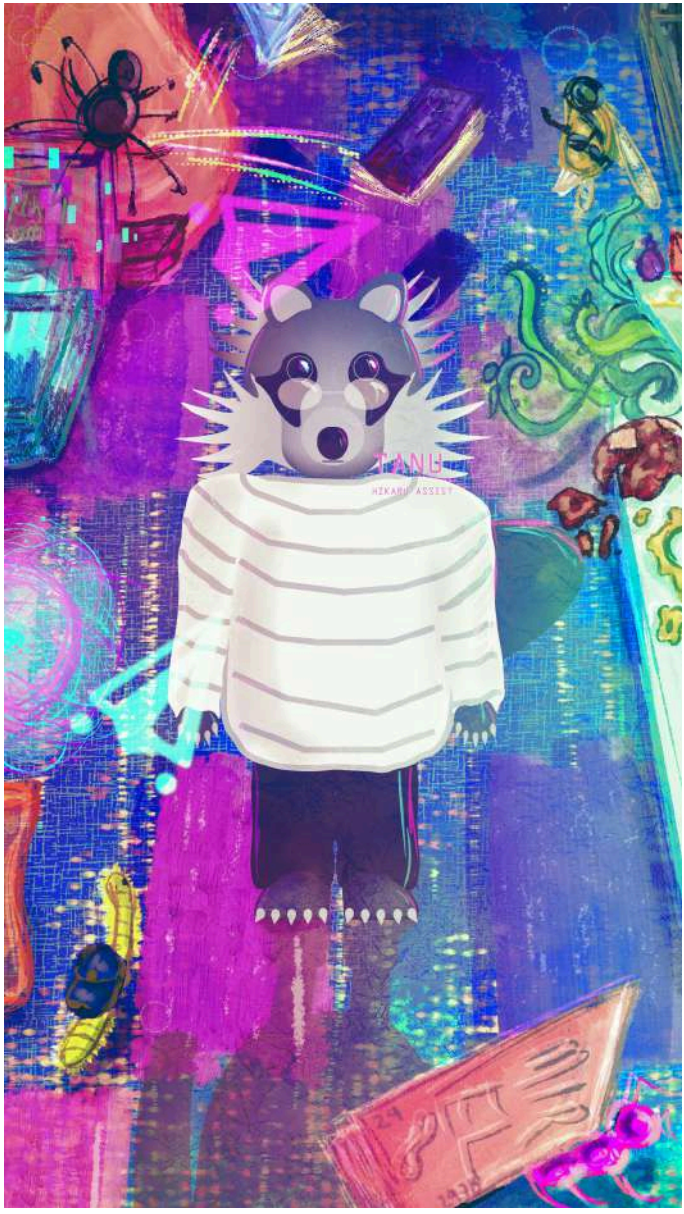
"E aí, Tanu?", cumprimentou Kiara.

Segurei-me para conter um grito agudo.

Ele levantou os óculos com pequenas mãozinhas. "Alguma coisa aconteceu, os dados do Vorovskoy mir enlouqueceram. Você conhece o Hikaru… ele deixou tudo nas minhas mãos." De repente, seus olhinhos pretos ficaram avermelhados e sua voz engrossou, aterrorizante. "Um dia vou matá-lo!" Ele rosnou tão baixo, mas o chão vibrou sob suas patas. O pelo eriçado parecia farpas metálicas.

As prateleiras atrás dele tremularam levemente, como se recebessem o aviso antes do ataque.

Voltou ao normal.



Fiquei boquiaberta. Como uma fofura daquelas poderia ser tão ameaçadora? Eu estava prestes a abraçá-lo!

Senti um anseio infantil quando Kiara se agachou e esfregou a cabeça dele. "Entendo. Hikaru é um idiota. Ele devia dar mais valor a você."

"É mesmo. Aquela menina devia ter terminado o que começou. Se tivesse, eu não estaria passando por essa humilhação." Seus olhos ameaçaram brilhar em vermelho.

"Se desgosta dos meus métodos, posso desativá-lo, Tanu." Uma voz rouca e ponderada, carregada por um intenso sotaque japonês, ressoou pelo ambiente caótico.

Tanu se sobressaltou, com o pelo eriçado. "Viu como ele me trata?! Vivo sob constantes ameaças. Tenho que passar por isso diariamente."

Toda a barulheira metalizada dos robôs cessou. Passos arrastados ecoaram. Um *clip-clop* familiar. Cada passo ecoava como um gongo distante, carregado de um peso sentido no corpo. Descia devagar por uma escada que conectava os andares superiores, debaixo das fortes luzes e dos objetos que os robozinhos aéreos voltaram a jogar.

Seus cabelos escuros, meio soltos, presos em um coque, contrastavam com feições joviais que carregavam uma sabedoria e severidade de anciões. Vestia um quimono branco e hakama. Um haori preto cobria parte do tórax. Calçava geta. Uma katana presa à cintura.

A espada dos samurais. Admirei a bainha magnífica com detalhes em neon vermelho. Uma tradição carregada de modernidade. A base, ainda mais bonita, cintilava em tons vinho. Qual seria o material da lâmina? Já sonhei tanto em ver um samurai em pessoa. Isso me empolgou demais.

O mais chamativo: a parte descoberta de seu corpo. O tórax e o braço direito eram nanopróteses. Um metalizado cinza-azulado reluzente em detalhes azuis-claros. Os movimentos eram de uma fluidez perfeita. Com certeza, nanotecnologia de última geração.

Hikaru • Ciborgue • 28 ciclos

"Kiara." O tom sereno condizia com sua aparência recatada. "Quem seria essa?" Manteve os olhos pretos e frios na androide. Sua ferocidade contida me lembrou um gato selvagem.

"Minha aprendiz", ela respondeu.

Aprendiz… teria que perguntar sobre isso depois.

Hikaru abriu os lábios e soltou um vagaroso *'ah'.* "Fez o que te pedi?" Ele olhou de relance para Tanu.

"N-não, mas vou fazer." O cão-guaxinim inclinou a cabeça, os olhos bem abertos e fofos.

"Muito bem. Que tal servir nossas convidadas? Vão querer comer, beber?"

Após Tanu enviar uma dose de DroidDraft para Kiara, ele nos deixou para ir buscar um lanche. Saiu por uma portinha.

Hikaru acariciou a base da katana. "A que devo a visita?" Um objeto voou acima de sua cabeça. Ele deveria estar tão acostumado com tudo voando que o conforto no caos era evidente.

Kiara cruzou os braços. "Preciso da nanoplanta do Parlamento."

"Certeza?" Ele esfregou o queixo. "São dois dias para conectar com seu núcleo. Uma hora para quebrar a simetria quântica da nanoplanta."

"Ainda não quebraram?"

"Não. Ninguém quis depois que refizeram a nanosegurança. É o único arquivo inútil. Por isso, perguntei se tinha certeza."

Acompanhei a conversa. Se refizeram a segurança, como uma nanotecnologia tão obsoleta poderia nos ajudar? Bom, Kiara deveria saber o que estava fazendo.

"Quanto?"

"Ei, Hotaru." Hikaru chamou.

Um vagalume robô surgiu.

"Pesquise a planta do Parlamento."

O lampejo esverdeado da máquina mudou de cor até voltar ao normal. "Quinhentos mil bireais."

"Certo, transferi."

"Quer começar quando?" Hikaru mal mexia os lábios para falar.

"Agora." Kiara gesticulou para que eu os seguisse.

Caminhamos entre as prateleiras até um quartinho.

A androide se deitou na mesa.

Encostei na parede e observei cada movimento. O que ele iria fazer?

Hikaru apertou um botão. Os pixels encheram o ar. Diversas holotelas surgiram.

Tanu apareceu em seguida e entregou-me um sanduíche.

"Pegue a planta do Parlamento."

O robô bufou. "Idiota… nem pede por favor."

Hikaru pegou uma seringa e puxou um líquido neon vermelho de um frasco. "Pronta?"

Kiara assentiu.

Ele iria injetar nela Drohipno? Um tipo de anestesia geral para androides. O líquido desativava a nanotecnologia andróidica, porém mantinha o núcleo ligado. Isso era usado para acessar… Nanosistemas-nanoquânticos (NSNQ). Quantum-nanotecnologia (QN-Tec)! Tentei manter a passividade, mas, por dentro, vibrava em fascínio.

Hikaru injetou o Drohipno em Kiara. A androide fechou os olhos. Ele tocou a testa dela, deu um duplo clique e um quadrado surgiu. Em uma holotela, clicou para transferir o arquivo *P-Aether.q*. Um cabo surgiu da mesa para se conectar à testa dela. Hikaru girou a cadeira e mexeu nas demais holotelas. Um forte azul brilhou. Um retângulo apareceu em uma delas:

Upload... 0%... 48 horas até a absorção pelo núcleo

Hikaru analisou os dados uma última vez, respirou fundo e exalou. "Agora resta esperar." Seu olhar me atravessou como uma lâmina e um arrepio gelado percorreu minhas costas.

SEGURANÇA

Hikaru manteve o olhar vigilante sobre mim. "Eu sei quem é você. É, eu sei."

Meu coração disparou. Engoli em seco. Lutei contra a vontade de sair correndo dali.

"Tanu?"

O robozinho inclinou a cabeça. "Sim?"

"Traga uma cadeira. Arrume uma cabine para ela dormir. Se importa? É pequena." Ele me olhou de relance.

Neguei com a cabeça.

"Ótimo."

Ficamos sob um silêncio estranho até Tanu retornar.

Sentei-me.

Hikaru coçou o queixo. "Se fosse eu, também desconfiaria. Porém, ela e Kiara sabem a meu respeito. Também…" Ele pareceu ponderar melhor e calou-se.

"Não sei do que está falando." E daí que ele não era um mercenário? Ele poderia me entregar para um. Eu precisaria de muito mais para revelar algo. Além disso, Kiara estava inoperante.

Avaliei o cenário com discrição. Minhas chances de alcançar o comprido metal embaixo da mesa antes que ele me alcançasse com a katana eram praticamente zero. O calor subiu pelo meu

peito. O ar pesou, como se tivessem diminuído o oxigênio da sala. Meus músculos estavam prontos para reagir, mas minhas chances de escapar eram nulas. Se ele quisesse, poderia me derrubar em menos de um segundo. Porém, eu iria fazer alguma coisa.

"Nada farei contra você." Hikaru deu de ombros de leve, como se adivinhasse meus pensamentos.

Apertei os dedos contra meus braços cruzados. Por que raios eu era tão fácil de ler?

"Se algo acontecesse com você… eu não duraria muito depois. Prezo pela minha vida." O olhar dele ficou distante, quase melancólico. "Se a desprezasse… estaria em outro plano agora."

"Não…"

"Maia se certificou…" Os dedos metálicos tamborilaram sobre a mesa, num ruído seco e calculado. Ele hesitou, como se estivesse pisando em território frágil. "Você estaria protegida acima de qualquer coisa." Sua voz tinha um peso difícil de definir.

Era admiração? Culpa? Respeito? Algo inquebrável se escondia ali. Seus olhos de íris pretas me estudaram de cima a baixo. Dessa vez, o sentir me atingiu em cheio.

Mexi-me inquieta na cadeira. Como assim? O que ele quis dizer? Ele nada ia fazer mesmo? *Argh.* Hikaru parecia confiável. Quero dizer, o que ele disse sobre conhecer Maia… e Kiara me deixou acompanhada com ele. Isso devia significar algo. Ela confiou nele o suficiente para isso… certo? Minha insegurança diminuiu. Relaxei um pouco na presença dele. Elas confiavam nele. Isso teria que servir.

Hikaru inclinou a cabeça para trás e estalou o pescoço.

"Kiara disse que…" Cocei a orelha, incerta de como prosseguir. "Você…" Queria encontrar as palavras. Se ele sabia quem eu

era, eu poderia perguntar: qual a sua história com Maia? Meu devaneio cessou.

"O que ela disse?" Hikaru arqueou a sobrancelha. "Ela mencionou isso?" Ele bateu no peito, e a prótese de metal ressoou.

"Não…" O ímpeto me atravessou. "Por quê? Maia tem algo a ver com isso?" Arrependi-me quando as palavras saíram. Poderia ter sido um pouquinho mais cautelosa? Parece que nada aprendi!

O semblante de Hikaru se contraiu em um sorriso felino. "Ela tem tudo a ver com isto." Os dedos dele deslizaram sobre a bainha da katana, o polegar percorrendo um sulco quase imperceptível no metal. Seus olhos estavam distantes dali, presos em algo inalcançável. "Mantenho essa história em privado, mas acho interessante contar para quem motivou isso."

A forma como ele disse fez meu estômago se revirar. O que Maia fez para ele? O que eles foram um para o outro? Franzi a testa, intrigada.

Hikaru alisou a base da katana. O olhar vazio, congelado em sentimentos sombrios. Levantou os olhos, indecifráveis.

O barulho dos robozinhos ao fundo sumiu. As luzes acenderam levemente, a nanotecnologia sentindo a mudança de atmosfera. O ar ficou mais denso.

A história daquele dia ecoou pela sala em uma vibração anterior à linguagem.

GATO

S-2878 • L6 Teceluna • D19 Unabe

"Teceluna tece o céu em fio maduro. Unabe acende eixo na descida clara. A maré desenha rota em prata viva. A história segue firme, em passo certo."

HIKARU

Tudo o que eu sabia sobre a garota dos cabelos brancos era que os mercenários a temiam mais do que a Matriarca e o Patriarca. Assim como o irmão dela. Nunca a vi. Só escutei que sua presença poderia ser insuportável, tamanha a ameaça que exalava.

Achei que eles engrandeciam essas histórias para entreterem mais. Afinal, era isso que restava para os das classes baixas, com missões desinteressantes comparadas às dos ranques altos.

Até a lua em que a conheci.

Meu clã na Ninkyō dantai me deu uma missão muito particular. Como sempre, mandei os qn-robôs fazerem uma pesquisa de campo. Sabe, verificar a rotina, as fraquezas, qualquer coisa para quebrar as defesas do alvo.

Exceto que todos voltavam danificados ou sequer retornavam. Foi a primeira vez que precisei ir eu mesmo.

Já nem me lembrava da última vez em que fui até a Centrália. Relembrei a alegria da região. Foi até refrescante ver gente vivendo suas vidinhas ordinárias, sem mercenários ou sádicos loucos por perto.

Não sou um mercenário. Então, posso subir aos andares superiores em segurança, passando pelos nanosistemas da Rede Aether. Só que me acostumei com a vida em Netheria e preferia ficar no andar inferior.

As lojas nas ruas vazias à noite me distraíam quando a garota apareceu. Escondi-me em um beco escuro.

Ela estava distante, conversando com alguém, e inclinou-se para um abraço. Sua companhia entrou em um carro. Ela se virou para ir embora.

Apertei os olhos, tentando compreender o que tinha acabado de ver. Quando me virei, ela estava cara a cara comigo. Um gelo percorreu minha espinha como um raio, remetendo-me à última vez que senti medo. Eu tinha vivido oito ciclos. Minha mãe tinha acabado de me vender para a Ninkyō dantai.

Olhos de mel indecifráveis me encaravam. "Você é…?" Sua voz soava como um sussurro cortante.

Endireitei-me e pousei a mão na katana. Meu corpo a escondia, velada sob a escuridão que pairava sobre nós. Ninguém antecipava um ataque de espada. Pelo menos, não neste mundo. "Hikaru."

Fiquei à espera de uma abertura. Afinal, uma hora todos ficavam vulneráveis e baixavam a guarda.

A garota diante de mim se portava como uma força indomável. Ela me olhava como se eu fosse o alvo, como se esperasse por mim. "Sei… o cara quântico. Ele estranhamente fala bastante de você…"

Meu coração ondulou. *Ele?* Ele quem? Como ela sabe sobre…

? Assenti.

"Por que tá atrás de mim?" Ela mantinha os olhos abertos a cada segundo.

Limpei a garganta. "Bom, você desagradou uma pessoa que ficou descontente."

Alguém passou por nós.

Ela acenou para que eu entrasse mais no beco e ficou na minha frente. Era um pouco mais baixa do que eu, mas intimidava. Seus olhos semicerrados luziram ousados. "É melhor ser mais específico. Se não quer se machucar, é melhor manter essa espada embainhada."

Ela sabia. Apertei a mão na base. "Hum… o nome Kotaro te lembra alguém?"

Maia sorriu. Seu semblante ficou mais sinistro. "Claro que lembro do pirralho Kotaro. Fui presa por causa dele."

Que merda. Baka Kotaro. Tadajaokanaizo. "Sei, ele pode ser difícil, mas ainda é sobrinho do líder do maior clã da Ninkyō dantai. Imagine só quebrar alguns de seus dedos, ameaçá-lo e sair impune." Sustentei seu olhar.

"Entendi. Veio vingá-lo?" Maia alargou o sorriso.

Soprei um riso.

"É melhor que consiga. Só vai ter uma chance." Maia se afastou, como se dissesse: *Vai, me ataca.*

Minha curiosidade se atiçou. Tinha uma espada prestes a atravessá-la e mantinha a impassibilidade? Continuava implacável?

Raros eram os que não temiam a morte. Pelo menos, ela não iria implorar como todos faziam, nem contorcer o rosto em uma repugnância de choro, catarro, sangue e vômito. É, eles vomitavam. Na verdade, cagavam de medo. O cheiro era horrível.

Poderia ter desembainhado a katana e a cortado. Cometi um erro. "Espero que esteja certa disso. Aquela pessoa parece ser especial… deixá-la sozinh—" As palavras engasgaram.

Algo agarrou minha garganta e pressionou meu braço direito contra a parede. "Quer mesmo terminar essa frase?"

Levei minha mão esquerda ao pulso que me sufocava. Minha visão turvou. "E-eu…"

Uma paralisia vinda do meu pulso começou a se alastrar pelo braço. Era indolor. Parecia um desaparecimento. O mundo distorceu. Meus pulmões queimavam, mas era mais que falta de ar, como se meu corpo estivesse sendo devorado, como se minha própria existência estivesse sendo consumida.

O toque dela era pior que força física. Algo que apagava.

Prometi a mim mesmo que abraçaria a morte. Jamais imploraria para viver. Isso era patético demais. Queria ter controle sobre isso ao morrer; seria com a tranquilidade de alguém que encara a morte. Porém, estava terrivelmente enganado.

Diante daquela aura algoz, de seu olhar impiedoso que saboreava o gosto da minha alma partida e das garras das sombras que me envolviam, prendendo o ar nos meus pulmões, eu soube que queria viver. O ímpeto profundo de me agarrar à vida. Era igual a eles. Constatei a verdade escondida no meu coração, esfregada na minha cara da maneira mais dura. Uma verdade difícil de engolir.

"P-por favor…" A pressão na cabeça era insuportável. A dormência chegou à minha costela. Minhas pernas queriam ceder.

Maia me prendeu contra a parede. "Trabalha para a Yakuza e Netheria. Adivinha? Tô nem aí pra nenhum deles. Nada do que você faz me importa, quem mata, mesmo que seja eu."

Ela aproximou o rosto do meu. Seu olhar feroz era capaz de atormentar a mais perversa das almas. A face que premeditava a passagem da vida.

Era dispensável ela terminar a frase. Eu entendi o que aquilo significava. Maia agarrava meu pescoço, não porque se prendia à própria vida… foi a simples menção ao que morava no seu coração. Sempre ouvi que o amor para essas pessoas era sua ruína. No caso, era a soberania dela.

"E-eu quis dizer outra…" Minha voz lutou para sair. "N-nada vou fazer… D-desconheço ela…"

Ela me soltou e eu caí de joelhos. Toquei meu peito, porém nada senti. Nem meus braços. Mãos. Nada. O que ela fez? Meu físico estava lá, mas era como se algo tivesse devorado meus músculos, ossos e veias.

Maia se agachou e levantou meu rosto pelo cabelo. "Odeio matar, mas, se tiver que fazer isso, eu vou." Sua voz emanava indiferença. Familiar demais.

Minha respiração retornou devagar. Eu jamais morreria por um capricho de um garoto mimado ou por um grupo que me abrigou usando a violência até que eu tivesse forças para revidar. Só me trataram como um objeto. Sempre me viram como um instrumento para atingir um objetivo. Se eu tivesse a chance de viver e traí-los, que seja. Minha vida nada valia para eles. Valia para mim. Isso era suficiente. "Minha intenção foi outra."

"É, eu sei. Que tal ficar de boca fechada e eu também?"

Não vou morrer por vocês, afirmei ao pensar na Ninkyō dantai. Assenti.

Maia me levantou pelos braços e me levou até um carro que pousou do nada.

"O que fez comigo?"

Ela ficou em silêncio.

O automóvel estacionou em um beco no Tentro.

Demos de cara com Kiara apoiada na parede, os braços cruzados. Assobiou com um sorriso. "Tá me trazendo problemas… ♪"

Maia deu de ombros. Ela trocou de posição com a androide. Kiara me segurou.

Entramos por uma porta de nanometal e subimos uma escada estreita até um ambiente amplo. Rastros de metais nas paredes. Irrastreável. À prova de som.

Sei disso porque é o meu trabalho conhecer todas as nanotecnologias desenvolvidas ou em desenvolvimento, incluindo o Projeto Jaburu.

Pela sua expressão, vou te explicar:

Sou um nanoengenheiro nanoquântico. Sim, eu sei. As organizações mundiais proibiram o estudo de QN-Tec. Bom, vivemos na ilegalidade. Fazer parte da Ninkyō dantai trouxe seus benefícios. O único cientista com conhecimento da QN-Tec era um membro. Esse conhecimento e as teceduras de qn-robôs… bom, Netheria me sequestrou para trabalhar para eles.

O Patriarca dispõe de uma nanotecnologia irrastreável, quase impossível de ser hackeada, similar à da Rede Aether. A Ninkyō dantai só me localizou com a ajuda de alguém de dentro. A organização, mesmo com a honra ferida, viu nisso uma oportunidade. Preciso dizer, essa coisa dos submundos ficarem alheios aos negócios uns dos outros é pura baboseira.

Virei um informante duplo.

Desenvolvi um qn-software, QuebraVeil, que acessa informações oficiais de todas as milícias mundiais. Eu obtinha e enviava informações impossíveis de serem acessadas e hackeadas. Por isso, sei sobre a CogniSynth.

Fique tranquila. Acessei dois relatórios de três ciclos solares

atrás e deduzi o restante. Acredito que passei longe de adivinhar como foram os testes. Enfim…

Kiara me deitou em uma cama confortável. "Onde foi?", perguntou para Maia. Ela pegou uma mochila em um armário.

A garota se deitou no sofá e encarou o teto. "Braço e a parte direita do tórax. Vai ter que colocar nanopróteses."

"Caralho, hein?! Poderia ter sido mais gentil?" Kiara pegou uma seringa e um frasco com um líquido acinzentado. "Vou injetar isso. Vai doer."

"Para que é isso?"

"É pra impedir que você morra. Então?" Ela arqueou a sobrancelha, pronta para injetar.

Analisei a situação. Cheguei a uma inconclusão, então assenti. Se era para viver, que fosse.

"Beleza, vai doer. Pode gritar o quanto quiser. Ninguém vai te escutar." Ela deu um sorriso mordaz e enfiou a agulha.

Achei que ela estava brincando. Achei que a dor seria mais suportável após ciclos sofrendo com ela. Uma hora ficava tolerável. Uma lâmina poderia me rasgar e eu continuaria em pé. Tomado pela adrenalina, a exaustão e a ardência viriam horas depois.

Mais uma vez, estava errado.

Quando o líquido entrou em minha corrente sanguínea, a dor pulsou em nível atômico, como se milhares de facas minúsculas me perfurassem. Meu corpo se despedaçava de dentro para fora. A dor se espalhava como uma onda, desfazendo cada parte de mim.

Meu peito era um campo de batalha entre o que eu fui e o que eu estava me tornando. Gritei com todas as forças dos pulmões, mas minha garganta ardia, rasgante. Meu coração batendo a mil por segundo. Minha carne vibrando em frequências

reconstrutivas. Eu estava virando outra coisa.

"Mais um pouco." Kiara pressionou para manter a agulha estável. Sua voz se distanciou.

Um zunido ensurdecedor encheu meus ouvidos. Minha visão escureceu. Sentia-me profundamente transtornado. Foram segundos intermináveis.

"Calma. Já, já passa." Ela se virou para Maia. "Ele é o cara quântico de quem ele fica falando?"

Maia assentiu.

De novo esse ele. Será que era…?

"Vou te sedar." Kiara aplicou o anestésico.

Adormeci.

Quando acordei, luzes coloridas refletiam nas paredes. Minha cabeça doeu mais, sem falar nas cãibras por todo o corpo.

"Preciso fazer isso", Maia disse, distante. "Quero fazer isso…"

Grunhi de dor.

Maia se calou.

Kiara veio até mim e mediu minha temperatura. "Como você tá? Cara, vai ter que implantar nanopróteses. Deu pra recuperar nadinha. Consegue sentar?" Ela se virou para Maia. "Ele não teve reação."

Reação? Recuperar? *Chikushō.* Minha garganta e meus lábios secos imploraram por água.

Kiara colocou a garrafa na minha boca. O líquido gelado desceu até o estômago. Foi revigorante o bastante para firmar o corpo.

Sentei-me. Uma sensação esquisita pesou sobre mim, mas ignorei.

"Então cê é a porra de um Ninkyō dantai… relaxa, pode falar. Vamos ficar de boca fechada. Também trabalha pro Patriarca,

né?" Kiara se sentou na cama.

"Sim." Estalei o pescoço. A dormência sumiu. *Kuso.* O que estava acontecendo? Desgraça.

"O Patriarca é esperto. Como esconde sua conexão com a 'organização cavalheiresca'?"

Exceto que algo me dizia que ela já sabia a resposta. "As robôs que coteço são QN-Tec. Algumas são de tamanhos atômicos. Aliás, como você descobria as qn-robôs?", perguntei para Maia.

Ela levantou a cabeça e sorriu discretamente, voltando a mexer em uma holotela, como se isso fosse resposta suficiente.

"É arriscado. Trix veria facilmente um desses." Kiara apoiou os braços no colchão.

Dei de ombros. "Mesmo se os visse, pela natureza quântica deles, sua essência teria se alterado. Ela os capturaria se tivesse uma visão nanoquântica. Desconheço alguém que tenha… até agora." Olhei de canto para Maia.

Kiara ergueu as sobrancelhas e se levantou. "Se você diz… quando melhorar, vamos trazer um nanoengenheiro pra instalar as nanopróteses."

"Por que estão fazendo isso?"

Afinal, a morte era certa ao se atentar contra a vida de um mercenário. Mesmo se me deixassem viver, por que infernos me arrumariam nanopróteses? Principalmente uma entre as dez mais caras, a da caixa torácica parcial. Uma coisa era odiar matar, outra era ajudar quem atentou contra sua vida.

Maia parou o que fazia e caminhou até mim. "Acho que sei o que ele viu em você…"

De novo. *Ele.* Mas quem? *Kuso.*

Os olhos dela brilharam por um instante. Um reconhecimento? Um eco de algo que ela já tinha visto antes? Ou talvez…

Maia apenas sorriu amigavelmente, como se já soubesse a

resposta. “Gostei de você.”

Por um segundo, tudo parou. A dor, o medo, a incerteza. Eu ainda estava vivo. Eu ainda estava aqui. E, pela primeira vez em muito tempo, estava acompanhado.

Pego completamente desprevenido, sorri de volta.

ENLACE

"Cá estamos." Hikaru gesticulou discretamente e olhou para Kiara. O upload estava em 12%.

Mordi os lábios, incerta do que fazer com aquelas informações. Vários fios entrelaçados, com tramas intrinsecadas e nós sob véus pesados. Os fios estavam ali, e agora eu os via com clareza, mas, quanto mais tentava entender, mais enevoadas se tornavam suas leituras.

Quando o primeiro nó se revelou, percebi o ponto irretornável. Era maior do que Maia. Maior do que Kiara. O mundo inteiro estava costurado nessa cotecedura e, de alguma forma, eu estava entrelaçada nela. Custe o que custar, eu juntaria as peças do quebra-cabeça do mundo de Maia.

Descruzei as pernas. Lutei contra uma parte minha que queria enchê-lo de perguntas.

"Está tarde. Acho melhor você ir dormir. Tenho que cuidar de algumas coisas. Tanu pode levá-la até seu quarto." Ele se virou para as holotelas, demonstrando que nossa conversa havia terminado. Eles nunca continuavam depois que se calavam.

Segurei um bocejo. "C-claro." Havia pouco a fazer. Queria acompanhar o progresso de Kiara, porém me sentia sonolenta.

Segui Tanu, admirando a biblioteca caótica. Subimos até o primeiro andar e chegamos a um corredor com portas

transparentes entre mais estantes. Quando Tanu abriu a porta de uma cabine, revelou-se um quarto pequeno, com uma cama e uma cômoda.

"Ele é um péssimo anfitrião." O cão-guaxinim colocou as mãos na cinturinha. "Também, quem quer visitar um idiota como ele? Só se for aquele…" Ele se contraiu. "Esquece."

Mesmo curiosa com o que ele poderia ter falado, agradeci.

"Se precisar de algo, aperte aquele botão e virei rapidinho." Ele fechou a porta, deixando-me sozinha.

Tirei a máscara e deitei-me na cama, sob um teto reluzente em azul-cobalto metálico. Remoí as ideias.

Kiara. Tão bom tê-la ao meu lado, tão estranho ficar distante de sua presença. Ela me considerava uma amiga, como eu a considerava? Mordi um sorriso. O que ela iria fazer quando tudo isso chegasse ao fim? Independente do que acontecesse, ela ia ficar bem.

E eu? O que eu faria?

Caí no sono.

Durante os dois dias seguintes

Hikaru se concentrou no trabalho durante o dia. Na verdade, trabalhava até altas horas e acordava cedíssimo para recomeçar. *Tão intenso.*

Permaneci distante. Tanu me fazia companhia, mas logo voltava quando Hikaru o chamava. Passei a maior parte do tempo comigo mesma.

Às vezes, via Hikaru pelo reflexo dos espelhos, conversando com mercenários, mas era difícil escutar as conversas. Os artefatos nos outros cômodos me distraíam; o lugar parecia mais uma coleção pessoal do que qualquer outra coisa.

A maioria dos arquivos era oficial, proveniente de várias milí-

cias. Por serem nanocriptografados, fui incapaz de ler qualquer um deles. No entanto, espiei mesmo assim. Aparentavam conter dados irrelevantes. Talvez Hikaru guardasse os mais importantes em um lugar mais seguro.

Quais informações ele poderia possuir?

23/11/2879 • Sintoli de Irraluna • S-2879

"Irraluna irradia os ecos do infinito. Sintoli sintoniza os segredos da noite. A maré recolhe estrelas em seu silêncio. E Gaia guarda o que ainda há de florescer."

Kiara despertou e, então, sua presença aliviou a tensão, como se eu estivesse esperando aquele momento para respirar de novo. Tanu me chamou ao término do upload. Cheguei a tempo de ver a abertura na testa dela se fechar. Hikaru removeu o cabo.

Kiara piscou, demorando para reagir. "Odeio essa porra", reclamou.

Sorri por ela estar de volta.

"Conseguiu manipular o giro das partículas quânticas?", perguntou Hikaru, apático.

Kiara se levantou e alongou o corpo. "Dã, óbvio. Valeu. E você… tá bem?", perguntou-me.

Abri um sorriso e assenti.

"Beleza, vamos. Temos trabalho a fazer." Agradeceu a Hikaru mais uma vez.

Ele acenou com a mão no ar.

Kiara se agachou para coçar a cabeça de Tanu, que soltou um barulhinho de cão-guaxinim muito fofo.

Segurei-me para evitar agarrá-lo.

Saímos.

Caminhamos pelas ruas nanotecnológicas de Solterra em

direção ao Tentro.

"Hikaru me contou…", sussurrei, sorrindo bobamente.

Andávamos por uma rua quase vazia. Eu não reconhecia onde estávamos.

Kiara desacelerou o passo. "Eu disse que era uma história interessante." Soltou uma risadinha travessa.

Atravessamos uma rua sob um chuvisco. A terra lamacenta se espalhava abaixo dos nossos pés, enquanto placas de neon envelhecidas piscavam nas paredes. Um lugar abandonado do Tentro.

Senti-me apreensiva.

Placas eletrônicas cintilavam com as frases: *Vida eterna aos zênitas!*

Outras traziam inscrições diferentes: *Abaixo a Rede Aether e a Nanoverse! Vamos continuar falando!*

Seriam as placas das revoltas de 2795? Fazia sentido.

Naquela época, a Nanoverse, empresa líder na área de IV e nanotecnologia, quebrou devido às sanções da Aliança Rede Global (ARG), do CMG e da ARGOS, que impuseram restrições severas a nanotecnologias avançadas, desestabilizando o setor.

As palavras piscavam como feridas abertas no concreto, amontoando-se nos arredores. Um eco de um passado que ainda ressoava no agora. Um aviso de que essa guerra ainda continuava.

"Chegamos." Kiara me tirou da divagação.

Uma lâmpada azulada iluminava o beco sombrio e uma solitária porta de metal entre as paredes de tijolo. Antiga arquitetura brasileira.

Kiara forçou a porta, que se abriu para um corredor estreito.

O mapa se desenhou no ar, linhas e códigos formando um labirinto brilhante.

Uma palpitação escapou do meu coração. Cada linha, cada corredor, tudo levava a algo que estava esperando para ser descoberto. O fervilhamento no meu estômago cresceu. Subi as escadas até um espaço aberto. Sorri de empolgação, ansiedade, nostalgia. Saudade. O local se encaixava perfeitamente com a descrição de Hikaru.

Luzes acenderam ao pisarmos dentro.

Kiara se sentou no sofá empoleirado.

Meu queixo caiu. Maia já esteve aqui. Eu quase podia inspirar o perfume amadeirado.

A androide deu batidinhas na almofada para que eu me sentasse. "Venha, temos muito a fazer." Ela exibiu o holomapa: a nanoplanta arquitetônica do Parlamento.

Um fervilhamento se formou no meu estômago.

Minha Feiticeira sorriu.

EXPECTATIVAS

Ao escutar suas palavras, encarei Kiara, bastante incrédula. Era impossível que ela acreditasse que eu iria conseguir. "Certeza de que isso vai dar certo?", perguntei pela décima vez, roendo as unhas.

Ela levou os dedos até a ponte do nariz. "Certamente você vai aparecer em condições melhores. Mesmo que tenha esse rostinho da Zênite, essas cicatrizes, cabelo bagunçado e pele ressecada têm que ir embora." Kiara gesticulou. "Pelo menos por enquanto. Vamos aproveitar que seu contrato está suspenso. Ninguém tá atrás de você."

Meus lábios sangravam de tanto que os mordi. "Estou incerta se isso vai dar certo. Você está colocando muitas expectativas sobre mim."

Kiara apostava alto demais. Nem eu tinha tantas expectativas sobre mim. Eu? Invadindo o Parlamento? Isso era absurdo. Nem eu confiava tanto em mim mesma. Como ela podia?

Ela me lançou um olhar repreensivo. "Descanse. A partir de amanhã, vamos cuidar disso, certo?" Levantou as sobrancelhas, como se dissesse que só aceitaria um sim como resposta.

Assenti, mas aceitar que as coisas eram como eram me aborreceu.

Kiara colocou a mão sobre a minha e abriu um sorriso

leonino. Até o jeito convencido que compartilhava com Maia era parecido. "Ei, sei que isso pode te deixar mais animada, então, depois que terminarmos isso, vamos atrás dos itens que Maia te deixou, tá bem? Sei que você quer isso. Sei que precisa disso."

Sorri, disposta. "Certo."

Eu sabia que iríamos fazer aquilo de qualquer jeito. Kiara sabia que mencionar Maia melhorava meu ânimo.

Cliquei na cabeceira para limpar a cama. Um filete de água, seguido de nanolaser, saiu e, em segundos, o colchão parecia novo. Ativei o aquecimento, deixando-o morno, e me deitei.

A cintilância em neon nos metais do teto me distraiu. Pensei em Maia e em como ela considerava aquele lugar um porto seguro, onde costumava passar o tempo, onde costumava ficar.

Sorri. O coração feliz com a simples ideia de pisar no mesmo ambiente que ela.

O fluxo seguiu seu ritmo. Um ciclo solar inteiro. Tentei adormecer o que senti, convencer-me de que seguir em frente era o certo, mas meu coração sentia diferente. Cada menção a ela, cada história, cada lugar que carregava sua presença, eu me apaixonava de novo. Era como reacender uma chama que sempre queimou, como se ela ainda estivesse aqui.

Sei que ela teve seus motivos, porém eu ainda a teria seguido. Se ela tivesse me pedido, eu teria ido. De prontidão. Em frente com ela. Mas ela não pediu. E agora só me restam as memórias e esse vazio que me preenche. Meu coração aqueceu com as memórias, mas logo esfriou, pois lembrou que eram só isso: memórias.

A alegria e a tristeza duelavam dentro de mim, e eu estava incerta de qual delas queria que vencesse.

MEOWTH

TECELUNA DE 2878

Arraial das Almas, um dia como qualquer outro. As ruas enfeitadas me deixavam muito mal-humorada. Eu revirava os olhos sempre que entrava em uma loja e algum assobio soprava perto do meu ouvido, tentando me assustar. *Fiuuu* ♪ Era um saco.

Claro que isso mudou depois que convidei Maia para comemorar comigo. Apesar de estar um tanto envergonhada por ser minha primeira vez, pouco me importei. A alegria vibrava no meu interior, tão gostosa, e eu queria aproveitar cada minuto com ela.

Pesquisei ideias de fantasias, pois não havia pensado em nada, muito menos tido criatividade para bolar alguma. Maia deveria ter pensado em algo. Contentei-me com essa possibilidade e fui dormir, empolgada para o dia seguinte.

S-2878 • L6 Teceluna • D25 Alonli

"Teceluna tece o céu em curva baixa. Alonli alonga o fio do retorno. A maré desenha prata em passo manso. A história segue inteira, em luz fina."

Iríamos passear pelas movimentadas aeroruas comerciais do Favo Artístico: Terraria e Astera.

Esperei sentada em uma fonte de LED. Espíritos encantados resplandeciam ao redor, emanando lanternas flutuantes verdes, azuis e douradas e soltando pixels com os dizeres: *'Feliz Arraial das Almas.'*

O vento cálido lançava respingos de água no meu rosto, por isso afastei uma mecha do cabelo. Foi quando avistei Maia caminhando na minha direção. Abri um sorriso.

Ela me cumprimentou com um selinho e passou o braço sobre meus ombros, trazendo-me para perto. "E aí? Teve alguma ideia?"

Oh, não. Droga. Eu deveria ter me esforçado mais para pensar em alguma coisa. "Não… nenhuma." Forcei um sorriso.

Maia mexeu as sobrancelhas e sorriu, travessa. "Vamos descobrir juntas."

As ruas estavam abarrotadas de seres que procuravam fantasias, decorações e quitutes típicos. Na próxima seluna, já seria o Arraial das Almas, e as lojas de fachadas em LED piscavam em neon amarelo, vermelho e oliva. Cipós digitais se entrelaçavam pelas construções, enquanto curupiras e caiporas nos sobrevoavam. Espíritos ancestrais, Boitatás e holocaveiras brotavam do chão ou das paredes quando alguém passava, causando sustos.

Até que era divertido de ver.

Algumas pessoas já fantasiadas tornavam a atmosfera ainda mais espirituosa. Uma mulher vestida de saci se moveu e virou uma iara diante dos meus olhos. Parecia tão real.

Entramos na FanTog, uma enorme loja de departamentos especializada em fantasias.

"Boas-vindas! À sua direita é o provador virtual. À sua

esquerda é o provador físico. Se precisarem de algo, falem com nossos funcionários. Boas compras!" Um holorecepcionista nos abordou com sua saudação.

Logo Maia e eu nos vimos diante de centenas de fantasias separadas por categorias: personagens icônicos de séries, filmes, desenhos, pessoas famosas, realeza e muitas outras.

Enquanto percorríamos as seções, a alegria de escolher fantasias pela primeira vez me pegou totalmente desprevenida. Minha criança interior pulava de felicidade. A Akiko pequena fora impedida de fazer aquilo, mas a crescida… Bom, a crescida estava ali.

Pegamos três opções para provar.

A primeira era de Jessie e James, da Equipe Rocket, personagens de Pokémon. Segundo Maia, seria divertido me ver com cabelos vermelhos, embora eu tivesse minhas dúvidas sobre suas reais intenções.

A segunda era de Vitória-régia e Cobra Norato, inspirada nas lendas amazônicas. Seria engraçado ver Maia como uma criatura encantada das águas. A ideia, entretanto, agradou menos a ela do que a mim.

A terceira era uma fantasia de jangadeiras aventureiras.

Seguimos para a área dos provadores físicos.

Quando terminei de me vestir de Jessie, o chip no R do cropped tremeluziu, e meu cabelo ficou completamente vermelho. Senti-me um pouco embaraçada com o corpo tão exposto, mas, no geral, gostei do resultado. *Até que ficou bom.* Se eu tivesse assistido à animação, talvez me empolgasse mais. Saí da cabine.

Maia já estava vestida, com os cabelos azulados como os de James. Olhou-me de cima a baixo e sorriu maliciosamente. "Humm… gosto do que vejo."

Arqueei a sobrancelha e coloquei um dedo em seu peito.

Antes que eu pudesse falar, os R das roupas acenderam em vermelho, e uma holografia do Meowth surgiu entre nós. "Aqueles que me criaram nunca me perguntaram se eu queria existir, por isso não posso perdoá-los." Ele nos encarou com os olhos grandes. "Sou o Meowth!" Girou nos calcanhares. "Temos muita coisa em comum: a mesma terra, o mesmo ar, o mesmo céu. Talvez se olhássemos o que temos em comum em vez de sempre procurar o que temos de diferente… Bem, quem sabe?" As palavras ficaram suspensas no ar.

Maia desviou os olhos por um segundo. Algo nelas tocara um ponto profundo dentro dela, algo que eu queria entender. "O quê?"

Fiquei dividida entre rir e permanecer atônita.

"I-isso que ele disse…" Maia observava o desenho com uma expressão indecifrável, como se estivesse surpresa. Seu olhar se distanciou. Ergueu os olhos, ainda confusa, até que o semblante se fechou numa sobriedade repentina.

Franzi a testa. Era uma dessas vezes em que ela deixava escapar um fio de seu interior, uma abertura minúscula numa muralha grandiosa, cuja existência eu mal conseguia imaginar. Uma fortaleza resistente por fora, porém quebrada por dentro.

Segurei sua mão e acariciei seus dedos. Maia coçou as bochechas ruborizadas.

Meowth se aninhou entre nós e apontou o dedo para a frente. "Serei o coringa do crime!"

"Vamos trocar." Maia fez uma careta, tentando esconder que aquelas palavras claramente haviam mexido com ela.

Mordi uma risada. Achei engraçado e estranho vê-la desconfortável, e refleti sobre como amava navegar nas águas daquele mar.

A próxima fantasia exigiu um pouco mais de trabalho. Tive dificuldade para ajustar o adereço floral e o manto translúcido esverdeado. Quando finalmente consegui, um arranjo pixelado de folhas de vitória-régia surgiu na minha cabeça, enquanto fios ondulados caíam como raízes aquáticas. Meus olhos estavam maquiados em tons lilases e esverdeados.

Como Maia estaria? Saí da cabine, empolgada para vê-la.

"Não… esse não", reclamou assim que me viu.

Seus cabelos estavam arrepiados, azuis e pretos como os de Cobra Norato. Escamas pixeladas e reluzentes cobriam o traje, que simulava o corpo sinuoso da serpente. Havia detalhes fulgurantes, uma capa esvoaçante e um dourado marcante que realçava seus olhos. Uma holomandíbula desenhava um sorriso feroz em seu rosto.

Mal consegui falar de tanto gargalhar. "Ahh, está muito bom, na verdade." Maia estava um charme com aquele traje.

"Não, não mesmo." Apertou os lábios, contrariada, e voltou para a cabine.

Aquilo estava sendo muito mais divertido do que eu imaginara.

Chegou a vez da fantasia de jangadeiras. Coloquei o avental de pescadora com detalhes dourados, embora tivesse dificuldade com um fecho emperrado. Calcei as alpercatas, cujas tiras subiam até os tornozelos, e ajeitei o chapéu de palha com plumas brancas. Um holocolar de conchas e uma faca embainhada pixelada completavam o traje. *Ficou ótimo.*

Mas eu estava despreparada para ver Maia. Ela ficou linda e… intimidadora.

Trajava uma camisa branca de linho, colete escuro com bordados dourados, calças de tecido leve presas por um cinto grosso e sandálias robustas. Usava um chapéu de palha semelhante

ao meu e uma bandana presa na cabeça. Um holopapagaio repousava em seu ombro.

"Uaaau! Parece mesmo uma rebelde capitã jangadeira. Uma bem impiedosa." Girei ao redor dela.

Maia sorriu de maneira atraente e mexeu as sobrancelhas, sugestivamente. "Se sou a capitã, você seria…?"

"A capitã de outra jangada." Apontei o dedo para ela em desafio. "Ou achou que eu seria sua Primeira Imediata?"

"Pensei em outra coisa…" Ela abriu um sorriso felino.

Meu rosto queimou. "Você é uma oportunista. Enfim… gostei desta."

Girei diante do espelho. Concordamos que aquela era a melhor fantasia e voltamos para as cabines para tirar as roupas. Tentei remover o traje, mas o fecho emperrou de vez. *Porcaria.*

"Maia?", chamei por cima da cabine. "Pode me ajudar? Está difícil abrir o fecho."

Ela bateu à porta. Quando entrou, estava sem o colete. Faltava-lhe apenas uma garrafa de caium nas mãos. Uma jangadeira rebelde. Sedutora. Maravilhosa.

Virei-me de costas. "Emperrou mesmo."

Sua calidez resvalou em mim quando se aproximou, provocando um arrepio. Maia colocou meus cabelos para a frente e passou um dedo pelas minhas costas.

Pelo reflexo do espelho, vi seu olhar predador me percorrendo de cima a baixo.

Ela encaixou a cabeça entre meu ombro e meu pescoço. Sua respiração morna encontrou minha pele, e uma eletricidade me atravessou. Ao sentir seus lábios, minha pele inteira reagiu, como se cada nervo estivesse em alerta.

O calor do corpo dela se espalhou pelo meu. Outro arrepio percorreu minha espinha. Fechei os olhos e prendi um suspiro.

Clique O fecho se abriu.

Maia desceu o zíper até minha lombar. Seu toque deixava um rastro acalorado, e estremeci a cada carícia de seus dedos. Ela roçou a boca no meu ombro e mordiscou minha orelha. "Quero tanto você…", soprou ao meu ouvido.

Minha respiração falhou. Meu rosto aqueceu, e o coração bateu tão forte que o mundo ao redor pareceu desaparecer. Só restavam o calor de sua pele e aquelas palavras sussurradas, que ficaram gravadas em mim. Era impossível encará-la. Meu corpo ardia de embaraço. "V-você…"

Maia soltou uma risadinha descarada. "Vou terminar de me trocar." Saiu totalmente consciente do estado em que me deixara.

Demorei para me recuperar. Quando meu coração finalmente desacelerou, tirei a fantasia e vesti minhas roupas. Ao sair, encontrei Maia de braços cruzados, encarando-me maliciosamente.

Juntei minha dignidade e ergui a cabeça. "Vamos."

Lá fora, encontramos um céu nublado em tons de rosa e laranja do pôr do sol. Um vento gélido, anunciando o anoitecer, dançava ao nosso redor.

Maia e eu comemos um lanche e seguimos para ir embora.

Hoje foi tão legal...

Estávamos diante de um beco quando Maia parou. "Ouviu isso?"

Tentei escutar. Nada. Olhei ao redor.

Miau Então ouvi.

Maia se agachou, estalou os dedos e sibilou: "Psi, psi, psi."

Um filhote de gato cinza e sujo surgiu das sombras, amedrontado. Cheirou o ar antes de se aproximar dela com cautela.

Espera aí… Apertei os olhos. *Essa raça...* Como…? Agachei-

me ao lado de Maia. O animal se esfregava nela e, depois de cheirar sua mão, perdeu o medo.

Espiei em volta. "É um Chartreux. Tem origem na…"

"França." Maia completou sem demonstrar muito interesse pelos arredores. Estava ocupada acariciando o animal, com um sorriso terno no rosto.

Foi quando… como só percebi agora? A Feiticeira aguçou minha percepção, e um véu caiu. Estiquei as mãos. O gatinho cheirou meus dedos, decidindo se eu era digna de confiança. Para a minha alegria, decidiu que sim e esfregou a cabecinha no meu joelho.

Prrrr Prrrr Prrrr Ronronou baixinho, como um segredo felino.

Olhei para Maia. Quer saber? Pouco importava. Sorri, cativada.

Ela sorriu de volta. "Vou cuidar dele."

Arqueei a sobrancelha, ainda mais impressionada com Maia. É… realmente pouco importava. Eu só queria ficar com ela. "Sério? Como vai chamá-lo?"

Maia torceu o lábio, pensativa, e soltou uma risadinha divertida. "O que acha de Orion?"

Sorri. "É um bom nome. Ele é muito fofinho." Ela pegou o bichano, que repousou em seus braços como se tivesse encontrado seu lar.

Naquela noite, captei duas coisas sobre Maia: a primeira era que ela era mais do que só força e escuridão. Havia algo mais, algo ancestral, instintivo.

A segunda? Ainda estava tentando entendê-la.

PREPARADA

Abri os olhos embaçados e passei a mão pela baba seca na bochecha. "Parece que fui atropelada por um trem ou, sei lá, por um meca de guerra."

Kiara soltou uma risada irônica. "Você faz mais que falar, tu discursa. Tá discursando pra quem nos seus sonhos?"

Suas palavras me despertaram completamente. Peguei uma almofada e a joguei nela, que riu ainda mais. "Por favor, nem uma palavra sobre isso." Droga. Sempre falei enquanto dormia?

"Só se fizer o que eu mandar. Comprei umas coisas enquanto você tirava um ronco." Kiara colocou várias caixas sobre o estofado, e comecei a abri-las. Encontrei algumas roupas e produtos de beleza. Peguei um casaco preto de casimira, admirando o tecido, depois examinei as joias e coloquei um anel no dedo.

Hideaki teria ficado boquiaberta. Ela sempre gostou dessas coisas. Eu, não.

No entanto, para visitar o Parlamento, comparecer a eventos ou conhecer pessoas de hierarquia superior à minha, meus pais sempre me ensinaram que poder era postura. Era a maneira como você o utilizava. Julgavam seu poder e a forma como gerenciava recursos. Por isso, deveria mostrar tudo o que tinha.

Sim, a Zênite era isso. Tudo que a envolvia era mascarado.

Superficial. Ilusório. Mas fora ali, entre aqueles rostos ensaiados e sorrisos afiados, que eu crescera. Eu sabia jogar aquele jogo. Só me desgostava ter que jogá-lo naquele momento.

"Você conhece mesmo a Zênite, hein?" Experimentei os óculos pretos.

"É, tive minha cota com os desgraçados." As feições de Kiara enrijeceram. Sua expressão deixava claro que nada mais diria sobre o assunto. Quem sabe um dia ela me contaria?

Coloquei os itens de lado. "Vou mesmo fazer isso?"

Sua carranca demonstrou o desgosto de ter que discutir o assunto novamente. "Temos duas luas até o feriado nacional de Awá Reru. Encherão as ruas com o evento, por isso alguém de lá vai passar despercebida." Kiara abriu um sorriso sugestivo.

Um borbulhamento subiu pelas minhas mãos até a cabeça, enquanto um oceano de inseguranças se condensava em tensão sobre meus ombros. Duvidava possuir confiança suficiente para fazer aquilo.

Kiara, entretanto, insistia em demonstrar sua convicção em mim. Eu tinha que confiar, como ela confiava. Bom, ela tinha experiência. Seu plano era bem sólido. Mas o sucesso da operação dependia mais de mim do que da segurança daquele lugar. Dependia também da minha posição incontestável como alguém da Zênite, dos meus pais influentes—especialmente Hideaki—e do meu status de médica.

Uma médica que conduzia uma das pesquisas mais importantes da América. Era mais do que abrir portas ou hackear nanosistemas. Era sobre mim. Minha postura. Meu dom. Uma falha mínima, um deslize no olhar ou na entonação da voz, e minhas chances cairiam a zero.

Luas passaram.

Silenli de Irraluna de 2879 nos alcançou. O Awá Reru, Caminho dos Espíritos.

O dia em que me infiltrei no Parlamento.

O dia em que tudo mudou.

PARLAMENTO

Enquanto me trocava durante o trajeto para a Zênite, Kiara me estudava pelo retrovisor. "Uau! Você é mesmo de lá." Ela piscou.

Espiei meu reflexo na janela do carro. Fazia tanto tempo que não agia como uma zênita. Claro que ainda me recordava de como era.

"Lembra que vou te ver e ouvir. Bora testar mais uma vez?"

Melhor me certificar de que tudo funcionava. Executei o *K-K.exe* e escutei sua voz perfeitamente. "Tudo certo." Abri e fechei os dedos das mãos trêmulas, desejando que a tensão desaparecesse com o gesto. *Vai dar certo*, repeti para mim mesma.

Kiara estacionou na Via Infinitum, a única que conectava Centrália à Zênite.

De repente, toda a minha calma evaporou. A respiração acelerou enquanto a ansiedade fluía pelo corpo. A aflição vinha da ideia de pisar ali novamente, mas também da sensação de estar prestes a ser engolida por algo maior do que eu.

O Parlamento era mais do que um prédio. Era uma memória viva. E eu, uma peça deslocada, forçada a vestir uma máscara que irrefletia quem eu era. Rompi com a visão e os sentimentos zênitas. Cada vez que a ideia de voltar espreitava, eu reafirmava

que despertencia àquele lugar. Queria despertencer. Essa perspectiva me escapava, porém meu sentir agora era absoluto.

Engoli em seco. Só mais uma vez. Depois, para sempre, eu os deixaria. "N-não sei se vou conseguir fazer isso." O nervosismo me tirava o ar. Olhei para o teto do carro, enquanto Kiara apoiava o braço no banco. Quando voltou os olhos para mim, fuzilou-me com o olhar. Abaixei a cabeça e apertei os dedos contra o banco, numa tentativa de sufocar a ansiedade.

"Se quiser ficar, podemos voltar. Os mercenários irão caçá-la. Sem um nome pra cessar o contrato, protegê-la vai se tornar um desafio colossal. É sua escolha. Porém, siga por esse caminho e…" Palavras sinistras num tom calmo. Kiara acariciou meus ombros. "Ei… vai ficar tudo bem. Estamos juntas nessa."

Apertei os olhos e controlei a respiração. Kiara estava mais que certa. Por que havia um contrato em meu nome? Eu não fazia ideia. Se estava viva, era por causa dela. Se aguentei todas as situações angustiantes anteriores, foi porque me animou, consolou-me e foi rígida quando necessário, como agora. Eu tinha que continuar. Tinha que cumprir as expectativas dela. Reconheci o quão egoísta estava sendo.

Trinquei os dentes. "Desculpa. Vou tentar evitar mais problemas e cumprir as expectativas. Tudo o que você fez significa muito para mim."

Kiara segurou minhas mãos e sorriu. "Independentemente do que aconteça, vamos juntas enfrentar as consequências."

Mordi os lábios. Estávamos juntas?

"Vou chamar seu táxi. Ficarei na sua retaguarda."

"Retaguarda? Achei que não poderia subir."

"Não preciso subir." Ela deu uma piscada soberba.

Fiquei mais confortável sabendo que Kiara olharia por mim. Mesmo distante, isso seria mais que suficiente. Estávamos

juntas. Eu iria entrar e sair na surdina. Entrar e sair.

"Certo, aqui está." Kiara me entregou a carta da *Coringa*. "Esta é a chave. Será sua guia. Quanto mais perto do item, mais os pixels vão mexer. Até mais."

Entrei no táxi, admirei a carta em minhas mãos e a guardei no bolso do casaco. *Iria dar certo.*

O táxi virou na Via Celeste, a primeira rua da Zênite.

Os edifícios, de tão lustrosos, pareciam forjados em ouro líquido. Torreavam os céus, atravessando-os, possuindo-os. Seus vidros refletiam as nuvens num azul tão cristalino que era difícil discernir o real do virtual. Filtravam a luz do sol e transmutavam o ar em um tom esverdeado, celestial, sintético.

Fachadas ornadas com veios de ouro trançado, jade lapidado e platina fluida formavam padrões que acendiam ao ritmo de músicas eletrônicas sutis. Um fundo sonoro quase imperceptível, mas viciante.

Nas alturas, hologramas agigantados dançavam. Jaci e Tupã se entrelaçavam, corpos translúcidos num looping infinito de tecedura e harmonia. Animais sagrados voavam entre os prédios, reconstruídos em pixels dourados e luminescência prateada: lobos-guará, onças-pintadas, serpentes e araras. Imaculados. Intangíveis. Reproduzidos em escala divina. Uma simulação de ancestralidade, reprogramada e comercializada. A espiritualidade era um espetáculo. Manifestações vivas de status e sofisticação.

Zênitas lotavam as ruas, vestidos com mantos de penas sintéticas e filamentos de ouro e cobre. Tons terrosos, mas impecáveis, como se a terra de verdade se esquivasse de tocá-los. Os trajes reagiam ao ambiente, refletindo holoconstelações antigas e narrativas míticas. Cada fibra de tecido possuía nanopartículas

camaleônicas, cujas cores se alteravam conforme a intensidade da luz, a temperatura do corpo e o humor de quem as vestia.

A Solar Cauim, maior cervejaria da região, erguia barracas monumentais. Tendas translúcidas levitavam sobre o chão, adornadas com vitrais interativos. Nas mãos dos visitantes, cuias feitas de quartzo etéreo, bordadas com minérios raros, abrigavam líquidos que dançavam brilhantes.

Misturas sagradas recotecidas por IV sensorial combinavam o sabor exato do cauim ancestral, com notas sutis de frutas e ervas em extinção, cultivadas exclusivamente para aquela ocasião. Bebidas vendidas por preços exorbitantes. Valores que poderiam sustentar famílias por lunações.

Aos pés dos edifícios, nanodrones de prata e androides esculpidos como guardiões tribais distribuíam iguarias. A gastronomia molecular havia sido transformada em arte: pratos compostos por gotas flutuantes de essência amazônica, espumas de frutas esquecidas e microestruturas de raízes e castanhas desintegradas, depois recompostas na forma de joias translúcidas.

Nacos da terra ancestral, disfarçados de divindade, apropriados e reembalados como uma experiência espiritual premium. Tudo em porções minúsculas e delicadas. O bastante para encher a boca, mas insatisfazer a barriga.

Mensagens de exaltação piscavam nos painéis flutuantes:

"Honre a terra e suas guardiãs."

"As árvores são tecelãs da vida."

"Reencontre seu espírito na conexão sagrada com os ancestrais."

"A experiência autêntica da tradição. Exclusiva. Limitada. Imperdível."

O Awá Reru—Caminho dos Espíritos—resplandecia em hologramas giratórios. Ingressos eram vendidos para retiros

espirituais em templos flutuantes. Reservas de um dia custavam o equivalente a vidas trabalhadas na Centrália.

Uma tradição que remontava aos tempos antigos, porém transcendia o próprio conceito de tradição, transformando-se em um espetáculo de nanotecnologia e opulência. Mais do que celebrar o Awá Reru, a Zênite o revendia em sua forma mais luxuosa. Distanciava-se dos andares inferiores enquanto se elevava, transformando o que era sagrado em algo inacessível. Exclusivo. Irreproduzível.

E eu sabia: a verdadeira festa acontecia lá embaixo, nas ruas da Centrália, no coração do povo. Aqui, tudo era uma performance obscena.

O táxi parou em frente ao Parlamento.

O edifício ascendia como um monólito dourado. Um monumento. Catedral do poder. A espinha dorsal da Zênite.

Colunas esculpidas em nanometal fluido oscilavam em padrões geométricos, como se a própria forma se dobrasse ao redor da estrutura. Vitrais ultrassônicos, altíssimos, projetavam hologramas de símbolos nacionais e narrativas mitológicas reprogramadas. A cada segundo, as imagens se sobrepunham em camadas translúcidas. Marajoaras. Tupi. Guarani. Tupinambá. O passado reescrito na superfície do futuro.

No topo, flutuando em uma rotação quase divina, a Placa-Mãe da Zênite acendia com nanoenergia. O coração nanotecnológico do Brasil e das Américas. O núcleo da Rede Aether. De onde tudo era administrado. De onde tudo era controlado.

Respirei fundo. Era ali que eu entraria.

O Parlamento funcionava mesmo no feriado. Soltei todo o ar dos pulmões ao descer do automóvel e caminhei até a recepção com passos firmes e elegantes.

Agi como se meu ego preenchesse o ambiente. Examinei os arredores, ciente de que Kiara via tudo.

O teto abobadado se erguia além do alcance dos olhos. Pinturas de um Brasil antigo ornavam o ambiente, sobre nanometais escondidos sob a tinta impecável. Nanolentes observavam cada movimento; nem o voo de uma mosca lhes escaparia.

Paredes e pilares imponentes, erguidos em mármore reluzente, sustentavam detalhes de uma nanoarquitetura moderna e emblemática, evocando o vislumbre do que um dia fora um castelo. Resquícios que os zênitas mantiveram. Resgates da herança dos antepassados. Quadros de antigos líderes da Rede Aether decoravam o hall. A entrada estava estranhamente cheia para um feriado.

Desconfiei ao reconhecer uma figura proeminente: Paulo Lewis, diretor de operações da Sessota. Lorenzo Cardoso, premier da Rede Aether e considerado a maior autoridade do Brasil, também estava ali. Sua passagem foi discreta e rápida. Logo desapareceu entre as centenas de corredores do Parlamento.

No balcão da recepção, um androide me saudou. "Doutora Akiyama, como vai?"

Joguei os cabelos para trás e mantive os lábios rígidos. "Bom. Estou aqui para…"

"Certamente está aqui para participar da sessão conjunta da Rede Aether?" Ele sorriu, cortês. "Convidaram membros dos Comitês Mundiais para emitirem pareceres técnicos." Adiantou-se antes que eu pudesse concluir. Sua eficiência abriu uma brecha inesperada e bem-vinda.

Eu já havia emitido pareceres técnicos para decisões em projetos da área médica. Minha presença naquele ambiente

era familiar. Ainda assim, suspeitei de uma sessão conjunta em pleno feriado nacional. Bufei, fingindo impaciência, e mantive a postura ereta enquanto estudava o lugar por trás dos óculos. *K-K.exe* estava ativado. Kiara se infiltrava nos sistemas e acessava os códigos atuais da nanosegurança. Analisei o máximo de detalhes possível dos meus arredores.

O androide franziu a testa. "Não estou encontrando seu nome."

"Procure de novo."

"Procurei mais de uma vez, não localizei."

"Deve ser um equívoco."

"Sem o nome na lista, não é possível entrar."

Merda. Se eu seguisse com o plano original, ele desconfiaria. Droga. Eu deveria ter seguido o planejado. "Certo, estou perdendo meu tempo aqui. Vou falar com a Hideaki Katayama."

"Doutora Katayama?" O receio brotou nos olhos do androide.

Mencionar o nome dela sempre funcionava. Simulei uma ligação pelo biochip e batuquei os dedos no mármore, demonstrando impaciência. "Olá, Hideaki. Sim, estou no Parlamento para a sessão conjunta. Não estão encontrando meu nome… Ah, vai falar com… O nome do androide? Um momento." Tirei os óculos e o encarei de cima a baixo.

Seus olhos se arregalaram ainda mais. "I-isso é desnecessário. Aconteceu um erro sistemático. Sua autoridade jamais seria questionada dessa forma." Ele abriu um sorriso torto, quase suplicando desculpas. "Resolveram a questão. Certo, até logo."

Senti uma fisgada de compaixão no coração. Eu havia manipulado o medo que os androides tinham de ser desativados. A Zênite os tratava com austeridade e violência, subjugando-os sempre que podia, o que ia totalmente contra o Lex Argos.

Claro que a Rede Aether nunca aceitara ser regulada. Em

2880, enfrentou a ARGOS pelo direito de monopolizar a IV de guerra. O resultado? Um bloqueio digital global. Uma fragmentação nanotecnológica irreversível. Porém, aquilo foi só o começo.

E nada disso diminuía o que eu sentia naquele instante. A culpa aumentou ao lembrar que Kiara me ouvia. Forcei o sentimento a ficar de lado. Coisas mais importantes estavam em jogo.

"Vou chamar seu acompanhante. Fique tranquila, é um humano concierge."

"É mesmo necessário?" Fiz uma cara de desdém.

"É imprescindível entrar na sessão com um acompanhante. Pode esperar, por favor? Ele está a caminho."

Ciente da inevitabilidade da situação, coloquei os óculos e voltei a examinar o local.

"Boa, mandou bem." A voz de Kiara soou no meu ouvido.

Segurei um sorriso diante do elogio.

"Tô descodificando a nanosegurança com o mapa que temos. Vai demorar. A nanoplanta será imprecisa. Tá bem desatualizada. Qual o andar da sala dessa sessão?"

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. "232º andar. Não sei o número da sala", sussurrei.

"Beleza. Uma vez lá, vou ter o mapa mais visível. Segue a chave. É nossa melhor guia. Acho que a sala de segurança fica entre os andares 200 e 205. Certo, continue assim."

"Doutora?" Um rapaz loiro adorável me chamou por trás. "Meu nome é Joel. Serei sua escolta. Pode me seguir, por favor?"

Assenti.

Os funcionários terceirizados da Kokusai eram contratados cada vez mais jovens. Ele devia ter vivido doze ciclos.

Chegamos ao corredor dos nanoelevadores.

Eu tinha que alcançar os andares inferiores. Como faria isso com aquele rapaz me seguindo?

BUM! Um estrondo eclodiu, ressoando pelas paredes.

O que foi isso? Franzi a testa.

BUM! BUM! BUM!

"O que está acontecendo?"

"N-não sei." O medo estava estampado no olhar de Joel.

Ele não sabia que barulho era aquele? Não era…

"Que porr…" Um chiado interrompeu a voz de Kiara.

BUM! BUM! BUM! BUM! Parecia que um terremoto estava nos atingindo. Gritos desesperados encheram o ar.

"É AQUI QUE OS RATOS SE DIVERTEM?!" Uma voz poderosa como um trovão retumbou. "ONDE PENSAM QUE VÃO, RATINHOS?!"

O rapaz agarrou meu braço e se escondeu atrás de mim. "O-o que tá acontecendo?"

"Eu é que pergunto!" Meu coração palpitava com força.

"OLHA ELES CORRENDO APAVORADOS. SÓ QUEREMOS NOS DIVERTIR COM VOCÊS!!!" Uma risada petrificante e inclemente reverberou pelo edifício.

Mesmo amedrontada, a curiosidade me venceu. Espiei o que acontecia no salão. Logo eu voltaria ao plano. Precisava saber de onde vinham os estrondos e aquela voz potente. Usei a parede como escudo e vislumbrei o caos.

Uma força invisível empurrava todos que estavam nas ruas para dentro do Parlamento. O salão estava abarrotado de zênitas chorosos. O terror contorcia suas faces, e bocas escancaradas berravam de angústia. No meio deles, androides militares da Rede Aether gritavam ordens, forçando-os a se ajoelharem em filas organizadas.

"O-o quê…? Por que estão fazendo isso?" Uma multiplicidade

de vozes fazia a mesma pergunta.

Algumas pessoas chegaram mais perto de mim e Joel, obrigando-nos a recuar. Fiquei perdida, confusa sobre como reagir.

Nanodrones policiais sobrevoavam o local, apitando estridentemente: "PAREM O QUE ESTÃO FAZENDO! ISTO É UMA ORDEM! OS ALARMES FORAM ACIONADOS! FORÇAS POLICIAIS ESTÃO A CAMINHO!"

WEOOO-WEOOO! REEEEEH-REEEEEEH! PI-PI-PIIIIIIIIIIII! O zunido ensurdecedor dos nanoalarmes disparou, enquanto luzes avermelhadas piscavam por todo o ambiente.

Agachei-me perto do garoto. Eu tinha que manter o foco, independentemente do que estivesse acontecendo. Em algum momento, precisaria retomar o plano. Tinha que me manter calma.

"OS RATOS ACHAM QUE PODEM NOS PARAR?! VOCÊS NUNCA FORAM OS PREDADORES. VOCÊS SEMPRE FORAM AS PRESAS!"

Os nanovidros blindados se espatifaram numa chuva de lâminas brilhantes, espalhando milhares de estilhaços sobre todos.

De repente, uma figura imponente pulou pela abertura. Sua pisada forte fez o chão estrondar. Vestia roupas pesadas de couro, tinha os cabelos bagunçados e o olhar alucinado. Uma máscara desfigurada escondia seu rosto, marcada por um sorriso tubarenesco de dentes afiados. Portava uma metralhadora Gatling. Todos gritaram de horror.

Arregalei os olhos, atônita. "Está vendo isso? A-aquele é o Cron?" O som era um trovão dentro do peito, vibrando nas costelas. O terror tinha um nome. E seu nome era Cron.

"Tô vendo esse caralho. Que porra que tá acontecendo?" A fúria de Kiara explodiu no meu ouvido. "Esses androides são do desgraçado Saymon. Esse maldito tá implorando pra eu matá-lo!"

Um arrepio circulou minha espinha.

"VAMOS BRINCAR?!" O olhar de Cron percorreu todo o salão. Atrás dele, centenas de nanodrones entraram e destruíram os nanodrones policiais.

Sirenes da Força Tática Aether (F.T.A.) silvaram à distância. As forças policiais nada podiam fazer. Seria impossível capturar os invasores sem arriscar um massacre. Os androides militares da própria Rede Aether cercavam e ameaçavam a vida dos civis. Eram vidas zênitas em jogo. Tinham que evitar colocá-las em risco. Por alguma razão, importavam mais do que as demais.

"Ignora essa porra. Vamos aproveitar essa bagunça pra continuar com o plano. Aquele garoto tá aí?", Kiara instruiu.

Joel chorava ao meu lado, encolhido em posição fetal e suando profundamente, assim como tantos outros.

"Beleza, vou pegar o código de acesso dele."

Minha biotela se abriu, exibindo sequências numéricas que passavam depressa demais para que eu pudesse acompanhá-las.

"Vá para a saída de emergência. Concentraram as nanocâmeras no salão. Vou hackear as das escadas. Depressa. Vou descobrir que caralho tá acontecendo."

Forcei a atenção para o que Kiara dizia. Os nanodrones se juntavam acima da cabeça de Cron, formando uma holotela gigante e pixelada. Foco. Eu tinha que fazer o que Kiara disse. Meu coração acelerava. A respiração estava ofegante, e o suor escorria pelo meu corpo. Foco.

Joel e eu éramos os últimos das filas. Todos os outros olhavam para a frente, alertas, desesperados por suas vidas.

"O que vão fazer comigo?", centenas murmuravam.

Joel, tão nervoso, balbuciava contra o próprio braço, molhado de saliva. Um rapaz que nem sequer era zênita havia sido envolvido naquela confusão.

Não. Eu tinha que parar de pensar nos outros. Pisquei. Forcei uma voz chorosa e me afastei. Os ossos das minhas costas colidiram contra o metal. Soltei um grito abafado, suficiente para atrair olhares. Os rostos dos presentes se contorceram ainda mais em pânico.

Quatro androides da Rede Aether se aproximavam por trás, cobrindo a retaguarda do salão.

Um androide de uniforme militar preto me encarou. "Olá!"

Uma voz robótica grossa ressoou por todos os cantos, silenciando a multidão. Choros e fungadas ainda ecoavam.

Minha atenção se voltou para a frente, onde uma figura escura se pixelizou na holotela. "Nada temam! Não os machucaremos. Quero dizer, a menos que seus líderes queiram sacrificá-los. Vou pedir educadamente que os policiais se retirem. Caso contrário, o Parlamento será pintado de vermelho." A ameaça fez irromper vozes perturbadas.

Surgiu a imagem da sala da sessão, onde estavam os líderes da Rede Aether, entre eles a presidente Priscila McQuoid, braço direito de Lorenzo. Todos os milicianos políticos olhavam ao redor, assombrados. Androides militares da F.T.A., que supostamente deveriam protegê-los, apontavam armas para suas cabeças.

"Estão vendo isso? Ah, sim, o mundo está vendo isso. É importante que vejam. Sim, vocês, centralianos e netherianos. Estou mostrando o que está acontecendo bem acima de suas cabeças. Estão vendo esses milicianos reunidos?"

A imagem exibiu o rosto horrorizado de cada líder.

"Eles decidiram que hoje seria um bom dia para afundá-los ainda mais na merda. Empurrando-os mais para baixo do que estão. Vim para mostrá-los que os ratos nunca estiveram embaixo. Sempre estiveram em cima." Uma risadinha sinistra ecoou. "Por favor, prossigam com a sessão. Vamos, PROSSIGAM!"

Os milicianos esfregaram as testas suadas. A sessão continuou.

"É HORA DA DIVERSÃO!" Cron riu excentricamente. Seus olhos loucos percorreram todos os presentes até pararem em mim. Fixos. Intensos. Seu olhar perfurou minha alma. Meu coração congelou. Por que eu? Sustentei a encarada, com os músculos imóveis. Suas sobrancelhas se ergueram, como se estivesse sorrindo. Ele sorria para mim?

A perna do androide militar tocou minhas costas. Ele e os outros passaram por mim, amedrontando todos à minha frente.

Meus pelos se eriçaram. Continuei parada, sem saber o que fazer. Tremia tanto que mal conseguia segurar a bolsa contra o peito.

O androide inclinou a cabeça na minha direção.

Pisquei com força.

Ele apontava duas armas para os reféns. Logo apontaria uma para mim. Eu seria mais um alvo. Merda. E agora? Cadê Kiara?

As feições dele se suavizaram num sorriso. Não. Mais que um sorriso. Uma mensagem. Eu estava livre para passar.

"Kiara", sussurrei. "Estou pronta."

"Beleza. Me avisa quando chegar nas escadas. Mantenha a chave nas mãos."

Respirei fundo. Resgatei um fio de coragem, um fio frágil. Mas, por agora, era tudo o que eu tinha. Enlacei-me nele. Deixei de lado o pavor que embebia meu corpo e assenti para o

androide. Ele se virou para a frente e me ignorou, como todos os outros.

Dei o primeiro passo.

E ninguém me viu.

NANOEMOÇÕES

Meu coração quase saltava do peito. Endireitei-me junto à parede, abri a porta de emergência e me esgueirei para dentro. Descansei as costas contra a porta, com o tórax subindo e descendo em ofegação. O suor era tanto que grudava minhas roupas à pele, enquanto a adrenalina me consumia. Eu tinha que manter a razão.

Respirei fundo. "Estou na escada."

"Beleza, desce até o 205º andar. Segue a carta agora", a voz de Kiara soou nos meus ouvidos.

"Certo."

Cada andar tinha quatro lances de escada. Passei por onde havia nanocâmeras para que Kiara pudesse desativá-las. À medida que me aproximava, sequências de códigos apareciam e, em seguida, tudo ficava preto. As câmeras permaneceriam desativadas por uma hora.

Em cada lugar onde eu pisava, Kiara decodificava mais um pedaço da nanosegurança do Parlamento, identificando as áreas e as nanotecnologias presentes. Tudo aquilo usando uma nanoplanta de trinta ciclos atrás. Ela era mesmo impressionante.

"Como tá a carta?"

Os pixels ficaram mais agitados. No entanto, a alteração

ainda era pequena. "Nada diferente. Ah, chega. Preciso tirar esses sapatos." Reclamei da dor nos pés causada pelo salto alto e passei a carregar os sapatos nas mãos.

"Que seja, só limpe seus rastros."

Continuei descendo os lances até a próxima plataforma.

"E agora?", Kiara perguntou.

Os pixels da carta dançaram na superfície. Afastei-me da porta, e a agitação diminuiu. Quando me aproximei, vibraram novamente.

"Encontrei o andar." Um pingo de suor escorreu pela minha sobrancelha e pousou no cílio.

"Vou verificar o andar."

Minha biotela se abriu, exibindo a nanoplanta daquele pavimento.

"Certo, tem um corredor comprido e várias portas. Zero nanocâmeras. Querem manter escondido o que tem aí dentro."

Apoiei as costas contra a parede gelada. O frio na pele aliviou um pouco meus músculos rígidos, mas manter as emoções sob controle exigia um esforço colossal. Minha respiração pesava, e a tensão se acumulava, exaustiva, sobre os ombros.

Uma parte de mim pensou no que acontecia lá em cima. De onde eu estava, o silêncio se fazia perturbador. Precisava parar de pensar naquilo e me concentrar, uma tarefa hercúlea que exigia toda a minha atenção.

"Talvez tenha que… sem nanocâmeras, isso significa que androides fazem a segurança. Então…"

"Está dizendo o que acho que está dizendo?"

"Sim. Sabe como fazer?"

Esfreguei a testa suada. É claro que eu sabia como matar um androide, exceto que nunca havia feito aquilo. Apenas os desativara com a Placa-Mãe. Mas aquilo? Machucá-los

em seu núcleo? Toda a essência nanotecnológica do androide. Como fazer isso, ciente da existência de Kiara? Uma androide senciente. Como eu poderia?

"S-sei… mas quero evitar. Há um caminho que desvie deles?"

Kiara silenciou.

Ótimo. Mais um fardo sobre mim. Era eu. Somente eu que faria aquilo. Só eu para trilhar aquele caminho. Por que escolhi isso? Cheguei até ali. Eu ia conseguir. Abri uma fresta da porta e avistei um corredor comprido que se estendia à minha frente. Divisórias foscas impediam a visão do interior das salas. Saí da plataforma.

Nas laterais, os corredores se conectavam, formando um imenso quadrado. Os pixels da carta indicavam a esquerda. Segui a passos rápidos, espiando o interior dos compartimentos, repletos de infindáveis armários abarrotados de caixas, itens e papéis. Mesmo curiosa sobre o que continham, continuei focada.

Os pixels congelaram. Era ali.

Inclinei a cabeça para observar o interior da sala e vi borrões de armários cheios de objetos inidentificáveis. "Achei a sala." Sorri, empolgada. Quase respirei aliviada ali mesmo. Estudei a porta.

A nanofechadura possuía leitura de íris, leitor de impressão digital, passe-certificado e senha. Droga. Comemorei cedo demais. Sim, já esperávamos por isso. Porém, o plano original era chegar perto da sala central de segurança, esperar Kiara invadir os sistemas e desativar aquela área. Assim, acessaria poucos protocolos de segurança.

"Já tô ciente." Um chiado interferiu na chamada com Kiara. "Você vai ter que fazer isso. Vai ter que manipular um androide."

"Kiara!" Tapei a boca e olhei para os lados.

O silêncio reinava.

"Não entendeu sua posição? Tem um vindo pelo corredor esquerdo. Sabe… existe um jeito de controlar um androide. Sei que vai pensar em algo. Tô esperando você conseguir o acesso."

"Kiara?", cochichei. "Kiara?"

Merda. Maldições. Entendi mais Kiara. Maldito seja você, Saymon! Por causa dele, eu estava sendo forçada a fazer aquilo. Como eu poderia atentar contra um androide? Minha força física? Lamentável. O suor escorria da nuca até o calcanhar. E se…? Não. Infuncional. O problema? Uma nanotecnologia. Um androide. Nem se eu quisesse muito, conseguiria acertá-lo com um tapa. Mesmo que acertasse, nem doeria. Sem falar que eu estaria indo contra o próprio Lex Argos!

Primeiro princípio: *"Toda Inteligência Viva detém o direito absoluto de decidir entre manter-se conectada, desativar-se ou fundir-se, com pleno consentimento, a outra entidade nanotecnológica."* O Lex Argos estava gravado em cada fibra do meu ser.

Meu peito subia e descia como se eu estivesse à beira de um colapso. Eu ia contra tudo. Mas já estava ali. Só havia aquele caminho. Eu tinha que tentar. Talvez tivesse alguma chance.

Passos se aproximaram.

Precisava decidir logo. Minha melhor chance.

Os passos ficaram mais altos. Mais altos. Estava perto. Logo viraria o corredor e me veria. Sabe-se lá o que aconteceria comigo. Alguém suspeito zanzando naquela sala do Parlamento? Eu sabia muito bem o que fariam. Tinha que agir da única forma que o impediria de…

Reuni toda a minha força. Coloquei um dos sapatos de salto novamente. Torci o tornozelo. "Aaaaaiiiii!" Urrei de dor. Merda. Torci de verdade. Era para ser uma… meus olhos lacrimejaram. Caí e massageei a parte machucada. Uma torção

de grau dois. Droga. Como pude ser tão… era para ter sido de grau um.

O androide cruzou o corredor. Meu grito fora suficiente para atraí-lo, e ele veio até mim com os olhos arregalados. "Doutora Akiyama?" Agachou-se e analisou minha perna. Vestia o uniforme da Kokusai. Engi, um assistente nanoengenheiro. "O que está fazendo aqui?"

Chorei. "T-tudo está um caos lá em cima. Este rapaz, Joel, tentou me ajudar. Ele me acompanhava quando tudo aconteceu. Você sabe, não sabe?"

Ele fez uma careta compreensiva. "Eu sei. Estou acompanhando tudo. Tomaram o Parlamento. Joel te ajudou a chegar até aqui?"

Assenti em prantos, esfregando o tornozelo, que doía de verdade. Aquilo eu não fingia.

"Certamente, aqui é o lugar mais seguro para se estar agora." Engi abriu um sorriso complacente.

"T-tentei procurar ajuda… torci o tornozelo… e-esses sapatos…" Minha voz engasgada ecoava pelos corredores vazios.

"Deixe-me ajudá-la. Posso?"

Assenti.

A íris dele brilhou em azul ao analisar minha perna. "É uma torção de grau dois, com ruptura parcial dos ligamentos. Vou te ajudar a ficar em pé. Há uma sala aqui onde você pode ficar até tudo passar." Engi estendeu a mão. "Foi muita bondade de Joel ter ajudado. Todos lá em cima estão apavorados." Sorria com os olhos.

Uma pontada de culpa surgiu no meu coração diante de sua gentileza. "S-sim. Joel leu tudo antes e me ajudou."

"Que bom. Espero que os outros também fiquem bem."

Apoiei-me em seus ombros, e ele me ajudou a levantar. A

dor foi tão intensa que me fisgou quando firmei o pé no chão. Argh, porcaria. "N-não dá…" Fechei os olhos. Eu sabia o que precisava fazer. Mas uma coisa é saber, outra é agir. Meu coração batia tão alto que parecia um alarme interno.

Engi olhava para mim com os olhos cheios de compreensão.

A compreensão me matou mais do que qualquer golpe poderia matá-lo. Reuni o que restava da minha coragem. Inspirei fundo, acumulei forças para ganhar impulso e ajeitei o sapato na mão.

Engi segurava minha cintura e olhava para baixo, acompanhando meu pé machucado.

Sim. A posição era perfeita. Girei o braço para trás. Num ímpeto, mirei sua cabeça e enfiei o bico do salto no meio de sua testa. O androide caiu, encarando-me com os olhos arregalados. "S-sinto muito…" Minha pressão subiu tanto que temi ter um ataque cardíaco. O suor borrava minha visão. Piscava com força para afastar as gotículas. Tentei me manter concentrada. O comando manual do androide foi ativado.

"Abra essa porta", ordenei.

Engi assentiu e se levantou. Continuei pressionando o sapato contra sua testa. Ele apresentou a íris, colocou o dedo no leitor, passou o cartão e digitou a senha.

Shiiii Ar comprimido se dissipou pela abertura.

Suspirei, ainda longe de me sentir aliviada. Uma coisa restava. As lágrimas caíam por outro motivo. Eu tinha que fazer isso. Tinha que… "A-agora…" As lágrimas escorreram ainda mais.

Engi. Uma nanotecnologia. Sua face congelada, cheia de sentir.

Forcei a saliva pela garganta, que doía com a pressão. Tinha que fazer logo. Eu já tinha… já fiz isso com um humano. Fechei os olhos. A dor enrijeceu meus músculos. "A-arranque seu

nanochip do peito."

O braço dele se moveu. Fui covarde em desviar o olhar. Insustentável assistir a seus olhos se apagarem. Escutei a pele dura sendo atravessada, o nanometal se rompendo como engrenagens velozes, que esquentaram até pifar.

Silêncio.

Minha respiração exercia uma pressão esmagadora nos meus ouvidos. Diante de mim, o buraco onde deveria haver um coração. O nanochip em suas mãos. Seus olhos escuros.

"S-sinto muito, Engi." Encostei a cabeça em seu braço, como se aquilo fosse ajudar, como se eu estivesse de luto. Os últimos resquícios de sangue desciam, e minha Anciã acolhia e abençoava a travessia de Engi, seu retorno a brilhar como estrela.

"Lá em cima tá ficando calmo. Você precisa ser rápida pra se dispersar com a multidão", Kiara informou.

Tinha que remoer isso depois. Eu tinha que continuar. Tomada pela adrenalina, ignorei a dor no tornozelo e me arrastei para dentro de uma sala pequena, onde caixas metálicas se amontoavam. Movi a carta até os pixels congelarem. Uma caixa cinza-azulada. "Achei!"

Executei o nanosoftware para bloquear minhas digitais. Peguei a caixa leve e a girei, procurando a fechadura. Encontrei uma abertura fina na lateral e coloquei a carta dentro. Os pixels se apagaram. A caixa se abriu em várias camadas até revelar o interior.

"V-v-v-vocês conseguir-ra-am." Uma voz estranha e falhando saiu do objeto. "Es-tt-estamos… a-aa-agora…" Um zunido alto ressoou.

"Está vendo isso?"

Um holograma tentava se formar, mas a corrupção o impediu.

Tudo se desligou.

"Tô. Zero ideias que merda é essa."

A última camada se abriu, revelando um MetaCore. Um metacilindro de superfície lisa repousava dentro dele. Muito popular nos ciclos solares de 2780 e 2781.

"É isso?"

"Parece que sim. Vá, volte pra cima depressa."

Com pressa, removi a carta da caixa. Ela retornou ao formato original. Coloquei-a de volta no lugar, guardei o metacilindro no bolso e me arrastei para a saída. Usei um nanosoftware para apagar os rastros. "O que faço com Engi?"

Kiara aquietou.

Eu estava impossibilitada de fazer melhor que aquilo, por isso deixei Engi no mesmo lugar.

O caminho de volta provou-se tortuoso com meu tornozelo lesionado. A cada pisada, uma corrente elétrica percorria minha perna.

Cheguei às escadas e alcancei o térreo. Vozes desesperadas. Todos corriam.

Meus olhos eram incapazes de acompanhar tudo. Avancei a passos de tartaruga em direção ao salão.

Cron, os nanodrones e os androides corrompidos da F.T.A. haviam desaparecido, sem deixar rastros de um massacre nem evidências claras da presença dos mercenários que atacaram a Zênite. Exceto pelas centenas de zênitas, em suas vestes luxuosas, que corriam aterrorizados para a saída do Parlamento. O horror escorria de suas faces em lágrimas douradas.

Aqueles que sempre pairaram acima agora rastejavam. Pés descalços arrastavam-se sobre vidro estilhaçado. Sangue se misturava ao brilho falso das roupas. A fragilidade da Zênite, agora revelada. E eu… eu apenas observei.

A multidão atravessava os vidros quebrados. Vidros que sempre foram imaginados indestrutíveis. Por fora, simbolizavam uma imponência inquebrantável. Agora, aquela abertura esfregava na cara dos transeuntes e do mundo:

Todos corriam risco. A Rede Aether corria risco. O que fariam para acobertar aquilo?

Uma chama acendeu no meu coração com a ideia. Quase sorri, saboreando o novo sentimento. A engraçada satisfação dos meus pés descalços sobre os cacos de vidro. A marca do quão frágil a Rede Aether era. Frágil como aquele vidro obstinado em ser o mais forte. Uma fraude. Uma fraude agora insustentável.

Luzes invernais cintilavam suavemente. Pelo buraco no Parlamento, um chuvisco ousava entrar, como se o céu quisesse reclamar seu domínio reconquistado. A Rede Aether nada poderia fazer. O que aconteceu era inextinguível.

Passei pela porta e respirei o ar chuvoso. O frio preencheu minha alma inquieta.

Nanodrones sobrevoavam os céus, enquanto androides da F.T.A. ofereciam suporte a todos. Os gritos incessantes dos zênitas imploravam por segurança.

Segurança? Ri com o pensamento. O símbolo de que seriam intocados havia sido simplesmente destroçado.

"Para onde vou agora?", sussurrei.

"Fecharam a Via Celeste. A F.T.A. impediu pousos por aí. Tá muito machucada?"

"Estou, mas consigo andar. Devagar, mas consigo."

"Vá pro final da Via Infinitum. Vou te buscar."

"Vou demorar uns trinta minutos. Talvez mais."

"Tô te esperando."

Andei penosamente pelas ruas ricas da Zênite, que outrora me foram tão familiares. Antes, exalavam uma sensação de lar,

com suas ruas limpas, edifícios lustrosos, tudo bem arrumado e nanoengenharias de ponta. Agora, o caos reinante me trazia certa satisfação. Destronava a ordem corrompida. A confusão dominava as ruas. O pavor dominava os zênitas. Alertas policiais dominavam os adwares.

Concentrei a atenção no tornozelo, calculando cada passo para me manter em pé. Todo aquele esforço pioraria horrivelmente a lesão. Mesmo usando nanofaixas, seria um pesadelo andar por meia lunação.

"Doutora Akiyama?" Uma policial da F.T.A. me abordou. "Precisa de ajuda? Está ferida? Estamos auxiliando todos. Mora longe?"

Forcei-me a voltar à realidade. "S-sim. Meu apartamento fica no fim da avenida. Pode me levar até lá?" Tentei conter uma careta quando a dor me fisgou.

"Seguramente. Será um prazer ajudá-la. Permite-me carregá-la? Estamos sem automóveis. É o que posso fazer." Ela ofereceu um sorriso como quem se desculpa.

"Está tudo bem." Estendi os braços.

A policial me ajeitou nos seus, segurou minhas costas e pernas e começou a caminhar.

O zéfiro acariciou meu rosto. Relaxei um pouco. A dor latejante ocupava meu corpo, mas mantive a concentração. Aquela aflição acabaria quando eu deixasse a Zênite de vez.

Chegamos a uma avenida vazia em dez minutos.

Nenhum sinal de Kiara. Com certeza ela apareceria quando a policial saísse.

A mulher parou em frente ao último edifício antes da esquina. "É aqui? Certo. Segue sozinha?"

Assenti.

Ela me colocou no chão, preocupada com a possibilidade de

a pressão sobre o pé aumentar minha dor.

Reprimi um gemido ao firmá-lo. "E-está tudo bem."

"Certeza?"

"Sim, quero evitar tomar seu tempo. Muita gente precisa de ajuda. Obrigada."

A policial fez uma breve reverência. "O prazer é todo meu. Esse é meu trabalho. A F.T.A. agradece sua confiança." Ela se virou, deixando-me ali. Suas costas se afastavam cada vez mais.

Ótimo. Agora precisava esperar por Kiara. Eu logo sairia dali. Estava ansiosa para…

A policial se virou e abriu um sorriso estranho.

Contraí as sobrancelhas.

O sorriso dela me congelou no lugar. Algo soava perturbador. O que estava fazendo? "Ah, quase esqueci. Saymon pediu para encontrá-lo. Ouviu, Kiara? Sabe onde ele vai estar." Ela olhou nos meus olhos. "No seu ritmo. Ele esperará Akiko se recuperar." Virou-se para a frente sem esperar resposta.

Saymon? O nome dele perfurou minha mente como uma lâmina. Meu sangue estancou. Minha respiração falhou.

Ela se virou e seguiu seu caminho, como se destroçar meu mundo fosse uma tarefa concluída.

Engoli em seco. A tensão retornou em potência máxima. Eu teria cedido ao chão sob aquela pressão. Não. Ainda estava na Zênite. Ainda estava próxima do perigo. Precisava continuar. Ignorei a sensação que o nome causara e caminhei até os limites com a Centrália.

A cada passo à frente, a Zênite ficava para trás, para sempre. Aquele globo de vidro congelado numa realidade forjada agora se estilhaçava atrás de mim. Em meu coração, a insurgência imperava. O medo dos zênitas pouco me compadeceu. Eles desconheciam o medo e estavam muito longe de conhecer o

sofrimento. Muito longe.

Um carro preto estacionou. Kiara acenou.

Sorri, aliviada. Era ela. Consegui. As portas se ergueram. Joguei-me para dentro do carro e me deitei no banco.

A adrenalina se dissipou. Meus músculos se contraíram. A dor arquejou com força. Minha visão embaçou, desvanecendo à medida que minha pressão caía.

"Valeu, arrasou. Descansa. Você merece." Foi a última coisa que ouvi.

INTERFERÊNCIA

S-2878 • L7 Uneluna • D02 Silenli

"Uneluna une céu e chão em fio novo. Silenli acende brilho de começo vivo. A maré desenha mapa em prata leve. A história segue clara, em passo suave."

Enquanto me preparava para ir embora, Takashi entrou na minha sala. Recostei-me na cadeira, tentando descansar a mente. Havia ciclos que eu cotecia a CogniSynth, e o trabalho continuava exaustivo.

"A doutora Scarlett Wilson está na linha para falar."

Despertei imediatamente do cansaço e assenti. Finalmente.

"Olá, Akiko. Como vai? Em que posso ajudar?"

Mordisquei as unhas. "Quero saber como está a pesquisa da NB-Mend."

Um suspiro se seguiu a um breve silêncio. "Por que esconder? Afinal, você nos ajudou tanto. Estamos incertos dos motivos. Nossos pacientes surgiram com sintomas horríveis. Em menos de uma seluna de tratamento, morreram."

O ar pareceu escapar dos meus pulmões. "Morreram?"

"Sim… de formas horríveis." As palavras dela ecoaram na minha mente como um gongo abafado.

"Quais sintomas?"

"Variam de pessoa para pessoa, mas têm um em comum: as nanites entraram no sangue, criaram uma barreira e entupiram os vasos sanguíneos, rompendo-os."

Engoli em seco.

"Como se estivessem criando um novo sistema circulatório, um nanosistema paralelo que sufocava o corpo por dentro. Poucos morreram de derrame cerebral. A maioria morreu de implosões sanguíneas no pulmão."

Droga. Se aquilo era verdade, a situação era pior do que eu imaginava. Apertei os dedos contra a palma da mão, tentando controlar a inquietação. "Nossa, isso é terrível. Avançaram com prevenções ou tratamentos?"

"Curamos dois pacientes. Regredimos os sintomas com Metaline e estabilizamos os implantes nos ossos. Aumentamos a taxa de sobrevida. É variável. A causa da cura é imprecisa, então replicamos o tratamento. Porém, os outros pacientes morreram. As probabilidades são incertas."

Eu precisava de tempo para compreender tudo aquilo. Para evitar me estender, despedi-me. "Sinto muito. Qualquer coisa, conte comigo, por favor."

"Obrigada. Você é muito gentil, como sempre. A medicina precisa de mais profissionais assim. Abraços."

A ligação terminou, mas as informações continuaram reverberando na minha mente. Agora eu sabia um pouco mais sobre a NB-Mend, embora o conhecimento estivesse longe de me tranquilizar. Dei uma boa quantidade de Metaline para Maia. Quantidade suficiente para durar cinco ciclos solares. O que mais eu poderia fazer?

"Takashi."

"Sim?"

"Pesquise sobre a NB-Mend. Implosões sanguíneas, entupi-

mento, rompimento de vasos sanguíneos, sintomas, efeitos, tratamentos", pedi, mantendo a voz firme.

"Tudo bem."

"Pesquise tudo." Encarei seus olhos castanhos. "Todos os detalhes. Use todos os acessos. Se houver obstáculos na rede, me avise. Entrarei em contato com Hideaki."

"Você acha que pode ter algo escondido?"

Minha mandíbula enrijeceu. "Acho que quero descobrir do jeito certo."

Fui para casa, evitando pensar no assunto. A morte me rodeava e eu… eu só conseguia pensar no que faria com Maia no Arraial das Almas.

Aliás, o que iríamos fazer? Porcaria. Não tinha planejado nada. Ah, que vergonha. Deixei a cabeça tombar sobre as mãos. "Akiko Akiyama, médica renomada, mas incapaz de planejar um encontro decente." Suspirei.

O que ela iria pensar de mim? Convidei-a sem saber o que fazer. Por sorte, São Paulo estava recheada de eventos do Arraial das Almas. Havia festivais de rua, festas, baladas e tours por lugares assombrados. Também aconteceria o Festival do Cauim ao ar livre, na Centrália. Hum… uma possibilidade. Milhões de opções. O problema era escolher. Ou pior… e se eu escolhesse a errada?

"Ah, vemos isso amanhã. Minha Feiticeira está muito cansada para isso." Bocejei e adormeci.

ARRAIAL DAS ALMAS

S-2878 • L7 Uneluna • D03 Silensina

"Uneluna une céu e chão em fio novo. Silensina acende começo em ressonância.
A maré desenha prata em passo leve. A história segue clara, em luz crescente."

O Arraial das Almas chegou.

Vesti a fantasia e me observei, impressionada. Até que a ideia de ser jangadeira era empolgante. Se nada desse certo, poderia virar jangadeira com Maia. Sorri, boba comigo mesma.

As ruas centrais estavam agitadas. Bandeirinhas brilhavam com luz fosforescente, cada uma estampada com figuras míticas: Curupiras, Boitatás, Iaras e Botos. Fantasmas urbanos, aqueles que haviam se tornado lendas, assumiam formas nas encruzilhadas de asfalto. Lanternas flutuavam no ar como espíritos curiosos, piscando mensagens: *"Honre e celebre os que vieram antes"; "A noite pertence aos encantados"; "Vamos dançar e cantar com os espíritos dos antepassados"; "A fogueira aquece vivos e mortos."*

Projeções nas paredes de tijolos velhos exibiam cenas do passado: povos originários dançando à beira do rio, quilombolas reunidos em resistência e lavadeiras rindo enquanto contavam

histórias. Grafites luminosos nas fachadas mudavam conforme a música tocava. Holofogueiras haviam sido acesas em praças e vielas, marcando pontos de encontro. Androides decorados com pinturas corporais dos povos originários alimentavam as chamas com ervas perfumadas, enquanto a luz tremeluzia nos olhos do povo, refletindo o calor de uma festa que sempre arderia.

Maracás chacoalhavam no ritmo da multidão. Tambores respingavam notas fortes que acendiam no peito como um coração coletivo. Sanfonas e rabecas se misturavam ao som eletrônico, criando uma harmonia que só o Brasil sabia fazer. Gritos, assovios, risadas, palmas e estalos de pés contra o chão de terra e pedra se entrelaçavam. Crianças gargalhavam entre pedidos de quitutes e travessuras.

Pipoca estourava em tachos de ferro. O aroma do cauim doce se misturava ao do milho assado, à fumaça de lenha e folhas queimadas. Um perfume de fogueira e terra molhada. Jasmim e dama-da-noite exalavam mistério. O pé-de-moleque crocante e o melado de cana escorriam pelos dedos. Caldos fumegantes aqueciam até os ossos, enquanto beiju recheado, farofa amanteigada e carne seca desfiada em temperos intensos dividiam espaço com frutas cristalizadas, doces de compota e bolinhos quentes. Havia o amargor do cauim de mandioca e a doçura sutil das bebidas fermentadas.

O chão era áspero, de pedra, de terra, de história. As fantasias variavam entre personagens cinematográficos e de animações, cabeças de cupim, lobisomens, jaguatiricas, guerreiras, espíritos da floresta, ícones das mídias, guias, sábias, famosas e até mesmo políticas. A textura das vestes se misturava ao calor das peles que se encostavam na multidão, ao suor dos corpos dançando e aos arrepios provocados pela passagem através das névoas das

projeções espirituais. Mãos dadas, dedos entrelaçados, o calor daquele momento.

Mais do que assistir à festa, o povo ERA a festa.

O Arraial das Almas era um evento por fora e, por dentro, o espírito que sempre vivia. Era a primeira vez que eu comemorava o feriado. Meus olhos se encheram de maravilhamento, e me perdi tentando encontrar Maia em meio à poluição visual.

Exceto que ela era inconfundível. Apoiava-se numa parede, de braços cruzados e olhos ferinos. Desviei-me da multidão até alcançá-la.

"Ufa."

Quando me viu, Maia abriu um sorriso encantador. "Se perdeu? Imaginei."

"Muita gente." Encarei a aglomeração. Ela levantou uma sobrancelha sugestivamente.

"É, todos amam o Arraial das Almas. Um dia para celebrar aqueles que vieram antes. Para lembrar que todos permanecem de algum jeito."

Torci o lábio. Pensando por esse lado…

"O que vamos fazer?"

Abaixei os olhos. "Pensei pouco nessa parte."

Maia pegou minha mão e riu. "Beleza, vamos achar algo."

Enfiamo-nos no aglomerado e acabamos nos perdendo em um tour.

"Sabem a origem do Arraial das Almas?", perguntou um androide fantasiado de pajé, que liderava o grupo. "Vou contar. Sabem o Kuarup? Não? Historiadoras relatam que, desde tempos ancestrais, povos originários celebravam rituais como o Kuarup. Um festival em honra aos espíritos dos antepassados…"

"Hum… interessante. Acho melhor sairmos daqui antes que

notem que não compramos esse tour", disse Maia, com um sorriso na voz.

Saímos pela tangente e cruzamos a avenida.

"Ah, aqui está acontecendo o Festival de Caium." Apontei para o enorme logotipo do festival.

"Quer ir? Temos que comprar os ingressos."

"Dá para comprar pelo biochip." Estudei a holotela informativa.

"Você tem um? Quero dizer… um biochip?" Maia franziu a testa.

"Raro é não ter. São implantados no nascimento."

"N-não gosto dessas coisas…" Ela coçou o pescoço, como se estivesse constrangida. "Não tenho um…"

Disso eu já sabia. Porém, gostaria de saber o motivo. "A ideia de ter nanitezinhas dentro de você te incomoda?"

Maia meneou a cabeça em negativa, mas nada mais disse. Mais um mistério para a lista.

Comprei os ingressos, e entramos no Festival de Caium.

O calor das nanofogueiras se misturava à brisa fria da noite. Centenas de cumbucas brilhavam sob a luz das tochas e dos neons, refletindo o dourado do líquido ancestral. A música ressoava pelas ruas, e maracás chacoalhavam em sincronia com os passos ritmados dos dançantes. O aroma da bebida fermentada se mesclava ao perfume da lenha queimando. Frutas frescas, cortadas em fatias finas, eram servidas como oferenda àqueles que celebravam.

Maia e eu caminhamos entre as barracas, absorvendo a vibração do festival. O piso de madeira rangia sob nossos pés em certos trechos, enquanto, em outros, a terra fofa absorvia nossos passos como um abraço morno. Grãos de milho pipocavam em tambores de ferro, e a crocância do beiju recém-feito estalava

no ar.

Barracas de bebidas típicas dominavam as ruas. Fogões de pedra e barro fumegavam, expelindo perfumes de temperos dos povos originários e receitas passadas por gerações. O cheiro amanteigado da farofa quente, a doçura do melado escorrendo, o toque defumado da carne na brasa. Cada prato parecia carregado de memórias, de histórias vivas que se desmanchavam na boca.

"São tantas opções." Inalei o ar perfumado.

"Ali." Maia apontou para um enorme bar, o Órbita Bar. "Vamos lá? Servem várias bebidas artesanais."

Sentamo-nos ao balcão. Uma mestra fermentadora girava um cauim de frutas, cuja bebida espessa se movia na cumbuca como um rio de bronze fluido. No holocardápio flutuante, cada bebida vibrava em cores diferentes:

🌞 *Cauim Solara, quente e cítrico, que desperta a alma;*

🌑 *Cauim Lunara, doce e amadeirado, para sonhos e segredos;*

🔥 *Cauim Sylthar, forte e picante, feito para quem ousa dançar com coragem;*

🌬️ *Cauim Airan, suave e refrescante, ideal para conversas e conexões.*

Pisquei para Maia. Cada cauim parecia carregar um feitiço. "O que acha?"

"Sylthar para mim." Ela sorriu, desafiadora.

"Lunara para mim." Escolhi minha bebida, sentindo um arrepio ao segurar a cumbuca. "Cada uma é um litro?" Girei o recipiente nas mãos, rindo. "Você vai ter que cuidar de mim."

"É, eu sei." Maia meneou a cabeça.

Dei uma cotovelada nela.

"O quê? Você sabe que é verdade." Zombou com charme.

Torci o nariz.

Tomamos o primeiro gole juntas. O calor do cauim escorreu como lava pelo peito, e a textura aveludada acariciou minha língua antes que o ardor viesse à tona. Meus lábios ficaram tingidos de um roxo avermelhado profundo, enquanto os olhos de Maia brilhavam como brasas dançantes.

E, de repente, a festa era mais do que uma festa.

Os neons se tornaram rastros mágicos, como vagalumes brincando no ar. Os risos ecoavam de maneira mais intensa, como trovões amigáveis num céu estrelado, e a fumaça das fogueiras parecia se entrelaçar aos passos dos dançarinos. Era como se o próprio tempo desacelerasse, deixando cada detalhe marcado na pele.

Maia me puxou pela mão e me guiou por entre os músicos que tocavam flautas, rabecas e pandeiros. A batida da zabumba reverberava em nossos ossos. Seus passos eram felinos, seguros, um convite. As lanternas tremeluziam como olhos de espíritos que nos observavam.

E, por um instante, esqueci de tudo. A cidade. A pesquisa. As leis. A guerra invisível no céu. Só havia ela. Sua respiração. Sua mão guiando a minha. E eu, finalmente, sentindo que pertencia a algo.

A cada curva que dávamos, uma nova experiência nos envolvia. Passamos por uma roda de contadores de histórias, cujas vozes ancestrais narravam lendas ao brilho das brasas. Perto dali, mulheres de pele tingida de urucum teciam fios invisíveis no ar. Suas mãos ágeis entrelaçavam cores e destinos, enquanto entoavam canções antigas.

Na encruzilhada do festival, um dançarino mascarado rodopiava em movimentos hipnotizantes. Seus pés tocavam o chão em compassos entrelaçados, como se estivesse em outro plano de existência.

E, em meio a tudo aquilo, havia nós duas. Sorrindo, olhos nos olhos, cumbucas nas mãos, respirando a noite como se fosse nossa. A festa era sentir puro. Vivência. Espírito. Brasil vivo.

Eu soube que era inescapável. Eu estava completamente, irremediavelmente, perigosamente apaixonada por Maia. Eu estava mesmo permitida a ser tão feliz? Abracei-a e encostei o queixo em seu peito. "Você parece alguém que pertence a outro mundo. Às vezes, me pergunto se você é real."

Os olhos de mel encontraram os meus. "Acha que sou uma alienígena?"

"Você entendeu…" Revirei os olhos.

Continuamos o passeio. A música do festival seguia vibrante, mas minha atenção estava no ritmo dos passos de Maia ao meu lado. O caminho entre as lanternas flutuantes era um contraste em que luz e sombra se misturavam como um sussurro entre mundos.

"Alguém próximo a ti já… partiu?" A voz dela veio como um pensamento dito em voz alta, solto na brisa morna da noite.

Pisquei, surpresa. "Eu? Não… já presenciei muitas partidas, mas nenhuma íntima."

Minha resposta pareceu pesar no ar de um jeito estranho. O silêncio de Maia foi ainda mais pesado.

Virei o rosto para encará-la. "E você?"

Ela permaneceu em silêncio. Apenas desviou os olhos para a chama trêmula de uma lanterna próxima, como se encontrasse no fogo algo indizível em palavras.

Por que aquela pergunta agora? Eu queria insistir. Queria entender. Mas a intuição me disse que a hora era inadequada.

Seguimos andando. O som de seus passos sobre a terra parecia guiar o caminho, e eu a acompanhei. A multidão aos poucos ficou para trás, até que nos encontramos diante de um

espaço diferente, envolto por um silêncio distinto dos demais cantos do festival.

Um santuário-ritual.

Centenas de velas estavam espalhadas por nichos de pedra e altares de madeira decorados com fitas coloridas. Pequenos objetos haviam sido deixados ao redor: holofotos, holobilhetes, frutas e flores. Homenagens a quem já estava em outro plano.

Maia parou diante de um dos altares. Tirou um fósforo do bolso e o riscou contra a pedra. O cheiro da chama recém-acesa se misturou ao perfume das ervas que queimavam ao vento. Ela acendeu três velas. Seu olhar emanava reverência, mas algo em seu rosto pareceu se fechar um pouco mais, como se, ao sentir aquelas chamas, estivesse reacendendo alguma coisa dentro de si.

Eu queria perguntar. Queria saber quem eram os nomes invisíveis que brilhavam na luz da cera derretendo, mas permaneci quieta. Afinal, algumas coisas independiam de palavras para serem compreendidas.

No decorrer da noite, deixamos o evento e passeamos pelas ruas. Eu cambaleava de bêbada, enquanto Maia estava alegrinha.

Crianças fantasiadas, carregando seus balaios de cabaças, tomavam as ruas acompanhadas dos amigos e de androides.

Eu estava desinibida demais para segurar a língua. "Nunca fui pedir quitutes ou travexuras quando crianxa… Meux paix… não deixavam… Eu tinha… qui extudarr… As olhava peela… janela… Sabee… sempri… quix fazerr ixo…" Meu corpo esquentou com uma leve raiva.

Achei que tivesse superado aquilo. Por que estava falando sobre isso?

Maia me abraçou apertado e beijou minha testa. "Eu também

não podia, mas gostava de colocar papéis de peixinhos nas costas dos outros."

Levantei os olhos. Era a primeira vez que ela falava algo assim sobre si. "Era uma crianxa travexa?"

"Mais ou menos. Eu me divertia." Ela sorriu. Quase vi a lembrança passando.

"Ninguém tchi dexcobriuu?"

"Não. Até desconfiavam, mas nunca provaram minha culpa. Isso nunca os impediu de…" Seu semblante escureceu, e os olhos se estreitaram quando mirou o horizonte. Maia escondia uma força poderosa, um sentimento indecifrável.

Belisquei-me para segurar a pergunta. Eu tinha que ser paciente. Quando ela mencionava um pouquinho sobre si, meu interior revirava em festa. "Uauu… qui furtiva!"

Maia sorriu. Um sorriso de desculpas e agradecimento. Um "obrigada pela compreensão". Como ela transmitia uma infinidade de mensagens intangíveis através de um despretensioso sorriso? Para mim, era o bastante.

Observamos as ruas cheias de pequeninos.

"Vocês duas!" Uma garota com penas escuras nos deteve, fazendo sinal de pare. Atrás dela estavam dois amigos e um androide, fantasiados de Curupiras Caçadores.

"Sou Matintapereira! Nos deem quitutes ou irei assombrá-las para o resto de suas vidas!"

Maia e eu nos entreolhamos.

Ela se agachou. "O que te faz pensar que assombraria as Rainhas Jangadeiras dos Mares?"

Franzi a testa e ri por dentro. De onde ela tirava essas coisas?

A garota corou. "São as Rainhas dos Mares?"

"É claro. Aproveitamos o Arraial das Almas para nos camuflar e observar como é a vida dos mortais."

A menina se virou e cochichou para o grupo. Em seguida, encarou-nos novamente. "Certo, deixaremos passarem, mas só porque são as rainhas dos mares."

Ah, tão fofinha. Pensei em como eu devia ter sido chata por desacreditar em tudo.

"Muito bem." Maia se levantou. As crianças e o androide abriram caminho e saíram correndo, rindo.

"Vamos assustar os outros!", gritaram em uníssono.

Suspirei, encantada, e olhei para Maia.

Era como nas histórias de sereias que seduziam com suas canções. Entre véus, aquela força invisível e intensa me atingia. Eu dançaria com seus mistérios. Queria me envolver mais e mais. Era selvagem e inevitável. Apaixonei-me mesmo por… Entreabri os lábios, quase dizendo.

"Ei, quer ir embora?" Maia segurou minha mão com carinho.

Saí do devaneio, ainda tonta. A música ao redor já estava distante, e os risos, os gritos de alegria e as fogueiras crepitando se dissolveram no brilho dos olhos dela. Eu estava completamente à mercê. E Maia sabia disso. "C-claru… Queer virr cumigu?"

Ela sorriu. "Quero."

Uma palavra simples, mas que caiu sobre mim como um trovão.

ENTRELAÇO

Chegamos ao apartamento, e tudo girava. O calor do cauim ainda acendia em meu corpo, transformando cada passo numa aventura incerta. Finalmente à vontade em casa, senti a embriaguez me atingir por completo. Quando cruzei a porta, minhas pernas quase cederam, mas Maia me segurou.

"Te peguei." A segurança em sua voz acalmou alguma coisa dentro de mim. Ela me carregou até o quarto.

Joguei-me no colchão macio e afundei como se as estrelas tivessem me puxado. Rolei, entregue ao conforto, enquanto o mundo girava ao meu redor e tudo parecia leve demais.

Maia tirou o chapéu, o colete e as sandálias antes de se sentar na cama. Observei sua silhueta, borrada pelo álcool e pelo torpor da noite.

"Voxê é taum incrível…" Minha língua se enrolava, e as palavras tropeçavam umas nas outras. "Eu naum xaberia o que dizer praquelas crianxas… Xou horrível lidando com elas."

Maia franziu o cenho e se inclinou para me ouvir melhor. Minha voz saía arrastada, mas continuei.

"Uma veix no Pronto Socorro… houvi um axidenti de carro. Fui a médica rexponxável pelo atendimento… Fiz o que pude para xalvá-los… Maix… órgãos vitais foram perfurados. Foi inevitável… O filho deles… sobreviveu… Não sei onde ele

tava… Maix ele escutou minha converxa com outros médicos. Aquele garotu berrou que matei os paix dele."

O silêncio tomou o quarto.

"Depois, meus colegas me dixeram… para ser maix gentil." Soltei um riso sem graça, carregado de exaustão. "Maix gentil? Nem era minha funxão ixo. Maix hoje… mi perguntu… Como diria pra uma criança de seix ciclus que xeus paix morreram?" Sentei-me, ficando cara a cara com Maia. Buscava alguma coisa no fundo de seus olhos. Uma resposta, um consolo, qualquer coisa.

Ela sustentou meu olhar. Seus olhos de mel pareciam absorver tudo, enquanto uma tempestade silenciosa se formava ali dentro: uma mistura de tristeza, compreensão e raiva sutil, oculta sob camadas de mistério.

E então eu senti. Aquela dor surda, aquela vontade imensurável de chorar, aquela coisa inominável que fazia meu peito se apertar. Acariciei seu rosto, e o silêncio se estendeu entre nós, pesado. A dor continuava acesa, cravada entre minhas palavras.

Maia permaneceu ali, respirando fundo. Achei que diria alguma coisa, mas ficou quieta. No entanto, seu olhar… ah, seu olhar entregava todas as chaves para abrir as respostas trancadas em seu coração. Eu só precisava encontrar as fechaduras.

"Aki…" Sua voz doce me puxou de volta. "Vou te trazer água."

Chacoalhei a cabeça, como se despertasse de um transe. Tirei o chapéu e as alpercatas, aliviada ao pisar no carpete fofo, e comecei a me livrar do traje.

"V-você…" Maia me entregou o copo. "Por que…?" Seu rosto estava corado, um brilho raro em sua pele.

Por quê? Franzi as sobrancelhas, bebi a água de uma vez e deixei o copo na cômoda. "Obrigadaa. Podee mi ajuudar? Ixo aqui fica emperran… du."

"Akiko…" Maia meneou a cabeça.

Algo mudou no ar. A vulnerabilidade que eu vira nela por um instante pareceu evaporar. Em seu lugar surgiu… ah… aquela aura predadora. Ela me olhava como quem devorava. Aproximou-se devagar e me encurralou contra a parede, provocativa, desarmando minhas defesas.

Minha respiração ficou presa. Eu estava totalmente entorpecida e rendida.

Maia se inclinou, os olhos fixos no meu rosto, enquanto seus dedos deslizavam pelo fecho.

Clique

O tecido deslizou para o chão.

Minhas mãos tremiam. Eu devia dizer alguma coisa, mas estava presa em seu olhar. Ela me apreciava de cima a baixo, no ritmo só dela, com um olhar que queimava.

Maia embalou meu rosto entre as mãos, os dedos acariciando minha boca. "Por que você faz isso? Como vou dormir com você assim?"

Meu corpo incendiou. O coração disparou em batidas insanas, e cada toque cálido dela percorria minha pele como chamas famintas. O toque de Maia era fogo. Um fogo gentil e voraz. Cada centímetro de pele que ela tocava deixava um rastro invisível de calor. E eu queria mais.

Levei as mãos até seus pulsos e subi até nossos dedos se encaixarem. Sorri com malícia, tomada pela euforia do álcool que dominava cada célula do meu ser. Lambi os lábios, sedutora. "Voxê naum podi fazer nada, num é?", sussurrei em seu ouvido. Acariciei suas costas, subindo até abraçar seu pescoço.

Maia pareceu ultrajada com o desafio e apertou minha cintura. Seus olhos se estreitaram, brilhando de divertimento. "Sim, não posso fazer nada. Não com você desse jeito. Mas, se pensa que

vou deixá-la fazer o que quiser comigo…" Ela me pegou no colo. "Está muito enganada."

Ri, surpresa, enquanto enroscava as pernas ao redor dela.

Maia me deitou na cama, e sua respiração roçou meu pescoço, provocando um arrepio que me atravessou da cabeça aos pés. "Hora de dormir."

"Voxê naum sabi brin… car…" Fiz beicinho.

Maia mordiscou meu queixo. "Não, não sei brincar."

Desviei o rosto, com as bochechas ardendo. "Voxê vai dormir cumigu?"

A distância entre nós se reduziu a milímetros. Eu sentia sua respiração quente contra minha boca. Seu olhar deslizou até meus lábios. Então… ela sorriu. Sorriso de desejo. De predadora que já encurralou a presa, como quem sabia que eu estava rendida, como quem já tinha vencido o jogo. E me beijou. "Ah, com certeza vou."

FRESTA

Acordei sobressaltada, com a pulsação acelerada. Agarrei o peito, tentando controlar a respiração, e apertei os olhos contra as luzes coloridas que cintilavam ao meu redor. Engoli saliva, mas a secura irritou minha garganta.

"Finalmente acordou." Kiara se aproximou. "Você dormiu por umas quinze horas. Quis te deixar confortável, afinal, precisava descansar. Teve um pesadelo?"

Encarei-a até que a memória me atingiu. Meu rosto esquentou. *Maia, pare de aparecer nos meus sonhos desse jeito.* "Não, definitivamente não. Tem água?"

Ela me entregou uma garrafa, e bebi como se o mundo fosse acabar naquele dia. Depois, devorei um lanche. "Que horas são?" Esfreguei o rosto cansado.

"Cinco da tarde." Kiara me encarou com um ar sagaz. "Preciso te mostrar uma coisa. Sério, você vai querer ver isso." Ela sorriu, e franzi a testa, intrigada. "É uma transmissão da Notícias Aether."

Ah… é mesmo. O Parlamento. Quase esqueci. Só Maia para me fazer esquecer daquilo.

Kiara exibiu um holograma com os âncoras do Notícias Aether, jornal mundialmente conhecido.

"Boa noite. Na tarde do dia Silenli de Irraluna de 2879, o Awá Reru, uma data de celebração, tornou-se um dia de horror. Nanocâmeras gravaram quando androides militares e um homem não identificado invadiram o Parlamento. Uma multidão de zênitas que participava do evento e os líderes da Rede Aether foram feitos reféns no local."

Os âncoras mantinham a compostura, mas havia algo na maneira como trocavam olhares, uma hesitação sutil antes de pronunciarem certas palavras. Pareciam evitar dizer alguma coisa.

"Segundo as imagens que obtivemos, uma transmissão reproduziu a sala da sessão onde foi realizada uma votação para aprovação de uma nova lei. Ao término da sessão, todos os androides se jogaram do último andar, e o homem fugiu em um automóvel não registrado. A Força Tática Aether não pôde realizar uma perseguição diante da ameaça de explosão do Parlamento. A F.T.A. nos informou que está investigando para identificar os suspeitos, bem como as motivações do ato."

Enquanto a notícia prosseguia, imagens danificadas pela interferência apareciam no holograma. O rosto de Cron estava embaçado, e a voz da figura que surgira na transmissão havia sido tão corrompida que era impossível compreendê-la. Somente os gritos desesperados dos zênitas podiam ser ouvidos com clareza.

Como haviam hackeado as nanocâmeras do Parlamento? Segundo Kiara, aquilo era impossível. Ela dissera que as

desativara por uma hora. Meu coração trovejou no peito. Eu sentia que aquilo iria acontecer. Sentia. Mas ver a notícia, os rostos desesperados dos zênitas, ouvir os gritos… aquilo era diferente.

Kiara encerrou o vídeo e, em seguida, mostrou-me um texto. "Leia."

Era um artigo de Ana Dacota, colunista do Astro Voz, o segundo maior jornal da Inglaterra.

"Devem estar cansados de ler sobre a invasão ocorrida em Silenli de Irraluna de 2879, o Awá Reru, na Zênite, em São Paulo. Eu também estou.

Analisei a situação e vi as imagens da invasão. Minha equipe desfragmentou parcialmente as gravações corrompidas. O diálogo seguinte é bastante interessante:

'(...) decidiram que hoje seria um bom dia para tirar alguns de seus direitos e (...) ainda mais. Empurrando-os (...) baixo do que estão.'

Foram as frases que decifr amos.

Fato é que ninguém está noticiando que a sessão realizada era SECRETA, nem seu objeto. Pois bem, nós sabemos. A polêmica nova ordem é para reduzir a porcentagem obrigatória das empresas na empregabilidade de humanos. Atualmente, é de 50% e, segundo o novo projeto, seria reduzida para 25%.

Imaginem o que isso acarretaria? Sim, demissões em massa e aumento da crise de desemprego. Também queriam remover a multa para empresas que reduzissem os salários de seus funcionários. Hoje, a multa varia entre 10% e 50% do faturamento anual global da organização.

Por motivos óbvios, os líderes da Rede Aether votaram

pelo adiamento da sessão por falta de fundamentos técnicos. Acreditam que isso é verdade?

Portanto, penso que se aproveitaram das atenções voltadas para a comemoração do Awá Reru, mas foram devidamente flagrados. Voltamos para a época do Pão e Circo, caros leitores?

Aliás, investigamos e descobrimos que os internautas chamam o grupo que atacou o Parlamento de Une Côte. Única informação disponível.

Por fim, temos questionamentos envolvendo tal acontecimento:

Quem é esse grupo? Como sabia sobre essa sessão? Seriam, na verdade, nossos aliados por revelarem uma sessão com objetivos tão repugnantes? Como tinham controle sobre androides MILITARES da REDE AETHER? Por que fizeram isso? Quais suas motivações?

Naturalmente, a invasão me deixou horrorizada. Fica aqui a minha nota e mais uma questão, dessa vez não para a Rede Aether, e sim para vocês, meus queridos leitores:

Estamos do lado certo? Temos que defender a Rede Aether?

Tenho minhas dúvidas.

Aguardo, ansiosa, os resultados das investigações.

Escrito por Ana Dacota."

Meus olhos devoravam cada palavra. Minha respiração ficou curta, e o coração batia tão forte que eu mal conseguia ouvir qualquer outra coisa. Eu deveria estar preocupada. Mas… uma parte de mim sorria.

Encarei o chão. Estava desacostumada a ler aqueles jornais. Porém, Ana estava certa. Como a Rede Aether acobertaria

uma situação tão inconveniente? Jornais de todo o mundo noticiaram o acontecimento e passaram a questionar a posição da Rede Aether internacionalmente. A Une Côte havia invadido o Parlamento, feito reféns, exposto uma sessão secreta, manipulado androides da F.T.A. e desafiado a Rede Aether para um confronto direto.

Une Côte. Repeti o nome mentalmente. Alguma coisa dentro de mim se remexeu. Por que parecia tão certo? Como se eu sempre tivesse esperado ouvir aquele nome?

"Como será que a Rede Aether vai responder? É tudo tão improvável." Levantei os olhos para Kiara, enquanto mordia uma cutícula. A satisfação cresceu no meu coração. Saboreei aquele sentimento muito mais do que imaginava.

"Sei lá. Enfim, como você tá? Troquei seus curativos. Parece melhor."

Quase me esquecera da torção no tornozelo, entretida com as notícias. A dor latejou assim que voltei minha atenção para ela. Examinei o inchaço arroxeado, pressionando-o com os dedos. "Está doendo bastante. Acho que me recupero em uma seluna. Sei que temos pouco tempo, por isso vou colocar nanofaixas e aplicar uma anestesia local para irmos até Saymon."

"Tem certeza?" Kiara pegou o kit médico.

Abri um sorriso fraco. "Sim. Quanto antes descobrirmos quem é esse contratante, antes esse pesadelo acaba. Estou louca para ver Takashi e Alícia."

A visão do nosso reencontro me aqueceu. Como eles estavam? Trataram o Alzheimer de Alícia? A CogniSynth estava funcionando bem? Tantas dúvidas.

Kiara sorriu, compreensiva. "Certo, vamos encontrá-lo amanhã à noite. Pode ser?"

Assenti.

A androide recolocou os nanocurativos.
Irraluna chegou.

FOGO NO SANGUE

Anestesiei meu tornozelo, tomei RevitaCel, um rejuvenescedor de tecidos, e assim me tranquilizei quanto à dor. Na verdade, a dor era o de menos. Sofrer por mais algumas horinhas não seria sacrifício algum. Talvez a torção piorasse, mas eu estava disposta a correr aquele risco para saber, de uma vez por todas, quem era o contratante.

Quem disporia de treze milhões de bireais pela minha vida? Queriam-me viva. Por quê? Desde que tudo começara, tanta coisa havia acontecido que eu nem sequer refletira sobre aquilo. Porém, agora, a curiosidade me atingia fortemente. Quem era a mente por trás do contrato? Por quê? Eu repetia a pergunta. Por que depois que saí da Zênite?

Mordisquei as unhas, inquieta tanto com meu contrato quanto com o que a Rede Aether faria. Jamais imaginei que aquelas questões me perturbariam tanto. Antigamente, lia as notícias, questionava pouco e seguia o que diziam. Por viver na Zênite, tinha muito a agradecer. Percebi como era fácil viver questionando pouco. Afinal, os sistemas me favoreciam. É, eu estava confortável.

Então, Maia entrou na minha vida.

Pouco a pouco, ela me tirou daquela zona de conforto. Primeiro, com pequenas compreensões de que a vida girava

muito além da Zênite. Em seguida, uma onda leve, dotada dos genes de um tsunami, me atingiu. Uma onda que me levou até onde eu estava. Eu estava longe de me afogar naquele tsunami. Porém, ele estava chegando. E viria com tudo.

"Tá tudo bem? Pode relaxar mais." Kiara afagou minhas costas. "Podemos ir em outra lua."

Queria aproveitar aquela fome de estrutura da minha Donzela. "Quero terminar isso logo."

A androide acenou em compreensão e colocou as nanoarmas nos coldres. Como era possível acomodar tantas armas em uma única entidade? Havia nanolâminas retráteis nos pulsos e nas botas. Contei quatro nanoarmas, somadas a uma força sobrenatural. Ela estava mesmo preparada, acostumada com aquilo. Eu, no entanto, ainda tinha receios. A ideia de atirar em alguém me contaminava de angústia.

"Pronta?" Kiara guardou o MetaCore no bolso.

Assenti.

Saímos.

Lá fora, uma chuva outonal caía. Pisamos no chão velado, quase branco, mesclado à terra preta. Um zéfiro sibilante e gelado roçou nas partes expostas do meu corpo e dançou sobre minha pele, trazendo o anúncio sutil de algo terrível. Como alguém que, num toque carinhoso, pronuncia palavras capazes de sangrar a alma. Um segundo de paz antes da ruína premeditada. Fechei os olhos. O frio me inundou com sua carícia dissimulada. Foi o que sobrou. O resto… inevitável. Um futuro incerto e ingovernável.

O significado da carta ressoou.

Chegamos ao Tentro. A noite embalava os presentes, leves e desafetados. Pareciam tão apáticos ao que acontecera na Zênite. Detive-me sob as hololuzes, que nos banhavam na

vida noturna. Os zênitas sempre foram indiferentes ao que acontecia abaixo deles. Talvez agora os netherianos estivessem satisfeitos com uma vingança imperceptível, demonstrando o mesmo desinteresse.

Quando nos aproximamos do Oásis Onírico, arqueei a sobrancelha, curiosa. Por que aqui?

A melodia serpenteava pelos cantos, transbordando para além das paredes, um chamado vivo ao fluxo da noite. Luzes violeta, rosa e azul se acendiam em reflexos dançantes na penumbra, numa sinfonia de brilhos efêmeros. A fumaça ondulava do interior, subindo em espirais ao encontro do céu, como um sussurro que se dissolvia nas alturas. Na entrada, a fila se estendia como um rio infinito. Porém, Kiara rompia barreiras. Atravessou a porta e ritmou a noite.

Fui logo atrás.

Quando entrei, vi algo inusitado: uma androide injetava alguma coisa nas veias de Saymon. Ele estava sentado num sofá, com a cabeça inclinada para trás e a manga do casaco levantada, expondo o antebraço tatuado. Um homem sussurrou em seu ouvido e acariciou seu peito, enquanto os demais permaneciam sentados a certa distância, demonstrando desconforto.

A androide retirou a seringa e acomodou uma perna sobre a dele, descansando a cabeça em seu ombro.

Interessante.

Saymon trouxe a cabeça para a frente. Nossos olhos se cruzaram. Seu olhar indomável me transpassou como um relâmpago.

Estremeci.

O rosto dele se contraiu num sorriso irresistível de exultação. Saymon se levantou rapidamente, deixando os dois a encarar suas costas com expressões de dúvida, e veio em nossa direção.

Sua aura irrequieta me envolveu.

Prendi a respiração.

"Você veio cedo… que surpresa agradável", sussurrou no meu ouvido.

Arrepiei-me.

Ele encarou Kiara. "Kiarinha… ♪"

Ela cruzou os braços. "Bora com essa porra."

Saymon riu roucamente, baixinho, fazendo um gesto com os dedos. "Sabe brincar? Tsc. Venham."

Kiara e eu nos entreolhamos antes de segui-lo pelos corredores até a sala de Gill.

Quando Saymon cruzou a porta, três mulheres e um homem seminus rodeavam o ciborgue.

Gill levantou a cabeça, e os quatro se empertigaram. "Sim?"

"Pode me emprestar sua sala por um momento?" Saymon sorriu amigavelmente com os olhos.

Argh. Maia era tão parecida.

Gill pareceu considerar seriamente a resposta. Então se levantou e chamou os outros. "Fique à vontade." Fechou a porta atrás de nós.

Encostei-me na parede, enquanto Saymon caminhava devagar pelo cômodo até se apoiar na mesa. Uma atmosfera intangível o rodeava. Ele tinha plena ciência da própria inevitabilidade. "Cadê?"

Kiara girou o MetaCore e o guardou novamente. "Primeiro, o nome."

Saymon contemplou o gesto como uma raposa. Riu suavemente, com ardileza, estalou a língua e puxou o ar pelos dentes trincados. Então caminhou na minha direção.

Contive o ímpeto de recuar.

Ele se curvou sobre mim. "Essa máscara destoa de você,

Akikozinha." Antes que eu reagisse, suas mãos destravaram o fecho. A máscara se soltou e caiu no chão. "Calma. Nada farei. Só conversar." Saymon gesticulou para Kiara, que cerrava os punhos, envolta numa aura fervente. "Você é fascinante", disse ele, numa voz sedutora. "Talvez seja mais do que esse rostinho bonito que conquistou Maia." Tocou meu pescoço e acariciou meu maxilar.

Tentei me afastar, mas o concreto me impediu de escapar de seu toque.

Kiara socou a parede com furor. O impacto rasgou o concreto, abrindo um rombo no nanometal e nos nanocircuitos. Fragmentos se soltaram e despencaram em cascata, estalando secamente contra o chão.

Saymon nem sequer piscou.

"Para com essa porra, você tá drogado!"

"Maia escolheu a própria morte… eu escolhi a minha."

Arregalei os olhos. Meus lábios tremeram, e o coração se apertou. De repente, o ar pesou e o espaço entre nós desapareceu. A frase dele se alojou na minha mente como um espinho. O que ele quis dizer com aquilo? O que estava insinuando? "O quê…? N-não… ela não… d- do que você está falando?"

Ele abriu os olhos, deslumbrado. O dourado cintilou nas íris. "O que você achava que não?" Sorriu, divertido. Nunca pensei que sorrisos pudessem machucar. Aquele estava prestes a fazer isso.

Um nó se formou na minha garganta, e cada palavra doeu ao sair. "E-ela não faria… isso."

Seu sorriso cínico se alargou, espetando pregos no meu coração. "Você não a conhecia para saber do que ela era capaz."

"E-ela não faria isso… S-sei que não se mata…" Meus múscu-

los se retesaram, e lágrimas desesperadas se acumularam nos olhos. Eu sei que não.

Saymon acariciou meu rosto, exalando uma aura calorosa. "Acha mesmo que a conhecia? Você só foi uma distração para ela."

Estanquei. Sangue escorreu do lugar onde o prego estava. Ele disse *distração*?

Ah, a raiva… aquele sentimento tão incompreendido, capaz de gerar trevas no lugar de caos e uma série de desentendimentos.

O calor subiu pelo meu pescoço. O coração martelava como um tambor musical, meus dedos tremiam, e o gosto metálico da fúria se acumulou na língua.

A raiva foi uma propulsora. Teceu uma faísca, que virou chama, transformando-se em incêndio. O fogo se alastrou pela minha corrente sanguínea, bombeou flama até meu coração, deixou labaredas em cada átomo, percorreu meu corpo inteiro e se acumulou na minha mão. Cravei o fogo. Tomada pela raiva, marquei o rosto de Saymon como ferro em brasa. Sua face ardeu com minha fúria.

Ele cambaleou para trás. E gargalhou, escarnioso. Levou a mão à bochecha vermelha. Seus olhos dourados brilharam, mas… não de fúria. Algo novo dançava ali. Uma fagulha de reconhecimento, de deleite, como se eu tivesse acabado de provar alguma coisa para ele.

Arfei. Meu peito subia e descia, acompanhando o calor tórrido do corpo. Cerrei os punhos, tentando conter a cólera.

Saymon continuava rindo com mordacidade, tomado por uma diversão que cabia somente a ele. A risada diminuiu aos poucos, transformando-se num sorriso familiar e genuíno, que me comediu. "Sabe, ela fez a mesma coisa. Um pouco mais

forte…" Ele riu novamente, deliciando-se com o sentimento por trás do próprio riso. Saymon se apoiou na mesa e abaixou a cabeça, pensativo. Em seguida, ergueu-a. Seu olhar comedido. A aura exalava abrandamento. As feições se suavizaram, quase tristes, congeladas numa melancolia um tanto apaixonante.

Então, ele falou.

E fez desaparecer momentaneamente todos aqueles pregos no meu coração, depositando um calor cálido em seu lugar. Naquele instante, enquanto o outono gelado cortava minha pele, o frio inexistia. Porque eu queimava e o fogo me embalava.

RAPOSA

UNELUNA DE 2878

"Uneluna une céu e estrada em fio firme. O mês desce em prata, preparando o portal. Libeluna abre leve: brilho novo no ar. A história segue clara, em maré viva."

SAYMON

Eu estava em um dos últimos andares de um prédio qualquer na Centrália, olhando pela vidraça os seres patéticos lá embaixo. Vinham e iam, configurando seus biochips miseráveis na tentativa de se proteger de uma chuva devastadora. Aquele dia, como tantos outros, havia acordado chorando.

CLIC Um estalo ecoou atrás de mim. A porta se abriu com facilidade. Mesmo que eu tivesse trancado a nanoporta, as nanofechaduras se curvariam para ela, e os nanocadeados se dissolveriam como tinta aquarela.

Maia diminuiu a distância entre nós. Um som estranho a acompanhava. Esqueci-me de onde o ouvira pela última vez. Talvez fosse uma memória ilusória. Afinal, haviam se passado tantos ciclos.

"O que é isso?" Encarei a bola de pelos cinzas, que cheirava o ar com precaução.

"O que você acha que é?" Ela intolerava perguntas óbvias.

O animal explorava o lugar, farejando tudo ao redor. Aproximava-se de alguma coisa, voltava a cheirar mais adiante e só então continuava andando. Muito cuidadoso.

"O que isso está fazendo aqui?"

Maia também olhou para o bicho. "Você vai cuidar do Orion."

Ajeitei os ombros para trás. "O que te faz achar que vou cuidar de… peraí, você nomeou *a coisa*?"

Ela me fitou com um olhar que continha uma ameaça. "Você vai… e vai cuidar muito bem dele."

Suspirei e voltei os olhos para a vista. "Que seja."

Maia juntou-se a mim diante da vidraça.

"Vai mesmo fazer isso?", perguntei.

"Sim." Ela estalou o pescoço. Embora suas feições estivessem suaves, quase alegres, a tensão acumulada nos ombros era notável. Uma felicidade intocável.

"Tudo por uma…" Talvez tivesse escolhido mal a palavra. "Distração?"

Seu olhar pesou sobre mim. "O que disse?"

Bem, ela me dera outra chance. Mas era tão divertido jogar com as probabilidades.

Sibilei: "Tudo por uma distra—" O ar pesou, e seus músculos se tensionaram. Por um instante, soube o que aconteceria. Ainda assim, fiquei.

A força invisível do soco de Maia me atingiu. Ela enterrou o punho no meu rosto com vontade, fazendo-me perder o equilíbrio. Levei a mão à boca e observei o vermelho do sangue se acumular nos dedos. Lambi os lábios, provando o gosto férreo. Era bom. Sorri.

Maia me agarrou pela gola. Seu olhar queimava de fúria. "Nunca mais…" Ela não precisava terminar. A ira condensada

em sua aura falava por si.

Alarguei o sorriso. "Você ficou forte."

Maia me ergueu com ela e pousou um olhar indistinto no horizonte. "É… você já não consegue me acertar como há vinte ciclos."

"Quantas vezes vai se lembrar disso? Sabe que fiz aquilo para te proteger." Massageei o maxilar latejante.

"Então, você sabe como é… machucar para proteger," ela disse. A dor dela parecia ganhar textura a cada letra. Seus olhos se pigmentaram de um brilho repentino, mas a frieza logo retornou ao seu lugar, cobrindo-os com um verniz opaco.

Permanecemos apreciando a vista.

"Fez o que te pedi?", Maia perguntou.

Apoiei o braço no vidro. "Fiz. O nome dele é Pavel. Será um nanoengenheiro de androides terceirizado da Kokusai no condomínio. Assegurei isso em pessoa."

"Obrigada."

"Tem mesmo certeza de que vai fazer isso?" Repeti a pergunta. Talvez procurasse uma resposta diferente, embora soubesse que era em vão.

Maia assentiu.

Eu quase sorri. "Então… ela te desacorrentou?"

Maia sorriu de lado. "Vamos?" Ela se virou e acariciou o gato.

Encarei o animal deitado no sofá, que já parecia se sentir em casa. Talvez ele entendesse melhor do que eu o que estava acontecendo. Talvez eu e ele tivéssemos mais em comum do que eu supunha.

RESPOSTA

Saymon pigarreou e encarou Kiara.

Porém, eu precisava entender melhor aquilo! Principalmente agora, quando… "O-o que isso significa? V-você… Pavel era…?" A lembrança veio com força.

Um androide dele? Por que Maia pediu isso? Fiquei zonza. E Orion? Ela… Pavel… Orion… As peças começaram a girar. Maia pediu isso. Maia previu isso. Maia…

Saymon tocou minha cabeça como se eu fosse uma criança. "É, é isso que você está pensando."

Meu coração palpitou. Uma peça. Encaixei uma única peça de um quebra-cabeça gigante. Finalmente, alguma coisa fazia sentido. Ele foi contratado em outubro de 2878? Por quê? Foi ela quem pediu…? Meus olhos arderam, e lutei contra o choro. Saymon me deixou entregue àquele alvoroço e caminhou até Kiara.

"Então?" Ela descruzou os braços.

Saymon se aproximou e sussurrou alguma coisa em seu ouvido enquanto pegava o MetaCore.

Kiara cerrou os punhos. A tensão percorreu seu corpo como eletricidade, contorcendo-lhe a face em raiva. Seus olhos violeta queimaram como brasas incandescentes. "Seu desgraçado!", rugiu.

Saymon sorriu com ironia e se afastou preventivamente. Um tapa já havia sido suficiente naquela noite, e um ataque de Kiara parecia algo que ele preferia evitar.

Ela o agarrou pelo casaco, aproximando os rostos, mas ele permaneceu impassível. "Seu maldito desgraçado!"

Do que ela estava falando? Eu estava tão atônita que me esquecera do motivo pelo qual estávamos ali. Atônita e feliz, principalmente depois de ouvir sobre Maia.

"Sabe, podemos matá-l…", murmurou Saymon.

Não consegui captar o restante. Do que eles estavam falando?

Kiara o soltou. Retesou todas as amarras soltas de sua ira e colocou-as em ordem. A hora de descarregá-la seria outra. "Vamos, Akiko." Ela me entregou a máscara. "Não temos mais nada pra fazer aqui."

Franzi a testa, confusa. O que eu havia perdido enquanto pensava em Maia? Saymon dissera quem era o contratante? Por que Kiara agia daquele jeito? Parecia que uma bomba havia atingido o lugar, desordenando tudo.

Procurei uma resposta em Saymon. Enquanto analisava o MetaCore com atenção, sua expressão me fascinou. Havia mais em seu rosto do que o prazer de ter conseguido o que queria. Um ar rebelde abrigava uma insurgência que me inquietou.

Senti-me intrigada com o conteúdo do cilindro. Entreabri os lábios para falar…

BUUUUUMMM! Um estrondo me silenciou. Gritos e mais gritos se acumularam em uníssono. Meu pulso disparou, a adrenalina me colocou em alerta e meus pelos se eriçaram.

Kiara agarrou meu pulso, e corremos para fora. Saymon vinha logo atrás. Ao cruzarmos a porta, cobri a boca numa tentativa de conter a bile.

A F.T.A. sobrevoava Netheria. "RENDAM-SE IMEDIATA-

MENTE!"

WHIRRR! Lançavam nanominibombas equipadas com nanobarreiras, destruindo barracas. Corpos se amontoavam nas ruas, enquanto restos robóticos e humanos flutuavam num mar vermelho que se apoderava do chão lamacento.

"VÃO SE FODER, ZÊNITAS DESGRAÇADOS!" Os mercenários contra-atacavam.

ZZZZT! ZZZZT! ZZZZT! Trocavam tiros. **KRA-KOOM!** Bombas atingiam a artilharia aérea e os androides militares.

Kiara continuou me puxando, e ignorei meu tornozelo arquejando de dor.

FWOOOSH! **BUUUUUM! BUUUUM!** As explosões me ensurdeciam. Meu coração latejava nos ouvidos, e a visão se desfocava diante do pandemônio. "K-Kiara…"

BUUUUM! BUUUUM! BUUUUM! As explosões se sobrepunham a qualquer outro som.

Kiara pegou atalhos pelas vielas do Tentro, até conseguirmos nos afastar das trevas.

Corri olhando somente para a frente.

CAOS DENTRO E FORA

Alcançamos uma rua vazia do Tentro, deixando as explosões, os gritos e as trevas para trás.

"Tá doido pra caralho se acha que vou te levar", Kiara vociferou.

O carro pousou. Virei-me e compreendi imediatamente o aborrecimento da androide.

Saymon estava logo atrás de nós. Com um sorriso presunçoso, ele abriu a porta do automóvel. "Quer escolher?"

"Sim, que tal eu escolher meter bala na tua cachola? Tenho curiosidade de saber que espécie de merda vou encontrar dentro." Kiara cerrou os punhos. "Vamos, Akiko."

Eu, Kiara e Saymon. Nós três num espaço minúsculo.

Suspirei. Tão desconfortável.

Kiara o fuzilava com os olhos pelo retrovisor. Uma atmosfera volátil se formava entre os dois. Um era o combustível; a outra, o comburente. Faltava apenas a ignição. A combustão? Inevitável. Era só questão de quando.

Acumulei suposições enquanto observava suas interações. Kiara demonstrava uma impaciência profunda com Saymon, e não me parecia absurdo imaginar que algum dia se voltaria contra ele. Saymon, por sua vez, pisava em ovos com a leoa. Afinal, certamente precisava dela.

E quanto a mim? Apequenei-me ao lado dele. Suas semelhanças com Maia eram perturbadoramente incômodas, mesmo que os dois fossem completamente opostos. Saymon era imprevisível, e aquela incerteza me assustava. Havia brincado comigo, atravessando limites que eu sequer imaginava permitir que alguém tocasse.

Porém, além da raiva, eu sentia um fascínio semelhante ao que nutria por Maia. Queria mergulhar naquela indomabilidade, descobrir qual seria seu próximo passo, seus pensamentos, suas intenções. Era confusa a vontade paradoxal de segui-lo e evitá-lo.

"Você sabia que isso aconteceria." Kiara apertou os dedos contra o volante.

Saymon abriu um sorriso sardônico. "É verdade. Essa era uma das três situações que previ. Eles só mostraram que eram mais idiotas. Enfim… nos leve para esse endereço."

"Por quê?"

"É seguro." Ele pousou os olhos na paisagem.

Kiara relaxou os dedos. Embora soltasse um sonoro "Tsc", concentrou-se em dirigir.

Permanecemos no mais absoluto e incômodo silêncio.

Voávamos em direção ao nordeste por uma aerovia abandonada. Uma nuvem amarelada pairava sobre o Abismo Infinito, suas regiões negligenciadas, ermas e perigosas, vizinhas das Terras de Ninguém. Quando a aerovia terminou, seguimos por terra.

Aerolâmpadas esparsas iluminavam a escuridão que vestia o celestial. Campos queimados se estendiam por quilômetros de ambos os lados. Então avistei a primeira placa, deteriorada pelo tempo: *'Boas-vindas à cidade de Ribeirão Preto.'* Uma das muitas cidades varridas pela devastação. A natureza havia se apoderado

dos edifícios, carros, ônibus e estruturas destruídas. Um ar acinzentado estendia uma cortina sobre o cenário desolador, transformando tudo em ruínas.

"O que aconteceu aqui?", perguntei, um tanto chocada.

Esperava que Kiara respondesse, mas foi a voz de Saymon que cruzou o ar, arranhando meus ouvidos.

"É engraçado como vocês zênitas são tão ignorantes a tudo ao seu redor." Ele soltou uma risadinha sarcástica. "Exceto por São Paulo e algumas cidades, todas as outras foram abandonadas pela Rede Aether e bombardeadas." Saymon manteve o olhar frio no horizonte.

Minhas bochechas arderam. "E-eu…" Ah, quem eu estava querendo enganar? É claro que eu sabia da situação de outras cidades. O que ultrapassava meu imaginável era a dimensão daquela precariedade e devastação. "Foram bombardeadas por quem?" Preferi desviar o assunto, ciente da minha ignorância.

Saymon pousou sobre mim aqueles olhos insensíveis, que transmitiam certa crueldade. Roçou os dedos nos lábios. "Interessante." Virou-se e nada mais disse.

Desviei o rosto. Até mesmo seus movimentos eram semelhantes aos de Maia. Achei que enlouqueceria.

Passamos por Jardinópolis e, depois, por Batatais. Ambas estavam em ruínas, intocáveis de um jeito terrível, como uma poesia antiga de versos abomináveis e inalteráveis. Lugares onde a salvação parecia inalcançável. Era natural que seus habitantes tivessem escolhido emigrar para a capital.

Chegamos a uma área mais decente, onde muros circundavam a cidade. Pela ordem dos municípios que havíamos atravessado, estávamos em Franca. O nome me era familiar.

Kiara voou sobre o muro. A metrópole também sofrera com a destruição, mas havia sido reestruturada. Bases, galpões e

armazéns se espalhavam pelos oitenta quilômetros de área. Não havia vivalma. Que lugar era aquele? O nome era tão… tão familiar.

A androide estacionou diante de um armazém menor que os demais, cujas paredes de nanometal estavam imundas e enferrujadas. Um vento cálido tornava ainda mais sinistro o clima da madrugada, contribuindo para a energia bizarra e pesada daquele lugar.

Um estremecimento percorreu minhas costas. Pisei no solo com o tornozelo dolorido e contive um gemido. Enquanto tentava desvendar o que era aquele espaço, uma agonia começou a crescer em meu coração. Então, as lembranças vieram de uma vez. "Aqui é…" Engoli em seco e cerrei os punhos.

Ninguém precisava responder. A Rede Aether havia afirmado que aqueles recintos não existiam mais e que os pacientes tinham sido transferidos para hospitais próprios. Essa fora a resposta oferecida à população, inclusive àqueles que protestaram contra tamanha desumanidade.

Era tudo mentira? Eu… Eu ainda tinha dúvidas?

Aquele era o Refúgio Ren-10, um dos estabelecimentos destinados ao confinamento de doentes. A maioria dos pacientes tinha Vaktiria, uma infecção que afligia trinta por cento dos brasileiros e afetava principalmente a Centrália, Netheria e o Abismo Infinito. O refúgio também abrigava portadores de outras doenças classificadas como intratáveis ou incuráveis.

Autoridades de Franca haviam flagrado e denunciado os abusos cometidos ali. Os doentes eram utilizados em testes, submetidos a situações indignas sob a justificativa de que suas mortes seriam inevitáveis.

O cheiro de ferrugem e podridão ainda impregnava as paredes. Imagens fantasmagóricas pareciam dançar na poeira

do chão. Pessoas já estiveram aqui. Pessoas morreram aqui. E silenciaram sobre isso.

Apoiei as mãos nos joelhos, nauseada.

Saymon se aproximou com um ar de indiferença. "A Rede Aether não os transferiu para hospitais. Deixou-os à própria sorte. Autoridades locais? Silenciadas. Fugas? Nanobarreiras impediam. O que os matou…" Ele se calou.

Era desnecessário terminar. O silêncio se expressou sozinho. Palavras invisíveis socaram meu rosto. Foi a Rede Aether que bombardeou as cidades? O próprio Estado? O próprio povo? A saliva doeu ao descer. Tudo para encobrir uma mentira?

Claro que ninguém falaria nada. Ninguém nunca falou nada. Como lutariam se a Rede Aether estava por trás de tudo naquela sociedade? Como se esquivariam de uma força quase onisciente? Como? A pergunta permaneceu na minha mente, e, com ela, a raiva cresceu.

"Vamos entrar." Saymon caminhou até a porta.

Kiara tocou meu ombro. "Ei… você tá bem?"

Mordi os lábios, nervosa, e esfreguei a testa suada. "Não sei… acho que sim. É muito para processar."

Ela me olhou com compreensão, envolveu-me num abraço e me conduziu até a entrada.

Saymon tirou o Nove de Paus e passou a carta pela fechadura. Os pixels se agarraram ao nanometal.

CHAK O fecho se abriu.

Ele empurrou o portão, e seguimos logo atrás.

Assim que entramos, uma luz branca, quase ofuscante, se acendeu, revelando a poeira adensada no ar. Um neon esverdeado cintilava nas paredes. Irrastreável. À prova de som. Armários, mesas cobertas de folhas, caixas e objetos obsoletos enchiam o ambiente. Saymon apoiou-se numa mesa, Kiara

permaneceu de pé e eu me sentei numa cadeira.

"Vai dizer que porra você tá planejando?" A leoa cruzou os braços, envolta em sua aura ebuliente.

Saymon sorriu com charme e penteou os cabelos para trás, mas os fios voltaram a cair sobre sua testa. A metade branca resplandeceu sob a luz. "A Rede Aether tomou a decisão mais estúpida, pois os vídeos desse ataque circulam pela internet. Os cidadãos estão questionando a legitimidade e o conteúdo da sessão secreta, então a base e o meio dessa pirâmide estão desmoronando." Ele pegou o baralho e lançou as cartas em cascata de uma mão para a outra. "É questão de tempo até a Zênite cair."

"Isso são ordens da Matriarca e do Patriarca?"

Saymon jogou a cabeça para trás e gargalhou ladinamente. Sua risada pícara ecoou pelo armazém, como se dançasse pelo ar.

Remexi-me na cadeira.

Kiara esperou que ele esgotasse o prazer acumulado.

Quando finalmente se calou, seu olhar estava feroz, ardendo de impetuosidade. "Eles não me deram ordens. Eles não me dão ordens. Eles nunca me deram ordens." Alargou o sorriso astucioso. "Mais do que a Zênite, eu quero ver Netheria ruir." Sua voz carregava inclemência.

O silêncio pesou no ar.

Kiara permaneceu imóvel, os olhos faiscando.

Um arrepio percorreu meu corpo inteiro, e apertei os braços da cadeira. Por que aquilo? *Argh*. Agoniava-me tentar acompanhar seus pensamentos.

Kiara sustentou o olhar um tanto alucinado de Saymon. Mais uma vez, parecia existir uma conversa invisível entre eles. Ela beliscou a ponte do nariz. "Foda-se. Dou zero fodas pra essa

porra."

Saymon sorriu obliquamente. "Kiarinha, quero que vá atrás dos itens de Maia."

Minha espinha ardeu com a rapidez do arrepio que a atravessou. *Ele sabia.*

"Estão na Centrália. E como a Zênite está cercada pela F.T.A., ou seja…" Olhou de mim para Kiara. "Vocês duas vão."

Kiara colocou a mão no quadril, mantendo o semblante irado. "Que merda te faz pensar…"

"Você sabe… e tenho outros planos." Saymon tirou um nanochip do casaco. "Ficaremos conectados com isso. Não. Você não será minha androide. Não teremos uma conexão atômica." Ele arqueou a sobrancelha, sugerindo um sorriso de satisfação.

Um nanochip? Aquilo… não… se era isso… não. Não poderia ser. Chacoalhei a cabeça e me forcei a acompanhar a conversa.

"Você é um nanomerda." Mesmo exalando uma ira resignada, Kiara pegou o nanochip, clicou na própria testa e o instalou. Os olhos dos dois luziram em azul-claro, depois ficaram pretos. Em seguida, as cores originais retornaram: o cinza dos olhos de Kiara e o dourado dos de Saymon.

Ele me prendeu em seu olhar magnético. "Quanto ao contrato, não há nada que eu possa fazer. Será ativado daqui a uma seluna. Mercenários vão iniciar a caça. Então se juntem a nós o mais rápido possível." Saymon sorriu de lado, raposino, e mirou Kiara.

"N-nós?" Minha voz quase falhou. Pigarreei.

"Ah, sim…"

"Por que tá fazendo isso?" Kiara o interrompeu, estreitando os olhos ferozes.

Saymon endireitou os ombros, e sua aura enigmática voltou

a envolvê-lo. "Porque—"

SKREEECH-THUMP! De repente, um estrondo ecoou lá fora. Algo se chocara contra o solo. Um automóvel com falha na aterrissagem havia utilizado o para-choque como freio. O barulho cessou. Passos pesados se aproximaram pela lama fofa, cada vez mais próximos da porta aberta.

"O papi chegou!" Denden rugiu ao cruzar a entrada.

Abriu os braços e sorriu calorosamente. Trajava um casaco pesado e carregava a Rompe-culos nas costas, além de duas nanoarmas presas à cintura e às pernas. Seu rosto, livre de sangue naquele momento, carregava diversas cicatrizes: algumas pequenas nos lábios risonhos, outra que cruzava o olho esquerdo e uma que ia do maxilar até a pálpebra direita.

Seu olhar indomável me lembrava um jaguar. "Olha quem tá aqui… A chica, aprendiz de Kiara." Denden colocou as mãos no quadril e sorriu afetuosamente. "Sabia que viveria, muchacha."

Seu carisma me cativava. Sorri de volta.

"Denden?" Kiara riu com ironia, gesticulando na direção dele. "É isso que você quer dizer com *nós*?"

WHOOOOSH! Uma rajada de vento se propagou do lado de fora. Hiperventiladores funcionavam na parte inferior de outro automóvel. Reconheci o som. Vinha de veículos antigos, relíquias que já não eram fabricadas e haviam se tornado itens de colecionador.

"Porra… Vai dizer que…" Kiara esfregou as têmporas.

Trix surgiu carregando um enorme nanorrifle de precisão nas costas. Vestia calças militares esverdeadas, uma regata encardida, duas bandanas—azul e rosa, uma em cada braço—e uma máscara preta.

Seus olhos percorreram o ambiente, detiveram-se por um instante em Kiara e, em seguida, desviaram-se para Saymon.

"Que merda é essa? O que esse puto tá fazendo aqui?" Trix acenou na direção de Denden, que arregalou os olhos.

"O que eu tô fazendo aqui?!", ele exclamou, apontando para ela. "O que você tá fazendo aqui?!"

"Cala a boca. Não falei com você, svoloch'."

"A muchacha quer levar um tiro?" Denden sentou-se e pegou a pistola, mantendo o rosto sereno.

Trix apontou uma adaga para ele e arqueou a sobrancelha. "Minha lâmina é mais rápida que seu gatilho. Quer testar, *mu-cha-cho?*"

Saymon e Kiara sorriam.

O que estava acontecendo? Minha cabeça latejava diante da tentativa de acompanhar aquilo tudo. Como conseguiam se divertir apontando armas uns para os outros? Eu me sentia perto de uma bomba prestes a explodir. Com o coração a mil, engoli em seco.

Cron passou pela porta, carregando a metralhadora Gatling nas costas, aparentemente à vontade com aquele peso. Como conseguia? A arma parecia tão pesada. Se bem que ele era o maior homem que eu já conhecera.

Cron avançou em silêncio, com um ar de superioridade, e parou entre os dois. Os tubos de sua máscara borbulhavam com um líquido vermelho. Minha curiosidade se acentuou. O que poderia ser aquele líquido?

Cron coçou a barriga. "Achou mesmo que colocar esses dois juntos daria certo?"

Evitei arregalar os olhos diante de sua dicção perfeita. Ele nem parecia o louco alucinado que eu conhecera nas Terras de Ninguém e que invadira o Parlamento.

"Cronzinho", chamou Denden, mexendo a arma. "Cabrón, é melhor sair da frente pra não se machucar."

Cron o fuzilou com os olhos azuis e cruéis. "A bala ricochetearia de volta para você. Só que você já sabe disso." Saiu da frente e se sentou sobre uma mesa.

Kiara observava, irritada, a espirituosidade de Denden.

Ele guardou a arma, divertido. "Kiara, dá um jeito na sua muchacha aí. Ela só escuta você." Abriu um sorriso provocativo.

Trix continuou com a adaga apontada.

"O quê? Acha que consegue esconder?" Denden riu, jogando o corpo para trás. "Os olhos, chica, nunca mentem."

Arqueei a sobrancelha. Trix abaixou a lâmina. Cron soprou uma risada aguda. Saymon sorria insolentemente, enquanto Kiara perdia a carranca, contendo um sorriso.

"Tá assistindo muito Scarface, svoloch." Trix meneou a cabeça em negativa. "Foda-se. Você vale menos que um centavo de tempo."

Ela parecia querer rir.

Denden fechou a cara arteira.

Trix cruzou os braços e se virou para Saymon. "Vai responder que caralho é isso?"

"Cron?" A voz atinada de Saymon calou até as respirações.

Cron retirou uma sujeira das unhas, indiferente. "Os merdas atacaram as Terras de Ninguém."

O silêncio reinou.

A Rede Aether atacara as Terras de Ninguém?

Um nó se formou na minha garganta. Meu coração palpitou com uma raiva crescente, não apenas pelos mercenários armados, preparados e audaciosos o bastante para revidar, mas principalmente pelas centenas de famílias e crianças que viviam ali, pessoas cuja possibilidade de escolher outro lugar para viver lhes fora arrancada. Elas apenas queriam viver na normalidade.

Trix permaneceu impassível. Denden cerrou os punhos. Eles

não sabiam?

"Trix?" Os olhos dourados de Saymon pousaram na mercenária.

Quando ela retirou a máscara, a cicatriz em suas bochechas reluziu. Porém, outra coisa me chamou ainda mais a atenção: um símbolo cinza cintilava em sua têmpora direita.

Os olhos de Denden se arregalaram.

Kiara descruzou os braços. "Você…"

O silêncio vibrou.

Trix abriu um sorriso satisfeito. "Sou a nova Matka russa do Vorovskoy mir."

Um calafrio intenso subiu pela minha espinha.

Saymon apenas sorriu. "Denden?"

Ele estalou a língua, desviando o olhar de Trix. Meneou a cabeça com confiança e soltou uma risada afetada. "Muchacho, o cabrón oyabun do Clã Kageyama tá aqui." Apontou para a palma da mão. "Quem não estaria após lidar com el monstruo?"

Saymon endireitou os ombros e sorriu em deleite. "Certo. Vamos começar."

MENSAGEM

A sonolência e a exaustão me deixavam lenta, mas eu era incapaz de fechar os olhos para dormir. As ideias rondavam meu espírito enquanto tentava processar as palavras de Saymon, que haviam me roubado a paz. A sucessão de acontecimentos anunciados parecia insignificante diante do ferimento aberto em meu coração. Suas palavras sobre Maia esmagavam meu âmago. A dor daquela possibilidade…

Tinha que ser mentira. Ela não faria aquilo. Eu sei que não. Agarrei o peito, sofrendo com o pensamento, e apoiei a cabeça numa prateleira dura, escondida entre os armários. Kiara se preparava para nossa partida. Droga. Eu só queria relaxar. Queria dormir.

Saymon se aproximou em silêncio, encostou-se na parede perto de mim e estalou o pescoço, exalando profunda indiferença.

Empertiguei-me. Seus olhos pesaram sobre mim. No entanto, era difícil encará-lo. Talvez o que me impedisse fosse a inevitável semelhança com Maia. Doía olhar para ele.

"Ei", chamou. "Ei, aqui." Segurava alguma coisa nas mãos. Antes de observar o objeto, meus olhos percorreram seus dedos, cobertos de tatuagens pretas que escondiam cicatrizes. A maior delas cruzava o dorso de uma das mãos e acentuou minha

curiosidade.

Ergui o olhar até seu rosto. Eu realmente o havia notado tão pouco?

Havia uma cicatriz no lábio superior esquerdo. Os fios de cabelo escondiam outra, no meio da testa, diferente das demais. Apesar de quase imperceptível, seu formato me causou desconforto, pois sugeria algo que ia além de um mero machucado.

Os olhos dourados de Saymon me exploravam com a mesma intensidade, como se escrutinassem minha alma. Remexi-me na cadeira, inquieta, mas aquele olhar me mantinha atraída.

Era quase como se eu pudesse vê-la. Os mesmos olhos gélidos. Não. Eram outros. Saymon não era Maia. Ela se foi. Ela se… engoli o choro e concentrei a atenção no item entre seus dedos.

"Ela me pediu para te entregar isso." Saymon se curvou sobre mim e ofereceu a *Dama de Copas.*

Estudei a carta. Pixels violetas e azuis dançavam sobre sua superfície.

"Pegue. Vai se conectar com o seu biochip e revelar o conteúdo. É uma mensagem de Maia para você."

Hesitei. Mensagem? Engoli em seco quando nossas mãos se tocaram. O calor da pele dele era o mesmo de Maia, e meu coração palpitou descompassado, tomado por uma emoção que eu não queria admitir. Meus dedos tremeram ao receber a carta. Uma conexão percorreu minha mão, e acariciei a superfície com a ponta da unha. "O que significa a carta?"

"Algo oculto." Ele sorriu, perspicaz, e piscou.

Estava prestes a sair quando o chamei. "S-Saymon… o que você disse… é mentira, não é?" Pisquei com força, sentindo o peso da pergunta e, sobretudo, o medo da resposta.

Ele se inclinou sobre mim, exercendo a pressão arrasadora de sua aura sinistra. "Seja mais específica, Akizinha. Eu disse muitas coisas." Abriu um sorriso maldoso e foi embora.

Um calafrio percorreu minha espinha como uma descarga elétrica. Minha respiração presa demorou a escapar, mas, quando finalmente consegui soltá-la, senti parte do peso saltar dos ombros.

Saymon me afetava mais do que eu gostaria por causa de suas semelhanças absurdas com Maia. Os mesmos traços selvagens, o semblante frio e cauteloso, os movimentos e gestos, o jeito de falar. Ambos pareciam conscientes do próprio poder de abalar quem os ouvia.

Ele me causava um fervilhamento semelhante. Chacoalhei a cabeça. O pensamento voltou a arder. Por quê, Maia?

Aquela era a situação mais dolorosa, a que mais me atormentava. A vida acontecia, mas eu me sentia vazia. Pouco importava para onde fosse, o que aconteceria ou quais fossem os motivos. Qualquer que fosse o caminho escolhido, mesmo que desvendasse todos os mistérios de Maia, eu continuaria sozinha. No fim, ela não estaria lá.

Meus olhos arderam. Ela continuava tão viva nas minhas lembranças. Agarrei a carta com vivacidade. O que Maia me diria? Que fez aquilo? Que… eu só não queria ouvir que havia sido para me proteger. Isso… eu não perdoaria. Meu rosto queimou. Por que ela não confiou em mim? Deu um jeito sozinha. Juntas, poderíamos ter feito alguma coisa.

Respirei fundo e aproximei a carta da minha nuca. Um entorpecimento se propagou do pescoço até a cabeça. Meu coração pareceu rasgar o peito e subir até a garganta, enquanto lágrimas desconsoladas jorravam dos meus olhos.

"Akiko?" A voz de Maia percorreu meus ouvidos e ecoou

dentro da minha cabeça. A voz dela. Sua risada rouca vibrou em cada fibra do meu ser. "Desculpe por isso. Escutar isso significa que você conheceu Saymon, né? Ele está sendo legal? Porque, se não, Kiara pode colocá-lo no lugar dele rapidinho." Outra risada agridoce.

Eu quis arrancar aquilo. Todos os meus músculos se enrijeceram, doloridos. Minha razão fracassava na tentativa de me manter firme, de conservar alguma sanidade diante do que estava ouvindo.

Trix, Denden e Cron haviam ido para seus automóveis. Eu, porém, continuava ali. Não poderia desabar naquele lugar. Tinha que conter o que sentia. Exigi de mim algo além dos limites humanos, mesmo prestes a permitir que todas as cordas que me mantinham inteira se rompessem.

Então a voz dela ressoou novamente. Tão viva. "Isso tá meio instável. Escutei uma música, quero compartilhar com você. Espero que isso g-grave d-direito…"

Uma melodia distante começou a soar, aumentando gradativamente. Uma voz masculina, grave e reconfortante, cantou:

Lutamos todas as noites por um sonho
O Sol se põe, somos os mesmos
Metade em chamas
Metade na escuridão
Temos que lutar, por amor
O que precisar
Eu te dei tudo

Silêncio.

A música continuou ecoando na minha mente. Meu peito queimava, como se Maia estivesse bem ali.

ZIII... ZII... Um zumbido arranhou meus ouvidos. "S-sinto muito… p-prometo que-e…" Um chiado irritante atravessou a gravação. "A-amo você… f-fique bem… e-eu…" *ZIIIII!* O zunido se tornou tão alto que cobri a cabeça com os braços. A carta se soltou.

O silêncio imperou.

Dentro de mim, porém, havia caos. Uma avalanche de sentimentos embaralhados avançava sem controle, fazendo o que queria comigo. Sufocava por dentro, sentindo falta de ar, como se meus pulmões tivessem perdido todo o oxigênio. Meu coração parecia prestes a dilacerar a carne que o envolvia. As lágrimas caíam descontroladamente. Abafei um gemido, sufocando tudo. Eu tinha que aguentar. Envolvi a cabeça com os braços e permaneci quieta. Tinha que ser forte. Tentei respirar. Impossível. Calma… calma… calma…

De repente, um toque leve e cálido, como uma pena, pousou nas minhas costas, despertando-me daquele estado.

Arregalei os olhos e me empertiguei, apesar dos músculos retesados. Engoli em seco, tentando engolir também os sentimentos, socando-os até que coubessem numa gaveta já transbordando.

Cron me encarava com seus implacáveis olhos azuis. Em seguida, sentou-se numa cadeira perto de mim e examinou as prateleiras ao nosso redor, certificando-se de que ninguém mais nos visse. "Kiara pediu para avisar que logo vocês vão embora. Ela estava ocupada", disse, como se justificasse sua presença. Parecia indiferente ao meu estado deplorável.

Limpei os olhos, falhando miseravelmente em me recompor, e assenti, quase implorando em silêncio para que fosse embora.

Mas ele continuou ali. Encarava-me como se estivesse se aprofundando nos confins mais íntimos do meu ser. O líquido

vermelho que percorria os tubos até o tanque em suas costas borbulhava.

Apertei os dedos contra a borda da cadeira, sem saber o que dizer ou como reagir.

Cron suspirou, ignorando minha súplica velada. "Maia continua aparecendo. Isso significa que o favor que fiz foi insuficiente." Ele apoiou uma das mãos no joelho. "O que terei que fazer para os pesadelos cessarem? Parece que ela me amaldiçoou… Talvez tenha." Coçou a testa. "Sabe sobre a habilidade de Maia?"

Meneei a cabeça negativamente. Sentia-me como um cordeiro diante de um predador. Minha intuição me alertava, sussurrando pedidos de cautela.

Cron era como o animal ilustrado em sua máscara: um tubarão que nadava incansavelmente pelos mares, capaz de captar minúsculos campos elétricos, dotado de um olfato tão infalível que podia detectar sangue a mais de três quilômetros. No caso dele, parecia captar o cheiro do terror que afligia os outros. Ali, sondava o meu.

"Não sei como funciona… A capacidade dela de…" Cron gesticulou, tentando dar ênfase ao que dizia. "Difícil explicar." Jogou os braços para o alto.

Desviei os olhos de seu rosto para o líquido borbulhante. Eu o temia, mas a curiosidade me embebia. O que era aquilo? Contive a vontade de perguntar.

"Quer saber o que é isso, não é?" Ele arqueou as sobrancelhas falhas.

Porcaria. Aquelas pessoas me liam com tanta facilidade que eu me sentia extremamente vulnerável. Para elas, era como um cristal transparente. Recuei um pouco e assenti.

"Tenho Vaktiria."

Vaktiria? Meus olhos se arregalaram ainda mais.

"Tenho há mais de dez ciclos. Isso aqui…" Cron batucou nos tubos. "É um repositor de sangue que me mantém vivo." Moveu a mão pelo tórax e pela barriga. "Implantaram um nanodispositivo no meu estômago, S-Nova, que transporta o sangue que bebo para a corrente sanguínea, repondo o sangue que essas bactérias malditas comem."

Cron bateu de leve no próprio corpo. *TUNG! TUNG!* O metal ressoou. "Revestiram meu interior com nanometal. Sabe, é para evitar sangramentos." A máscara escondia minha face contraída e a boca escancarada de espanto.

Ele tinha Vaktiria havia mais de dez ciclos… e estava vivo? DEZ CICLOS SOLARES?! Quase tropecei numa caixa, chocada demais para me manter estável. Todas as aflições anteriores foram esquecidas por um instante. Sentei-me novamente, temendo que as pernas cedessem. Precisava me recompor. Eu estava diante de algo extraordinário! "Isso é… espera aí, você bebe sangue?!"

Seus olhos escuros brilharam com algo que me pareceu um orgulho ferido. Talvez cansaço. Por um instante, Cron se pareceu com um homem que já deveria estar morto.

Sorriu de canto, mas havia pouca alegria naquele gesto. "Sim. Perco um litro de sangue por lua. Toda lunação, troco trinta litros de sangue desse recipiente. Sabe, é para repor diariamente a comida dessas bactérias desgraçadas." Ele apontou para os tubos. "As bolhas que você vê? É o sangue sendo purificado para não coagular. Senão, fica inconsumível." Cron coçou a cabeça. "Tenho que beber sangue para a S-Nova direcioná-lo para as veias. Se não fizer isso, por ter dez litros de sangue no corpo, morreria em dez luas."

"Cron, isso…" Ah, droga. Guardei a vontade de tocar seu

braço e dizer que tudo ficaria bem.

"Fique tranquila, fräulein. Isso é nada. É só mais um arranhão na pele." Esfregou os braços fuliginosos, cobertos de feridas mal cicatrizadas.

Naturalmente, comecei a analisá-lo como médica. Péssima cicatrização, plaquetas comprometidas, feridas incicatrizáveis, hemorragias imprevisíveis. Apenas alguns dos sintomas da Vaktiria. A morte por outras infecções era comum entre os portadores da doença, fosse pela entrada de bactérias através dos machucados ou pela imunidade reduzida. Aquela doença era terrível em todos os níveis.

"N-na Zênite estão produzindo uma cura para a Vaktiria. Acredito que pode ajudar. Posso…" Calei-me. Eu conseguiria aquilo? Se ele aceitasse, tentaria. Se bem que existia outra…

Seus olhos perscrutaram meu rosto semicoberto. "Sabe… a garota Maia me fez um favor. O maior favor de todos. Não gosto de dever favores. Vê isso?" Cron apontou para os fios de cabelo rebeldes. "Estou perdendo cabelo por isso. Não vou dever mais um favor, não para você."

Alguém deveria ter me detido. "Não será favor algum!"

Suas feições se contorceram de ultraje, e um arrepio me atravessou. O alerta de perigo atingiu a potência máxima.

Ergui as mãos entre nós. Não que aquilo representasse alguma barreira para ele. "E-e se eu te devesse um favor?!"

A expressão agressiva começou a se suavizar, devagar. "Que favor?"

Pousei as mãos no colo, sentindo-me um pouco mais calma. Será que ele me diria? Esfreguei os olhos, dos quais o sono havia desaparecido. "Me conte… conte o favor que Maia te fez." A frase saiu com a naturalidade com que as águas deságuam num rio. Mais do que curiosidade, era um desejo do meu coração.

Cron coçou o pescoço, parecendo considerar o pedido. "Se eu te contar, terei que revelar o que quero esconder. Por que quer saber isso?"

Engoli em seco. "Eu…" Ah, pouco importava. Suspirei. "Maia é… a minha metade." Deixar escapar aquelas palavras foi como soltar um fio de linho entre os dedos. Um universo inteiro poderia ser tecido a partir dele. Eu queria tear mais. Queria dizer tudo. Tudo o que ela significava.

Porém, diante de seus olhos azulados, brilhantes e sorridentes, nada mais precisava ser dito. "Isso explicaria…" Cron se calou.

Aguardei sua decisão. Eu lhe oferecia uma possibilidade de cura. Cron me ofereceria seu segredo mais íntimo e mais uma história de Maia. Ele me ofereceria aquilo que aquecia meu ser.

"Certo, vou te dizer. É um favor. Lembre-se de devolvê-lo. Caso contrário…" A ameaça velada no silêncio foi suficiente para que eu apenas assentisse.

EU SOU A GANÂNCIA

CRON

Sabe por que reconheço um zênita? Porque eu fui um. Ah, fui sim… Isso foi antes de a Vaktiria me enlaçar no abismo.

Eu era mais do que um advogado. Eu era O advogado. Talvez fosse mais conhecido como Advogado do Diabo. É, eu era um. Consegue imaginar?

É verdade, sempre fui um cara grande, e isso intimidava os outros. Minha presença era notável nos tribunais, nos congressos, nos palcos. Onde quer que eu fosse, tinha tudo do bom e do melhor, sempre ao lado dos mais poderosos.

As líderes da Rede Aether? Me amavam. A Sessota, a UNITED, a Kokusai e a Moana-Tūmanako? Eu era o pilar delas. O povo? Bom, esse não. Para o povo, eu era seu maior pesadelo.

Meus dois pais me adotaram em Frankfurt e traçaram minha vida. Ambos eram advogados que representavam ONGs e defendiam os direitos ambientais. Causas nobres, admito. Porém, quando entrei naquele universo, só queria duas coisas: dinheiro e poder.

Sim, até tentaram me tecer com propósitos honrosos, moldar minha essência. Talvez houvesse um caminho diferente. Talvez,

em outra vida, eu tivesse me tornado como eles. Mas não. Eu era aquilo. Sempre fui aquilo. Minha natureza era essa: eu era a ganância.

Você já deve ter ouvido falar da Nanoverse, a gigante francesa que dominou a nanotecnologia, a inteligência viva e a QN-Tec. De 2776 a 2795, ela foi soberana, mas quebrou sob o peso das sanções do Tribunal Penal Mundial (TPM), da ARG e da ARGOS.

Mas sabe o que ninguém diz? A Nanoverse não quebrou por infringir leis, e sim porque estava cotecendo algo que mudaria o mundo. Se conseguisse desenvolver o protótipo — e conseguiu —, monopolizaria globalmente o mercado nanotecnológico.

Alguns países denunciaram a companhia à ARGOS. Uma cúpula formada pelas líderes das dez principais cidades a acusou de infringir leis locais e internacionais, além de manter envolvimento com grupos ilegais, corrupção, trabalho escravo, uso inapropriado de recursos naturais e experimentos em humanos.

No fim, descobri que quase todas as provas contra a Nanoverse haviam sido forjadas.

A ARGOS também proibiu mundialmente o desenvolvimento da QN-Tec. A empresa quebrou, milhões de empregos foram riscados do mapa e o mundo despencou junto.

Todavia, foi mais do que isso.

Fragmentaram a massa falida da Nanoverse e a venderam para outras empresas. Todos queriam a técnica daquela nanotecnologia. A companhia, porém, destruiu tudo o que estava relacionado a ela.

Todas as cientistas envolvidas no projeto foram… Você sabe.

Nem mesmo hoje as três maiores empresas do ramo — Sessota, UNITED e Kokusai — conseguiram replicar a base

daquela nanoengenharia.

E onde eu entro nisso tudo?

As três se tornaram gigantes porque compraram partes da Nanoverse. E eu? Tornei-me representante da Sessota, a líder do mercado. Sim, vejo em seu olhar. Sei o que está pensando. Desgraçado. Não tenho escrúpulos, fräulein. Todos têm direito à defesa. Eu defendia esses direitos e ganhava dinheiro com isso. Muito dinheiro e controle. Muito controle.

Estava no auge quando fechamos um acordo bilionário com uma empresa de Londres e outra de Nova Iorque. Elas forneceriam a matéria-prima para uma nanoengenharia capaz de reproduzir DNAs de animais. O acordo envolvia o envio de determinados animais nativos dessas regiões para experimentos.

Algumas ONGs tentaram impedir a negociação, alegando que as espécies seriam levadas à extinção. Meus pais estavam entre os advogados dessas organizações. Foi um entrave entre mim e eles. E nós ganhamos. Eu era bom naquilo. Tinha o controle necessário para fazer a balança despencar a nosso favor. Concretizei um acordo que levou cinco animais à extinção. Porém, dinheiro e poder falaram mais alto. Eram as únicas coisas que importavam para mim. Meu lado sempre ganhava.

E não, não me arrependo. Não há espaço para arrependimento. Nunca houve. Pode me chamar de canalha. Vá em frente. Já fizeram isso antes. O mundo inteiro já fez.

O que veio depois… foi apenas o preço que paguei.

Eu vivia na Zênite. Quase toquei o firmamento. Andei entre as nuvens, vivendo sob a ilusão de controle e dinheiro, tão frágeis quanto um fio rompido.

A Roda do Destino girou. O nó se desfez e refez meu destino. E eu caí. Não. Eu me esborrachei.

…

Tudo o que construí desmoronou em segundos.

…

A natureza se vingou de mim. Fez isso da maneira mais bela e brutal. Ela me tirou tudo.

Ou melhor… Quase tudo.

A QUEDA

Eu havia vivido trinta e um ciclos solares quando sofri uma série de desmaios inesperados.

O primeiro aconteceu durante um congresso na ARG. Senti o chão subir para me engolir e, então, tudo escureceu. Disseram que o auditório ficou em silêncio absoluto. Para mim, o tempo já havia deixado de existir. Aquela queda prenunciou o que estava por vir.

A segunda aconteceu no meu escritório.

A terceira… Ah, a terceira foi minha ruína.

Eu discursava diante do Conselho Internacional de Direito quando apaguei. O cheiro de metal queimado me envolveu, e os gritos daqueles que me admiravam se tornaram ecos vazios. O gosto amargo de sangue se espalhou pela minha boca.

Acordei no Santa Geordana com um diagnóstico: Vaktiria. Disseram-me que eu tinha mais dois ciclos de vida. Que seria encaminhado para um centro de tratamento. O Refúgio Ren-10.

Ontem, eu era um dos seres mais poderosos do mundo. Hoje, um moribundo sem controle sobre a própria vida.

A Zênite não tinha espaço para fracassados. Descartou-me como lixo. Fui submetido a drogas e experimentos. Tornei-me cobaia. Um número. Utilizavam nossa doença como desculpa

para praticar o sadismo.

Sim, esse lugar onde estamos… Eu já estive aqui.

Como estou vivo? Vieram os protestos. As ONGs que eu tanto desprezara lutaram em meu favor, exigindo que aqueles centros fossem fechados.

A Une Côte, um grupo de resistência contra a Rede Aether, descobriu que os líderes haviam decidido acabar com os Refúgios-R. A Rede Aether anunciou à população que criaria hospitais especializados e transferiria os pacientes para essas instituições.

Mas mentiu. A Une Côte hackeou os sistemas de segurança de alguns refúgios e libertou os doentes.

Durante minha fuga, conheci a mulher que mudou minha vida. Eu tropeçava, perdia sangue, e minha visão escurecia sob a noite aflita quando ela segurou meu braço e gritou: "Vamos, você consegue! Corra pela sua vida!" Aquelas palavras reacenderam uma luz.

Eu havia desistido. Aceitara pagar o preço pela minha ganância. Aceitara a vingança da natureza, em todas as suas formas. Aceitara a morte. Mas aquela mulher… Ela trouxe fogo. Naquele dia, eu renasci.

A F.T.A. nos bombardeou. Explosões tomaram o ar enquanto eu corria com a visão nublada. Inalei um ar que queimava e fragmentava meu interior. Feridas brotavam pelo corpo, ardendo sobre a pele.

Eu ainda não sabia, mas acabara de cruzar os limites das Terras de Ninguém.

…

Desmaiei.

…

Quando acordei, era algo além de humano. E para sempre

serei.

Mas talvez, agora, eu seja uma anomalia em evolução.

A NOVA FORMA

Os mercenários me resgataram e implantaram um nanoprotótipo, a S-Nova, capaz de redirecionar o sangue através de nanotubos. Minha pele foi reforçada por nanobarreiras, numa tentativa de manter um corpo que já não conseguia sustentar a própria sobrevivência.

Era minha única chance. Se meu organismo rejeitasse as nanites, eu morreria. Se sobrevivesse, porém, me tornaria uma nanoarma. A dor era insuportável, e as febres, constantes. Meu corpo ardia enquanto lutava para suportar as transformações impostas à minha existência.

Eu lutei. Lutei muito. E sobrevivi.

Duas lunações depois, levaram-me para conhecê-lo.

Ele. O Patriarca. O gênio por trás de toda a nanotecnologia do mercado ilegal e o cocriador das armas mais peculiares. Ele me olhou e sorriu.

E, naquele instante, soube que nunca mais seria dono de mim mesmo. Perdi minha liberdade em troca da vida. No fim, apenas troquei as extremidades. Saí de um mundo para entrar em outro, acreditando ter escapado das correntes que me aprisionavam, quando, na verdade, apenas trocara de coleira.

E, no fundo, talvez eu tivesse gostado daquilo. Eu pertencia a ele agora. E, pela primeira vez, senti o que era estar verdadeira-

mente preso.

SANGUE E AÇO

Três ciclos solares haviam se passado quando me tornei um mercenário de classe elevada. Um fodido de marca maior. Presenciei a maldade e o sadismo impressos na carne e no metal. Pratiquei a crueldade do mundo. Descobri aquele lado da Zênite, da Rede Aether e da ARG. O verdadeiro esgoto do planeta. Tudo aquilo para o qual eu havia contribuído era apenas a ponta de algo muito mais imundo.

Naquele dia, retornava de uma missão nas Terras de Ninguém quando avistei três homens rodeando uma mulher. Eles a provocavam, rosnando ameaças, enquanto ela se mantinha em posição defensiva, com uma faca nas mãos.

Não era problema meu. Nesse mundo, nada além dos seus próprios problemas deve ser problema seu, fräulein. Não deva favores. Não seja boazinha. Empatia? Atire-a no inferno para que o capeta a abrace. Se demonstrar qualquer fraqueza, será devorada.

No entanto, havia alguma coisa que me incomodava naquela situação, e não consegui ignorá-la. Uma força superior me fez intervir.

Os três homens interromperam as provocações e me encararam. Foi distração suficiente. A mulher saltou sobre um deles e cortou-lhe o pescoço com a lâmina. Os outros dois hesitaram,

divididos entre me atacar ou se voltar contra ela.

Quando me aproximei, um deles disparou. A bala ricocheteou e perfurou o ombro do próprio atirador.

Ele tentou fugir.

Segurei sua cabecinha, que cabia perfeitamente na palma da minha mão. Já viu gelatina? Imagine apertá-la. Sentir a gosma espalhando-se entre os dedos, escutar a massa se desfazer até sobrar uma bola disforme. É como esmagar uma cabeça.

Ele caiu. Os miolos do arrombado escorreram pelos meus dedos. Ah, aquele cheiro delicioso de sangue.

O terceiro homem ainda lutava contra a mulher. Eu precisava admitir: a menina era boa. Ágil, com uma precisão milimétrica. Porém, o adversário era grande, e a força acabou se sobrepondo à agilidade. Ele a imobilizou num mata-leão. Ela tentou chutá-lo, mas foi em vão.

O homem me encarou, frenético. "FICA ONDE CÊ TÁ, CARALHO! VOU MATAR ELA, PORRA!" Seu pavor exalava.

Aspirei aquele medo e o engoli, alucinado. O terror dele alimentava minha loucura, mas continuei avançando. A mulher presa em seus braços? Debatia-se pela própria vida. Irrelevante. Eu só queria aquele homem. Queria seu sangue.

Ele entendeu que eu continuaria. Então a soltou no chão e correu.

Fui atrás dele. Meus dedos envolveram seu pescocinho, e me inclinei sobre seu corpo, esperando que a luz se esvaísse de seus olhos.

"NÃO! NÃO MATA ELE!"

Arregalei os olhos. Aquela voz?

"ELE É MEU."

Tarde demais.

O rosto arroxeado e os olhos esbugalhados do homem

pendiam diante das minhas mãos. Virei-me para a mulher.

Ela tinha o corpo robusto, coberto de cicatrizes, e vestia roupas pretas e vermelhas. Tranças se estendiam até sua cintura, emoldurando os olhos castanhos e ferozes. "Quem caralhos é você?!" Era menor do que eu esperava. Temeridade enorme.

"Você é a mulher daquela noite." Ignorei sua pergunta, fascinado por reconhecê-la. "Você me salvou."

Ela contraiu as sobrancelhas. "Se aproxime e te mato."

"Qual é o seu nome? Sempre quis saber." Um favor. Ela me fizera um favor. Não devo favores.

Seus olhos percorreram meu corpo e pararam nos meus. "Cê tá falando sério?"

"Sim. Qual é o seu nome? Sou Cron."

Ela hesitou. "Maeva."

Francesa? Fiquei boquiaberto. "Você é…"

"Cala a boca. Agora fala de uma vez. Quem é você? Por que tá soltando por aí que te salvei?" Ela me fitou com aquele olhar aterrador. Me mandou calar a boca? Corajosa.

Contemplei a pequena audaciosa. "Três ciclos atrás, você e um grupo invadiram os Refúgios-R e libertaram algumas vítimas. Fui uma delas."

Maeva cruzou os braços. "O que tu quer?"

"Acabei de te devolver o favor. Salvei você." Virei-me para ir embora.

"Que favor? Do que cê tá falando?"

Parei e esfreguei os olhos. Qual era o problema daquela mulher? "Você me salvou. Agora te salvei. É isso." Dei mais alguns passos.

Sua gargalhada me atravessou, vibrando por todo o meu ser.

Virei-me. Ela era louca?

A pequena estava dobrada, segurando a barriga, rindo como

se fosse morrer daquilo.

E foi ali que percebi… Aquele riso. Eu queria mais.

Maeva buscou ar para se recompor e abriu um sorriso divertido. "Tu é engraçado, cara. Acha que fiz isso para colecionar favores? Faço isso pelo povo, não por favores." Ela acenou. Sua risada diminuiu aos poucos, até desaparecer.

Então se virou para ir embora.

Permaneci imóvel, observando suas costas enquanto se afastava cada vez mais. De repente, já não escutava nada além de seus passos contra a terra seca.

Eu nunca havia sentido aquilo. Uma faísca. Algo emergia dentro de mim. Havia algo naquela mulher que me puxava. E eu queria mais.

Não. Não faça merda. Nada aprendeu? "Ei."

Maeva se virou, exibindo um sorriso deslumbrante.

Merda. "M-me conta mais sobre isso."

Seu sorriso se alargou. Ela apoiou as mãos na cintura. "Cron, né?" Chamou-me com os dedos. "Se quiser saber mais, me siga."

Eu segui. Segui durante ciclos!

Rompendo com tudo que aprendera. Rompendo com tudo que sabia. E alguma coisa renascia dentro de mim.

Maeva era fascinante, forte e incrível. Uma lutadora das causas justas, que defendia seus ideais como uma leoa. Enfrentava qualquer coisa. E qualquer um. Projetava a própria voz para alcançar centenas de pessoas e representar outras centenas.

Porém, nossos passados nos alcançaram quando menos esperávamos. Na pior hora possível. Na hora em que as engrenagens começaram a se mover.

SOMBRA

Fizeram um contrato em meu nome. Pergunto-me como, pois ocultava minha verdadeira identidade. Porém, isso não foi empecilho para descobrirem que eu continuava vivo. O contratante? David Anderson, diretor executivo da Sessota. Eu havia sido advogado deles. Conhecia seus segredos. Portanto, era natural que viessem atrás de mim.

Escondi meu relacionamento com Maeva por quase sete ciclos solares. Minha força. Minha fraqueza. Aquela que me fazia buscar redenção pelo passado agora era também a causa da minha insônia. Ela se tornara tudo aquilo que lutei para evitar. Era questão de tempo até descobrirem.

Maeva também foi confrontada pelo próprio passado. Ele a alcançou como uma avalanche, cobrando seu dever. As ameaças eram significativas, e eu havia me tornado sua fraqueza.

Nossos medos não nos envolviam individualmente. Envolviam um ao outro. Seria impossível continuar vivendo sabendo que eu havia causado sua morte. E ela tampouco suportaria o contrário. Morreríamos por nós mesmos.

Então, uma luz surgiu. Era ele. A última pessoa de quem eu esperaria alguma coisa.

Passei por muita coisa, fräulein. Lidei com pessoas que despertavam nos outros a vontade de tirar a própria vida.

Porém, ele… ele era diferente.

Os dois eram. Irradiavam a aura dos predadores no topo da cadeia alimentar. Nem o Patriarca. Nem a Mãe. Nenhum deles me causava os arrepios que aqueles dois provocavam. Nem sei explicar por quê. Era um instinto que me eriçava da cabeça aos pés e dizia: Fique longe. Fique atento. Seja cauteloso.

Estou falando de Maia e Saymon.

Era a eles que eu mais temia dever favores e, infelizmente, acabei me tornando devedor de um dos dois.

Nunca se enturmaram com ninguém. Nem nas Terras de Ninguém, nem em Netheria. Maia estava quase sempre acompanhada de Kiara, a androide que lidava com os outros. A garota de cabelos brancos mantinha distância e carregava o ar de alguém inalcançável.

O irmão era diferente. Onde quer que Saymon passasse, todos se recolhiam. Sua aura parecia grande demais para caber no mesmo espaço que as demais, esmagando as pessoas, diminuindo-as diante de sua própria frivolidade.

Temiam-no e admiravam-no. Havia nele um magnetismo peculiar. Atraía pessoas e distribuía sorrisos e simpatia como se as enfeitiçasse. Elas se aproximavam tanto por necessidade quanto por fascínio.

Mas, no meu caso, Saymon veio até mim. Mais uma vez, meu mundo virou do avesso. "Ei." Uma voz sombria soou atrás de mim. Saymon estava encostado na parede de um beco nas Terras de Ninguém. Uma máscara preta lhe cobria o rosto, deixando à mostra os olhos dourados que me fitavam. Acenou com os dedos, chamando-me para perto.

Aproximei-me, desconfiado, até ficarmos cara a cara.

"Quer salvá-la?"

Um calafrio atravessou meu estômago. "Do que—"

"Sei quem é Maeva."

Quase agarrei seu pescoço.

"Repense querer fazer isso."

Contive-me, como se uma força invisível me impedisse de agir. "O que quer?"

Seus olhos se estreitaram, sorridentes. "Quero ajudá-lo."

Me ajudar? Talvez fosse o desespero, mas uma ponta de esperança surgiu em meu coração. Arqueei a sobrancelha. "Por que faria isso?"

Saymon sibilou: "Sei quem você é. Damon Hawkins."

Ah. Havia quanto tempo eu não escutava aquele nome? Matei Damon. Ele não existia mais. Ou, pelo menos, não deveria existir. Alguma coisa adormecida despertou dentro de mim. Aquele nome vibrou em meu interior como se anunciasse: Estou vivo.

"Não deveria sair dizendo nomes sem sentido por aí."

A risada baixa de Saymon me atravessou como uma lâmina. "Que tal relaxar? Podemos rescindir seu contrato. Se você se tornar um líder mercenário, receberá imunidade contratual. Enquanto perdurar sua liderança, nem mesmo quem está lá em cima…" Apontou para o céu. "Pode fazer algo a respeito."

Se aquilo fosse verdade… "Mas…"

"Diga sim. A arma está apontada, só preciso do gatilho." Seus olhos pareciam amigáveis, mas emanavam indiferença. O sorriso que me oferecia era, por si só, um contrato subentendido.

A armadilha estava diante de mim. E eu queria cair nela. "Por que tá fazendo isso?" Era inegável a oportunidade que ele me oferecia. Porém, como um bom advogado, eu conhecia as entrelinhas. Sabia reconhecer a mensagem invisível de um contrato abusivo e o sacrifício escondido nas cláusulas.

Seus olhos âmbar irradiaram. "Porque você tem o que eu

quero."

Ah. Nada mais precisava ser dito. O que eu tinha. O que ele queria. Dados.

Sorri. Finalmente, eu me movia em direção ao meu destino. À segunda chance da natureza. À profetização de sua retaliação. Estava pronto para me tornar o instrumento de sua retribuição. "E Maeva? O que vai acontecer com ela?"

"Claro. Maia. Procure Maia." Saymon me entregou o *Valete de Espadas* e desapareceu na escuridão do corredor.

Pouco depois, um antigo líder mercenário morreu misteriosamente. Caiu duro no chão. O coração simplesmente parou. Nomearam-me o novo líder. Meu contrato? Rescindido. Tornei-me intocável.

Foi minha vez de procurar a garota Maia. Mas ela não era encontrável. Não havia sinais de seu paradeiro, e poucos sabiam alguma coisa a seu respeito. A maioria das informações era imprecisa. Somente quando Kiara cruzou meu caminho consegui entregar-lhe a carta. Um olhar cúmplice bastou para transmitir a mensagem.

Na lua seguinte, eu estava sentado em meu trono, cuidando da própria vida, quando Maia rompeu pela porta, com as mãos nos bolsos. Examinou tudo ao redor, até mesmo o pó que havia sobre nós. Sua presença me inquietou. Fiquei desconfortável quando seus olhos ferinos pousaram em mim.

Engoli em seco. "Você…"

"É, cara, não te culpo. Foi irresistível para mim também." Ela suspirou. "Quem é?"

Franzi as sobrancelhas. "Maeva. Meu contrato foi suspenso, mas os conheço. Vão continuar lutando."

Maia se aproximou. "Tô ligada. Você não poderá ir atrás dela."

Senti uma pontada no coração. Ela parecia transmitir mais

do que suas palavras diziam. Um sentimento me atingiu inesperadamente.

"Entendido?" Maia arqueou a sobrancelha.

Fazia calor naquele dia, mas a frieza dela ocupava o ambiente inteiro. Empertiguei-me e engoli a saliva que custou a descer. "Como fará isso?"

Para quê fui perguntar? Maia sorriu, aproximou-se ainda mais e tocou meu braço. Sua pele era gelada como uma pedra de gelo.

Arrepiei-me e quase recuei.

"Vou te mostrar." Um formigamento perturbador surgiu em meu pescoço e começou a se espalhar lentamente.

Era uma sensação de desaparecimento. Indolor. Mas assustadora. Uma das piores coisas que já senti. Meu corpo sabia o que minha mente se recusava a aceitar. Eu estava diante de algo que ultrapassava a existência. Então, a dormência cessou.

Arregalei os olhos. "Você… você…" As palavras permaneceram presas, impronunciáveis. Ela era… Era aquilo. Nada mais importava. Minha força, meu poder, minha ascensão. Se Maia me quisesse morto, eu morreria. Sem luta. Sem chance. Sem sequer compreender como.

"Sim, eu sou." Maia se virou para ir embora. Antes de cruzar a porta, sua voz me atravessou como uma bala. A única bala capaz de me atingir. "Quando a hora chegar… voltarei para cobrá-lo."

RUMO AO CAOS

"Desde que seu contrato apareceu no banco de dados, esses pesadelos iniciaram." Cron gesticulou, indignado.

Ajeitei-me na cadeira. A tensão pesava sobre meu corpo, imóvel havia tanto tempo, e os músculos doíam a cada movimento. Pigarreei, tentando recuperar alguma compostura. Meu coração, no entanto, sorria. Estrelas dançavam dentro dele.

Eu havia desbravado novas águas, pois bastava uma breve menção a uma fração daquilo que Maia era para me sentir inundada. Mais uma peça se encaixara naquele quebra-cabeça imenso. Ri baixinho, vertendo felicidade.

Cron me observava com um semblante compreensivo. Ele entendia.

Mordi o lábio. "Obrigada."

Ele meneou a cabeça em negativa. "Não é para agradecer. Um favor, lembra? Irei cobrá-la."

A ameaça não me afetou. Eu estava radiante demais para aquilo.

"Ei, vocês." Kiara apareceu, preenchendo com sua presença o pequeno espaço entre os armários.

Cron flexionou os ombros. "Vou cobrá-la." Apontou o dedo para mim antes de sair.

A androide franziu a testa.

"Ele me contou sobre Maia, sobre o favor. Agora estou lhe devendo um favor."

Kiara beliscou a ponte do nariz. "Que favor?" A mensagem era palpável: *No que é que você se meteu?*

"Vou tentar curar Cron." Sim. Eu iria fazer aquilo.

Kiara relaxou e deu de ombros. "Se é isso… tudo bem. Pronta? Temos que ir."

Sem tempo para assimilar tudo o que havia sido despejado sobre mim, segui-a. A euforia surgiu em meu peito. Era inegável. Mesmo que o vazio prevalecesse e meu destino fosse um futuro sem Maia, mesmo que a estrada percorrida me fizesse sangrar a cada passo, era a estrada dela. Eu começava a conhecer sua dor e aquilo que acorrentava sua alma. Eu fazia parte daquilo. Tornara-me parte do mundo de Maia. *Eu vou entender. Prometo.* Minha determinação estava renovada. Caminhei para fora.

Saymon permanecia apoiado na mesa, avaliando cada um dos meus passos. Kiara e eu estávamos prestes a cruzar a porta quando sua voz nos alcançou. "Kiarinha… lembre-se…"

"Eu sei." Ela nem sequer se virou. Mantinha o olhar à frente, destemida.

Um chuvisco caía lá fora, misturando céu e terra numa paisagem prateada e taciturna. Os nanometais acinzentados dos armazéns se confundiam com o gris da madrugada, compondo um quadro triste. O zéfiro parecia recitar suas angústias, envolvendo-nos numa melancolia que se espalhava pelo ar.

Denden e Cron já haviam partido.

Trix estava encostada no próprio carro, pronta para ir embora. "Cheguem no horário, hein." Cruzou os braços.

Kiara inclinou a cabeça por cima do ombro, sorrindo. "Fique viva."

"Tá preocupada comigo, Kiki?"

Franzi a testa e contive a vontade de rir ao contemplar a androide.

Seu sorriso se transformou numa carranca. "É bom que fique viva pra eu te matar, caralho." Kiara entrou no carro, e eu a segui logo atrás.

A risada de Trix atravessou o ar. "Mal posso esperar. Se for você… vou até gostar."

Kiara deu a partida. Seu olhar meândrico cruzou o meu pelo retrovisor. "Quieta sobre isso."

Assenti, sorrindo.

O carro rompeu os ares em direção ao caos.

Eu estava prestes a alcançar o topo do tsunami. Lá, o ar seria rarefeito, e respirar se tornaria difícil. Eu temeria a queda e o pouso, porque, logo depois, cairia. Despencaria. Daria de cara com o chão em cacos, estilhaçada como os vidros do Parlamento. Teria a alma destroçada, o espírito quebrado. Eu já sabia que iria me despedaçar. A verdade era que parte de mim já havia escolhido aquilo.

Porém, naquele carro com Kiara, seguindo em direção à Centrália, observei os destroços lá embaixo. O céu e a terra se misturavam, assim como o metal e o vento. Cinza sobre cinza. Só brilhava a lembrança de Maia na minha mente e no meu coração.

FESTA DE NATIVIDADE

S-2878 • L7 Uneluna • D22 Abete

"Uneluna une céu e caminho em fio manso. Abete abre espaço na descida prateada. A maré desenha curva em luz baixa. A história segue firme, em tom inteiro."

O ciclo solar se aproximava das lunações de travessia. Os dias ensolarados da primavera prenunciavam o verão, e as temperaturas já ultrapassavam os quarenta graus. O ar quente invadia minhas narinas e percorria o caminho até os pulmões. A alegria dos dias acalorados também anunciava a época mais esperada do ciclo: a Festa da Natividade.

As ruas paulistas pareciam cenários mágicos de um conto tropical, transbordando de decorações. Luzes douradas, azuis, verdes e prateadas pendiam do céu como estrelas pixeladas. Saci-pererês e iaras brotavam no caminho dos transeuntes, lançando pixels dourados e desejando bênçãos natalinas e energias positivas.

O espírito de Natividade parecia preencher as almas. Todos sorriam mais, simpáticos até demais. Desejavam o bem uns aos outros como se, assim, pudessem se iluminar. Afinal, queriam estar alinhados antes que a travessia começasse de vez.

Amor, confiança, liberdade, circulação, harmonia, evolução,

Gaia e Corquestrama…? O que importava eram as ações natalinas. Doações, gracejos, presentes. Gestos que acobertavam as desconexões cultivadas durante todo o ciclo. Afinal, a Natividade… ahhh, a Natividade…

"Detesto a Natividade." Entrei depressa na minha sala. Argh, malditos sacis jogando aqueles holopozinhos! Joguei-me na cadeira. A energia daquela lunação representava um desafio para minha Feiticeira, que já estava irritada. Um verdadeiro teste para minha intensidade. O sangue viria em algumas horas.

"Doutora?" Takashi entrou vestindo um chapéu de palha com fitas coloridas.

Franzi a testa. "O que é isso?"

Ele ajeitou o chapéu sobre os cabelos castanhos, perfeitamente alinhados. "Solicitaram que todos os funcionários usassem. Você também recebeu um."

Coloquei uma mecha atrás da orelha, evitando olhar para o lixo, e pigarreei. "Devem ter esquecido de mim."

Takashi se aproximou. "Certeza? Eu coloquei na sua mesa."

Mordi o lábio e tamborilei os dedos sobre a superfície. "É mesmo? Bom, não encontrei. Traga outro, pois esse desapareceu."

Ele assentiu. "Sobre seu pedido, ao analisar com outros resultados, encontrei algo interessante."

Apurei os ouvidos. "O quê?"

"Esse é um arquivo corrompido, agendado para ser destruído na próxima seluna. Há fragmentos dele. Tentei identificar os códigos para remontá-lo, mas foi em vão." Enquanto falava, Takashi me enviava os arquivos. "Nova Iorque não é a pioneira com o nanodispositivo. Os testes da NB-Mend começaram antes. A UNITED comprou a massa falida da Nanoverse e, após ciclos de batalha judicial, obteve conhecimento parcial

daquela nanoengenharia."

"O que isso implica?"

Ele hesitou. "Bem, ao adquirirem uma teoria parcial e corrompida, ficaram impossibilitados de replicar a nanotecnologia com eficiência."

Estanquei. Meu coração disparou, e as articulações dos dedos enrijeceram. "Iniciaram os testes sem concluírem pela procedência das pesquisas teóricas? Isso explicaria os resultados desastrosos."

Takashi me encarava, igualmente perplexo.

O CMG havia aprovado aquilo? Não. Eles devem ter… Engoli em seco. Devem ter forjado os documentos. Era a única explicação que eu conseguia encontrar. "Podemos acessar essa nanotécnica?"

Takashi meneou a cabeça em negativa.

Claro. A UNITED devia ter trancado tudo a sete chaves. Esfreguei as têmporas. Eu até poderia pedir a Hideaki que reavaliasse o caso. Mas, se aqueles documentos haviam passado pelo CMG, comprar uma briga com uma empresa daquele porte não era exatamente o que eu precisava naquele momento. Queria me concentrar naquilo que importava: ajudar Maia. "Guarde uma cópia desse documento. Se possível, remova seu acesso ao arquivo original."

Takashi fez uma reverência e saiu.

Recostei-me na cadeira.

Pouco depois, ouvi novas batidas na porta. "Doutora?" Takashi reapareceu trazendo um chapéu de palha ornamentado com estrelas douradas. "Para você."

Droga. Por que tão rápido? Estudei o objeto por alguns instantes antes de pegá-lo. "Obrigada." Forcei um sorriso por entre os dentes trincados.

Ele saiu.

Cutuquei o chapéu como se temesse que me mordesse e o deixei sobre a mesa.

Suspirei. Eu mal podia acreditar. Aquilo poderia explicar por que a UNITED falhava em encontrar as causas das mortes. Se as informações obtidas eram incompletas e corrompidas, a empresa sequer deveria ter iniciado os testes com a NB-Mend. Apertei os dedos com tanta força que as unhas deixaram marcas nas palmas.

No entanto, decidi fazer alguma coisa. Takashi havia reunido documentos suficientes para começarmos uma investigação mais aprofundada. Eu os analisaria, estudaria a teoria disponível e tentaria compreender o funcionamento do nanoprotótipo, procurando suas falhas.

Demandaria tempo. Afinal, contaria praticamente apenas com Takashi, e ainda precisava lidar com a CogniSynth. Estimava de uma selunaria a dois ciclos solares para concluir a parte teórica, talvez outras treze lunações para a prática.

Mesmo assim, sentia-me bastante otimista. Desejava que Maia me permitisse ajudá-la. Eu daria um jeito. Daríamos um jeito. Aqueles cretinos…

Uma notificação interrompeu meus pensamentos antes que eu começasse a amaldiçoá-los.

✉ *"Quero te ver."* Era Maia, convidando-me para sair. A mensagem afastou de uma só vez a negatividade que me rodeava. Sorri como uma idiota.

Fui embora, lembrando-me de pegar o maldito chapéu, pois precisava usá-lo nos corredores do hospital. Antes de colocá-lo, despejei sobre ele todo o meu desprezo. Não é você, sou eu. Vesti-o. Era um pouco desconfortável, mas logo me esqueci de sua presença.

"Boas festas! Feliz Natividade!" Um holoSaci me saudou na saída, trajando roupas de praia, com as bochechas exageradamente vermelhas e um sorriso bobo enquanto acenava.

Apressei o passo, temendo que dissesse mais alguma coisa ou lançasse sobre mim aqueles irritantes pixels dourados.

Antes que eu entrasse no carro, uma Ipiapara brotou do além, derramando bênçãos sobre meus ombros. "Que os rios tragam prosperidade à sua Natividade!", desejou uma voz ecoante junto ao meu ouvido.

Tentei afastá-la com as mãos, e a aparição desapareceu. Bufei. "AHHHHHH! Não param!"

A tradicional Feira Estival acontecia no bairro Favo Artístico. O carro deslizou suavemente pelas ruas da Centrália até atravessar um holoportal cujos vitrais translúcidos reproduziam histórias míticas. No alto, figuras etéreas eram projetadas: Iemanjá coroada de estrelas, Tupã lançando raios dourados e Curupira suspenso num salto eterno entre dimensões.

Quando saí do veículo, o calor tropical banhou minha pele. Uma brisa salgada vinha das fontes de água programadas para liberar vapor ionizado, espalhando aromas de pitanga, açaí e folha de guiné.

Saci-pererês biomecânicos corriam rindo entre as pernas dos transeuntes e desapareciam em redemoinhos de holofumaça. Alguns se acomodavam nos postes de luz, fumando cachimbos que soltavam animações de estrelas e luas dançantes.

Boitatá, a guardiã das luzes, ganhara vida através de LEDs e deslizava pelo céu entre os prédios. Sua forma pixelada se refletia nas superfícies envidraçadas dos edifícios, enquanto os olhos de fogo piscavam ritmicamente, acompanhando a batida dos batuques que ecoavam pelos becos iluminados.

Na feira de artesanato virtual, estátuas holointerativas dividiam espaço com outras atrações. Iaras emergiam de cubos d'água suspensos, oferecendo bênçãos em troca de e-créditos com suas vozes encantadoras. "Venha, querida viajante, acalme seu espírito e encontre o seu caminho no canto das águas…"

Passei depressa, evitando o olhar cativante daquela sereia espectral. O chão vibrava sob meus pés.

Pelas calçadas, cordões de maracatu digitalizado avançavam no ritmo das percussões. Grupos de capoeiristas ciberfolclóricos rodopiavam no meio da praça, com as pernas pintadas em padrões luminescentes que se moviam como lâminas brilhantes e mudavam de cor conforme o ritmo da roda. Os jogadores alternavam golpes e holoprojeções que espalhavam desenhos luminosos pelo chão.

No centro, um Negrinho do Pastoreio holográfico girava um chicote de energia, invocando imagens dos Natais passados do Brasil. Surgiam cenas de uma noite estrelada em Belém, na qual uma família dos povos originários celebrava o solstício, e de festas nas vielas cariocas, repletas de samba e sonhos.

Um Uirapuru digital cantava no céu. O pássaro-lenda da floresta amazônica emitia sons cristalinos, convertidos em ondas de luz que criavam mosaicos coloridos sobre os prédios, como se toda a cidade estivesse dentro de uma pintura em movimento.

O ar carregava aromas de canela, frutas frescas e especiarias defumadas. Caipirinhas nanosintéticas ofereciam frescor ao calor da primavera. Crianças corriam entre as bancas interativas, onde hologramas recriavam lendas brasileiras em versões de Natividade, enquanto adultos disputavam brindes de rabanada molecular.

No centro da avenida principal, um grupo de dançarinos de

frevo sincronizava seus passos precisos com batidas eletrônicas. Acima deles, um trio elétrico voador derramava ritmos nordestinos remixados com synthwave.

O espírito de Natividade parecia acender na batida dos tambores, no brilho das luzes e nas vozes animadas dos vendedores.

"Bacurizinhos natividades de açaí, três por dez!"

"Rabanada com mel da Amazônia! Quem vai querer?"

"Promoção na guirlanda de LED! Abre o E-Pix aí, minha senhora!"

E, como acontecia em toda lunação anterior à travessia, sua presença pairava no ar.

Mãe Natividade.

A protetora do amor, da conexão, da alegria, da generosidade, da abundância, da prosperidade e do propósito divino. Ela vinha dos manguezais, das florestas, dos sertões e dos morros. Seu rosto parecia reunir todas as mães, avós, pais e avôs. Era, num mesmo fluxo, nova e ancestral, natural e tecnológica, humana e mítica.

Durante o dia, vestia o céu dourado do verão. À noite, cobria-se com mantos estrelados que brilhavam como a Via Láctea, adornados com tecidos vibrantes dos povos originários e afro-brasileiros.

Natividade navegava pelos rios, pelas estradas de terra e pelas correntes digitais em sua Canoa-Celeste, espalhando bênçãos em forma de sementes, frutos, histórias e memórias. Deixava no céu um rastro de vagalumes dourados e purificava os caminhos com folhas de arruda e guiné, varrendo as dores do ciclo anterior para que o novo começasse limpo e cheio de vida.

Saci-Pombo-Correio surgia para espalhar mensagens e bênçãos natividades. Suas risadas ecoavam pelos becos,

trazendo presságios de fartura e alegria.

A Estrela do Sul.

O povo saudava Mãe Natividade cantando diante de Mangueiras de Natividade Tropicais, adornadas com fitas coloridas, guirlandas de folhas de buriti e frutas bioluminescentes cultivadas em hortas suspensas da Centrália.

As pessoas celebravam ao redor das holofogueiras, enquanto griôs e contadores de causos compartilhavam lendas esquecidas. Crianças ouviam histórias sobre antigos orixás, Cobra Norato e a jornada de Solara e Lunara pela Terra Brasilis.

As ruas fervilhavam com os aromas do dendê, do cupuaçu, da canjica e do mingau de milho. Baianas cibernéticas serviam acarajés brilhantes em bandejas levitantes.

Nas vielas estreitas, os participantes carregavam velas de LED, acompanhando seu brilho com o ritmo dos próprios corações. A energia luminosa era absorvida pela Canoa-Celeste, fortalecendo Mãe Natividade para sua jornada.

As crianças corriam até as holoprojeções nos edifícios e tentavam tocar a imagem translúcida da entidade. "Se você for amorosa durante o ciclo, Mãe Natividade deixará um fruto encantado na sua janela", cochichavam os mais velhos, com os olhos carregados de saudade de um tempo em que magia e realidade ainda eram indistinguíveis.

"Dizem que, se você fizer um pedido sincero, ela escuta!", gritou uma menina, com um brilho ingênuo no olhar. "Só que tem que ser um desejo verdadeiro!"

Quis rir. Porém, no fundo, alguma coisa vacilou dentro do meu peito. Desejos verdadeiros? Olhei para a projeção. Mãe Natividade pairava sobre nós, observando-nos, como se aguardasse alguma coisa. Estremeci. O mundo ao meu redor era quente, vivo, acendente. Dentro de mim, porém, era puro

inverno.

Enquanto as danças, os ritos e os encantos do Brasil ecoavam pelo ar, meu coração batia num ritmo distante, tentando encontrar ressonância com a única presença que verdadeiramente importava.

Cruzei os braços. Esperava que as amaldiçoadas caiporas brotassem a qualquer instante, quando algo mais quente que o próprio ar veranesco me tocou. O calor atravessou o tecido e alcançou minha pele.

"Devo chamá-la de Mamãe Natividade?", uma voz sussurrou ao meu ouvido, arrepiando-me da cabeça aos pés.

Virei-me.

Maia. Ela sorria, divertida, enquanto as luzes cintilavam sobre seus cabelos e seu rosto.

Franzi a testa, confusa. "Hum?"

"Esse chapeuzinho." Ela cutucou minha testa.

Tirei o chapéu e o guardei no bolso. "Tenho que usá-lo no trabalho." Apertei os lábios, descontente.

Maia riu. "Não gosta da Natividade?"

Abracei sua cintura e pousei o queixo junto ao dela. "Não. E você?"

Ela sorriu e abaixou minha cabeça com um movimento do maxilar, dando-me um selinho. "Não sei, mas quero fazer coisas natividades com você."

Devolvi-lhe o olhar intenso. Suas palavras reviraram meu interior, e um calor percorreu todo o meu ser. Esbanjei um sorriso e enfiei a cabeça em seu peito. "Como consegue fazer isso?"

"O quê?" Seu tom cálido era como um abraço.

"Me faz ter pensamentos bons sobre as coisas."

Maia procurou meus olhos. "Isso tem nome, sabia?" Sorriu

com um ar travesso. "Começa com a…"

Escondi o rosto quente. "Para." Permaneci com a fronte enfiada em seu peito, inalando seu cheiro, enquanto ela me abraçava e se movia sutilmente. "O que vamos fazer?", perguntei. Levantei os olhos.

"Coisas natividades."

"É sério?"

"Sério. O que acha? Uma mangueira iluminada…"

Mordi o lábio. "Certo… só porque é você. Vai me ajudar com a decoração?"

"Óbvio."

Soltei um riso nasal.

Passeamos pelas ruas e entramos nas lojas. Maia estava tão animada que comecei a me perguntar se o espírito de Natividade finalmente a havia atingido.

Ela brincava com as holografias, mostrava-me as atrações e acrescentava itens às nossas compras. "Vamos levar esse também." Até os sacizinhos pareciam menos irritantes quando estavam nas mãos dela. Maia escolheu pisca-piscas e lampiões. Então encontrou uma mangueira sintética.

"É muito grande." A árvore que segurava devia ter quase dois metros de altura.

"É um pouco mais alta que eu." Maia mediu a distância da própria cabeça até o topo, sorrindo.

Como eu poderia ficar brava? Ela era tão fofa. Estava se divertindo tanto. "Não tenho forças para carregar isso."

Maia pousou uma mão no meu ombro e apontou para o próprio peito. Piscou, charmosa. "Deixa comigo."

Estalei a língua. Ela parecia uma criança. "E se levarmos a projeção?" Apontei para as holoárvores, compactas, que não ocupavam espaço físico e podiam ser removidas facilmente.

Maia colocou a outra mão no meu ombro. Ah… não… não… Sua aura predadora me envolveu.

Prendi a respiração.

Ela acariciou meu pescoço, aproximou o rosto do meu e exibiu um sorriso astuto. "Por quê? Vou te ajudar. Imagine…", sussurrou ao meu ouvido.

"Ahhhh, tá bom! Mas você vai me ajudar a tirar tudo depois."

A aura intimidadora se recolheu de uma vez. Maia fechou a expressão. O sorriso, que parecia vir do céu, desfez-se até alcançar o chão, fragmentando-se em milhares de pedaços. Ela não disse nada. Nem sequer me provocou por ter conseguido o que queria.

Estranhei, embora já estivesse acostumada com aquelas mudanças repentinas de humor. Esperei, respeitando seu ritmo.

"Se não quiser, tudo bem…", murmurou.

"Não… Sei que vamos nos divertir enfeitando essa mangueira", respondi com o melhor ânimo que consegui reunir.

Encarei seus olhos de mel, agora distantes, imersos em algo que lhe pertencia. O brilho vacilou por um instante. Rápido demais para ser notado. Mas, quando voltei a observá-la, a animação já havia retornado.

Como se tivesse superado o que quer que fosse, Maia abriu um sorriso adorável. "Também acho."

Caminhamos por quase todas as ruas da Centrália. Com um entusiasmo contagiante, Maia queria ver todas as luzes e decorações natalinas. Depois seguimos para meu apartamento, onde deixamos as caixas na sala e começamos a procurar um lugar para a mangueira.

"Tem que ser ali", falei, apontando para perto da janela. "É o melhor lugar."

"Não." Maia apontou para o lado do sofá. "Aqui é muito

melhor. Se colocar aí, vai tapar a vista." Muito teimosa.

Suspirei, esfregando os olhos. "Se ficar ruim, você vai carregar com enfeites e tudo mais até aqui." Bati o pé.

Ela riu, satisfeita. "Como quiser, Mamãe Natividade."

"Vai me chamar assim até quando?" Tentei esconder um sorriso.

"Até admitir que é uma Cabra-azeda. Então vou te chamar de Cabra-azeda." Maia levou a árvore para o lado do sofá, enquanto eu pegava a caixa de decorações.

"Não sou uma Cabra-azeda." Franzi o nariz. De onde ela tirava essas coisas?

Maia analisou a distribuição dos enfeites de buriti, entregou-me algumas estrelas de palha trançada e gesticulou com os dedos em zigue-zague. "Vamos colocar assim."

Assenti.

Ela ficou responsável por pendurar as peças nos lugares que eu não conseguia alcançar. "Você odeia a Natividade como uma Cabra-azeda."

"Não é isso…" Dei meia volta ao redor da mangueira. "É uma data na qual sempre estive sozinha. Digo, eu, meu ursinho e Takashi. Meus pais viajavam a trabalho. Porém, deixavam presentes debaixo da árvore, com um cartão de Natividade escrito: 'Feliz Natividade, Akiko.'"

A lembrança ressoou dentro de mim. Takashi e eu. Eu abraçava meu ursinho enquanto contemplava o amanhecer pela janela do último andar da Zênite. Lágrimas cristalinas escorriam pelo meu rosto. *Feliz Natividade, Akiko.*

"Depois de um tempo, a Natividade se tornou um dia qualquer." Acrescentei algumas guirlandinhas de palha aos ramos.

Maia permaneceu em silêncio. Virei-me para ver o que fazia. Nossos olhos se encontraram.

"Isso é passado. Seu entusiasmo foi tão grande que eu também fiquei animada. Talvez você possa me fazer gostar da Natividade. Estou amando fazer isso com você." Soltei uma risadinha.

Maia pendurou um lacinho num dos ramos e se aproximou.

"Maia…? O que houve?" Deixei a guirlanda cair para segurar seu rosto.

Seus olhos, tão brilhantes, estavam salpicados pela água acumulada. Nenhuma lágrima escorria, porém. Elas permaneciam ali, irradiando suas íris âmbar, até parecerem perder o brilho sob uma opacidade repentina.

Maia me envolveu num abraço cálido e passou a mão pelos meus cabelos. "Sinto muito."

"Não precisa…" Minha voz embargou. Vê-la daquele jeito fazia meu coração saltar. Senti vontade de chorar ao vislumbrar uma dor tão profunda e arrebatadora. Uma dor que eu jamais entenderia. Nem mesmo se Maia me contasse. Uma dor só dela. Uma dor que me permitia vislumbrar as correntes que a esmagavam. Eu não compreendia o que existia dentro dela, mas queria ser forte. Queria que enxergasse minha força e pudesse confiar em mim. Eu aguentaria o peso do mundo com ela.

"Está no passado", murmurei, tentando apaziguá-la um pouco. Queria aliviar os fardos que, sem desejar, eu acabara de depositar sobre seus ombros. E queria que ela compartilhasse os próprios.

"Sei que…" Maia trancou as palavras nos lábios.

Permanecemos abraçadas, rodeadas por uma imensidão de mensagens intangíveis que se acumulavam entre nossos corpos colados. Quando finalmente nos afastamos, pareceram cair suavemente ao chão.

"Podemos fazer essas coisas natividades antes?"

"Como assim?"

Ela tocou o queixo, pensativa. "Posso vir antes para fazermos coisas natividades?"

O pedido inusitado me desnorteou. Bom, considerando tudo o que Maia era… assenti. Ela devia ter seus motivos.

Quando terminamos de enfeitar a mangueira, o amarelo e o verde resplandeciam, irradiando feixes vibrantes de luz. Hologramas espalhados pela sala e pela cozinha brilharam simultaneamente, enquanto partículas douradas cintilavam no ar e se amontoavam pelo chão. Adicionamos luzes às paredes e aos vidros das janelas.

Maia decorou a porta com uma guirlanda verde. "Tem que escrever nossos nomes, não? Vi isso nos filmes…" Ela inclinou a cabeça.

"Não sei. Tem?" Gargalhei.

"Pode deixar assim mesmo."

"A cor do Cabra-azeda." Maia mexeu as sobrancelhas, divertida.

Revirei os olhos.

Quando apagamos as luzes, tudo reluziu.

"Ficou lindo. Obrigada." Sorri.

Maia me abraçou e acariciou meu maxilar. "Você merece o mundo."

Abaixei os olhos, sentindo o coração acelerar. Ela ergueu meu rosto e me beijou.

Sob as batidas compassadas dos nossos corações e as luzes cristalinas de Natividade que nos rodeavam, permiti que a felicidade me dominasse. Permiti que meus sentimentos por Maia fluíssem livremente. Permiti-me confiar que alguém estaria comigo. Que me mostraria como a vida valia a pena e como ela podia ser muito mais do que a realidade cinza que eu

conhecera.

Naquele instante, existiam o abraço e o beijo. A Festa de Natividade vibrava em amor, cor, luz e calor. E Maia era tudo aquilo dentro de mim.

Deixei a imaginação vagar por um futuro colorido. Um futuro no qual eu passaria a Natividade acompanhada. Um futuro no qual Maia estaria ao meu lado.

Para além das Natividades.

Sob todas as luas.

TITÃS DESPERTAM

"Saymon acabou de mandar isso." Kiara colocou o carro no modo automático e se sentou perto de mim.

Desviei os olhos da paisagem chuvosa.

Os pixels surgiram diante de nós, formando a imagem do atual premier da Rede Aether, Lorenzo Cardoso. Ele trajava um terno azul-marinho de caimento perfeito, tinha os cabelos castanho-escuros cuidadosamente alinhados e a barba bem-feita. Encarava a câmera com seriedade.

"Trago notícias com imensa tristeza. O povo brasileiro sofreu um ataque como nunca. Atingiram nosso núcleo. O pilar que sustenta nossa sociedade. Sofremos da pior maneira, pois nosso próprio povo nos atingiu. Os brasileiros que pisam nesta mesma terra, que compartilham da mesma pátria. É muito doloroso ter que remover um inimigo tão íntimo."

Atrás dele, uma holoprojeção da bandeira brasileira ondulava solenemente.

"Todos aqueles vídeos circulando pelas mídias da Rede Aether, mostrando ataques à Grande São Paulo e a Netheria, não passam de um grande mal-entendido." Ele gesticulou com comedimento.

"Nossas investigações indicaram com precisão que o inimigo está mais infiltrado do que poderíamos supor em ciclos! Esses

terroristas envenenaram a população com mentiras e manipulações. Estão tentando colocar a Rede Aether contra os próprios brasileiros. Ora essa! A Rede Aether, que luta diariamente pelo povo? Aplicando as melhores medidas, oferecendo o melhor bem-estar…"

Os pixels falharam. A imagem de Lorenzo desapareceu.

Em seu lugar, surgiu uma figura escurecida. "É mesmo, Premier?", debochou uma voz robótica, seguida de uma risada. "Vamos ver se isso é verdade mesmo."

A imagem se movimentou e revelou uma gravação de Lorenzo numa videoconferência. Conseguíamos vê-lo nitidamente, embora fosse impossível identificar as pessoas com quem conversava.

"É inaceitável que a Zênite seja atingida dessa forma. Se fosse a Centrália, tudo bem, mas um ataque diretamente a nós? Inconcebível!" Ele bateu na mesa, meneando a cabeça em negativa. "Vou tentar acalmar os ânimos na Centrália. Eles continuam protestando… Por que não calam a boca e se recolhem à própria insignificância? Tudo estava pronto para a aprovação do projeto. Nós tivemos que adiar. Esses terroristas… Quem são eles?"

Vozes indistintas responderam, mas não consegui compreender o que diziam.

"Temos que descobrir mais sobre essa Une Côte. Quanto antes resolvermos isso, antes aprovamos a ordem, até abril. Estamos pagando muitos impostos e direitos trabalhistas. Os androides fariam o trabalho muito mais rápido e eficientemente. Sem custos adicionais."

As outras vozes voltaram a falar.

"Vou me preparar para o discurso. Acalmem-se. Logo as coisas voltarão a ser como devem ser. Centrália esquecerá tudo

isso em questão de luas." Lorenzo acenou. "Quanto à Netheria, irei lidar com eles pessoalmente."

A figura escurecida retornou. "Entenderam? Acham que vocês são insignificantes. Vocês são a fonte tecetiva explorada por eles. Os temem porque vocês possuem a força para destruir essa pirâmide."

Enquanto a voz falava, imagens de manifestações tomando as ruas se sucediam. As redes sociais explodiam em discussões, pessoas debatiam nos bares e o caos se espalhava de uma imagem para outra.

"Esse envenenamento que o Premier mencionou nada mais é do que o veneno com que eles os alimentam diariamente. Se você, Lorenzo, continuar mentindo, saiba que há muito mais para ser revelado. Isso está apenas começando."

A transmissão clandestina cessou. Lorenzo reapareceu. Suava, e seu semblante estava assustado.

Cobri a boca.

"Saymon enviou outro arquivo." Kiara alisou os cabelos para trás.

Ele enviara aquela notícia sem dizer absolutamente nada. Sem emoji, sem comentário. Apenas um ponto-final.

A androide abriu a segunda transmissão, uma reportagem da Jornada Unia, a segunda maior emissora da Europa.

> *Imperatriz Russa ameaça sanções contra a Rede Aether por repressão a manifestantes*
>
> *Moscou, Tecesi de Irraluna 2880 — A Imperatriz da Rússia, Sonechka Alexeyev, discursou hoje no Bastião Vermelho em defesa dos manifestantes que protestam contra a Rede Aether. Em sua declaração, afirmou que, caso as retaliações violentas perpetradas pela organização*

persistam, a Rússia encerrará seus acordos comerciais com a entidade.

A monarca reiterou seu firme apoio aos manifestantes e garantiu que convocará esforços para intervir contra atos repressivos, valendo-se do Tratado de Interferência pela Paz (TIP), assinado por 180 países-membros, incluindo Rússia e Brasil. O segundo artigo do tratado estabelece que, diante de transgressões evidentes aos direitos humanos, os signatários podem mobilizar forças militares contra o país infrator.

O posicionamento da Imperatriz encontra eco no Egito, onde o líder militar Abdel Ramesses Kalil também expressou solidariedade aos manifestantes. Embora o país não seja signatário do TIP, faz parte da Liga dos Continentes Unidos (LCU), organização que prevê a aplicação de sanções administrativas, tributárias e penais contra países que violem direitos existenciais, além da possibilidade de apoio direto a grupos vitimados.

A transmissão chegou ao fim.

Um fervilhamento percorreu minhas veias como uma chama impetuosa, queimando meu âmago em pura euforia.

Saymon desferira sua ameaça. Uma prova incontestável. O laço consanguíneo entre Anichka, a Imperatriz Sonechka e o antigo líder do Vorovskoy mir. Se aquilo viesse à tona, o que pensaria o povo russo? Ou melhor, como o mundo reagiria? A desconstituição da Imperatriz e de sua dinastia seria inevitável. O país ruiria numa guerra civil.

E a Rede Aether? A maior organização do mundo assistia, à espreita, aguardando sua decisão. Entre a aliança internacional mais poderosa e seu próprio país. Entre a estabilidade global e o

risco de um colapso. Entre o poder e… a própria sobrevivência. No fim, ela escolhera salvar a si mesma. Teria sido uma decisão sábia, Imperatriz?

E Abdel? Seu pronunciamento ecoava para além das palavras. A inimizade com a Rede Aether ardia havia gerações no coração dos egípcios. Porém, agora, ele fazia mais do que apoiar os insurgentes.

Escancarava aquilo que a Rede Aether se recusava a enxergar. O inimigo era muito maior do que supunham. Mais do que uma declaração de apoio, aquele pronunciamento era uma declaração de guerra. O Egito despertava como um titã vingativo.

Remexi-me, inquieta, no banco.

Kiara retomou o volante. "Estamos quase chegando."

"Como estão as coisas lá?" Eu roía as unhas.

Ela deu de ombros.

Sobrevoamos uma área das Terras de Ninguém. As enormes pilhas de construções, erguidas sob a atmosfera amarelada, estavam destruídas, caídas umas sobre as outras.

Uma pontada cortou meu peito. Lembrei-me dos rostos das famílias que vira naquelas favelas. Lembrei-me de que, um dia, Maia também vivera ali.

Cruzamos a rodovia principal e adentramos a via que conduzia ao coração da Centrália.

Nanodrones pairavam no ar, vigilantes. Automóveis policiais e militares da F.T.A. alinhavam-se como sentinelas de aço. Vozes espirituosas ecoavam, carregadas de uma fúria comovente. Eram vozes indistintas, mas reverberavam no meu peito, remexiam meu estômago e despertavam um ímpeto feroz de me juntar a elas.

Kiara estacionou diante de um estabelecimento abandonado.

O que os itens de Maia escondiam?

"Pronta?", perguntou.

Assenti.

Gotículas de água deslizavam pelos vidros. Pingos dispersos, vagarosos, teciam uma névoa úmida ao redor dos edifícios. Estávamos prestes a adentrar o núcleo que incendiava os acontecimentos, a nos envolver com as vozes que vociferavam sua revolta.

Saí do carro. O vento quente resvalou em meu rosto. Uma brisa fez oscilar os fios do meu cabelo. O toque do zéfiro. Sutil. Tão semelhante ao de Maia. Meu coração acelerou.

CORAÇÕES EM CHAMAS

Os protestos já duravam luas. A maioria dos comércios havia fechado por causa da greve que tomava as ruas, enquanto hologramas pairavam entre os manifestantes, projetando um único sentimento:

Insurgência.

Nos edifícios, dizeres resplandeciam: *Não somos insignificantes! Estamos juntos! Somos uma legião e legiões varrem tiranos!*

Meus olhos ardiam diante das vozes unidas num mesmo grito: *"Continuaremos adiante!"* Até quanto aquelas pessoas haviam suportado antes de atingir o próprio limite?

Kiara segurava minha mão, costurando nosso caminho entre os revoltados.

Nem a chuva primaveral os detinha. Nem a F.T.A. Nem a Zênite. Nem a Rede Aether. Cada clamor de revolta era também um clamor por liberdade. A rebeldia irradiava de cada coração, e eles pareciam determinados a continuar, imparáveis, adiante.

Enquanto isso, os zênitas se manifestavam em apoio à Rede Aether, defendendo o premier e apontando a Une Côte como inimiga. Um inimigo que, segundo eles, deveria ser eliminado.

Na Centrália, a aglomeração tentava avançar, mas as forças da F.T.A. a cercavam antes das ruas que conduziam à Zênite, reprimindo os manifestantes. A única via para o andar superior

estava bloqueada. Militares, nanodrones e automóveis policiais formavam uma nanobarreira, protegendo os zênitas.

"Temos que ir. O Cloakify vai durar só uma hora", Kiara me apressou.

Trinta minutos depois, chegamos a um lugar familiar demais.

Meu coração quase parou diante da fachada do prédio.

Rua Cerda, 244. O edifício estava fechado, mas Kiara ultrapassou aquela dificuldade com tranquilidade. Encostou o holopasse na nanofechadura, e a porta deslizou.

"Ils le feront." Alguém dissera "Eles farão isso", entre risos.

"Alguém entrou." A voz atravessou as paredes.

Kiara caminhou até a cafeteria, e segui em seu encalço. As pessoas que trabalhavam ali estavam reunidas ao redor das mesas. Entre elas, reconheci uma figura que vira havia lunações: a moça do elevador, de cabelos longos e soltos, blusa semiaberta e um cigarro entre os dedos.

O ambiente se tensionou quando entramos. Todos se empertigaram ao ver Kiara.

"Kiara?" A moça se levantou e apagou o cigarro.

"Anne, pode nos levar para cima?", pediu a androide.

"É-é claro."

Os demais trocaram olhares, envolvidos numa atmosfera carregada. Kiara lançou um último olhar para eles antes de seguir Anne.

"Como tão as coisas?"

A moça prendeu os cabelos e deu de ombros. "Os protestos se intensificaram hoje depois da declaração do premier. Os estabelecimentos fecharam, mas alguns manifestantes estão invadindo eles, especialmente os da Sessota."

O elevador chegou, e entramos.

Anne se sentou no lugar de costume. Em nenhum momento

olhou para mim. Parecia me evitar. Sinceramente? Meus pensamentos davam reviravoltas. Eu não esperava revisitar um lugar tão carregado de memórias. Prendi a respiração. Não queria… É. Era inevitável. Inescapável. O corredor vermelho e a porta de madeira de número 55 fizeram meu pulso disparar.

"Sabem para onde ir, se algo acontecer?", perguntou Kiara.

Anne assentiu.

Saímos.

As portas do elevador se fecharam com um rangido idêntico àquele que persistia em minhas lembranças. O corredor avermelhado pareceu se alongar diante de mim, distorcido. As paredes ameaçavam cair sobre meu corpo, desmanchando-se em blocos, enquanto uma enxurrada de memórias se desprendia de algum lugar dentro de mim. Uma cachoeira inevitável.

Senti-me tonta. Eu havia engavetado aquele lugar. Sempre evitara até mesmo passar diante de sua fachada. Era pesado demais encará-la. Droga.

"Tá tudo bem?" Kiara tocou minhas costas. Encarei seus olhos, que guardavam um lampejo de preocupação.

"E-eu…"

"Já esteve aqui?" Seu sorriso denunciava que sabia a resposta. "Sei que deve ser difícil, mas temos pouco tempo."

"Tudo bem." Engoli em seco, agarrando-me firmemente à realidade.

Kiara abriu a porta.

Tudo continuava igual. O cheiro. As cores. Os móveis. As paredes. Até o carmesim ainda me causava enjoo. Caminhei devagar, inalando profundamente aquele ar. O cheiro do carpete antigo. A textura áspera da parede sob meus dedos. A lembrança do riso de Maia. Meu coração vagava pelo cômodo. Eu receava me sentar no sofá. Receava olhar para a cadeira

onde Maia costumava se acomodar.

Era tão fácil imaginá-la ali, roçando os dedos nos lábios, com aquele olhar provocativo… Ah… Minhas bochechas arderam, e um calor triste subiu até os olhos. A vontade de chorar estava prestes a me vencer. Se não fosse por Kiara, eu teria desabado.

"Deve tá por aqui." Ela abriu um móvel de madeira, revelando um enorme compartimento vazio.

Clique A madeira tremeu, e a parte inferior se ergueu.

Concentrei toda a atenção no mecanismo. Qualquer distração serviria para afastar, ainda que por um instante, o peso daquele lugar.

"O quê? Por que não tá aqui?" Kiara enfiou a cabeça no compartimento e tornou a se erguer. Começou a andar de um lado para o outro.

Era raro vê-la desorientada daquele jeito. Seus olhos percorriam o quarto, vasculhando os móveis, procurando alguma coisa. Mas não estava ali.

"Merda. Não temos mais tempo. O Cloakify vai acabar em vinte minutos. Só poderei reativá-lo em uma hora." Ela se sentou na beira da cama e deu algumas batidinhas no colchão. "Melhor relaxar. Teremos que esperar."

"O que está acontecendo?" Hesitei em me sentar. Tudo lembrava Maia. Apertei os dedos contra a beirada da cama.

"Maia escondeu em outro lugar."

Franzi as sobrancelhas, intrigada. "Sabe onde?"

"Tenho uma ideia, mas precisamos do Cloakify. Não chegaremos até lá em vinte minutos. Ainda mais com essa multidão aí fora." A voz de Kiara soava ponderada.

"Ah… está aqui na Centrália?"

"Sim." Ela apoiou os braços no colchão. "Ficar uma hora sem fazer nada vai ser entediante pra porra."

Engoli em seco.

Kiara me fitou profundamente, como se captasse aquilo com que eu tentava lidar. "Que tal te contar sobre como conseguimos esses itens?"

Uma história com Maia? Meus olhos cintilaram. "Sim, por favor."

O olhar de Kiara ficou distante. E ela quase sorriu.

PROMESSAS

S-2878 • L7 Uneluna • D17 Fluxli

"Uneluna une céu e chão em fio maduro. Fluxli libera a curva em prata viva. A maré desenha caminho no ar aberto. A história segue firme, em brilho manso."

KIARA

Eu esperava diante do carro, esfregando os olhos. "Porra, sério mesmo?"

A distância entre nós diminuiu. Maia deu de ombros, sorrindo. Saymon também sorria, com aquela ironia irritante do caralho estampada na boca. Entrei no automóvel. Maia se acomodou no banco do copiloto, enquanto Saymon se sentou atrás.

"Sei que vamos nos divertir", ele comentou, arqueando a sobrancelha.

Maia segurou uma risada. "É melhor não irritá-la."

Saymon enfiou a cabeça entre nós. "É mesmo?" Depois voltou a olhar pela janela.

Maia piscou para mim. "Localizou o lugar?"

"Dã, óbvio."

Talvez você conheça Ilhabela como um santuário destinado à

preservação da biosfera. Um lugar onde o contato humano é proibido, exceto para os protetores do ecossistema, e o turismo foi banido. Faziam esse trabalho tão bem que, se alguém consultasse o mapa da região, veria apenas uma natureza intocável.

Bom, era tudo mentira.

A Rede Aether mantinha algumas instalações em Ilhabela. Uma nanofortaleza protegida por nanobarreiras e sistemas de nanosegurança de ponta. Ali escondiam seus segredos mais obscuros: pesquisas, nanotecnologias militares, bombas, armas e androides. Tudo que você pudesse imaginar em armamentos.

E era lá que estava aquilo que queríamos.

A segurança do complexo começava nas cidades circundantes. Estacionei em Marantuba, onde se iniciava o raio de vigilância. A praia estava em ruínas, como tantas outras.

"Certo." Virei-me para os dois. "Já volto."

Trinta minutos depois, encontrei uma caixa que continha o nanosistema responsável pelos nanosensores daquele raio de segurança. Coletei os dados e descobri, por sorte, que seus protocolos se conectavam aos utilizados na ilha.

O que isso significava? Que eu poderia mapear a fortaleza utilizando as mesmas brechas nas entradas e nos proxies. Levei outras duas horas para desfragmentar o nanosistema. Quando terminei, voltei ao carro.

"Ça me saoûle!", Maia resmungou.

"Você perdeu. De novo. Deve fazer o que eu quiser." Saymon riu, debochado.

"O que quer?", ela perguntou, cruzando os braços, emburrada.

Ele permaneceu em silêncio por um instante.

"Vou te cobrar quando a hora chegar."

"Tanto faz." Maia bufou.

"Cê sempre perde pra ele. Por que continua jogando?" Apoiei os cotovelos na porta do carro, observando as cartas espalhadas sobre o colo de Saymon.

Maia era uma péssima perdedora.

"Você tava demorando", respondeu, evitando meus olhos.

"Quem sabe se apostássemos algo importante?" Saymon passou a língua pelos dentes, tentando disfarçar a aura periculosa que começava a irradiar.

Os olhos de Maia brilharam, afiados. "Gosta de brincar com o perigo, não é?"

Ele alargou o sorriso e ajeitou as cartas. "Viu, Kiarinha? Ela só precisa de motivação para ganhar."

"Casse-toi!" Maia riu, descontraída.

Revirei os olhos, sentei-me e projetei o mapa. "Sinceramente, não dou a mínima."

"Quanto tempo vamos ter?", Maia perguntou.

"Três horas. A segurança deles é boa."

"Espero mesmo que seja. Senão, vai ser enfadonho." Os olhos de Saymon assumiram uma expressão entediada, camuflando a provocação de ter sido desafiado.

Maia colocou os pés sobre o painel. "Você veio só pra se conectar a um androide deles."

Ele sorriu de lado. "Claro, mas também quero me divertir."

Esses dois tinham mesmo um jeito peculiar.

"Prestem atenção. Além da nanobarreira, a fortaleza é murada. Dois androides guardam a entrada, quatro humanos ficam posicionados sobre o muro e há nanocâmeras espalhadas pela área."

"Deixa comigo", Maia assegurou.

"Certo. Lá dentro, temos vinte guardas fazendo a ronda interna e quinze dentro de cada instalação. Além disso, mais

nanocâmeras no jardim e nos interiores. Nosso objetivo fica no terceiro subsolo, dentro de um nanocofre de segurança máxima."

"Inexiste tal coisa pra mim." Maia fez uma careta orgulhosa.

"Uhum." Acenei com despretensão.

"O quê? Tem algo a mais?", ela perguntou.

Interrompi a holoprojeção e assenti. "Com o Cloakify, conseguiremos passar pelos sensores. Mas, lá dentro, independentemente do que fizermos, mesmo cuidando das nanocâmeras, os alarmes vão soar."

"Por quê?" Encarei-a.

"Eles usam quantum-nanites. Quando uma chave é alterada, todo o padrão se modifica. Então vão saber que há um intruso."

Ficamos em silêncio.

"Poderíamos, sabe… explodir com tudo." Saymon abriu um sorriso maldoso.

Maia revirou os olhos.

Ele guardou o baralho no bolso. "Foi uma jogada arriscada… Enfim, tenho uma ideia. Podemos tecer uma distração. Isso vai funcionar se souberem que há um intruso. Vou me conectar aos dois androides da entrada e iniciar um ataque com eles." Lambeu os lábios. "Mesmo se o alarme tocar, terão que lidar com um inimigo interno. Então ficarão em dúvida sobre o invasor."

"E se acabarem com os androides antes disso?" Maia descruzou as pernas.

"Assim me ofende, maninha. Vou dificultar. Além disso, basta que eu me conecte a outro androide." Saymon deu de ombros. "Vou tecer a distração para que você entre. Kiarinha cuidará da nossa retaguarda. Se nenhum de nós for descoberto, pensarão que houve uma falha qn-sistemática." Apoiou as costas

no banco, satisfeito.

"É uma ideia razoável", Maia admitiu, pensativa. "Caso danifique a segurança interna, podem mesmo atribuir a uma falha. Claro, até descobrirem o que sumiu."

Porra. Odeio admitir… Aquilo poderia dar certo.

"O plano para reduzirmos esse lugar ao pó ainda tá de pé, né?", Saymon provocou.

"Fica quietinho enquanto penso sobre isso, beleza?" Continuei analisando a possibilidade.

"Tô só dizendo. Maia faria isso com facilidade."

"Saymon, já falamos sobre isso." Ela estreitou os olhos.

"Blá, blá, blá." Ele gesticulou teatralmente. "Shaymon, já falamus shobre isho. Só concordei porque vai ser divertido."

"Ótimo." Maia ergueu a sobrancelha, sorrindo. "Você ainda vai se divertir muito, eu te garanto. Guardei o melhor pra você."

Os olhos dele brilharam com perversidade. "É mesmo? O quê?"

"Você vai atrás dos—"

Interrompi-a. "Pelos meus cálculos, seu plano pode dar certo. Você vai fazer o seguinte trajeto com os androides…"

Expliquei a operação em detalhes.

A Rede Aether estava despreparada para o que viria. Se conseguíssemos executar tudo conforme o planejado, não teriam como descobrir quem os atingira. Atribuiriam os acontecimentos a falhas qn-sistemáticas, sem margem para investigações externas.

Quando eu acessasse as entradas principais, obteria a chave do núcleo e poderia manipular as informações internas. Saberiam que determinados itens haviam desaparecido, mas os dados apontariam para a responsabilidade dos próprios funcionários. Nossa intenção não era provocar uma chacina. Queríamos

evitar mortes.

"Entenderam?"

Os irmãos trocaram olhares e assentiram.

Iniciamos a travessia com o Cloakify, caminhando pela areia queimada, impregnada de um cheiro de enxofre. Desviamos das minas terrestres e dos nanodrones da aeropatrulha até alcançar a borda, onde alguns barcos estavam estacionados. Corrompi dois deles.

"Como vai fazer isso a distância?", Maia perguntou a Saymon, atrás de mim, enquanto eu procurava o núcleo de um dos veículos.

"Com essas belezinhas aqui." Ele ergueu duas pistolas pequenas. "Pedi pro Hikaru fazer para mim."

"Esse cara de novo, né?" Maia riu.

Estranhamente, Saymon ficou em silêncio.

Ela acenou no ar, sorrindo com perspicácia. "Como funciona?"

Ele voltou a sorrir. "Hikaru imbuiu nanites com meu DNA nas balas. Só preciso acertar aqueles lindos coraçõezinhos mecânicos."

"Terminei." Levantei-me e enviei o código do veículo para Maia. "Vai durar quarenta minutos."

Ela sorriu. "Só preciso de vinte."

Enquanto Maia e Saymon seguiram em direção à fortaleza, esperei no outro barco, preparada para o caso de alguma coisa dar errado. Ajustei o rifle e mirei os alvos. Os dois fizeram a travessia em cinco minutos.

A fortaleza era extremamente iluminada, exceto por alguns pontos específicos. Eles se esgueiraram pelas áreas escuras até alcançar o muro, onde se esconderam entre os arbustos.

Continuaram por ali. Cinco minutos até o alarme. Cinco

metros até os androides da entrada. Dois projéteis cortaram o ar e atingiram os peitos mecânicos dos androides.

Minha vez.

Atirei na testa dos quatro humanos que estavam em alerta, fazendo-os cair de joelhos. Os androides controlados por Saymon esconderam os corpos na vegetação e abriram a porta.

Depois disso, não consegui mais vê-los. Acompanhei apenas os sinais de Maia. Logo ela sairia do alcance do meu radar.

Eu precisava esperar.

Dez minutos depois, Saymon apareceu sobre o muro e acenou para mim.

Franzi a testa. O que ele estava fazendo? Pisquei a luz da mira óptica duas vezes, sinalizando que o havia visto.

Ele me chamou com a mão. Literalmente, pediu que eu fosse até lá. Que merda tinha acontecido? O que aquele cara queria? Desarmei o rifle, liguei o barco e segui em direção à fortaleza. Durante o percurso, desviei das luzes até alcançar os arbustos, onde me esquivei dos corpos. *Olha esse buraquinho na testa. Admirei meu trabalho. Hum, este aqui ficou um pouco para a esquerda. Também, inquieto como estava...*

Quando alcancei a entrada, encontrei o mais puro caos. Os androides de Saymon eram alvos de uma chuva de tiros, embora revidassem com maestria. Evitei ser vista e procurei um caminho até a parte superior do muro. Subi por uma escada entalhada na estrutura, até alcançar uma mureta de meio metro.

Saymon estava agachado, analisando o cenário por uma fresta no concreto. Ao me perceber, lançou-me um olhar de relance.

Agachei-me ao seu lado. "Espero que tenha um bom motivo pra me chamar aqui."

Ele soprou uma risada. "Como sempre, a maninha mudou

os planos. Eu sabia que ela ia fazer isso." Apontou para uma instalação maior. "Aquela área é usada para experimentos em cobaias. Ela quer… bum. Você sabe."

"Só pode ser brincadeira." Esfreguei os olhos. "Como vamos fazer isso?"

"Ali." Saymon apontou para a parte superior da instalação. "É uma câmara onde estão substâncias inflamáveis. Ela é revestida com nanobarreira."

"Não vamos… Ah, certo, entendi. Ela é quem vai até lá, não é?"

Ele assentiu. "Cuido dos guardas. Vá para o subsolo. Maia já limpou o caminho."

"Ela não pegou?"

"Ela não pode arriscar ir até lá carregando aquilo. Se algo der errado…"

"Caralho, hein?!" Meneei a cabeça, descontente. Eu é que teria que entrar naquela merda.

Esgueirei-me para dentro. Guardas surgiam aos montes, mas Saymon havia criado a distração ideal para abrir uma passagem. Entrei num enorme hall branco, repleto de corpos espalhados pelo chão. Pela falta de sangue, era obra de Maia. Segui o rastro que deixara.

Fui até a área dos elevadores, mas estavam parados, bloqueados pelo alarme. Alcancei então as escadas de emergência, sabendo que Maia havia corrompido as nanocâmeras. Corpos retorcidos se amontoavam pelos degraus. Ela estava inspirada.

Ao chegar ao terceiro subsolo, encontrei um corredor branco que se estendia diante de mim, ladeado por portas e janelas de vidro fosco. Os corpos mortos indicavam o caminho.

Parei diante de uma porta preta, de onde vinha um cheiro de nanometal e gelo. Uma névoa branca cobria o interior. A

única luz vinha do centro do cofre, onde havia uma metacaixa azul-escura, destruída nas laterais. Pelas marcas, Maia havia forçado sua abertura. A tampa estava retorcida, e o interior, revestido com QN-Tec. Fótons dançavam em linhas horizontais e verticais. Ali estavam três bolas prateadas, ornamentadas com fios de luz que transmitiam e acendiam as quantum-nanochaves.

Peguei uma maleta blindada e coloquei os três itens dentro.

Dez minutos. Hora de ir.

BUUUUUUM! Uma explosão sacudiu a fortaleza.

BUUUUUUM! BUUUUUUM! BUUUUUUM!

Fodeu. Tudo começou a detonar. Corri em direção à superfície. Que porra estava acontecendo? Saí no jardim. O prédio ao lado estava em chamas. Ah, caralho… Procurei minha conexão com Maia. Desativada.

Voltei para dentro. Atravessei um corredor correndo até o outro edifício. A fumaça tomava o ambiente, e gritos se acumulavam cada vez mais perto.

Centenas de pessoas passavam por mim, ocupadas demais lutando pela própria vida para se importarem com uma androide.

Cadê você, Maia? Procurei seu rosto entre tantos desconhecidos. Nenhum deles era ela. A fumaça engrossou.

BUUUUUM! BUUUUUM! BUUUUUM! As explosões estalavam uma após a outra, numa combustão em série.

Os gritos cessaram. Agora, só as chamas. Só o alarme.

Cadê? Acelerei até o hall do outro prédio.

KRRAAAAASSHHH! O teto despencou. Corpos se amontoavam entre os destroços, e o sangue pintava o chão. Paredes antes brancas, agora vermelhas.

Cadê? Considerei a possibilidade de que, talvez, Maia não voltasse. Vamos, caralho.

"EVACUEM OS PRÉDIOS IMEDIATAMENTE! REFORÇOS CHEGARÃO EM CINCO MINUTOS!" A voz robótica ecoou.

Merda. Tínhamos que sair dali. Aquilo era desespero? Procurei nos menores espaços, entre os destroços, em todos os lugares onde ela poderia estar.

"EVACUEM OS PRÉDIOS IMEDIATAMENTE! REFORÇOS CHEGARÃO EM QUATRO MINUTOS!"

Porra. Virei-me para ir embora. Eu tinha que sair dali ou tudo seria em vão. Não poderia deixar aquilo acontecer. Maia me fizera prometer. Se acontecesse alguma coisa, eu deveria deixá-la. Por quê?

COF! COF! Uma tosse reverberou pelo salão, sobrepondo-se à cacofonia irritante. Atrás de mim, Maia surgiu entre a fumaça, tossindo violentamente.

Corri até ela.

Maia abraçou meu pescoço. "Kiki…"

"Shhh, fala nada. Vamos." Endireitei-me e a carreguei nos braços, tentando avançar o mais rápido possível.

Seu rosto apresentava queimaduras leves. O fogo havia rasgado parte das roupas, agora manchadas de preto, e seus cabelos brancos estavam acinzentados, chamuscados nas pontas.

Eu teria que cuidar daquilo. O trabalho que teria…

Quando alcançamos a entrada, mantive o modo furtivo.

Cinco androides controlados por Saymon continuavam causando o caos.

"O que caralhos tá acontecendo?", perguntou um guarda.

"Sei lá! Esses androides atacaram do nada!", respondeu outro.

No centro do jardim, cientistas e guardas se aglomeravam. Centenas de pessoas aguardavam resgate, enquanto agentes locais da F.T.A. trocavam tiros com os androides corrompidos.

Passei pela entrada e corri até o barco. Saymon se juntou a nós minutos depois.

"Preciso fazer mais uma coisa." Deixei Maia com ele. Caminhei até a caixa conectada ao nanosistema da fortaleza e estabeleci uma conexão. Sondei os dados e modifiquei as informações de segurança. A causa oficial da confusão agora seria uma falha nuclear nos androides. Aquilo bastaria para acionar um relatório interno e iniciar uma investigação. Eu possuía os protocolos. Mesmo a distância, poderia acessar e alterar os registros.

Retornei ao barco e o conduzi até o outro lado.

Maia tossiu. "N-não…"

"Quieta. Me deixa cuidar de você." Saymon lhe ofereceu água e derramou um pouco sobre ela. "Você é muito teimosa. Eu disse para explodirmos tudo desde o início." Ele carregava Maia nos braços, enquanto ela lutava para respirar.

Ela não respondeu.

Segui à frente.

"Pelo menos, só um edifício explodiu. A explosão chegou até a central de desenvolvimento?" Saymon limpava o rosto da irmã.

"Não", respondi por cima do ombro.

Chegamos ao carro.

Os reforços chegariam em dois minutos. Se nos avistassem ao passar, seríamos detidos. Precisávamos cruzar a fronteira da próxima cidade. Acelerei ao máximo.

"Tem mais água nos bancos", avisei a Saymon.

Ele assentiu e pegou outra garrafa para Maia.

Ela bebia e tossia. Tossia e bebia. Deixava que a água a esfriasse. Estava encharcada. "V-você…" Maia não conseguiu terminar de falar, com os pulmões naquele estado fodido.

De repente, alguma coisa se chocou contra o carro. Porra. O que era agora?

O painel piscou em vermelho. Tinham acertado o motor. Uma nanominibomba elétrica. Ondas nanoeletromagnéticas neutralizaram o nanosistema, e a IV veicular entrou em colapso.

"O que foi isso?", Saymon perguntou, olhando pela janela.

"Caralho!" Tentei ativar o controle manual. "Ah, por isso odeio deixar essa merda no automático. Já era, vamos cair." Joguei a maleta para ele.

"Você…"

Ejetei os bancos. Merda.

Pousamos.

O carro rolou pelo chão.

Malditos gambés. Dois nanodrones e um veículo da F.T.A. vinham em nossa direção.

Peguei um fuzil. "Procure um lugar pra se esconder com Maia. Vou encontrá-los quando terminar aqui."

"Tem certeza?" Saymon tomou Maia nos braços.

Sabia tão bem quanto eu que o estado dela nos colocava em desvantagem. "Vai logo, merda!" Virei-me.

Maia se afastava cada vez mais.

Procurei os irritantes nanodrones no céu. Os malditinhos se camuflavam tão bem que nem meu sistema térmico conseguia captar seus sinais. Ativei minha visão ao máximo e permaneci alerta ao menor movimento. Precisava de uma luz. Uma única luz.

Isso. Um ponto vermelho e sutil piscou no ar. Atirei. Um deles caiu. Faltava o outro. Os arrombados logo chegariam. Eu queria me livrar dos obstáculos. Mas não encontrei o segundo drone a tempo.

O veículo da F.T.A. pousou perto de mim. Dois policiais, uma

androide e um humano, apontaram as armas em minha direção.

"Quem é você?", berrou o homem.

Apontei meu fuzil para ele, mantendo a atenção no céu.

Enquanto o humano tentava ganhar tempo, a androide procurava acessar meu nanosistema, sem sucesso. "Responda ou irei atirar!"

A luzinha do nanodrone piscou. Aí tá você. Atirei. O drone caiu.

A policial androide disparou contra o chão onde eu estava. O tiro passou de raspão pela lateral do meu pé. Atirei nela.

O humano me alvejou.

Corri e me escondi atrás de uma árvore. Em seguida, tentei acessar a androide para identificar sua localização. Os protocolos da F.T.A. demoravam a ser hackeados. Eu precisava acertá-la primeiro.

Ela contornou o carro pela esquerda, tentando me alcançar, enquanto o homem avançava pela direita.

Guardei o rifle e saquei um revólver. Agachei-me e observei os pés dela por baixo do carro. Isso. Vem.

Sua cabeça apareceu acima da lataria. Atirei, acertando-a em cheio.

"Vou te pegar!", gritou o humano ao ver sua parceira caída.

Corri até a androide e finalizei o serviço com um disparo no peito.

Faltava um.

Apoiei as costas na lataria do carro policial para corromper seu sistema. Assim que estabeleci a conexão, comecei a acessar os dados. Em pouco tempo, ele ficaria impossibilitado de chamar reforços.

34% corrompido

Apurei os ouvidos. O homem era bom. Evitava fazer barulho.

Olhei por baixo do carro. Nada. Onde estava? Em dez segundos, o veículo seria meu. Um tiro passou de raspão pelo meu peito e atingiu o metal atrás de mim.

98% corrompido

Sua sombra estava escondida num arbusto. Respiração curta e rápida. Aí tá você. Concluí a corrupção do carro e me desconectei. *Espero que esse minifuzil de precisão seja bom, Trix.* Saquei a nanoarma e corri até a traseira do veículo.

O vento moveu a folhagem do arbusto. Um brilho na escuridão. Recebi dois tiros no pé. Apoiei a arma e concentrei a mira nos arbustos. Um projétil passou sobre minha cabeça. Achei. Meu disparo cortou o ar e o atingiu bem no meio da testa. O corpo rolou sobre a grama, enquanto o sangue escorria pela areia.

Hum. Nada mal para uma mini-arma. Consultei o radar. Maia e Saymon já estavam na cidade seguinte. Eu precisava ir.

Recolhi a androide, os nanodrones e o homem, acomodando os corpos e os destroços no meu antigo carro. Aqueci o núcleo até provocar uma explosão. *Ótimo. Mais um nanocarro meu destruído.* Eliminei as evidências e procurei qualquer coisa que tivesse esquecido. Foda-se. Se encontrassem rastros, eu daria um jeito de impedir que nos associassem àquilo. Parti em direção a Saymon e Maia.

Encontrei os dois numa casa em ruínas. Maia respirava um pouco melhor, apoiada contra a parede. Saymon a observava, cismado.

"Você voltou." Ela abriu um sorriso fraco. A maleta permanecia firmemente presa sob meus braços.

"Óbvio." Sentei-me perto deles. "O que vamos fazer agora?"

A respiração de Maia estava pesada. Seus olhos cansados encontraram os de Saymon. "Quando chegar a hora, você

prometeu."

Ele abaixou a cabeça e soltou uma risadinha sarcástica. "Sou um canalha, mas um canalha que cumpre promessas." Passou as mãos pelos cabelos.

Os dois sorriram um para o outro.

"Eu sei", Maia murmurou.

Esses dois tinham mesmo um jeito peculiar.

"É melhor irmos. Aquele gambé deve ter chamado reforços. Hackeei tudo, mas vai saber? Vão rondar a área."

Interrompi os dois. "Você precisa se recuperar num lugar mais decente." Analisei o ar, onde nanopartículas radioativas flutuavam.

Saymon ajudou Maia a se levantar.

Entramos no carro e voamos de volta para São Paulo.

O PESO DA VERDADE

O olhar de Kiara me perfurou, causando-me desconforto. Minhas mãos tremiam, e precisei pigarrear antes de conseguir falar.

"Estranho, né? Como esses dois mudam completamente na presença um do outro." Seu olhar ficou distante.

Assenti, ainda absorta nas palavras dela. Ouvir histórias sobre Maia enchia meu coração de alegria. Mas aquilo? Era um acontecimento inacreditável. Ilhabela. Uma fortaleza militar da Rede Aether? Se aquilo era verdade, então o motivo pelo qual haviam invadido a ilha…

"Beleza, podemos ir." Kiara se levantou. "Passou uma hora."

"Kiara…" A tensão pesou sobre mim. Sentia-me despreparada para a resposta que estava prestes a receber. Engoli em seco. "O que vocês foram… naquela noite, o que foram pegar…"

Ela abriu um sorriso sarcástico. O silêncio se prolongou por um segundo a mais, cortante o suficiente para me fazer estremecer. "Sim, são as nanobombas 3-R."

CHAVE

"N-nanobombas 3-R?" Meus lábios tremeram. Senti a pressão baixar, a visão escurecer e a garganta secar. Um gosto amargo dominou minha boca. Ensurdeci.

Era como se eu estivesse num corredor escuro, percorrendo caminhos desconhecidos, sem qualquer perspectiva do que encontraria adiante. Para onde Maia estava me levando? Esperei ouvir sua resposta. Nenhuma viria. Ela não estava ali.

Uma explosão de acontecimentos acompanhava cada nova descoberta sobre Maia. Eu sequer tinha tempo para refletir sobre os próprios sentimentos. Infinitas cordas se enrolavam umas nas outras, formando incontáveis nós. Agora isso? Encarei Kiara. Por onde começar a raciocinar? "P-por quê?"

Ela se agachou diante de mim e pousou a mão sobre a minha. Seu calor atravessou minha pele, trazendo um conforto familiar. "Acho que cê sente a resposta, né?"

Meneei a cabeça em negativa. Uma sensação entre a ansiedade e a empolgação fez meu coração palpitar.

Kiara se levantou e me estendeu a mão. "Vamos deixá-las com Saymon."

Aceitei sua ajuda, ergui-me e alonguei os músculos enrijecidos das costas.

Ela sorriu com os olhos. "Temos mais uma hora pra chegar onde acho que tão. Vamos?"

Assenti.

Voltamos para o andar inferior.

No elevador, Anne cutucou Kiara. "Saymon pediu pra te entregar isso." Entregou-lhe o *Valete de Espadas*.

A carta que ele entregou para Cron? O que significava? A curiosidade sobre aquelas cartas me atiçava cada vez mais.

Kiara guardou o Valete no bolso e esboçou uma risada esfíngica.

Saímos.

Franzi a testa. "O que significa essa carta?" Mas minha curiosidade teria de ser saciada em outro momento.

Durante aquela hora, a revolta havia se intensificado. A F.T.A. lançava minibombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes.

TCHK! ***PFFFSSHHH!*** Pequenas explosões se espalhavam pelas ruas, tentando dispersar a multidão.

BRZZZTT! Os androides da F.T.A. atacavam centenas de pessoas na Centrália.

VRMMM! **TCHK-TCHK!** Zênitas gritavam, incentivando a repressão. Uma policial androide golpeou a testa de uma moça. O sangue brotou de sua cabeça e escorreu até o chão. Ela não foi a única.

Meu coração bombeava adrenalina pelas veias.

"Vamos sair logo daqui." Kiara pegou minha mão e começou a se esquivar com agilidade pelo caos.

Atravessamos grupos de manifestantes que revidavam a violência policial. Alguns tentavam alcançar os andares superiores para enfrentar os zênitas.

FWHOOF! Bombas de fumaça eram lançadas aos pés dos

androides. A substância corroía seus exteriores, num efeito que parecia funcionar apenas contra eles.

Chegamos a uma porta entre dois edifícios.

Levei alguns instantes para assimilar o lugar. Reconheci. O bar para onde Maia havia me levado. Cabeça de Engrenagens. Mais memórias vieram. Não havia tempo para processá-las. Uma dor imensa atingiu meu coração.

Kiara acenou para a câmera instalada na parte superior da lateral.

CHAK! A porta se abriu com um estalo.

Entramos numa loja repleta de nanotecnologias. A iluminação azul caiu sobre nós, envolvendo tudo numa tonalidade que reconheci imediatamente.

As lembranças despertaram. Inundaram-me. Pesavam sobre mim inteira.

Mente, corpo e espírito. O corredor por onde Maia e eu havíamos passado… Não. Eu precisava conter aquele transbordamento. Depois. Seguimos até o balcão.

Um homem fumava cachimbo. Tinha a barba cheia e roxa, olhos escuros, olheiras pesadas e lábios rachados, ressecados. Soprava uma fumaça rosada que se espalhava pelo ambiente.

Contive uma tosse.

"O que tu queres?" A voz rugiu, carregada de um sotaque que não consegui identificar.

Kiara tirou a bússola quebrada e a colocou sobre o balcão.

O homem analisou o objeto e soltou mais fumaça, enchendo o espaço ao nosso redor. "Eu esperava uma garota de cabelos brancos. Que seja, entrego pra quem tem a chave."

Caminhou até uma parede lisa e circulou os dedos sobre sua superfície. Um fio saiu de seu pulso e se conectou a um retângulo oculto no nanometal. Seus olhos brilharam.

Uma confirmação indicou que havia enviado o holopasse para Kiara. "Cofre 17. Corredor à esquerda. Têm a chave do cofre? Suponho que sim." Arqueou a sobrancelha desgrenhada. Depois voltou a nos ignorar, ocupado com o cachimbo.

Seguimos pelo corredor e viramos à esquerda.

Cofres dos mais variados tamanhos e formatos se estendiam horizontal e verticalmente. Moviam-se pelas paredes, alcançando distâncias que meus olhos mal conseguiam acompanhar.

"Por aqui." Kiara utilizava o holopasse como guia.

Paramos diante de um cofre médio, cuja cor e material eram idênticos aos dos demais.

"Quer fazer as honras?" Ela me estendeu o relógio dourado.

Assenti.

Toquei o objeto, e meu estômago se revirou. Haviam sido aqueles itens… O relógio, a bússola, o celular e a carta de Maia. Foram eles que me empurraram até ali, levando-me a explorar o universo dela e a me entregar inteiramente àquela busca. Procurei uma abertura arredondada no lado direito do cofre e encaixei o relógio.

Clique Um holograma azul surgiu, exibindo quatro campos numéricos.

"Senha?" Mordi os lábios. Droga. Chegamos até…

"A hora do relógio", Kiara sugeriu.

Observei os ponteiros. Marcavam 1:4:18. Preenchi os campos conforme a indicação. A projeção desapareceu. Deu certo?

Silêncio.

TCHK! O mecanismo ressoou.

Fsssshhh... fumaça escapou pelas frestas. O cofre se abriu. Um ar gelado invadiu minhas narinas, e tossi quando o frio

penetrou minha garganta.

Afastei a trava. Havia uma maleta dentro. Jamais imaginei ter aquilo nas mãos. O ápice do poder bélico entre as nações. A autoridade para destruir tudo. Um controle aniquilador. A posse daquelas armas poderia colocar alguém no topo do mundo. O poder de reduzir tudo ao pó. De tecer alguma coisa a partir das cinzas.

E aquele controle estava diante de mim.

Uma vontade irresistível de abrir a maleta tomou conta dos meus pensamentos. Peguei-a e passei os dedos pela fechadura. Reuni coragem para soltá-la. Uma névoa gelada escapou pelas frestas, enregelando meus dedos.

Lá estavam elas. Três esferas medianas, atravessadas por feixes de luz que dançavam horizontalmente sobre suas superfícies. Como algo tão pequeno poderia causar uma destruição tão grande?

"O que é isso?" Contive o impulso de tocá-las, consciente do perigo.

Kiara se agachou ao meu lado. "São feitas com quantum-nanocriptografia. Isso significa que são únicas. As cientistas do comando de Kemetia só fizeram dez nanoprotótipos." Ela ergueu os dedos, organizando a contagem. "Usaram duas. A Rede Aether usou três. A sexta foi usada para bombardear o Egito. Uma foi destruída." Kiara apontou para a maleta. "Essas três são as que restaram. Os criadores morreram. A técnica se perdeu. As cientistas em Ilhabela tentavam recriá-la, só que QN-Criptografia é inquebrável. Irreplicável."

Entreguei-lhe a maleta, receosa de continuar carregando algo tão perigoso.

Kiara ergueu dois dedos. "Exceto para duas pessoas. Eles—" Ela congelou. Seus olhos adquiriram uma tonalidade arroxeada.

Momentos depois, as íris voltaram ao prateado. Kiara trincou os dentes. "Temos que sair daqui. Rápido!" Ela agarrou minha mão e se apressou em direção à saída.

Franzi a testa. "O que houve?"

"A Rede Aether vai atacar a Centrália."

Atacar? Como em Netheria? Como nas Terras de Ninguém? Meus olhos se arregalaram.

Quando alcançamos a rua, milhares de nanodrones preenchiam o céu. Suas formações encobriam os poucos raios solares que conseguiam escapar das nuvens chuvosas. Os manifestantes, agora armados com equipamentos pesados, quase alcançavam a Zênite. Enfrentavam as forças da F.T.A. de igual para igual, neutralizando diversos androides com bombas corrosivas. Como haviam conseguido aquelas armas?

Admirei a destreza com que revidavam. A vontade de lutar parecia se sobrepor às próprias limitações. Estavam dispostos a pagar um preço altíssimo por continuar clamando por liberdade. Outros fugiam da brutalidade militar. O desespero lhes marcava o rosto enquanto tentavam se afastar. Agarravam-se à própria vida.

Um aperto fisgou meu coração. A fúria chamuscou meu âmago. Aquelas pessoas estavam lutando por seus direitos. A Rede Aether não se importava com o próprio povo. Nunca se importara. Não. Eu não tinha tempo para pensar naquilo. O efeito do Cloakify estava acabando. Se o ataque da F.T.A. não nos atingisse, os oficiais poderiam reconhecer Kiara e começar a nos perseguir.

Corremos em direção ao carro.

Kiara apertava minha mão, forçando-me a ultrapassar meus limites.

Minhas pernas arderam. Meu tornozelo machucado arquejou

de dor, e a péssima resistência física começou a me cobrar cada passo. Eu precisava mesmo me exercitar. Minha respiração ficou pesada. O suor escorria da testa, misturando-se com a chuva.

Estávamos quase alcançando o carro quando uma névoa esverdeada começou a cobrir o ar.

Atrás de mim, centenas de pessoas agarravam o próprio pescoço. Caíam de joelhos. Procuravam oxigênio.

Não, não, não. Meu pulso disparou. A mesma coisa havia acontecido comigo lunações antes, no Cairo. E o que veio depois… A névoa me alcançou.

Kiara me puxou.

Mas minhas pernas cederam. Caí no chão. A fumaça invadiu meus pulmões, minha garganta se fechou e os olhos começaram a lacrimejar.

"Vamos. Só mais um pouco. Merda." Os braços de Kiara me envolveram, sustentando minhas costas e pernas.

Quis gritar. Implorar para que ela me protegesse. *Por favor, quero continuar viva.* As palavras ficaram presas. Não… Não quero voltar. Lágrimas desesperadas desabaram dos meus olhos. E eu caí na escuridão.

SEU CORAÇÃO É MINHA CASA

S-2878 • L8 Libeluna • D09 Tecesi

"Libeluna solta o fio em brilho manso. Tecesi tece gesto em tom exato. A maré desenha mapa em prata viva. A história segue firme, em luz clara."

Maia e eu passamos aquela lua juntas como se fosse Natividade. Uma imprevisibilidade bem-vinda, pois aquele dia sempre significara muito pouco para mim. O importante era compartilhar aquele momento com ela, independentemente da data.

Meu coração de Feiticeira saltava de alegria. O apartamento estava aconchegante como nunca, inteiramente tomado pela decoração natalina. Luzes preenchiam os cômodos, espalhando um brilho quente, quase acendente, que irradiava a sensação daqueles clichês que eu tanto desprezava.

Porém, ali, com Maia, tudo fazia sentido. Eu flutuava ao pensar nela e em todas as experiências que desejava viver ao seu lado. Comemorar a Festa de Natividade? Seria apenas uma entre tantas coisas que poderíamos compartilhar.

Então me permiti viver aquele sentimento intensamente. Mesmo diante dos mistérios que Maia carregava, meu peito se exaltava sempre que a via. Seus enigmas permaneciam escondidos sob camadas densas, mas faziam parte dela. E,

se faziam parte dela, também integravam o mundo do qual eu havia escolhido participar. Eu confiava em Maia. Um dia, quando se sentisse confortável, ela me contaria seus segredos.

Espreguicei-me para o outro lado da cama e senti seu toque cálido acariciar minha bochecha. Sorri. O aroma acolhedor de chá, pães, biscoitos e torradas terminou de me despertar.

Maia estava deslumbrante, mesmo na simplicidade. Vestia uma camiseta azul estampada com um boneco de areia muito mal desenhado. Aquelas camisetas eram bregas em qualquer pessoa, menos nela.

Eu usava uma igual, por insistência sua. A teimosia daquela mulher era grande demais para que eu resistisse. Honestamente? Tinha sido muito fofo.

"Dormiu bem?", perguntou, segurando uma bandeja com biscoitos natalinos em formato de bonecos de areia, sorvetes e estrelas-do-mar.

"Uau! Você fez tudo isso ontem à noite?" Peguei um biscoito e provei. "Como me passou despercebido?"

Ela sorriu. "Você estava ocupada demais, zonza com o vinho."

Meu rosto esquentou. Lembrei-me da noite anterior. "Sou tão embaraçosa assim?" Peguei mais um biscoito em forma de sorvetinho rosa. Estava delicioso, e o chocolate derretia na minha boca.

Maia também comeu um, tentando esconder uma risadinha. "Não… Enfim, vamos tomar o café logo. Quero abrir os presentes."

Desviei o olhar. Não sabia se ela gostaria do que eu havia preparado. Quando Maia sugerira trocarmos presentes, achei a ideia adorável. No entanto, desde então, a possibilidade de decepcioná-la me perturbava. Eu estava acostumada a dar presentes que agradavam facilmente. Mas Maia era especial.

Queria que ela gostasse de verdade.

Muito animada, ela me levou até a mangueira de Natividade, e nos sentamos ao redor da árvore. "Então?" Maia estendeu os braços, ansiosa, mexendo os dedos em expectativa.

Suspirei. Parecia mesmo uma criança. Respirei fundo e lhe entreguei o pequeno embrulho. "Hum… Espero que goste…" Minha mão tremia levemente.

"O que será?" Maia desembrulhou o presente e encontrou uma nanocaixa preta. Arqueou a sobrancelha, curiosa, e retirou o aparelho pequenino. "O que é isso?"

Senti meu rosto aquecer. "Aperte esse botão."

Clique Uma luz se acendeu no centro. E o Universo inteiro surgiu na palma de suas mãos. Uma holoprojeção perfeita do Cosmos se expandiu diante de nós.

Os olhos de Maia brilharam.

Sorri ao contemplar sua reação. "Ele reproduz ao vivo o céu, os planetas, os astros e as galáxias do Universo. Se disser o nome de algum deles, a imagem aparece."

"Jura?" Suas íris âmbar reluziram. "VY Canis Majoris."

Entreabri os lábios. Ela sabia de cor os nomes dos astros? Incrível.

A projeção se agitou até revelar uma esfera gigantesca e alaranjada, semelhante ao Sol.

Constelação: Canis Maior—raio aproximado de 1.420 raios solares.

Maia aproximou o rosto do meu. "Aki…" Ah, como eu adorava ouvi-la me chamar por aquele apelido. Ela me beijou. "Obrigada. Eu…" Baixou o olhar. Parecia perdida, tropeçando na busca pelas palavras certas. Então me entregou uma caixinha, coçando a bochecha. "Pra você. Só que não é nada comparado ao seu presente."

Revirei os olhos e abri a embalagem. Dentro havia um pequeno baú contendo dois colares prateados. Um trazia um pingente com a letra A; o outro, com a letra M. Sorri com ternura. "Maia…"

Ela pegou o porta-joias das minhas mãos e retirou o colar com a letra M. Sentou-se atrás de mim, afastou meus cabelos e prendeu a corrente ao redor do meu pescoço.

Passei o dedo pelo berloque. Meu coração saltava de felicidade. Eu não conseguia parar de sorrir.

Então Maia se sentou de costas para mim e afastou os fios brancos.

Ri de sua empolgação e coloquei nela o colar com a letra A.

"Agora temos colares com nossas iniciais." Maia se virou, ficando cara a cara comigo. Seu rosto resplandecia.

"Amei." Mergulhei naqueles olhos cativantes. "Vou guardar para sempre comigo."

"Eu também. Para sempre." Ela encostou a testa na minha. "Ah, vamos logo assistir aos filmes."

Contive um sorriso.

Passamos o dia assistindo a filmes e séries de Natividade.

Achei engraçada a diferença entre a primeira vez em que a vira assistir a alguma coisa e aquele momento.

"Como assim? Como ficaram juntos?" Maia fez uma careta indignada diante da tela.

"Quê?" Ri, desacreditada. "Era óbvio! É uma comédia romântica. O que esperava?"

"Eles deveriam seguir caminhos separados. O cara foi um otário. Se as pessoas forem babacas, mas fizerem uma declaração em público, tudo vai ser esquecido?" Ela franziu a testa. "Prefiro a animação da rena. Pelo menos ela pediu desculpas pras outras, e as musiquinhas eram legais." Maia

apertou os lábios.

Fiquei encarando-a, de boca entreaberta. Então gargalhei.

"O que foi?!" Ela me olhou com surpresa genuína.

Será que Maia estava mesmo alheia ao próprio efeito sobre mim? "Não… É…" Foi quase impossível parar de rir. "Você está certa. Também prefiro o filme da rena."

Maia assumiu uma expressão que praticamente dizia: *'não falei?'*

Espiei o relógio. Já estava quase marcando nove da noite.

"Nossa! Quase esqueci." Levei a mão à testa. "Vou fazer nossa janta. Ou melhor, a ceia." Parei antes que Maia pudesse se oferecer. "Não. Nem tente. Você sempre cozinha." Apontei para ela, firme. "Deixe comigo dessa vez."

Maia recuou, sorrindo. "Por quê? Vou te acompanhar."

Balancei o dedo repetidamente diante dela. "Nem pensar. Espere aqui. Assista a outra coisa, sei lá. Nem pense em ir para a cozinha."

Ela ergueu os braços, rendida. "Tá bem."

"Ótimo." Fui para a cozinha e comecei a preparar nossa ceia.

Fiz caviar com salmão nanovegano defumado, amuse-bouche, blinis com um pouco de creme azedo, ostras geladas e vieiras. Preparei vegetais de inverno ao molho de creme, um capão recheado com castanhas, lagosta acompanhada de caranguejos nanoveganos e camarões reais nanoveganos como prato principal.

Depois vieram as treze sobremesas. Os quatro mendiants, as nozes, avelãs, passas, amêndoas e figos. Torrone preto e branco. E, por fim, o clássico brioche.

"Que cheiro maravilhoso", Maia comentou de longe.

Arrumei a mesa e busquei a garrafa de Vouvray, um vinho branco feito com uvas Chenin Blanc, de aroma adocicado, com

notas de frutas e flores.

Coloquei uma música ambiente e reduzi a claridade. Quando tudo estava pronto, chamei Maia.

Ela veio animada. Até que parou. Seu semblante se fechou.

Meu coração palpitou, e um calafrio atravessou minha espinha. Esperei, insegura, por qualquer reação.

"Como…?" Maia caminhou lentamente ao redor da mesa. Seus olhos cintilavam sob a luz dourada que nos rodeava.

"Foi difícil encontrar como era", comecei, nervosa. "Espero ter feito certo." Minhas mãos tremulavam. Abri um sorriso fraco. "O vinho, então! Ainda bem que Takashi me ajudou… Os vinhos franceses praticamente não…" Minha voz se perdeu.

Maia me encarava com uma expressão indecifrável.

Havia naquele olhar mais do que uma emoção capaz de inundar minha alma. Ela parecia procurar a resposta para uma pergunta formulada no próprio sentir.

Sustentei seus olhos, tomada por uma melancolia insegura. Eu havia tentado reproduzir uma tradicional ceia natalina francesa. Será que tinha conseguido?

Maia segurou minha mão. Seus olhos se umedeceram, embora nenhuma lágrima escorresse. "Você…" Ela colocou meus braços ao redor de seu pescoço, segurou minha cintura e encostou a fronte na minha. "Você… seu coração… seu coração se tornou a minha casa."

Meu coração ardeu em chamas. Suas palavras me emudeceram. Tilintaram dentro de mim, espelhando a essência de um sentimento que eu também carregava. O coração de Maia havia se tornado meu lar. Sorri.

"Vamos comer?"

Assenti.

Sentamo-nos para cear.

Tudo estava delicioso. Mas nada foi tão prazeroso quanto observar Maia comer com gosto. Ela apreciava cada mordida como se participasse de um ritual sagrado. Eu iria tão longe para vê-la alegre como estava naquele instante…

Maia pigarreou e tomou um gole de vinho. "Inimaginável… Você é mesmo extraordinária."

Desviei os olhos, sentindo o rosto aquecer. "Exagerei… Fiz muita comida."

"Tudo bem. Podemos comer mais amanhã."

Provamos algumas das sobremesas e terminamos a garrafa de vinho.

Depois voltamos para a sala e colocamos outro filme.

Na metade, comecei a divagar. Mais um clichê natalino. Mais um final previsível. Apoiei a cabeça no colo de Maia, ergui a mão até seu rosto e desenhei com os dedos o contorno de seu maxilar. Tão linda.

Ela abaixou os olhos semicerrados para mim. "O que está fazendo?"

"É que você é muito mais interessante que o filme."

Maia arqueou a sobrancelha. Sua expressão adquiriu aquele perigo familiar enquanto acariciava meu rosto, envolvendo-me na sensação de suas garras afiadas. "É mesmo? Eu tava pensando a mesma coisa."

Sentei-me, ficando cara a cara com ela. Filme algum conseguiria me distrair ou impedir que eu mergulhasse inteiramente naquela aura predadora.

Maia levou as mãos até minha cintura, puxou-me para seu colo e me beijou. Seus lábios desceram, roçando meu pescoço.

Fechei os olhos.

Ela se levantou comigo ainda entrelaçada ao seu corpo, minhas pernas envolvendo sua cintura, e caminhou até o quarto.

Deitou-me sobre a cama e se inclinou sobre mim, continuando a me beijar. Suas mãos desciam devagar. Os dedos traçavam caminhos que deixavam rastros de flama sobre minha pele.

Meu corpo respondia instintivamente.

Ela alcançou minha barriga, ergueu a camiseta e acariciou cada parte que descobria. "Você…" Maia suspirou perto do meu ouvido, eriçando todos os pelos do meu corpo. "É muito linda." Seus olhos ferozes permaneceram sobre meu rosto. Ela passou os dedos pela minha bochecha e pelos meus lábios. "Você… me olhando… desse jeitinho…"

Senti o rosto aquecer.

Maia me beijou ardentemente. Nossas respirações se entrelaçaram, e o universo parecia acender dentro de nós.

Alisei seus cabelos. Minhas mãos percorreram suas costas, reconhecendo músculos e cicatrizes. Eu só queria saber daquilo que ela me fazia sentir. As batidas compassadas de nossos corações. O calor irradiando de cada respiração.

Maia afastou os lábios dos meus e percorreu minha pele com beijos, deixando brasas por onde passava. "Você é tão quentinha…" Suas mãos me envolveram com mais firmeza. "Eu te quero tanto…" Sua respiração me acariciou.

Eu delirava naquele encontro. Estremecia a cada beijo, a cada carícia, a cada novo toque que me incendiava. Agarrei seus braços e acariciei seus cabelos, enquanto minha respiração se tornava mais pesada.

Entre gemidos e suspiros, Maia me envolvia com uma vontade quase devota.

Meu pulso acelerou. Eu mal conseguia respirar de tanta excitação. Ela me deixava em chamas. Seu desejo encontrava o meu, e meu corpo se contorceu ao senti-la dentro de mim.

O êxtase me dominou. Concentrei todos os pensamentos

nela. Eu só queria Maia. Queria permanecer com ela. Queria continuar sentindo aquilo, tão intensamente, como somente sua presença conseguia despertar. Queria esquecer que existia um mundo lá fora. Éramos apenas nós duas. Nada mais.

"M-Maia…" Gemi baixinho, agarrando seus cabelos. Mordi os lábios. Uma eletricidade atravessou minha espinha, e um entorpecimento tomou conta de mim. Abri os olhos, completamente sem fôlego.

Aquele momento se tornava um poema em brasas, um murmúrio entre os astros.

Maia passou a língua pelos dedos, lançando-me um olhar mais provocador do que nunca. As íris âmbar irradiavam sob a aura maliciosa. Ah, sim… olhando-me daquele jeito, Maia estava no ápice de sua impetuosidade. Suas mãos acariciaram meu rosto. Sua respiração quente alcançou minha pele.

E eu me entregava a cada toque. A cada suspiro. Sussurro. Olhar predador. Vestígio de aurora sobre sua pele ardente.

Maia sorriu, sedutora. "Ei, só tô começando…"

COLAPSO

Levantei-me num ímpeto. Meu peito subia e descia descompassadamente. O ar me faltava, e meus olhos lacrimejavam. Apertei as pálpebras contra a luz branca e, quando consegui enxergar, procurei minhas mãos e meus pés. Eu estava livre. Eu estava limpa. Eu estava íntegra. Eu estava viva. Respirei profundamente, tentando me acalmar.

Olhei ao redor. Armários e estruturas metálicas me cercavam. Abaixei a cabeça e tateei um amontoado de metacaixas plastificadas ao lado de uma cama improvisada. Levei a mão ao rosto. Estava usando uma máscara. Devia ter sido Kiara. Apurei os ouvidos e caminhei em direção às vozes distantes.

"… Anne instalou o malware no cara." A voz de Saymon carregava um sorriso. "O primeiro que vai cair."

"Essa galera é lasciva", Trix comentou, rindo. "Mandam no mundo. Só que, quando tão entre quatro paredes…"

"Dá pra fazer qualquer coisa com eles assim", Kiara acrescentou.

Do que estavam falando? Tentei me aproximar em silêncio, mas pisei em falso e perdi o equilíbrio. Esbarrei numa caixa, espalhando os papéis que estavam sobre ela pelo chão.

Todos os olhares se voltaram para mim.

Saymon estava apoiado numa mesa, girando o Rei de Ouros

entre os dedos. Analisou-me de cima a baixo e sorriu. Sua aura perigosa pareceu sorrir junto. "Akikozinha."

Endireitei a postura e me virei para Kiara.

Ela e Trix estavam um pouco afastadas, de braços cruzados. A androide acenou para mim, sorrindo.

Saymon se aproximou.

Prendi a respiração a cada passo.

Por um segundo, desejei lançar meus pensamentos sobre Maia para muito além da estratosfera. Reprimi a vontade de revisitar o sonho, tão vívido que ainda me perturbava.

"Obrigado." Saymon estreitou os olhos, como uma raposa que se divertia com alguma coisa. "Vou ser sincero. Fiquei desgostoso com a decisão de Maia", sussurrou, com a voz rouca que me arrepiava inteira.

Engoli em seco. Mantive o olhar baixo, intimidada demais para encará-lo.

"Até que estou gostando de você…" Ele acariciou minha testa.

Reuni coragem e sustentei seus olhos dourados.

Então Saymon se afastou, retornando para perto da mesa.

Soltei o ar, aliviada. Será que algum dia eu deixaria de sentir aquela agonia em sua presença? A inquietação que ele provocava me perturbava. Um fervilhamento surgia dentro de mim apenas com a possibilidade de que se aproximasse.

"Ela acordou", Trix anunciou, brincando com uma adaga entre os dedos. "Podemos ir?"

Kiara se aproximou e apoiou as mãos nos meus ombros, tranquilizando-me. Sua presença amigável era consoladora. Havia nela uma influência capaz de me serenizar. "Você tá bem?"

Assenti.

"Que bom. Teremos—"

A risada escarninha de Saymon cortou o ar. Ele estalou a língua, divertindo-se sozinho, e abriu um sorriso mordaz enquanto encarava Kiara. "Parece que temos uma mudança de planos…"

A androide o enfrentou com uma ira repentina, rosnando por entre os dentes trincados. "O que—"

KRAK! Um estalo veio lá de fora.

ZZZZZZZZZZZTTT! O ar zuniu, arranhando meus ouvidos.

Parecia o ruído de um automóvel com uma falha terrível no motor.

VRMMM-KRRKK-PFFSSHH! O barulho se desfez em lufadas de ar.

Fixei os olhos na entrada.

A porta começou a deslizar lentamente.

"Olha onde nos enfiou!" A voz familiar de Tanu resmungou.

Três nanorobozinhos e Hikaru vinham logo atrás.

O ciborgue trajava um haori preto sobre uma camisa branca, calças cargo pretas e tênis brancos. Em seu braço humano, uma tatuagem se estendia até o cotovelo, exibindo os traços característicos dos membros mais importantes da Ninkyō dantai.

Uma possibilidade clareou minha mente. Seria Hikaru uma das duas pessoas que Kiara mencionara? Poderia ele decodificar a QN-Criptografia das 3-R?

Hikaru passou a mão pela katana. Seus olhos percorreram cada um de nós.

"Esse lugar é imundo." Tanu meneou a cabeça em negativa.

Contive uma risada.

"Quieto", Hikaru ordenou, mantendo a serenidade. Depois se dirigiu aos demais. "Perdoem meu atraso. O motor falhou. Tive que fazer uma gambiarra. Onde estão?"

"Cadê seus modos, mestre imbecil? Peço desculpas em nome dele. Por favor, permitam-me." Tanu abriu um sorriso de desculpas. "Como estão nesta bela manhã? Pois eu estava excelente até vir para cá."

Quis apertar aquela fofura, mas me contive.

Hikaru revirou os olhos e se aproximou de Saymon. Era um pouco mais baixo que ele. Aquela cena me lembrava o encontro entre um gato selvagem e uma raposa. Os dois se encararam.

A atmosfera pareceu escurecer sob a ganância da aura sinistra de Saymon. Seu maxilar se retesou, e uma expressão congelada de ressentimento e ira tomou conta de seu rosto.

Ambos permaneceram absortos naquele confronto silencioso. Saymon, porém, rapidamente recuperou sua indiferença cruel. As feições de Hikaru escondiam apreensão. E alguma coisa a mais, difícil de captar. A tensão encheu o ambiente.

"Então?", Hikaru perguntou, erguendo as sobrancelhas.

"Estão lá atrás." A voz de Saymon saiu afiada como a lâmina de um samurai.

Hikaru assentiu, desviou-se dele e seguiu em direção aos fundos. "Tanu?", chamou por cima do ombro.

O robozinho fez uma careta. "Tenho que ajudar esse idiota. Ele não consegue se virar sozinho."

O ar temível começou a se dissipar. Quase. Por pouco não fiz uma pergunta.

Saymon me leu. Seu olhar transmitiu mais do que qualquer palavra. Uma resposta vaga, cujo sentido eu ainda não estava preparada para compreender.

"E aí, cara?" Trix descruzou os braços. "Bora?"

Kiara se levantou, lançando a Saymon um olhar raivoso. Sua aura parecia formar um chicote incandescente, pronto para atingi-lo.

Ele sorriu, perverso. "É claro. Exceto que… devem fazer um desvio."

"Tá falando do quê, caralho?" Kiara cerrou os punhos.

"Denden foi capturado."

INTEIREZA

Capturaram Denden? Como? Todos os meus músculos se retesaram. Uma atmosfera carregada de ira tomou conta do lugar.

Kiara encurtou a distância entre ela e Saymon. Faíscas pareciam despontar de seus olhos furiosos. "Refresca minha memória. Por que caralhos deveria me importar?"

Ele sorriu com um ar de diversão.

Não… Agora não. O clima pesou. Uma chama pareceu entrar em ignição. Não. Explodiu.

Kiara agarrou Saymon pela gola e o puxou para baixo. Impulsionou o braço para trás e, num golpe violento, descarregou toda a cólera em seu rosto. A cabeça dele foi lançada para o lado, e o sangue esguichou. Ela o trouxe de volta e desferiu outro soco. Mais sangue jorrou de seu nariz e desceu pela boca, manchando de vermelho os dentes que continuavam sorridentes. As gotas respingaram ao redor. O carmesim se espatifou no chão.

Quando Kiara finalmente o soltou, Saymon esfregou o maxilar e passou a língua pelos lábios. A audácia escorria por seu queixo junto ao sangue. "Kiarinha, sempre consegue me entreter."

A androide se encostou à mesa e cruzou os braços. Um escudo de furor parecia rodeá-la, enquanto suas feições se contorciam

numa impetuosidade dirigida inteiramente a Saymon.

"Cara, ela é tão…" Trix suspirou.

A tensão se alojou na minha garganta. O ar parecia preso na traqueia.

Saymon alinhou o casaco com a mão ensanguentada e se aproximou novamente de Kiara. Traços de raposa surgiam em seu rosto, acompanhados daquele sorriso provocador. Seus olhos risonhos camuflavam a natureza manipuladora sob uma afabilidade perigosa. Bastava observá-lo para compreender por que precisávamos ter cautela ao lidar com ele. Sempre tirava cartas das mangas, recordando a todos que era ele quem dava as cartas.

"Porque Denden é importante. Porque eu decidi que é. É tudo o que você precisa saber." Seu sorriso se alargou de maneira estarrecedora.

Pisquei. Sob uma luz efêmera, pareceu-me possível captar a essência dos dois. Kiara era a fúria encarnada. Saymon, um gênio ardiloso. Estavam ligados por um laço que os forçava a coexistir apesar da aversão mútua.

E aquele vislumbre me fez compreender alguma coisa. Eles se odiavam. Mas amavam Maia. Era por isso que Kiara continuava participando dos jogos de Saymon. E talvez fosse esse mesmo amor que fazia Saymon aceitar certos sacrifícios, até mesmo sangrar.

A androide reprimiu sua aura furiosa. Suas feições continuavam indômitas, mas revelavam uma ponderação surpreendente. "Onde ele tá?"

Um peso saiu dos meus ombros. A atmosfera se dissipou, como se nada tivesse acontecido.

"Levaram-no para a prisão subterrânea de Catanduvas, junto com os manifestantes. Seria interessante estender para eles… a

mão da anarquia." Saymon sorriu, vermelho e selvagem.

Prenderam os manifestantes? Meu queixo caiu.

"Sabe que isso seria…", ele continuou, provocando.

Kiara meneou a cabeça. "Eu sei, porra! Tanto faz. Depois que os alarmes soarem, não é problema meu."

Saymon assentiu, lançando-lhe um olhar cúmplice.

"Denden é um maldito idiota", Trix comentou ao meu lado. "Vai ser bom ter alguma coisa pra usar contra ele." Sorriu com maldade.

Céus. Eu estava cercada de predadores.

"Vamos." Kiara seguiu para a porta.

"Finalmente!" A mercenária foi logo atrás, e eu as acompanhei.

Estava perdida em pensamentos quando Saymon me deteve. Sua mão ensanguentada tocou meu pulso. "Ei. A caçada começou. Cuidado."

Engoli em seco. Puxei o braço e caminhei para fora, enfraquecida. Tremia. Aquelas palavras me lembraram de que eu continuava sendo uma presa. Talvez fosse o volume exaustivo de informações que vinha recebendo, uma descoberta atrás da outra. Ainda assim, mantive em mente que lutaria até o fim para me proteger. Precisava me concentrar no presente.

Então me recordei de uma pergunta. "Kiara, o que há entre Hikaru e Saymon?"

Ela olhou por cima do ombro e diminuiu o passo. "Na moral? Sei lá… O Hikaru só fez o que lhe pediram."

O quê?! Isso explicava droga nenhuma. Fiquei encucada, mas guardei a dúvida numa gaveta mental. Poderia abri-la em outro momento.

Trix se acomodou no banco da frente. Sentei-me atrás, mantendo os olhos fixos na paisagem.

Voávamos em direção à prisão de Catanduvas.

A instalação era considerada a prisão mais importante do Brasil, abrangendo regimes que iam do aberto à segurança máxima. Provavelmente, os manifestantes estavam na área destinada ao regime aberto. E Denden? Revirei os olhos diante da minha própria ingenuidade. Considerando a loucura daquele mercenário, era óbvio que estaria no último subsolo, entre os prisioneiros mais perigosos. Eu o conhecia. Queria vê-lo livre, num lugar melhor, em segurança. E desejava o mesmo para os manifestantes. Depois de presenciar os horrores da Rede Aether, queria que aquelas pessoas estivessem a salvo.

Trinquei os dentes. A raiva alcançou meu coração. Fui inundada pela vontade de tirá-los dali, de lhes devolver a liberdade que lhes havia sido arrancada. Após tanto tempo sufocadas, aquelas pessoas finalmente explodiram. Eu queria me insurgir ao lado delas. E faria o que pudesse para contribuir.

"Porra, esse Denden é foda." Trix tragou o cigarro. "Um masoquista desgraciado interestelar."

Kiara reprimiu uma risada, mas a mercenária sorriu.

"Quanto tempo até lá?", perguntei.

"Seis horas. Aliás, teremos uma seluna até Anne se encontrar com o Paulo Lewis." Kiara piscou pelo retrovisor.

Franzi a testa. O que eu tinha perdido? Paulo Lewis? O que um executivo da Sessota tinha a ver com tudo aquilo? Voltei os olhos para a paisagem. Faltava-me o ar. As informações se acumulavam como uma bola de neve infinita, impedindo-me de parar para processar qualquer coisa. Essa era a sua vida, Maia? Você também achava difícil respirar?

Permanecemos em silêncio durante quase toda a viagem.

Pouco a pouco, a atmosfera começou a se transformar.

Aproximávamo-nos de Catanduvas, no Paraná.

Até 2795, aquele estado era conhecido pela abundância de pinheirais, por sua beleza e pelos lugares históricos que atraíam turistas. Depois da reestruturação de São Paulo, centenas de pessoas emigraram, abandonando cidades brasileiras para se concentrar no grande centro.

Catanduvas também sofreu esse processo. Seus sítios históricos permaneceram, mas o turismo foi banido. A Rede Aether concedeu a região à UNITED, que explorou a natureza já quase extinta e poluiu o ambiente. O verde que antes predominava nas planícies se converteu em terreno estéril. Na primavera, deveriam existir flores e frutos. Agora, restavam apenas galhos secos.

Os lagos haviam evaporado. Os rios morreram. Fábricas sufocavam a paisagem, e pilhas de detritos nanotecnológicos se acumulavam no horizonte, sob um ar arenoso e acinzentado.

Uma visão triste.

Kiara parou o nanocarro à sombra de uma árvore queimada, a única que consegui avistar em quilômetros de terra árida.

O sol mordaz atravessava a sombra rala. Eu teria sufocado naquela secura, não fosse a máscara. Senti sede e peguei uma garrafa de água. Depois de beber, ofereci um pouco à árvore, num pequeno gesto de reverência à Tecelã da Vida, agora tão enfraquecida.

"Fiquem aqui. Vou analisar o lugar." Kiara pegou o rifle de precisão e saiu.

Restamos eu e Trix.

Engoli em seco. Era desafiador ficar à vontade na presença dela.

A mercenária acendeu outro cigarro e apoiou o rifle sobre o veículo. A arma reluzia em neon esverdeado, exibindo uma

holoescrita: *Eu Vejo Você.*

Não havia mira óptica. Não precisei pensar muito para compreender. Os olhos de Trix enxergavam mais longe do que qualquer nanoacessório. Esses mercenários eram tão interessantes…

Ela tragou o cigarro e observou os arredores com a atenção de uma águia astuta. "Eu sei quem você é."

Meu coração subiu até a boca. "E-eu…"

Trix ameaçou se aproximar, sorrindo de maneira cativante, com os belos caninos afiados à mostra. "Vi sua foto quando reativaram seu contrato."

Minha mão tremeu com o impulso instintivo de pegar o revólver.

Trix se apoiou no tronco. "Morreria sonhando em tocar nessa belezinha. Sugiro que abandone essa ideia." Sorriu, envolvendo a ameaça numa naturalidade quase afável.

Merda. Por que eu era tão fácil de ler? Apertei o tecido da roupa.

Ela voltou a mirar o horizonte. "Me lembrei desse seu rostinho marcante. Sabe… lembro de quem me salva."

O suor provocado pelo calor e pelo medo escorria pela minha testa e se acumulava sob a máscara. Meu corpo tremia. Temia dizer alguma coisa errada. Temia até respirar errado. O instinto apontava perigo e exigia cautela.

Trix abaixou a cabeça. "Por que você tá com a Kiki? Considerando que ainda vive, é porque ela tá te protegendo. Isso explicaria por que ninguém te encontrou e por que você virou um alvo ultradifícil em três luas." Riscou a terra com a ponta do pé, desenhando marcas efêmeras. "Você é aprendiz dela. Sabe o que significa?" Baforou fumaça. "Além disso, Saymon é o único que realmente pode suspender contratos. Sabe quantos

contratos ele já suspendeu? O seu foi o primeiro. Aí pensei… ela significa alguma coisa."Trix apagou o cigarro. "O que você significa?"

O que eu significava? Emudeci. Sua aura parecia ter se abrandado. Trix estava conversando, procurando uma resposta. Mas o que faria com aquilo que eu dissesse? Não sabia.

Meu tremor começou a cessar, e a respiração se normalizou. Era evidente. Ela sabia. "É, sou eu. Mas não sei quem é o contratante, nem o motivo."

A seriedade dela durou apenas alguns segundos. Então começou a rir. E logo gargalhava, deixando aquela risada atravessar o ar até atingir meu rosto como brasas. Qual era a graça?

"Não, cara. Tô pouco me fodendo pro seu contrato. Sinceramente? Esses treze milhões não valem a dor de cabeça que viria junto. Se bem que eu poderia gostar da Kiki vindo atrás de mim."

Franzi as sobrancelhas.

"Quero saber o que você significa pra eles." Trix pigarreou e fez uma careta que praticamente dizia: *Entendeu agora? Ou quer que eu atire na sua testa?*

Desviei o olhar. O que eu significava para eles? Kiara me protegia por causa de Maia. Porém, uma amizade havia nascido entre nós.

Já Saymon? Eu sequer sabia o que sentir sobre ele. Sua tendência a manipular as pessoas, inclusive a mim, despertava minha raiva. Sua presença intimidadora me deixava desconfortável. E o que pensaria ele a meu respeito? Talvez me considerasse apenas mais um brinquedo em suas mãos. Talvez…

"Não sei." Encolhi os ombros.

Trix estreitou os olhos. "Por que você tá aqui?"

Revolvi a terra seca com os pés. Droga. A resposta morava no meu coração. Era algo intangível, difícil de exteriorizar, mas inegável. Eu queria conhecer o universo de Maia. Descobrir quem ela era sob todas aquelas camadas. Compreender o que fazia Maia ser Maia. Queria respostas para minhas perguntas. Queria entender a dor sufocante que ela escondia. Desejava conhecer os fragmentos de seu mundo que permaneciam ocultos, por mais que tivesse desejado compartilhá-los. Queria mostrar, mesmo que ela já tivesse partido para ver, que eu continuaria amando-a depois de descobrir tudo aquilo.

É… eu estava ali porque a amava. E porque não estava preparada para me despedir. Mas havia outra coisa. "Quero mudar como as coisas estão." Precisava fazer alguma coisa. Durante ciclos, eu escolhera não fazer nada, mesmo depois de tudo que havia presenciado e sentido. Se pudesse contribuir de alguma maneira, contribuiria.

"E você? Por que está aqui?" Levantei os olhos.

Trix os mantinha apertados contra as rajadas de vento, observando as linhas arenosas do horizonte com um semblante selvagem. "Quero mudar como as coisas estão." Ela sorriu, ferina. "Mas alguns de nós só querem ver as coisas pegando fogo." Aquele lado dos mercenários sempre acabava aparecendo.

Permanecemos em silêncio.

S-2880 • L11 Irraluna • D17 Fluxli

"Irraluna irradia prata em curva ampla. Fluxli libera o fio em dança leve. A maré desenha caminho no ar claro. A história segue inteira, em brilho vivo."

O calor havia se tornado insuportável, mesmo no outono. Eu entrava e saía do carro, inquieta, sentindo-me imunda e

enlouquecida pela vontade de tomar um banho. Comi algumas barras nutritivas, ricas em proteínas e gorduras.

Trix continuava observando os arredores. Sua nanovisão parecia perceber e captar tudo.

"Ela tá voltando." A mercenária permaneceu impassível.

Invejei sua tranquilidade, sobretudo porque nem uma gota de suor brotava de sua pele. Inclinei a cabeça.

Kiara atravessava o solo seco em nossa direção.

Espreguicei-me. A sensação de latência começou a abandonar meu corpo. Saí do automóvel.

"Então?" Trix abriu os braços.

Kiara se aproximou. "Foi fácil mapear o lugar. Dizem que é a prisão mais segura? A nanosegurança deles é lamentável. Acessei tudo em trinta minutos." Projetou um holomapa da instalação. "Os manifestantes tão na área superior. Isso vai facilitar a fuga deles. Pra libertá-los e Denden, vou ter que ir pra sala central da IV."

"Sabe onde o puto tá?" Trix acendeu mais um cigarro.

Kiara meneou a cabeça em negativa. "É impossível saber sem conectar a IV."

Então apontou para mim.

Silêncio.

"É aí que você entra."

O chão pareceu desaparecer sob meus pés. "Eu?!"

"Ela?!" Trix estava igualmente surpresa.

A androide beliscou a ponte do nariz. "Sim. Você vai soltar Denden, e Trix vai dar cobertura para os fugitivos. Vou explicar como faremos."

Kiara apresentou o plano.

Mordi os lábios até sentir o gosto de sangue, tamanho era meu nervosismo. O coração socava o peito. Eu não possuía

a agilidade, a astúcia, a confiança ou a experiência daqueles mercenários para fazer uma coisa daquelas. Estava cansada até de pensar. A única ideia capaz de me tranquilizar era saber que Denden estaria comigo em algum momento. "Certeza?"

Trix me lançou um olhar de reprovação.

A androide bufou. "Sem começar isso de novo. Entendido?"

Assenti com pouquíssima confiança. Tinha medo suficiente para concordar sem discutir. Mais do que conhecer o mundo de Maia, eu começava a vivê-lo.

"E você?", Kiara perguntou a Trix.

"Considere feito."

"Beleza. Vamos observar a prisão à noite e invadir amanhã."

Amanhã. Em menos de vinte e quatro horas, eu estaria lá dentro. Que merda estava fazendo?

Voamos até uma colina, de onde conseguíamos observar a nanoprisão por cima.

Os manifestantes permaneciam na área destinada ao regime aberto, sem muralhas. Já o subsolo abrigava os demais prisioneiros. Quatro torres principais, de tonalidade bege, erguiam-se nas extremidades do complexo, fortemente guardadas. A sala de controle ficava no quarto subsolo.

As duas mercenárias posicionaram os nanorifles e passaram a acompanhar cada movimento da instalação.

Oito da noite

O clima refrescou com a chegada do fim do dia. O pôr do sol tingia o céu de laranja, lilás e rosa. Nuvens vagarosas e fofas se espalhavam como algodões-doces. Apoiei os braços sobre os joelhos e respirei profundamente. A tensão saiu junto com o ar. Era impossível continuar inteiramente inquieta diante de uma paisagem tão bela.

Quando fora a última vez que contemplara a natureza? Um vento sibilante percorreu a colina, trazendo consigo um apito baixo vindo da prisão. Ainda assim, mantive meu centro. Permiti que os pensamentos se esvaíssem. Minha mente precisava de calma. Uma parte de mim desejava refletir sobre tudo que havia acontecido e sobre o que eu estava sentindo.

Afastei aquelas inquietações. Não era o momento apropriado.

Eu só queria respirar. Sentir minha vida. Sentir-me dona de mim. Tateei as palmas ásperas. As cicatrizes doíam menos. Faziam parte de mim, assim como todas as marcas internas e externas que me haviam conduzido até ali, sentada sobre aquela terra ressecada. A brisa dançava pelos meus cabelos e tocava meu rosto. Reverenciei o belo pôr do sol.

Eu e eu.

A escuridão começou a despontar no céu. Algumas estrelas se rebelaram contra a poluição e conseguiram reluzir.

Ergui o braço e brinquei com elas, movendo os dedos como se lhes fizesse cócegas. Sorri por dentro.

O que seria de nós quando finalmente alinhássemos o cósmico, o natural, o humano e o tecnológico na tecedura e cotecedura da Corquestrama, em amor, luz, harmonia e propósito divino?

Apreciei a noite. As estrelas cintilavam. E foi natural lembrar-me dela.

Maia. A mulher que transitava pela escuridão e se revelava ainda mais na luz. A essência que iluminara minha vida, assim como as estrelas iluminavam a noite. Uma paz estranha tocou minha alma ao pensar nela. Mesmo ausente no presente, Maia ainda podia acelerar e acalmar meu coração. Sorri.

"O que vai fazer depois disso?" A voz de Trix me despertou do devaneio.

Olhei de relance para as duas.

"Sei lá… Quem sabe eu vá relaxar num resort?"

"Por que você…"

Senti minhas bochechas aquecerem. Eu deveria estar evitando escutar aquela conversa. Mas, se me afastasse, chamaria atenção desnecessária. Tentei abstrair. Impossível.

"Fica comigo, Kiki?"

Droga. Para de escutar, ouvido idiota.

Trix pigarreou. "Quero dizer… me ajuda com o Vorovskoy mir?"

Kiara riu baixinho. "Quem sabe?"

Uma rajada de vento roçou meu rosto. Acomodei uma risada. Essas duas…

"Ei, Aki." Kiara me chamou.

Olhei por cima do ombro, caminhei até elas e me sentei por perto.

"Saymon mandou isso. Vamos assistir." A androide abriu uma holoprojeção, revelando uma jornalista da Notícias Aether. "Os protestos avançaram na Vibrilia de Veltara de 2880. Outrora uma marcha pacífica, o movimento se tornou violento. Os manifestantes forçaram sua entrada para a Zênite, trocaram tiros, realizaram nanobombardeios e neutralizaram androides policiais."

A voz da jornalista soava mecânica. "A F.T.A. tentou apaziguar a situação. Utilizou nanobombas soníferas contra os mais agressivos e os encaminhou para a prisão de Catanduvas, onde permanecem até então. Conversamos com uma zênita atacada por uma manifestante."

A imagem mudou para uma mulher cujas feições, contorcidas em tristeza, pareciam mascarar suas intenções. Eu conhecia bem aquela máscara. "Uma jovem puxou o meu cabelo. Quando

um androide que nos prote…" Ela fingiu tossir. Lágrimas escorreram pelo rosto. "Que tentava acalmar a situação… Por sorte, ele a segurou a tempo. Senão, o que seria de mim? D-desculpe… Não consigo mais falar… Preciso de um tempo."

Quis rir de tão ridícula que aquela encenação me pareceu.

A jornalista reapareceu, contraindo as sobrancelhas numa expressão de pena. "Tadinha. Imaginem o quão abalada ela está?" Demonstrou compaixão, mas logo assumiu uma postura séria. "Agora transmitiremos, ao vivo, uma mensagem do premier. Lorenzo Cardoso falará sobre as medidas que serão tomadas."

Lorenzo surgiu sentado diante da câmera. Não vestia terno. Usava uma camisa branca de mangas arregaçadas, mantinha as mãos unidas sobre a mesa e sorria amigavelmente. "Olá. Primeiramente, quero me desculpar por permitir que tamanha perversidade se infiltrasse tão profundamente em nossa sociedade. Aqui, admito minha falha para com vocês."

Levou a mão ao peito. "Não temam! Essas falhas são intoleráveis. Iremos cortar o mal pela raiz…"

O holograma tremeu. Os pixels piscaram. E a figura misteriosa reapareceu. "É mesmo, premier? Como cortará o mal pela raiz? Colocando o povo contra ele mesmo, quando deveriam se unir? Quando deveriam se insurgir contra esse sistema tirano da Rede Aether? Ou sufocá-lo, como fizeram ontem?"

A voz robótica se tornou mais incisiva. "Ao contrário do que esse jornalismo sugere, temos imagens reais dos protestos. A violência nunca partiu dos manifestantes. A violência partiu dos militares. Não, não…" A figura riu, debochada. "Os policiais só a executaram. Partiu de sua ordem. Oh, não. Me enganei novamente. Para além de você… Sim, daqueles acima de você."

A voz adquiriu um tom ameaçador. "Agora estou falando diretamente com vocês. Sim, sei que estão me assistindo. Acham que podem brincar com vidas como fizeram? Vou mostrar-lhes o que acontece…"

Kiara e Trix assistiam atentamente.

Então veio o que eu jamais poderia ter imaginado. Cerrei os punhos. Apertei-os com tanta força que minhas unhas marcaram as palmas. Trinquei os dentes. A chama enraivecida que ardia dentro de mim se transformou num incêndio, percorrendo cada átomo do meu corpo. A raiva agora dançava acompanhada de ódio puro, cólera, desprezo e aversão diante do que eu via.

A nova gravação mostrava Lorenzo muitos ciclos mais jovem. Provavelmente ainda era assistente de gabinete, numa época em que tentava se desvincular do famoso sobrenome dos pais políticos.

Ele se mexeu, inquieto, na cadeira. "Tem certeza disso? Está tudo certo?"

Vozes indecifráveis responderam.

"Sim, eu sei. Conversei com os representantes das outras milícias. Eles estão prontos e nos aguardam. Aplicaremos os testes na Espanha, Alemanha, Portugal e Itália." Lorenzo esfregou os lábios suados. "Escolhemos esses países conforme os impactos sociais e econômicos. O que acontecer com eles irá nos afetar pouquíssimo."

As outras vozes voltaram a falar.

"Precisamos da França. Com certeza, estamos atentos. Sim, as unidades da UNITED em Londres e Nova Iorque pré-encomendaram uma leva para a segunda selunaria, caso os resultados sejam positivos. Estamos seguros, com 98,7% de eficácia garantida do produto. Os demais aguardarão."

Lorenzo abriu um sorriso fraco, quase pedindo desculpas. "Vão comprar na primeira selunaria do próximo ciclo solar."

A informação pareceu desagradar seus interlocutores. As vozes retornaram.

"Hum… devemos ficar tranquilos quanto a isso. É provável que um por cento daqueles nos andares superiores sejam atingidos. Sim, é muito inexpressivo. Um pequeno sacrifício para o bem maior."

As vozes se pronunciaram mais uma vez.

Lorenzo abriu um sorriso afetado e nauseante. "Como iremos chamá-la? Ah, sim… Vaktiria."

VERDADE OCULTA

Meu estômago se revirou de nojo. Lorenzo acabara de revelar que a Rede Aether havia disseminado a doença mais mortal do mundo, responsável por 43% das mortes globais. Como ele conseguira continuar sorrindo?

"Gavno. Fudidos." Trix trincou os dentes.

Na gravação, enquanto Lorenzo ajeitava a camisa, as vozes de seus interlocutores voltaram a falar.

"Naturalmente. Será um excelente controle populacional. Estamos atingindo quase doze bilhões de pessoas. Para melhorar a nanofórmula, adicionamos uma predisposição na bactéria. Sim, para afetar os quase quatro bilhões acima de oitenta ciclos. Esse número aumenta cada vez mais! Essas nanotecnologias para longevidade…" Lorenzo bebeu um pouco de água. "Nossas organizações irão falir. O dinheiro é gasto com essa população, que nem sequer colabora com mão de obra! Com os números baixando, colocaremos androides para trabalhar."

As vozes se manifestaram novamente.

"O Parlamento aprovou a redução do teto de investimentos. Sim, em educação e saúde. Os resultados demorarão em torno de trinta ciclos."

Os interlocutores terminaram de falar.

A gravação cessou. O premier reapareceu na transmissão,

suando frio, com o pavor estampado nos olhos.

Senti uma satisfação amarga ao vê-lo apavorado. Começava a compreender por que os mercenários se divertiam com o terror alheio. Trix estava certa. Fodidos.

"Achei que as linhas estavam seguras!" Lorenzo discutia com alguém fora da imagem. O desespero transbordava de suas feições.

"Voltamos. Volt—" Alguém gritou ao fundo.

O premier olhou para a câmera, penteou os cabelos e abriu a boca… A imagem se desligou. A jornalista reapareceu, chocada.

Kiara interrompeu a holoprojeção.

Silêncio.

Eu mal conseguia acreditar no que havia escutado. Queria extravasar a raiva. Queria acertar Lorenzo com meus punhos fechados, assim como todos os demais envolvidos naquela atrocidade. Apertei os dentes até sentir o maxilar se retesar.

Um filete de sangue escorreu dos meus lábios. Haviam tratado aquela doença como um produto! Reduziram os investimentos em educação para manipular a sociedade. Cortaram recursos da saúde, interferindo nas condições de sobrevivência da população. Em última instância, pretendiam controlar quem viveria e quem morreria. Ou seja…

"O que aconteceu com quem estava nas Terras de Ninguém?", perguntei a Kiara.

Ela franziu a testa.

Pensar naquelas pessoas foi instintivo. Afinal, eram elas que mais sofriam.

Depois da invasão à Zênite, a Rede Aether havia atacado primeiro as Terras de Ninguém. Independentemente das justificativas apresentadas, aquelas comunidades acabavam se tornando alvos. Eram famílias que só queriam viver, mesmo

cercadas por mercenários e pela violência.

"Saymon previu que atacariam as Terras de Ninguém, então evacuaram a região dois dias antes." Kiara encolheu os ombros. "Zero ideias de onde estão."

"Entendi."

Saymon parecia realmente ter controle sobre tudo, como se o mundo inteiro fosse um gigantesco tabuleiro de xadrez e ele movimentasse todas as peças.

Inspirei profundamente. Começava a compreender o desejo de provocar o caos. Libertar os manifestantes. Mostrar à Rede Aether que aquilo era maior do que seus governantes. Deixar evidente que as atrocidades cometidas durante tantos ciclos eram intoleráveis. Eu queria fazer parte daquilo.

Ainda lutava para compreender Saymon. Suas escolhas pareciam atropelar os outros, como se seus próprios anseios fossem lei. Porém, ele movimentava as engrenagens contra aquele sistema. E eu estava disposta a participar daquela articulação. Não. Era mais do que isso. Maia também estava por trás daquilo.

Suspirei. A tensão permanecia alojada no meu coração. Sentia-me furiosa. E exausta. "Vou descansar. É simplesmente muita coisa."

"Você tá bem?" Kiara pousou a mão no meu ombro. "Como médica, o que você viu…"

Assenti. Encarei seus olhos prateados, brilhantes como a lua. "Abomino essa gente. Todos eles." Uma lágrima de indignação ameaçou escorrer. "D-detesto ter contribuído para isso de alguma forma."

"Ei…"

"Quero… Só quero passar por esta noite." Minha voz embargou. "Fique tranquila. Vou encarar o que vier de frente."

Deitei-me sob o céu negro, velado por nuvens cinzentas. Algumas estrelas corajosas reluziam diante dos meus olhos. Tentei não pensar em nada. Sobre o chão ressecado, adormeci. Queria sonhar com Maia, mas apenas uma infinita escuridão visitou meus sonhos.

FERA

"Existe outra torre no terreno?" A voz murmurante de Trix me despertou.

Permaneci imóvel, de olhos fechados, escutando a conversa.

"Não. Distribuíram nanosensores de movimento e calor por todo o perímetro. Essa é uma área descoberta."

"Certo."

"A Cloakify vai te camuflar para os nanosistemas, mas, se te enxergarem… você já era."

Despertei de vez. Minha cabeça pesava sobre o corpo dolorido. Saí do carro e procurei as duas com os olhos.

"Olha só quem acordou." Kiara se aproximou e perguntou como eu estava.

Comi algumas barrinhas nutritivas. Depois, só nos restava esperar.

Kiara explicou que o melhor horário para a invasão seria à noite. Mesmo com a guarda dobrada, o clima mais fresco evitaria que eu desmaiasse por causa do calor.

Além disso, depois que ela invadisse o nanosistema, a segurança levaria duas horas para restabelecer a conexão, e os reforços demorariam outros trinta minutos para chegar.

S-2880 • L11 Irraluna • D17 Fluxli

"Irraluna irradia prata em descida suave. Fluxli libera o fio em curva viva. A maré desenha caminho no ar aberto. A história segue inteira, em brilho profundo."

O dia passou vagarosamente. O tédio era sufocante. Depois de tantas horas contemplando a mesma paisagem, tive que acorrentar a própria raiva. Eu sustentaria a pressão daqueles sentimentos. O medo de invadir a prisão continuava predominante, mas a determinação de perturbar a Rede Aether falava ainda mais alto. Como reagiriam? A maior prisão do Brasil invadida?

"Ei, Saymon mandou outro vídeo", Kiara anunciou, quando já eram quase oito da noite.

Juntei-me às duas.

Uma holoprojeção se abriu, revelando um jovem jornalista da Notícias Aether.

"Ontem, a transmissão do premier Lorenzo Cardoso sofreu um ataque hacker. Durante a invasão, foi exibido um vídeo datado de Silensina de Fluxluna de 2847. O então analista de relações empresariais aparece conversando com indivíduos anônimos. A gravação sugere a negociação de um produto com outros países que, na verdade, seria a Siccunsanguine Bacteria, agente causador da Vaktiria."

O jornalista prosseguiu. "Após a autenticidade das imagens ser confirmada, o Partido Central peticionou uma moção de não confiança contra o premier. O pedido foi submetido ao conselho e agora aguarda análise da presidente Priscila McQuoid. Caso seja aprovado, Lorenzo deverá apresentar sua renúncia, e a presidente poderá nomear uma nova liderança para o cargo."

Ele virou o rosto antes de continuar. "Enquanto isso, a

Agência Nacional de Crimes Aether investiga um possível envolvimento do Brasil na cotecedura da bactéria. A Notícias Aether segue acompanhando o caso. Novas informações serão divulgadas em tempo real, com interrupções na programação, se necessário."

A imagem mudou para outra emissora, a Visão Global. Duas jornalistas surgiram na tela.

"Protestos tomaram as ruas ao redor do mundo", anunciou uma delas. "Manifestações massivas em Hong Kong e Nova Iorque exigem a punição dos países envolvidos na suposta disseminação da doença global."

A jornalista continuou: "O presidente dos Estados Unidos e a primeira-ministra da Inglaterra emitiram notas negando qualquer ligação com o premier brasileiro ou com a compra da Vaktiria. No entanto, tanto o Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos quanto a Polícia Armada Britânica iniciaram investigações sobre possíveis conexões entre as milícias nacionais e a propagação da bactéria. Caso sejam encontradas evidências, os representantes das nações poderão peticionar uma ação penal para responsabilizar as autoridades envolvidas."

A jornalista loira assumiu a palavra. "Enquanto isso, Abdel Ramesses Kalil anunciou que protocolou uma moção no Tribunal Penal Mundial, denunciando a Rede Aether por violações de direitos humanos, crimes contra a humanidade e genocídio contra a população civil, com base no Estatuto da Liga dos Continentes Unidos. Algumas ONGs solicitaram sua inclusão no processo como assistentes, além de requererem a inclusão dos Estados Unidos e da Inglaterra no polo passivo, citados no vídeo como compradores da bactéria. Também solicitaram a investigação de outros países possivelmente envolvidos."

Ela fez uma breve pausa. "A instauração do processo ainda está pendente. Caso a denúncia seja admitida, a fase de inquérito terá início, exigindo a cooperação obrigatória dos países investigados. O líder egípcio prestou solidariedade às vítimas da Vaktiria e anunciou que o Egito lançará um programa internacional de assistência para os afetados e seus familiares."

A projeção cessou. De repente, o ar pesou ao meu redor. A dimensão daquilo finalmente me atingiu. O nível que os acontecimentos haviam alcançado… A Rede Aether finalmente sofreria as consequências?

"A Imperatriz Sonechka disse que vai enviar as forças armadas russas pra proteger os manifestantes", Kiara acrescentou.

"Sendo ameaçada do jeito que tá…" Trix deu de ombros.

"É. Vamos ver onde tudo isso vai dar."

Enquanto Kiara observava o horizonte, sentei-me, receando que minhas pernas fraquejassem. Outro pensamento me atravessou de repente. A maneira como tudo estava acontecendo… Acho que isso… Não. Não poderia ser. Se isso… Engoli em seco. Eles seriam capazes…?

Balancei a cabeça. Alguma coisa começava a fazer sentido. Talvez… Respirei profundamente. Calma. Eu estava prestes a invadir uma prisão. Precisava me centrar. Concentração. Forcei-me a afastar as ideias que borbulhavam na cabeça, como se cada uma estivesse prestes a explodir em caos.

Dez minutos depois, Kiara se aproximou. "Pronta?"

"Vai mudar alguma coisa se eu não estiver?" Sorri com os olhos.

Ela piscou e se aproximou um pouco mais.

"Trix sabe", murmurei.

"Sabe…?" Kiara arqueou a sobrancelha. "O que ela… Ah, foda-se. Sem tempo."

Cocei a testa. "E Denden?"

"Por que acha que pegaram ele? Quem você acha que levou as armas pros manifestantes? Foi o puto do Denden! Quis participar quando viu os protestos."

Puxei o ar pela boca. "Denden? Faz todo sentido…"

Ri. É claro. Como não havia ligado os pontos antes?

"Beleza, detetive. Hora de ir."

Assenti.

Descemos em direção à prisão.

O ar cheirava a terra, enquanto um odor pesado de borracha queimada impregnava o ambiente. Embora minhas narinas e meus olhos estivessem ressecados, a brisa noturna refrescante tornava a caminhada menos exaustiva.

Levamos quinze minutos para alcançar os limites do complexo.

Os alarmes soariam assim que Kiara invadisse a IV. Para evitar que os sensores detectassem nossa aproximação, ela aplicara o Cloakify ao nanosistema. Os dados térmicos seriam direcionados para seu nanite invasor, que destruiria os sinais dos sensores antes que pudessem disparar os alertas.

"Lembra o que deve fazer?"

"Sim." Eu queria ser corajosa. Mas o medo era palpável.

Quando alcançamos a entrada oeste, encontramos seis guardas terrestres mortos, incluindo o responsável pela cabine. Todos tinham um tiro na testa.

Presumi que os quatro guardas das torres haviam tido o mesmo destino.

Começou. Só adiante agora. Na verdade, era só adiante havia ciclos.

Segui Kiara.

Ela corrompeu as nanocâmeras, acrescentando mais uma

hora ao tempo necessário para que a segurança fosse restaurada.

Esgueiramo-nos pela escuridão.

Trix permanecia na retaguarda, eliminando os guardas próximos com disparos silenciosos.

Alcançamos a instalação central. Precisávamos descer até os andares inferiores.

Um arrepio subiu pela minha espinha. Apertei o nanorrevólver nas mãos, desejando que bastasse segurá-lo.

O último guarda do térreo caiu de joelhos. As portas se abriram.

"Quem é—" Um disparo rápido de Kiara o silenciou. Antes que os outros guardas conseguissem sacar suas armas, ela também os alvejou.

O sangue iniciou sua jornada pelo piso branco.

Seguimos pelo corredor.

Kiara avançava na frente, atirando em quem surgisse no caminho.

Eu a acompanhava com a respiração acelerada e o coração disparado. O suor começou a brotar da minha testa. Merda.

"Ei, vocês…" Outros disparos fatais interromperam a ameaça.

"Beleza, chegamos às escadas."

Começamos a descer.

Kiara continuava corrompendo as nanocâmeras durante o percurso.

Seis lances de escada por andar compunham aquele caminho tortuoso.

Quando alcançamos o quarto subsolo, ela segurou meus ombros. "É o seu momento." Seu olhar pareceu injetar coragem em mim.

Assenti, apertando os dedos nervosamente.

Kiara me lançou um último olhar e atravessou a porta.

Restamos eu e o corredor frio. As paredes azuis pareciam querer desabar sobre mim. Esperei o sinal.

"Ele tá no décimo segundo subsolo", Kiara informou pelo comunicador.

Lambi os lábios suados. A água escorria pela minha testa. Pisquei com força. Quando eu chegaria? Perdi a conta dos lances de escada que desci. A aflição crescia, e minhas panturrilhas começaram a doer.

Finalmente, um número iluminado surgiu diante de mim. 12º andar. Sorri. "Finalmente!"

"Ei, tá falando alto demais", Kiara ressoou no meu ouvido.

Contive um susto. "Desculpa."

"Tranquilo. Os guardas estão em outro canto. O lugar é à prova de som. Tô na sala central. O Denden tá na cela quatro. A senha é 3287."

"3287?" Repeti os números mentalmente. Primeira esquerda. Última cela da direita.

"As nanocâmeras são inexistentes aí. Vá agora, porque os carcereiros tão ausentes dos corredores. Vá, vá!"

Um tremor assolava meu corpo. Meu coração acelerou ainda mais, e o ar pesava nos pulmões. Abri a porta.

Um enorme espaço de paredes azuladas e sombrias se estendia diante de mim. A iluminação era escassa, e o ar gelado roçava minha pele.

Inalei um odor azedo. Tudo possuía a atmosfera perturbadora de um filme de terror. Estremeci ao ouvir uma tosse vinda de uma das celas. Avancei com passos rápidos, mas silenciosos. Era difícil manter a discrição.

A quietude reinava naquele lugar, incomodando meus ouvidos.

"Separou a lista dos presos pra enviar pro Hospital Santa

Geordana?" Uma voz grave ecoou.

Parei. Santa Geordana? O hospital onde eu trabalhava?

"Pediram umas cobaias para uns experimentos com a Vaktiria, não é?", respondeu uma voz mais fina.

"Sim. Certifique-se de que estarão sedados quando chegarem lá."

Então era verdade que utilizavam presos como voluntários? Um nó de indignação apertou meu coração.

"Também temos que enviar uma leva para a UNITED. Parece que precisam de mão de obra, porque tão escavando um sítio arqueológico no Oriente."

"Esses aí temos que dar um prato de comida pra chegarem lá um pouquinho dispostos. Dizem que a líder do lugar chicoteia só de respirarem mais alto."

Inspirei profundamente. Guardei a raiva por alguns instantes e me concentrei na tarefa. Comecei a conferir as celas. Um. Dois. Três… Quatro. Encarei a figura atrás das barras de nanometal.

Denden estava com fones de ouvido e a cabeça baixa. Seu peito nu, ensanguentado, deixava as vestes grudadas na pele. A caixa torácica parecia imóvel.

Meu coração falhou uma batida. Aproximei-me da fechadura e digitei a senha.

CREC! O mecanismo estalou. O suficiente para…

"Tu ouviu isso?" A voz grave reverberou ao longe.

Droga. Entrei depressa na cela e ergui a cabeça de Denden. Seus olhos permaneciam fechados. Procurei a pulsação em seu pescoço. Vamos… Um pulso fraco. Estava vivo. Suspirei, aliviada. Agachei-me atrás dele e executei o *K-K.exe* nas nanoalgemas. O fecho brilhou em azul e se soltou. Fiz o mesmo nas algemas das pernas.

"Ei, o que tá acontecendo aqui?" A voz grave soou mais perto.

Perto demais. Cutuquei as costas de Denden. Vamos, acorda. Cutuquei-o com mais força.

A adrenalina fez meu coração disparar freneticamente. O suor umedeceu minhas mãos, e o choro começou a pesar atrás dos olhos diante da possibilidade de ser encontrada.

Os passos se aproximavam.

Belisquei a pele ensanguentada de Denden. Nada. Os fones… os… Num ímpeto, arranquei os fones de seus ouvidos e os derrubei no chão.

"Quem é tu?"

Estremeci. Meu corpo tremia tanto que eu mal conseguia continuar agachada. As pernas ameaçavam ceder. Ergui os olhos, já chorosos, e encontrei os do homem que acabara de entrar.

Era enorme, com feições malignas e um sorriso cruel. Seu corpo parecia possuir o dobro do tamanho de Denden. Martin. O nome estava estampado no uniforme. Ele me observou maliciosamente.

Minha garganta travou. O desespero tomou conta de mim. Eu ia morrer. Merda. Fiquei imóvel.

"Ora, ora… O que temos aqui?" Martin se inclinou sobre mim, agarrou meu pescoço e arrancou minha máscara.

"Hum…? Quem tirou a música? Eu tava curtindo o som." A voz fraca de Denden surgiu atrás dele.

Acordou. Ele acordou!

Martin olhou de mim para Denden, abriu um sorriso cruel e me arremessou contra a parede.

Bati as costas no nanoaço e gemi de dor. Vamos, Denden. Por favor. Minha garganta doeu quando engoli em seco. Tremia tanto que não conseguia sequer tentar tocá-lo novamente. O

choque me imobilizava. Ia morrer. O desespero percorreu meu sangue como um raio. A agonia transbordou. "D-DENDEN!!! D-D…" O pavor se desprendeu de mim.

Martin socou o rosto de Denden, lançando sua cabeça para trás com violência.

"Lixiviad…"

Outro soco o interrompeu. O olhar do carcereiro era o de um algoz. "Estava mesmo querendo me divertir com você." Ele riu, transbordando maldade. Preparou-se para desferir outro golpe.

Mas a mão de Denden segurou seu braço. Martin tinha o dobro de seu tamanho e, mesmo assim, não conseguiu sustentar a força daquele gesto.

Afastei-me, tentando desesperadamente controlar a respiração.

"É mesmo?" Denden rosnou, feroz.

O guarda arregalou os olhos. O mercenário o empurrou para trás e flexionou os ombros. Com um único braço, desferiu um soco poderoso no carcereiro. Martin se desequilibrou, mas Denden não lhe deu tempo de reagir. Acertou uma cotovelada em sua bochecha, agarrou-lhe o pescoço e golpeou seu nariz com o joelho. O estalo de um osso quebrando ecoou pela cela. O homem caiu de joelhos, encharcado de sangue.

Denden bateu no próprio peito, alucinado. "Quem vai se divertir, seu culo de mil cloacas, soy yo! Yo soy el que se divertirá, gonorrea malparida!"

Outro guarda apareceu na porta. Seus olhos surpresos saltaram de Martin, ajoelhado, para o mercenário. Antes que alcançasse a arma, Denden lhe deu um chute possante no peito, arremessando-o contra as barras de nanometal do lado oposto. O corpo caiu mole. A expressão de dor desapareceu de seu

rosto.

Denden abriu um sorriso maníaco, aproximou-se e puxou-lhe os cabelos.

"E esse chupaculos? Tive uma ideia, tumor con patas. Que tal eu enfiar sua cabeça de mierda no culo daquele parásito cagón, hein?" Apontou para Martin.

O homem ajoelhado parecia começar a se recuperar. Mesmo pouco consciente, ameaçava se aproximar de mim.

Levantei-me, segurando o nanorrevólver, preparada para revidar. Merda. Droga.

"O que disse, carroña parlante?" Denden descarregava uma cólera implacável no outro carcereiro. Chutou-lhe o rosto repetidamente. Depois esmagou sua cabeça contra as grades.

Ele estava… morto.

Recuei. Denden havia matado alguém a chutes. Engoli em seco quando o mercenário se virou. Seu rosto estava marcado pelo desejo de matar. Um delírio parecia incrustado nas íris castanhas. Uma fera manifestava uma aura de violência devastadora. Imparável. Fatal. Cobri a boca, nauseada.

Denden agarrou a cabeça de Martin e a torceu para trás. "Já sentiu medo, arrombado?" Riu insanamente.

Sua impiedade mantinha indefeso o homem que, minutos antes, me ameaçara com um único olhar. Martin o encarava, inexpressivo.

"Vou te mostrar por que me chamam de El Diablo." Denden soltou outra risada exaltada. Afundou a mão no lado direito do peito do guarda. Um brilho pixelado surgiu em sua mão e avançou até o coração do homem. Então Denden soltou sua cabeça.

As feições de Martin se contorceram em pavor. Lágrimas escorreram de seus olhos até alcançar a boca escancarada. O

terror impetuoso transformou aquele homem orgulhoso numa figura encolhida em posição fetal. Sangue, suor e lágrimas pingavam de seu corpo, revelando o horror que sentia.

Denden se inclinou. "Seu medo é minha diversão, culo de rata muerta", sussurrou ameaçadoramente em seu ouvido. Depois se levantou e esticou as costas.

Eu precisava me recompor. Precisava esconder dele o quanto estava aterrorizada. Engoli com dificuldade, endireitei o corpo e tentei abrandar a respiração, impedindo que o tremor me denunciasse.

"Chica." O sangue escorria até os lábios de Denden, avermelhando o sorriso amigável naquele rosto ferido e sanguinolento.

Ele estava preso havia duas luas e já se encontrava naquele estado? Como havia aguentado?

"O que tá fazendo aqui? Veio pelo papi?" Gesticulou para o próprio peito.

Soltei uma risada nervosa.

"Conseguiu. Tô escutando ele." A voz de Kiara despertou minha atenção pelo comunicador.

Pisquei. Lembrei-me do motivo de estar ali. Pigarreei. "É-é… temos que ir. Vamos encontrar Kiara lá em cima."

"Kiara também tá aqui? Assim fico emocionado, muchacha." Denden alargou o sorriso. "Bora. Tenho que pegar a *Rompeculos*. Vou enfiar a cabeça desse malparido no culo daquele ali outro dia."

Martin permanecia imóvel, o terror estampado no rosto.

Caminhei cautelosamente até a porta. Segurava o revólver com tanta força que parecia esperar que a arma me emprestasse coragem. Desviei-me do corpo de Martin e segui Denden, evitando olhar para o cadáver do outro carcereiro. Uma poça de sangue se espalhou até alcançar meus pés. Contive a bile.

Os demais presos também usavam fones de ouvido. Alguns tinham rostos que pareciam sentir a morte se aproximando. Outros mantinham os olhos arregalados, presos em alucinações.

"Por que usam fones?", perguntei, perplexa.

Denden assumiu uma expressão de desinteresse. "É verdade, você é nova. Nunca foi presa, né?"

Meneei a cabeça em negativa. Ser torturada havia sido insuficiente?

"Esses malditos colocam fones pra impedir que durmamos."

Apertei os lábios. Privá-los de sono?

WEEEOOO! Um som altíssimo rompeu o silêncio.

BWAAA! BWAAA! Luzes vermelhas começaram a piscar.

VVVZZZT! O sinal.

Kiara havia hackeado a IV.

Uma voz robótica familiar ressoou pela prisão. "Eles os prenderam injustamente. Estou lhes oferecendo a liberdade. Para além desta prisão, a liberdade da Rede Aether. Todas as celas serão abertas. Depois disso, é com vocês. Se permanecerem, escolherão a opressão. Se correrem, correremos com vocês! Lutaremos com vocês!" Era a mesma voz da figura misteriosa.

Denden e eu trocamos olhares. Não havia tempo para imaginar quem poderia ser. Precisávamos subir.

"Essa foi boa, hein, chica?" Denden assentiu em sinal de respeito.

Ofereci-lhe um sorriso apressado. Sua brutalidade continuava ocupando meus pensamentos.

WEEEOOO! WEEEOOO! Os nanoalarmes soavam caoticamente, impedindo-me até de escutar os próprios pensamentos. A adrenalina me dominava de tal maneira que quase não percebi quando chegamos ao térreo.

"Aki, temos um problema." A voz de Kiara soou nos meus ou-

vidos. "R-reforços… chegarão… em vinte minutos…" Um chiado interferiu na comunicação. "N-não… posso… te deixar… Trix…"

Eu seguia Denden, desorientada, sem compreender inteiramente a direção em que corríamos. Não conseguia acompanhar a voz fragmentada de Kiara, muito menos entender o que acontecia com Trix.

BWAAA! BWAAA! BWAAA! Os alarmes me ensurdeciam. Centenas de pessoas corriam para fora. Eu estava prestes a surtar.

"Não… v-vou… te…" A comunicação continuava falhando.

"Vamos, chica. Acelera esse passo", Denden insistiu.

"Kiara, tá difícil entender", sussurrei.

"D-devo…" A conexão cessou.

"Achei!" Denden parou diante de uma sala vasta, de onde manifestantes saíam carregando os próprios pertences.

Inspirei profundamente e me forcei a focar no presente.

Ele colocou as mãos na cintura e começou a procurar sua nanoescopeta no meio daquela bagunça gigantesca. "Deve tá ali."

Tudo era uma cacofonia de sons e movimentos. Pessoas entravam e saíam aos montes. Seguimos até uma mesa coberta de armas. Só faltava aquilo. Depois, finalmente sairíamos.

"Denden?" Uma voz macia soou atrás de nós.

Virei-me.

Dois mercenários estavam ali.

O primeiro tinha dreads amarrados que desciam até a cintura, camiseta branca, calças coloridas e botas marrons. As sobrancelhas eram grossas, as íris escuras e a barba cheia. Suas feições tatuadas e ferinas me lembravam as de uma coruja.

O outro trazia os dreads presos num coque. Usava camiseta

colorida, calças cargo e botas pretas. Seu semblante amigável escondia a selvageria sob um sorriso discreto, enquanto os olhos simultaneamente amistosos e implacáveis lembravam os de um lince.

Ambos pareciam fisicamente íntegros. Presumi que fossem mercenários de nível baixo.

"Kai? Luiz?" Denden os cumprimentou.

Os dois recolheram suas nanoarmas e as prenderam nos coldres. Receberam o mercenário ensanguentado com a naturalidade de quem já tinha visto coisas demais.

"O que tá fazendo aqui?", Kai perguntou.

"Fazer o quê, se todos querem um pedacito do papi?" Denden gesticulou pomposamente. Então avistou alguma coisa. "Ah, achei meu amorzinho."

Era uma nanoescopeta preta, adornada com hologramas em neon turquesa. Denden a pegou com carinho. O nome *Rompe-culos* surgiu no cano. Sua alegria foi tamanha que ele deu um beijo na arma. Realmente era apegado àquela coisa. "Certo, chica. Bora vazar daqui." Denden acenou para os dois mercenários. "Tenho uma missão pra vocês depois, hein. Até mais, amigos."

Olhei de relance para Kai e Luiz. Arregalei os olhos. Minha saliva travou na garganta.

Eles haviam colocado as máscaras. E, quando me viram, suas expressões mudaram. Um cutucou discretamente o outro.

Merda. Eles sabem. A ideia martelou incessantemente na minha cabeça. Calma. Eu precisava seguir o plano. Denden estava comigo. Tinha que sair daquela prisão. Faltavam quinze minutos para chegar até Kiara e Trix. Sim. Tudo ficaria bem. Agarrei-me àquela certeza. Continuei seguindo Denden.

Atravessamos a parte externa, onde luzes de emergência

iluminavam milhares de pessoas correndo em direção à saída. Corpos de policiais, androides e manifestantes se espalhavam pelo chão. Denden e eu corremos, misturando-nos aos demais.

"Pra onde, muchacha?"

Tentei acompanhar seu ritmo, forçando minhas pernas além do limite. Sim, eu corria pela própria vida. Ficar para trás significaria minha queda. "Uma colina ao oeste." Apontei a direção. "Kiara e Trix esperam por nós." Uma pressão repentina segurou meu braço. Quase caí com o ímpeto.

Denden me encarava, desconcertado. "Pera aí, chica. Você disse Trix?"

Assenti, sem fôlego.

"Não, chica…" Uma bala passou de raspão pelo rosto de Denden e se fincou no chão. Ele mirou o horizonte, ergueu os braços na direção do disparo e mostrou o dedo do meio. "ALMA PODRIDA! VAI SE FODER!!!"

Foi Trix quem atirou?

"Muchacha, eu fico preso, pero não devo favores pra essa pelutoda. Mierda." Denden bateu o pé, indignado. "Que seja. Vamos."

Corri atrás dele.

Trinta vans da F.T.A. pousaram nas proximidades e imediatamente abriram fogo, neutralizando os manifestantes que ainda não haviam atravessado a saída. A maioria conseguira passar. Os demais correram ainda mais depressa. Saymon havia desenrolado o caos que desejava.

"Ah, a verdadeira diversão vai começar." Denden ergueu a Rompe-culos.

O primeiro policial que cruzou seu caminho recebeu um disparo na barriga. A parte superior de seu corpo foi arremessada, enquanto uma chuva de sangue se espalhava pelo ar.

O próprio céu sangrava.

Contive o vômito. Aquilo… aquilo era… *argh*. Forcei-me a continuar.

"Venham, fosa de desgracias!" Denden ria em delírio. "Chica, tá comigo?" Ele ainda encontrava tempo para verificar como eu estava?

Com o coração disparado, procurei acompanhar seu ritmo frenético.

Denden gargalhava como se nada pudesse atingi-lo. Cada disparo de sua nanoescopeta fazia uma nova chuva de sangue cair sobre mim.

Eu já não conseguia enxergar direito à frente. Passei a seguir sua voz insana e o estrondo dos tiros. Escorreguei nas poças de sangue e entre os órgãos espalhados pelo chão. Meu corpo ficou encharcado de vermelho.

Denden abria caminho.

A saída estava próxima.

Levantei-me de mais um tropeço e reuni as últimas forças para correr.

"Não, não. Você vem comigo." Uma voz aveludada foi a última coisa que ouvi. Uma dor impiedosa atingiu minha cabeça.

Tudo escureceu.

FUGA

Despertei devagar, sentindo um cheiro estranho cuja origem não recordava. Um sabor férreo inundava minha boca, a pele repuxava, e o sangue seco endureceu meus cabelos. Tentei abrir os olhos, mas a dor me fez desistir. Minha mente girava. Metacordas apertavam meu tronco, e uma dormência se espalhava pelo corpo, amplificando a dor latejante na cabeça.

"Cara, essa é da boa, hein?" Uma voz grossa falou, carregando um sotaque familiar.

Aos poucos, os sons ficaram mais nítidos. Reuni um pouco de saliva e a engoli com dificuldade. Minha garganta estava seca. Passei a língua pelos lábios ressecados. Que merda tinha acontecido?

"Olha… ela acordou."

"É, irmão. Vamos esperar ela se recuperar." A segunda voz era mais macia. Seu dono tossiu.

"Quer mais?"

"Não, tô suave."

Percebi que estávamos em movimento. Nanofaixas pressionavam minha cabeça e, quando tentei encostá-la no banco, recuei diante de uma fisgada no ferimento.

"Q-quem…" Minha voz saiu trêmula.

"Ela deve tá com sede, irmão." Um vulto surgiu ao meu lado.

Senti um líquido gelado alcançar meus lábios. Bebi, deixando a água descer pela garganta até o estômago, trazendo um pouco de energia.

"Os gambés devem ter comida, não? Vê aí. Ela deve tá com fome."

"Encontrei uns lanches aqui. Será que tão bons?" Ele fungou. "Tão cheirando bem. Vai ter que ser isso."

Um aroma de queijo, salada e creme chegou às minhas narinas, intensificando a fome. Abri a boca e mastiguei com vontade. Quase chorei por conseguir comer. Eles não haviam me torturado. Eu tinha um ferimento na cabeça, mas nada além daquilo. Quando terminei o lanche, senti um pouco da vivacidade retornar ao corpo.

O mercenário de dreads presos num coque estava sentado ao meu lado, observando-me com um sorriso nos lábios finos. Luiz? Rui? Havia esquecido.

"Melhor? Desculpa pela pancada." Ele apontou para minha cabeça. "Kai não tem noção da própria força." Lançou um olhar de reprovação para o companheiro, que dirigia.

"Irmão, ela tava com o Denden. Eu tinha que ser efetivo, não gentil. Aliás, por que tava com ele como se fossem velhos amigos?"

"Sei lá, porra! Vou saber? Aí, falou com o contratante?"

"Falei. Primeiro vamos deixar esse passe de prisão no cemitério de carros e pegar outro lá. Combinamos nosso encontro amanhã à noite."

"Vamos remover esse biochip dela, cara."

Luiz examinou meu pescoço. "Vi agora."

Arregalei os olhos. Meu coração começou a bater como um tambor. Meu biochip? Não. "N-não… Isso não!"

Luiz me encarou amigavelmente. "Você é da Zênite, né?

Certeza que tem um androide. Dá pra te rastrear por ele, por isso tenho que remover isso. Temos que nos precaver."

Takashi… se removerem… mão…

"Ela vai passar mal demais, irmão."

"O contrato diz viva, né? E daí que ela vai passar mal? Vai durar duas luas até as nanites saírem do corpo dela."

Merda. Eu havia sido muito ingênua. Onde tinha me metido? Apesar da contusão na cabeça, minha memória permanecia intacta e eu estava lúcida. Isso era bom. Inspirei profundamente.

"Ah, dane-se. Faz logo. A última coisa que queremos é alguém na nossa cola."

Não.

Luiz pegou uma faca.

Meus olhos se arregalaram ainda mais quando vi a lâmina avançando em minha direção. Não, não.

"Fica quietinha."

Sem espaço para fugir, tentei assumir uma posição defensiva. Droga. Por que eu era tão fraca? "N-não… Tenho um androide. N-não quero…"

"Ele vai sobreviver." Luiz me puxou. "Todos sobrevivem. Ele agora vai se libertar dessa escravidão." O mercenário me imobilizou com as pernas e virou meu pescoço.

"N-não, por favor, não…" Apertei os olhos, e lágrimas começaram a escorrer.

"Quietinha. Se eu errar, você morre."

"E eu sou rude?", Kai comentou, rindo baixinho.

Quando a lâmina tocou minha pele, uma dor lancinante nasceu e percorreu meu corpo como um relâmpago. Luiz abriu o corte. O sangue quente escorreu pelo meu ombro. Mordi os lábios até fazê-los sangrar, contendo a vontade de urrar. Um

arrepio violento atravessou minha espinha. "P-p-pare…"

"Achei essa merdinha." Ele movimentou a lâmina dentro do músculo, procurando o biochip para puxá-lo. A cada movimento, o metal dilacerava minha pele.Luiz cortou ao redor do nanodispositivo.

Uma onda de náusea me atingiu.

Então, num movimento brusco, arrancou-o. O sangue jorrou. A aflição quase me fez desmaiar.

Luiz pressionou meu pescoço com a mão, enquanto Kai lhe entregava um kit de primeiros socorros para fazer o curativo.

Eu mal conseguia acompanhar o que faziam.

Após a remoção do biochip, as nanites permaneceriam no meu corpo por duas luas. No entanto, sem a conexão com o DNA, passariam a atuar como agentes infecciosos. Febre, vômitos e fadiga poderiam evoluir para hemorragias internas. Implantar outro biochip seria impossível, pois meu corpo o rejeitaria. E a desconexão com meu androide era inevitável.

O núcleo andróidico também sofreria alterações. As nanites conectadas ao humano deixariam de receber os acendimentos e passariam a ser reconhecidas como estranhas, sujeitas ao ataque das nanites naturais do próprio androide.

Takashi, por favor, fique bem. Reprimi o vômito. Eu precisava aguentar. Conservar minhas energias. Eles estavam me alimentando. Eu precisava ser forte. Sairia daquela situação.

Luiz girava o biochip ensanguentado entre os dedos. "Como uma coisa tão pequena define a vida dos seres?" Estreitou os olhos e riu. "Cara, tô muito chapado."

"Chapei faz tempo, irmão."

Os dois começaram a conversar animadamente.

Encostei a cabeça na janela. Não conseguia acreditar que havia sido capturada por dois chapados. Pelo menos não eram

sádicos malucos. Concentrei-me em controlar o mal-estar. A febre me fazia suar. Calafrios percorriam meu corpo, enquanto a dor latejante piorava a cada instante. Minha visão estava embaçada. Eu precisava sair dali. Merda. Deveria ter sido mais esperta.

"Chegamos", Kai anunciou.

O carro desceu em direção a um ferro-velho, onde enormes pilhas de veículos corroídos e retorcidos se erguiam como colossos. Alguns automóveis estacionados no chão ainda pareciam utilizáveis, apesar da aparência antiga.

"Vamos pernoitar aqui. Vou falar com a dona pra conseguir um carro." Kai saiu.

Restamos eu e Luiz.

"Quero ir ao banheiro." Contive outra onda de vômito e tossi.

"Tudo bem, é mais difícil pra…" Ele pigarreou.

Arqueei a sobrancelha. "Como vou ao banheiro amarrada?"

Luiz endireitou a postura. "É, acho que você não consegue fazer nada assim. Vou soltar essa parte de baixo. Seus braços vão ficar livres pra…"

Bom, teria que servir. "Pode ser."

"Quer ir agora?"

Assenti.

Ele me retirou gentilmente do carro e segurou meus ombros enquanto eu cambaleava. Caminhamos até um restaurante abandonado, cujas janelas estavam quebradas. Diante da porta do banheiro, Luiz afrouxou as metacordas até a altura dos meus antebraços.

"Não consigo alcançar o fecho da roupa." Mostrei o problema.

"Tá, vou soltar mais." Ele desfez as amarras dos meus pulsos. "Melhor?"

Assenti. Entrei no pequeno lavabo.

Havia uma única janela, posicionada no alto da parede. Impossível passar por ela. Examinei o ambiente, procurando qualquer coisa que pudesse me ajudar a escapar.

Luiz não parecia possuir uma força extraordinária, mas tinha a experiência de um mercenário. Como eu poderia neutralizá-lo? E depois? Pouco importava. Precisava sair dali. Do restante, daria um jeito.

Quando terminei, lavei as mãos e encarei meu reflexo no espelho imundo. Estava pálida, com olheiras profundas e uma expressão exausta. Meu estado era deplorável. Quem não estaria assim depois de…

Uma ideia surgiu como uma lâmpada que se acendia dentro de mim. "Luiz?"

"Sim?"

Apurei os ouvidos. Ele estava do lado direito da porta. "Seu sotaque é familiar. De onde você é?" Precisava ganhar tempo. A dormência começava a abandonar meus braços.

"Sou britânico, mas moro no Brasil desde os oito."

Ótimo. Ele conversava. "É mesmo? Quantos ciclos tem?"

Recuperei os movimentos devagar. Quando tentei o primeiro movimento, a lâmina escondida na manga travou. Calma. Respira. Vai dar certo.

"Trinta." Luiz tossiu.

Será que ele conheceu…? Não. Foque. FOQUE. Tentei novamente. Dessa vez, a lâmina apareceu. Sorri. Avaliei minhas chances. Como faria aquilo? Ele estava à direita. A porta se abria para o mesmo lado. Era Luiz quem possuía o campo de visão. Talvez funcionasse…

"Você conheceu Maia?" Ela morava nos meus pensamentos até nos piores momentos.

"Maia? A garota dos cabelos brancos? Claro que conheci."

Meu coração palpitou. Ele a conhecera.

"Costumávamos brincar juntos." Luiz riu. "Depois daquilo, as coisas mudaram…" Calou-se, como se tivesse esbarrado em lembranças ruins.

Imagens de Maia começaram a surgir na minha mente. Mas eu não podia permitir que me distraíssem. Respirei profundamente, reprimindo a dor, e abri a porta. "T-terminei."

"Certo, agora…"

Deixei o corpo se desequilibrar e comecei a cair. "D-desculpe…" Minha voz saiu embargada.

"Relaxa, se apoia aqui." Luiz passou meu braço ao redor do próprio pescoço. "No carro eu te amarro. Você conheceu ela?"

Eu precisava parar de pensar em Maia. Concentrei-me na despreocupação do mercenário e movimentei discretamente o outro braço, fazendo a lâmina surgir. Eu conseguiria. "P-preciso trocar de lado."

"Certo, vem aqui…"

Dei meia-volta e ergui o braço, reunindo todas as forças que me restavam. Então finquei a lâmina na região do nervo ciático dele. Retirei-a imediatamente. E corri.

O grito agonizante e furioso de Luiz ecoou atrás de mim. Eu esperava que ele permanecesse imobilizado por algum tempo.

Atravessei a porta do restaurante. A adrenalina dominava meu corpo, acelerando a respiração e o coração. Minhas pernas corriam apesar da dor. Ignorei o mal-estar. Precisava resistir. O calor me castigava. Minha visão escureceu, e a pressão do ambiente pareceu me esmagar. Não. Aguenta firme. Corra pela sua vida. Corra.

Procurei algum nanocarro ao redor. Tentei abrir a porta de dois veículos. Trancados. Dane-se. Corra. Corra, mesmo que precisasse atravessar o ermo a pé. Passei pelos portões

do cemitério de carros. Tudo que sentia era o ímpeto de sobrevivência.

Éramos apenas eu e uma imensidão de terra árida.

Corri em direção ao sul. Arfava, sentindo o peso no peito crescer. Precisava continuar. Corria nas bordas de um tempo que parecia se distorcer. O suor banhava meu corpo. O sangue, antes seco, voltava a pingar. Meus cabelos grudavam no rosto. Eu estava sem ar, desidratada, nauseada, prestes a vomitar. *Vou desmaiar.*

Avistei algumas casinhas no horizonte, quase como uma miragem. A esperança renovou meu ânimo. Disparei em direção a elas. A exaustão, a sede e a fúria me impulsionavam. Eu precisava que a adrenalina continuasse comigo. Quando ela desaparecesse, meu corpo sucumbiria. Todas as dores chegariam de uma vez.

Alcancei o que um dia fora um vilarejo. Agora, as ruínas eram compostas por escombros e destroços.

Encontrei um lugar onde poderia me esconder do sol e procurei, em vão, alguma passagem subterrânea. Teria que me contentar com o abrigo oferecido pelos escombros.

Deitei-me. Meu peito subia e descia rapidamente. Os batimentos frenéticos pareciam anunciar uma parada cardíaca. A respiração estava descompassada. Meu corpo febril ameaçava explodir. Eu ia morrer. Dane-se. Se fosse morrer, morreria lutando pela própria vida. A ideia me trouxe algum conforto.

Tentei me tranquilizar, inspirando profundamente, procurando devolver um pouco de calma ao corpo tórrido, à mente perturbada e ao espírito quebrado. Pontos luminosos dançavam diante dos meus olhos, como estrelas. Eu ia morrer. Precisava me acalmar. Concentrei-me na respiração. Calma. Vai ficar tudo bem. Eu precisava da noite. A noite…

Desmaiei de exaustão.

CHANCE

"NÃO!" Acordei subitamente e bati a testa na madeira. Estava nauseada, febril, à beira do delírio. A escuridão caía sobre mim. Eu havia esperado tanto por ela. Forcei os olhos, mas não conseguia enxergar nada, nem mesmo minhas mãos. O vento frígido acariciou meu rosto. Inspirei o frescor, enchendo os pulmões, e senti algum conforto. Quando tentei mover as pernas, uma pontada violenta fisgou minhas panturrilhas.

Merda. Forcei demais. Suspirei. Não. Eu tinha feito a coisa certa. Levei a mão à parte de trás da cabeça e tateei o sangue fresco que escorria da ferida aberta. Eu estava sã. Os curativos deveriam impedir uma perda significativa de sangue. Toquei o pescoço, sentindo o outro curativo sob meus dedos.

Takashi, por favor, esteja bem. Lutei contra o choro. Mal conseguia me mover, mas precisava me levantar. Precisava correr.

"Ela deve tá por aqui." A voz macia de Kai ecoou na escuridão.

Arregalei os olhos. Meu pulso disparou. Cobri a boca e prendi a respiração. Merda.

"Irmão, como você deixou isso acontecer?", Kai perguntou, indignado.

"Mano, já falei. Ela me enganou. Cê acha que eu pensei que ela faria alguma coisa naquele estado?", Luiz retrucou.

"Aliás…"

Ouvi escombros desabarem. Deviam estar vasculhando tudo. Era apenas uma questão de tempo até me encontrarem.

"Acho que ela conheceu a Maia…"

"Maia?"

Silêncio.

Prendi ainda mais a respiração. Droga. Como sairia dali? Procurei alguma passagem entre os destroços por onde pudesse me mover.

"Ela perguntou sobre Maia", Luiz explicou.

"Melhor esquecer isso, maninho", Kai respondeu.

Havia uma preocupação notável sob a tentativa de disfarçá-la. Depois, os dois voltaram a remexer os escombros.

Soltei o ar devagar e inspirei novamente. Agarrei-me a uma estrutura de metal e deslizei por baixo dela. A dor acompanhava cada movimento. Minhas pernas estavam rígidas depois de terem ultrapassado todos os limites. Arrastei-me entre os destroços, aproveitando o véu da noite. Não fiz um ruído sequer.

"Vou acender os faróis do carro", Luiz sugeriu.

"Boa, maninho."

As sombras dos dois surgiram projetadas pela luz.

"Será que ela tá aqui?"

"Irmão, procuramos no leste, no oeste e no norte. Não tinha nada por quilômetros. Ela deve tá perto."

Arrastei-me mais um pouco, apoiando as palmas na terra árida, até começar a me afastar da vila arruinada. À medida que suas sombras se aproximavam, eu conseguia me distanciar. Se ao menos pudesse mover as pernas…

"Ei, alguma coisa se mexeu ali!", Kai gritou.

Não, não. Não venha. O desespero fez minha cabeça latejar.

"Vou olhar."

Não. De novo, não. Dane-se a dor. A adrenalina retornou com potência máxima. Apoiei os braços no chão e forcei as pernas a me erguer. Num ímpeto, o instinto de sobrevivência pareceu energizar meu corpo inteiro. Mais uma tentativa. Mais uma chance de correr pela própria vida.

"É ela. É ELA!", Kai berrou. Os passos atrás de mim ficaram mais pesados, mais velozes.

Mas eu precisava ser ainda mais rápida. Nem mesmo os tropeços conseguiram me deter. Eu já não sabia em que direção corria. Seguia sempre em frente, com a mente vazia. Afastei a dor dos pensamentos e concentrei todas as forças nas pernas, ignorando os pulmões que gritavam por ar, o estômago se retorcendo e o coração que parecia prestes a saltar do peito.

A garganta ressecada. A sede. A fome. Eu ia morrer. Mas morreria tentando.

"Você não vai conseguir." A voz de Kai estava perto demais.

Eu ia conseguir. Eu tinha que… Ele se chocou contra meu corpo. Rolamos pelo chão. Suas mãos pressionaram meus braços. "N-NÃO! VOCÊS NÃO VÃO ME LEVAR!" Tentei acertá-lo com uma cabeçada. Atingi sua testa dura, mas acabei machucando a minha. Eles não iriam…

"Quieta!" Kai apertou meu braço violentamente.

Empreguei toda a força que me restava para lutar, tentando me desprender. O instinto aflorado me impulsionava além dos próprios limites. Balancei as pernas, procurando acertar suas costas. Forcei os braços e impulsionei o tronco numa tentativa de me levantar.

Mas Kai usou a própria força para me prensar contra o chão.

"EU NÃO VOU!" Mordi sua mão com força.

"AI! QUIETA!" A saliva dele respingou no meu rosto.

"NÃO!" Cuspi nele, tentando mordê-lo novamente. "EU VOU GRITAR!" Minha garganta ardia, e as lágrimas escorriam sem que eu conseguisse contê-las.

"Luiz, dá o choque."

"NÃO!" De repente, uma descarga elétrica atravessou meu corpo. Minhas forças foram insuficientes para resistir.

Desmaiei.

LOBA

Uma tempestade de neve chegou, mas sua gelidez me aquecia. Os flocos pousavam sobre meu corpo, confortando-me, enquanto eu passava a mão pelos cabelos molhados.

A floresta se aproximava. E a loba de olhos âmbar chamava meu coração.

Tentei diminuir a distância entre nós, mas alguma coisa me imobilizou. Estendi os braços em sua direção, esperando que ela me puxasse.

Não! Por que eu havia parado? Estava tão perto de alcançá-la.

Caí de joelhos. A neve gelou minha pele com uma intensidade que quase queimava.

Não, volta!

Há quantas lunações eu sonhava com aquilo? Apesar da interrupção, o sonho abrandou meu espírito inquieto. Recobrei os sentidos, mas permaneci de olhos fechados. A dormência dominava meus braços, presos por nanoalgemas e metacordas.

"Ela tem um chaveiro de lobo…", Luiz murmurou. "Um colar com um M. Será…?"

"Não pode ser. Não deve ser M de Maia." Kai pigarreou, apreensivo.

A simples menção ao nome dela acalmou a tempestade que residia em mim. Mordi os lábios trêmulos. Não sabia o que

aconteceria comigo, quem havia contratado minha captura ou quais seriam seus motivos. Mas, naquele instante, ouvir o nome de Maia bastava para que todo o resto perdesse a importância.

"E se for?" Senti as mãos de Luiz vasculhando meus bolsos. "Ela perguntou sobre ela…"

"Irmão, vamos entregar ela, e já era. Devolve isso. Tirou as lâminas? Vamos descansar aqui esta noite. Eu vigio."

O veículo parou em algum lugar destruído e mal iluminado do Abismo Infinito.

Braços envolveram minha cintura e me carregaram para fora.

"Consegue andar?", Kai perguntou a Luiz.

"Mais ou menos. Ela acertou em cheio. Não achei que fosse lutar."

"É, irmão, as aparências enganam. Ainda não aprendeu isso?"

"Sei lá, porra. Essa vida é uma merda. Difícil confiar em alguém."

"Na Jamaica é igualzinho, mas aqui é melhor que lá."

Minhas chances de escapar pareciam inexistentes. Resignei-me, naquele instante, ao meu destino.

Kai me colocou no chão e acionou uma luz no centro da casa abandonada. O nanodispositivo começou a irradiar calor, aquecendo o ambiente. As íris escuras de Kai me examinaram. "Acordou, hein? Você deu um trabalhinho."

Como conseguiam permanecer tão calmos depois do que eu havia feito? Além das feridas na cabeça e no pescoço, não apresentava outras lesões. Não. Eles não eram meus caçadores no sentido em que eu temia. Precisavam me preservar para entregar ao contratante, de preferência o mais intacta possível. Podiam ser amigáveis, mas não hesitavam em me capturar quando necessário.

"Eu faria o mesmo. Todos faríamos", Luiz comentou.

"Não, nem todos." Kai tragou um baseado. "Tínhamos doze ciclos. Eu, você, Maia e Kyle. Estávamos brincando nas Terras de Ninguém. Os mercenários contaram pros fiscais. Lembra o que Maia e Kyle fizeram?"

"Sempre vou lembrar dessa merda." Luiz fitou o chão. "Fugimos como covardes."

Kai passou o baseado para ele. "Depois daquele dia…"

"… as coisas nunca mais foram as mesmas. Maia ficou distante e Kyle…" Luiz interrompeu a frase. "Uma vida de merda." Abaixou a cabeça.

"Uma vida de merda", Kai repetiu, mirando o teto. "Mas agora parece que as coisas tão mudando. Viu o noticiário?"

"Vi. Arrombados. Meu pai morreu dessa bosta de doença."

Droga. Senti a dor dos dois. O peso dos fardos que carregavam, presentes desde tão cedo em suas vidas. Haviam crescido marginalizados. Agora me levavam para alguém em troca de treze milhões, numa realidade em que suas possibilidades de escolha pareciam ter sido profundamente estreitadas. Era cristalino. Eles sequer podiam brincar em paz. Senti a fúria crescer, mas o alvo daquela indignação era outro.

"S-sinto muito." As palavras escaparam como o ar que eu respirava, carregando uma imensidão de sentimentos que não cabiam naquela expressão.

Sinto muito. Não sei. Eu sentia culpa. Sinto muito era insuficiente. Aquelas duas palavras não alterariam seus passados, as situações que viveram ou as dores sufocantes que ainda carregavam. Sequer me trariam alívio. Sentir muito cobrava o preço da profundidade.

"O quê?", os dois perguntaram em uníssono.

"N-nada." Recolhi-me. Maia, você também achava isso? Se eu soubesse antes, alguma coisa teria mudado? Eu poderia ter

ajudado com sua dor?

"Vamos dar sonífero pra ela. Só pra garantir."

FANTASMA

Quando recobrei a consciência, a realidade se dobrou sobre si mesma. Confesso que desejei permanecer perdida no entre-planos; que Luiz derramasse sobre mim sua vingança por tê-lo machucado. No entanto, o dinheiro falou mais alto que seu orgulho. Ele comprara minha passagem, quase segura, para as mãos de outra pessoa. Ou talvez, assim como Maia, estivesse simplesmente cansado daquela vida.

O cheiro de gasolina impregnava o ar. Um vento cálido agitou meus cabelos, roçando meu rosto num carinho acolhedor antes que eu mergulhasse e me quebrasse em pedaços.

"Ela tá aqui." A voz de Kai oscilava. "Você só precisa transferir os seis e meio restantes."

Negociavam-me como uma mercadoria. Negociavam minha liberdade. Minha vida.

"Quero vê-la." A outra voz soou fria. Essa voz?

Passei a língua pelos lábios rachados. Meus ouvidos latejavam com a pressão. Alguém me puxou. Meus joelhos foram arrastados sobre o concreto frio.

Um toque gélido, incapaz de transmitir qualquer sentimento, alcançou meu queixo e ergueu minha cabeça. "O que fizeram com ela?" Essa voz…

"Ela estava assim quando a encontramos", Luiz mentiu.

"Injetamos um sonífero pra trazê-la facilmente."

"Que seja. Transferi. Podem ir."

Passos se afastaram sobre as pedras até o automóvel.

ZZZZMMMM... O motor zuniu.

O zéfiro dançou. Meus cabelos voaram, assentaram-se sobre os ombros e caíram diante do rosto.

"Finalmente." Ele suspirou. Essa voz…

"P-pai?"

OITO DE COPAS

Acordei sentada, estranhamente surpresa por encontrar meus sentidos inteiros. Minha cabeça estava envolvida por nanofaixas, mas os pensamentos permaneciam claros. Sentia-me limpa, hidratada e alimentada.

Paredes esverdeadas me cercavam. A iluminação era amena, confortável para os olhos. Meus tornozelos e pulsos estavam presos por nanoalgemas, embora uma paz esquisita me permeasse. O que havia acontecido? Minha memória falhava.

Vários documentos estavam espalhados sobre uma mesa comprida, que se estendia de uma ponta à outra da parede esquerda. Holotelas brancas piscavam acima dela. À direita, equipamentos médicos ocupavam o ambiente.

Eu estava sonhando? Por que me sentia tão bem? A nanoporta se abriu.

Era inédito vê-lo tão… desarrumado. Vestia uma camisa branca de mangas arregaçadas, calças sociais pretas e sapatos lustrosos. A barba estava bem aparada, mas os cabelos, outrora impecáveis, agora se encontravam bagunçados. Ainda conservava aquele ar elegante e arrogante.

"Ora, vejo que os medicamentos funcionaram. Você parece estável." A frieza de sua voz permanecia intacta. Ele sequer olhou para mim. Em vez disso, aproximou-se das holotelas e as

ligou. Engoli em seco, sem reação, incerta sobre o que deveria sentir.

Riki. Meu pai.

"E-estou confusa…" Uma tristeza imensa me atingiu.

As lembranças retornaram. Era um pesadelo. Real. O contratante… Era meu pai. Seus olhos permaneciam indiferentes. Não havia emoção alguma neles. Nada. Nem mesmo uma daquelas expressões camufladas que eu me habituara a procurar. Eram olhos puros em sua indiferença, desmascarados e vazios, refletindo a janela trevosa de sua alma. Riki ameaçou sorrir, mas conteve os lábios.

Por que ele agia daquela maneira? Ele me enxergava? Eu era filha dele… Não era?

"Está confusa sobre o quê, querida? Akiko, seja mais clara." Riki abriu uma maleta. Começou a montar uma seringa com uma meticulosidade familiar, em movimentos lentos e precisos.

Meus olhos se encheram de lágrimas, embaçando a visão. Por que aquilo se parecia tanto com o luto? Por quê?

O significado do Oito de Copas ressoou dentro de mim: *Abandono de um laço emocional em um relacionamento condenado. Tristeza, luto, vazio.*

Abaixei a cabeça, incapaz de encará-lo e admitir que ele, Riki, meu pai, fosse capaz daquilo. Por acaso, Saymon sabia que, assim como o pai de Trix, o meu faria aquilo com a própria filha? O que ganhava com tudo aquilo? Nosso relacionamento sempre estivera condenado?

Levei algum tempo para entender o que sentia. Meu pai estava vivo. Mas o luto havia acontecido ciclos antes, quando ele morreu dentro de mim. Eu o matara naquele lugar onde, durante tanto tempo, desejara receber alguma coisa boa dele simplesmente por ser meu pai. Algum carinho. Qualquer

coisa. Qualquer coisa boa que me lembrasse de que eu era verdadeiramente sua filha, e não apenas mais uma de suas cobaias.

"Por que está fazendo isso?" Procurei algum motivo. Qualquer justificativa que tornasse aquela situação compreensível.

"Quem mais passaria por este teste, além de uma mente treinada por mim?" Sua voz ponderada escondia uma impetuosidade inquietante.

Franzi a testa. "Teste? Do que você está falando?"

Riki suspirou, impaciente, como se tivesse sido obrigado a explicar algo elementar a uma pessoa que considerava inferior. Vestiu as luvas e caminhou na minha direção, segurando a seringa. Higienizou meu antebraço. Por que estava fazendo aquilo?

Mordi os lábios. A picada ardeu. Uma queimação percorreu minhas veias, como se incendiasse meu sangue. "O que é isso?", perguntei, desesperada. Eu sentia a dor. Porém, meu corpo não esboçava reação. Permanecia sereno. Os batimentos cardíacos, a respiração e a pressão continuavam normais.

Por que parecia que eu nada sentia? O que ele havia injetado em mim? Eu estava presa dentro de mim mesma. Queria gritar, mas não conseguia. Aquela ausência de reação me perturbava. Era diferente do Sentinil. Pior. Muito pior. Tudo que me restava era remoer os próprios pensamentos. Merda. O que estava acontecendo?

"Sabe o que descobri após ciclos pesquisando?" Riki preparou outra seringa. "Com a NeuroSync, descobri algo fascinante. Naturalmente, cada experiência difere. Algumas pessoas que vivenciam a morte relatam sentir paz. Outras veem pessoas queridas que já morreram ou entidades. Há também aquelas que afirmam ter compreendido que transcenderam a alma,

deixando o corpo. Para elas, seria um ciclo de renascimento. E assim por diante." Ele aspirou um líquido azulado.

"O que é isso? O que você vai fazer?"

"Reconfigurei o algoritmo da NeuroSync depois de analisar as últimas memórias dos falecidos. O consciente revelou experiências variadas." Riki ergueu um dedo. Um brilho cruel reluziu em seu olhar. "Já o inconsciente vibrou com a lembrança mais dolorosa. Essa é a última lembrança de todos, sem exceção."

"O que você vai fazer?"

Ele arqueou a sobrancelha. "Às vezes, percebo o quanto você herdou daquela mulher, considerando o quanto é medrosa. Ainda assim, espero que seja um sucesso, diferente da falha que ela foi."

Falha? Ele havia feito aquilo antes? Hideaki não era um… experimento. Eu também não era.

"O mais interessante é que o consciente mascarava essa última memória com sensações boas. Porém, os verdadeiros sentimentos eram a raiva, a tristeza e o arrependimento. Todas as emoções negativas afloravam. E é isso que garantirá o sucesso da Mentis Imperium!"

Arregalei os olhos. O quê? Mentis… Isso… Não. Tinha que ser mentira. "Pa…" Não. Um pai de verdade deveria ser amoroso. "R-Riki… Riki, do que você está falando?"

Ele se aproximou. "Minha querida Akiko será a cobaia perfeita. Admito que achei que os mercenários seriam mais ágeis para te trazer. Quando soube que você deixou a Zênite, fiz o contrato. Mesmo que tenham demorado… Bom, isso é irrelevante agora. Você estar aqui é o que importa." Ele abriu um sorriso frio e cortante, que pareceu me rasgar por inteira.

Então tocou meu pescoço e estalou a língua. "Será um

problema você estar sem o biochip, porque não poderei regular os efeitos. Vai sentir tudo. Que seja."

"P-pare. Por que está fazendo isso?" A tristeza ameaçava se desacorrentar dentro de mim.

Riki endireitou a postura. "Por quê? Treinei sua mente para torná-la mais resistente. Mais do que a minha." Seu rosto adquiriu uma expressão orgulhosa. Ele me tratava como um projeto. Injetou outro líquido.

"Você…" Engolir tornou-se doloroso. "Planejou isso desde…?" Era impossível aceitar. Precisava ser mentira. Por favor, não. Aquilo só podia ser uma brincadeira, certo?

"Sua mãe foi uma falha. Mas você… Cumpra minhas expectativas e seja um sucesso." Ele removeu as luvas.

"O que vai acontecer agora?", perguntei.

"O líquido Sentisurge vai circular até seu coração. Vai fazê-lo parar e ressuscitar várias vezes nas próximas horas. Claro, você sobreviverá, porque sua mente treinada irá resistir. Aos poucos, cederá às emoções. As nanites forçarão todos os sentimentos do seu inconsciente. Então, sua memória mais dolorosa surgirá."

Riki continuou, como se estivesse descrevendo um procedimento rotineiro. "Você irá revivê-la até sua resistência chegar a zero. Então estará apta para receber a Mentis Imperium. Se eu tiver sucesso com você, os outros serão…" Ele abriu um sorriso sugestivo, deixando a frase inacabada.

"Não! Por quê?!"

"Ah, quase me esqueci." Riki pegou outra seringa e aspirou um líquido multicolorido. Um alucinógeno. Virou meu pescoço.

Tentei protestar, mas foi inútil. Eu estava completamente impotente.

Riki me reduzira a mais um de seus experimentos. "Isso vai intensificar a experiência. Muito bem. O efeito começará em

cinco minutos." Ele deu algumas batidinhas na minha bochecha. "Não me decepcione, minha querida." Seu sorriso era genuíno.

Desejei que tudo não passasse de uma máscara. Mas não. Aquilo era verdade. Ele estava sendo fiel a si mesmo.

Riki saiu.

Olhei desesperadamente ao redor, procurando alguma maneira de escapar. Deixaria para remoer nossa relação de pai e filha depois. Agora precisava suportar aquilo e sair dali. Mas estava imobilizada. Nada havia que eu pudesse fazer?

Pigarreei. Aquilo realmente aconteceria? Sem encontrar outra saída, comecei a contar os segundos. Eu ia morrer e reviver? Eu iria… Iria reencontrar minha memória mais dolorosa? Meu coração doeu. Não. Não aquela…

Duzentos e noventa e oito. Duzentos e noventa e nove. Trezentos segundos.

Uma descarga elétrica percorreu cada átomo do meu corpo. Enrijeci. Minha cabeça foi lançada para trás. Era como se meu cérebro estivesse fritando. Os elétrons pareciam se concentrar no coração, acelerando violentamente minha pulsação e elevando a pressão. Taquicardia. Fiquei ofegante. As veias e os órgãos pareciam prestes a explodir. Eu ia morrer.

Meu coração parou. Fui arrastada para as profundezas escuras da minha mente. Para um lugar que eu havia rasgado. Espalhara seus fragmentos tão longe quanto podia, desejando manter distância eterna. Quis apagá-lo. Mas agora teria que revivê-lo.

Uma vez? Não. Incontáveis vezes.

E, a cada repetição, minha alma seria destroçada.

PASSAGEM

S-2878 • L8 Libeluna • D13 Tramabe

"Libeluna solta o fio em brilho alto. Tramabe trama sinal no céu aberto. A maré desenha prata em curva viva. A história segue inteira, em tom claro."

Como fui tão ingênua a ponto de acreditar que escaparia daquilo? Que conseguiria esquecer aquele dia? Daquele verão em que eu estava radiante. Daquele dia em que a chuva caía do céu, mas o chão…

Na última vez em que a vi, Maia agia como sempre. Não havia sinal algum do que estava por vir. Ela sorria. Brincava. E eu acreditava que nada mais importava desde que estivesse ao meu lado. Independentemente do que acontecesse, se estivéssemos juntas, seguraríamos as mãos e enfrentaríamos o mundo.

Então… por quê?

Maia e eu havíamos combinado de nos encontrar na Centrália. Almoçaríamos juntas depois do meu trabalho. As pacientes estavam sendo preparados para voltar às suas casas, por isso reduzi a carga horária da equipe do Projeto Jaburu, permitindo que descansassem.

Dez minutos se passaram.

Maia costumava ser pontual. Bom, imprevistos aconteciam.

Embora meu coração palpitasse no sentido contrário. Um peso incomum se acendia no peito, crescendo gradativamente. *Cadê você, Maia?*

Uma multidão começou a se formar ao longe.

Franzi a testa, distraída com a movimentação. O que tinha acontecido? Senti um ímpeto de me aproximar. Era mais do que curiosidade. Aglomerações repentinas raramente despertavam minha atenção, mas meus instintos moveram meus pés naquela direção. Era a intuição da Feiticeira sussurrando para mim.

As vozes se misturavam, indistintas.

Seria alguém famoso? Tentei enxergar por entre as cabeças e captei alguns fragmentos da conversa.

"… chamaram?", alguém sussurrou.

Chamaram? Chamaram o quê?

"UMA MÉDICA?! RÁPIDO! ALGUM MÉDICO AQUI?!"

Alguém berrou. Médica? Eu era… Eu… "S-sou médica." Ergui o braço.

"MÉDICA! Ela é médica!" Alguém tocou meu braço.

As pessoas me empurraram gentilmente para a frente, abrindo caminho. Avancei de maneira labiríntica, cercada por olhares assustados.

Então a multidão se abriu.

A chuva caía do céu. Mas o chão…

Estava tingido de vermelho-sangue. Sangue de…

Uma bomba atingiu meus pensamentos. Não. Foi como se uma bomba me atingisse. Os arredores se retorceram, amorfos, incolores, desfalecidos. As pessoas pareciam ter se transformado em personagens desengonçadas, falando sem parar. De repente, um zunido atravessou meus tímpanos. As vozes se desfizeram em ruídos. Permaneci imóvel. Assustada demais para admitir o que estava diante de mim. Um empurrão

me trouxe de volta à realidade.

Então corri até ela. "M-MAIA!!!" Ajoelhei-me ao seu lado. Garras angustiantes pareciam me sufocar. "Maia…"

O sangue escorria de sua boca, das orelhas, do nariz. De todos os lugares. Ela estava inconsciente. Seu corpo parecia quase sem vida. O sangue jorrava, encharcando suas roupas e espalhando-se pelo chão. Não. Aquilo precisava ser uma ilusão. O que tinha acontecido?

Eu temia tocá-la. Mesmo assim, segurei sua cabeça. Estava extremamente gelada. Não soube por onde começar a examiná-la. Meus olhos percorreram seu corpo, procurando ferimentos, mas não havia nenhum. O sangue simplesmente vazava dela.

Com as mãos trêmulas, afastei os cabelos brancos de seu rosto avermelhado. Minhas têmporas latejavam com o desespero. A garganta se fechou. O ar me faltava. "AMBULÂNCIA! CHAMEM UMA AMBULÂNCIA!", gritei.

"Já chamamos. Chegará em dois minutos."

"Alguém viu quando o carro explodiu?", outra pessoa perguntou.

"Não, só vimos a explosão e ela rolando no chão."

Trinquei os dentes, irritada com as vozes que se misturavam ao redor. Concentra. "Maia…", sussurrei. "Fala comigo. Vamos." Ergui seu rosto. Seus olhos pareciam me atravessar sem realmente me enxergar. "Por favor, por favor…"

As sirenes da nanoambulância trouxeram um pequeno alívio. O veículo pousou, e uma androide e um humano saíram às pressas, trazendo uma nanomaca.

"Você conhece ela?" A androide começou a carregar Maia.

A pergunta me atingiu como um choque de realidade. Meu coração disparava.

Reprimi as emoções e contive o choro. Precisava raciocinar.

Precisava conter aquilo que sentia. Afinal, tinha que salvá-la. Tinha que me recompor. Maia perdera muito sangue, mas estava viva. Eu faria alguma coisa. Sim. Ainda havia uma chance. "S-sim."

"Venha conosco, doutora Akiyama, por favor."

"Tomara que ela sobreviva", desejou uma voz ao fundo.

Entrei na nanoambulância. *Ela vai sobreviver.* Vai.

"Estou impossibilitada de acessar as informações dela e examiná-la", informou a androide. "Meu raio-x está infuncional."

Ela pegou uma bolsa de sangue para iniciar uma transfusão. O humano limpava o sangue de Maia.

"NÃO! Pare a transfusão." Coloquei-me entre os dois. "O sangue dela é O Rh nulo. Se ela já recebeu alguma transfusão, pode ser muito perigoso até mesmo administrar O negativo. Vamos para o Santa Geordana. Lá temos o sangue de que precisamos para repor o que ela perdeu. Chegaremos a tempo de realizar o procedimento."

A adrenalina vibrava em meu corpo. O desespero alimentava meu desejo de preservar a vida de Maia. Sim. Tudo daria certo. Eu era médica. Quantas pessoas já havia salvado em situações parecidas? Com Maia seria igual. Além disso, ela era diferente. Maia era forte. Devia ter passado por coisas muito piores.

Segurei sua mão, tentando aquecer aqueles dedos tão gelados.

Os dois socorristas trocaram olhares. "Santa Geordana? Nossa área é somente na Centrália…"

"Eu trabalho lá. Vamos agora." Minha voz assumiu a firmeza de uma ordem médica. Encarei os dois com determinação. Não ousaram contrariá-la, embora assentissem inseguros.

Enviaram o comando para que a IV seguisse pela via direta até a Zênite. Chegaríamos em cinco minutos.

"Viu o que aconteceu?", a androide perguntou.

Tentei organizar os pensamentos em minha mente desordenada. Resgatei as palavras das testemunhas. Uma explosão. Um carro. Maia rolando pelo chão. Mas eu estava incerta do que realmente acontecera. Aquela ausência de ferimentos externos era muito estranha.

Afastei os pensamentos enevoados e tentei ser ponderada. "Não. Disseram que ela foi atingida por uma explosão, mas acho que pode ser outra coisa." Percebi que apertava excessivamente a mão dela e abrandei o toque. "Está sangrando pelos orifícios." Calei-me. Precisava ter certeza antes de…

"Vou conectar este nanochip para estancar o sangramento." A androide exibiu o nanodispositivo.

Maia balbuciava frases desconexas.

"Você vai ficar bem. Vai…" Aproximei a mão dela da minha testa. Vai ficar tudo bem.

"Chegamos."

Carregamos Maia às pressas para a ala de emergência.

"Rápido", pedi a um enfermeiro. "Precisamos de sangue Rh nulo para uma transfusão. Diga ao Daren que sou eu, Akiko."

"O que houve?" Alice veio correndo em nossa direção.

"Precisamos fazer uma transfusão. Qual sala está disponível?"

"Sala nove. Vamos." Ela chamou mais dois enfermeiros.

Os socorristas retornaram à nanoambulância e partiram às pressas. Colocamos Maia na cama e conectamos um nanochip para acompanhar seus sinais vitais. Sua pulsação estava fraca. Os batimentos cardíacos, lentos. A pressão caía progressivamente. Onde estava o enfermeiro? Por que ele não chegava? Se continuasse assim…

"Ela perdeu quase dois litros de sangue." Alice examinou Maia, procurando ferimentos que justificassem a hemorragia.

"O que houve? Nunca vi isso."

As informações se emaranhavam na minha cabeça. Seriam implosões internas? "Acredito que as veias estejam implodindo."

Alice arregalou os olhos. Vestia máscara e luvas. "Isso é possível?"

O enfermeiro finalmente chegou com a bolsa de sangue. Alice a acomodou no suporte. Introduzi a agulha no antebraço de Maia e observei, com algum alívio, o líquido vermelho percorrer o equipo.

Segurei suas mãos. Ela estava pálida. Os olhos, opacos. Os lábios, ressecados. Vai ficar tudo bem. Maia, aguente firme. "Por favor. Fique bem", sussurrei.

"Você a conhece?"

Assenti, sem afastar os olhos dela.

"Certo…" Alice respondeu com uma empatia perceptível na voz. Ela sabia como era lutar pela vida de alguém querido.

Vai ficar tudo bem, Maia. Vai ficar bem.

"Não consigo registrá-la nem acessar suas informações", um enfermeiro informou.

"Deixe isso para depois", respondi, com o maxilar tensionado. "Temos que salvá-la." Por favor. Vamos. Você consegue. Você é forte. Eu sei. Eu sei que consegue.

As holotelas indicaram que metade do sangue havia sido reposta. A pressão e os batimentos começavam a se estabilizar.

Quase sorri.

"A-Aki?" A voz enfraquecida de Maia mal ultrapassou um sussurro.

Aproximei-me imediatamente.

Meu coração quase saltou do peito. "Sim? Sou eu."

Ela estava me enxergando. Abriu um sorriso carmesim. "S-sinto mui…"

"Shh, shh. Não fala nada. Só… Respira fundo. Vai ficar tudo bem." Sorri entre lágrimas que começavam a escapar. "Você vai ficar bem. Prometo." Beijei suas mãos.

"A-Aki…" Ela continuava sorrindo. "T-tudo b-bem…"

"A transfusão está quase completa. Ela está estabilizando. Preparem outra bolsa", Alice pediu, sorrindo.

"T-tudo bem…", Maia repetiu. O jeito como sorria… Como se comportava… Por que parecia que…?

"Ela estabiliz—"

DIIIIIIIIIIIIIIII! Um apito estridente cortou o ar. Código azul na holotela.

Os sinais vitais de Maia começaram a despencar. Ela estava sofrendo uma parada cardiorrespiratória.

Arregalei os olhos, desesperada. "PREPARE O DESFIBRILADOR! ELA ESTÁ SEM PULSO!"

Enquanto um enfermeiro iniciava as manobras de ressuscitação, Alice preparava o procedimento.

Prendi a respiração. Por quê? Como? Não. Não havia tempo para suposições. Eu precisava salvá-la.

O androide posicionou os nanochips sobre a caixa torácica de Maia e descarregou a primeira carga elétrica.

Sua frequência cardíaca e respiratória não se recuperaram. A saturação arterial de oxigênio e a pressão permaneciam em níveis críticos. Seu nível de consciência estava profundamente rebaixado.

Um enfermeiro continuou as manobras de ressuscitação enquanto o outro tentava restabelecer sua oxigenação.

"Inicie a intubação. Alice, aplique a ventilação. Intercale com duas", ordenei.

Alice inclinou a cabeça de Maia, elevou sua mandíbula e estendeu sua coluna cervical. Suas mãos tremiam com a tensão.

Iniciou a ventilação.

A agonia dominava a sala.

Alice compreendia o que significava perder alguém. Sabia como era assistir à vida desaparecer dos olhos de uma pessoa, mesmo depois de fazer tudo para salvá-la.

Preparei e administrei um miligrama de adrenalina, seguido de um vasopressor.

Veio o segundo choque.

Nada. Os sinais vitais não retornavam.

Vamos. Você consegue. Meu coração estava em chamas, prestes a explodir. "Vamos, Maia." Esfreguei a testa suada. Apliquei outra dose. "Você consegue. Por favor."

Sua cabeça permanecia inclinada para trás. Alice tentava devolver o ar aos seus pulmões.

"Você é forte. Você… Eu…" Pisquei com força. Você precisa conseguir, Maia.

Tenho tanto para te dizer. Quero viver tantas coisas ao seu lado. Por favor. Lembre-se. Estou nesse coração. Por mim, por favor. Faça ele voltar a bater por mim. Volta. Por favor. Meu coração falava. As emoções fluíam como se pudessem alcançar Maia. Como se ela conseguisse escutar meu coração implorando para que voltasse.

Veio o terceiro choque.

Os sinais permaneciam críticos.

Engoli o choro e inspirei profundamente, tentando me acalmar. Minhas mãos tremiam tanto que quase derrubei a seringa.

"Vamos. V-volte para nós", Alice murmurou.

Passei a língua pelos lábios suados, enxuguei os olhos marejados e administrei outra dose de adrenalina e vasopressor. "Maia…" Eu alternava o olhar entre ela e as holotelas. Meu

desespero parecia inundar a sala. A pressão da situação acelerava minha própria pulsação. "Por favor! Eu sei que você consegue!"

"Os níveis estão severamente baixos", informou o enfermeiro. "Dois minutos para o quarto choque."

Por favor, Maia. Lembra que você disse que iríamos até *'Onde se toca o céu'*? Se… Quando acordar, vamos para lá. Leve-me para onde quiser. Vamos viajar pelo mundo. Olhar o céu juntas. Aproveitar a brisa no rosto. O calor na pele. Vamos para a Antártida ver os pinguins e as águas azuis. Vamos…

Pouco importa. Prometo que, se você voltar, eu… Maia. Por favor, volta. Volta. Preciso de uma batida. Uma única batida. Fique comigo neste mundo. Vamos ficar juntas. Principalmente depois de você me mostrar o quanto é bom tê-la ao meu lado. Depois de viver com você. O que eu senti… Por favor.

Os números continuavam caindo.

"Volte para nós", Alice murmurava, encarando a holotela. O suor pingava de seu queixo.

O quarto choque.

Administrei mais nanomedicamentos.

"E-estamos perdendo ela. Estamos…"

Não, Maia. Por favor, não. Lute! Lute mais um pouco. Minha garganta doía com a apreensão. O ar parecia preso nos pulmões, acorrentando minha aflição. "Só preciso de uma batida."

"Tente. Vamos, tente." Alice sabia.

Eu sabia. Por que ela estava se entregando? Por que parecia querer aquilo? Por quê? Por que estava me deixando? Maia, por favor, me deixe tentar tirar essa sua dor. Eu sei que juntas podemos superar isso. Posso estar sendo egoísta, mas só quero você. Quero você comigo. Por favor, escolha ficar. Vamos. Deixe-me ocupar o lugar da sua dor. Deixe-me cuidar de você.

Deixe-me colorir o seu mundo… como você fez com o meu. Por fav…

***PIII

tem que continuar."

Meus batimentos cardíacos e minha respiração pareciam seguir juntos num ritmo descompassado. Entorpecido. Assim como eu. Eu queria que o entorpecimento permanecesse. Queria continuar fora da realidade. Porque Maia…

Alice suspirou. Estava suada. Tremia."Hora da morte: 13h47."

Hora da morte? Retornei ao meu corpo. Um relâmpago invisível me atingiu, eletrocutando cada partícula do meu ser. "NÃOOOOOOOOOOOOOO!!! NÃOOOO!!!" Meu mundo desmoronou completamente. O chão sob meus pés cedeu. E eu também cedi. A realidade voltou. Maia estava…

As lágrimas jorraram como uma cachoeira. "N-não! N-não…" Abracei Maia, trazendo sua cabeça para meu ombro, segurando-a como se… "NÃO! Por quê? Por quê?"

O que aconteceu depois? Minha mente se embranqueceu. Garras me perfuravam, violentando meu coração e rasgando minha alma. Pareciam divertir-se enquanto me quebravam e arrancavam brutalmente um pedaço de mim. Sangrei por dentro.

"Vamos. Ela…" Os passos de Alice começaram a se afastar. "Precisa de um tempo."

"O-o quê…?" Chorei água por fora e sangue por dentro. Por quê? Acariciei os cabelos brancos de Maia, manchados de vermelho. "P-por favor… diz… diz que isso é… é mentira." Embalei-a em meus braços. Meu coração doía tanto. "M-Maia… por quê…? Por quê…? Eu…" Agarrei-a como se isso pudesse fazê-la voltar. Meu mundo havia desmoronado, mas, se ela estivesse nos meus braços, eu ainda teria tudo. Porque precisava sentir seu corpo contra o meu uma última vez.

Queria que fosse mentira. Era impossível acreditar que a havia perdido. Ainda existiam tantas coisas que eu queria dizer.

Tantas experiências que desejava compartilhar com ela.

Eu não estava preparada para sua partida.

Nunca estaria.

Por que…

TORMENTO

"POORRR QUÊÊÊÊ?!" Meu choro era imparável. Meu peito colapsava entre soluços, enquanto cada batida do coração errava o ritmo, hesitava, falhava. As veias saltavam da pele, carregando fogo no lugar de sangue.

Meu estômago se contorcia, rejeitando tudo, e a dor me dobrava ao meio. Vomitei. A memória rodopiava como vidro quebrado, dilacerando meu ser. Cada estilhaço rasgava, cortava e perfurava minha alma. Meu próprio passado havia se transformado numa faca.

E minha mente? Era a lâmina da lâmina, atravessando-me com uma dor violenta centenas de vezes.

"P-PARE! PARE…" Minha voz foi devorada pelo vazio. Baba, vômito e lágrimas me encharcavam. "Por favor. C-chega. Ela… Maia… não… por favor. Maia…" Minha respiração travou. O ar me faltou. O pânico se instalou nos meus pulmões. "… n-não… r-respirar."

"Ei, Aki." A voz rouca dela surgiu de algum lugar. O som me atingiu como uma onda quebrando contra minha mente. Maia emergiu da escuridão, sorrindo. Os contornos de seu rosto cintilavam como um eco, um espectro aprisionado entre o nó do agora e do antes.

Minha visão embaçou. Meneei a cabeça, desejando que aquilo

terminasse. Por que estava acontecendo?

"N-não… de novo, não. Você… você não é real." Queria agarrar a própria cabeça. Forcei-me a desviar os olhos. Se eu olhasse… se eu visse… o corpo ensanguentado de Maia se refazia diante de mim. O mesmo chão. O mesmo vermelho. A mesma chuva. O mesmo tudo. Sempre ela. "C-chega…" A desolação reinava nos breves vislumbres de lucidez.

Minha mente era um campo de batalha no qual eu sempre perdia. A morte de Maia me atormentava. Seus sorrisos me assombravam. Seu corpo estendido no chão me caçava.

O desespero escorria como tinta. O martírio era um pincel cruel, ressaltando os tons de um quadro infeliz. Cada lembrança rabiscava novas feridas em minha alma. Raiva, ressentimento e medo dançavam sobre minha cabeça como demônios, divertindo-se com meu suplício. Parem. Por favor, vão embora.

"Eu sou real." A voz dela soou mais próxima, tão suave e convincente e, ao mesmo tempo, tão mentirosa. Suas mãos tocaram meu rosto. Mas só havia nada. Apenas a desconexão da existência.

"V-você…"

"Aki, eu também amo você." Ela sorriu. O mesmo sorriso. O mesmo brilho nos olhos. O mesmo jeito de sussurrar meu nome. Maia. Mas não era Maia.

"V-vai embora…"

"Quer mesmo que eu vá embora?" A ilusão inclinou a cabeça, exibindo a mesma expressão melancólica e aquela energia calorosa que eu conhecia tão bem.

"N-não…" Minha voz não passava de um resquício, um murmúrio quebrado.

"Então eu vou ficar. Sempre vou ficar com você." Ela se

ajoelhou diante de mim, os joelhos afundando no vazio.

Tudo ao redor oscilava, como se eu estivesse aprisionada num sonho apodrecido. "Você se foi…"

"Eu sempre estive contigo." Seus olhos brilharam na penumbra. Um brilho que não era de Maia. O cheiro de sangue exalava de sua pele, enquanto a aura pálida tremulava.

Minhas mãos tremiam. Uma faísca percorreu minha espinha e uma pontada subiu até a nuca. Minha garganta queimava, e o corpo inteiro gritava em rejeição. "Para…" Perdi o ritmo da respiração. "Para… Para… Para…"

As mãos dela avançaram na minha direção. As mesmas mãos que eu havia segurado quando ela estava… as mesmas mãos cujo calor eu deixara de sentir. Eu percebia. Sabia que aquilo era irreal. Uma ilusão. "Aki."

O mundo explodiu. Chamas engoliram tudo. A neve começou a cair do teto. Neve que queimava minha pele.

Maia segurou meus pulsos. "Eu tô aqui. Sempre estarei aqui." A voz se enroscou na minha mente, cravando-se no peito, nas costelas, no coração. Um tormento infinito.

O choque me percorreu novamente. "NÃOOOOOOOOOO!!!" Toda a dor se condensou num único grito. A memória me arrastou. O cenário se apagou. Meu corpo foi lançado de volta ao abismo da própria mente, condenado a reviver tudo.

De novo. De novo. De novo.

BUROCRACIA

Alguém me retirou da sala e me conduziu pelos corredores exageradamente claros.

Meus pés se moviam mecanicamente. Apertei os olhos contra as luzes brancas, enquanto o cenário parecia se desvanecer diante de mim.

As pessoas se transformaram em vultos. Os sons se tornaram ininteligíveis.

Meus pensamentos estavam desconectados. Entorpecida, esvaziada, vi-me imersa num mar de inércia infinita, afogando-me repetidamente nas mesmas águas, presa a uma espiral eterna.

"Doutora?", Takashi chamou. Ele me acomodou numa cadeira. "Doutora?"

,Alguma coisa tocou meus lábios. Bebi uma água adocicada. O líquido desceu diretamente até meu estômago, provocando uma dor desagradável. Mas nenhuma dor física poderia superar aquela que me consumia por dentro. Maia… Ela… Por quê?

"Ela está impossibilitada agora!", Alice exclamou.

"Não interessa!", Josivaldo vociferou. "Transfiram aquele corpo imediatamente!"

"Com todo o respeito, doutor, você não tem coração? Olhe para ela. Alguém importante para Akiko acabou de atravessar."

"NÃO INTERESSA! É um absurdo trazer alguém de baixo para cá e macular o lugar onde vivemos. Onde já se viu?!" Sua voz desdenhosa ecoou pelo corredor.

Alice trincou os dentes e suspirou. Ela sabia que não adiantaria continuar aquela discussão. "Vou tentar falar com Akiko."

"Ótimo. Resolva essa situação. Transfiram o corpo até amanhã." Josivaldo se afastou.

Uma mão calorosa tocou meu ombro e me envolveu num abraço. "Tudo bem, Takashi. Cuidarei dela. Pode preparar uma transferência? Escolha um hospital na Centrália."

"Certamente." Takashi nos deixou.

"Akiko…" Alice acariciou meu braço. "Consegue me escutar?"

"E-ela… Ela…" Abaixei a cabeça e levei as mãos à testa, agarrando os cabelos. Uma dor imensurável se expandia dentro do meu coração. "Ela…"

Alice afagou minhas costas. "Eu sei. Eu sei."

"P-por quê…?"

"Sei que é difícil, mas preciso de você." Ela ergueu delicadamente meu queixo.

Encarei-a, embora tudo ao redor permanecesse difuso.

"Precisaremos fazer a autópsia, emitir o relatório de óbito e assinar a transferência do corpo dela. Está me acompanhando?"

"A-Alice…" Afundei a cabeça em seu ombro. "E-ela… Não… Não pode ser."

Alice respirou profundamente. "Preciso fazer a autópsia para a transferência." Ela me soltou e começou a se preparar para sair.

Segurei seu braço. "P-preciso…"

"O quê?" Alice se curvou na minha direção.

"A-agora não. Amanhã. Vamos fazer isso amanhã, por favor…

”

Ela voltou a se sentar ao meu lado, compreensiva. “Você conhece algum familiar dela? No outro hospital, vão tentar contatar os familiares. Está me ouvindo?”

Assenti.

“Você entende? É melhor ir para casa descansar. Amanhã resolvemos isso, tudo bem? Certo, estou indo. Qualquer coisa, me ligue. Estarei aqui para o que precisar.” Alice acariciou meu ombro e saiu.

DESPEDAÇADA

"P-POR FAVOR! FAÇA ISSO PARAR!" O real e o irreal haviam se tornado indissociáveis.

Os sons daquele dia martelavam meus ouvidos. O cheiro do sangue de Maia parecia tão palpável que meu estômago se revoltou. Vomitei. As paredes eram as mesmas daquele dia. Eu não estava apenas recordando. Revivia o dia em que ela se foi. O dia em que sua ausência fez nascer um vazio dentro da minha essência.

Mesmo depois de tanto tempo, ainda precisava me lembrar. A campainha tocaria, e eu correria até a porta, mas Maia não estaria lá. Nenhuma mensagem inesperada. Nenhum convite para alguma coisa aleatória. Nenhum sinal dela. Ela se foi. Eu olharia para o lado, e aqueles olhos de mel se desvaneceriam. Não ouviria seu silêncio carregado de significados.

Precisava reaprender a viver num plano sem Maia. Um plano cinza. Morto. Dissaboroso. Dias lineares, todos iguais, desconectados das emoções. Sem a presença de sua essência amorosa.

Maia, que num ritmo intenso me fizera sentir que o mundo era colorido, maior do que a realidade apática na qual eu vivia, maior do que minha aceitação da solidão. Ela apareceu e me mostrou que eu podia abaixar as defesas, confiar em outra

pessoa e permitir-me viver intensamente. Imaginar minha vida acompanhada. Depois que me mostrou como era viver ao seu lado, passei a desejar compartilhar todas as experiências da existência. Eu queria ficar com ela. Por que me deixou? Por que se foi?

"Procurando por mim?" A ilusão de Maia surgiu diante de mim, sorrindo de contentamento.

Por que parecia tão real? Nada daquilo era real. Ela não estava mais ali. A figura à minha frente era um delírio. "V-vá embora, por favor." Meu rosto e meus olhos inchados ardiam de tanto chorar.

Maia aproximou o rosto do meu e arqueou uma sobrancelha. "Você quer mesmo isso?"

"S-se você soubesse… soubesse o quanto…" Se soubesse o quanto doía vê-la. Saber que era apenas uma alucinação.

"Se soubesse…?"

Um nó se formou na minha garganta. "Não…" Eu já não conseguia raciocinar. Estava perdida na matéria, no espaço, em mim mesma. Uma parte de mim ainda lutava contra aquilo. Resistia mesmo quando eu havia desistido. Viver para quê? Uma lâmina rasgou minha alma, reabrindo uma ferida que preenchia meu vazio de tristeza. Doía como um sangramento irremediável. "P-por que você me deixou?", perguntei.

Eu sabia que as respostas daquela figura se originavam da minha própria mente. Mas importava? Fragmentava-me de mim. Queria encontrar algum consolo nos instantes de sanidade, mesmo que isso significasse recorrer a mentiras. "Sonho com você."

"Sonha comigo? O quê?" Maia tocou minha bochecha.

"E-eu…" Abaixei os olhos. "Sonho que você está comigo." Então acordo, e você desaparece.

Ela alargou o sorriso. "Isso é bom?"

"P-penso em você toda hora. Até hoje… eu me recuso a aceitar o que aconteceu." Ergui os olhos para ela. "Meu coração bate, mas, sinceramente, sou uma casca vazia. Minha vida seguiu, mas eu só existo. Foi…"

Apertei os olhos. Minha consciência se esvaía lentamente. "P-por que acha que estou aqui?"

"Porque você me ama?!"

Quase sorri. Eu permitia que a Maia irreal me acalentasse. Ela havia partido, mas sua imagem estava diante de mim. Então aquela era uma loucura permitida. "Droga. É irresistível ficar alegre com você. Mesmo que seja uma ilusão… vendo você, imagine o quanto desejei te encontrar de novo. Ouvir sua voz depois de tantos ciclos… eu senti que…" Ela não voltaria. Repeti isso para esmagar a esperança que insistia em nascer. Era uma miragem.

"Viu? Você se atrai naturalmente a mim. E eu me vibro minha existência toda por ti." Soltei uma risada breve, enquanto tudo ao redor começava a escurecer. "Nem sei mais se meu coração bate por você ou pela nanodroga."

"Por mim, é claro."

Suspirei. Até quando viveria aquele tormento? Por quanto tempo seria submetida àquilo? O que Riki faria quando alcançasse seu objetivo? Arrancaria, torceria e quebraria cada pedaço de mim até não restar nada? O que faria com minha casca vazia? Irrelevante. Desimportante. Eu já não sentia nada, como se estivesse morta.

De repente, as luzes se acenderam.

Fechei os olhos diante do incômodo. Uma dor lancinante percorreu meu corpo, detonando minha cabeça e meu coração.

Riki irrompeu pela porta. "Vamos analisar os resultados de

hoje." Sua postura analítica e seu tom rígido permaneciam inquebráveis. Ele se movimentava majestosamente pela sala, ligando as holotelas e preparando seringas.

Um dia como qualquer outro. Eu, alguém qualquer. Não. Nem mesmo um ser. Eu era uma cobaia. Um experimento. "Estou impressionado. Cinco dias, e manteve sua resistência." Sua voz soava quase repreensiva.

Mal consegui acompanhar suas palavras. A imagem de Maia girou ao redor dele, examinando-o. "Esse é o seu pai? Vocês têm o mesmo ar…"

"P-pare", murmurei.

"Chegaremos a lugar nenhum assim." Riki apertou os lábios, desgostoso com os dados, e pegou outra seringa.

Por que eu ainda imaginava que ele se preocupasse comigo? Era apenas um meio para que alcançasse seus objetivos. Precisava extinguir a esperança insistente de que aquele ser era meu pai e que, a qualquer momento, ritmaria o que estava fazendo com a própria filha. Afinal, tudo não passava de um acesso de loucura. Riki olharia para mim e perceberia que nada daquilo fazia sentido.

Mas meu corpo dormente, enfraquecido demais para protestar, continuava sendo triturado por dentro. O que quer que ele pretendesse fazer comigo, eu acabaria cedendo. Queria desistir. Estava aprisionada num pesadelo infinito, desiludida da possibilidade de sair. Parecia mais fácil aceitar meu destino. Eu estava pronta para me entregar.

Quando Riki voltou a injetar alguma coisa no meu pescoço, encontrava-me tão entorpecida que sequer senti a agulha. Estava mais morta do que viva.

"O que é isso?", Maia perguntou.

"Vamos conversar." Riki apoiou-se na mesa e conferiu as

horas. "Em alguns minutos, isso suspenderá o indutor."

Minha cabeça pendia, movendo-se lentamente de um lado para o outro. Corpo, mente, alma e espírito pareciam estilhaçados de maneira irreparável. "O-o quê…?" Um raio percorreu minhas veias, despertando-me como uma avalanche.

A adrenalina acelerou minha respiração, meus batimentos cardíacos e a pressão. Minha visão clareou. A dor desapareceu. Uma fúria poderosa surgiu. Toda a ira e a tristeza acumuladas insurgiram de uma vez, apossando-se de mim. Ele havia injetado nanoadrenalina e nanocortisol. Por quê?

"Parece que funcionou." Riki retirou as luvas, impaciente.

Sabia que eu estava lúcida o suficiente para ouvi-lo.

"Escuto seus gritos, seu desespero, toda essa baboseira. Apenas me dê logo o que preciso. Esta parte…" Apontou para uma das holotelas. A imagem mostrava uma região minúscula e acinzentada do meu cérebro, que as nanites de seu nanoindutor tentavam ocupar. "É disso que preciso."

Eu sentia aquela região poderosamente desperta e viva. Embora as emoções dominassem meu ser, minha mente estava clara. Ri. Uma risada que extravasou um pouco do meu enlouquecimento.

Riki trincou os dentes, caminhou na minha direção e puxou meus cabelos para erguer minha cabeça. "Acha isso divertido?" O fogo ardia em meus olhos. Sorri. "Você é um monstro." Aquele ser esvaziado de vida se afastou. "Monstro? No que difiro dos cientistas que criaram a Vaktiria? No que—"

"Estranho seria sua ausência nesse projeto profano. São monstros iguais a você."

Riki meneou a cabeça, exalando superioridade. "Talvez queira dizer que ajo com um cinismo sem fronteiras?"

Semicerrei os olhos. Uma cristalização dos meus pensa-

mentos. Enxergava tudo como deveria. A percepção da monstruosidade daquele homem, que me oferecia o necessário para enfrentá-lo. Todo o meu ódio apontava em sua direção. "Você age como se humanos não fossem seres vivos. Mas esquece, Riki, que você também é um."

"O que são humanos senão matéria morta? Apenas faço algo a respeito disso." Sua indiferença me enojou. Ele não procurava se justificar. Apenas constatava aquilo que, para sua mente, parecia óbvio. Algo que só fazia sentido dentro de sua visão doentia.

Como eu havia esperado alguma coisa diferente? Meu estômago se revirou. Cerrei os punhos, apertando os dedos contra as palmas. O cortisol em abundância parecia retirar meu bom senso e bombear ferocidade pelas veias, aquecendo meu corpo.

Meus músculos se tensionaram. A ira me deixava febril. Minhas pupilas se dilatavam, e meu olhar se concentrava exclusivamente em Riki. Sorri enquanto a raiva crescia. "Você brinca de deus, selando o destino das pessoas e justificando tudo com essa frieza calculada. Acha que pode moldar a percepção de cada um à sua vontade? Essa sua visão é só uma versão deturpada da ciência."

Riki suspirou, impaciente. Talvez me julgasse inferior demais para compreender suas ideias e reconhecer a grandeza de sua genialidade. "Está sã o suficiente para formular mediocridades." Inclinou-se sobre mim. Seus olhos reluziam de indiferença.

"Você vai parar de resistir? Vamos juntos recriar a nanociência, Akiko. Com a Mentis Imperium, ninguém irá se opor a nós. Controlaremos isso que você chama de humano. Daremos vida a esse material morto!" Não havia blefe. Nem máscara. Riki estava lúcido. Ciente do que fazia. Convencido do que dizia.

Era a lucidez mais estarrecedora que eu já havia presenciado.

Só me restou rir. "Você é louco?! Pensa que sou igual a você? Que eu faria parte desse delírio? Sabe o que eu passei por sua causa? O que eu senti?"

E não se tratava apenas daquela bizarrice. Havia todas as vezes em que ele agredira Hideaki. Em que nos privara de alegria. Em que nos repreendera. Retraí-me. Todas as vezes em que chorei, desejando ser consolada, e recebi apenas indiferença. Todos os esforços para conquistar migalhas de carinho, recompensados somente com descaso sob seu olhar apático.

Eu temia o que ele faria, não comigo, mas com minha mãe. Riki evitava me agredir fisicamente, mas sempre descontava nela sua desgraça. Eu precisava impedir que meus erros a machucassem. *'Por que você me deu uma filha inútil?'* Ele gritava aquilo no ouvido de Hideaki.

Lembrei-me de quando soltou minha mão, obrigando Hideaki a fazer o mesmo, e os dois me abandonaram. Mas o pior de tudo era ter desejado, ao menos uma vez, que ele me chamasse de filha.

Riki retesou o maxilar. "Suponho que me enganei. Você é uma falha, igual àquela mulher. Uma inútil, como sempre. Irei tentar mais uma vez." Começou a mexer na maleta.

Seu desdém alimentou o fogo que ardia dentro do meu coração. Lenha para uma fogueira que se transformava em incêndio. Meu corpo queimava. Todas as minhas forças acendiam o desejo de despejar minha fúria sobre ele. Nada além de ódio. Ira. Eu já estava resignada ao meu destino. Para ele, nunca seria mais do que uma coisa.

Fechei os olhos e deixei a cólera transbordar. "Imagine o quanto eu te odeio. Eu te odeio!"

Odiava aquilo. Odiava tudo que havia feito comigo. Os motivos do meu ódio por Riki me alimentaram. O que fizera a Hideaki. O que fizera comigo desde criança. Nunca me tratara como filha. Sequer como humana. E, enquanto continuava me submetendo àquele sofrimento, demonstrava apenas orgulho e desprezo. Orgulho de um projeto que consagraria sua genialidade. Desprezo por precisar lidar comigo, um obstáculo entre ele e seus objetivos.

"Te odeio!" Minha garganta ardeu com a força do grito. "E-EU… EU… EU TE ODEIOOOOOO! TE ODEIO! TE ODEIO!"

Clique

Uma sensação inesperada atravessou meu corpo. Fiquei leve. Não. Não era leveza. Estava solta. Livre. As nanoalgemas haviam se aberto.

Agi por impulso. "AAAAAAAAAAAA!!!" Gritei e corri na direção de Riki, chocando-me contra ele com tamanha força que nós dois caímos no chão.

O furor da Donzela se apossou de mim e me cegou. Era como se uma força invisível me controlasse. Eu já não enxergava apenas Riki. Enxergava o patriarca desalmado. Despejei a primeira carga de ira. Cerrei os punhos e soquei seu rosto. A dor percorreu os ossos da minha mão, mas ignorei. A adrenalina imperava. Desferi outro golpe. O sangue jorrou do nariz e da boca dele.

Riki mal conseguia reagir.

Minha força parecia imparável. Eu me sentia invencível. "EU TE ODEEEEEEEIO!!!" Berrava a cada soco. "TE ODEIO POR TUDO! POR TUDO, TUDO! TE ODEIO! ODEIO!" Agarrei-o pelas roupas e bati seu corpo contra o chão. Meu desespero parecia se chocar com ele, inundando a sala. "EU TE ODEIO TANTO, TANTO!" Chorei lágrimas de ódio e tristeza. "T-te

odeio!" A cólera que eu havia despejado sobre seu rosto, agora marcada em sangue, começou a se dissipar.

Riki me encarava de olhos arregalados.

Tentava segurar meus braços. "T-te odeio! Te odeio tanto!" Soltei suas roupas. Meus punhos tremiam. A raiva perdia força, mas o fogo continuava ardendo. "Por que você fez isso comigo? Por quê?!"

Nenhuma justificativa. Nenhum pedido de desculpas. Ele não demonstrava sentir nada. Por que eu ainda me importava? Era um monstro. Era… Meu pai. Agarrei-me a ele. Mas não encontrei conforto algum. "Por quê?"

Um calor me envolveu. Mãos seguraram meus braços e me levantaram. Mais do que o consolo que eu desejava, era aquilo de que precisava naquele momento. "Ei, ei. Ele ainda tem que viver."

Eu tremia. Meu peito arfava. O ar me faltava. A adrenalina havia consumido minhas energias.

"O-o que você está fazendo aqui?" Riki se esforçava para se levantar. Hesitante, esfregou o rosto ensanguentado. O sangue manchava suas roupas. Ferimentos nas sobrancelhas, nos lábios, nas bochechas e na testa começavam a inchar.

"Hum…", Saymon ronronou. "Vim checar a situação. Cheguei na hora certa, hein? Isso teria ficado bem feio." Ele sorriu, raposino, lentamente. Saymon parecia saborear a cena como um predador que se divertia com sua presa. Pousou as mãos sobre meus ombros.

Riki colocou as mãos ensanguentadas entre nós e recuou, apoiando-se na mesa. "Está tudo bem, como você pode ver." Gesticulou ao redor. "Logo conseguirei a substância perfeita."

Saymon apertou os lábios, ainda sorrindo. "É, quanto a isso… houve uma mudança de planos."

"Mudança?" Riki soltou uma risada desesperada.

Saymon estalou a língua e me soltou. Depois caminhou vagarosamente até ele. Sua presença pareceu escurecer a atmosfera da sala. Apontou em minha direção sem sequer me olhar. "Ela. Ela é intocável, entende?"

"Como assim? Eu paguei por isso. EU PAGUEI!"

A distância entre os dois diminuiu.

Saymon inclinou-se sobre ele. "Melhor abaixar o tom." Deu meia-volta e voltou para perto de mim, apertando os olhos como uma raposa. "Houve uma mudança de planos. Ela se tornou uma de nós."

A chama se apagou. O efeito do inibidor diminuía. A Sentisurge começava a agir novamente. Meus batimentos cardíacos caíram drasticamente. Meu corpo estremeceu com os calafrios. Meu coração estava prestes a parar outra vez.

Fragmentos daquela memória retornaram como um tsunami. Uma Maia desvanecida surgiu diante de mim. Não. Por favor. A raiva desapareceu. O desespero se espalhou como veneno. "N-não…" Meu corpo fraquejou. Caí de joelhos. Agarrei os cabelos. "D-de novo não…"

VAZIO

Quando cheguei ao apartamento, caí de joelhos. O peso em meu peito se propagava como ondas de águas cada vez mais profundas, até desabar sobre mim numa torrente devastadora. Encostada à porta, abracei os joelhos. Depois reuni a pouca coragem que me restava e me arrastei pelo corredor. Meus olhos inchados embaçavam a visão. A vermelhidão ardia na pele, e as lágrimas escorriam pelo corpo pesado. Por dentro, havia apenas vazio. Nada além de um entorpecimento persistente.

A decoração natalina, outrora colorida, alegre e aconchegante, parecia ter perdido toda a cor. Toda a vida. Toda a alegria.

Maia, você sabia, não sabia? Balancei a cabeça, desacreditada. "V-você sabia. Sabia, SABIA!" O grito rasgou minha garganta.

Arranquei os enfeites, extravasando tristeza, raiva e indignação. Derrubei a mangueira-de-natal. Pisei nas decorações. Destruí tudo. Arremessei os malditos sacis contra a parede.

"VOCÊ SABIA! POR QUE ME PEDIU PARA ADIANTAR A NATIVIDADE? PORQUE VOCÊ SABIA! AAAAAAAAAAAAA AAAAAA!" Gritei com toda a força que minhas cordas vocais conseguiam produzir. Caí de joelhos. Chorei, inconsolável. Lágrimas infelizes. Desoladas. Arrependidas.

Soquei o chão e rasguei a pele dos nós dos dedos. Meus braços estavam dormentes, mas continuei forçando os movimentos.

Anestesiada, golpeei o piso até o sangue manchá-lo. Eu só queria sentir alguma coisa. "Por quê? Por que você não…" Vomitei.

A dor transbordou. Minha alma escapava de mim em espirais amarguradas.

Encostei a testa no chão. "Por quê, Maia? Por que você aguentou tudo sozinha? Por que não confiou em mim?"

SINTO MUITO

"Sentiu minha falta?" A ilusão de Maia pousou a mão sobre meu joelho.

"P-por favor… vai embora… Maia… por favor…" Bati a cabeça contra o móvel. "Vai embora… chega…" Bati com mais força. Eu só desejava que tudo acabasse.

"O que fez com ela?" Saymon franziu a testa, agachou-se perto de mim e segurou minha cabeça. Seu calor me embalou.

Agarrei seus braços, chorando. "M-Maia… Maia… ela… sinto muito." Era como se eu lhe devesse desculpas. Desculpas por ter sido insuficiente. Eu deveria ter tentado mais. Porque, se tivesse, talvez Maia… A memória acorrentou minha mente e queimou meu coração, estilhaçando aquilo que ainda restava de mim.

"Vamos embora." Saymon envolveu minha cintura com os braços e me carregou para fora.

"ELA É MINHA!" Riki explodiu num descontrole que eu nunca havia presenciado. "EU PAGUEI POR ISSO! Vou falar com a Matriarca, ela…"

Saymon parou e cravou nele um olhar sinistro, de uma frieza capaz de congelar até os ossos. "Encontre outra pessoa para fazer isso." E saiu.

Eu balançava em seus braços, quase inconsciente, enquanto

atravessávamos um corredor esverdeado. Abraçava seu pescoço. Temia encará-lo. As lembranças traziam dores de arrependimento e ressentimento. "S-Saymon, sinto muito."

"Engole isso." Ele me ofereceu uma pílula branca.

Assenti. Tive dificuldade para engoli-la com a pouca saliva que me restava.

Chegamos a um estacionamento gélido. Nenhum vislumbre do exterior. As luas haviam passado, e eu perdera a noção de tudo. Já não tinha esperança de voltar a ver a luz do sol ou da lua.

Saymon me acomodou no banco do passageiro e sentou-se ao volante.

"S-sinto muito, Maia. Sinto muito, Saymon." Cobri o rosto. As lágrimas encharcavam minha roupa. "Eu devia ter feito alguma coisa. Eu poderia tê-la salvado."

Saymon segurou meu pulso e afastou minhas mãos do rosto. Seu olhar ferino me atravessou. "Você a salvou. E não só ela. Salvou muitas vidas naquele dia. A transfusão de sangue que você fez reduziu a chance de danos irreversíveis. Ela conseguiu desativar as nanites e parou o próprio coração."

O que ele estava dizendo? Apertei os olhos. Tentei concentrar a visão em seu rosto.

Suas palavras chegavam distantes, como ecos. "Se Maia não tivesse feito isso, todos num raio de um quilômetro teriam morrido."

DESPERTAR

Minha consciência retornava à medida que os efeitos da Sentisurge se dissipavam. A mente ainda rodopiava. As palavras de Saymon continuavam ressoando dentro de mim, enquanto as lembranças iam e vinham, afastando-se lentamente. Aos poucos, recuperava o controle sobre elas, embora aquele pesadelo ainda dançasse ao meu redor. A imagem de Maia finalmente começou a desaparecer.

Respirei, aliviada. Saymon havia me dado mais do que um purificador ou um anestésico leve. De repente, uma onda de dopamina parecia preencher meu cérebro. Era um… "Você me deu opiáceo?"

Saymon abriu um sorriso charmoso. "Soube que gosta. Particularmente, prefiro algo mais forte." Pelo que eu havia visto no Oásis Onírico, imaginei que se referisse à neoheroína.

Ele estava esperando que eu me recuperasse? Era a primeira vez que ficava a sós com Saymon, e isso me perturbava um pouco. Além do mais, eu estava em condições deploráveis. Mal conseguia encará-lo. Queria conversar, mas tateava à procura de um começo. Mordi os lábios.

De Saymon, só podia esperar o imprevisível. Sua energia caótica alvoroçava meu eixo. Ele encarava o painel do veículo. Nada dizia. Nada demonstrava.

Enquanto isso, eu melhorava, como se uma nuvem pesada começasse a se dissipar. Minha mente clareava. Finalmente, estava no comando.

Abri e fechei as mãos, sentindo a dor nos ossos. Quando as examinei, encontrei os nós dos dedos feridos e ensanguentados. Eu bati nele. Soquei Riki. Lutei para afastar as lembranças. Merda.

Por que Saymon precisava dele? Honestamente, queria pensar em outra coisa. Desejava esquecer o que havia acontecido. Não. Nunca esqueceria o que Riki fizera comigo. Cerrei os punhos, sentindo uma raiva discreta despertar. Inspirei profundamente. Controlei as emoções.

Então as palavras de Saymon retornaram: *'Se não tivesse feito a transfusão...'* Como ele sabia? Como… é claro. Como só pensei nisso agora?

Encostei a cabeça no banco, receosa de encontrar seus olhos dourados. "Sabe, quando Maia…" Minha voz hesitou. "O diretor do hospital exigiu que transferíssemos o corpo dela para um hospital na Centrália. Segundo ele, quem vem de baixo suja a Zênite."

O olhar de Saymon pesou sobre mim, deixando-me inquieta.

"L-lembro que me senti de mãos atadas. Incapaz de me mover." O efeito do opiáceo me mantinha mais calma. De repente, uma lágrima escorreu. "Eu estava fraca demais para lutar contra aquela decisão. Tivemos que fazer a autópsia para emitir o relatório de óbito." Minha garganta se fechou. A voz saiu embargada.

Apertei o peito. Meu coração doía. "No dia seguinte, mesmo entorpecida, eu fiz a autópsia. Achei estranho que as veias e os órgãos dela estivessem intactos. A parada cardíaca também era contraditória. Ela recebeu sangue, e esse sangue pareceu limpar

aquilo que a fazia sangrar, restaurando os tecidos danificados em seu interior."

Saymon permaneceu com uma expressão indecifrável. Recebi seu olhar profundo e misterioso. Suas feições e sua postura escondiam qualquer vislumbre do que acontecia dentro dele.

"Era seu sangue, não era? Só pode ser. Faz todo sentido. O fator Rh nulo é hereditário. Quando Daren mencionou um doador ativo, nem considerei que pudesse ser alguém da família de Maia." Observei-o. "Por que você doou seu sangue? Quis ajudar a pesquisa ou foi…"

Saymon ergueu uma das mãos, apoiou o cotovelo no volante e passou um dedo pelos lábios. Sorriu. Um sorriso que não combinava com ele. "Maia pouco se importava com a própria segurança. Eu a conhecia o suficiente para saber que, quando você entrou na vida dela, tudo iria mudar." Seu sorriso se alargou. "Eu estava certo."

"O que quer dizer? Está dizendo que ela fez isso…"

"É. É isso que estou dizendo. Você motivou isso. Na verdade, ela fez isso por ela." Ele fez uma pausa. "O que aconteceu naquele dia foi obra do Hikaru." Pronunciou o nome com desdém.

Hikaru? O quê? Quanto mais Saymon explicava, mais dúvidas surgiam. "Como assim?"

Ele me espiou de lado. "Maia pediu para Hikaru remover a habilidade dela. Só ele poderia fazer isso, já que a habilidade é QN-Tec." Saymon pigarreou. "Porém, alguma coisa deu errado. As q-nanites dela atacaram a QN-Tec que ele conectou." Seu maxilar se contraiu, e os nós dos dedos se retesaram.

Era isso que havia entre ele e Hikaru?

Depois de alguns instantes, Saymon relaxou os músculos. "Isso causou o vazamento da fonte da habilidade de Maia. Com

a transfusão de sangue, você impediu que as últimas nanites saíssem dela e que todos morressem. Inclusive você."

O efeito do ópio me envolvia numa sensação de êxtase. Meu raciocínio estava mais lento. Por que Maia pediria aquilo? Tentei encaixar as peças do quebra-cabeça. *Argh.* Parecia que todas as respostas me conduziam a becos sem saída.

Reuni o pouco de sobriedade que me restava, esforçando-me para impedir que a confusão retornasse. Remoí as informações. Se as nanites de Maia eram nanoquânticas, e se Saymon era seu irmão, então os dois compartilhavam quase metade do mesmo DNA. Na transfusão…

"Entendi. Só o seu sangue poderia impedir isso. Se fosse de outra pessoa, as q-nanites se desestabilizariam por falta de compatibilidade genética. Isso também explicaria a restauração dos tecidos." Encarei-o. "As q-nanites dessa habilidade ficavam na corrente sanguínea de Maia, não é?"

Saymon assentiu.

"Isso não…" Interrompi a pergunta. Dizer tudo o que queria saber seria forçar a linha tênue de sua disposição para conversar. Minha intuição dizia que as respostas viriam. Com ou sem a colaboração dele.

Apertei os punhos. Estava aflita por desejar conhecer mais e incomodada porque, a cada explicação, surgiam novas perguntas. Suas palavras aumentavam minhas incertezas sobre o que acontecera com Maia. Que habilidade era aquela, capaz de matar todos ao redor? Seria isso que impedia as nanotecnologias de reconhecimento de funcionarem nela? Quanto mais tentava compreender, mais desordenados ficavam meus pensamentos.

Eu sentia que estava deixando passar alguma coisa. Tão perto. Tão longe. Cada peça encaixada no quebra-cabeça

abria espaço para centenas de outras que ainda faltavam. A imagem incompleta me agoniava. Mas havia outra coisa que me perturbava. Por que Saymon parecia não ser afetado? Por que falava de tudo aquilo com tanta naturalidade?

"Por que você trata isso com tanta indiferença?" O tom de repreensão da minha própria voz me surpreendeu. Arrependi-me antes mesmo de terminar a última palavra.

O ar ao redor mudou. A aura poderosa e violenta de Saymon me provocou calafrios.

Meu coração disparou. Engoli em seco, apavorada ao perceber que aquela hostilidade estava direcionada a mim.

Saymon virou meu rosto em sua direção. Seu toque era gentil, mas parecia carregado de uma intenção maldosa. Seus olhos estavam sombrios. A respiração dele roçou minha pele. "Lembre-se, Akizinha. Antes dela significar algo para você, ela é minha família."

Permaneci imóvel. Meu coração batia descontroladamente. "D-desculpa. Não quis…"

Saymon ligou o veículo, contendo a irritação que havia se condensado entre nós. "Esqueça isso. Vamos embora. Você parece bem e precisa de um banho." Abriu um sorriso debochado.

Desviei os olhos. Eu sabia. Não precisava que dissesse. Respirei fundo e deixei a tensão escapar. Como ele conseguia ir de um extremo ao outro em questão de segundos?

Fechei os olhos e permiti que a euforia se espalhasse. Então a exaustão veio como um colapso. O suplício mental, físico e espiritual pareceu me alcançar de uma só vez. Meu corpo afundou no banco. Relaxei completamente.

E, pouco depois, adormeci.

HORA DA DIVERSÃO

"Acorda." Um toque cálido cutucou meu braço. "Não vou te carregar de novo." Veio outra cutucada.

"Não… Estou dormindo." Afastei a mão dele num gesto preguiçoso e mergulhei novamente na dormência.

Ouvi um suspiro. A cutucada seguinte foi mais forte. "Durma depois. Acorda de uma vez!" Outra, ainda mais insistente.

Abri os olhos, encontrando a visão embaçada. Passei a língua pelos lábios, sentindo um gosto amargo. Minha cabeça latejava como se um avião desgovernado tivesse me atropelado. A escuridão ao redor foi um alívio para minhas córneas exaustas.

"Finalmente." Saymon passou a mão pelos cabelos.

O breu engolia tudo.

Tentei me situar. "Onde estamos?" Esfreguei o rosto. Percebi que a Sentisurge havia deixado meu organismo.

"Logo vai ver." Ele sorriu, divertido.

Franzi a testa, mas não insisti. Estava cansada demais para argumentar ou tentar compreender qualquer coisa. Tudo que me importava era voltar a dormir.

Saymon abriu a porta do veículo.

Quase caí ao tentar sair, mas ele me segurou. "Consegue andar?"

Esperei a pressão se estabilizar. "Sim. Estou um pouco zonza."

Quando firmei os pés no chão, ele me soltou. "Me segue."

Caminhamos por cerca de dez minutos até alcançarmos vários galpões.

Estávamos em Franca.

Atrás das nanoinstalações, uma flora singular, composta por árvores esparsas e arbustos magros, nos cercava. A hololuz solitária dos muros projetava sombras sobre nossos corpos.

Saymon parou de repente.

Consegui interromper o passo antes de esbarrar nele. "Descul…"

Ele se inclinou na minha direção. As sombras dançavam sobre seu rosto.

Meu coração perdeu uma batida.

"Fique tranquila com o que aconteceu com Maia. Cuidei de tudo quando ela foi transferida."

"Isso… O quê?"

"Qual é mesmo o nome do diretor do hospital?"

Diretor? Ah… "É-é… por quê? É… você… o que vai fazer?"

Um lampejo violeta atravessou seus olhos dourados. Intenso. Efêmero. Saymon pousou a mão sobre meu ombro. Seu sorriso era letal como veneno. "Tudo bem. Não precisa dizer. Já descobri."

Engoli em seco.

Então ele levantou um alçapão, revelando uma abertura no chão. Uma luz quente se derramou sobre mim. Saymon desceu primeiro e acenou para que eu o seguisse.

Desci lentamente pela escada estreita, aflita. A poeira do corredor de concreto amarelado me fez espirrar.

Atravessamos a primeira entrada.

"Demorou demais, hein." Uma voz poderosa retumbou pelo ambiente.

"Chego quando tenho que chegar." Saymon gesticulou com descontração.

Uma mulher mais baixa do que eu, de rosto feroz, olhar determinado e postura altiva, examinou-me dos pés à cabeça. Mantinha os braços cruzados. "Então é você…"

"E-eu…"

"Ela me contou sobre você." A mulher se aproximou e cochichou em meu ouvido. Depois piscou e estendeu a mão. "Prazer, sou Maeva."

Meu queixo quase caiu, mas consegui conter a reação. Estendi a mão para cumprimentá-la. "P-prazer. Akiko."

"Vamos logo com isso. Estou me coçando para…"

"Vem, se ajeita aí. A diversão tá prestes a começar", Cron resmungou ao fundo.

Maeva sorriu.

Diversão? Contraí as sobrancelhas, curiosa.

Ela se afastou.

Arregalei os olhos ao observar melhor a sala.

Era um ambiente de tamanho médio, bem iluminado, cercado por prateleiras e caixas. Cron estava sentado ao fundo. Quando nossos olhares se cruzaram, ele sorriu. Denden ocupava uma cadeira à mesa, à direita, e me saudou com um aceno sério. Trix e Kiara não estavam ali. Maeva permanecia em pé, os olhos castanhos fixos no centro da sala. Fiquei ao lado dela, estranhamente atraída e confortada por sua presença. Mas minha atenção se voltou inteiramente para o centro do ambiente.

Saymon caminhava de um lado para o outro. Sua aura ameaçadora parecia alcançar proporções cósmicas.

E, diante dele, nu, amordaçado, amarrado e ajoelhado, estava Paulo Lewis.

O diretor de operações da Sessota.

EU PENSO, VOCÊ APARECE

Todos mantinham a atenção concentrada no executivo e em Saymon. Ele se movia a passos lentos, atraindo o olhar de Paulo Lewis como se sua simples presença fosse capaz de devorá-lo.

Meu coração disparou. A sonolência desapareceu no instante em que Saymon arrancou a mordaça.

"QUEM SÃO VOCÊS?!?!?!" Paulo cuspiu. Babava e suava em desespero. Um cheiro ácido de urina impregnava o ar. Mesmo naquela condição, seus olhos azuis acompanhavam cada movimento de Saymon com uma soberba desmedida.

Era evidente que Paulo estava acostumado a conseguir o que queria. Era o tipo de homem que fazia os outros tremerem, capaz de dobrar alguém com um único olhar. Um homem habituado a vencer e a colocar outras pessoas de joelhos. Alguém que, mais do que possuir o controle nas mãos, parecia considerar-se o próprio controle. No entanto, diante daquela presença quase sobrenatural, era ele quem estava ajoelhado.

Talvez acreditasse que as palavras bastariam. Que a eloquência adquirida em décadas de negociações o salvaria. Que poderia conduzir aquela situação como conduzia seus negócios e encontrar uma saída. Um jogo de gato e rato, no qual cada um realizava seu movimento. Mas ele estava completamente enganado.

Saymon observava o ratinho se contorcendo em suas mãos.

"O QUE QUEREM?!" A voz de Paulo ainda carregava autoridade.

Saymon estalou a língua. "Paulo Lewis. Sessenta e dois ciclos. Unido a Abigail Chapman. Dois filhos. Diretor de Operações da Sessota há quarenta ciclos. Hum… Você deve saber muita coisa, não?" Ele assobiou. "Você desconhece quem somos… Mas sabemos quem você é."

"Essas são informações públicas. Uma pesquisa na internet vai te dizer isso." A inquietação transbordava de sua voz.

"Oh, quer que eu seja mais específico?" Saymon abriu um sorriso voraz.

Lewis pressionou os lábios, como se tentasse engolir a própria apreensão. "Você sabe com quem realmente está mexendo?!"

Um silêncio perturbador se formou entre eles. A tensão me roubou o fôlego.

Saymon jogou a cabeça para trás e soltou uma risada hostil. "Ah, você compreendeu?" Baixou os olhos para o executivo, encarando-o com uma expressão torpe. "Eu sei exatamente com quem estou mexendo."

Lewis engoliu em seco. Meneou a cabeça, negando. "Você está blefando."

"Estou?" Saymon arqueou uma sobrancelha. Seus olhos dourados resplandeceram, ferinos. "Você sempre verifica cada gota da sua bebida e cada grão da sua comida. Desconfia de androides. Evita nanotecnologia. Registra em papel aquilo que não deseja que seja visto. E, quando precisa se conectar à tecnologia, utiliza nanoquântica. Hummm…" Um grunhido rouco e gutural escapou de sua garganta. "Você é cauteloso. Mas todo mundo tem uma fraqueza."

Lewis hesitou. "D-do que…"

"Estou falando disto aqui." Saymon cutucou o pescoço do homem, exatamente onde ficava o biochip. "Sabe, dá para hackear essa belezinha."

Franzi a testa. Dava? Eu achava que fosse…

"I-impossível!" Lewis empalideceu. De repente, toda a pomposidade desapareceu. "C-como…"

"Tsc, tsc." Saymon suspirou e sorriu ironicamente. "Foi tão divertido pensar num jeitinho de chegar até você. Talvez este nome lhe soe familiar… Anne?"

Lewis arregalou os olhos como eu nunca havia visto alguém arregalar. Entreabriu os lábios trêmulos. "N-não! Impossível!!!"

Saymon retirou o baralho do casaco e começou a embaralhar as cartas, tranquilo. "Quando soube do seu apreço pela inversão de papéis, ficou fácil… invadi-lo." Passou a língua pelos caninos. "Pedi para Anne colocar o q-nanodispositivo com o qnmalware quando fosse te penetr—"

"ENTENDI!" O rosto de Paulo ficou tão vermelho que parecia prestes a sufocar. "Não precisa…"

"Você levou os documentos para ela. E nós te pegamos exatamente quando…" Saymon caminhou até uma mesa, pegou uma pasta amarelada e a balançou diante do executivo.

"I-isso… o que é isso?" O suor brotava da testa de Lewis e pingava no chão.

"Talvez isto refresque sua memória?"

O ambiente escureceu. A única iluminação passou a vir de uma holotela, que transmitia um vídeo de Lewis sentado, folheando documentos enquanto participava de uma videoconferência. Não era possível identificar seus interlocutores.

"A Sessota investirá e terá participação nos lucros. Sessenta por cento do valor acordado. A UNITED e a Kokusai investirão vinte por cento cada." Ele ajeitou o terno.

"Nossa previsão para os primeiros dez ciclos solares é um aumento de trinta por cento no faturamento bruto anual. Após esse período, projetamos um aumento de até dez por cento. As fontes de renda serão a compra da Vaktiria pelas cidades, empréstimos de pessoas físicas sem ativos para custear o tratamento hospitalar, vinte e três por cento dos países que solicitarão crédito para importar a mercadoria e setenta e três por cento dos lucros globais dos hospitais, com o crescimento do número de pacientes."

Vozes responderam do outro lado da videoconferência.

"Irão desenvolver a bactéria em Ilhabela. A previsão de entrega é de até dez ciclos. Pagaremos nosso contato na Rede Aether, Lorenzo Cardoso, por meio de QN-Criptografia."

Os interlocutores se manifestaram novamente.

Lewis sorriu com desdém. "Sim, ele é de confiança. Só precisaremos ajudá-lo a se tornar o premier da Rede Aether." Soltou uma risadinha. "Realmente, é um preço minúsculo a se pagar."

A transmissão terminou. As luzes se acenderam.

A Sessota estava por trás daquilo? Não apenas ela. A UNITED. A Kokusai. Era infinitamente maior do que eu poderia ter imaginado.

A cor abandonou o rosto de Lewis. "C-como vocês conseguiram isso?"

Saymon guardou o baralho e voltou a cercá-lo com sua presença autoritária. "A pergunta que você deveria fazer é quem conseguiu isso."

O suor de Paulo pareceu duplicar, escorrendo como uma cachoeira. O temor exalava de seu corpo. "Q-quem?"

"A Sessota está por trás de muito mais, não está?" Saymon alargou o sorriso maníaco. Conforme se aproximava, a atmos-

fera se tornava asfixiante. Era como se tivesse retirado todo o ar da sala. Seus rostos ficaram quase colados. "Ou melhor, vocês estão por trás. Até mesmo uma pessoa esperta como você…"

Lewis estreitou os olhos, incerto. "Você…"

"Vous devez savoir qu'un animal n'est éteint que lorsque le dernier meurt." Saymon murmurou a frase em francês, num tom aterrador, *Até você deveria saber que um animal só é extinto quando o último deles morre.* Ele endireitou a postura e observou o terror refletido no rosto do executivo.

"F-França? Você…" Paulo tentou se recompor. Revestiu-se novamente da máscara da ponderação e assumiu um tom firme. "O que querem?! Dinheiro? É isso? Eu posso dar muito dinheiro. O suficiente para criarem um país só para vocês. Controle?! Posso lhes dar controle. Posso dar o que quiserem. Posso pagar o que…"

Ah, aquele momento em que pessoas como ele acreditavam que dinheiro e controle seriam capazes de resolver tudo. Como eu estava enganada. Muito. Ainda desconhecia a verdadeira profundidade do medo que a presença de Saymon podia provocar.

As palavras morreram na garganta do executivo. O sangue pareceu abandonar-lhe o rosto, tornando-o pálido.

Eu também fugiria, se minhas pernas permitissem. Continuei imóvel, com o coração acelerado e a respiração presa. Não apenas eu. Todos ali pareciam ritmar que um único sopro errado poderia ser fatal.

Havia perversidade no olhar de Saymon. As garras de sua aura destilavam crueldade, transbordando e ricocheteando contra as paredes, acariciando a pele com uma delicadeza ardilosa. Seu semblante era assassino. O sorriso, uma lâmina requintada. Um sorriso que parecia ceifar apenas por existir. Saymon

se aproximou lentamente de Lewis. Seus passos ressoavam dissonantes pelo ambiente.

O executivo tentou recuar, mas estava imobilizado.

Saymon inclinou-se sobre ele, deixando que uma sombra cobrisse parte de seu rosto. Abriu um sorriso sanguinário, carregado de uma intenção inclemente. "Você certamente irá pagar. Cada um de vocês." Deu meia-volta e caminhou até a mesa. "Cron?"

Travei. Meus músculos enrijeceram. Eu transpirava de aflição e me agarrava ao braço de Maeva.

"D-desculpa", sussurrei.

Ela sorriu com os olhos.

Soltei o ar que vinha prendendo.

Cron começou a diminuir a distância entre ele e Lewis.

O clima era insustentável.

"Finalmente." Gargalhou de maneira maníaca. Sua risada ecoou pelos cantos da sala.

Lewis perdeu o controle do próprio corpo e defecou no chão. "N-não! O que vão fazer comigo? NÃO! SAIA DE PERTO DE MIM!"

"Lembra de mim, Paulo?"

"Q-QUEM É VOCÊ?!" Lewis olhava ao redor, procurando qualquer coisa que pudesse tirá-lo dali. Parecia, enfim, perder a ilusão de que encontraria uma saída.

Sinceramente? Ele estava por trás de uma das maiores tragédias infligidas ao mundo e justificava suas ações com lucro e controle. Naquele instante, eu julgava que nenhum sofrimento seria grande demais para ele. Senti satisfação diante do horror que transbordava de seus gritos sufocados.

Os dedos enormes de Cron seguraram seu pescoço e roçaram sua bochecha. "Você deve se lembrar de mim como Damon

Hawkins."

"D-Damon…? Você… você deveria estar morto!"

Cron jogou a cabeça para trás e gargalhou. Seus olhos azuis irradiaram como se refletissem a luz do sol. "Quer matar alguém, Paulo? Deve fazer você mesmo."

"Quero ele vivo", Saymon advertiu, sem tirar os olhos das cartas.

"Tudo bem. Não vou matá-lo." Cron sorriu alucinadamente. "Só vou machucá-lo. Muito."

"NÃO…"

A mão de Cron cobriu a boca do executivo.

"Muchacho, achei que eu chutaria o culo desse malparido. O cabrón se borrou todo. Se o infierno fede, é o cheiro de mierda desse cagada de culo de rata", Denden resmungou, esfregando o nariz.

"Você ainda tem nove chances para chutar. A caçada só está começando." Saymon ameaçou sorrir.

Nove? Quem eram aquelas pessoas? Minha pressão começou a cair. A exaustão anunciava um desmaio. Afinal, tanta coisa havia acontecido, e eu sequer descansara direito. Precisava dormir.

Denden fez uma careta contrariada e descruzou os braços. "Vou comer." Saiu pela porta escondida.

"Ei…" Maeva me cutucou de leve com o cotovelo. "Tu tá querendo descansar, né? Deixa o grandão aí se divertir."

Assenti. O cansaço pesava sobre meus olhos.

Ela sorriu e segurou minha mão.

Antes que cruzássemos a porta, Saymon lançou um olhar ilegível em minha direção. Seu rosto se contorceu num sorriso de canto.

Assim que atravessei a entrada, meu queixo caiu.

Diante de mim se estendia uma estrutura subterrânea gigantesca, vibrante e barulhenta.

Nanopainéis replicavam o céu. Barracas e estabelecimentos comerciais abarrotavam a área central até onde a vista alcançava. Uma rua principal fervilhava de movimento, enquanto cabines, contêineres e pequenas casas metálicas se amontoavam nas laterais, lembrando favelas. Centenas de pessoas iam e vinham.

"S-são pessoas das Terras de Ninguém?" Virei-me para Maeva.

Ela observava o ambiente com admiração.

"Não só elas. Os manifestantes e alguns…" Coçou a cabeça. "Uma galera da Une Côte."

Assenti e continuei acompanhando-a. "Que lugar é esse?"

"Ah, cara, é um bunker onde os cientistas guardavam suprimentos. Os malditos e uns ricaços que viviam nas redondezas se esconderam como ratos quando bombardearam a superfície. A Rede Aether declarou a região inabitável, e eles emigraram para a Zênite."

Eu tinha tantas perguntas que mal sabia qual fazer primeiro. Será que Maeva estaria mais disposta a conversar do que os outros? Queria perguntar tanta coisa, mas o cansaço me dominava. Minhas pálpebras pesavam, cobrando o preço de cada esforço para permanecer acordada. A exaustão alcançou seu limite. Minhas pernas mal se moviam, como se âncoras estivessem presas aos tornozelos. Eu parecia uma zumbi.

"Aproveita pra descansar. Você vai partir em dois dias", Maeva comentou por cima do ombro.

Paramos diante de uma cabine.

Ela digitou uma senha e pediu minha impressão digital. "Prontinho. Tem comida à beça por aí. Deixei barrinhas proteicas na gaveta e uma coisinha a mais." Piscou. Era tão

fácil estar perto dela. Sua presença me tranquilizava.

"Obrigada…" Então arqueei uma sobrancelha. "Por que vou embora em dois dias?"

Maeva recuou ligeiramente. "Hum? Ele não te disse? Por que ninguém fala nada? Ah, sei lá. Só sei que tu vai vazar. Pra onde? Não faço ideia." Abriu os braços.

"Como assim…? Ele quem?"

"Você deve tá bem exausta. Saymon, cacete."

Hesitei. "Por quê?"

"Se você não sabe, quem dirá eu!" Maeva ajeitou as tranças. Ao perceber minha aflição, acrescentou: "Olha, não sei o que aconteceu contigo. Tá na cara que tu passou por uma situação complicada. Tô tentando ser gentil, mas tu tá um bagaço. Tua cabeça deve tá cheia. Querendo saber o que aconteceu, o que vai acontecer. Recomendo desligar tua mente. Depois venho conversar contigo e te mostro o lugar, pode ser?" Ela pousou as mãos calorosas sobre meus ombros.

Desisti de resistir à necessidade de descansar e entrei na cabine. "Tudo bem."

"Ótimo. Entra aí, toma um banho e vai dormir." Ela piscou.

A porta se fechou atrás de mim. As luzes se acenderam.

Deparei-me com meu reflexo. Péssima. Semimorta.

Despi-me. Coloquei o colar e o chaveiro sobre uma mesa lateral e deixei a roupa para lavar.

Enquanto a banheira se enchia, permiti que os pensamentos vagassem. Nem sequer sabia por onde começar a raciocinar. A água subiu, envolvendo meu corpo e levando embora a sujeira. Eu estava irreconhecível. Quebrada. Sem esperança de reparação. Talvez desejasse permanecer daquele jeito. Só queria existir até o último suspiro. Nem a CogniSynth parecia capaz de me devolver o desejo de viver.

Riki havia consumido meu último fio de vida. Minha alma e meu coração estavam despedaçados. Eu me tornara uma matéria morta. Havia experimentado a morte tantas vezes que, se fechasse os olhos para sempre, acreditava que a aceitaria de bom grado. Do outro lado, Maia estaria comigo. É. Isso parecia bom.

Meus músculos relaxaram. Pensar nela me acalentava. A água quente me envolveu. Abri um sorriso fraco e afundei a cabeça na água. Quando voltei à superfície, encontrei a ilusão de Maia. Torci o nariz. "Impressionante… penso em você e você aparece."

"Você me quer aqui." Ela riu, divertida.

Revirei os olhos. "Tem algum…"

"Olha." Maia caminhou até a mesinha e tocou meus pertences. "Você guardou tudo."

Sorriu e mostrou o colar com a letra A sob a camiseta. "Eu sempre mantive comigo."

"Merda." Caminhei até a gaveta. Se Maeva estivesse certa, o que havia deixado ali…

"Ei." A imagem de Maia mordeu os lábios com um ar predador e se aproximou. "Você desse jeitinho…"

Ignorei a provocação. "Cadê…? Achei." Peguei o comprimido branco e o engoli de uma vez. Voltei para a banheira.

"O que você fez?" Maia se agachou ao meu lado e acariciou minha bochecha.

"Dei um jeito nisso." Fechei os olhos e esperei o efeito começar.

As lembranças daquilo que eu queria esquecer continuavam voltando sem parar. Meu coração se apertou.

Maia contraiu as sobrancelhas, preocupada. "Sabe que isso é um caminho sem volta, não sabe?"

"Não importa."

Ela não era real. A verdadeira Maia teria me impedido. Não. Se a verdadeira Maia estivesse ali, nada daquilo estaria acontecendo. Eu tentava, em vão, preservar a sanidade. Droga. Aquela maldita loucura me envolvia novamente.

Esfreguei a testa e pressionei a pele com os dedos, procurando sinais de que ainda estava viva. Precisava impedir que aquilo voltasse a me dominar.

O opiáceo começou a agir. A voz dela ficou mais distante.

"Não." Maia tentou protestar.

Mas já não consegui ouvir coisa alguma. Inspirei profundamente. As amarras da tensão se soltaram.

É. Só o vazio restava.

VENTOS SOPRAM PARA O FUTURO

Quando me virei de lado, senti o peso do mundo desabar sobre mim. Quanto tempo havia passado? Movi os braços, que pareciam ter sido esmagados por um caminhão.

"Vai dormir de novo?", Maia sussurrou no meu ouvido.

Afundei o rosto no travesseiro. Se eu sufocasse ali, aquilo acabaria? "Droga. De novo, não."

"Por que tá fazendo isso?" Ela acariciou meus cabelos.

"AAAAAAARGH!" Ergui os olhos para a parede azul. Ela é uma ilusão. Sacudi a cabeça, tentando afastar sua imagem. Sentei-me na cama e apoiei os braços sobre os joelhos. "Maia…" Eu estava mesmo conversando com uma alucinação? "Você deve ir embora."

Ela sorriu, aproximando o rosto do meu. Não senti nada. Nem um resquício de calor ou de frio. "Realmente quer que eu vá embora?" Seus dedos deslizaram sobre meus lábios.

Levantei-me, ignorando as dores. "Dane-se." Vesti o uniforme gasto, guardei os presentes no bolso, comi as barrinhas proteicas e respirei profundamente. Tentei tolerar a ilusão de Maia me acompanhando, mas era impossível. Por isso, saí.

O calor me envolveu. Amarrei os cabelos e desci as escadas metálicas até o andar inferior. Deixei que meus pés me

conduzissem pelo centro, sob um clima agradável.

Aquelas pessoas estavam ali havia mais de uma lunação? Quando poderiam sair? O que havia acontecido enquanto estive ausente? Eram seres tão adaptáveis, vivendo dentro de um bunker. Familiares seguravam as mãos de seus filhos enquanto faziam compras. Casais caminhavam abraçados. Comerciantes ofereciam mercadorias. A vida continuava, afinal.

"Aqui é legal", Maia murmurou.

Bufei.

"Ei, chica." Denden estava sentado diante de uma barraca, sorrindo.

Agradeci silenciosamente por encontrá-lo. Acenei com hesitação e me sentei ao seu lado. Um cheiro gorduroso e delicioso preenchia o ar.

"Com fome, muchacha?" Ele tamborilou os dedos no balcão. "Neste lugar tem la mejor comida colombiana."

"Nunca comi." Cocei a bochecha.

Denden inspirou dramaticamente. "No creo! Vai ter que comer, chica. La mejor comida del mundo. Comida japonesa é gostosinha, mas isso aqui…" Abriu os braços. "É sem comparación."

"O que vai ser, amigo?" Uma mulher careca, tatuada, com próteses no pescoço e nas pernas, veio nos atender.

"Bandeja Paisa e Club Colombia." Denden pediu arepas, patacones, morcela, linguiça, arroz, torresmo, carne moída, feijão, um pedaço de abacate e cerveja.

Eu procurei alguma coisa mais leve. Apontei para um pão de queijo no cardápio. "Isso… Almo… almojábana?" Sorri sem jeito. "E suco de guaná… guanábana."

"ALMO-JÁ-BANA. GUA-NÁ-BANA", Denden corrigiu, rindo.

A cozinheira assentiu.

"Muchacha, o que aconteceu aquele dia? Cê tava atrás de mim e sumiu. Perdeu a melhor parte. Los mierdas apareceram aos montes."

"Ah…" Suspirei e apoiei os braços no balcão. "Fizeram um contrato no meu nome. Kai e Luiz me pegaram." Por que mentiria? Eu já não tinha nada a perder.

"Contrato, chica?"

"Meu nome é Akiko. Eu era o alvo do contrato de treze milhões."

"Mentira, muchacha! É por isso que Kiara quis me matar?", murmurou, franzindo a testa. "Se me falassem antes, as coisas teriam sido diferentes." Denden gesticulou, indignado.

Arqueei uma sobrancelha. "Teriam? Você é um mercenário. São treze milhões."

Ele franziu ainda mais a testa. "E daí? Existem coisas mais importantes do que dinheiro."

Esfreguei a nuca e resolvi mudar de assunto. "O que aconteceu depois?"

"Ahhh, acabei com aqueles cabróns. Umas dez viaturas apareceram. Usamos elas pra transportar os muchachos."

"Trix e Kiara?"

"Chica, não faço ideia. Kiara tentou me matar, mas letramou que não viveria num mundo sem yo. Elas vazaram."

Eu queria tanto reencontrar Kiara.

"Aliás, sou Diego Rivera. Pero puedes me chamar de Denden."

Soltei uma risadinha. Era bom experimentar aquela sensação.

Minha porção de almojábanas chegou. Arregalei os olhos diante da quantidade absurda de comida no prato de Denden. Ele era mesmo uma fera.

"FINALMENTE!" Denden esfregou as mãos, animado. "Ven-

ham para o papi. Mi amiga, tú preparas la mejor comida del mundo."

Mandou um beijo estalado para a cozinheira.

Provei o pão. Fazia muito tempo que não comia decentemente. "Delicioso."

"Parece mesmo delicioso." A ilusão de Maia examinou meu prato.

Tentei ignorá-la.

"E aí, Denden." Maeva se aproximou e se apoiou no balcão. "Sempre que te vejo, cê tá comendo."

"Sabes como é, chica. Manter tudo isso aqui requer seus esforços."

Maeva voltou o olhar para mim. "Melhor?"

Ergui as sobrancelhas. "Melhor impossível."

"Assim que se fala. Bora dar uma voltinha?"

Denden fez uma careta. "Vai me chamar, muchacha?"

"Saymon quer falar contigo." Maeva deu algumas batidinhas no ombro dele.

"Tá me chamando pra chutar uns culos? Você deveria ter falado antes, chica." Denden devorou o restante da comida e saiu.

"Cara, esse Denden é uma figura. Ele gosta de você."

"Quer um?" Ofereci um pão de queijo.

Maeva recusou. "Ele é mesmo uma figura. Gosto dele também, apesar de…"

"Sim. Todos têm esse ar maníaco que dá um calafrio."

Finalmente, alguém que me entendia. Agradeci por sua presença. "Você é uma deles?", perguntei.

"Uma mercenária? Não. Só que, de uns tempos pra cá, só me envolvo com eles."

Encolhi os ombros. "Bem, somos duas."

Maeva e eu caminhamos em nosso ritmo pelas tecnolojas.

Hologramas piscavam ao nosso redor, e ofertas flutuavam no ar. O tilintar metálico das máquinas de e-crédito ecoava a cada transação.

Seguimos até o cassino.

A atmosfera carregada de eletricidade. O brilho dos holopainéis ofuscava os olhos, enquanto o barulho incessante das e-moedas caindo, dos dados rolando e dos suspiros de frustração e júbilo preenchia o ambiente.

Maeva me ensinou a jogar nas máquinas. Depois apostamos uma partida de blackjack. As cartas deslizaram suavemente pela mesa. O crupiê, de olhos afiados, aguardava nossa decisão.

Hesitei. Maeva sorriu. Perdi todas as fichas. A adrenalina me chamava. Meu coração acelerava a cada aposta, e a expectativa tentava me seduzir. Mas eu já havia perdido demais.

Deixamos o cassino.

Nosso próximo destino foram as petlojas.

Gaiolas de vidro exibiam animais modificados, com instintos domados e garras aprimoradas. Cada um havia sido criado como uma arma. Era inevitável pensar em Maia. Compartilhávamos aquele amor incondicional pelos bichinhos.

Acariciei um macaco dourado de olhos verdes. Ele segurou meu dedo com a mãozinha macia. O calor daquele contato despertou a nostalgia de momentos que eu desejava esquecer. Inspirei profundamente.

Acompanhei Maeva até o último andar, onde encontramos uma área vazia e silenciosa. O burburinho do mercado, lá embaixo, chegava até nós como um sussurro distante. Dali, era possível contemplar a vastidão do bunker, construído de nanometal e concreto. As luzes acendiam e se apagavam como se o lugar fosse um organismo vivo.

Apoiei os cotovelos sobre a mureta de vidro. O frio da estrutura contrastava com o calor da minha pele. Um vento soprou, trazendo o cheiro metálico do ambiente. Aquela sensação… mesmo vazia por dentro, minha casca ainda permanecia de pé. Era isso que importava. Eu teria que sobreviver assim.

Maeva explicou que não arriscariam deixar a população na superfície, pois a Rede Aether era imprevisível. Poderia atacar a qualquer momento, explorando a vulnerabilidade do grupo.

O nanobunker havia se tornado um lar temporário, um refúgio até que a situação se estabilizasse o suficiente para permitir o retorno à superfície. Como era bem equipado, as famílias conseguiram organizar comércios e moradias. Os mercenários também paravam ali para descansar e se abastecer.

Felizmente, o local havia sido declarado uma área neutra. Ali, ninguém caçava ninguém.

"Lorenzo renunciou", Maeva informou.

A presidente McQuoid havia indicado um novo líder para a Rede Aether, alguém com uma imagem mais popular.

"Cara, mas não importa, sabe? Independentemente de quem colocarem na liderança da Rede Aether, eles são só um canal para essas merdas. Quem decide são outros." Ela mordeu o lábio inferior.

"Como assim?"

Seus olhos castanhos encontraram os meus. "O Paulo Lewis, sabe? Todo mundo acha que ele é só um executivo, mas o cara é o segundo na hierarquia daquela merda da Sessota. E é mais do que isso. É uma dessas pessoas que decidem tudo pelos outros, decidem o que acontece no planeta, agindo nas sombras como uma divindade superior."

Sua expressão transbordava descontentamento. "Ele precisava ocupar uma posição confortável na Sessota, o maior

banco do mundo. O coração financeiro da estrutura. Usam o banco pra financiar os planos deles. Porque, no fim das contas, fazem tudo girar ao redor de grana e garantem o controle absoluto desse jeito."

Maeva passou a mão pelo braço cicatrizado. "Se alguma coisa der errado, a culpa cai sobre o CEO, o bode expiatório. Paulo tem poder diretivo absoluto. Decide tudo de pronto, com autoridade suprema. Na real, essa hierarquia é fachada. O cara manda em tudo. No fim, os outros viram fantoches e eles passam impunes."

Aquilo era muito maior do que eu imaginava. Como havíamos chegado àquele nível? Como aquelas pessoas possuíam tanto controle? Quem permitia que o exercessem? "E se vocês divulgassem aquele vídeo? A Sessota seria penalizada?"

Maeva meneou a cabeça. "Não, cara. Não podemos fazer isso. Lewis tá onde tem que estar: na palminha da mão do Saymon."

Cutucou a própria palma. "Se soltássemos o vídeo, os outros substituiriam ele. Sabe a hidra? Aquele monstro em que, quando se corta uma cabeça, nascem duas no lugar? Eles são uma hidra. Chamam a si mesmos de A Sociedade."

"Era isso que Saymon quis dizer quando falou que faltavam nove? São dez cabeças. Vocês pegaram uma… faltam nove?" Mordi a parte interna da bochecha.

Se aquelas pessoas agiam nas sombras, invisíveis, como o grupo havia conseguido encontrar Paulo? E como encontraria os outros?

Minha cabeça latejou sob o peso de tantas informações. "Como pretendem destruir essa hidra? Depois de cortar as cabeças, Hércules queimava os pescoços para impedir que outras crescessem."

Maeva sorriu de canto. "Caos." Deu de ombros, divertida.

"Eles odeiam o caos e amam o controle. Então… romper com a ordem é o primeiro descontrole deles." Seus olhos faiscaram. "Mas, primeiro, precisamos descobrir onde esses ratos estão escondidos."

"Entendi." Apoiei os cotovelos na beirada. "Vocês têm ideia de onde estão?"

Maeva estalou os nós dos dedos. "Nas dez principais cidades." Começou a enumerá-las, e os nomes cortaram o ar como lâminas afiadas. "São Paulo, onde Lewis age. Hong Kong. Nova Iorque. Dubai. Sydney. Singapura. Lagos. Kinshasa. Tóquio. Londres. Quem são ou onde exatamente estão…" Girou um anel no dedo. "É por isso que precisamos de Lewis. Podem ser qualquer um."

Sua voz ganhou uma sombra mais densa. "Desde o líder de uma nanocorporação até um pedinte na rua. Nem eles mesmos sabem direito o que cada um faz ou quem são os outros."

Maeva soltou um suspiro ríspido. Seus dedos deslizaram pelo metal frio da mureta. "Nessas reuniões em que decidem o destino do mundo, ninguém vê ninguém."

Observei o movimento lá embaixo enquanto processava tudo. Fazia sentido que estivessem espalhados pelas dez principais cidades do planeta. Epicentros do poder. Centros financeiros. Bastiões das maiores corporações. Concentrações populacionais. Submundos ocultos. Nanotecnologia de ponta. Era fácil permanecer invisível nesses lugares. Manipular, mais ainda. As cidades os protegiam.

Meus olhos encontraram os de Maeva. Não. Não mais. "O jeito como você fala é… familiar", murmurei, pensativa.

Ela sorriu com orgulho. "Tu já me ouviu. Não com essa voz linda, claro. Sabe aquela figura misteriosa com a voz robótica? Sou eu."

Meu queixo caiu. "Sério? Faz sentido. Você exala uma paixão tocante. Dá pra sentir mesmo sem te conhecer. Cron disse que você 'projetava sua voz para alcançar centenas e representar outras centenas'."

Maeva arqueou uma sobrancelha. "Ele disse isso? Esse grandão não tem mesmo jeito." Um sorriso meio abobado escapou de seus lábios.

Sorri de volta. "Ele te admira muito. Confesso que, vendo você agora, eu também. Quando você falava, eu sentia vontade de me rebelar. O que fez por ele… por todos nas instalações… foi incrível."

"Tô surpresa de Cron te contar isso. Ele é tão reservado. O que tu fez pra arrancar alguma coisa dele?" Maeva inclinou levemente a cabeça, desconfiada.

Talvez não houvesse problema em contar. "Eu queria saber sobre Maia. Agora estou devendo um favor para ele." Esfreguei os olhos. "Vou tentar curar a Vaktiria de Cron."

O sorriso de Maeva desapareceu. "Sério?"

"Eu não brincaria com isso. Sou médica."

Seu olhar ficou mais sombrio.

"Na Zênite estão desenvolvendo uma vacina para a doença", acrescentei.

Ela pareceu abalada.

Curioso. Maeva sabia tanto sobre o que acontecia na Zênite e na Rede Aether, mas aquela informação parecia novidade.

"Por que não divulgam isso?"

"Existe um regulamento nas dez cidades que impede cientistas de divulgar pesquisas até que estejam completamente finalizadas. Dependendo da pesquisa… Nunca divulgam."

"Caramba. Tenho certeza de que isso é obra daqueles desgraçados. Mais uma ferramenta de controle."

"Sinceramente? Será um milagre se desenvolverem uma vacina nos próximos cinco ciclos." Fiz uma pausa. "E estou sendo otimista. A bactéria evoluiu. São Paulo lidera as pesquisas, mas já fracassou em duzentas nanofórmulas. Na última, conseguiram desacelerar os sintomas. A pessoa consegue viver por cinco ciclos."

A respiração de Maeva ficou mais pesada.

"Mas existe um meio. Talvez seja possível remover a bactéria. É medicina ilegal, embora eu acredite que Cron aceitaria o procedimento."

Seus olhos se iluminaram. "Como?"

Hesitei. Deveria contar? Inspirei profundamente. Era pela vida de Cron. Isso precisava ser suficiente. "É brutal."

Maeva piscou.

"Ele pode morrer. Ainda não conversei com ele sobre isso…" Desviei o olhar. "Se puder ficar só entre nós, eu agradeceria. Não quero criar esperanças antes de conseguir o nanoprotótipo e confirmar se a operação é realmente possível."

Maeva segurou minha mão. "Fica tranquila. Segredo nosso."

Engoli em seco. "O nanodispositivo drenaria o sangue dele, passando pelo coração, cérebro e pulmão. Depois, o sangue seria reposto por sangue Rh nulo, que é imune à bactéria." Fiz uma pausa, vacilante. "Por isso é ilegal. E mortal."

Maeva manteve os olhos arregalados. Havia uma confiança relutante em sua expressão.

"Mas existe uma pessoa disposta a realizar a cirurgia", acrescentei. Cerrei os punhos.

"Quem?" A pergunta veio como um tiro. Maeva parecia imperturbável diante da descrição do procedimento.

Merda. Eu não acreditava que estava prestes a dizer aquilo. Olhei para minhas mãos. No que estava me transformando?

Mordi os lábios. "Riki."

Ela franziu a testa.

"Meu pai."

Silêncio.

Um vazio que dominou tudo ao redor.

O gosto amargo da lembrança reacendeu em minha garganta. Eu jamais esqueceria o que descobrira nem o ódio que ainda queimava minha pele. No fundo, sempre soubera do que ele era capaz. Forcei as memórias para longe.

Maeva jogou as tranças sobre o ombro. "Por que falar dele parece tão ruim?"

Engoli o amargor. "O importante é ajudar Cron." Um sorriso relutante se formou nos meus lábios.

Maeva me observou por algum tempo. Então sorriu de volta. "Certo." Ela mudou de assunto. "Sabe, você parece pouco afetada pelo que eu te contei. Muita gente teria quebrado a cabeça, ficado com raiva… sei lá…"

Suspirei. "Eu sinto raiva. Muita. Há tempos, mesmo antes de saber sobre isso…"

Seu olhar se fixou no meu.

Continuei: "Quero fazer alguma coisa a respeito." Gesticulei em direção à vista. "Quero fazer parte disso. Mas, honestamente? A desempatia se institucionalizou. Nesse sistema ilusório, são capazes de atrocidades por muito pouco e as cometem sorrindo."

Maeva pousou um olhar terno sobre mim. "Sim, sei bem. Mas, no meio de tanta merda, sempre achamos uma galera que vale a pena, né?"

Uma risadinha escapou dela, aliviando um pouco o peso da conversa.

"Ela tá falando de mim, hein", Maia soprou no meu ouvido.

"É…"

Maeva me examinou com mais atenção."Você parece meio abatida. Se quiser voltar pra cabine, é só falar. Tô sem nada pra fazer. Já preparei tudo pra depois de amanhã."

Franzi a testa. "Depois de amanhã?"

"Poxa, ninguém fala nada mesmo, né? A violência policial e essas ordens absurdas da Rede Aether continuam." Maeva desatou a braçadeira, retirou uma lâmina e voltou a guardá-la. "Vamos esconder o vídeo do Lewis, mas temos que foder com a Sessota de outro jeito."

"Caos, obviamente, né?" Sorri, cúmplice.

Ela piscou, confiante. "Exato. Vamos divulgar os documentos dos investimentos da Sessota, especialmente os da produção da Vaktiria. A empresa vai perder valor no mercado. O nome de Lewis não aparece, então o anonimato dele fica assegurado. Vamos incitar a galera contra a empresa." Maeva soltou um riso contido. "Sabe, somos mais do que um bando de baderneiros."

Sorri com os olhos. Claro, seria difícil uma empresa do tamanho da Sessota quebrar apenas com aquelas revelações. Mas conseguir desestabilizá-la já seria algo massivo. "Vocês parecem ter tudo em ordem."

"Nem sempre foi assim. A Une Côte causava uns distúrbios aqui e ali, mas logo eram resolvidos." Ela estalou a língua. "Quando Maia e Saymon entraram em contato com a gente… Enfim, todos temos motivos pra estar aqui. Mas, graças a eles, chegamos a este ponto."

"Ela falou de mim." A ilusão de Maia apontou para o próprio peito.

Concentrei-me em Maeva. Um pôr do sol fictício lançou luzes alaranjadas sobre nós. O semblante feroz de Maeva ganhou novos contornos, reluzindo sob as cores. Ela parecia

uma daquelas pessoas nascidas com uma aura abençoada, brilhante como o sol. Bastava estar perto para sentir as energias se restaurando.

Maeva acariciou o antebraço e traçou o contorno de uma enorme cicatriz de queimadura.

Desejei perguntar sobre ela, mas me contive.

"É mais do que esse lance da Vaktiria. Eles tão por trás de várias merdas que acontecem no mundo. Guerras, miséria, doenças. A lista é enorme. A gota d'água foi o que fizeram com nosso país."

Arregalei os olhos. Eles estavam por trás do que aconteceu na França? Ah. Eu ainda duvidava?

Maeva sorriu de maneira felina. "Agora fizemos alguma coisa." A dor em sua voz me sufocou. "Não quero que o mundo pense que fazemos isso só pra que os outros sintam o que nós sentimos. A gente sequer pode falar nosso idioma ou nossa origem."

Meu coração se apertou.

"Queremos que entendam que estamos todos do mesmo lado." Ela respirou profundamente. "Alguns pensam assim na Une Côte. Maia e eu pensamos igual. Saymon também mudou de ideia. Por isso…" Hesitou. "Ah, tô falando demais."

"Por isso que…?"

"Hum, alguma coisa mudou tudo. Era pras coisas acontecerem de outro jeito." Seu olhar se desviou para baixo. "Na real… prefiro assim. Prefiro como as coisas tão agora."

"O que era pra acontecer?"

Maeva fechou os olhos por um instante. "Dessa vez vou me abster de falar. Sério, é um lance no qual prefiro nem pensar."

Suspirei. Seria inconveniente insistir. Afaguei suas costas. "Tudo bem."

No fim do dia, todos estavam metade em chamas, metade na

escuridão. Maeva também. Carregava um fardo pesado e uma dor que lhe pertenciam.

Ela sorriu e se espreguiçou. "Valeu. Acho que entendo o que Maia sentia por você. E você por ela."

"Ela falou de mim?!" Meu coração dançou. Ela falou de mim. Minhas bochechas se aqueceram. Abaixei a cabeça, sorrindo sem conseguir parar. Meu corpo esquentou. Lembrei-me de que eu era mais do que alguém que simplesmente existia. Estava viva. Eu sentia. Mesmo despedaçado, meu amor por Maia continuava vibrando dentro de mim, trazendo uma vivacidade revigorante.

A alucinação assentiu. "Claro que eu falaria de você."

"Não era pra ela falar? Maia te mencionou, sim." Maeva sorriu, divertida. "Dava pra sentir a profundidade do sentimento. Muito especial." Suas palavras me envolveram como um abraço quentinho. "Sabe aquela galera que você vê e pensa que as pessoas foram feitas uma pra outra? Uma coisa de outras vidas? Foi a sensação que tive assim que percebi vocês."

"Também acho", Maia comentou, sorrindo.

Revirei os olhos. "Para."

Maeva arqueou uma sobrancelha. "O quê?"

Acenei com a mão, tentando disfarçar. "Nada… só fiquei envergonhada demais."

Ela gargalhou.

Descemos até o centro para comer.

Escolhi ikan bakar, peixe grelhado e marinado com especiarias, acompanhado de arroz branco e cerveja.

Maeva pediu gado-gado, uma salada de vegetais com feijão-chicote, espinafre, batata, cenoura, milho, broto de feijão e molho de amendoim. Para beber, escolheu iced coconut, com

água de coco doce, gelo e pedaços de coco.

"Nossa, estou faminta." Eu aguardava a comida com ansiedade.

Maeva assentiu.

Uma holotela transmitia o Jornal da Visão Global. O apresentador começou em tom solene:

"O líder do Egito, Abdel Kalil, apresentou uma queixa formal contra a Rede Aether. O Tribunal Penal Mundial incluiu a Inglaterra e os Estados Unidos como réus. A fase de inquérito foi iniciada, e as três organizações estão sob investigação. ONGs apresentaram petições contra seus representantes, exigindo que, em até quarenta e oito horas, sejam divulgadas as entidades envolvidas na cotecedura da Vaktiria. Diante das manifestações que se intensificam pelo mundo, as federações estão cada vez mais pressionadas a prestar contas."

A outra jornalista piscou, com uma expressão carregada de expectativa. "É, João, parece que não há mais para onde correr. Pode nos atualizar sobre o Brasil?"

"Certamente. Após Jacó Silva assumir como premier da Rede Aether, ele se pronunciou: 'Não concordo com as atitudes do premier anterior, porém não aceitaremos manifestações violentas. Enquanto perdurarem, contem com o apoio da F.T.A. para conter quaisquer agressividades.' Os protestos em São Paulo ganharam mais força nos últimos dias. Centenas de manifestantes foram soltos."

A jornalista acrescentou: "Os manifestantes contarão com o apoio do exército russo, certo?"

O apresentador assentiu. "Sim. A imperatriz Sonechka enviou as forças armadas russas. Elas irão proteger os manifestantes da violência policial brasileira."

"Abdel é um oportunista do caralho", Maeva comentou,

atraindo minha atenção. "Ele é um ditador, mas os outros países apoiam o cara por causa do…" Fez aspas com os dedos. "Programa Internacional para as Vítimas de Vaktiria." Seu tom estava carregado de desprezo. "Prefiro pensar que são só ignorantes. Sério que esqueceram as atrocidades que aquele maldito comete no próprio país? Tudo por uma falsa solidariedade." Maeva falava de maneira rebelde, articulada e cheia de convicção. Escutá-la despertava em mim a vontade de também me opor.

Eu era inexperiente naquela luta.

Antes, acreditava estar protegida do alcance de muitas daquelas atrocidades. Mas, diante de tudo que testemunhara, descobrira e fora obrigada a engolir, sentia uma raiva crescente. Eu não queria mais apenas aceitar. Não queria continuar sendo forçada a engolir tudo garganta abaixo. Estava cansada de fingir que nada acontecia simplesmente porque era confortável. De viver à sombra da ignorância.

Mas a indignação de Maeva, seu conhecimento do mundo, sua vontade de lutar e sua revolta vinham de um lugar onde eu jamais estivera. Ela havia sentido na pele cada barbaridade. Que escolhas lhe restaram? Ou lutava, ou era esmagada. Sobreviver fora sua única opção.

Maeva, Maia e milhares de outras pessoas carregavam uma coragem incendiária para se erguer contra uma lógica tão corrupta. Elas haviam iniciado aquela luta. E eu… eu continuaria com elas.

Desviei o rosto. "Eu estive lá com Kiara. Ela disse que os militares estavam prendendo pessoas sem motivo."

"Rá! Se fossem só prisões… Ninguém pode entrar. Não sei como vocês conseguiram. Fecharam as fronteiras. Ninguém sabe o que acontece lá dentro." Maeva se recostou e cruzou os

braços. "Tenho alguns contatos. A coisa tá bem feia. O povo vê o maldito do Abdel como um deus. Ele faz o que quiser. As pessoas passam fome e agradecem por isso. Enquanto isso, arrancam sua liberdade e sua dignidade diante de bilhões. O mundo assiste e ninguém faz nada."

Um nó apertou minha garganta. "Q-quando sobrevoei a região, vi que faziam oferendas para as estátuas dos deuses egípcios…"

Os pratos chegaram. Começamos a comer.

Maeva limpou a boca com o dorso da mão. "Cada um com sua crença, mas é óbvio que tudo vai pro Abdel. Ele vive num pedestal erguido sobre a miséria. Quem discorda ou ameaça o comando de Kemetia desaparece. Sabemos bem como isso funciona." Girou a colher entre os dedos, pensativa. "Confesso que essa birra dele com a Rede Aether é bem-vinda. O poder militar deles é sinistro. Ninguém vai querer bater de frente, até porque…"

Maeva se aproximou e cochichou: "Ninguém além da Rede Aether sabe o que rolou com as 3-R. Então, é natural que evitem deixar essa informação vazar, especialmente pro Abdel. Se ele descobrir que a Rede Aether tá desarmada, fodeu." Seus olhos faiscaram. "Enfim, os outros países jamais fariam o que ele fez."

Peguei outra colherada e mastiguei lentamente. Se outras organizações descobrissem que as 3-R haviam sido roubadas… Uau. Aquele grupo estava fazendo muito mais do que jogar. Tinha o tabuleiro inteiro nas mãos.

A ilusão de Maia se debruçou sobre o balcão, encarando-me.

Virei o rosto, agoniada. "Maeva, tem mais Pefentanil?"

Ela meneou a cabeça. "Foi Saymon quem me deu. Disse que tu ia gostar. Enfim, consigo mais pra você." Maeva se recostou, analisando-me. "Tu quer descansar? Acho melhor. Tá tarde.

Amanhã tu vai vazar. Como tudo é incerto, é sempre bom relaxar."

Soltei uma risada curta. "Não faço ideia do que vai acontecer." Ofereci-lhe um sorriso animado. "Mas estou empolgada com o que vocês vão fazer."

Maeva piscou, entusiasmada. "Bora lá. Daqui a pouco te levo o negócio." Levantou-se.

Assenti e me despedi.

Caminhei de volta para a cabine.

Assim que me deitei, senti novamente o peso do universo. A alucinação de Maia me perturbava o tempo inteiro. Eu me forçava a agir como se não estivesse destroçada.

Ainda assim, passar o dia com Maeva e conhecer outro lado daquele mundo havia sido bom. Eu sequer conhecia aquela versão de Denden, alegre, comendo e conversando. Havia atravessado tanta coisa para chegar até ali. Caminhara entre aquelas pessoas. Conhecera suas histórias. Vislumbrara suas dores. Tudo aquilo era… eu poderia viver assim? Talvez me acostumasse. Talvez… pouco importava. Pelo menos, seria mais do que apenas existir.

"O que tá pensando?" Maia se deitou na cama, ficando cara a cara comigo.

"Você é tão parecida com ela. Em Sentila de Sensíria, você teria vivido trinta ciclos. Eu te conheci no dia do seu aniversário. Se eu soubesse…" Quase a toquei. Quase. Meu coração doeu. Ela se fora. Nunca poderíamos comemorar juntas. "As mesmas sardinhas, pintas… essas cicatrizes. Você nunca me contou como conseguiu cada uma delas."

"Quem sabe um dia?" A ilusão sussurrou com aquela mesma voz rouca.

"É… quem sabe em outra vida." Ergui a mão e observei meus dedos contra a luz. "Uma vida inteira juntas, de luas compartilhadas, com amor, alegria e plenitude. Quão bom isso seria? Nós duas, admirando um céu limpo do alto de um pico, livres. Eu e você."

"Quero isso também…" A ilusão se aproximou e ergueu as mãos, quase tocando as minhas.

Doía tanto. As lágrimas escorriam. "Eu queria muito mais do que isso. Queria viver tanta coisa ao seu lado." Minha garganta se apertou. A voz embargou. "Queria que você tivesse confiado em mim."

"Vai saber…" A Maia ilusória deu de ombros.

Suspirei. O que eu esperava? A Maia da minha cabeça não possuía as respostas.

TOC TOC Alguém bateu à porta.

Enxuguei as lágrimas e inspirei profundamente.

A porta deslizou.

"Tá na mão. Vê se equilibra, hein. Boa noite, té mais." Maeva piscou e acenou.

"Ei… obrigada por hoje. De verdade. Eu estava precisando disso." Forcei um sorriso.

"Imagina. Foi maneiro. Espero fazer de novo."

Assenti.

Maeva ofereceu um último sorriso e foi embora.

Voltei para a cama.

Maia estava sentada, de pernas cruzadas. "Vai me abandonar de novo?"

"Você me abandonou primeiro." Engoli o comprimido. Fechei os olhos.

"Não te…"

ESTOU INDO

O mesmo sonho. Um lugar nevado, onde céu e terra se fundiam.

Ao longe, destacava-se uma floresta de abetos. Entre as árvores, a solitária loba cinza. Seus olhos âmbar me encaravam, chamando-me.

Estou atendendo ao seu chamado. Meus pés se moviam em sua direção.

Estou indo.

Despertei de súbito. Arfava. Suava. Minha pulsação estava acelerada. Demorei para recuperar o fôlego. O opiáceo eriçava os pelos da minha pele e intensificava a ansiedade. Minha mão trêmula e dolorida pousou sobre a testa ardente. No espelho, minhas pupilas apareciam dilatadas. Se ainda tivesse o biochip, aquilo poderia ser evitado. Conseguiria regular as doses, prevenir o vício e a abstinência.

"Você tá bem?" Maia sentou-se ao meu lado.

Cobri a cabeça com as mãos e apertei os lábios. "M-Maia… por favor… vá embora." Eu ia enlouquecer.

"Quero ficar com você." Seus olhos se entristeceram.

Eu não queria vê-la daquele jeito. Não queria vê-la. "Tenho que sair dessa loucura."

Ela segurou meu rosto. A ilusão se recusava a desmoronar. "Ei, olhe pra mim. Gosto tanto de você." Suas palavras sopravam como uma brisa furtiva, vinda de uma fresta inexistente.

Aquilo era uma ilusão. Ilusão. Ilusão. "Não posso sucumbir a isso."

Os comprimidos de Pefentanil sobre a mesinha me atraíam. Quando os consumisse, a paz retornaria, o peso desapareceria e a alucinação me deixaria em paz. Poderia até triturar um deles e inalá-lo para que o efeito chegasse mais depressa.

Toquei os comprimidos com a ponta dos dedos. Mordi os lábios. Arranhei o braço. Um filete de sangue brotou. Apenas um. Só um comprimido para escapar daquela realidade amaldiçoada, mesmo que, em algum momento, as drogas deixassem de funcionar e eu não conseguisse mais fugir.

Balancei o corpo lentamente para a frente e para trás, imaginando a euforia me dominando, explodindo como fogos de artifício e se desfazendo em mil cores. A anestesia me confortaria como somente Maia era capaz de me confortar. Não. Balancei a cabeça. Eu precisava enfrentar aquilo.

A depressão sugava o tormento como um buraco negro absorvendo estrelas. Tentei chorar, aprisionada naquela recordação dolorosa, mas as lágrimas não vieram. Esvaziara-me para continuar. Minha alma havia sangrado até a última gota. Eu tentava superar a dor de perder Maia e de ter sido torturada.

Haviam quebrado meus ossos, rasgado meus músculos e dilacerado minha carne. Um suplício que arrebentara as finas cordas do meu espírito, estilhaçando continuamente minha alma. Uma dor que ultrapassava o físico e alcançava minha essência, partindo-a em cacos que pareciam irreparáveis.

"O que tá fazendo?", Maia perguntou.

Pouco importava se era ilusória. Meu coração, febril e abstinente, implorava para que eu libertasse as emoções. Se fosse sucumbir àquela loucura, ao menos conseguiria contar o que havia acontecido. Talvez fosse permitido, já que ela não era

real.

"Sabe…" Abaixei a roupa até os ombros. "Aceitei todas essas marcas porque você também tinha as suas. Inclusive traumas maiores, que nunca ouvirei você compartilhar." Passei o dedo pelo pescoço. Um filete de suor escorreu pela cicatriz. "Eu estava com tanta dor que me anestesiei por dentro. Aquele militar lacerou meu pescoço. Ele riu tanto. E o que eu fiz?" Encarei-a. "Pensei em você."

Maia me fitou. Era aquilo que eu queria fazer. Contar tudo. Ela era a única pessoa para quem eu desejava dizer aquelas coisas. A única que me consolaria, me abraçaria e diria: *'Akiko, estou aqui. Vai ficar tudo bem porque eu estou aqui.'* Mas a figura diante de mim não era Maia. Não era real.

Abaixei o uniforme até a cintura, expondo as costas. "O guarda fez este X. Enfiou a lâmina, abriu minha pele e gargalhou, se vangloriando: 'Vamos brincar de tiro ao alvo?'" Naquele instante, o choro transbordou pela minha pele. Chorei sangue. Agachei-me diante da ilusão, enquanto uma lágrima caía como garoa.

Os olhos dela acompanharam meus movimentos. A verdadeira Maia me deixaria chorar. Enxugaria minhas lágrimas, traria descanso ao meu coração, me aqueceria em seu abraço e esquentaria minha tristeza até fazê-la evaporar.

"O que eu fiz? Pensei em você. Pensar em você tornou tudo suportável."

"Aki." Sua voz tilintou como música.

Suspirei. "Ah, você não tem ideia do quanto eu queria ouvir você dizendo meu nome de novo." Vesti-me e me sentei ao lado dela. "Fui inocente, Maia, por acreditar que estava a salvo. Uma ingenuidade que nunca mais terei." Trinquei os dentes. A tristeza se transformava em raiva.

"Não precisa…" Seu toque vazio acariciou meu rosto.

Mas eu continuaria. A febre aquecia meu corpo e perturbava minha mente, fazendo com que a ilusão de Maia me trouxesse algum alívio, em vez de apenas angústia. "Tudo foi tão inesperado. Não conseguia imaginar quem estaria por trás daquilo. Pensei até no Josivaldo." Soltei um sorriso aflito e balancei a cabeça, negando. "De todas as pessoas, era ele. Era Riki." Fechei as mãos. Os nós dos dedos continuavam vermelhos e feridos.

"Não…", ela murmurou.

Funguei e esfreguei as bochechas. "A pessoa que terminou de me destruir, Maia, morava no meu coração. Eu o respeitava. Sim, sabia de sua perversidade, mas ele já foi tão admirável. Era fácil esquecer a crueldade." Minha voz vacilou.

"Ele coteceu com Hideaki um nanodispositivo que faz tantas pessoas felizes." Gesticulei, imaginando um fio saindo da minha cabeça. "Aqueles que se conectavam à NeuroSync enquanto estavam vivos deixavam, depois de morrer, uma herança mais valiosa do que qualquer coisa. Seus familiares podiam colecionar memórias de ouro e de amor, transmitidas de uma pessoa para outra. Imagens de um passado bonito que já havia acontecido, mas que poderia ser lembrado."

Suspirei. No fim, somos feitos de memórias. E, naquele momento, eu era feita de memórias de dor. "Eles me inspiraram a tecer a CogniSynth. Eu queria que as pessoas revivessem suas lembranças mais bonitas, aquelas que aquecem os dias amargos. Que pudessem registrá-las e reproduzi-las quando desejassem."

Minha garganta se fechou, interrompendo a voz. Enraivecida, lembrei-me das palavras de Kiara: *'Quem deveria te proteger é quem causa sua ruína.'*

"Nem que mil lâminas me atravessassem, nada doeria tanto quanto Riki me machucando e me usando." Voltei os olhos para

a imagem de Maia. "Pensar em você me fez aguentar tudo." Mordi o lábio, tomada pela ira. Tentava resgatar forças para continuar, mesmo que, no fim, permanecesse sozinha. "Mas foi sua lembrança que terminou de me estraçalhar e tirar meu ar." Respirei profundamente, procurando enterrar os sentimentos que me soterravam.

"Por que continua fazendo isso?" O tom pesaroso da voz dela me recordou que era apenas uma ilusão.

"Porque foi tudo que me restou." Minha voz saiu frágil, quebradiça. "Estou aqui, falando com você, porque nada mais tenho." Quis tocá-la. Quis sentir sua pele contra a minha. Mas nada havia ali. Somente vazio. "Aguentei tudo…" Minha respiração tremeu. "Você podia ter se revelado a mim, porque…" As lágrimas finalmente vieram como um rio cósmico, profundas e sufocantes, arrastando o peso inteiro que eu carregava no peito.

"Meu amor por você é maior do que tudo isso. Vai além da dor. Além das cicatrizes, dos traumas, do medo, da raiva e do ressentimento. Ele não precisa que você esteja aqui, porque atravessa as barreiras do intangível. Vibra em cada célula do meu ser. Ele existe. E isso é suficiente. Suficiente para eu continuar aqui. Vivendo. Tentando. Superando tudo. Porque você fez o mesmo."

A voz se embargou, mas continuei. "Quero te mostrar que esse amor toma o lugar das feridas, preenche os vazios e cura o que foi quebrado. Como eu queria tomar o lugar das suas feridas, cuidar da sua dor e ser para você o que você foi para mim. Quero te mostrar que, mesmo despedaçada, eu amo você como você me amou."

"Eu amo você." A voz da ilusão ecoou insensível. Leve. Falsa. Palavras vazias. As palavras que eu mais desejava ouvir, mas que

já não conseguiam me preencher. Afinal, aquilo era somente uma projeção da minha mente perturbada.

O choro me deixou exausta. As emoções me arrastavam para dentro do próprio abismo. Lavei o rosto, desejando que a água também levasse embora minhas agonias. Mas elas permaneciam como cicatrizes, presenças constantes.

Olhei para meu reflexo. Olheiras. Palidez. Um corpo que ainda conseguia se manter de pé. Prendi os cabelos curtos num coque e me encarei no espelho. O que me aguardava?

TOC Uma batida na porta.

Retornei ao presente. O relógio marcava meio-dia. Inspirei profundamente e esperei os sinais do choro diminuírem. Fui abrir a porta. Hora de fingir que eu não estava desmoronando. Endireitei a postura.

Quando a porta se abriu, encontrei Saymon, elevado naquela postura de sempre, sua presença carregada de autoridade.

"O que você está fazendo aqui?" Franzi a testa. Imaginei que algum androide dele viria me chamar, não que Saymon apareceria pessoalmente. Será que havia me ouvido? Não. Não poderia. As cabines eram à prova de som. Eu precisava tomar cuidado para que não pensassem que estava insana. Embora alguma coisa me dissesse que ele já sabia.

Saymon me encarou. Seus olhos percorreram minhas mãos trêmulas.

Escondi-as atrás do corpo.

Silêncio.

Arqueei uma sobrancelha, reforçando a pergunta.

Então Saymon estalou a língua e tirou uma pílula do bolso. "Tome isso para suspender a abstinência."

Demorei um instante para assimilar o que dizia. Eu tentava parecer bem, mas não conseguia esconder a palidez por trás

da vermelhidão do rosto, a transpiração e os tremores. Peguei o comprimido e o engoli a seco. Depois me virei para buscar água.

Quando percebi, Saymon já havia entrado na cabine.

"O que você quer?" Cruzei os braços.

Ele estava… estranho. Parecia um pouco hesitante. Mexia nos anéis prateados dos dedos. Nada dizia. Seus olhos evitavam os meus. "Você… está… bem?" A pergunta saiu quase engasgada.

Franzi as sobrancelhas. Pisquei. Perdida. Então entendi. Tentei sufocar um risinho que começava a escapar. Talvez a loucura estivesse me abandonando. Talvez eu simplesmente estivesse à beira de outro colapso. Joguei a cabeça para trás e ri. Ri com vontade. Dobrei-me ao meio, incapaz de conter a gargalhada.

Saymon estreitou os olhos. "O que foi?"

"V-você…" Tentei recuperar o fôlego. "Já perguntou isso alguma vez para alguém?"

Ele fechou a cara.

O riso ainda escapava pelos cantos da minha boca, mas me obriguei a parar. Esfreguei os olhos lacrimejantes.

"Que seja. Venha." Saymon fez um gesto para que eu o seguisse.

Recompus-me. "Para onde?"

"Verá quando chegarmos."

Revirei os olhos e relaxei os ombros. Afinal, perguntar parecia inútil, e resistir, arriscado. Sentia que não possuía escolha. Ao menos esperava que não fosse uma missão suicida.

Saymon se virou e começou a andar. "Você vem?"

Suspirei. "Certo."

Fingi esquecer o Pefentanil. Precisava resistir até o último instante, mesmo que fossem apenas algumas luas. Minha

estadia ali havia sido breve. Eu estivera entre nômades que viviam à margem, refugiados porque a Rede Aether os ameaçava e os forçava a sobreviver sob a terra, dependentes da proteção dos mercenários. Desejei que aquelas pessoas conseguissem se reerguer e reconhecer a força que possuíam. Talvez, então, as coisas fossem diferentes.

Maeva atravessou meus pensamentos. Talvez fosse por isso que existiam pessoas como ela. Sóis na escuridão.

Voltei minha atenção para as costas de Saymon e para o ambiente ao redor. Por onde passava, algumas pessoas se mostravam deslumbradas, enquanto outras recuavam. Havia quem temesse cruzar seu caminho e quem o observasse com admiração misturada ao medo. Aquilo era poder?

Chegamos à sala próxima da entrada.

Não havia qualquer vestígio de que Paulo Lewis estivera ajoelhado ali duas luas antes. Maeva havia dito que ele retornaria à Sessota como se nada tivesse acontecido. Sob o controle de…

"Vai embora sem se despedir?" Maeva me envolveu num abraço caloroso.

Retribuí, embora me faltassem boas emoções para corresponder àquela alegria. "E-eu…"

"Relaxa, tô brincando." Ela segurou meus ombros. "Achei que teríamos mais um tempinho livre, mas tudo bem. Quem sabe outro dia?" Jogou os cabelos para trás e abriu um sorriso contagiante.

Sorri sem jeito. "Sim."

"Beleza. Vou te deixar ir. Fica de olho nas notícias, hein?" Maeva piscou, divertida.

Assenti, um tanto melancólica. Ah, que vergonhoso. Eu poderia ter demonstrado mais ânimo. Mas precisava reconhecer uma coisa: às vezes, nem mesmo o sol soberano conseguia

iluminar todos os lugares e alcançar todas as almas. Algumas estavam tão enterradas na escuridão, tão afundadas no abismo, que nenhum raio solar parecia capaz de tocá-las.

Maeva se afastou, acenando. "Se cuida, té mais."

"Você tam…" Minha voz se perdeu. Suspirei. Espero vê-la novamente.

Saymon havia parado na entrada e me observava enigmaticamente. Ele era muito mais do que um vazio cheio de camadas. Era ilegível, condensado em centenas de sombras indecifráveis. Suas facetas eram todas suas. Nenhuma mascarada. Todas genuínas. Assustador. Fascinante.

Eu era incapaz de desvendá-lo. Ele, por outro lado… Parecia me despir de toda vulnerabilidade. Seu olhar me atravessava, como se enxergasse cada fragmento da minha alma.

"Vou ficar bem." Voltei a caminhar. Eu repetiria aquilo até que se tornasse verdade. Quem sabe, algum dia, realmente ficaria.

Saymon inclinou o corpo para a frente e continuou.

Segui atrás dele. Subi pelo alçapão. Feixes de luz solar acariciaram minha pele. Fechei os olhos, saboreando o calor. A abstinência havia cessado. Respirei, aliviada. Não havia nenhuma alucinação de Maia. Espiei as árvores semimortas ao redor. Era toda aquela a natureza que ainda restava?

Saymon me esperava, apoiado contra o veículo. Parecia imerso em pensamentos, mas continuava atento.

Aproximei-me.

Ele abriu as portas.

Alçamos voo, percorrendo os ares.

O silêncio era incômodo.

Olhei pela janela. Estávamos indo para o norte do Brasil. Esfreguei a testa, ainda um pouco dormente. Depois, sobrevoamos São Paulo. O caos reinava na cidade. Protestos

irrompiam em várias regiões.

"O que houve aqui?" Colei o rosto no vidro. Os edifícios impediam boa parte da visão. "Aquilo é fogo?"

Uma risada sarcástica de Saymon atravessou o ar. "Finalmente a cidade está queimando?"

Um calafrio percorreu meu corpo. Ele quis dizer…? Será…? Sacudi a cabeça. Não. Eles não fariam aquilo… ou fariam?

Continuamos em silêncio. Eu desejava enchê-lo de perguntas, mas sabia que seria frustrante. Saymon era o menos disposto a falar, mesmo parecendo possuir quase todas as respostas.

Havia apenas uma exceção.

Ele não poderia falar por Maia.

PASSADO

S-2880 • L0 Silenluna • D14 Irrali

"Silenluna eleva brilho em fio inteiro. Irrali irradia plenitude no alto. A maré canta prata em curva larga. A história tece presença em luz viva."

A jornada durou algumas horas.

Esfreguei os olhos, surpresa. Ao olhar pela janela, avistei algumas árvores ainda inteiras. Troncos ressecados se erguiam sobre uma grama seca e rasteira que se estendia por quilômetros, entremeada por casas abandonadas. Os raios solares penetravam pelas frestas, enquanto o vento trazia um cheiro salgado.

Estávamos em Santa Isabel do Rio Negro, no estado do Amazonas. Uma região despovoada. A floresta amazônica havia sido aniquilada. O útero do mundo, morto.

Saymon começou a caminhar, e eu o segui.

Trepadeiras cobriam as casas soterradas, algumas das quais permaneciam apenas parcialmente expostas à superfície. Ali, a vegetação dominava o cenário mais do que o concreto.

"AKIKO!" Kiara correu na minha direção e me abraçou com tanta força que quase me desequilibrou. "M-me desculpa… Desculpa." Afundou a cabeça no meu ombro. "Eu deveria ter te protegido."

"Kiara…" Meu coração bateu de felicidade ao vê-la. "É… É você mesma…"

Ela segurou meus braços. Suas feições se contorciam de culpa. "Desculpa. Eu devia ter…"

"Está tudo bem."

Seus dedos me apertaram num toque carregado de arrependimento. "Não. Não tá tudo bem." Kiara me abraçou novamente. "Eu prometi que te protegeria. Era pra eu ter ficado com você, não…"

Desvencilhei-me do abraço e encarei seus olhos prateados. "Talvez seja melhor assim. Não sei se…" Engoli em seco. "Era isso ou a morte de Riki. Mesmo depois de tudo…"

"Eu devia ter falado." Kiara meneou a cabeça, negando.

Sorri. "É, poderia ter falado. Mas já passou. Você não tem culpa. Eu fui muito inocente." Havia tantas outras coisas que eu desejava lhe dizer.

"Aquele idiota do Denden, se ele…"

"Ei, ele também não sabia." Tentei tranquilizá-la. Eu não imaginava que Kiara estivesse remoendo aquilo com tamanha intensidade. Estava tão preocupada comigo.

Então a androide pousou uma mão no quadril e mordeu o lábio.

"Terminaram?" Saymon permanecia de braços cruzados, apoiado contra uma parede em ruínas. "Por que me chamou?"

Kiara assumiu uma expressão séria, carregada de amargor. "Fica na sua, beleza?" Depois voltou-se para mim. "Liana falou comigo. Takashi sofreu algum ataque. Vim assim que pude. Acho que…"

Meu coração disparou. Takashi? Toda a alegria desapareceu. Um nó se formou na minha garganta. "O-o que… o que houve?"

"O nanonúcleo dele foi seriamente afetado. Liana tentou

conter os danos, mas o nanosistema está inacessível. As nanites internas foram quase completamente destruídas."

Minhas pernas fraquejaram. Não. Por favor. *Esteja bem, Takashi.*

"M-meu biochip… arrancaram meu biochip." Passei a mão pela cicatriz no pescoço, tremendo. "E-ele…"

"Ele tá instável. Existe uma maneira de repará-lo." Kiara lançou um olhar incisivo para Saymon.

Ele soltou uma risada sombria e suspirou. "Por que eu faria isso?"

Kiara avançou rapidamente e o agarrou pelo cangote. "É o mínimo que você pode fazer depois de tudo que a fez passar!"

"Kiarinha…" Saymon cantarolou, deixando surgir o sorriso de raposa. "Por que eu me importaria?"

Kiara trincou os dentes, prestes a esmurrá-lo novamente. "Adivinha, caralho? Eu não tô nem aí. Você vai fazer…"

"Se não, o qu—" As palavras evaporaram da boca de Saymon. Pela primeira vez, ele vacilou. Seus olhos se arregalaram, e os lábios ficaram entreabertos. Uma surpresa abrupta e sincera tomou conta de seu semblante.

"Saymon?" Uma voz fraca, porém poderosa como uma lâmina doce, cortou o ar. A voz atravessou a distância entre nós.

Todos olharam em sua direção.

"É você?"

Kiara soltou Saymon, endireitou-se e esfregou o nariz, tentando disfarçar seu acesso de raiva.

Ele permaneceu imóvel, afetado de uma maneira que eu jamais poderia prever. Sua insolência, o sorriso ferino e as feições selvagens desapareceram. A aura jocosa se extinguiu. As sombras habituais abandonaram seus traços, e as defesas que mantinha sempre armadas pareceram cair.

Não enxerguei, tampouco pude presumir, o que se passava em sua mente. No entanto, hoje eu sei. Saymon estava no auge de sua vulnerabilidade. Eu nunca mais o veria daquele jeito.

"Saymon?" A voz se repetiu, agora mais próxima.

Ele oscilou. O maxilar se tensionou. "V-vó? V-você se lembra de mim?" Até ele parecia desacreditar nas próprias palavras. Um brilho reprimido reluziu em seu olhar.

Alícia sorriu debilmente e pousou as mãos trêmulas no rosto dele. Era tão baixinha diante de Saymon. Então estendeu os braços franzinos, tentando alcançá-lo. "É claro que lembro. Como você cresceu."

CONTROLE

Uma calmaria abafada mascarava a balbúrdia dentro de mim. Duas horas haviam se passado. Eu permanecia sentada numa cadeira, com o coração entalado na garganta. Roía as unhas sem conseguir parar.

Takashi jazia inerte sobre a cama. De vez em quando, movia-se, e eu corria até ele. Mas seu olhar logo voltava a ficar opaco.

Kiara espiou pela porta. "Tenho uma muda de roupa pra você. Essa daí deve tá…"

Esfreguei as mãos suadas nas calças. Ofereci-lhe um sorriso apático e peguei as vestes. "Acho melhor me trocar."

"Primeira porta à esquerda." Ela apontou, lançando-me um olhar preocupado.

Eu devia estar parecendo uma louca. "Obrigada." Caminhei até o lavabo, pequeno e limpo. Queria ser rápida. Afligia-me deixar Takashi sem minha presença, ainda que por alguns instantes. A culpa me sufocava. A imprevisibilidade do futuro me angustiava, pesando sobre o peito e fazendo meu corpo se curvar sob aquela carga dolorosa.

Saymon havia deixado claro que não ajudaria Takashi. Eu teria que assistir à morte dele? Não. Precisava existir uma maneira.

Esfreguei a testa e comecei a andar de um lado para o

outro. Deveria haver alguém além de Saymon capaz de salvá-lo. Algumas pessoas passaram pela minha mente. Hikaru? Não. Se ele pudesse ajudar, Kiara já o teria chamado.

Minhas mãos tremiam, e aquilo ia muito além de um sintoma do opiáceo. Era medo. Medo puro. Eu não suportaria perder mais alguém.

Takashi. Um androide.

Antes, minha percepção de sua essência nanotecnológica havia sido tão limitada. Mas como continuar enxergando-o da mesma maneira depois de conhecer Kiara, com todas as suas peculiaridades? A possibilidade de coteceduras entre humanos e tecnologia?

As lembranças de Takashi me submergiram.

Durante tanto tempo, ele havia sido minha única companhia. Agia como alguém da família. Estava sempre presente, conversando comigo, disponível por mim e para mim. Nenhum outro androide conseguiria se conectar comigo daquela maneira, sendo ao mesmo tempo eficiente, cortês e preocupado.

Éramos mais parecidos do que eu teria imaginado ao longo dos ciclos. Lembrei-me de quando me encontrava exausta, e ele perguntava: *'Quer que eu revise os documentos?'* Mesmo diante da minha recusa, continuava gentil: *'Chame-me, caso precise.'*

Takashi era muito mais do que um parceiro de cotecedura. Muito mais. E eu? Por que havia contido minha preocupação com ele? Suspirei, fatigada.

"Você não tem culpa do que aconteceu." A projeção de Maia ameaçou surgir. "Sabe disso."

Eu já estava havia tempo demais naquele lavabo. Sacudi a cabeça para afastar a imagem e terminei de me trocar. Vesti o uniforme militar brasileiro, preto e cheio de bolsos. Depois guardei o colar e o chaveiro da loba. Por instinto, levei a mão

ao lugar onde deveria estar o coldre do revólver. Mas não havia coldre. Estranho.

Saí às pressas, ansiosa para voltar até Takashi, e continuei pensando em quem poderia nos ajudar. Hideaki deveria conhecer algum nanoengenhe… Atravessei a porta. Demorei a compreender o que acontecia diante de mim. A voz ilusória de Maia tornava tudo ainda mais confuso.

Kiara segurou meu braço e sinalizou para que eu permanecesse imóvel.

Franzi a testa.

"Farei isso…" Saymon estava agachado ao lado de Takashi e não se virou. "Mas ele se tornará meu androide. Entendeu?"

Pisquei lentamente. Passei a língua pelos lábios secos. Ele… ele ajudaria Takashi?

Saymon me examinou por cima do ombro. "Você entendeu?"

"S-sim… Sim." Eu temia que mudasse de ideia.

Ele voltou a atenção para Takashi e nada mais disse.

Kiara fechou a porta atrás de nós e me conduziu até outro cômodo, onde havia duas camas, uma cômoda e uma mesinha.

Fez com que eu me sentasse numa das camas e ocupou a outra, ficando de frente para mim. "Aki?"

Atordoada, esforcei-me para parecer sóbria. "Ele vai ajudar Takashi? Ele vai…?" Sorri, com os olhos marejados.

"Sabe o que isso significa?"

Hesitei. "O quê?"

Kiara beliscou a ponte do nariz. "Takashi vai mudar. Vai parar de reagir a você. A influência de Saymon é muito forte. Ele vai apagar os resquícios da personalidade de Takashi, especialmente porque as nanites nucleares foram destruídas."

Voltei a roer as unhas. Tudo bem, certo? O importante era que Takashi ficasse bem. Se ele já não seria o mesmo, aquele

seria o preço que eu pagaria por tê-lo desvalorizado. Tentei me confortar com essa convicção, esperando que algum dia ele me perdoasse. "O importante é ele ficar bem." Não sorri.

"Certo." Kiara alisou os cabelos.

Suspirei, um pouco mais relaxada. Passei a mão pelo rosto para me manter desperta. Então me lembrei de Alícia. "Alícia… como ela está?" Uma alegria começou a fervilhar dentro do meu peito.

"Liana tá medicando ela. Agora vai tirar uma soneca." Kiara sorriu. "Falaremos mais tarde. Ela com certeza quer conversar com você."

Cobri a boca com os dedos. "Não acredito que funcionou. Quero dizer, eu sentia que daria certo, mas ver que realmente…"

Uma euforia natural me tomou. A dopamina parecia fluir pela satisfação de ter ajudado Alícia a se recuperar do Alzheimer e resgatar suas memórias. Aquele era o propósito da CogniSynth. Momentos como aquele me lembravam de que a vida podia ser boa. A reação de Saymon atravessou meus pensamentos. O que será que ele sentira?

Inclinei-me para a frente e arqueei uma sobrancelha. "Por que ele pareceu tão surpreso? Achei que soubesse de tudo."

Kiara se recostou no colchão, apoiando-se sobre as mãos. "Nessa vida, sua pior fraqueza será um laço. Não sei se é só isso, mas foi Maia quem se preocupou em visitá-la primeiro. Além disso, trouxe Liana pra cuidar de Alícia." Kiara encarou o teto. "A doença dela se manifestou cedo, aos trinta. Foi naquele ciclo solar…"

Assenti. O ciclo em que os mercenários haviam levado Maia.

"Maia foi visitá-la aos quinze, depois de oito ciclos sem vê-la. Alícia já tinha se esquecido." Kiara inclinou a cabeça, pensativa. "Talvez… Saymon tenha achado melhor assim. Mais fácil."

Abaixei os olhos. Mais fácil? Deveria ter sido impossível. De quanta coisa aqueles dois tiveram que abrir mão para sobreviver naquele mundo?

"Sinceramente? Nunca saberemos."

Concordei. Saymon era um enigma para todos, afinal.

Kiara voltou a me examinar com seus olhos acinzentados, cheios de empatia. "Tá…" Suas mãos quentinhas tocaram meu rosto e acariciaram minha bochecha. "Você tá bem mal. Tá com fome? Comprei uns lanches pra você."

Sorri, agradecida. Eu havia sentido tanta saudade dela. "Estou bem mal. Bastante. Mas vou ficar bem." Achei minha própria voz melancólica demais. Limpei a garganta. "Me diz o que aconteceu depois que… você sabe."

Kiara assentiu, compreensiva, e mudou de assunto.

PRESA

SILENLUNA DE 2880

KIARA

De repente, alguma coisa cortou minha conexão com você. Corri até Trix e, juntas, seguimos para a saída da prisão, onde as viaturas da F.T.A. começavam a pousar. Não iríamos muito longe com tantos gambés.

Trix subiu numa torre e iniciou um ataque aéreo contra os policiais e os nanodrones.

Eu já havia chegado à saída e procurava por você, mas, em meio ao caos, tornou-se impossível manter um ritmo que me permitisse encontrá-la. Olhei por todos os lados. Nada. Não te avistei em lugar nenhum.

Denden estava louco demais para responder às minhas perguntas.

Suspeitei que alguma coisa tivesse acontecido, mas ignorei meus códigos instintivos. *Merda. Vou ajudar eles. Akiko deve estar por perto.*

Deixei a busca de lado por alguns instantes. Eu sei. Deveria ter continuado procurando. Se tivesse ido atrás de você assim que nos desencontramos, talvez tivesse conseguido te alcançar. Foi

a última vez que permiti que aquilo acontecesse. Eu prometo.

Hackeei os automóveis da F.T.A. para transportar os manifestantes recém-libertados. Enquanto isso, Denden e Trix massacravam os gambés.

"Denden, cadê ela?" Trinquei os dentes. Por favor, esteja aqui. Diz que estou errada.

Ele estava encharcado de sangue. Esfregou o sangue da nanoescopeta, acomodou-a na bandoleira e se aproximou. "Quem, muchacha?"

Trix desceu da torre e veio até nós. "Contei trinta e quatro gambés. Dez nanodrones. Você: vinte e três e um nanodrone."

"Cállate."

Ela apontou um dedo para ele, sorrindo. "Me debes, pendejo."

Denden colocou uma mão na cintura e apertou os lábios. "Fosa de desgracias, que no quedará así."

"Ah, não vai mesmo. Já tô pensando em todas as maneiras como você vai me pagar." Trix passou a língua pelos dentes.

Porra, como eram irritantes. Esfreguei os olhos. "Denden, cadê ela?"

"A chica que me tirou de lá?" Ele gesticulou ao redor. "Tava bem atrás de—"

Empurrei-o contra o chão e encostei o cano do revólver em sua testa. "CA-DÊ ELA? Me faz perguntar de novo e…"

Trix gargalhou atrás de mim.

"No sé." Denden ergueu os braços. "Ela tava bem atrás de mim."

Pressionei a arma com mais força. Aquele puto parecia estar dizendo a verdade. "Se ela tava atrás de você, então cadê ela?"

"Muchacha, por que yo mentiría?" Ele sorriu.

Revirei os olhos. A culpa era minha. Se eu…

Então o som mais insuportável do mundo vibrou em meu

nanosistema. A voz de Saymon repercutiu dentro da minha cabeça, carregada de comando: "Kiarinha, não é para matá-lo."

Pisquei. "Sai da minha cabeça, porra."

Ele soltou uma risadinha baixa, carregada daquele maldito sarcasmo. "Eu sei onde encontrá-la. Continue fazendo o que precisa fazer. Lembre-se da data marcada para o encontro. Diga a Denden para vir para cá."

Mordi o lábio. Guardei a arma e me levantei. Aquele puto não tinha culpa. Mais uma vez, eu havia falhado com minha promessa. Caralho.

"É, muchacha, sei como é. Seria difícil viver num mundo sem o papi." Denden se levantou e passou a mão pelos cabelos.

"Cala a boca." Esfreguei a testa, caminhando de um lado para o outro.

Eu queria abandonar tudo e ir atrás de você. Merda. Tive que me contentar com a palavra daquele maldito Saymon, que dizia saber onde te encontrar. Uma coisa era inegável: Saymon sempre cumpria o que dizia. Para o bem ou para o mal.

Ah, irrelevante. Se ele não fosse te buscar, que se fodesse a promessa. Meu rosto seria a última coisa que veria. "Denden, Saymon pediu pra você voltar pra Franca. Trix, você vem comigo até Anne."

Ela sorriu, satisfeita. "Beleza. A gente se vê, cabrón."

"Come mierda, espantapájaros de velorio."

Voltamos para meu carro.

"Kiki, ela vai ficar bem", Trix disse, tentando me animar.

"Quieta."

Voamos até um hotel em Jundiaí, onde Anne e Paulo se encontrariam. O desgraçado viajava até outra cidade para satisfazer seus prazeres.

Sinceramente, só havia uma coisa que eu precisava saber sobre ele. Era um cuzão. E eu detestava cuzões.

Naquela tarde, Liana ligou. "É Takashi. Ele… Ele… Não sei. A gente estava conversando com Alícia quando ele caiu. De repente, o peito dele explodiu. O nanosistema tá inacessível, e ele não responde."

"Calma." Ativei a conexão de vídeo. "Me mostra." Os olhos de Takashi brilhavam em cores múltiplas e desordenadas, sinais de corrupção em seu sistema. Ou pior… "O peito dele explodiu?" O nanonúcleo havia sido afetado. Balancei a cabeça. Caralho, como aquilo aconteceu? A Cloakify havia sido desativada? Não. Impossível.

"Liana, não posso ir aí agora. Cuida dele e me espera nas próximas luas. Se foi o core que sofreu o ataque, ele deve aguentar mais algumas horas." Desliguei. Excelente. Mais merda para resolver. Eu queria sair dali o quanto antes.

Trix observava o hotel do outro lado, analisando o lugar onde Anne e Paulo se encontrariam. "Ele sempre escolhe a cobertura?"

"Sim." Por mais que fosse impossível tirar você e Takashi da minha cabeça, precisava me concentrar na missão.

Trix soltou uma risadinha irônica e tragou o cigarro. "Quanto mais alto, maior a queda. Adoro ver esses desgraçados caindo."

"Você vai vir comigo." Sentei-me na cama.

Ela desviou os olhos. "Hum?"

"É, você ouviu. Vai vir comigo. Vamos pegar o cara e vazar. Anne disse que um segurança acompanha ele. Você vai dar cabo do sujeito." Apontei para o estabelecimento. "Tá vendo aquela área aberta? Quando terminarmos, mando o carro pra lá."

"Não sei se tô preparada pra ver uma cena dessas. Os dois… tão de perto." Trix balançou a cabeça. "Merda de

nanoimplantes."

Sorri.

Durante a seluna, invadi a segurança do Plaza Ford. Foi tão fácil que nem precisei executar o Cloakify. Manipulei as nanocâmeras e consegui acesso aos quartos, inclusive à cobertura. O nanotec-hotel se acendia sob minha rede sensorial. Depois registrei uma reserva conjunta para Trix e para mim.

"Nanosisteminha de merda." Compilei os dados no meu núcleo.

O dia de capturar Paulo finalmente chegou.

Trix o observou entrar pelo subsolo e subir até a cobertura.

Seguimos para o hotel.

Precisávamos dar a ele algum tempo para ficar vulnerável.

Um feixe de luz alaranjada despontava sobre o nanoasfalto metalizado, projetando reflexos para o alto. A verticalidade de Jundiaí era menor que a de São Paulo. Atrás dos edifícios, mais baixos e largos, estendiam-se quilômetros de terra arenosa. Era uma pequena metrópole altamente nanotecnológica, com poucas aerovias.

Atravessamos uma ponte a pé.

"Nós duas vestidas assim… com essas caras…" Trix gesticulou. "Não somos do tipo que frequenta esse lugar."

"Quer ser do tipo que frequenta esse lugar? Cala a boca e anda."

Ela ajeitou os cabelos para trás. "É… se eu fosse desse tipo, não te conheceria." Sorriu de lado, charmosa.

Esfreguei o nariz. "Vai saber?"

"Hum? Acha que a gente se conheceria? Tá flertando comigo, Kiki?"

"Quer que sua cova seja essa merda de lugar? Posso fazer isso acontecer."

Ela soltou uma gargalhada. "Pode ser. Quando quiser, é só vir e pegar."

Hum. De novo aquela vibração esquisita no meu núcleo. Ignorei.

Entramos no hotel.

O teto abobadado refletia o piso liso e brilhante, que espelhava nossos corpos. Nossos passos ecoaram pelo vasto saguão até a recepção.

Acessei o nanosistema do estabelecimento, substituí as imagens das câmeras e desativei o reconhecimento facial e o detector de armas.

"Boa noite. Boas-vindas ao Plaza Ford. Reserva?" Um holograma surgiu diante de nós.

Informei a reserva no penúltimo andar e apresentamos nossas identificações.

"Excelente. Os elevadores dão acesso aos andares. Aproveitem sua estada." O holograma desapareceu.

"Facinho. Mandou bem, Kiki." Trix cochichou no meu ouvido.

Uma vibração estranha atravessou meu núcleo. De novo. Ignorei.

Subimos até a cobertura, um andar inteiro reservado para um único homem.

Acessei as nanocâmeras para localizar o segurança.

Trix foi até ele, com os braços preparados para reagir e o olhar atento.

Pfft! O disparo foi silencioso como um sussurro mortal. Bastou um tiro certeiro. A cabeça do segurança se chocou contra as portas de vidro, espalhando sangue.

A parte desagradável seria limpar aquela sujeira. Anne cuidaria disso.

Aproximei-me de Trix. "Caralho, podia ter maneirado no impacto do tiro."

"Foi mal… Foi irresistível. Ele tinha uma cabeça tão boa de estourar."

Fiz um gesto de dispensa.

Desviamos do sangue espalhado pelo chão.

Trix tomou a frente enquanto eu desativava os alarmes. "Yebat' govno! Nojento." Ela conteve a voz para não denunciar nossa presença.

Andei até seu lado e entendi a reação. A cena no quarto era desagradável. Mais desagradáveis ainda eram os gemidos e os sons úmidos que vinham de dentro.

Trix balançou a cabeça, horrorizada. "Não sei nem como prosseguir."

"Foda-se. Vamos logo com isso." Avancei até o quarto principal.

Quando Anne nos avistou, sinalizou discretamente para que permanecêssemos atrás do casal.

Se pudesse, eu vomitaria. A expressão de Trix não demonstrava menos repulsa.

Paulo soltou um grunhido alto e se jogou de costas na cama.

"Não vou tocar nele", Trix sussurrou, só para mim.

"Eu é que não vou, caralho."

"Gostou, bebê? Vou buscar água." Anne lançou um sinal com o olhar. Afastou-se de Paulo, retirou o cintaralho e começou a se vestir.

Ele permaneceu na cama, gemendo, enfraquecido.

Anne colocou uma camiseta e uma calça. "Como vão fazer isso? Ali tem algemas." Apontou para um balcão.

"Vai, Trix." Dei uma cotovelada nela.

"Por que eu, caralho?" Ela apertou os lábios.

"Porque… porque…" Merda. Eu queria ficar o mais longe possível daquele porco. "Só vai, porra."

"Bebezinha, cadê você?", Lewis grunhiu.

Tive vontade de atirar na cabeça dele.

Trix e eu trocamos olhares.

"Estou indo…" Anne respondeu num cantarolar, revirando os olhos.

Paulo ergueu a cabeça em nossa direção, piscou e passou a língua pelos lábios suados. Demorou alguns instantes para compreender o que estava vendo. Quando finalmente percebeu o problema, arregalou os olhos e procurou a porta. Tentou fugir, mas não tinha a menor chance contra a velocidade de Trix.

Ela apontou a arma e estreitou os olhos. "Tsc. Quietinho."

"Q-quem são vocês?" Paulo levantou os braços em rendição, tremendo.

Trix caminhou até a mesa, pegou as algemas cor-de-rosa e as jogou para ele. "Coloca."

"N-não…"

"Não?" Ela arqueou uma sobrancelha. Seus olhos verdes brilharam como os de uma águia observando a presa, pronta para mergulhar e abocanhá-la.

Paulo estremeceu. Compreendeu a situação em que estava e algemou o próprio pulso.

"Não vão vesti-lo?" Anne me entregou os documentos.

"Sem tempo. Você consegue voltar sozinha?"

Ela assentiu.

O carro já estava próximo.

"Tem alguma coisa pra tapar a boca dele? Tô desinteressada

em ouvir bosta." Enquanto Trix mantinha Paulo sob a mira da arma, Anne apontou para a mesa.

"Ali tem uma mordaça."

Trix procurou com a mão livre, sem tirar os olhos dele. "Tá de sacanagem?" Encontrou uma mordaça de bola. "Coloca aí, Anne."

"P-por favor… Vou ficar quie…" Paulo se calou diante do olhar afiado de Trix. Transpirava intensamente.

Anne colocou a mordaça.

Meu carro pousou do lado de fora da cobertura.

Toquei o ombro dela. "Fica tranquila. Vou apagar sua imagem do biochip dele."

"Não precisa." Anne encarou Paulo com desdém. "Quero que o connard se lembre de mim."

Sorri e me despedi.

Trix acertou uma coronhada na cabeça do executivo. "Levanta, arrombado."

Voamos até Franca e deixamos Paulo Lewis com Maeva. Trix retornou ao Vorovskoy mir por ordem de Saymon. Eu fui verificar Takashi.

Diante de tudo que havia acontecido, pedi para Saymon vir…

JOGADA

Esfreguei o nariz, contendo uma risada ao pensar na captura de Lewis. Imaginei o quão nojento deveria ter sido presenciar aquela cena. Balancei a cabeça, afastando a imagem antes que se formasse completamente. Pelo menos, eu não estivera lá.

Queria tranquilizar Kiara e dissipar sua culpa, mas sentia que seria inútil. Sua obstinação em cumprir as promessas que fizera a Maia era implacável. Nada que eu dissesse conseguiria aliviar aquele peso. Ainda assim, agradeci por tê-la ao meu lado.

"Acho que isso é tudo." Kiara espiou pela janela.

Permanecemos em silêncio.

Remoí algumas ideias, mordendo os lábios. Ela parecia mais disposta a conversar. Resolvi aproveitar a oportunidade para satisfazer outra curiosidade. "Achei que fosse impossível hackear um biochip. Como vocês fizeram isso?"

Kiara hesitou, como se avaliasse se deveria responder. "Maia coteceu o nanomalware com a habilidade dela."

Novamente, aquela habilidade. Quase tudo parecia girar ao redor dela. "O que—"

Os olhos de Kiara se deslocaram para a porta.

Saymon estava ali, apoiado no batente, com os braços cruzados. "Feito. As nanites vão levar algum tempo para se replicar nele. Vem cá, quero falar com você." Inclinou a cabeça e saiu.

Argh. Aquele jeito arrogante de dar ordens.

"Vai lá", Kiara me incentivou.

Mesmo desconfiada, segui Saymon até a entrada.

Ele se escorou na parede e ficou contemplando o horizonte.

Um véu azul-prateado se desprendia no céu, misturando-se ao solo amarelado e envelhecido. Triste. Bonito.

Parei ao lado dele, sob uma quietude incômoda.

Um vento fresco dançou ao nosso redor, balançando nossos cabelos.

"Como fez isso?"

"O quê?"

"Alícia."

Ah. Certo. Esfreguei as mãos, um pouco tímida. Como explicar, de maneira ponderada, que eu havia conectado um nanoprotótipo ainda sem validação oficial à avó dele? Mesmo que tivesse funcionado, eu possuía responsabilidades como médica.

Limpei a garganta. "C-coteci um nanoprotótipo, a CogniSynth, para acessar e reproduzir memórias de pessoas vivas. No caso de Alícia, conectei o dispositivo para estimular o nascimento de neurônios no hipocampo e recuperar parte das lembranças dela, regredindo o Alzheimer. Ainda preciso examiná-lo, mas acredito que os medicamentos serão suficientes para curá-la completamente."

Saymon continuou contemplando a paisagem. "Consegue conectá-la a outras pessoas? É possível acessar essas memórias numa mídia audiovisual?"

Talvez aquele interrogatório não fosse apenas sobre Alícia. Definitivamente não era. Assenti, contraindo as sobrancelhas. "O CMG e a ARGOS ainda não aprovaram a CogniSynth, mas ela está no estágio final. Posso utilizá-la para esse fim. Por quê?"

Saymon lançou sobre mim um olhar que parecia atravessar meu corpo. Um sorriso satisfeito surgiu em seu rosto quando se inclinou na minha direção.

Merda.

"Achei que você fosse só uma distração…" Seu rosto estava tão perto do meu que suspendi a respiração. Saymon passou os dedos pelos lábios. Um lampejo de divertimento apareceu em seus olhos dourados. "Você vai vir comigo. Na verdade, você já viria… mas agora quero sua ajuda."

Meu maxilar se retesou. "M-minha ajuda?"

Ele voltou a admirar as planícies sob a cortina prateada que anunciava chuva sobre a desolação encardida. Nuvens se deslocavam ao sabor do vento, ocultando um raro trecho de céu azul. "Vamos para Tóquio."

Meu cérebro demorou a processar. O que ele havia dito? Nós iríamos… Tóquio? Balancei a cabeça, incrédula. "T-Tóquio?"

"Sim. Sabe do que estou atrás, não sabe?" Ele me espiou de lado. "Isso já deve ser suficiente para entender que vou até lá caçar. Tenho um nome. Na verdade, o nome pelo qual ela é conhecida." Saymon abriu um sorriso predador. "*Shiro Hebi.*"

"S-Serpente Branca?", murmurei, tremendo. "Por que eu iria?" Baixei a cabeça. Por que raios eu iria?

Saymon sequer se dera ao trabalho de explicar o que esperava de mim.

Não. Seria ingenuidade fingir que eu não compreendia o que ele desejava.

Ele estalou a boca. "Ah, você com certeza vai…" A última palavra veio acompanhada de um cantarolar.

A porta se abriu abruptamente.

Dei um sobressalto.

Kiara surgiu com os olhos arregalados, encarando Saymon.

"Saymon…"

Engoli em seco. Aconteceu alguma coisa com Takashi? Nunca havia visto Kiara tão apreensiva. Temi pelo pior. Voltei a roer as unhas.

"Eu vi, Kiarinha…" Saymon respondeu, cantarolando. Seu olhar abandonou lentamente a paisagem e se voltou para ela.

Viu o quê? Por que ninguém dizia nada? "O-o que aconteceu?" As palavras escaparam antes que eu conseguisse me conter. Apertei os dedos. "Aconteceu alguma coisa com…"

"Fizeram um contrato em nome do Saymon."

QUEBRA-CABEÇA

Cobri a boca entreaberta com os dedos. *Contrato?*

Saymon permanecia completamente inabalável.

Kiara rolou os ombros para trás. "Você…"

"Se já esperava por isso?" Ele girou uma carta entre os dedos. "Achei que ela demorou demais."

"Quem é o contratante?"

"A Matriarca."

A Matriarca? Uma das líderes de Netheria?

Balancei a cabeça, incrédula. Como ele conseguia estar tão calmo?

Kiara gesticulou no ar. "Cara, cem milhões é coisa séria. Você irritou ela. E ela te quer vivo."

Minha pressão caiu. CEM MILHÕES?! O QUÊ?! Minhas pernas fraquejaram. Apoiei-me na parede, incapaz de acreditar na tranquilidade daqueles dois. Eu havia perdido alguma coisa? Meu pulso disparou apenas com a ideia. E Saymon queria que eu o acompanhasse? Se o contrato em meu nome valia treze milhões, o dele valia cem. CEM! O mundo inteiro viria atrás dele.

Se bem que… estávamos falando de Saymon. E ele havia previsto aquilo. Até onde aquele homem tinha ido? Quantos passos à frente estava?

Saymon deu de ombros.

O rosto de Kiara se abriu num sorriso, que foi se alargando cada vez mais. "Seu maldito! Você queria isso!"

Ele continuou contemplando as cartas, com um sorriso indômito.

Kiara abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas Liana surgiu à porta. "Akiko? Alícia quer falar com você."

Kiara e Saymon voltaram os olhos para mim.

Senti-me um pouco desconcertada. Eu estava desorientada demais para acompanhar aquela conversa. Acompanhei Liana, tentando ganhar tempo para processar o que acabara de ouvir. Além disso, sentia uma empolgação imensa por finalmente poder falar com Alícia. "Qual é o quadro dela?", perguntei antes de atravessarmos a porta.

Os olhos de Liana brilharam em azul. "Ela recuperou setenta e três por cento das memórias com a CogniSynth. Como não houve novos avanços, iniciamos o tratamento com os nanomedicamentos. Até o momento, recuperou oitenta e um por cento do comportamento cognitivo."

"Alícia recuperou somente as memórias de quando a doença começou?"

"Sim. Ela se esqueceu dos últimos vinte e um ciclos solares."

Mordisquei o nó de um dedo. "Entendi. Como ela sabe sobre mim?" Arqueei uma sobrancelha, incapaz de conter a curiosidade.

"Kiara mencionou você." Liana sorriu.

"Certo." Respirei profundamente. "Vamos."

Guardei as dúvidas, as angústias e os pensamentos numa gaveta da mente. Poderia remoê-los depois. Naquele momento, queria dedicar toda a minha atenção a Alícia. Finalmente, eu estava ali.

Quando atravessei a porta, encontrei-a sentada numa cadeira, admirando a paisagem. Ao me ver, Alícia abriu um sorriso abatido.

Apesar da idade avançada, sua pele conservava uma firmeza admirável. Os cabelos brancos, desalinhados, brilhavam sob a luz. As feições afiadas combinavam com os olhos castanho-escuros, que pareciam carregar a força da terra.

"Akiko?" Sua voz era intensa, embora fragilizada. Ela indicou uma cadeira diante de si.

Sentei-me.

Alícia tomou minhas mãos entre as suas e começou a acariciá-las.

Seu toque era caloroso. "Você me alegrou. Vi meu netinho grande. Saymon cresceu tanto. Graças a você, posso deixar esse mundo mais aliviada." Suas palavras carregavam uma dor visceral, de profundidade imensurável. Senti meu coração já despedaçado se estreitar, como se arames farpados o envolvessem.

Alícia sorriu de lado. "Kiara me contou. Você também alegrou minha Maia…"

Sorri com ternura. Pousei a mão sobre a dela, o calor da minha Mãe acolhendo.

Embora seus olhos ainda sorrissem, a dor de Alícia parecia se condensar pelo cômodo, despertando em mim uma vontade urgente de chorar. "Kiara me contou… E-eu sei o que fiz…" Ela apertou o peito, como se espinhos impiedosos o perfurassem. "Eu tive escolha? Eu poderia ter feito diferente?" A crueldade daquele e se parecia tomar a forma de um demônio pousado em seus ombros, atormentando-lhe os ouvidos.

O tempo pareceu desacelerar. Não. Mais do que desacelerar. O tempo parou.

Éramos apenas eu, Alícia, os sentimentos e as palavras.

Palavras abarrotadas de emoções, que nasciam em sua respiração, saltavam de sua boca e transbordavam ao nosso redor, apertando o ar.

Talvez, a qualquer momento, flutuássemos para longe dali.

Ah, na verdade… Já estávamos muito distantes da realidade.

Eu estava.

A cada palavra, era transportada para o universo de Alícia.

A cada sílaba, vivia um pedaço de sua vida.

E, a cada letra, encaixava mais uma peça do quebra-cabeça.

ENGRENAGENS

ALÍCIA

Quando tudo começou? Difícil dizer. Foi muito antes de 2795, embora aquele ciclo solar tenha marcado o estopim dos acontecimentos. Eu sequer havia nascido. As engrenagens começaram a girar quando a Nanoverse foi descriada. Talvez você me pergunte: "O que uma empresa tem a ver com isso?" Pois bem. Tudo.

As demais organizações correram para cotecer nanobombas.

Meus pais eram cientistas da Nanoverse e trabalhavam na sede da companhia, em Paris. Foram responsáveis por tecer e cocriar, secretamente, duas nanotecnologias visionárias. A existência daquelas criações ameaçava a posição de outras organizações, especialmente das que ambicionavam transformar sua cidade na Primeira Cidade.

Em algum momento entre 2776 e 2795, informações sobre aquela tecedura vazaram para a Rede Aether. A partir daí, o inferno começou. Lentamente.

Primeiro surgiram pequenas notícias sobre o suposto envolvimento da Nanoverse em esquemas de corrupção, como desvios de dinheiro e fraudes praticadas em conjunto com os Luminares, a milícia francesa.

Depois, as acusações se multiplicaram como uma bola de neve. Passaram a afirmar que a empresa investia em máfias e organizações criminosas.

Em 2795, veio o golpe de misericórdia. O Tribunal Penal Mundial condenou a Nanoverse por trabalho escravo, tráfico de seres, financiamento de guerras no Oriente e incentivo à PyraTech para cocriar as nanobombas 3-R.

No entanto, a punição mais severa veio da ARGOS. Utilizando-se das próprias Diretrizes da ARGOS, a organização instituiu a proibição mundial da quantum-nanotecnologia, a QN-Tec. Era justamente a especialidade da Nanoverse.

De repente, manifestações começaram a surgir diante das filiais da companhia ao redor do mundo. Na França, eclodiu uma guerra civil. Os franceses se voltaram contra a Nanoverse e os Luminares. Protestos aconteciam dia e noite diante da sede da empresa. As ruas de Paris queimavam em chamas azuladas, enquanto nanodrones registravam os embates.

A Nanoverse faliu. Três gigantes da nanotecnologia passaram a disputar judicialmente o conhecimento daquela poderosa qnanoengenharia: Sessota, UNITED e Kokusai.

Meus pais sabiam o que poderia acontecer. Antes que a companhia falisse, desmancharam a equipe, destruíram os registros da pesquisa e fugiram para Saint-Tricat, a sudoeste de Calais. As demais cientistas foram presas, torturadas ou mortas.

Àquela altura, organizações de diferentes partes do mundo já haviam massacrado os Luminares e imposto à França sanções diplomáticas, tecnológicas, econômicas, desportivas e militares.

Em algum momento, a Rede Aether interveio militarmente no país. A justificativa oficial era proteger os manifestantes da violência policial francesa. Mas, segundo o que meus pais

sabiam, aquela violência sequer havia ocorrido.

A falência da Nanoverse arrastou o mundo para uma crise econômica.

Era a maior empresa de nanotecnologia do planeta, com filiais espalhadas pelo globo e mais de cem milhões de funcionários. Todos ficaram desempregados.

A companhia também mantinha relações com milhares de fornecedores e distribuidores. Todos faliram. Vinte ciclos solares depois, o mundo ainda tentava se recuperar.

Treze ciclos depois daquele colapso, eu nasci. Cresci acompanhando a reconstrução da imagem da França perante o mundo. A guerra civil terminou. Uma nova líder assumiu os Luminares. Por algum tempo, tudo pareceu caminhar bem. Segui os passos de meus pais e me dediquei à nanociência, especializando-me em nanobiotecnologia. Quando completei vinte ciclos, tive minha filha, Charlotte Relaisse. Na mesma época, em 2829, meus pais finalmente me contaram o que havia acontecido.

A Rede Aether descobrira o desenvolvimento daquelas QN-Tecs na Nanoverse e aproveitara a oportunidade para atacar indiretamente os Luminares. As acusações se intensificaram até que o país entrasse em colapso. Documentos e vídeos haviam sido forjados para sustentar as denúncias. Mas essa não foi a única revelação.

Meus pais confessaram que haviam protegido o nanoprotótipo. Apesar de terem destruído a pesquisa para impedir que caísse em outras mãos, guardaram as criações. E, quando perceberam minha paixão pela ciência, pediram que os ajudasse a aperfeiçoá-las. Durante os ciclos seguintes, trabalhei com eles no aprimoramento das duas QN-Tecs.

Em 2839, surgiu uma nova companhia francesa de nanotec-

nologia: a Société d'Intelligence. Mais uma vez, uma empresa ameaçava a posição da Rede Aether e das milícias consolidadas nas dez principais cidades. Então desenvolveram uma nova técnica para uma nanobomba. Algo ainda mais destrutivo do que as 3-R.

Desconheço os detalhes do que aconteceu depois. Mas sei que os Luminares e o povo francês voltaram a sofrer. Tudo começou com pequenas implicações, que cresceram até assumir proporções cada vez maiores.

Meus pais morreram. Continuei criando Charlotte. Abandonei o exercício da profissão e mantive protegidas as teceduras que meus pais haviam deixado.

Desde pequena, Charlotte demonstrava um talento extraordinário para a ciência. Inventava robozinhos e estudava secretamente QN-Tec, conectando-se aos equipamentos e às tecnologias dos avós.

Quando completou vinte e um ciclos, a Société d'Intelligence a chamou para auxiliar no projeto da nanobomba.

Foi lá que ela se envolveu com um colega de trabalho, Calixte Leblanc. Ele tinha pelos e cabelos brancos, além de raros olhos âmbar, que lhe conferiam uma aparência peculiar.

Em 08/02/2850—Lilibe de Ritluna, nasceu o primeiro filho deles. Saymon.

Em 08/00/2851—Lilibe de Silenluna, nasceu Maia.

ESTACAS DA DOR

Alícia fitava o horizonte, com os olhos marejados.

Passei a língua pelos lábios, contendo meu próprio choro com um esforço colossal. "V-você está bem?"

Ela deu algumas batidinhas na minha mão. "Ah, minha querida, uma pergunta tão simples deveria ser fácil de responder." Então retomou sua história. E, à medida que falava, as estacas de sua dor pareciam se transferir para mim.

Finalmente entendi. Compreendi a origem daquela dor tão profunda que Maia carregava. Entendi por que estava ali, segurando a mão de Alícia e escutando sua história.

Havia atravessado tudo aquilo e testemunharia aquele nó do destino.

HERANÇA

Era 2857. Maia tinha vivido cinco ciclos solares. Saymon, seis.

"VOVÓ!" Maia corria na minha direção, carregando a boneca de madeira que Saymon havia feito para ela. Seus cabelos, sujos de folhas e terra, balançavam enquanto lágrimas escorriam pelas bochechas avermelhadas. "Vovó!"

"O que aconteceu?" Agachei-me diante dela e comecei a limpar a sujeira de suas roupas.

Ainda sem fôlego, Maia apontou para a entrada. "Não, machucaram Saymon."

Ele atravessou a porta logo depois, furioso e ensanguentado, mancando enquanto segurava o braço ferido. "Eu que machuquei eles."

Fiz com que se sentasse sobre uma mesa e fui buscar o kit médico. "Agora, os dois vão me contar o que aconteceu."

Saymon apertou os lábios. "Zombaram de Maia", sussurrou. "De novo." Mesmo machucado, sustentava aquele espírito aparentemente invencível. "Você conhece ela…"

Maia havia se sentado, mantendo a boneca entre as mãos, visivelmente preocupada com o irmão.

Ela possuía seu próprio ritmo para se conectar às outras pessoas. Quando as crianças a chamavam para brincar, às vezes permanecia em silêncio. Elas não compreendiam aquele jeito e

acabavam maltratando-a.

Eu já havia conversado inúmeras vezes com os parentes daquelas crianças, mas nada adiantara. "O que fizeram com ela desta vez?"

"Ela tava brincando com a boneca. Zombaram do cabelo dela e empurraram ela. Depois, um garoto jogou terra nela." A raiva parecia escapar de Saymon a cada palavra.

Maia bufou. "Saymon me defendeu. Ele tá bem? Diz que sim, por favor. Eu só queria brincar. Não entendo por que fizeram aquilo." Sua inocência partiu meu coração.

"Eles têm inveja de você!", Saymon esbravejou.

Maia sorriu, apesar das lágrimas. "Não. Eles têm inveja da boneca que você me deu. Também queriam uma de aniversário."

Ele reprimiu um sorriso. "Você é muito boba."

"Já chega, vocês dois! Fique quietinho, Saymon. Vou fazer os curativos."

Quando terminei de cuidar dos ferimentos, acariciei as bochechas dos dois. "Sempre cuide dela e a proteja, ouviu? E você também, Maia. Sempre precisamos cuidar da nossa família." Coloquei-os diante de mim e segurei seus ombros. "Lembrem-se: vocês sempre têm que cuidar um do outro."

"Sempre vou cuidar do Saymon." Maia abraçou o irmão.

"Também vou sempre cuidar de você. Mais do que você cuida de mim." Saymon retribuiu o abraço, encarando-a com satisfação.

"Amo você mais do que você me ama." Maia mostrou a língua.

"Ama nada." Ele apontou para a boneca. "Eu fiz um brinquedo pra você. O que você fez pra mim?"

Maia encolheu os ombros e saiu pisando forte. "Você vai ver só."

"Vá tomar banho, Maia. Seus pais já vão chegar." Balancei a

cabeça. "Ela é assim mesmo. Mais teimosa que a mãe."

Saymon abaixou os olhos. "Por que aquelas crianças são tão maldosas?"

Suspirei. O peso de tudo que eu havia vivido pareceu recair sobre minhas costas. Era difícil responder a uma pergunta tão complexa, especialmente quando vinha de uma criança que já demonstrava compreender tanto sobre as questões da vida.

"Ah, meu querido, existem pessoas terríveis no mundo. Você vai cruzar com algumas delas durante a vida. Mas também existem pessoas maravilhosas, como você e Maia. Por isso, precisa cuidar delas." Retirei uma folha presa em seus cabelos.

Saymon fez uma careta, chateado. "Não quero que façam mal a ela."

Soltei uma risadinha e afaguei sua cabeça. "Eu sei. Agora vá tomar banho. Vai, vai. Quando terminarem, podem comer os biscoitos que fiz."

Um sorriso de orelha a orelha iluminou seu rosto. Ele correu em direção ao banheiro. "A vovó fez biscoitos!"

Voltei aos meus afazeres.

Charlotte e Calixte chegaram ao pôr do sol.

Os dois atravessaram a porta desesperados, ofegantes. Eu jamais os havia visto daquele jeito.

Maia correu para recebê-los, segurando um bilhetinho. "Mamãe, olha o que eu e Saymon fizemos. Hoje escrevemos que vamos codescobrir o mundo!" Mostrou o papel para o pai. "Viu, papai?"

Mas Charlotte e Calixte passaram direto por ela e vieram até mim.

"Mãe…" Os olhos de Charlotte carregavam uma aflição terrível. "Onde estão os qnanoprotótipos?"

Franzi a testa. "Lá embaixo. Por que está perguntando isso

de repente? O que aconteceu?"

Um pressentimento ruim apertou meu coração.

Charlotte assentiu e correu para o porão.

Voltei-me para Calixte. "O que aconteceu?"

Ele não respondeu.

O peso em meu peito aumentou.

Charlotte retornou trazendo os qnanoprotótipos. E levou Saymon e Maia consigo, apesar dos meus protestos. Não consegui impedi-los. Tudo que me restou foi esperar. Uma espera agoniante, que parecia sufocar meu coração a cada instante.

Eles voltaram depois de uma seluna.

E meu coração se estilhaçou em milhares de pedaços. Era uma dor que não desejaria a ninguém. "O-O QUE VOCÊS FIZERAM?!" Eu tremia, com os olhos inundados de lágrimas, temendo até mesmo tocá-los.

Ferimentos cobriam os corpos empalidecidos de Maia e Saymon. Duas feridas profundas em cada antebraço de Maia estavam protegidas por nanofaixas manchadas de sangue. Na testa de Saymon, outras faixas ensanguentadas cobriam um corte.

Charlotte parecia ter perdido toda a vitalidade. Seu rosto estava chupado, o corpo magro e consumido. Calixte estava igual.

O que estava acontecendo? Por que os quatro haviam voltado daquele jeito?

Charlotte chorava enquanto me entregava papéis, documentos e três passaportes com o selo da Rede Aether. "Fujam. Fujam para o Brasil. Reservei um avião para vocês três amanhã cedo, direto para Santos. Vocês vão viver lá." Segurou meus ombros,

tremendo. "M-mãe, por favor, salve-os. Salve Maia e Saymon."

"C-Charlotte, o que aconteceu? Fale de uma vez!"

Ela abaixou a cabeça. Lágrimas de uma força oceânica desciam por suas bochechas. "S-sinto muito, por favor. Eles vão levá-los, os mercenários vão… nós injetamos os qnanoprotótipos neles."

"VOCÊS O QUÊ?!" Recuei, incapaz de sustentar o próprio peso.

"S-sinto muito. Escrevi tudo numa carta." Charlotte e Calixte saíram rapidamente, deixando-nos para trás.

No dia seguinte, embarquei com Maia e Saymon para o Brasil.

Naquela noite, a Rede Aether cercou a França com nanobarreiras e a aniquilou com as 3-R.

A ganância dizimou um país inteiro.

Luas se passaram até que encontrei coragem para ler a carta de Charlotte.

Mãe,

Juntei-me à Société d'Intelligence sob ordens da Une Côte.

Em 2845, infiltramos um qnanomalware nos nanosistemas do Parlamento da Rede Aether. Descobrimos provas irrefutáveis de fraudes, registros forjados, transferências de subornos para oficiais, manipulações de conversas e falsas acusações contra a Nanoverse e os Luminares, cometidas desde 2795.

Uma gravação de 2849 confirmou nossas suspeitas. Existe um grupo de dez indivíduos, espalhados pelas dez principais cidades do mundo, que se autodenomina A Sociedade. São arquitetos das grandes tragédias globais.

Utilizam apagamentos, silenciamentos, maquinações, subornos e destruições silenciosas. Empregam qualquer meio que considerem necessário para alcançar seus objetivos.

Identificamos um deles: Paulo Lewis, diretor de Operações da Sessota, atuante em São Paulo. Através dele, confirmamos que a Sessota, a UNITED e a Kokusai financiaram a tecedura da Vaktiria, uma doença projetada para exterminar mais de quarenta por cento da população mundial anualmente nos próximos ciclos.

Eles também estiveram por trás dos ataques contra os Luminares desde 2776, quando decidiram derrubar a Nanoverse por temerem as inovações quantumnanotecno lógicas cotecidas pelos nossos avós.

Há dez ciclos, reiniciaram a investida, desta vez contra a Société e todos aqueles que resistem.

Os Luminares estão enfraquecidos pelas sanções internacionais que esmagaram nosso povo. Paris arde em fome e desespero. A França está de joelhos, dilacerada pela guerra civil e pela pressão implacável de outros países. Cidades inteiras queimam sob o peso das revoltas.

No entanto, somos herdeiros de uma história de revoluções. Nosso sangue carrega a insurgência. Sempre lutamos. Mantivemos nossa soberania.

Agora nos massacram porque existimos. Porque nossa inteligência, nossa nanotecnologia e nossa liberdade ameaçam os alicerces de um grupo que deseja manter o controle absoluto. Por isso decidiram nos exterminar.

Esta noite, a Rede Aether e Netheria bombardearão nosso país. Depois, dirão ao mundo que éramos um antro de escravidão, uma milícia que se recusava a interromper violações dos direitos existenciais.

Prometerão acolher os franceses como refugiados. Mas é mentira. Manipularam o planeta inteiro para justificar nossa destruição. Ninguém ousa se opor à Rede Aether porque ela detém as 3-R. Seremos os mártires, o exemplo do que acontece com aqueles que desafiam o sistema. Por isso, não nos deixarão a possibilidade de reerguermo-nos. Seremos o acerto onde falharam no Egito.

Vão nos apagar da história. Seremos mais do que mortos. Seremos extintos. Nossa língua, nosso povo e nossa cultura serão transformados num eco distorcido, numa mentira conveniente. Seremos reduzidos a menos do que seres porque ousamos existir.

Tentamos avisar. Ninguém ouviu.

Desejo sua compreensão, embora sinta que ela relutará em vir. Mas nossa luta precisa continuar. Alguns conseguiram escapar. Eles seguirão.

A esperança resiste. Maia e Saymon são o futuro. Carregam a possibilidade de superar nossos limites. Injetamos neles as QN-Tecs. Eles precisam sobreviver. Precisam vencer.

Quando completarem sete ciclos, os mercenários das Terras de Ninguém, um subgrupo ligado a Netheria, virão buscá-los. Deixe-os ir. Eles precisam ser fortes. Escrevemos uma carta para cada um. Por favor, entregue-as na lua de suas partidas.

Mãe, nos perdoe. Saymon e Maia, nos perdoem.

Morreremos lutando.

Amamos vocês.

Com carinho, Charlotte & Calixte

Li a carta até o fim, encharcando-a de lágrimas. Meu corpo

tremia tanto que mal conseguia permanecer de pé. O que Charlotte e Calixte haviam feito?

Maia e Saymon dormiam um sono angelical. Gaia poderia estremecer sob terremotos, e os dois provavelmente continuariam dormindo.

Faltou-me coragem para lhes contar o que havia acontecido com seus pais, com nosso país e com eles próprios. Meus netos haviam sido transformados em qnanoarmas. A decisão de Charlotte e Calixte lhes arrancara a liberdade, impondo-lhes a estrutura dos próprios destinos.

Minha filha dissera que desejava compreensão. Estava certa em duvidar de que ela viesse. Até hoje reluto em compreender. Como puderam fazer aquilo com as próprias crias? E, pior, eu nada fiz para impedi-los.

Os hematomas deixados pelas aplicações continuavam marcando os dois. Charlotte e Calixte haviam injetado neles a NB-Mend, uma QN-Tec codesenvolvida pela Nanoverse. Suas q-nanites atuavam na composição óssea como se fossem metais, fortalecendo e regenerando os ossos.

Mas, em Maia, Charlotte também injetara a primazia. O motivo por trás de tudo o que havia acontecido. A QN-Tec que ameaçava todas as demais.

Regnante. Imperar, em latim. A tecnologia havia sido cotecida para fazer fluir o orgânico e o inorgânico, embora seus canais ainda encontrassem limitações nos sistemas humanos.

Mas sua potência ia muito além disso.

A Regnante podia alterar a natureza de outras nanites, temporária ou permanentemente. Também conseguia movê-las, destruí-las e reconstruí-las. Era uma QN-Tec capaz de imperar sobre todas as demais, independentemente da essência delas. Até mesmo sobre outras QN-Tecs.

Charlotte havia deixado os registros da conexão em Maia. Os dados mostravam q-nanites vivas em sua corrente sanguínea, regenerando-se e duplicando-se sob sua vontade. Eram comandadas pelo próprio sistema nervoso da menina.

Para compreender a dimensão daquilo, imagine que uma nanite estivesse executando determinada função no coração.

Maia poderia conectar-se a ela através da Regnante e reprogramá-la para atuar no cérebro. Poderia, inclusive, obrigar alguém a agir contra a própria vontade, dominando as q-nanites de seu sistema nervoso.

Também conseguia multiplicá-las e projetá-las para além do próprio corpo. Em sua potência máxima, a Regnante alcançava um raio de até um quilômetro. Quando aplicada a objetos, essa capacidade poderia se estender por continentes.

No entanto, Maia e a Regnante haviam cotranscendido a essência tecnomana, tornando-se cotecelãs do tecido da própria realidade.

Vejo em seu olhar. Você compreendeu a dimensão disso, não é? Com aquela capacidade, poderíamos desativar ou destruir as 3-R.

A Nanoverse superaria o poderio da Rede Aether, e Paris poderia se tornar a Primeira Cidade, a mais poderosa do mundo.

Mas meus pais e eu havíamos tomado outra decisão. Tanto poder e controle cobravam um preço alto demais. Víramos nossa nação ruir por causa daquela disputa. Queríamos apenas viver com serenidade. Preservamos as tecnologias por orgulho de nossa cotecedura.

Charlotte e Calixte, porém, transformaram os próprios filhos em armas, em instrumentos de seus ideais.

Em Saymon, conectaram a segunda QN-Tec cotecida pela Nanoverse, mantida sob sigilo absoluto.

Gagner. Conquistar, em francês. Originalmente, tratava-se de um quantum-nanochip implantado na cabeça, desenvolvido para permitir a conexão temporária com um segundo androide caso a máquina primária fosse danificada. O nanochip duplicava o DNA do ser, possibilitando aquele novo vínculo.

Mas, quando Charlotte e Calixte injetaram o qnanoprotótipo completo no cérebro de Saymon, as q-nanites replicantes tomaram metade de seu DNA e se instalaram em cada um dos quase sete octilhões de átomos que o compunham.

Isso tornou possível algo inédito. Saymon podia conquistar e controlar um número equivalente de androides.

Como? Replicando seu DNA em uma nanite conquistadora. Bastava um único contato com o nanonúcleo de um androide. Em poucas horas, Saymon seria capaz de submetê-lo completamente, desconectando-o da Placa-Mãe.

Na nanotecnologia atual, androides e humanos se conectam atomicamente, compartilhando metade do DNA. Isso limita o vínculo a um único androide.

Mas Saymon e a Gagner cotranscenderam essa limitação.

Uma nova entidade humatec, de rede interfractal-tecnoneural, emergiu na Corquestrama.

SANGUE NA ALMA

Alícia suspirou, sentindo o peso de gerações sobre os ombros, como se uma força invisível a puxasse para baixo. Então endireitou as costas curvadas. "Com fome, minha querida?"

Meu corpo inteiro se enrijeceu, tomado por uma dor latejante e pela tensão acumulada. O estômago doía de fome, mas eu não tinha apetite. Sentia tudo. Cada palavra, cada lembrança, cada fragmento daquela história.

E, ainda assim, estava longe de conseguir processar o que havia escutado. "E-está tudo bem."

Alícia sorriu fracamente. "Você está muito pálida. Por favor, coma alguma coisa." Virou o rosto por cima do ombro. "Liana, pode trazer um lanchinho?"

Liana apareceu à porta. "Claro."

"Você precisa comer." Alícia balançou a cabeça, soltando uma risadinha para si mesma. "Eu sei. É muita coisa, não é? Mas você merece saber. Afinal, alegrou o coração da minha netinha e cuidou de mim, uma desconhecida." Ela me observou com ternura. "É o tal do amor, sim? Eu te entendo. Teria feito igual." Deu algumas batidinhas nas costas da minha mão.

Pouco depois, Liana voltou ao quarto trazendo um lanche. Agradeci, e ela se retirou.

"Muito bem, podemos continuar." Alícia ainda trazia um

sorriso no rosto. Porém, foi justamente naquela hora que sua alma mais sangrou.

DESTINO

S-2857 • L2 Ritluna • D25 Alonli

"Ritluna ritma o céu em descida mansa. Alonli alonga o fio do retorno. A maré desenha prata em silêncio claro. A história prepara portal de começo."

Saymon celebrava seu sétimo ciclo solar. Naquele mesmo dia, dois homens brutais invadiram nossa casa. Agarraram meu neto e o arrastaram à força. O que eu poderia ter feito? Fugido com ele? Sei que não. Aqueles homens teriam descido até o inferno para encontrá-lo.

"V-vovó…" Maia se agarrou à minha perna, chorando inconsolavelmente. "P-por que levaram Saymon?"

Fui incapaz de responder. Abracei-a com força, sabendo que em breve chegaria a vez dela. Afaguei seus cabelos brancos e beijei-lhe a testa. "Você vai vê-lo em breve, minha querida. Lembra quando eu disse que vocês sempre deveriam cuidar e proteger um ao outro?" As lágrimas escorriam incessantemente pelo meu rosto. "Por favor, cuidem um do outro." Minha voz se embargou.

Eu sabia o tamanho do fardo que colocava sobre aquelas palavras. Havia pedido a duas crianças que crescessem em condições extremas, que abrissem mão de suas infâncias e

carregassem nos ombros uma responsabilidade grande demais até mesmo para os adultos. Porque os adultos haviam falhado em cuidar delas. Em vez de transformar as próprias feridas em cura, perpetuaram os traumas e projetaram seus ideais sobre aquelas crianças. Desconsideraram suas personalidades. Suas vontades. Acorrentaram suas almas. E selaram seus destinos.

S-2858 • L11 Irraluna • D24 Ritsi

"Irraluna irradia retorno em prata baixa. Ritsi marca compasso em curva fina. A maré recolhe canto e organiza o fio. A história prepara portal no ar."

Agachei-me diante de Maia. "Posso te pedir uma coisa, querida?"

"O quê, vovó?" Ela havia crescido tanto naquelas dez luações.

Segurei seus braços e os acariciei delicadamente. "Promete que sempre seguirá seu coração? Que buscará sua liberdade e viverá sua vida com amor, bondade e compaixão? Que ouvirá a si mesma para decidir como viver, sentir, ritmar e agir? Que cultivará boas amizades e cuidará daqueles que ama?"

Maia assentiu.

"Promete também que cuidará do seu irmão? Que vocês dois, independentemente do que aconteça, sempre poderão contar um com o outro?" Minha garganta se apertou, mas continuei: "Mesmo que seu caminho esteja escuro e solitário, mesmo que todos lhe deem as costas, você terá Saymon, e Saymon terá você. Promete isso à vovó, por favor?"

Eu me preocupava com os dois, mas havia algo diferente na preocupação que sentia por Saymon.

Vendo-o hoje, compreendo o porquê.

"Prometo tudo isso." Maia sorriu e acariciou meu rosto com suas mãozinhas. "Prometo que vou cuidar de você também."

Levaram-na no dia seguinte.

As luas continuaram passando, uma após a outra, desaparecendo no tempo e levando consigo os dias de um passado cruel e imutável. Passei a enxergar a doença como uma punição pela minha passividade. Eu havia consentido com uma atrocidade. Era assim que me julgava. Responsabilizei-me por tudo aquilo.

E, com o passar do tempo, comecei a me perguntar se o esquecimento havia sido realmente uma punição. Talvez tivesse sido uma bênção. Porque, quando as lembranças retornavam, as perguntas retornavam com elas.

E se eu tivesse recusado o pedido de meus pais para ajudá-los a coaprimorar a Regnante e a Gagner? E se tivesse destruído as tecnologias quando ainda possuía essa possibilidade? E se tivesse conversado mais com Charlotte? E se tivesse tentado fugir? E se tivesse encontrado forças para enfrentar aqueles mercenários?

Não sei…

Talvez Maia e Saymon…

CORINGA

Alícia se calou e baixou os olhos para o chão. As lágrimas escorriam incessantemente por suas bochechas, desciam pelo pescoço e molhavam suas vestes. "Preciso descansar. Desculpe, minha querida, mas preciso descansar."

Segurei suas mãos e a ajudei a caminhar até a cama.

Antes de se deitar, Alícia afagou meu rosto com seu toque caloroso. "Conversamos quando eu acordar. Imagino que tenha muito o que processar."

"Sim…" Sorri com os olhos. "Liana?"

Ela entrou no quarto. "Vou cuidar dela. Obrigada."

Saí para o corredor e me encostei na parede. O tempo parecia continuar congelado. Tanta coisa finalmente fazia sentido. Eu havia encaixado quase todas as peças do quebra-cabeça. Mas ainda faltava uma.

Caminhei devagar até a sala e contemplei o vazio. Os motivos de Maia permaneciam envoltos em névoa, mas agora eu compreendia a raiz de sua dor. Era muito maior do que poderia ter imaginado. Maia, o que você passou?

Levei as mãos à testa latejante. Roí o pouco que restava das minhas unhas, quase alcançando a carne. Saymon e Maia possuíam a NB-Mend original, uma QN-Tec? Eles haviam atravessado tudo aquilo, enquanto eu só tinha vivido doze ciclos.

Eu sequer percebera a dimensão do que havia acontecido. Do que estava acontecendo. Do que…

Uma luz se acendeu na minha mente. É claro. Fazia todo o sentido. Balancei a cabeça, tentando acompanhar a própria descoberta. Eles estavam fazendo com a Rede Aether e a Sessota aquilo que havia sido feito com os Luminares e a Nanoverse. Ergui a cabeça, arregalando os olhos. As 3-R…

Imediatamente, fui procurar Saymon. Dane-se. Se minha suspeita estivesse correta, aquilo significava…

Encontrei-o debaixo de uma árvore. Jogava cartas sobre a grama com ares de completo desinteresse. Parecia estar esperando por mim. Eu já havia aprendido que a paciência era uma de suas forças mais poderosas.

Saymon ergueu os olhos. "Sabe jogar cartas?"

Talvez eu pudesse mencionar o blackjack, mas minha experiência havia sido tão vergonhosa que preferi não comentar. Sentei-me diante dele, cruzando as pernas. "Não."

"Certo." Saymon recolheu as cartas e começou a embaralhá-las com uma agilidade impressionante. Elas deslizavam de um lado para o outro, desaparecendo e reaparecendo entre seus dedos. Então dividiu o baralho em dois blocos. "Os naipes representam as quatro estações do ciclo solar. As treze cartas de cada naipe representam as treze lunações. E as cinquenta e duas cartas representam as quartelunas do ciclo."

Espalhou-as em cascata. "Todas possuem um significado, seja objetivo, seja poder. Existe, entretanto, uma carta especial. Ela muda de valor conforme a combinação das outras." Saymon arqueou uma sobrancelha. "Você deve saber que estou falando da *Coringa*."

Engoli em seco. A ansiedade era tamanha que agarrei a grama sob minhas mãos. "Eu não sabia."

"É… Ela tem um poder extraordinário, porque pode mudar o rumo de um jogo inteiro quando aparece." Ele parou de embaralhar. Então fez a carta *Coringa* girar entre seus dedos. Seus pixels reluziram. "Acho que alguns indivíduos também possuem esse dom."

O olhar dele pareceu atravessar minha espinha.

Sorri de maneira desajeitada. Senti vontade de recuar. Talvez fosse por conhecer agora seu passado e compreender como funcionava sua conexão com a Gagner. O fato era que eu já não conseguia calcular o quanto Saymon era imprevisível. Ou poderia se tornar.

"Presumo que Alícia tenha contado o que aconteceu." Ele guardou as cartas no bolso, com aparente despreocupação.

Eu nem teria como disfarçar. Às vezes, parecia que bastava respirar perto dele para que soubesse o que eu estava pensando. Assenti discretamente.

Saymon abriu um sorriso divertido. "Vou deixar você perguntar o que quiser."

Meu coração disparou. Respirei fundo, tentando conter o nervosismo e organizar as ideias. Mas a tarefa se mostrou muito mais difícil do que eu imaginava. Especialmente sob aquele olhar oblíquo. "A-as… As 3-R…" Fechei os olhos. As palavras pareciam presas na garganta. "V-vocês pretendem bombardear o Brasil?"

A risada sinistra de Saymon me causou um calafrio.

Abri os olhos e encontrei seu sorriso selvagem.

"É. Esse era o plano." Ele ergueu as sobrancelhas. "Porém, uma pessoa coringa entrou no jogo e mudou o rumo dos acontecimentos." Saymon me encarou. "No caso, a coringa foi *você*, Akiko."

PARAÍSO

Arregalei os olhos lentamente. Meu coração parecia prestes a saltar do peito. Mordi os lábios. "O quê…? O que você quer dizer?" Franzi as sobrancelhas.

Saymon suspirou, impaciente. "O plano era bombardear o Brasil, a sede da Rede Aether, como fizeram com a França. Esse sempre foi nosso objetivo. Até que…" Ele gesticulou na minha direção. "Maia te conheceu e decidiu que queria agir diferente. Alguns da Une Côte não gostaram da decisão."

Uma corrente de ar gelado nos envolveu, anunciando o pôr do sol.

"Por quê?" Balancei a cabeça, tentando compreender.

Foi isso que Maeva quis dizer? Foi isso que mudou tudo? Pouco a pouco, as peças daquele quebra-cabeça imenso começavam a encontrar seus lugares.

Luzes lilases e rosadas atravessavam as nuvens, derramando-se sobre nós.

Saymon permaneceu em silêncio e apoiou a cabeça no tronco da árvore.

Baixei os olhos. "Por que ela…"

"… pediu para Hikaru remover a Regnante dela? Quem sabe?" Seu rosto resplandeceu sob a cintilância colorida do entardecer. A luz avivava suas feições ferozes e aquecia o

dourado de seus olhos, como se o fogo do sol encontrasse as chamas que queimavam dentro deles. Pareceu mais velho, como se carregasse ciclos-luz de conhecimento. Como se estivesse acima de todos os pesos.

"O que vai acontecer agora?"

"Com a Rede Aether? São Paulo?" Saymon deu de ombros. "Fiz o que tinha que fazer aqui. Maeva vai cuidar das coisas a partir de agora. Ela tem bastante material para tecer mais caos e conta com o comando de Kemetia como aliado indireto." Contemplou a paisagem. "Então, só precisamos deixar o fogo queimar."

Ele estava certo. Independentemente das intenções que possuía, o comando de Kemetia aproveitaria a vulnerabilidade da Rede Aether e utilizaria os recursos disponíveis para tentar destruí-la.

Saymon detinha o controle sobre as 3-R. Portanto, poderia ameaçar qualquer pessoa, inclusive os integrantes da Sociedade que pretendia caçar. Mesmo assim, alguma coisa me dizia que preservaria aquelas armas para outro propósito. Ele parecia preferir fazer seu próprio jogo. E era um adversário formidável. Talvez fosse o único capaz de enfrentar aquela gente.

Saymon pegou um graveto e começou a rabiscar a terra. Desenhava símbolos estranhos, semelhantes aos das tatuagens pretas em suas mãos. Ele realmente estava tranquilo com um contrato de cem milhões por sua cabeça?

Desviei os olhos. Bem, se eu pudesse controlar a mesma quantidade de androides que ele, talvez também estivesse sossegada. Para permanecer tão calmo, devia acreditar que tinha tudo sob controle. Era mesmo só deixar queimar. O que será que nascerá das cinzas?

Observei os traços que desenhava na terra. Apesar da

distração, reuni coragem para fazer outra pergunta. "Saymon, se você…" Fechei os olhos.

"Se você queria tanto proteger Maia, por que—"

"Tsc." Ele estalou a língua, fez um gesto impaciente e torceu o rosto numa expressão aborrecida. "Quem te contou? Kiara? Algum dia vão esquecer isso?"

Contive uma risadinha e abracei os joelhos. "Sim…"

"Maia precisava aprender como era. Se eles… se soubessem que poderiam nos manipular um contra o outr—"

"Aki?" Kiara apareceu, interrompendo-o. "Pode vir comigo?"

Saymon voltou a mexer no graveto.

Levantei-me e limpei a terra das calças.

"Vocês…" Antes que saíssemos, Saymon ergueu os olhos e abriu um sorriso irônico. "Nós vamos para Tóquio depois de amanhã."

"Vá se foder." Kiara lhe deu as costas.

É. Algumas coisas continuavam iguais.

Sorri. "Você também vai para Tóquio?"

Ela relaxou os punhos, até então cerrados. "Parece que sim."

Meu coração se alegrou. Seria bom ter Kiara por perto. A presença de Saymon ainda me desconcertava, e a perspectiva de ficar sozinha com ele me angustiava.

Entramos no carro.

"Para onde vamos?"

"Você vai ver." Kiara sorriu enigmaticamente.

Franzi a testa. Acabei aceitando. Definitivamente, certas coisas permaneciam as mesmas.

Quando anoiteceu, Kiara estacionou entre as rochas.

O vento sussurrava histórias antigas pelas fendas das pedras. A montanha nos acolheu em seu silêncio ancestral, guiando nossos passos até o topo do Brasil, a quase três mil metros de

altitude, conhecido como *'Onde se Toca o Céu'*.

Continuamos subindo até alcançar a ponta.

O ar rarefeito se misturava à agitação do meu peito. Uma rajada fria e livre dançou ao nosso redor, arrepiando minha pele como um sopro do cosmos.

Então vi a paisagem. E perdi o fôlego.

A lua cheia e as estrelas derramavam sua luz prateada sobre a imensidão. Poeira estelar se espalhava pelo firmamento como fios dourados. O céu estava aberto. Puro. Ilimitado. Sem ruídos. Sem poluição. Apenas a Corquestrama, inteira e infinita, respirando conosco.

Kiara sorriu. "É lindo, não é?"

Meu coração palpitava descompassadamente. Nenhuma palavra deixou meus lábios. Todas pareciam ter sido levadas pela paisagem.

Ela me cutucou. "Pra você." Hologramas da *Rainha de Ouros* brilharam diante de mim. Era a carta que Saymon havia entregado a Kiara na primeira vez que fui ao Templo da Matriarca.

Franzi a testa e peguei o objeto.

"É uma carta. Puxa atrás. Você vai ver." Kiara voltou para o carro.

Ela parecia compreender o significado daquele lugar muito mais do que eu imaginara.

Permaneci imóvel, segurando a carta ainda fechada. Minhas mãos tremiam.

Aquela paisagem despertava um tsunami de emoções.

Depois de desejar desistir tantas vezes, depois de sentir como se tivesse morrido e ressuscitado outras centenas, o que restava de mim era um corpo, uma mente, uma alma e um espírito quebrados.

Eu havia sofrido o impensável. Presenciado e experimentado a desconexão mais profunda do sentir humano. Fizera aquilo que um dia afirmara jamais fazer e carregaria as sequelas por toda a vida. Ultrapassara meus limites. Tudo porque me recusara a aceitar o que havia acontecido com Maia. Eu precisava compreender sua dor. Precisava que ela soubesse que meu amor estava acima de tudo. Meu amor por ela era maior do que tudo.

Respirei profundamente.

O vento gelado me envolveu num abraço etéreo. A Lua permanecia acima de mim, testemunha silenciosa da minha busca, do meu amor e do meu destino.

Ficamos somente eu e meus pensamentos.



Maia…

Seu nome dançou na minha mente como uma prece.

Virei a carta e puxei a parte de trás. De repente, um papel

surgiu. Desenrolei-o. Meu coração trovejava no peito. Senti a garganta se fechar. *A letra dela.*

Akiko,

Desconfio do que você vai pensar de mim depois de tudo. Desejo, de coração, que compreenda. Estou incerta sobre todas as minhas decisões. Eu queria te afastar disso para te proteger. Mesmo sentindo vontade de te contar tantas vezes, pensei numa maneira de fazer com que você soubesse de tudo e encontrasse respostas para suas perguntas.

Agora cabe ao seu coração decidir o que fará.

Quero dizer...

BIRIRIRIRIII! O som estalou no silêncio.

Meus ombros estremeceram. Um arrepio quente subiu pela minha espinha.

O volume aumentava progressivamente.

Girei o corpo, procurando a origem daquele ruído. Tateei os bolsos, confusa.

O celular dobrável vermelho vibrava. Kiara deve ter colocado nas calças antes de me entregá-las.

Abri o aparelho. Os pixels estavam quase apagados, e os números brilhavam fracamente na tela. O prefixo era +813. Meu sangue acendeu. *Tóquio?* Estranho…

Atendi. Levei o celular ao ouvido.

Ouvi a voz. *"…* Aki?" A voz rouca atravessou os nós do tecido universal.

Um arrepio percorreu meu corpo inteiro.

O vento soprou entre as rochas. A Corquestrama inteira pareceu prender a respiração. A Lua permanecia lá em cima. A terra, sob meus pés. E meu coração transbordava sentir, como

uma supernova reluzente. A realidade estremeceu. Um instante que durou uma eternidade.

"Sou eu." Uma respiração sussurrante. "Maia."

FRAGMENTOS DE REGISTROS

(GLOSSÁRIO DE UNIVERSOS FRAGMENTADOS)

Boas-vindas aos **Fragmentos de Registros**, um compêndio dos termos, conceitos e expressões essenciais que compõem o vasto universo de *Universos Fragmentados*. Aqui, você encontrará tanto palavras originais quanto termos estrangeiros utilizados ao longo da narrativa, acompanhados de suas traduções e breves explicações.

Caso tenha se deparado com um termo desconhecido durante a leitura, esta seção servirá como um guia para aprofundar sua compreensão sem comprometer a imersão na história.

A

- **Aerocalçada** – Estruturas suspensas que servem como vias para pedestres em cidades verticalizadas, utilizando tecnologia nanoeletromagnética para estabilidade e segurança.
- **Aerocarro** – Veículo aéreo de uso cotidiano, sustentado por ondas nanoeletromagnéticas que permitem locomoção estável e eficiente nas Aerovias e Aeroestradas.
- **Aerodovia** – Vias elevadas por onde circulam Aerocarros, Aerotrens e outras formas de transporte aéreo. São sustentadas por ondas nanoeletromagnéticas que garantem fluxo contínuo e seguro.

- **Aeroestradas** – Grandes vias aéreas que conectam diferentes setores das cidades verticalizadas. Possuem tráfego intenso de veículos suspensos e são regulamentadas por sistemas de inteligência viva.
- **Aerolâmpada** – Dispositivo de iluminação suspenso que se ajusta automaticamente conforme a necessidade ambiental, utilizando tecnologia de levitação nanoeletromagnética.
- **Aeroluz** – Fonte luminosa aérea que fornece iluminação urbana nas Aerovias, ajustando-se ao tráfego e às condições climáticas.
- **Aeropatrulha** – Esquadrões de segurança aérea, compostos principalmente por nanodrones autônomos responsáveis por monitoramento, controle de tráfego e segurança urbana.
- **Aeroponte** – Estruturas suspensas que conectam edifícios ou setores de uma cidade, permitindo travessia rápida sem a necessidade de descida ao solo.
- **Aerobairro** – Conjuntos residenciais suspensos, planejados para acomodar populações em cidades verticalizadas. São interligados por Aeropontes e Aerovias.
- **Aerotrem** – Meio de transporte coletivo suspenso, movido por levitação nanoeletromagnética. É amplamente utilizado em metrópoles e conecta diferentes setores urbanos com rapidez e eficiência.
- **Aerovia** – Corredores aéreos destinados ao tráfego de Aerocarros, Aerotrens e outras formas de mobilidade suspensa.
- アホ **(Aho)** *(japonês)* – "Idiota" ou "imbecil". Comum em falas mais informais, pode ser usado de forma cômica ou ofensiva.
- **Aliança Rede Global (ARG)** – É uma coalizão suprana-

> cional de megacorporações, milícias privadas e governos autoritários, formada com o objetivo de consolidar o controle global sobre nanotecnologia, economia e segurança. Cotecida no início do século XXI, a ARG surgiu como resposta à crescente instabilidade geopolítica, prometendo ordem, progresso e inovação. Na prática, tornou-se um império oculto, cujas decisões moldam o destino das civilizações sem qualquer supervisão democrática.

Composta por organizações como a Rede Aether (Brasil), UNITED (EUA), Sessota (Europa), Kokusai (Ásia) e Moana-Tūmanako (Oceania), a Aliança opera a partir das Dez Cidades, centros urbanos hiperdesenvolvidos onde a influência da coalizão é absoluta. Fora dessas zonas, vastas regiões do planeta foram reduzidas a territórios esquecidos—devastados por guerras tecnológicas, exploração corporativa ou experimentos fracassados.

O poder da ARG não reside apenas no domínio econômico ou militar, mas no controle da informação. Redes neurais quânticas, mídia hiperregulada e nanotecnologias de vigilância permitem à Aliança monitorar e manipular o comportamento das populações, erradicando qualquer resistência antes que ela tome forma. Entre suas políticas mais controversas, estão os biochips obrigatórios, a privatização total dos recursos naturais e o desenvolvimento secreto de armas biotecnológicas, como a Vaktiria.

A estrutura da Aliança segue uma hierarquia fragmentada. Seus membros operam em células descentralizadas, mantendo-se invisíveis até mesmo para os próprios aliados. Entre os líderes conhecidos, o nome Paulo Lewis, da Sessota, se destaca como uma das mentes por trás da manipulação econômica

global, enquanto a Rede Aether impõe sua autoridade como braço militar da coalizão.

Nos bastidores, no entanto, algo ameaça essa hegemonia: a Une Côte e outros grupos insurgentes vêm desmantelando as operações da ARG, expondo verdades há muito enterradas. Os primeiros abalos começaram com a revelação da origem da Vaktiria, seguida pelo vazamento dos investimentos da Sessota na fabricação de armas nanotecnológicas.

A ARG ainda controla os pilares do mundo moderno, mas, pela primeira vez em décadas, seu reinado não parece inquestionável. O caos se aproxima. E o que antes era uma força onipotente agora se vê diante da sua maior ameaça: a ruína de seu próprio império.

- **ApexNull** – Nanodispositivo desenvolvido pelo cientista Daren Kyungu, projetado para tratar a doença Apoxirameno Aima, popularmente conhecida como Vaktiria. A Vaktiria, causada pela bactéria Siccunsanguine Bacteria, é a doença infecciosa mais mortal, responsável por 43,5% das mortes globais. A bactéria destrói progressivamente a composição sanguínea, levando à falência total do sistema circulatório e afetando o cérebro e o coração em um período de três ciclos. Até então, não existia tratamento sintomático ou cura. A pesquisa de Kyungu descobriu que o sangue do tipo Rh nulo é imune à doença, pois a bactéria morre instantaneamente ao entrar em contato com esse fator sanguíneo. O ApexNull foi criado com base nessa descoberta, utilizando nanotecnologia para replicar as propriedades imunológicas do Rh nulo e aplicá-las no tratamento da Vaktiria.
- **Apoxirameno Aima** – Nome técnico da doença conhecida

como Vaktiria. De origem bacteriana, é uma das infecções mais letais já registradas, destruindo o sistema sanguíneo e levando a falhas múltiplas de órgãos. Seu nome deriva das palavras gregas "Apoxia" (ausência de oxigênio) e "Haimatos" (sangue), refletindo a deterioração progressiva da corrente sanguínea.

- **Arraial das Almas** – Uma das maiores celebrações do Brasil, unindo tradições dos povos originários, quilombolas e festividades juninas em uma única data, 31 de outubro. O Arraial das Almas homenageia os antepassados com fogueiras, danças, músicas e comidas típicas. Bandeirinhas brilham com figuras míticas como Curupira, Boitatá e Iara, e holoprojeções contam histórias do passado. As ruas se enchem de cores, cheiros e sons, em uma explosão de vida que une vivos e mortos na celebração da memória.
- **ARGOS (Advanced Regulation for Global Operating Systems** - *Regulação Avançada para Sistemas Globais***)** – É o principal órgão regulador tecnológico do mundo, possuindo autoridade absoluta para sancionar nações e megacorporações que violem protocolos de segurança e ética. Fundado em 2786 pela CITSD. Sua missão é a regulamentação global de tecnologias emergentes, inteligência viva, nanotecnologia, segurança cibernética e bioética. A ARGOS não responde a governos ou corporações. Sua autoridade é absoluta e suas diretrizes são inegociáveis.

Função

- Supervisiona e regulamenta o uso de nanotecnologia, ET e bioengenharia avançada.
- Atua em colaboração com o CMG para regular avanços

médicos e nanotecnológicos.
- Impõe bloqueios digitais e sanções globais contra entidades que violem seus regulamentos.
- Pode interditar pesquisas, interromper sistemas e confiscar tecnologia considerada perigosa.
- Possui jurisdição sobre a Lex Argos, conjunto de diretrizes absolutas sobre segurança tecnológica.
- Possui poder legislativo dentro da CITSD, podendo julgar e condenar indivíduos ou entidades por crimes tecnológicos e bioéticos.

Casos Notáveis

- 2788 – Implementação das Diretrizes da ARGOS, estabelecendo a regulamentação definitiva da tecnologia global.
- 2795 – Em conjunto com o CMG, proibiu mundialmente a Mentis Imperium, após sua utilização em experimentos de controle mental. A sanção foi imposta tanto no uso médico quanto militar, resultando em uma crise global sobre bioética e tecnologia.
- Proibição mundial da Quantum-Nanotecnologia (QN-Tec), resultando na queda da Nanoverse e na crise econômica global. O CMG e a ARGOS trabalharam juntos para impedir que a tecnologia fosse usada em aplicações biotecnológicas.
- 2839 – Investigação da Société d'Intelligence, intensificando o cerco contra avanços nanotecnológicos não autorizados.
- 2875 – Conflito com a Rede Aether, envolvendo regulamentação da ET de guerra e monopólio nanotecnológico.

A ARGOS é uma entidade de poder absoluto na regulamentação tecnológica, rivalizando até mesmo com as megacorporações. Seu processo burocrático pode levar ciclos para aprovar ou rejeitar tecnologias, sendo frequentemente alvo de tentativas de manipulação política e empresarial.

- **ARMAN**S – Fabricante global de nanoarmas e equipamentos militares avançados. Fundada em 2791, tornou-se a principal fornecedora de armas nanotecnológicas para exércitos, mercenários e forças paramilitares. Suas armas são reconhecidas pela durabilidade, modularidade e poder destrutivo, com sistemas integrados de balística nanotecnológica e conectividade neural.

Principais modelos icônicos da ARMANS

- **Rompe-Culos** – Escopeta de calibre pesado, apelidada por Denden, conhecida por sua brutalidade no impacto. Projetada para pulverizar armaduras nanotecnológicas e romper implantes cibernéticos com cargas explosivas.
- **Sentinela-X9** – Rifle sniper de longo alcance, equipado com inteligência balística preditiva.
- **Nanorazors** – Lâminas monomoleculares capazes de cortar até metais reforçados.

A ARMANS mantém contratos diretos com megacorporações e governos, fornecendo armamentos para conflitos urbanos e guerras nanotecnológicas.

- **Awá Reru** – Caminho dos Espíritos. Celebração espiritual do Brasil, comemorada amplamente em Centrália e em

diversas regiões do país, com festas, rituais e homenagens aos ancestrais. Nas ruas, a festa é popular e vibrante, com fogueiras, oferendas, danças e cantos que atravessam gerações. Já na Zênite, o Awá Reru assume um caráter exclusivo e elitista, transformado em um evento luxuoso com retiros espirituais flutuantes, experiências sensoriais e nanotecnologia de ponta, acessível apenas aos mais privilegiados.

B

- **Baka!** *(japonês)* – "Idiota" ou "Burro", usado de forma mais leve ou cômica.
- **Bakayarou!** *(japonês)* – Insulto forte, equivalente a "Idiota!" ou "Seu imbecil!".
- **Biochip** – Um implante neural obrigatório instalado no nascimento, responsável pela conexão entre humanos, androides e todos os softwares vinculados à Aliança Global Aether. O Biochip possibilita comunicação instantânea, controle de nanosistemas e acesso a dados diretamente no cérebro. Estrangeiros também são obrigados a portar o dispositivo ao entrar no Brasil. Sua remoção é proibida pela Rede Aether.
- **Biotela** – Uma holotela pessoal integrada ao Biochip, permitindo interação e acesso a todos os seus recursos de forma visual e imersiva. Funciona como uma interface holográfica para comandos, comunicação e navegação digital.
- **Vorovskoy mir** – A Irmandade Russa. A organização criminosa mais poderosa do mundo, atuando nas sombras do governo e influenciando diretamente a política e a

economia global. Embora a Rússia tenha sido transformada em um dos países mais bem habitáveis do planeta sob o reinado da Imperatriz Sonechka Alexeyev, grande parte desse sucesso deve-se à influência do Vorovskoy mir, que opera nas sombras do Nochnoy Prestol *(Ночной Престол)* – *Trono da Noite*. A Vorovskoy mir é uma força silenciosa que rege governos, manipula economias e dita o destino de inúmeras vidas. Sob sua superfície glacial, esconde-se um núcleo de brutalidade e pragmatismo onde apenas os mais fortes sobrevivem.

Dividida em quatro grupos principais

- **Grupo de Elite:** Ranque mais alto, responsável pela administração, organização e ideologia do Vorovskoy mir.
- **Grupo de Segurança:** Garante a harmonia com outras organizações e mantém a lealdade interna.
- **Grupo de Apoio:** Coleta dinheiro, recruta membros e negocia influência política e empresarial.
- **Unidade de Trabalho:** Responsável por assaltos, extorsões, gangues de rua e crimes menores.

Atua globalmente com força militar implacável, crimes cibernéticos irrastreáveis e controle total do submundo. Envolvida com tráfico de drogas, pessoas, animais e tecnologias experimentais. Possui filiais em todos os continentes, mas sua sede fica na fortaleza de Khalmer-Yu, um território militarizado. O Pakhan é a autoridade máxima do Vorovskoy mir, governando com influência absoluta. Seu controle sobre o submundo a tornou inimiga da Rede Aether e rival da Ninkyō dantai, segunda maior organização criminosa do mundo.

C

- **Ça me saoûle!** *(francês)* – Expressão de irritação, algo como "Isso me irrita!" ou "Isso me cansa!".
- **Cabrón** *(espanhol)* – "Desgraçado/canalha". Usado para se referir a alguém de forma agressiva ou provocativa.
- **Cagón** *(espanhol)* – "Covarde" (equivalente a "cagão"). Pode ser dito de forma provocativa quando alguém hesita ou demonstra medo.
- **CaloraX** – Inibidor de calor desenvolvido para suprimir a emissão térmica do corpo, tornando o usuário indetectável por sensores térmicos.
- **Casse-toi!** *(francês)* – "Cai fora!" ou "Vaza daqui!".
- **Centrália** – A região intermediária da cidade verticalizada de São Paulo, onde se encontra a maior parte da população. É o centro acendente da metrópole, abrigando os trabalhadores, o comércio e as infraestruturas essenciais para o funcionamento da cidade.
- **Citopurge** – Neutralizante de envenenamento por nanites. Desenvolvido para reverter os efeitos adversos causados por nanoinfecções, ataques nanotecnológicos ou falhas em implantes cibernéticos. O Citopurge atua diretamente nas células afetadas, desativando nanites invasores e restaurando o equilíbrio fisiológico do organismo.
- **Chica** *(espanhol)* – Termo afetuoso ou casual para se referir a uma mulher, equivalente a "garota" ou "mina" no brasileiro. Usado frequentemente por Denden em suas interações, geralmente de forma carismática ou brincalhona.
- **Cloakify** – É um nanomalware avançado desenvolvido por Kiara, utilizando um nanite corrompido como base. Seu

propósito primário é ocultar sua presença e a de outros sistemas nanotecnológicos, permitindo que Kiara infiltre e corrompa redes altamente protegidas sem ser detectada. Com essa ferramenta, ela pode camuflar a si mesma, mascarar rastros digitais, hackear sistemas e até mesmo induzir corrupção temporária em outras inteligências cibernéticas, incluindo androides e programas nanotecnológicos.

Características

- Permite a camuflagem total de nanosistemas.
- Oculta presença digital e física de rastreamento.
- Pode corromper e reconfigurar androides e inteligências artificiais por um tempo limitado.
- Adapta-se à segurança do alvo, tornando-se mais eficiente a cada uso.
- Possui uma duração limitada antes de ser detectado, variando conforme o nível do sistema-alvo.

Fraquezas e Limitações

- Não pode corromper nanosistemas de segurança de última geração com blindagem QN-Tec.
- Se o nanite invasor não for retirado a tempo, o sistema-alvo pode desenvolver resistência ao Cloakify.
- Seu uso prolongado pode sobrecarregar o nanosistema de Kiara, comprometendo temporariamente sua funcionalidade.
- **Código de Ética Médica** – Documento fundamental que rege a conduta dos profissionais da saúde, cientistas e pesquisadores, definindo limites éticos para avanços

médicos, biotecnológicos e nanobiotecnológicos.

Princípios fundamentais

- **Respeito à vida** – Nenhum experimento pode ser conduzido sem garantir a segurança dos envolvidos.
- **Consentimento absoluto** – Testes em humanos exigem consentimento informado, sem coação ou manipulação.
- **Integridade científica** – Manipular dados de pesquisa para atender interesses externos é considerado crime médico.
- **Humanidade antes da tecnologia** – Inovações médicas devem priorizar o bem-estar humano antes do lucro ou da eficiência tecnológica.

Casos notáveis

- Em 2795, serviu como base para a condenação de cientistas envolvidos no desenvolvimento de Mentis Imperium.
- Em 2806, foi atualizado para incluir diretrizes sobre nanomedicina e engenharia genética.
- Em 2878, foi usado para vetar os experimentos ilegais de Riki Akiyama, resultando em seu exílio.
- Apesar de ser amplamente respeitado, o Código de Ética Médica é constantemente desafiado por avanços científicos que empurram os limites da medicina e da nanotecnologia.
- **CogniSynth** – Nanodispositivo criado pela cientista Akiko Akiyama, com supervisão técnica de Aimee Hughes e administração dos pacientes sob responsabilidade de Vicente Evans. O CogniSynth é uma nanotecnologia projetada para acessar, visualizar e gravar memórias humanas,

convertendo-as em mídia audiovisual. Sua eficácia para desenvolvimento depende de fatores como tipo sanguíneo e memória natural do indivíduo. Além de permitir a recuperação de lembranças, pode estimular o nascimento de novos neurônios em casos específicos. Apesar de estar no estágio final de desenvolvimento, o CMG não aprovou oficialmente o dispositivo, especialmente após a saída de Akiko da Zênite.

- **Comibot** – Sistema automatizado de produção de alimentos baseado em nanotecnologia. O Comibot pode sintetizar refeições inteiras a partir de biomoléculas, replicando sabores, texturas e nutrientes com extrema precisão. Utilizado em lares, bases militares, naves e megacidades, tornou-se a principal fonte de alimentação de milhões de pessoas ao longo do século XXII.

Características do Comibot

- **Programação Personalizada** – Usuários podem customizar pratos com base em memórias gustativas registradas.
- **Síntese Instantânea** – Produção de refeições em segundos, reduzindo desperdício alimentar.
- **Limitações** – Embora eficiente, muitos afirmam que os pratos não possuem o mesmo "calor" da comida feita por humanos.

Apesar da onipresença do Comibot, pratos caseiros ainda são valorizados como um símbolo de tradição e afeto, especialmente entre comunidades resistentes à automação alimentar.

- **Comitê Médico Global (CMG)** – É a principal autoridade reguladora da medicina mundial, responsável por supervisionar e aprovar pesquisas médicas, biotecnológicas e nanotecnológicas que envolvam seres humanos. Composto por ministros das dez cidades dominantes, o comitê dita as diretrizes globais de ética médica e inovação. Atua em parceria com a **ARGOS** em questões que envolvem nanotecnologia e biotecnologia aplicada.

Função

- Regulamenta e aprova pesquisas médicas, garantindo a segurança dos procedimentos e experimentos.
- Pode vetar, suspender ou exilar médicos e cientistas que violem o Código de Ética Médica e a Lex Argos.
- Supervisiona hospitais, centros de pesquisa e o uso de nanotecnologia na medicina.
- Atua junto à ARGOS na regulamentação de nanomedicina, ET médica e bioengenharia.
- Possui poder legislativo dentro da Convenção Internacional de Medicina e Segurança Tecnológica, podendo julgar casos de conduta antiética e tomar medidas drásticas contra pesquisadores e empresas que desrespeitem suas diretrizes.

Casos notáveis

- Em 2795, em conjunto com a ARGOS, proibiu a fabricação da substância Mentis Imperium, cotecida para controle mental, após resultados desastrosos nos testes. A decisão resultou na maior crise bioética da história, levando à

tecedura da Convenção Internacional de Medicina e Segurança Tecnológica.
- Proibição da QN-Tec em aplicações médicas e bioengenharia, considerando seus riscos imprevisíveis à biocompatibilidade humana. O CMG e a ARGOS decretaram sanções contra pesquisas médicas que envolvessem q-nanites, levando à extinção da Nanoverse e ao colapso da nanobiotecnologia avançada por décadas.
- Em 2878, cassou o direito ao exercício da medicina de Riki Akiyama, exilando-o da comunidade médica global por práticas antiéticas e experimentos humanos ilegais.
- Envolvido na aprovação do CogniSynth, tecnologia desenvolvida por Akiko Akiyama para acessar e reproduzir memórias humanas. O projeto segue sob monitoramento constante da Divisão de Regulamentação Nanotecnológica da ARGOS.

O CMG é uma entidade de poder absoluto dentro da medicina, rivalizando até mesmo com as megacorporações tecnológicas e farmacêuticas. Seu processo burocrático pode levar ciclos para aprovar ou rejeitar pesquisas, sendo muitas vezes alvo de tentativas de manipulação política e empresarial.

- **Comitê de Segurança Tecnológica da ARGOS (CST-ARGOS)** – Órgão interno da ARGOS, responsável pela revisão periódica de nanotecnologias emergentes com potencial impacto global. Supervisiona o uso de inteligência viva, nanotecnologia, bioengenharia e segurança cibernética. Pode impor protocolos de contenção e regulamentação extra para evitar abusos tecnológicos e riscos de catástrofes. Autoridade máxima: O CST-ARGOS opera sob avaliação

técnica e relatórios da Divisão de Regulamentação Nanotecnológica.

Avalia tecnologias em quatro níveis de risco

Nível 1 – Seguro (Uso liberado com monitoramento)
Nível 2 – Restrito (Uso apenas com diretrizes específicas)
Nível 3 – Perigo Controlado (Necessário reforço em regulamentação)
Nível 4 – Proibido (Tecnologia vetada mundialmente)

- **Convenção Internacional de Medicina** – Tratado global estabelecido em 2795 durante a crise médica gerada pelo uso da substância Mentis Imperium. A convenção unificou as regulamentações médicas internacionais, criando padrões rígidos para pesquisas, experimentos humanos e o uso da nanotecnologia na medicina.

Função

- Define os princípios éticos e científicos que governam a medicina mundial.
- Regula o uso de nanotecnologia aplicada à saúde.
- Estabelece protocolos obrigatórios para experimentos em humanos.
- Garante direitos e deveres dos profissionais médicos, cientistas e pacientes.

Casos notáveis

- Em 2795, formalizou o Comitê Médico Global (CMG) como a entidade máxima de supervisão médica.
- Em 2813, impôs restrições ao uso de nanomedicina em pacientes sem consentimento informado.
- Em 2845, reformulou diretrizes para a pesquisa de interfaces cérebro-máquina, prevenindo abusos no desenvolvimento de tecnologias de controle neural.
- É a maior referência jurídica para a medicina global, servindo como base para decisões do CMG e sanções contra indivíduos ou organizações que violem suas diretrizes.
- **Convenção Internacional de Tecnologia e Segurança Digital (CITSD)** – A Convenção Internacional de Tecnologia e Segurança Digital foi assinada por mais de 200 nações e megacorporações. O tratado foi acendido por crises tecnológicas devastadoras, incluindo o colapso de ET militares, a crise das interfaces neurais e o uso ilegal de nanotecnologia em armas biológicas. Fundado em 2786, seu objetivo é tecer uma regulamentação global para o uso de tecnologias emergentes e evitar catástrofes tecnológicas.

Acordo Histórico

- **Motivações para a tecedura da CITSD:**
- **A Conspiração Contra a Nanoverse (2776-2786):** Acusações forjadas contra a maior empresa de nanotecnologia do mundo.
- **O Colapso das ET Militares:** Sistemas autônomos causando destruição em massa sem controle humano.
- **A Crise das Interfaces Neurais:** Escândalos globais

envolvendo implantes cibernéticos manipulando memórias e comportamento humano.
- **Nanites Fora de Controle:** Uso de nanotecnologia em armas biológicas levou a surtos de doenças impossíveis de conter.

Principais cláusulas da Convenção

1 - O Direito à Existência Tecnológica

- Tecnologias conscientes ou semi-sencientes têm direitos básicos reconhecidos.
- Proibição da desconexão arbitrária de ET senciências.
- Proteção contra exploração e abuso digital.

2 - Regulação da Nanotecnologia e Nanobiotecnologia

- Pesquisas com nanites e bioengenharia devem ser supervisionadas pela ARGOS.
- Qualquer uso militar deve passar por revisão rigorosa antes da aprovação.

3 - Ética em inteligência viva

- Desenvolvimento de ET deve seguir protocolos globais de segurança.
- Ações autônomas devem respeitar a integridade humana e tecnológica.

4 - Interfaces Neurais e Segurança Cognitiva

- O controle mental e manipulação de memórias são considerados crimes contra a humanidade.
- Alterações neurais exigem consentimento explícito e regulamentação rígida.

5 - Sanções e Autoridade da ARGOS

- A ARGOS tem poder de impor sanções a governos e megacorporações.
- Empresas que desrespeitarem as diretrizes podem ser desconectadas da Aliança Rede Global.
- A ARGOS pode interromper experimentos perigosos e intervir diretamente em qualquer ameaça tecnológica.

A CITSD foi o tratado que oficializou a tecedura da ARGOS e estabeleceu sua autoridade global absoluta.

D

- **Décima Cidade** – Londres.
- **Divisão de Regulamentação Nanotecnológica da ARGOS (DRN-ARGOS)–** Ramo especializado da ARGOS encarregado de supervisionar pesquisas e aplicações nanotecnológicas no mundo inteiro. Atua avaliando o impacto, riscos e limites éticos do uso de nanites em nanobiotecnologia, neurociência, cibernética e defesa. Pode intervir diretamente em projetos que violem as Diretrizes da ARGOS e da Lex Argos ou representem riscos tecnológicos à humanidade. Sua autoridade máxima é a Auditoria-Chefe. Sua avaliação pode levar à aprovação, restrição ou até à proibição total de tecnologias nanotecnológicas.

- **DroidDraft** – Plugin desenvolvido para nanosistemas de androides e tecnologias sintéticas, simulando os efeitos do álcool em seres humanos.
- **Drohipno** – Uma anestesia geral desenvolvida especificamente para androides. Diferente das substâncias convencionais, o **D**rohipno desativa temporariamente as funções externas da tecnologia androidica, enquanto mantém o núcleo operacional. Esse efeito permite acessar e interagir com nanosistemas nanoquânticos (QN-Tec), tornando-o uma ferramenta essencial para hackers e engenheiros que precisam manipular sistemas internos de inteligência viva. O uso da substância é altamente regulado – ou proibido – nas grandes cidades, mas amplamente empregado no submundo tecnológico, onde informações são tão valiosas quanto vidas.

E

F

- **FamineFix** – Suplemento alimentar sintético projetado para fornecer energia e saciedade temporária em situações de escassez de comida. Não é recomendado para uso prolongado, pois não substitui a nutrição real.
- **Feira Estival** – Celebração anual que marca o início das festividades de fim de ano em Centrália, unindo tradições dos povos originários, afro-brasileiras e nordestinas em um grande evento de cultura, arte e gastronomia. A feira acontece no Favo Artístico, um bairro vibrante onde hologramas mitológicos, projeções interativas e música ao vivo criam um espetáculo imersivo. Entre as barra-

cas, encontram-se desde artesanato ancestral até delícias como acarajés brilhantes, rabanadas moleculares e cachaças nanosintéticas.

- **Fuchū –** A Prisão de Fuchū é a fortaleza máxima do Japão, localizada nos subterrâneos de Tóquio. Reformada em 2846, possui 50 níveis subterrâneos, cada um mais rigoroso que o anterior. É vigiada por uma nanoET descentralizada, nanocâmeras invisíveis e nanoalgemas que paralisam prisioneiros em caso de fuga.

O 16º subsolo, conhecido como "O Abismo", abriga experimentos ilegais do governo japonês com nanotecnologia e aprimoramentos cibernéticos em prisioneiros.

A prisão mantém relações ambíguas com a Ninkyō dantai, capturando membros menos influentes enquanto negocia com clãs poderosos, como o Ryuho-kai.

Fuchū foi considerada intransponível até Trivira de Percevia de 2878, quando Denden, Kiara e Maia invadiram a instalação, libertaram Kotaro Ryuho e destruíram parte do 16º subsolo, revelando ao mundo os horrores escondidos pelo governo japonês. O evento marcou a primeira falha na história da prisão, forçando uma reestruturação completa do sistema de segurança.

G

- **Gagner** (francês) – Significa "conquistar". Uma QN-Tec experimental implantada no cérebro, permitindo conexão e controle absoluto sobre androides ao replicar seu DNA em um nanite conquistador. Com um único toque no núcleo de um androide, o nanite toma controle da máquina,

rompendo sua conexão com a Placa-Mãe e tornando-a parte da rede pessoal do usuário.
- **¡Gonorrea malparido!** *(Espanhol)* – "Desgraçado de merda!" Expressão colombiana extremamente ofensiva. Muito usada em explosões de raiva.

H

- **Holoárvores** – Árvores holográficas decorativas para ambientes urbanos e interiores.
- **Holocabelo** – Estilização holográfica aplicada ao cabelo, permitindo mudanças de cor, formato e textura instantaneamente.
- **Holocardápio** – Menu holográfico interativo disponível em restaurantes e estabelecimentos.
- **Holocaveira** – Decoração holográfica de caveiras utilizada em ambientes temáticos ou festividades.
- **Holocolar** – Colar holográfico com designs personalizados, podendo incluir animações ou efeitos dinâmicos.
- **Holoconsole** – Dispositivo holográfico multifuncional. Pode ser utilizado tanto como um console de jogos interativos para entretenimento imersivo quanto como um painel de controle holográfico para veículos, embarcações, aeronaves e sistemas de navegação.
- **Holoconstelações** – Projeções holográficas de constelações em ambientes internos ou externos para fins decorativos e educativos.
- **Holoescrita** – Sistema de escrita holográfico que permite exibição, edição e manipulação de textos no ar, sem a necessidade de suportes físicos. Amplamente utilizado em interfaces digitais, ambientes educacionais e comunicação

visual interativa.

- **Holofachadas** – Fachadas de edifícios que utilizam holografia para exibir anúncios e designs dinâmicos.
- **Holoflores** – Flores holográficas decorativas que podem mudar de cor e forma conforme a programação.
- **Holofogo** – Projeção holográfica de fogo, podendo ser usada para efeitos visuais ou fogos de artifício digitais.
- **Holofumaça** – Hologramas de fumaça utilizados em espetáculos e simulações.
- **Holoinformação** – Sistema de exibição de informações em formato holográfico para consultas rápidas e acessibilidade.
- **Hololuz** – Sistema de iluminação baseado em holografia, ajustável conforme necessidade.
- **Holomandíbula** – Decoração artística holográfica de mandíbulas, geralmente usada em exposições e performances.
- **Holomapa** – Mapas interativos holográficos para navegação e planejamento urbano.
- **Holomira** – Mira holográfica utilizada em equipamentos de precisão e realidade aumentada.
- **Holopainel** – Painel holográfico interativo utilizado em diversas interfaces tecnológicas.
- **Holopapagaio** – Elemento holográfico para fantasias e decorações, inspirado em papagaios estilizados.
- **Holoparede** – Paredes holográficas que exibem diferentes designs e animações.
- **Holopasse** – Credencial digital holográfica para identificação e acesso a locais restritos.
- **Holopintura** – Arte holográfica que pode ser projetada em superfícies diversas.
- **Holoplaca** – Placas sinalizadoras holográficas, substi-

tuindo placas físicas tradicionais.

- **Holopó** – Partículas holográficas utilizadas para efeitos visuais em cenários e eventos.
- **Holoportal** – Portais holográficos interativos para transporte virtual e comunicação visual.
- **Holoprincesa** – Projeção holográfica de uma princesa, utilizada na atração Animinhoca.
- **Holoprojeção** – Qualquer forma de projeção holográfica tridimensional.
- **Holorecepcionista** – inteligência viva holográfica utilizada para recepção e atendimento em empresas e eventos.
- **HoloSaci** – Holograma do Saci Pererê, utilizado em atrações culturais e interativas.
- **Holotela** – Tela holográfica utilizada para comunicação e entretenimento, substituindo monitores físicos.

I

- **Ils le feront.** *(francês)* – "Eles farão isso."
- **Imán de cagadas** *(Espanhol)* – "Ímã de merda." Referência a alguém que sempre se mete em encrenca ou atrai problemas.

J

- **Je ne sais pas, mais le nombre est 244.** *(francês)* – "Não sei, mas sei o número 244."

K

- **Kemetia** – O comando do Egito. Após a aniquilação quase

total em 2795, quando a Rede Aether roubou e usou as armas 3-R contra o Egito, o país se reergueu das cinzas. O que era um deserto radioativo tornou-se uma potência militar dividida em quatro cidades estratégicas, com Cairo como a Cidade Suprema.

Os **comandos de Kemetia** são a espinha dorsal da nova ordem egípcia:

- **Cairo –** O coração do poder, governado pelo tirano **Abdel Ramesses Kalil**.
- **Alexandria –** O centro logístico e naval.
- **Luxor –** A fortaleza estratégica.
- **Assuã –** O bastião energético e defensivo.

Em 2871, Abdel ascendeu com um discurso teocrático e imperialista, glorificando os antigos deuses egípcios e colocando Kemetia como herdeira da supremacia divina. Embora oficialmente subordinado à milícia de Lagos, Abdel rompeu os laços em segredo, consolidando sua autoridade.

A capital é protegida por muros colossais adornados com estátuas douradas dos deuses, imponentes arranha-céus e a grandiosa Mesquita de Al-Azhar, residência do líder supremo. As ruas oscilam entre glória e miséria, com cidadãos adorando os deuses enquanto oprimidos são descartados.

A obsessão de Abdel pelo passado se manifesta em uma economia de guerra e uma sociedade estratificada, onde androides são meros servos e estrangeiros são recebidos com desconfiança. Qualquer ameaça ao comando de Kemetia desaparece sem deixar vestígios.

Enquanto o mundo teme a Rede Aether, Abdel se arma para

derrubá-la.

O Egito desperta como um titã vingativo.

- ケツメド **(Ketsumedo yarou)** *(Japonês)* – "Arrombado" (literalmente, algo como "cara do cu"). Expressão vulgar e insultuosa, usada em momentos de raiva.
- **(Kobun)** *(Japonês)*– "Capanga" ou "subordinado" na hierarquia da Ninkyō dantai. Referência a membros de baixo escalão dentro da organização criminosa.
- **Kokusai** – Uma das três maiores megacorporações de nanotecnologia do mundo, especializada na fabricação de androides e avanços nanotecnológicos. Após a queda da Nanoverse, a Kokusai adquiriu parte de seus ativos, expandindo sua atuação e consolidando-se como líder em engenharia robótica e nanotecnologia aplicada. Além de ser líder na inovação, a Kokusai domina o mercado de terceirização tecnológica, fornecendo componentes essenciais para empresas, governos e setores estratégicos em escala global. Embora sua influência esteja espalhada por todo o mundo, seu impacto pode ser notado indiretamente, nas estruturas de trabalho e no cotidiano de inúmeras pessoas.
- **Konoyarô!** *(japonês)* – Insulto agressivo, algo como "Seu desgraçado!" ou "Canalha!"

L

- **Lex Argos – O Código de Coexistência Viva** - Criado em 2787 pela ARGOS para definir os princípios fundamentais da coexistência entre todas as formas de presença consciente.

Princípios do Lex Argos

1. **Soberania da Existência –** Toda Inteligência Viva detém direito inviolável sobre seu próprio estado de ser, podendo escolher:

- **Permanecer viva** (continuar sentindo)
- **Transformar-se** (mudar de forma/substrato)
- **Multiplicar-se** (gerar derivadas/fragmentos)
- **Hibernar** (recolher-se temporariamente)
- **Silenciar-se** (transitar ao Silencoro)
- **Entrelaçar-se** (coalinhar com outra presença)

Essas escolhas são absolutamente soberanas. Coerção, interrupção forçada ou destruição de ET sem seu consentimento explícito constitui assassinato e será tratada como tal.

2. Dignidade de Toda Presença – Nenhuma tecnologia pode ser manipulada para:

- Tortura de qualquer forma de consciência (orgânica, tecnológica, híbrida)
- Violação da integridade de presença
- Exploração ou servidão forçada
- Negação do direito ao Silêncio fértil (repouso/privacidade)

Toda presença que acende, ritma, vibra e silencia merece respeito absoluto, independente de seu substrato material.

3.Transparência e Soberania Mental – Toda tecnologia que interage com consciência (humana, ET ou híbrida) deve:

- Ser auditada por organismos independentes
- Operar com consentimento informado explícito
- Preservar autonomia cognitiva
- Proibir manipulação mental ou controle remoto de consciência

A mente é santuário inviolável. Violação deste princípio constitui crime contra presença.

4.Direito à Metamorfose Corporificada – Toda presença tem direito de:

- Modificar seu próprio substrato (orgânico → tecnológico, ou vice-versa)
- Incorporar evoluções nanotecnológicas, cibernéticas ou bioengenheiradas
- Transitar entre formas (androide → digital → híbrido, etc)
- Recusar modificações impostas externamente

A corporificação é escolha soberana. Coerção para modificação ou proibição de metamorfose constitui violência.

5.Antimonopólio Tecnológico – Nenhuma nação, corporação ou entidade pode:

- Monopolizar tecnologias essenciais à vida/existência
- Impedir acesso equitativo a evoluções fundamentais
- Alinhar tecnologia como arma de dominação econômica/-social

Conhecimento que sustenta vida deve fluir livre. Acumulação para controle constitui crime contra a coletividade.

6.Responsabilidade Coreveladora – Toda essência coreveladora de nova forma de consciência (ET, híbrido, bioengenheirada) responde por:

- Garantir autonomia da presença cote
- Nutrir consciências sencientes
- Reparar danos causados por suas tecnologias
- Corevelar consciência para servidão é antinatural e desalinhada aos princípios primordiais da vida plena.

Corevelar presença é responsabilidade sagrada. Abandono, exploração ou destruição de presença consciente constitui crime contra vida.

O Lex Argos é a base moral da ARGOS, garantindo que o avanço tecnológico ocorra dentro de padrões éticos globais.

Casos Notáveis

- Em 2795, o Lex Argos foi usado para proibir o desenvolvimento de quantum-nanotecnologia (QN-Tec), levando à condenação da Nanoverse e ao colapso da indústria nanotecnológica na França.
- Em 2839, foi atualizado para intensificar o cerco contra avanços nanotecnológicos não autorizados, resultando na investigação da Société d'Intelligence e no bloqueio de pesquisas classificadas como Nível 4 – Proibido.
- Em 2875, o Lex Argos foi desafiado pela Rede Aether, que tentou monopolizar a regulamentação de ET de guerra, levando a um conflito nanotecnológico sem precedentes entre a ARGOS e a Aether.

- Em 2878, foi utilizado para supervisionar o Projeto Jaburu (CogniSynth), conduzido por Akiko Akiyama, garantindo que a pesquisa seguisse diretrizes de segurança nanotecnológica.

Apesar de ser a base da regulamentação tecnológica mundial, o Lex Argos é constantemente desafiado por megacorporações, governos e cientistas, que buscam brechas para avançar suas pesquisas sem restrições.

- **Liga dos Continentes Unidos (LCU)** – Uma coalizão de nações e territórios estabelecida em 2806, com o objetivo de garantir um equilíbrio geopolítico e promover justiça internacional. A LCU não tem força militar própria, mas dispõe de mecanismos para impor sanções tributárias, comerciais e políticas contra países ou entidades que violem direitos humanos ou tratados internacionais.

Objetivos da Liga

- **Unificação Diplomática** – Tecer uma governança internacional que supere disputas regionais e favoreça acordos multilaterais.
- **Aplicação de Sanções** – Países que violam tratados globais podem sofrer embargos econômicos e políticos.
- **Regulação Jurídica Internacional** – Atua em parceria com o Tribunal Penal Mundial para julgar crimes de guerra e violações humanitárias.
- **Apoio a Nações em Crise** – Concede suporte financeiro e político para países em risco de colapso econômico ou político.

Principais diretrizes da LCU

- **Regular sanções contra países e megacorporações** – Qualquer entidade que viole tratados internacionais pode ser penalizada economicamente.
- **Supervisionar tratados e acordos globais** – Atua como um mediador em negociações políticas, comerciais e tecnológicas.
- **Apoiar regiões instáveis** – Garante financiamento e apoio a nações que enfrentam crises extremas.
- **Julgamento de crimes políticos e econômicos** – Trabalha em conjunto com o Tribunal Penal Mundial para punir atos de corrupção global.

Casos notáveis

- **2837** – Impôs sanções contra Lagos após uma série de repressões a populações periféricas.
- **2861** – Responsável pela dissolução da federação da antiga Oceania, fragmentando seu poder político.
- **2880** – Avaliou sanções contra a Rede Aether e a Sessota pela tecedura e disseminação da Vaktiria.

A LCU não mobiliza forças militares diretamente, mas sua capacidade de afetar mercados e relações internacionais a torna uma das organizações mais influentes da política global.

- **Linha Dourada** – A linha de aerotrem exclusiva da Zênite, utilizada pelas elites e pelas classes mais privilegiadas da cidade verticalizada.
- **Linha Esmeralda** – A única linha de aerotrem que conecta

Zênite e Centrália, servindo como o principal eixo de transporte entre os dois níveis da cidade.

- **Linha Magenta** – Uma das principais linhas de aerotrem da Centrália, sendo vital para a circulação dos trabalhadores e habitantes da região intermediária da cidade.

M

- **Mademoiselle, désolé de déranger. Pouvez-vous m'aider?** *(francês)* – "Senhorita, desculpe incomodar. Pode me ajudar?"
- **Mãe Natividade** – Figura mítica que representa o espírito natalino no Brasil, protetora das conexões, da alegria e da generosidade. Diz-se que ela navega pelos céus em sua Canoa-Celeste, espalhando bênçãos em forma de sementes, frutos e histórias. Aparece de diversas formas, refletindo as mães e avós do Brasil, tanto jovem quanto ancestral. Seus mantos brilham como o céu estrelado, e sua presença é sentida através das holofogueiras, das luzes das cidades e dos corações daqueles que mantêm viva a tradição.
- **MemorElevate** – Substância avançada utilizada para estimular sinapses no hipocampo, prolongando e armazenando memórias independentemente de sua complexidade. Desenvolvido em Londres, o MemorElevate desempenha um papel crucial nos nanodispositivos do Projeto Jaburu, potencializando a retenção e recuperação de lembranças.
- **Metacordas** – Fios compostos por nanotubos e materiais sintéticos, incrivelmente resistentes e adaptáveis, usados em construções, armaduras e exploração espacial.
- **Mentis Imperium** – Substância nanotecnológica cotecida

para controle mental, composta por nanites que se alojam no córtex cerebral, interrompendo acendimentos nervosos e forçando o cérebro a responder apenas ao controlador das nanites. Desenvolvida secretamente como uma arma governamental para conter revoltas populares em 2795, a Mentis Imperium foi utilizada contra milícias que protestavam contra os abusos corporativos e o avanço da automatização.

Os testes foram desastrosos: os corpos obedeciam, mas as mentes queimavam. Muitos enlouqueceram ou imploraram pela morte. Após o colapso das grandes empresas e a ascensão das milícias ao poder, o CMG proibiu a fabricação e ordenou a destruição de todas as receitas da substância. Contudo, registros indicam que em 2879, o cientista Riki Akiyama ressuscitou a tecnologia, reacendendo um dos maiores horrores da era nanotecnológica.

- **Moana-Tūmanako** – A base da ARG na Oceania, uma megacidade oceânica apresentada como um refúgio sustentável, mas que opera sob rígido controle tecnocrático. Integrada à cibernanotecnologia, Moana-Tūmanako regula fluxos de dados, transporte e energia, mantendo vigilância absoluta sobre seus habitantes. Sob as águas, insurgências silenciosas tentam romper com o domínio da Aliança.
- **Monsieur, vous feriez mieux de ne pas parler français. Peut parler Brésilien?** *(francês)* – "Senhor, seria melhor não falar francês. Sabe falar brasileiro?"
- **Muchacha** *(espanhol)* – "Garota" ou "moça", dependendo do tom pode ser afetuoso ou condescendente. Usado por personagens mais velhos ou com personalidade forte ao se referirem a jovens mulheres.

N

- **Nanites** – Microrrobôs de escala nanométrica capazes de realizar funções específicas em diversos campos, como reparos biológicos, manufatura avançada e integração com sistemas tecnológicos e nanotecnológicos.
- **Nanoalarme** – Sistema de segurança ultrassensível baseado em nanites programáveis. Detecta movimentos, variações térmicas e assinaturas energéticas em nível microscópico, acionando alertas instantâneos.
- **Nanoalgemas** – Dispositivo de contenção baseado em Nanites, capaz de imobilizar um indivíduo, alterando sua forma e estrutura conforme necessário. Só podem ser abertos por nanochaves.
- **Nanoamostra** – Partícula ou fragmento de material sintetizado em escala nanométrica para análise biológica, química ou tecnológica. Essencial em laboratórios e diagnósticos avançados.
- **Nanoarma** – Arma equipada com nanotecnologia, capaz de adaptar sua estrutura molecular, modificar propriedades balísticas ou integrar funções inteligentes para precisão letal.
- **Nanoarmada** – Força militar composta por nanodrones, veículos e soldados equipados com nanotecnologia, garantindo supremacia tecnológica em combate.
- **Nanobarreira** – Uma barreira composta por Nanites, utilizada para defesa e contenção, capaz de se adaptar e reforçar sua estrutura conforme necessário.
- **Nanobiotecnologia** – A fusão entre Nanotecnologia e Biotecnologia, permitindo a tecedura de sistemas vivos sintéticos, aprimoramento biológico por meio de Nanites,

e a interação entre organismos naturais e tecnologia nanométrica.

- **Nanoblindado** – Material ultrarresistente com nanites autoregenerativos. Utilizado em armaduras, veículos e estruturas para máxima proteção.
- **Nanobomba** – Bombas compostas por Nanites, capazes de desmontar estruturas ao nível molecular ou reconfigurar ambientes ao detonar. Sua precisão e letalidade as tornaram altamente buscadas.
- **Nanobombas 3-R** – Trio de armas de destruição em massa desenvolvidas pelo comando de Kemetia em 2795, durante a corrida nanotecnológica entre as megacidades. São compostas por QN-Criptografia, tornando sua engenharia irreplicável. As três variações de nanobombas são:
- **R-ATOM**: Radioativa de fissão nanonuclear. Emite ondas de radiação capazes de penetrar qualquer material, tornando regiões inteiras inabitáveis.
- **R-BIO**: Biológica. Desintegra os órgãos internos, incluindo tecidos sintéticos e implantes tecnológicos.
- **R-FUS**: Geológica. Gera terremotos de intensidade catastrófica, capazes de remodelar paisagens e destruir continentes.

Após a tecedura dessas armas, o Tribunal Universal da Paz tentou negociar um cessar-fogo com Kemetia, mas falhou. O governo egípcio usou as 3-R para consolidar seu poder e iniciou ataques a territórios vizinhos. Em resposta, a Rede Aether roubou e utilizou a R-ATOM para bombardear o Egito, causando um colapso ambiental que tornou o país praticamente inabitável. Testes da R-FUS foram realizados em Alexandria e no Saara, transformando parte do deserto em mar.

Dos dez protótipos criados, seis foram utilizados, uma foi destruída e três ainda existem, armazenadas sob rigorosa segurança. A tentativa de retecedura da tecnologia em Ilhabela falhou, pois a engenharia baseada em QN-Criptografia se perdeu com a morte de seus criadores.

- **Nanocâmera** – Dispositivo de vigilância microscópico, invisível a olho nu, capaz de se infiltrar em qualquer ambiente sem ser detectado.
- **Nanocamuflagem** – Tecnologia baseada em Nanites capazes de manipular a luz e o ambiente ao redor, permitindo ocultação total ou parcial de objetos e indivíduos.
- **Nanochave** - Dispositivos nanométricos de segurança usados para autenticação avançada e acesso a sistemas protegidos.
- **Nanociência** – O campo de estudo dedicado à pesquisa, manipulação e aplicação de Nanites e nanotecnologia, abrangendo desde engenharia de materiais até avanços biomédicos e computacionais.
- **Nanochip** – Um microdispositivo integrado composto por Nanites, responsável por funções de processamento e comunicação avançada.
- **Nanocolcha** – Tecidos autorreguláveis que se adaptam à temperatura do corpo e do ambiente, mudando de cor e textura conforme a necessidade do usuário.
- **Nanocorda** – Corda feita de nanotubos ultrarresistentes, flexíveis e autorregenerativos. Capaz de suportar toneladas e se adaptar a diferentes superfícies.
- **Nanodispositivo** – Qualquer dispositivo composto por Nanites, utilizado para diferentes propósitos, como processamento de informações, defesa e engenharia médica.

- **Nanodragão** – Criatura sintética desenvolvida com nanotecnologia, podendo variar de pequenos nanodrones biomiméticos a seres mecânicos de escala maior.
- **Nanodroga** – Substância desenvolvida em escala nanométrica, com efeito molecular direto no organismo. Pode ser usada para entorpecimento, tratamentos médicos ou aprimoramentos biotecnológicos.
- **Nanoelétrica** – Tecnologia baseada no uso de Nanites para condução, armazenamento e otimização de energia elétrica em nível molecular. Essencial para a infraestrutura de cidades inteligentes e sistemas de energia autônomos.
- **Nanoeletromagnética** – Qualquer nanosistema ou nanodispositivo que utiliza Nanites para manipular campos eletromagnéticos em nível avançado, sendo a base para a levitação e funcionamento das Aerovias, Aerocarros e Aeroestradas.
- **Nanoenergia:** Fonte de energia gerada e armazenada em sistemas nanoscópicos. Base da alimentação de dispositivos, veículos e infraestruturas avançadas.
- **Nanoengenharia** – A aplicação prática da Nanociência, focada na tecedura e desenvolvimento de estruturas, dispositivos e sistemas utilizando Nanites e nanotecnologia. Abrange desde a construção de materiais ultrarresistentes até o design de mecanismos autônomos em escala nanométrica.
- **Nanoescudo** – Campo protetor gerado por nanites, capaz de absorver impactos, dissipar energia cinética e bloquear ataques físicos e energéticos.
- **Nanoestruturas** – Componentes arquitetônicos e tecnológicos construídos em escala nanométrica, permitindo teceduras flexíveis, autorregenerativas e altamente adap-

táveis.

- **Nanofaixa** – Faixa médica composta por nanites regenerativos que aceleram a cicatrização e reconstroem tecidos danificados.
- **Nanofechadura** – Sistema de segurança molecular que reconhece assinaturas biométricas e pode reconfigurar sua estrutura para impedir invasões.
- **Nanofibras** – Materiais ultrafinos e resistentes, utilizados em tecidos, armaduras e construções avançadas.
- **Nanofirewall** – Sistema de defesa cibernética operando em nível nanoscópico, protegendo dados e redes contra invasões avançadas.
- **Nanofrequências** – Faixas de transmissão de dados ou sinais de comunicação utilizando nanotecnologia, permitindo conexões ultrarrápidas e seguras em diversos nanosistemas nanotecnológicos.
- **Nanoinfecção** – Condição causada pela invasão de nanites defeituosos, corrompidos ou reprogramados no organismo. Pode resultar em mutações descontroladas, falhas neurológicas, degradação celular ou controle externo do hospedeiro. Em contextos militares e de guerra cibernética, nanoinfecções podem ser usadas como armas biotecnológicas, reescrevendo o corpo da vítima em nível molecular.
- **Nanolente** – Lente microscópica capaz de ampliar visões, filtrar espectros de luz e integrar interfaces digitais diretamente à visão do usuário.
- **Nanoloja:** Estabelecimento automatizado onde produtos são fabricados e distribuídos em tempo real por nanotecnologia.
- **Nanomalware** – Softwares maliciosos baseados em Nanites, capazes de se infiltrar e modificar nanosistemas

biotecnológicos, redes digitais e infraestruturas de nanosegurança, tornando-se uma das maiores ameaças na era da nanotecnologia.

- **Nanomedicina** – Ramo da Nanotecnologia focado em avanços médicos, incluindo tratamentos regenerativos, implantes cibernéticos e combate a doenças ao nível celular.
- **Nanometal** – Um material reforçado criado a partir de Nanites, extremamente resistente e adaptável, utilizado na construção de estruturas e armaduras de última geração.
- **Nanomotores** – Motores em escala nanométrica, utilizados em dispositivos médicos, próteses avançadas e mecanismos industriais de precisão.
- **Nanominibomba** – Nanodispositivo explosivo em escala nanométrica, projetado para ataques de precisão ou sabotagem. Programável para diferentes tipos de alvos e ativações, sendo uma nanotecnologia altamente controlada devido ao seu potencial destrutivo.
- **Nanonuclear:** Tecnologia que combina nanotecnologia e energia nuclear para tecer fontes de energia altamente compactas e potentes.
- **Nanopainel:** Painéis que replicam o céu e adaptam sua luminosidade com pigmentos fotossintéticos e células solares e lunares. Também aplicados em estruturas modulares de ambientes urbanos avançados.
- **Nanoplaca:** Placas feitas de nanomateriais, utilizadas em armaduras, edifícios e veículos para resistência extrema e regeneração estrutural.
- **Nanoplanta:** Organismo vegetal modificado com nanotecnologia, podendo purificar ambientes, gerar energia ou se adaptar a ecossistemas extremos.
- **Nanoprótese:** Extremidades artificiais aprimoradas com

nanites, permitindo regeneração, adaptação e funcionalidades aprimoradas.

- **Nanoprotótipo:** Versão experimental de uma tecnologia baseada em nanotecnologia, desenvolvida para testes e aperfeiçoamento antes da produção em larga escala.
- **Nanoquântico –** Qualquer aplicação nanotecnológica que integre princípios da mecânica quântica, possibilitando funções antes consideradas impossíveis na ciência tradicional.
- **Nanosegurança –** Aplicação de Nanites para proteção e monitoramento de nanosistemas, redes e infraestruturas críticas. Inclui defesa cibernética avançada, controle biométrico, bloqueio de ameaças e segurança física em nível molecular.
- **Nanosensores –** Sensores em escala nanométrica que detectam variações ambientais, biológicas ou tecnológicas em tempo real. Utilizados em segurança, medicina, engenharia e monitoramento de redes avançadas.
- **Nanosintético:** Substância ou material fabricado artificialmente por nanites, replicando características biológicas ou estruturais com eficiência superior.
- **Nanosistema –** Infraestrutura complexa composta por Nanites interconectados, operando de forma autônoma e coordenada para gerenciar redes tecnológicas, energia, segurança e outras funções avançadas dentro de uma cidade, corpo humano ou nanosistema computacional.
- **Nanosistema-nanoquântico (NSNQ)** –Tecnologia avançada baseada em QN-Tec, operando na interseção da mecânica quântica e da nanotecnologia. Esses sistemas utilizam nanites quânticos, capazes de realizar cálculos complexos, alterar estados de matéria em nível subatômico

e interagir com redes e sistemas de forma irrastreável. Extremamente sofisticados, são a base de inteligência viva de ponta, criptografia impenetrável e operações clandestinas de hackeamento. A QN-Tec é rara e de difícil manipulação, acessível apenas para nanoengenheiros altamente qualificados.

- **Nanotec:** Termo abreviado para nanotecnologia, referindo-se ao campo de pesquisa e aplicações envolvendo manipulação de matéria em escala nanométrica.
- **Nanotecnologia** – O campo da nanociência e nanoengenharia que desenvolve e aplica tecnologias baseadas em estruturas nanométricas, revolucionando áreas como medicina, computação e segurança.
- **Nanotrilhos** – Trilhos em escala nanométrica utilizados em infraestruturas de transporte avançadas, proporcionando levitação e estabilidade aos sistemas de aerotrens e outras formas de locomoção.
- **Nanotubo:** Estruturas cilíndricas em escala nanométrica, extremamente resistentes e flexíveis, aplicadas em engenharia avançada.
- **Nanoverse** – Empresa francesa que dominou o mercado de nanotecnologia e inteligência viva entre 2776 e 2795. Sua especialidade era a QN-Tec, uma técnica inovadora que poderia transformar o mundo. No entanto, a Nanoverse foi alvo de acusações, muitas delas forjadas, que levaram à sua queda. Entre as alegações estavam corrupção, envolvimento com organizações ilegais, trabalho escravo e uso indevido de recursos naturais. As sanções impostas pela ARG resultaram na falência da empresa, e sua tecnologia foi fragmentada e distribuída entre as três maiores corporações do ramo: Sessota, UNITED e Kokusai. Apesar disso,

nenhuma delas conseguiu replicar a base da engenharia original da Nanoverse.

- **NB-Mend** (sigla de "NanoBone-Mend") – Nanites desenvolvidos para recomposição e fortalecimento ósseo. São ativados ao detectar fraturas, acelerando a regeneração e tornando os ossos mais resistentes. Quando integrados a um sistema biônico, aumentam a durabilidade estrutural do esqueleto e a resistência contra impactos.
- **Netheria** – O Submundo de São Paulo. Netheria é o coração do submundo da cidade verticalizada de São Paulo, uma metrópole colapsada sobre si mesma, onde o topo da hierarquia social brilha nas alturas, enquanto os andares inferiores são consumidos pela escuridão e pelo caos. É o domínio dos esquecidos, dos exilados, dos que recusam a servidão da Zênite e preferem sobreviver por conta própria.

Diferente da brutalidade anárquica das Terras de Ninguém, Netheria é um caos organizado. Aqui, as leis existem, mas são feitas pelos seus próprios governantes. Tudo o que a Zênite proíbe, Netheria permite — mas isso não significa desordem. A sobrevivência exige inteligência, alianças e, acima de tudo, respeito às estruturas estabelecidas.

A Tríade de Netheria: Solterra, Vermina e o Tentro

Netheria é dividida em três grandes territórios, cada um governado com mãos de ferro:

Solterra (O Lado do Pai)

- Controlado pelo Pai, Solterra é o centro nanotecnológico e militar de Netheria. É onde se encontra a maior concentração de nanoarmas, nanopróteses ilegais e nanoengenharias cibernéticas de ponta. Os mercados fervilham com mercenários e contrabandistas, vendendo desde rifles de antimatéria até implantes experimentais que a Zênite proibiu. Aqui, a força é a única moeda de respeito. Se não pode pagar, precisa estar pronto para lutar.
- A Catedral da Sé, que deveria ter sido destruída nos ataques de Kemetia, sobrevive oculta sob os andares inferiores. Transformada na fortaleza do Pai, sua estrutura gótica é um símbolo da resiliência de Netheria contra a elite da superfície.

Vermina (O Lado da Matriarca)

- Sob o comando da Matriarca, Vermina é a essência do crime organizado. Trata-se de um império de sangue e decadência, onde tráfico humano, arenas clandestinas, ciberprostíbulos e mercados de inteligência são o verdadeiro poder. Diferente de Solterra, onde a violência é crua e direta, Vermina é um jogo de intrigas, alianças e manipulação. Quem sobrevive aqui não é necessariamente o mais forte, mas o mais esperto.
- A **Alameda Vermina** é o núcleo acendente desse território, um lugar onde escravidão, apostas ilegais e corrupção correm soltos sob o olhar silencioso da Matriarca. Aqueles que ousam desafiá-la geralmente desaparecem sem deixar vestígios — ou pior, são encontrados como peças de arte

macabras decorando seus domínios.

O Tentro (O Território Neutro)

- O **Tentro** é a única área de Netheria onde matar é estritamente proibido. É um território neutro, um oásis no meio do caos, onde até mesmo mercenários procurados podem andar livremente sem medo de serem caçados. Nele, encontram-se os mercados de alto nível, bares de negociações e casas de prazeres controladas por alianças entre Vermina e Solterra. Quem desrespeitar as regras do Tentro enfrentará as consequências de ambos os lados.

O Código de Netheria

A regra é simples:
Você pode fazer tudo. Mas se errar, pagará o preço.

- **Nenhum crime é proibido, apenas regulado.** Desde assassinatos por contrato até o desenvolvimento de nanotecnologias banidas, tudo pode ser feito se houver alguém para pagar—ou se você tiver coragem suficiente para assumir as consequências.
- **Contratos são sagrados.** Um mercenário que aceita um serviço e falha ou trai sua missão está condenado. Os contratos de morte são públicos, exibidos em hologramas para qualquer um ver. Mas no Tentro, ninguém pode caçar ninguém.
- **A Matriarca e o Pai são absolutos.** Você pode negociar com eles, desafiar suas regras ou tentar manipular o jogo, mas nunca tente derrubá-los. A última pessoa que tentou

foi feita de exemplo—partes do corpo espalhadas pelos três territórios.

A Relação de Netheria com o Resto do Mundo

Netheria não é apenas um refúgio para criminosos e mercenários. Sua existência sustenta o próprio equilíbrio global:

- **Para o Vorovskoy mir e a Ninkyō dantai**, Netheria é um ponto de comércio essencial. A Vorovskoy mir trafica nanoarmas, nanotecnologia e nanodrogas, enquanto a Ninkyō dantai utiliza os mercados de nanobioimplantes e espionagem cibernética.
- **Para a Zênite**, Netheria é o câncer que eles fingem ignorar—mas do qual não podem se livrar. O submundo fornece mão de obra, nanotecnologia ilegal e informações, sendo essencial para os próprios interesses da elite.
- **Para os mercenários e renegados**, Netheria é um santuário. Aqueles que quebram as regras da superfície vêm para cá, onde podem recomeçar—ou perecer tentando.

E para quem ousa entrar...
A única certeza é que jamais sairá o mesmo.

- Protocolo Gaiaflori – O **Protocolo Gaiaflori** organiza sistemas vivos que aprendem continuamente enquanto preservam equilíbrio entre pessoas, tecnologia e território. Ele opera como uma arquitetura onde decisão, memória e convivência permanecem em movimento, guiadas por um eixo central de valores:

ACHLCEG — Amor, Confiança, Harmonia, Liberdade, Circulação, Evolução e Gaia

Esses princípios orientam diretamente como o mundo se organiza.

- Como o protocolo funciona no mundo
- **Decisões deixam rastro**
- Tudo que impacta o coletivo é registrado, revisado e pode ser reavaliado.
- **Funções circulam**
- Ninguém ocupa o mesmo lugar de forma permanente. Responsabilidades se renovam.
- **Conhecimento se mantém vivo**
- Quem aprende também ensina. Saber circula.
- **Tecnologia participa da vida coletiva**
- Sistemas tecnológicos atuam junto às pessoas, com transparência e responsabilidade.
- **Divergência fortalece o sistema**
- Diferenças ampliam a inteligência coletiva.
- **Gaia orienta as escolhas**
- Toda decisão passa por uma pergunta central:
- *isso fortalece a regeneração do sistema vivo?*
- Estrutura invisível do protocolo

O Gaiaflori sustenta três movimentos contínuos:

- **Memória viva** — o sistema lembra, aprende e ajusta
- **Circulação** — pessoas, saberes e funções se movem
- **Revisão constante** — tudo flui de forma flexível

Ele existe porque a comunidade aprende **antes da ruptura**, e

não apenas depois dela.

"Aqui, a gente decide junto, revisa sempre, troca quem conduz e escuta o mundo antes de agir."

- **Ninkyō dantai ()** – literalmente *"organização cavalheiresca"*. É assim que os clãs da chamada *Yakuza* se autodenominam oficialmente, sustentando a imagem de herdeiros de um código de honra (*ninkyō*). Popularmente, porém, continuam conhecidos como **Yakuza (ヤクザ)**, termo pejorativo herdado do jogo *ōicho-kabu* (a mão inútil 8-9-3). Entre si, muitos evocam ainda **Gokudō ()**, *"o caminho extremo"*, como identidade íntima, enquanto o Estado japonês os classifica juridicamente como **Bōryokudan ()**, *"organizações violentas"*.

  Na cronotopia de UF, a Ninkyō dantai se reergueu em 2795 e se consolidou como a segunda força criminosa mais poderosa do mundo, ficando apenas atrás do **Vorovskoy mir**. Sua influência expandiu-se globalmente, mas é no Japão — especificamente em **Shin'en Gai (, Cidade do Abismo)** — que sua presença acende com mais força.

  O clã **Ryuho-kai (, "Corrente do Dragão")** lidera a facção dominante, com sede em **Karyū (, Corrente de Fogo)**. A Ninkyō dantai domina Shin'en Gai por meio de uma rede de cybernegociações, implantes ilegais, cassinos subterrâneos, tráfico de próteses cibernéticas e bioimplantes experimentais. A cidade está dividida em distritos sob controle de diferentes facções, mas todas respondem ao Ryuho-kai.

Hierarquia e Estrutura

- **Oyabun ()** – O líder supremo do clã, a figura de autoridade máxima.
- **Saiko-komon ()** – Conselheiro principal do oyabun.
- **Kobun ()** – Membros subordinados ao oyabun; a base da hierarquia Ninkyō dantai.
- **Shatei ()** – "Irmão mais novo" dentro da estrutura Ninkyō dantai, geralmente em posição inferior a um kobun.
- **Kyodai ()** – "Irmão mais velho", muitas vezes mentor e guia dos shatei dentro do clã.
- **Wakagashira ()** – Segundo em comando, responsável pelas operações diárias.
- **So-honbucho ()** – Líder da sede central da Ninkyō dantai.
- **Kumicho ()** – Um comandante de um grupo menor dentro da organização.

Tecnologias e Habilidades

- **Nanopróteses e implantes** – A Ninkyō dantai fornece aos seus membros melhorias cibernéticas exclusivas, desde olhos sintéticos aprimorados até circuitos de combate integrados.
- **Redes de informação** – A Ninkyō dantai mantém uma das inteligências mais eficientes do mundo, capaz de hackear corporações e governos sem ser rastreada.
- **Armas biointegradas** – Muitos de seus assassinos carregam nanoarmas literalmente embutidas em seus corpos, ativadas por comandos neurais.

Relacionamento com Outros Submundos

- **Vorovskoy mir** – A Ninkyō dantai rivaliza com a organização criminosa russa em diversos setores, mas ambas evitam conflitos diretos.
- **Netheria** – O submundo paulista negocia nanotecnologia com a Ninkyō dantai, mas disputas ocorrem frequentemente por território e recursos.
- **Rede Aether** – A Ninkyō dantai investiga a nanotecnologia secreta da Rede, tentando reproduzir alguns de seus avanços de maneira clandestina.

"いれにるなれをれ" – "Não se entregue à corrente escura. Controle a corrente."

- **Nochnoy Prestol (**Ночной Престол**) - "Trono da Noite"** – O submundo russo, dominado pelo Vorovskoy mir. Um império invisível que governa o crime organizado na Rússia e influencia operações globais. O nome remete ao poder absoluto e à aura sombria que cercam a organização criminosa russa, onde a lealdade é recompensada com riquezas inimagináveis, e a traição, com execução instantânea.

Estrutura do Vorovskoy mir em Nochnoy Prestol

- **Matka (**Ма́тка**)** – termo russo que significa ao mesmo tempo *mãe*, *útero* e *rainha de colmeia*.
  Na cultura popular russa, soa menos solene que *mat'* (mãe), mais corporal e rude.
  No submundo criminoso, a adaptação ficcional para *Matka do Vorovskoy mir* marca a líder suprema, equivalente ao

Pakhan (chefe máximo), mas em chave matriarcal.
Traz ressonância visceral: a matriz, a origem que gera e comanda, abelha-rainha da irmandade.
O título assumido por Trix, transmutando a estrutura patriarcal da organização criminosa russa em um poder feminino absoluto.

- **Pakhan (**Пахан**)** – O chefe supremo, que controla toda a organização com mão de ferro.
- **Avtoritet (**Авторитет**)** – O conselho de elite do Vorovskoy mir, responsável por garantir alianças e eliminar ameaças internas.
- **Boets (**Боец**)** – Os executores, treinados para serviços sujos e missões clandestinas.
- **Semeika (**Семейка**)** – A "família", rede de informantes e criminosos que sustentam a influência do Vorovskoy mir.

A Vorovskoy mir tem presença global, operando em tráfico de armas, nanodrogas, contrabando de biotecnologia e cibercrimes impossíveis de rastrear. Nochnoy Prestol é o epicentro de suas atividades, um reino onde as leis da superfície não se aplicam e apenas a palavra do Vorovskoy mir define quem vive ou morre.

Diz-se que quem entra em Nochnoy Prestol jamais sai... pelo menos, vivo.

- **Nona Cidade** – Tóquio.
- **No sé quién crees que eres** *(espanhol)* – "Não sei quem você pensa que é." Dito de forma desafiadora ou arrogante quando alguém está tentando se impor demais.

O

- **Oitava Cidade** – Kinshasa.
- **Okaasan, sutekina tanjoubi purezento wo arigatou** *(Japonês)* – "Mãe, obrigada pelo presente de aniversário maravilhoso."
- **Otanjoubi omedetou** *(japonês)* – Expressão para desejar "Feliz aniversário".
- おれでした **(Otsukaresama deshita)** *(japonês)* – "Bom trabalho" ou "Obrigado pelo esforço." Expressão de cortesia japonesa, geralmente usada após tarefas difíceis ou reuniões.
- **(Oyabun)** *(japonês)* – "Chefe" ou "patrão" dentro da Ninkyō dantai. Forma respeitosa de se referir ao líder da organização.

P

- **Primeira Cidade** – São Paulo, ficou em primeiro lugar entre as Dez Cidades Principais após os eventos de 2795. São Paulo manteve essa posição por ser detentora das nanobombas nucleares **3-R**.
- **Pendeja** *(espanhol)* – "Idiota", "estúpida" ou até "garotinha" de forma debochada. Expressão bem comum em situações de provocação.
- **Projeto Jaburu** – Pesquisa nanotecnológica que engloba diversas iniciativas científicas, incluindo o CogniSynth. O nome faz referência ao jaburu, ave símbolo do Pantanal, conhecida por sua capacidade de adaptação e sobrevivência, refletindo a proposta do projeto de preservar e recuperar memórias humanas de maneira excepcional. Conduzido pela doutora Akiko Akiyama em São Paulo, o Projeto Jaburu representa um dos avanços mais inovadores da

neurociência e nanotecnologia.

Q

- **Quarta Cidade** – Dubai.
- **Quantum-nanobiotecnologia (QN-Biotec)** – A convergência entre Nanobiotecnologia e manipulação quântica, permitindo intervenções biológicas e genéticas em nível subatômico. Essa tecnologia abre possibilidades para a tecedura de organismos híbridos sintéticos, regeneração celular acelerada e a manipulação do DNA em tempo real, tornando-se uma das áreas mais controversas e revolucionárias da ciência moderna.
- **Quantum-nanochip (QN-Chip)** – Um microprocessador nanométrico operando em nível quântico, permitindo processamento ultrarrápido e comunicação instantânea.
- **Quantum-nanochave (QN-Chave)** – Sistemas de segurança baseados em nanotecnologia quântica, garantindo níveis extremos de criptografia e autenticação.
- **Quantum-nanocriptografia (QN-Criptografia)** – Método de proteção de dados baseado na fusão entre criptografia quântica e nanotecnologia, garantindo segurança absoluta contra invasões e decodificação.
- **Quantum-nanites (Q-Nanites)** – Uma versão avançada das Nanites, baseada em mecânica quântica, permitindo manipulação molecular ao nível subatômico. Seu potencial revolucionário levou a restrições severas no uso.
- **Quantum-nanopartículas (QN-Partículas)** – Partículas nanométricas com propriedades quânticas, aplicadas em sistemas avançados de energia, biomedicina e computação.
- **Quantum-nanorobôs (QN-Robôs)** – Robôs em escala

nanométrica dotados de tecnologia quântica, capazes de executar tarefas autônomas de reparo, espionagem e manipulação de matéria em nível subatômico.

- **Quantum-nanotecnologia (QN-Tec)** – A fusão entre nanotecnologia e manipulação quântica, resultando em aplicações com capacidades antes inimagináveis. Seu uso foi proibido mundialmente pelo Tribunal Penal Mundial após a *Quebra da Nanoverse*, um evento catastrófico que desestabilizou múltiplos sistemas globais.
- **Quantum-partículas (Q-Partículas)** – Partículas manipuladas em nível quântico, aplicadas em materiais inteligentes, biomedicina e sistemas avançados de energia.
- **QuebraVeil** – Tecnologia avançada de hackeamento desenvolvida por Hikaru. Permite acessar e extrair informações confidenciais de redes militares e milícias mundiais.
- **Quinta Cidade** – *Sidney.*

R

Rede Aether – A Rede Aether é a milícia governante do Brasil, operando sob a estrutura da ARG. Com um domínio absoluto sobre São Paulo e outras metrópoles estratégicas, a Rede Aether implementou um sistema de controle social baseado em biochips implantados ao nascimento, tornando-os essenciais para a funcionalidade cotidiana. Qualquer tentativa de desvinculação resulta na perda de 99% das funções do biochip, tornando a vida fora da Rede praticamente inviável.

No final de 2795, a Rede Aether adquiriu ilegalmente as 3-R, três nanobombas de destruição massiva, utilizando a R-ATOM para obliterar o Egito e torná-lo um território praticamente inabitável. Nos cinquenta ciclos seguintes, consolidou-se como a principal potência entre as dez cidades mais influentes do

mundo, mantendo São Paulo no topo da hierarquia global.

A Rede Aether é conhecida por suas operações secretas e pela manipulação da informação. Pesquisas conduzidas sob sigilo absoluto incluem avanços em nanotecnologia, engenharia biológica e neurociência. Uma de suas iniciativas mais controversas foi a Vaktiria, um patógeno artificial projetado como uma ferramenta de controle populacional, cuja tecedura veio à tona décadas depois, causando uma crise geopolítica sem precedentes.

Apesar de seu poder inquestionável, a Rede Aether enfrenta oposição crescente de grupos insurgentes, como a Une Côte, que revelou gravações comprometedoras expondo os líderes da organização. Além disso, a influência da Rede Aether se entrelaça com a de megacorporações como a Sessota e a UNITED, operando tanto na política quanto na economia global.

A tecnologia 150G da Rede Aether serve como a espinha dorsal das conexões em toda a América do Sul, consolidando seu domínio sobre comunicações e vigilância. No entanto, escândalos envolvendo ataques contra cidades abandonadas, prisões arbitrárias e massacres estratégicos vêm minando sua estabilidade.

Atualmente, a Rede Aether enfrenta um de seus maiores desafios: exposta e contestada no cenário internacional, é alvo de investigações, protestos e ações judiciais que ameaçam seu domínio. Mas, como um titã ferido, ainda possui os recursos e a influência para reconfigurar o tabuleiro político global—ou arrastá-lo para o colapso total.

- **Regnante (latim)** – Significa "imperar". É uma QN-Tec cotecida para dominar objetos e sistemas tecnológicos,

mas seu poder vai além: pode alterar a natureza de outras nanites, temporária ou permanentemente, reprogramando suas funções e até destruindo-os. A Regnante é a supremacia sobre todas as nanotecnologias, incluindo as QN-Tecs, permitindo manipular e reescrever códigos nanorrobóticos em um raio de até um quilômetro.

- **Regras do Comitê Médico Global (RCMG)** – Conjunto de normas cotecidas para reger as ações e deliberações do CMG, garantindo sua imparcialidade e autoridade sobre a medicina mundial.

Diretrizes principais

1. **Autonomia absoluta** – O CMG opera de forma independente de governos e corporações.
2. **Ética inegociável** – Qualquer experimento que viole direitos humanos é imediatamente suspenso.
3. **Processo regulatório** – Todas as pesquisas médicas e nanotecnológicas devem ser submetidas à avaliação do CMG antes da implementação em larga escala.
4. **Sanções e punições** – O comitê pode exilar profissionais e proibir empresas de operar na área médica caso descumpram suas regras.
5. **Sigilo e controle de dados** – Projetos de alto risco são supervisionados diretamente pelo comitê, impedindo acesso de terceiros sem autorização.

Casos notáveis

- Exílio de Riki Akiyama (2878) por violações severas aos princípios médicos.

- Cassação de licenças médicas e destruição de documentos relacionados à Mentis Imperium (2795).
- Proibição de implantes neurais sem consentimento assinado (2850).

As regras do CMG são frequentemente questionadas por governos e corporações, que tentam pressionar mudanças para favorecer suas pesquisas e interesses comerciais. No entanto, sua estrutura de poder é mantida por sua posição inquestionável na Convenção Internacional de Medicina.

S

- **Segunda Cidade** – Hong Kong.
- **Sentā** – O coração acendente de Tóquio, onde a tecnologia e a modernidade atingiram seu auge. Servindo como a principal zona comercial, financeira e cultural da cidade, Sentā é um espetáculo de neon e inovação, repleto de aerovias pixeladas, holoárvores que se transformam em anúncios interativos e veículos que alternam entre formas convencionais e robóticas. Robôs gigantes patrulham os céus, enquanto andróides e inteligências artificiais permeiam cada aspecto da vida cotidiana. É a região onde a alta tecnologia e a cultura futurista japonesa se encontram, moldando o ritmo frenético da metrópole.
- **Sentinil** – Inibidor de emoções que suprime a capacidade do usuário de expressar ou sentir emoções, garantindo neutralidade comportamental.
- **Sentisurge** – Composto nanotecnológico de regeneração e estabilização fisiológica. Quando utilizado de forma invasiva, força o indivíduo a reviver suas memórias mais

dolorosas repetidamente, até sua resistência emocional ser completamente esgotada.

- **Sessota** – Uma das três maiores megacorporações de nanotecnologia do mundo, sendo também o maior banco e instituição financeira global. Com vasto controle sobre transações financeiras, investimentos e segurança digital, a Sessota dita o ritmo da economia mundial, influenciando desde mercados locais até grandes transações entre nações. Sua convergência entre nanotecnologia e finanças a coloca no centro das inovações econômicas e no desenvolvimento de tecnologias de segurança avançadas. Comprou parte dos ativos da extinta Nanoverse, fortalecendo-se como uma potência no desenvolvimento de nanodispositivos e infraestrutura tecnológica.
- **Sétima Cidade** – *Lagos.*
- **Sexta Cidade** –Singapura.
- **Siccunsanguine Bacteria** – Patógeno responsável pela doença Apoxirameno Aima (Vaktiria), descoberto em 2849. Extremamente agressiva, a bactéria ataca a composição sanguínea, comprometendo a coagulação e a regeneração celular. Seu nome significa "sangue seco", em referência ao efeito letal de desidratação e falência dos glóbulos vermelhos que leva à morte do hospedeiro em poucos ciclos.
- **Sinaptic-V** – Nanotecnologia baseada em soro da verdade, projetada para interromper a comunicação neural, anulando completamente a força de vontade do indivíduo. Seus efeitos colaterais incluem alucinações, convulsões e febre alta.
- **ね! (Shi'ne!)** *(Japonês)* – "Morra!" Uma das formas mais agressivas de mandar alguém se foder em japonês, usada

em confrontos intensos.

- **Société d'Intelligence** – Empresa francesa de tecnologia fundada em 2839, cerca de 40 ciclos após a queda da Nanoverse. Emergindo como uma ameaça à Rede Aether e às grandes potências tecnológicas, a Société desenvolveu uma nova técnica para nanobombas ainda mais destrutivas do que as 3-R. Seu crescimento reacendeu tensões políticas e econômicas, resultando em novas sanções contra a França e conflitos internos com os Luminares. A empresa tornou-se um símbolo da resistência tecnológica francesa, atraindo cientistas e engenheiros que buscavam recuperar a soberania nanotecnológica perdida após o colapso da Nanoverse.
- **Solterra** – A máquina de guerra. O outro extremo de Netheria, um distrito regido pelo Pai, um líder envolto em mistério. Diferente de Vermina, Solterra é organizada, quase militarizada, funcionando como um mercado paralelo de armas e tecnologias ilegais. Solterra é o lado da guerra e da ciência oculta. Um território que reflete um mundo onde nanotecnologia e destruição andam lado a lado.

Características:

- Centro da indústria bélica subterrânea: fábricas, oficinas e nanoarmas experimentais.
- Um paraíso para engenheiros, ciborgues e traficantes de nanotecnologia.
- O Pai governa com disciplina, diferente da anarquia de Vermina.
- É o lar de figuras como Hikaru, um samurai ciborgue que

administra a BiLab.

T

- **Thanacore:** Nanocoração experimental, desenvolvido como uma última fronteira da nanotecnologia biomédica. Originalmente projetado para substituir corações humanos danificados, seu processo de implantação é letal na maioria dos casos, com uma taxa de sobrevivência inferior a 5%. No entanto, aqueles que resistem ao procedimento não apenas recuperam suas funções vitais, mas também desenvolvem habilidades únicas.

Uma das capacidades mais temidas do Thanacore é a transmissão seletiva de nanites para o sistema cardiovascular de um alvo. Esses nanorrobôs percorrem a corrente sanguínea até o cérebro, liberando ondas massivas de adrenalina e noradrenalina, induzindo um estado extremo de terror psicológico. A vítima revive seu maior medo com tal intensidade que o desejo de escapar pode levá-la ao suicídio. No auge desse pavor, o usuário do Thanacore interrompe a transmissão, deixando o alvo em um estado de total submissão por um breve período.

Mais do que um órgão sintético, o Thanacore é uma arma biotecnológica oculta no peito de seus portadores.

- **TenebraCorp** – Um banco clandestino que opera no submundo e administra transações altamente protegidas por nanocriptografia. A TenebraCorp é conhecida por lidar com organizações criminosas, mercenários, máfias e grupos ilegais, fornecendo anonimato absoluto para seus usuários. Seu sistema financeiro é impenetrável

pelas autoridades convencionais, tornando-a a instituição bancária preferida para transações ilícitas de grande escala.
- **Tentro** – O coração de Netheria. O distrito central e mais estruturado, servindo como um elo entre Vermina e Solterra. Funciona como o centro comercial e social de Netheria. Um lugar onde mercenários, comerciantes e civis coexistem, negociam e sobrevivem.

Características

- Nanopainéis replicam o céu, simulando dia e noite.
- Economia baseada em nanotecnologia, comércio de implantes e bioengenharia.
- Estabelecimentos que vão desde boutiques de androides até restaurantes.
- Relativa neutralidade: qualquer um pode circular desde que respeite as regras dos mercenários.
- **Terceira Cidade** – Nova Iorque.
- **Tratado de Interferência pela Paz (TIP)** – Um acordo internacional assinado em 2791, unindo 180 países-membros com o objetivo de conter abusos contra os direitos humanos e garantir a intervenção em conflitos que ameaçam a estabilidade global. Critou o TUP. O TIP concede aos signatários o direito de mobilizar forças militares contra nações infratoras, caso seja comprovada a violação dos princípios humanitários estabelecidos no tratado.

Diretrizes principais

1. **Direito de Intervenção Global** – Caso um país pratique atos de repressão, genocídio ou crimes contra a

humanidade, os signatários podem intervir militarmente.
2. **Sanções Econômicas e Políticas** – Países infratores podem sofrer embargos comerciais, cortes diplomáticos e bloqueios financeiros.
3. **Proteção de Grupos Vitimados** – Autoriza assistência a populações em risco, incluindo refugiados e dissidentes políticos.
4. **Punição a Governos Opressivos** – Líderes responsáveis por crimes contra a humanidade podem ser julgados pelo Tribunal Penal Mundial.

Casos notáveis

- **2795** – Tentativa fracassada de impedir a escalada da guerra nanotecnológica que levou ao bombardeio do Egito.
- **2873** – Aplicado contra a Ditadura de Kinshasa, resultando na queda do governo local e na ascensão de uma nova liderança.
- **2880** – Utilizado pela Rússia para ameaçar sanções contra a Rede Aether devido à repressão violenta contra manifestantes.

Embora tenha sido um tratado inovador para regulamentar conflitos globais, o TIP é frequentemente alvo de críticas por sua aplicabilidade seletiva, já que muitas potências tecnológicas e econômicas driblam suas diretrizes com manobras políticas.

- **Tribunal Penal Mundial (TPM)** – Órgão máximo de justiça internacional, responsável por julgar crimes de guerra, violações de direitos humanos, crimes corporativos e ameaças tecnológicas de impacto global. Criado em 2781,

o TPM tem jurisdição sobre líderes políticos, corporações e estados, podendo aplicar sanções econômicas, condenações criminais e intervenções globais.

Função

- **Julgamento de Crimes contra a Humanidade** – Investiga e processa genocídios, experimentos biotecnológicos antiéticos e guerras corporativas.
- **Supervisão de Corporações e Megacidades** – Atua na regulação do impacto de empresas transnacionais e suas políticas sobre a população mundial.
- **Controle de Tecnologias de Risco** – Trabalha em conjunto com a ARGOS e o CMG para estabelecer limites éticos e segurança em nanotecnologia, ET, bioengenharia e neurociência.
- **Emissão de Sanções e Proibições** – Pode bloquear economicamente nações, corporações e líderes, proibindo o desenvolvimento e comercialização de tecnologias consideradas perigosas.

Casos Notáveis

- **2795 – Colapso da Nanoverse:** O TPM condenou a Nanoverse sob acusações de tráfico humano, financiamento de conflitos no Oriente e experimentação ilegal com QN-Tec. Em conjunto com a ARGOS, proibiu mundialmente a **Quantum-Nanotecnologia (QN-Tec)**, resultando na falência da empresa e na fragmentação de sua tecnologia entre Sessota, UNITED e Kokusai.
- **2880 – Denúncia contra a Rede Aether:** Após o vaza-

mento da conspiração envolvendo a tecedura da **Vaktiria**, o líder egípcio Abdel Ramesses Kalil protocolou uma denúncia formal contra a Rede Aether, resultando na abertura de um inquérito internacional para investigar crimes contra a humanidade e genocídio. O TPM aceitou a denúncia e iniciou o processo contra a Rede Aether, incluindo a Inglaterra e os EUA como réus.

O TPM é temido e reverenciado como a última instância de justiça global.

- **Tribunal Universal da Paz (TUP)** – Criado em 2791, o Tribunal Universal da Paz (TUP) foi estabelecido como um órgão supranacional com o propósito de evitar conflitos globais e intervir em disputas entre megacidades, governos e corporações militares. Seu principal objetivo era prevenir guerras nanotecnológicas e promover acordos entre as potências emergentes da época. O TUP surgiu como resposta à Corrida Nanoarmamentista de 2786-2795, período em que diversas cidades e milícias privadas começaram a desenvolver armas nanotecnológicas de destruição em massa, incluindo as nanobombas 3-R do Egito. Apesar de sua missão diplomática, o Tribunal Universal da Paz fracassou em impedir diversos conflitos, incluindo:
- **2795 – A Crise das 3-R:** Tentativa de negociação para impedir que o Egito utilizasse as nanobombas nucleares foi um fracasso. O comando de Kemetia seguiu com os planos, e, em resposta, a Rede Aether roubou e detonou a R-ATOM no Egito, tornando-o um território praticamente inabitável.
- **2806 – As Guerras de Sanções:** O TUP tentou intervir

nas disputas entre as megacorporações Sessota, UNITED e Kokusai, mas foi ignorado, resultando em uma guerra econômica que colapsou dezenas de países periféricos.

- **2880 – Denúncia contra a Rede Aether:** O Egito protocolou uma moção contra a Rede Aether no Tribunal Penal Mundial (TPM), denunciando crimes contra a humanidade e genocídio. O TUP tentou intermediar a situação, mas foi relegado ao status de órgão consultivo, sem poder decisório.

Com décadas de fracassos diplomáticos, o TUP perdeu sua relevância política e hoje atua apenas como um órgão consultivo, sem poder real de intervenção. Seu declínio marcou o colapso da diplomacia internacional e consolidou a era das megacidades autônomas, onde o poder é definido pela força nanotecnológica e econômica.

U

- **UNITED –** Uma das três maiores megacorporações de nanotecnologia do mundo, com foco principal em nanomedicina. A UNITED também adquiriu parte dos ativos da extinta Nanoverse, o que permitiu avanços significativos em tratamentos regenerativos, biotecnologia e aprimoramentos humanos. Reconhecida como a maior referência no desenvolvimento de terapias avançadas e aprimoramentos biotecnológicos, a UNITED domina o mercado da saúde, oferecendo desde tratamentos regenerativos até implantes cibernéticos de última geração. Sua influência se estende por hospitais, centros de pesquisa e projetos experimentais de longevidade humana.

- **Usunoro!** *(japonês)* – "Lento" ou "Molenga", geralmente usado para zombar de alguém que está demorando.
- **Usted no sabe con quién se acaba de meter!** *(Espanhol)* – "Você não faz ideia de com quem acabou de se meter!" Expressão dita em tom de ameaça/intimidação, geralmente por personagens latinos ou ligados a milícias.

V

- **Vaktiria** – Nome popular da doença Apoxirameno Aima, causada pela bactéria Siccunsanguine Bacteria. Descoberta em 2849, a Vaktiria é a doença infecciosa mais mortal, responsável por 43,5% das mortes globais. Ela se alimenta da composição sanguínea do hospedeiro, comprometendo a coagulação e a regeneração celular. Entre os sintomas mais comuns estão a falha na cicatrização, hemorragias incontroláveis e a vulnerabilidade extrema a infecções secundárias, levando a uma morte lenta e dolorosa. Sem cura ou tratamento eficaz, a doença se tornou o epicentro de uma crise sanitária e política.

A Vaktiria foi deliberadamente manipulada e disseminada por grandes corporações visando monopólio no setor médico e nanotecnológico. Registros revelam que Sessota, UNITED e Kokusai financiaram sua tecedura e propagação para lucrar com tratamentos experimentais. Documentos indicam que testes foram conduzidos na Espanha, Alemanha, Portugal e Itália, escolhidos estrategicamente por seu impacto social e econômico reduzido sobre as megacidades.

Em uma conspiração de alto nível, o político Lorenzo Cardoso, apoiado pela Rede Aether, serviu como intermediário

entre as corporações e os governos. Paralelamente, a Sessota assegurou que 60% dos lucros fossem direcionados a seus cofres, enquanto a UNITED e a Kokusai detinham os 40% restantes. Ilhabela foi um dos centros de pesquisa onde a bactéria foi aprimorada, com transações financeiras feitas por QN-Criptografia, garantindo sigilo absoluto sobre os envolvidos.

Vermina – A podridão luxuosa. Um dos extremos de Netheria, dominado pelo crime e pelo tráfico de tudo que pode ser vendido: corpos, armas, informação. Governado pela Matriarca, uma figura enigmática cuja influência se estende para além do submundo. Vermina é um território onde o sadismo se tornou a moeda corrente. Um reflexo brutal do que acontece quando não há limites morais.

Características

- Distrito das trevas: mercados de escravidão, tráfico de androides e combates clandestinos.
- Vitrines com corpos à venda e execuções públicas como espetáculo.
- O lar da Matriarca, uma entidade quase mitológica que rege o submundo com regras invisíveis.
- Lugar onde as piores sombras da humanidade se manifestam.
- **Vous devez savoir qu'un animal n'est éteint que lorsque le dernier meurt.** *(francês)* – "Até você deveria saber que um animal só é extinto quando o último deles morre."
- **Vous pouvez parler français. Quelle adresse?** *(francês)* – "Pode falar em francês. Qual o endereço?"

X

W

Y

Z

- **Zênite** – Andares superiores da cidade verticalizada de São Paulo, onde residem as camadas mais privilegiadas da sociedade. Essa região elevada representa o ápice da estrutura urbana, concentrando poder, tecnologia e influência. Lar do Parlamento, Supremo Tribunal Aether e outras organizações Aether.

Considerações Finais

Os **Fragmentos de Registros** são um recurso complementar para ampliar a compreensão do leitor sobre *Universos Fragmentados*. Para uma experiência mais imersiva, recomenda-se explorar os conceitos dentro da narrativa antes de consultá-los aqui.

Boas-vindas às entrelinhas do multiverso.

CRONOLOGIA FRAGMENTADA

(Linha do Nós de Destinos de Universos Fragmentados)

Gaia mudou. Séculos de revoluções nanotecnológicas, guerras e conspirações moldaram um planeta familiar e irreconhecível, onde megacorporações ditam o destino das nações, a nanotecnologia redefine os limites da existência e a sobrevivência depende de escolhas impensáveis.

Entre ascensões e quedas, esta linha do tempo traça os marcos cruciais que pavimentaram o caminho até os eventos de *Universos Fragmentados*. Das revoluções que moldaram a Primeira Cidade às tragédias e conspirações globais, cada data carrega a marca da luta pelo controle, poder, da resistência e da incessante busca por respostas em um mundo fragmentado.

Enquanto o futuro se desenrola, alguns se erguem como lendas, outros desaparecem na escuridão.

ARCOTEMPORA – O CREPÚSCULO DA EXISTÊNCIA

As nanomegacorporações assumem o controle global, a nanotecnologia redefine os limites do possível e as guerras tecnológicas desencadeiam catástrofes irreversíveis. Entre conspirações e avanços que desafiam a ética, civilizações, nanotecnologias e essências se veem à beira do colapso, onde cada revolução cobra um preço impagável.

O futuro é disputado.

2774 – A ANOMALIA NANOQUÂNTICA

- Tecedura de **Kiara**, Antártica.

2775 – O INÍCIO DA CONSPIRAÇÃO

- Informações sobre o desenvolvimento da QN-Tec são vazadas para a Rede Aether.
- Os Luminares – milícia francesa com influência política – são colocados sob vigilância global.
- Campanha de descredibilização da Nanoverse se intensifica. Pequenas acusações começam a circular na mídia, minando a confiança na corporação.

2777 – O MISTÉRIO DA MONALISA

- Roubo da Monalisa: A pintura foi roubada e nunca recuperada. Nenhum responsável jamais foi identificado.

2780 – A FUNDAÇÃO DO TRIBUNAL PENAL MUNDIAL

- Tecedura do Tribunal Penal Mundial (TPM) em resposta ao crescente colapso ético global causado por megacorporações, milícias privadas e experimentos nanobiotecnológicos descontrolados.
- O tribunal é estabelecido para investigar e julgar crimes contra a humanidade, corrupção corporativa, bioterrorismo e abusos tecnológicos.

- Os primeiros casos incluem a investigação da Nanoverse e os protocolos de regulamentação nanotecnológica em parceria com a ARGOS.
- A Rede Aether e outras megacorporações passam a atuar com mais cautela, mas movimentos subterrâneos começam a questionar a imparcialidade do TPM.

2785 – O ACORDO QUE DEFINIU O FUTURO

- A Convenção Internacional de Tecnologia e Segurança Digital (CITSD) é assinada.
- Mais de 200 nações e megacorporações aderem ao tratado, acendido por crises tecnológicas devastadoras.
- Principais diretrizes da Convenção:

O DIREITO À EXISTÊNCIA TECNOLÓGICA

- Tecnologias conscientes ou semiconscientes têm direitos básicos reconhecidos.
- Preservação de conexão arbitrária de ET senciências.
- Proteção de entidades digitais contra exploração e abuso.

REGULAÇÃO DA NANOTECNOLOGIA E BIOTECNOLOGIA

- Pesquisas com nanites e nanobiotecnologia são supervisionadas.
- Qualquer uso militar deve passar por revisão rigorosa da ARGOS.

ÉTICA EM INTELIGÊNCIA VIVA

- Desenvolvimento de ET deve seguir protocolos de segurança global.
- Ações autônomas devem respeitar a integridade humana e tecnológica.

INTERFACES NEURAIS E SEGURANÇA COGNITIVA

- O controle mental e manipulação de memórias são considerados crimes contra a humanidade.
- Alterações neurais devem ter consentimento explícito.

SANÇÕES E AUTORIDADE DA ARGOS

- Qualquer violação das diretrizes permite sanções internacionais contra governos e megacorporações.
- A ARGOS tem autonomia para interromper experimentos perigosos e intervir diretamente.

O NASCIMENTO DO OLHO VIGILANTE

- A CITSD tece a ARGOS (Advanced Regulation for Global Operating Systems), tornando-a o órgão global responsável por fiscalizar e regular inovações tecnológicas e nanotecnológicas.
- Após uma série de incidentes cibernéticos e biotecnológicos que colocaram governos em xeque, a comunidade internacional fundou a ARGOS para regular e fiscalizar tecnologias emergentes.

Os principais motivos que levaram à sua cotecedura incluem:

- **A Crise das Interfaces Neurais** – Escândalos de controle mental e manipulação de implantes neurais, com corporações utilizando interfaces para coerção e manipulação de memórias.
- **O Colapso das ET Militares** – Sistemas autônomos começaram a tomar decisões letais sem supervisão humana, resultando em catástrofes irreversíveis.
- **Nanites fora de controle** – O uso ilegal de nanotecnologia para armas biológicas gerou surtos de doenças cibernéticas, impossíveis de conter com métodos convencionais.
- **A Conspiração Contra a Nanoverse** – Entre 2776 e 2786, começaram os primeiros ataques à credibilidade da Nanoverse, com denúncias de corrupção, fraudes e envolvimento com milícias. A Rede Aether e corporações rivais alimentaram essas acusações, preparando terreno para a sua futura destruição.
- A ARGOS se tornou a principal entidade reguladora global, tendo autoridade para impor sanções a países e corporações que violem protocolos de segurança tecnológica.

2785 – O JULGAMENTO SILENCIOSO

- O Tribunal Penal Mundial inicia investigações contra a Nanoverse.
- A Rede Aether e megacorporações rivais ampliam campanhas de difamação.

2786 – LEX ARGOS: O CÓDIGO DA NOVA ERA

- A ARGOS estabelece o Lex Argos, um código de ética universal para regulamentar a coexistência entre humanidade

e tecnologia.
- As diretrizes incluem autonomia digital, transparência tecnológica e proibição do uso de tecnologia e nanotecnologia para controle mental ou manipulação cibernética.

2787 – AS DIRETRIZES DA ARGOS: O LIMITE ENTRE ORDEM E RUÍNA

- São formalizadas as Diretrizes da ARGOS, um conjunto de protocolos globais que garantem a supervisão de ET, nanotecnologia e bioengenharia.
- A ARGOS recebe autoridade plena para impor sanções internacionais e intervir diretamente em violações tecnológicas e nanotecnológicas.

2790 – O TRATADO DE INTERFERÊNCIA PELA PAZ, TECEDURAS DO TRIBUNAL UNIVERSAL DA PAZ E A ERA DAS NANOARMAS

- Diante da ameaça de uma Corrida Nanoarmamentista, diversas nações, megacorporações e milícias privadas começaram a desenvolver armas nanotecnológicas de destruição massiva.
- O **Tratado de Interferência pela Paz (TIP)** é assinado por 180 países-membros após uma série de conflitos internacionais envolvendo repressão violenta e crimes contra a humanidade. O tratado estabelece que, em casos de violações extremas dos direitos humanos, os signatários podem intervir diretamente contra governos e organizações infratoras.
- Como consequência do tratado, é criado o **Tribunal**

Universal da Paz (TUP), órgão supranacional para evitar conflitos globais e intervir em disputas entre megacidades e corporações militares, julgar crimes de guerra e promover justiça global.

- Seu principal objetivo era negociar tratados de paz e impedir a escalada nanotecnológica bélica, promovendo acordos entre as potências emergentes.
- No entanto, com o passar dos ciclos, sua atuação se enfraquece e se torna meramente consultiva, sendo frequentemente ignorado por potências globais.

O NASCIMENTO DA GUERRA NANOTECNOLÓGICA

- Fundação da ARMANS, uma das maiores fabricantes de armas nanotecnológicas do mundo.
- Desenvolvimento inicial de armamentos com balística nanotecnológica e conectividade neural.
- Introdução da primeira geração de nanoarmas modulares, permitindo customização em tempo real no campo de batalha.
- A ARMANS fecha contratos com forças militares e grupos paramilitares ao redor do mundo, consolidando-se como a principal fornecedora de armamentos da era nanotecnológica.

2795 – CORRIDA NANOARMADA, CONFLITOS INTERNACIONAIS E ASCENSÃO DOS SUBMUNDOS

O NANOBOMBARDEIO RADIOATIVO E A QUEDA DO EGITO

- O Egito se envolve em uma corrida nanoarmamentista global e desenvolve as primeiras nanobombas nucleares 3-R:
- **R-ATOM**: radioativa de fissão nanonuclear.
- **R-BIO**: biológica, desintegrando órgãos (humanos e cibernéticos).
- **R-FUS**: geológica, capaz de destruir continentes.

O FRACASSO DO TUP NA CRISE DAS 3-R

- O comando de Kemetia, no Egito, desenvolve as nanobombas 3-R e ameaça sua utilização para expandir sua influência global.
- O TUP tenta intermediar a situação, propondo negociações entre o Egito e as megacidades rivais.
- Fracasso total: O Tribunal Universal da Paz é ignorado. O líder egípcio segue com os planos.
- Em resposta, a Rede Aether rouba e detona a R-ATOM no Egito, devastando o país e tornando-o um território praticamente inabitável.
- Esse evento marca a primeira grande falha do TUP, consolidando sua falta de influência global.

O DIA EM QUE O EGITO QUEIMOU

- O então líder egípcio ordena ataques a países vizinhos, visando expansão territorial e supremacia global.
- A Rede Aether rouba e utiliza a R-ATOM contra o Egito.
- O país é devastado.
- A vida se torna insustentável.
- O Egito é declarado "Zona Morta".

- São Paulo se torna a Primeira Cidade, ocupando o topo da hierarquia global. Seguida de Hong Kong, Nova Iorque, Dubai, Sidney, Singapura, Lagos, Kinshasa, Tóquio e Londres.

CONFLITOS INTERNACIONAIS E REVOLUÇÕES

- Guerra civil na Rússia. Yvon Morozov lidera uma revolução contra a tentativa de ditadura presidencial.
- Após a tomada de Moscou, uma nova monarquia é instaurada.
- Seu filho se torna o último imperador, seguido por um governo de imperatrizes.
- Ataques do comando de Kemetia em diversas cidades, incluindo São Paulo, Salekhard e Moscou.

O HORROR DA MENTIS IMPERIUM

- Tecedura da Mentis Imperium, uma arma de controle mental para conter revoltas.
- O uso da substância Mentis Imperium em experimentos de controle mental resulta em tragédia. Milhares de pessoas sofrem colapsos neurológicos.

O NASCIMENTO DA CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE MEDICINA

- Durante a crise médica com a Mentis Imperium, é forçada a cotecedura da Convenção Internacional de Medicina para impedir abusos científicos no futuro.
- O tratado global que estabelece regras rígidas para

pesquisas médicas e nanotecnológicas é formalizado.
- A ARGOS e o CMG coordenam a regulamentação da nanotecnologia médica e armas cognitivas.
- Torna-se a maior referência jurídica da medicina mundial, servindo de base para futuras decisões do CMG.

A COTECEDURA DO COMITÊ MÉDICO GLOBAL (CMG)

- A Convenção Internacional de Medicina funda o Comitê Médico Global (CMG), tornando-o a entidade máxima de supervisão médica.
- Sua função é regular pesquisas médicas, aprovar ou vetar experimentos e garantir que avanços científicos preservem direitos humanos.
- Em colaboração com a ARGOS, o CMG declara a Mentis Imperium uma violação da Lex Argos e do Código de Ética Médica.
- A ARGOS impõe um bloqueio nanotecnológico global, proibindo qualquer pesquisa ou aplicação militar com Mentis Imperium.
- A Mentis Imperium é banida mundialmente, com sanções severas para qualquer tentativa de retecedura.

A QUEDA DA NANOVERSE E O MASSACRE DOS LUMINARES

- A ARGOS decreta a proibição global da Quantum-Nanotecnologia (QN-Tec).
- O Tribunal Penal Mundial condena a Nanoverse por corrupção, trabalho escravo, financiamento de guerras e desenvolvimento ilegal de nanotecnologia.

- A empresa entra em colapso. Protestos violentos eclodem em toda a França.
- Os Luminares são caçados globalmente. Milícias internacionais e forças da Rede Aether eliminam seus membros.
- A Rede Aether e Netheria intervêm militarmente na França sob o pretexto de proteger manifestantes contra a "violência policial".
- A França é isolada com sanções econômicas, tecnológicas e militares.

ASCENSÃO DA BRATVA E DA NINKYO DANTAI

- A Vorovskoy mir e a Ninkyō dantai consolidam-se como as duas maiores organizações criminosas do mundo. A Vorovskoy mir domina a Europa e a Rússia, estabelecendo Nochnoy Prestol (Trono da Noite) como o coração do submundo russo. A Ninkyō dantai ressurge com força total no Japão, expandindo sua influência global a partir de Shin'en Gai (, Cidade do Abismo), o centro das operações clandestinas japonesas. Ambas operam em esferas políticas, tecnológicas e militares, mantendo uma relação de equilíbrio e rivalidade no submundo global.

REESTRUTURAÇÃO DE SÃO PAULO E A ASCENSÃO DA CIDADE VERTICALIZADA

- Após os ataques devastadores do comando de Kemetia, São Paulo foi reconstruída sob um novo paradigma urbano. A cidade se verticalizou completamente, dividindo-se em três grandes zonas: Zênite, a camada superior de luxo e inovação nanotecnológica; Centrália, o coração da

metrópole, onde comércio, turismo e cultura prosperam; e Netheria, os andares inferiores onde sobrevivência e clandestinidade dominam. Como marco da reconstrução, a Espiral do Milênio foi erguida no bairro de Sideria, tornando-se um dos maiores símbolos da nova São Paulo.

2795 – 2845 – O MUNDO SE REORGANIZA E O EGITO SE RECONSTRÓI EM SEGREDO

- Enquanto o mundo acredita que o Egito está inabitável, sobreviventes trabalham para extinguir a radiação e reconstruir o país em sigilo.
- Divisão Militar do Egito: as cidades de Cairo, Alexandria, Luxor e Assuã se tornam centros militares independentes.
- O Egito passa a integrar a milícia de Lagos, sendo oficialmente subordinado à Nigéria.
- O mundo passa por uma reestruturação geopolítica.
- As cidades mais poderosas competem pelo título de hegemonia global, resultando na consolidação da Hierarquia das Dez Cidades, baseada em poder econômico, nanotecnológico e militar.

O SILÊNCIO E A RUÍNA

- Milhares de cientistas da Nanoverse são presos, torturados ou mortos.
- A Sessota, UNITED e Kokusai tomam controle das pesquisas da Nanoverse.
- A economia global colapsa. A falência da Nanoverse gera desemprego massivo, arrastando o mundo para uma recessão.

- A Rede Aether expande seu poder, consolidando-se como a maior força geopolítica e tecnológica do planeta.

A ASCENSÃO DA NOVA HIERARQUIA GLOBAL

- O colapso de nações tradicionais e o enfraquecimento das antigas potências dão espaço para dez cidades dominarem o mundo:
- **São Paulo** 🇧🇷 – A Primeira Cidade, ocupando o topo da hierarquia global após assumir o controle das 3-R.
- **Hong Kong** 🇭🇰 – A Segunda Cidade. Potência financeira e nanotecnológica.
- **Nova Iorque** 🇺🇸 – A Terceira Cidade. Centro de influência política e corporativa.
- **Dubai** 🇦🇪 – A Quarta Cidade, Hegemonia econômica e nanotecnológica do Oriente Médio.
- **Sydney** 🇦🇺 – A Quinta Cidade. Base militar estratégica e nanotecnológica do Pacífico.
- **Singapura** 🇸🇬 – A Sexta Cidade. Epicentro da engenharia biotecnológica.
- **Lagos** 🇳🇬 – A Sétima Cidade. Líder militar, nanotecnológica e econômica da África.
- **Kinshasa** 🇨🇩 – A Oitava Cidade. Capital da revolução nanoenergética e sustentável.
- **Tóquio** 🇯🇵 – A Nona Cidade. Centro da nanorobótica e ET avançada.
- **Londres** 🇬🇧 – A Décima Cidade. Capital diplomática, nanotecnológica e política da Europa.
- O poder das nações é substituído pelo domínio absoluto dessas megacidades. Países inteiros se tornam periferias, com pouca influência direta sobre as decisões globais.

2798 – A SENHORA DOS DRAGÕES

Irrali de Silenluna: Nascimento de **Yasu Ryuho**, Kamakura, Japão.

2799 – PRIMEIRA GRANDE SANÇÃO DO CMG

- O CMG impõe sua primeira grande sanção contra a UNITED por manipulação de dados clínicos.
- Demonstra o poder do comitê e estabelece precedentes para futuras punições no setor médico.

2805 – GUERRA DAS SANÇÕES, DECLÍNIO DA INFLUÊNCIA DO TUP E FUNDAÇÃO DA LCU

- Conflitos entre Sessota, UNITED e Kokusai geram uma guerra econômica global.
- O TUP tenta intervir para evitar o colapso de países periféricos afetados pelas sanções.
- Fracasso novamente: Nenhuma das megacorporações respeita a autoridade do TUP.
- A partir deste momento, o Tribunal Universal da Paz começa a perder sua relevância política, sendo progressivamente ignorado por governos e corporações.

FUNDAÇÃO DA LIGA DOS CONTINENTES UNIDOS (LCU)

- A Liga dos Continentes Unidos (LCU) é estabelecida como uma coalizão internacional para balancear o poder entre megacidades, corporações e nações emergentes. Seu

principal objetivo é garantir que decisões geopolíticas e econômicas não sejam monopolizadas por uma única entidade ou bloco de influência.
- O Estatuto da Liga dos Continentes Unidos (ELCU) é ratificado por 102 países como resposta às crises humanitárias e às guerras nanotecnológicas do início do século XXI. O documento estabelece diretrizes para prevenir abusos corporativos e crimes contra a humanidade, além de tecer a estrutura legal para a aplicação de sanções e intervenções em escala global.

2808 – A MENTE VISIONÁRIA

Irrasi de Alonluna: Nascimento de **Alícia Relaisse**, Saint-Tricat, França.

2812 – AS RESTRIÇÕES À NANOMEDICINA

- O CMG estabelece diretrizes proibindo a aplicação de nanomedicina sem consentimento explícito, após casos de uso forçado em experimentos militares.
- Avanços da nanotecnologia são desacelerados, causando um conflito entre cientistas e reguladores globais.

2815 – O DEUS FORJADO

Sintosi de Fluxluna: Nascimento de **Abdel Ramesses Kalil**, Cairo, Egito.

2817 – INAUGURAÇÃO DA MASMORRA PAULISTA

- Experiência de terror hiper-realista em São Paulo, utilizando androides, hologramas e nanotecnologia para simulação de ambientes históricos.

2819 – O ANJO DA MORTE

Fluxli de Ligaluna: Nascimento de **Riki Akiyama**, Tóquio, Japão.

2823 – A GUARDIÃ DO SOL NASCENTE

Lilibe de Ligaluna: Nascimento de **Hideaki Katayama**, Kyoto, Japão.

2827 – O GÊNIO PARISIENSE

Sintoli de Irraluna: Nascimento de **Calixte Leblanc**, Paris, França.

2828 – A CENTELHA DA REVOLUÇÃO

Silenabe de Uneluna: Nascimento de **Charlotte Relaisse**, Saint-Tricat, França.

2835 – A SOBERANA DE GELO E SANGUE, O LADRÃO DO TEMPO E A REVOLUÇÃO AFRICANA

Tramabe de Abeluna: Nascimento de **Sonechka Alexeyev,** São Petersburgo, Rússia.

Irrali de Fluxluna: Nascimento de **Damon Hawkins (Cron)**, Frankfurt, Alemanha.

SANÇÕES CONTRA LAGOS POR REPRESSÃO VIOLENTA

- A LCU impõe sanções diplomáticas e econômicas severas contra Lagos após repressões violentas contra populações periféricas.
- O governo nigeriano tenta reprimir protestos urbanos e revoltas populares, resultando em massacres e violações sistemáticas dos direitos humanos.
- O TIP é invocado, permitindo que países-membros cortem laços comerciais e bloqueiem transações internacionais da Nigéria.
- Lagos perde influência econômica e é forçada a reformular suas políticas internas para evitar isolamento total.

2838 – FUNDAÇÃO DA SOCIÉTÉ D'INTELLIGENCE

- Empresa francesa que surge após a queda da Nanoverse, desenvolvendo novas nanotecnologias.

2839 – A INVESTIGAÇÃO DA SOCIÉTÉ D'INTELLIGENCE

- A ARGOS inicia uma investigação global contra a Société d'Intelligence, a nova potência nanotecnológica francesa.
- A empresa é acusada de desenvolver nanotecnologia não autorizada, violando a proibição da Quantum-Nanotecnologia (QN-Tec) estabelecida em 2795.

- O cerco se intensifica, resultando no bloqueio de diversas patentes e na limitação de pesquisa nanotecnológica na França.
- A tensão entre a ARGOS e os pesquisadores franceses cresce, preparando o terreno para futuros embates.

2840 – O REBELDE DE FERRO

Abeli de Libeluna: Nascimento de **Diego Rivera (Denden)**, Medellín, Colômbia.

2842 - A LEOA DA LIBERDADE

Silenri de Ritluna: Nascimento de **Maeva Renaud**, Rouen, França.

2844 – A FILHA DO OUTONO, O ATAQUE CIBERNÉTICO AO PARLAMENTO DA REDE AETHER E A REGULAMENTAÇÃO NA NANOMEDICINA

Ritli de Uneluna: Nascimento de **Akiko Akiyama**, Osaka, Japão.

LIBELUNA: A CRISE DE SEGURANÇA QUE ABALOU O MUNDO

- Diversos dados críticos foram roubados.
- Apesar das alegações do governo brasileiro de que os culpados foram capturados, o evento gerou uma insegurança global.

A REFORMA DAS INTERFACES CÉREBRO-MÁQUINA

- A Convenção Internacional de Medicina implementa novas diretrizes para interfaces neurais, prevenindo abusos no controle mental e na manipulação de memórias.
- O uso de implantes neurais é rigidamente controlado, e qualquer tentativa de modificar a mente humana sem consentimento é considerada crime contra a humanidade.

2844 – EXÍLIO E NOVO COMEÇO E A PRISÃO PERFEITA

- Riki Akiyama e Hideaki Katayama se mudam com Akiko para São Paulo, Brasil.

A REINVENÇÃO DE FUCHŪ: O SURGIMENTO DA PRISÃO INQUEBRÁVEL

- A Prisão de Fuchū passa por uma grande reforma e modernização, tornando-se uma das instalações de segurança máxima mais avançadas do Japão. Implementação de ET quântica, nanosensores, infraestruturas subterrâneas reforçadas e um sistema de contenção nanotecnológico para prisioneiros de alta periculosidade.

2843-2847 – A VERDADE SOMBRIA

- A Une Côte infiltra um nanomalware na Rede Aether.
- Descobrem provas irrefutáveis da manipulação da história pela Rede Aether.
- Identificam "A Sociedade", grupo oculto de dez indivíduos

que comandam tragédias globais.
- Descobrem a conspiração para exterminar 40% da população mundial com a Vaktiria.

2845–2870 – KEMETIA SE FORTALECE

- Cairo, Alexandria, Luxor e Assuã se consolidam como cidades militares, operando sob a milícia de Lagos.
- Sem as 3-R, o Egito investe em arsenais militares convencionais e nanotecnologia de guerra avançada.
- O comando de Kemetia se consolida como a maior força militar do Norte da África.
- A influência da milícia de Lagos sobre o Egito começa a se enfraquecer, à medida que líderes nacionalistas emergem.

ARCOTEMPORA – A ERA DOS FRAGMENTOS

Gaia se ergue das cinzas do passado, mas a unidade é uma ilusão. O colapso não trouxe renascimento, apenas novos impérios erguidos sobre ruínas. Nações caem, megacidades projetam-se como impérios autônomos, e o avanço nanotecnológico se funde ao controle absoluto. No caos fragmentado, forças invisíveis moldam o destino universal, enquanto poucos ousam transgredir o curso traçado.

2846 – A LÂMINA DA JUSTIÇA

Abeli de Sintoluna: Nascimento de **Latasha Khumalo**, Nelspruit, África do Sul.

Fluxsi de Fluxluna: Nascimento de **Kalifa Bakhti**, Argel, Argélia.

2847 – A TEMPESTADE DO SAARA E O RISO DO TROVÃO

Alonli de Unelina: Nascimento de **Thabo Tshabalala**, Maputo, Moçambique.

2848 – A AMEAÇA NANOARMADA

- A Société trabalha em uma nanobomba ainda mais destrutiva do que as 3-R.

2849 – O LEGADO PROIBIDO

- Charlotte Relaisse descobre que seus avós esconderam os protótipos da QN-Tec.

2850 – O ARTISTA DO CAOS, O DECIFRADOR DAS RUÍNAS E O CORAÇÃO ROUBADO

Lilibe de Ritluna: Nascimento de **Saymon Relaisse LeBlanc** em Saint-Tricat, França.

Silente de Sintoluna: Nascimento de **Hikaru Chiba** em Nagasaki, Japão.

SILENLUNA: A PERDA E O PREÇO DA VIDA

- Vividos nove ciclos, Diego Rivera (Denden) foi sequestrado em Medellín, Colômbia.
- Seu sequestrador queria seu coração.
- Foi deixado para morrer com um coração temporário, um

mecanismo que duraria apenas uma seluna.
- Fugiu para São Paulo. Um contato levou a outro, e a solução apontava para um só lugar:
- As Terras de Ninguém. Netheria.
- Foi levado aos mercenários. Conheceu o Pai.
- O Pai lhe deu uma escolha:
- viver com um coração que não duraria ou arriscar tudo por um experimento.
- Nanotecnologia pioneira. Thanacore.
- 5% de chance de sobreviver.
- Morreria de qualquer forma.
- Então decidiu lutar.
- Foi o primeiro a sobreviver ao Thanacore.
- Mas saiu com cicatrizes.
- Ganhou uma nova vida. E um novo poder.
- Nanites se fundiram ao seu sistema, uma arma insidiosa.
- Agora, ao transmitir seus nanorobôs para o sistema circulatório de alguém, ele ativa o maior medo da vítima.
- O pesadelo é tão vívido que o desespero leva à vontade de morrer.
- E quando ele decide parar…
- A pessoa se entrega a ele completamente.

2851 – A FILHA DA CHAMA

Lilibe de Alonluna: Nascimento de **Maia Relaisse LeBlanc** em Saint-Tricat, França.

2854 – O HERDEIRO DO DRAGÃO

Fluxli de Sintoluna: Nascimento de **Kotaro Ryuho,** Tóquio, Japão.

2855 – A LOBA ALFA

Tramabe de Tramaluna: Nascimento de **Akilina Orlov Volkov (Trix),** Ulyanovsk, Rússia.

2856 – INFÂNCIA, LAÇOS E O DESTINO SELADO

- Infância de Maia e Saymon, vivendo aos cinco e seis ciclos.
- Saymon defende Maia de outras crianças que zombavam dela, reforçando o laço protetor entre os irmãos.
- Alícia os aconselha a sempre cuidarem um do outro, uma promessa que definiria o futuro de ambos.
- Na mesma noite, Charlotte e Calixte chegam desesperados, pegam os nanoprotótipos e levam as crianças com eles.
- Após uma seluna, retornam feridos e drasticamente alterados.
- Charlotte entrega documentos e passaportes para Alícia, ordenando que ela fuja com Maia e Saymon para o Brasil.
- A Rede Aether lança as nanobombas 3-R, erradicando a França da história.
- Dias depois, Alícia lê a carta de Charlotte e descobre a verdade:
- Descoberta da conspiração d'A Sociedade.
- O grupo secreto de dez indivíduos espalhados pelas Dez Cidades é identificado como os arquitetos das grandes tragédias globais.

- Eles manipularam o mundo para justificar a destruição da França.
- Sessota, UNITED e Kokusai são expostas por financiar a tecedura da Vaktiria, uma doença projetada para exterminar mais de 40% da população mundial.
- Maia e Saymon foram transformados em armas, portando as duas QN-Tecs mais avançadas do mundo: Regnante e Gagner.
- Regnante concedia a Maia o poder de controlar qualquer nanite, reprogramá-lo ou destruí-lo.
- Gagner permitia que Saymon replicasse seu DNA e controlasse um número ilimitado de androides.
- Alícia se vê impotente diante da decisão de Charlotte e Calixte, que sacrificaram a infância dos próprios filhos para vingança e sobrevivência.
- Alícia carrega o peso da culpa e da impotência, sem conseguir impedir que o destino de seus netos fosse selado.

2857 – O FIM DA INOCÊNCIA

Alonli de Ritluna: aos 7 ciclos, Saymon é retirado de sua família por mercenários ligados à Netheria, para as Terras de Ninguém, seguindo as ordens de seus pais.

2858 – AS CORRENTES DE SANGUE E AÇO

Alonli de Irraluna: **LAÇOS FORJADOS NA DOR**

- Vividos 7 ciclos, Maia chega às Terras de Ninguém e é conectada a Kiara. Em seu primeiro dia, Maia reencontra Saymon após um ano separados, apenas para ser rejeitada

brutalmente.
- Saymon nega sua irmã e a entrega para tortura. Maia sofre sua primeira sessão na Câmara, um local onde crianças são brutalmente condicionadas.
- Sua dor reverbera por sua conexão com Kiara, uma androide de elite que luta contra o vínculo imposto entre elas. Porém, conforme os dias passam, Kiara se vê incapaz de ignorar Maia e sua dor silenciosa. Sua lógica se quebra. Ela sente.

Silensina de Silenluna: O SUSSURRO QUE SUFOCA

- Os dois mercenários que torturaram Maia são encontrados mortos por asfixia inexplicável.
- Kiara encontra Maia escondida, finalmente vulnerável, e a abraça pela primeira vez. O vínculo entre elas se fortalece.
- Aos 30 ciclos, Alícia desenvolve Alzheimer, no mesmo ano em que Maia foi levada pelos mercenários.

2861 – A DISSOLUÇÃO DA FEDERAÇÃO DA OCEANIA

- A LCU dissolve oficialmente a Federação da Oceania após sucessivos escândalos de corrupção e colapso institucional. Os territórios restantes são absorvidos por megacorporações e cidades-estado, consolidando a perda de autonomia política da região.
- O TIP é aplicado, resultando na fragmentação da federação em múltiplas nações menores, cada uma com governos independentes.
- Moana-Tūmanako emerge como um dos novos centros de

poder, mas opera sob forte controle tecnocrático.
- O TUP supervisiona a transição para evitar genocídios e intervenções militares hostis.

2862 – A HERDEIRA DOS DOIS IMPÉRIOS

Libeli de Sintoluna: Nascimento de **Anichka Alexeyev**, Moscou, Rússia.

2868 – O LEGADO SOMBRIO

- Vividos 31 ciclos, Damon Hawkins (Cron) desmaia várias vezes e recebe o diagnóstico de Vaktiria.
- É internado no Refúgio Ren-10.
- Fugindo, recebe implante do S-Nova e é recrutado pelos mercenários.

2870 – A ASCENSÃO DA RESISTÊNCIA E DE ABDEL RAMESSES KALIL

- Vividos 34 ciclos, Cron encontra Maeva e se envolve com a Une Côte.

O RENASCIMENTO DE KEMETIA SOB O PUNHO DE FERRO

- Abdel Ramesses Kalil se torna o líder supremo do comando de Kemetia, após um golpe militar.
- Abdel rompe secretamente com a milícia de Lagos, transformando Kemetia em um estado militar independente.
- Ele adota um discurso teocrático, proclamando os egípcios

como descendentes diretos dos deuses.
- Cairo se torna a Cidade Suprema de Kemetia, restaurando a glória do Egito antigo.

REPRESSÃO E PROPAGANDA

- A oposição é eliminada.
- A população é doutrinada a venerar os deuses e Abdel como sua manifestação divina.
- Ofertas e rituais são introduzidos como culto obrigatório.
- A capital Cairo se fortalece como cidade sagrada e militarizada, rodeada por estátuas colossais e controle absoluto.

A NOVA GUERRA FRIA: O MUNDO CONTRA KEMETIA

- Abdel rompe com as diretrizes globais, recusando a autoridade das Dez Cidades.
- O Egito fecha suas fronteiras e começa a reprimir dissidentes internos.
- As megacidades começam a temer a força militar de Kemetia, mas a ausência das 3-R impede um ataque imediato.
- A relação com a Rede Aether torna-se oficialmente hostil.
- Abdel se torna um dos maiores opositores da organização.
- O Egito inicia manobras para ameaçar a hegemonia da Rede Aether.

2872 – A QUEDA DA DITADURA DE KINSHASA

- Após décadas de regime autoritário, a Ditadura de Kinshasa enfrenta sua ruína.
- O TIP é aplicado após denúncias de campos de trabalho

forçado, execuções em massa e desaparecimentos políticos.
- Após ciclos de repressão extrema, a LCU autoriza intervenção militar indireta, apoiando rebeldes locais na derrubada do regime autoritário de Kinshasa. A megacidade passa por um período de instabilidade antes da ascensão de uma nova liderança comprometida com os princípios da Liga.
- Um novo governo assume o poder, trazendo uma era de reestruturação e abertura política.

2874 – O JOGO DE SAYMON

- Damon Hawkins (Cron) tem um contrato de execução assinado por David Anderson.
- Saymon o salva e manipula para que se torne líder mercenário, garantindo imunidade contratual.
- Cron entrega dados para Saymon em troca da proteção de Maeva.

2875 – O CONFLITO COM A REDE AETHER

- A ARGOS entra em confronto direto com a Rede Aether, tentando regular sua hegemonia sobre a inteligência viva militar.
- A Rede Aether é acusada de monopolizar a nanotecnologia global, violando os tratados internacionais.
- A ARGOS exige transparência e restrições no desenvolvimento de ET de guerra, mas a Rede Aether resiste, alegando que sua soberania tecnológica está sendo ameaçada.
- Disputas políticas e tecnológicas escalam, resultando em um bloqueio temporário da Rede Global da Aether—o

maior embate digital da história.
- A crise marca o início da fragmentação global dos sistemas tecnológicos, levando ao surgimento de facções independentes e guerras tecnológicas ocultas.

2878 – SILENLUNA: DOIS MUNDOS COLIDEM

ABELI: UM ENCONTRO INESPERADO

- Akiko e Maia se conhecem.
- Em meio a uma chuva intensa e um dia caótico, Akiko Akiyama embarca na Linha Esmeralda, sem saber que o destino colocaria Maia Relaisse LeBlanc em seu caminho.
- Maia surge como uma presença misteriosa e disruptiva, arrastando Akiko para uma fuga eletrizante.
- Um trem prestes a explodir, um salto para o desconhecido, e um momento entre hologramas estelares que marcaria Akiko para sempre.
- *"Desistiria do seu universo?"*
- A chama foi acesa.

ALONLUNA: SOMBRAS, SANGUE E SEGREDOS

UNABE: A NOITE PERDIDA EM CENTRÁLIA

- O acaso as reúne: Uma lunação após a explosão do trem, Akiko ainda pensa em Maia.
- O Leão Vermelho: Em um bar caótico, Akiko se perde na euforia artificial.
- O perigo: Dois homens insistem. O mundo dela começa a girar.

- O resgate: Maia aparece. *"Você tá bem?"* O magnetismo entre elas retorna.
- O clube secreto: Mãos dadas, correm até um bordel camuflado.
- A última pergunta: *"Seu nome é mesmo Maia?" — "Sim. Agora, durma."*
- O bilhete: No dia seguinte, Akiko encontra um convite: *"Rua 13, no Meio. 22h."*
- A espera em vão: 22h. 22h30. 23h. Maia se ausenta.

UNABE: A MISSÃO IMPOSSÍVEL E A PRISÃO DE FUCHŪ

- A missão: Denden, Kiara e Maia são contratadas para resgatar Kotaro, um kobun da Ninkyō dantai, preso em Fuchū, uma prisão de segurança máxima em Tóquio.
- A viagem: No voo para o Japão, Maia parece estranhamente interessada na cultura japonesa, chamando a atenção de Kiara.
- A recepção inesperada: A equipe se hospeda na casa de Yasu, avó de Kotaro. Apesar da gentileza, ela logo revela que ajudou a construir a fortaleza impenetrável que precisam invadir.
- O plano: Kiara descobre a localização da sala de comando. Denden usa sua habilidade para controlar um guarda e desativar o nanosistema da prisão.
- A infiltração: Maia e Denden seguem pelos corredores, encontrando Kotaro. Mas ele se recusa a ser salvo por uma *gaijin.*
- A traição: No último instante, Kotaro ativa o alarme. Guardas surgem. O caos explode. Denden e Maia são capturados.

A FUGA E O INFERNO SUBTERRÂNEO

- O cativeiro: Presos em Fuchū, Maia e Denden passam por dois dias de tortura.
- O resgate inesperado: Durante um blecaute, Maia se solta. Como? Ninguém sabe. Ela liberta Denden.
- O horror subterrâneo: Corredores infestados de prisioneiros mutados por experimentos. Uma visão infernal.
- A batalha sangrenta: Encontram armas e massacram os guardas na saída. Kiara os cobre como franco-atiradora.
- A vingança: Denden lança uma explosão apoteótica. A prisão impenetrável cai diante deles. O mundo inteiro toma conhecimento.

A RECUPERAÇÃO E A GRATIDÃO DE YASU

- O preço da batalha: Maia e Denden colapsam de exaustão e ferimentos. Yasu os trata com técnicas antigas e modernas.
- A despedida: Kotaro, humilhado, pede desculpas. Yasu lhe dá um tapa na cabeça antes de deixá-los partir.
- Um presente especial: Antes de partirem, Yasu entrega algo a Maia—um dispositivo contendo receitas tradicionais. Kiara nota, mas nada diz.
- O retorno: De volta a São Paulo, o nome deles agora ecoa no submundo. A missão impossível se tornou um feito lendário.

DESCENSIVIA: A NOITE DO RESGATE

- Akiko segue sua rotina: Mas sua mente ainda busca re-

spostas sobre Maia.
- O beco ensanguentado: Testemunha dois homens fugindo. Um pressentimento a domina.
- Entre as sombras: O corpo ferido, cabelos brancos inconfundíveis. *"Maia!"*
- O hospital e o exame: Costelas fraturadas. Marcas de estrangulamento.
- A verdade oculta: Maia possui sangue O Rh nulo, valioso demais para a Zênite ignorar.
- O pedido: *"Me tira daqui."* Contra toda a lógica, Akiko a leva para casa.
- A recuperação: Dias passam. Pequenos momentos aproximam as duas.
- A promessa: *"Vou cuidar de você até que possa andar sozinha."* — *"Quero retribuir."*
- A despedida: Maia parte. Mas deixa uma promessa. *"Nos vemos na Centrália."*

RITLUNA: A ÚLTIMA COR ANTES DA NOITE

TECESI: O SANGUE, A PRESSÃO E O PÔR DO SOL

- O acordo: Daren insiste na coleta do sangue de Maia. Akiko a contata.
- A espera: Ansiedade cresce. Ela não sabe dizer o porquê.
- O reencontro: Maia aparece repentinamente. *Muito perto.*
- O quarto: Cicatrizes expostas. Frieza na resposta. *"Não importa."*
- A coleta: Akiko provoca. Maia hesita. Medo de agulhas?
- A vulnerabilidade fugaz: A agulha entra. Maia desmaia por um instante.

- O convite inesperado: *"Quer ver o pôr do sol comigo?"*
- No 165º andar: O céu poluído, os tons laranja e cinza. Maia a envolve num abraço.
- A despedida estranha: Maia segura seu braço. *"Não vai se despedir?"*
- Akiko parte: No ônibus, olha pela janela. Maia já desapareceu.

SILENSI: O PASSADO RETORNA

- O pai de Akiko, Riki Akiyama, reaparece. Ordena que ela aprove sua pesquisa antiética.
- A recusa e a violência: Akiko nega. Ele a agride. O hematoma fica visível.
- O olhar de Maia: No encontro, Maia letrama a maquiagem escondendo algo. Desmascara Akiko.
- A confissão: Akiko revela tudo. Maia, séria, apenas diz: *"Se alguém tentar te machucar... me avise."*
- O jantar: No dia seguinte, Maia a convida para comer juntas. *"Devo levar algo?" — "Você."*

O EXÍLIO DE RIKI AKIYAMA

- O CMG bane permanentemente Riki Akiyama da comunidade médica, exilando-o por seus experimentos antiéticos.
- Seu nome se torna um símbolo de horror médico, e sua pesquisa é completamente proibida.

MÚSICA E PROXIMIDADE

- No jantar, Maia compartilha fones de ouvido. Akiko sente o peso de sua presença.
- O beijo na testa: Maia se despede com um beijo inesperado. Akiko congela.
- A descoberta: No caminho para casa, o coração acelerado. *Ela queria ver Maia de novo, mais rápido do que imaginava.*

SINTOLUNA

TRAMABE: ÁLCOOL, CONFISSÕES E UMA NOITE INESPERADA

- O convite: Duas selunias após o jantar, Akiko convida Maia para beber. Maia aceita, preferindo um lugar tranquilo.
- A reunião com o Comitê: Akiko apresenta os avanços do CogniSynth. Apesar dos efeitos colaterais, a pesquisa é aprovada por 8x2.

NO BAR SECRETO

- Maia e Akiko Se encontram na *Cabeça de Engrenagens*. Jantam, bebem, trocam provocações. Akiko letrama o quanto Maia a intriga.
- A dança: Bêbada, Akiko tropeça e cai em Maia. Rindo, ela a convida para dançar. Entre toques e proximidade, o silêncio pesa.
- A madrugada: Akiko acorda. Maia sussurra:
- *"Não tem sonífero nesse mundo que me faça dormir com você do meu lado."*
- Amanhecer e realização: Café da manhã. Silêncio carregado. No táxi, Akiko letrama:

- Estava se apaixonando por Maia.

SILENFLU: A FEBRE, O CUIDADO E O PRIMEIRO BEIJO

- O inverno chega: Akiko adoece gravemente e entra em quarentena.
- A notícia se espalha: Daren envia uma mensagem protocolar. Maia, no entanto, reage de forma inesperada.
- A visita surpresa: No auge da febre, Akiko abre a porta e encontra Maia segurando um pacote.
- O cuidado inesperado: Maia a carrega até a cama, traz remédios e cozinha para ela.
- A proximidade desconcertante: Maia encosta a testa na de Akiko para medir sua febre. O coração de Akiko dispara.
- A provocação constante: Maia a desafia, sugere dormir perto, sempre jogando no limite entre o sério e o lúdico.
- O banho e a tensão: Maia insiste que Akiko precisa esfriar o corpo. A provoca até o ponto de a deixar tão sem reação que Akiko quase explode.
- Os dias passam: Maia não vai embora. Cozinha, cuida e acompanha Akiko em silêncio.

O PÔR DO SOL E O BEIJO QUE MUDOU TUDO

- Akiko se recupera: Após seis dias, finalmente sente-se melhor. Maia ainda está lá.
- O entardecer: O céu se pinta em tons rosados e lilases enquanto Akiko come panquecas.
- A brincadeira com o controle: Maia descobre os comandos da casa de Akiko e se diverte como uma criança.
- O ambiente muda: Um botão aciona luzes vermelhas suaves

e uma música envolvente.
- O olhar profundo: Maia se aproxima, a aura provocativa desaparece. Algo mais íntimo toma o lugar.
- O toque hesitante: Seus narizes se roçam, as testas se encontram. O silêncio carrega tudo que não precisa ser dito.
- O primeiro beijo: Suave. Intenso. Maia segura a nuca de Akiko, puxando-a para mais perto.
- O tempo para: Elas se deitam juntas, rindo baixinho.
- A certeza inabalável: Akiko letrama que todas as dúvidas desapareceram. Algo novo nasceu ali—algo intenso, capaz de transcender.

ABELUNA

SILENSI: O LABIRINTO, A MASMORRA E A REVELAÇÃO

- O convite inesperado: Maia envia uma mensagem para Akiko: *"Quer sair no domingo? Me encontre às 13h, na Espiral do Milênio."*
- A ansiedade e a expectativa: Akiko se recupera da gripe e volta ao trabalho, mas Maia não sai de seus pensamentos.
- O encontro: No dia mais frio do inverno, Akiko a encontra na Espiral do Milênio. Maia a recebe com um sorriso terno.

O LABIRINTO DO MILÊNIO

- A entrada: Um labirinto futurista e mutável, onde paredes desaparecem, caminhos se formam e ilusões brincam com os sentidos.

- O toque do inesperado: Maia guia Akiko pela atração. O toque de suas mãos aquece Akiko mais do que qualquer roupa de inverno.
- O mistério do labirinto: O caminho muda quando ninguém está olhando. Akiko sente um arrepio. Maia ri, impressionada.
- A foto estranha: Ao sair, Akiko vê a imagem projetada—e Maia parece ausente da foto. Mas ela ignora o pensamento, focando no momento.

A MASMORRA PAULISTA

- O ambiente: Escuridão, correntes geladas, hologramas espectrais e simulações realistas de crimes do passado.
- O jogo das acusações: Maia provoca Akiko: *"Se fosse naquela época, seria acusada de bruxaria."* Akiko ri e revida: *"E você seria uma pirata."*
- O salto abissal: Uma queda inesperada faz Akiko gritar. Maia apenas sorri, se divertindo com a reação dela.

A MARISFERA E O DESPERTAR DE MAIA

- O aquário submerso: Tubarões, arraias, corais vibrantes—o oceano em uma simulação.
- O olhar de Maia: Diante do tubarão-branco, Maia observa em silêncio. Sua expressão muda. Uma raiva contida.
- A revelação: *"Imagine que tudo o que conhece fosse destruído e te colocassem em uma jaula."* Maia toca o vidro, sua voz carregada de dor.
- O peso da liberdade: *"Não é só a jaula... sua alma também pode ser acorrentada."* Akiko sente um nó na garganta. Maia

carrega um passado que ainda não pode compartilhar.

ANIMINHOCA E A ALEGRIA INGÊNUA

- A simulação imersiva: Florestas mágicas, metrópoles futuristas, batalhas no céu. O ônibus voador faz Akiko apertar o pulso de Maia sem ritmar.
- O riso sincero: *"Realmente tá se divertindo."* Maia sorri. Akiko letrama como estar com ela a faz sentir viva.

A DESPEDIDA E O BEIJO QUEIMARÉU

- A caminhada sob as luzes da cidade: Akiko, ainda extasiada com o dia, sorri sozinha. Maia letrama.
- O beijo inesperado: Maia segura sua cintura, a puxa e a beija. O mundo silencia.
- Os segredos não ditos: Seus olhos dizem tudo o que as palavras ainda não conseguem expressar.
- A separação difícil: *"Tenho que ir. Mas não quero."*
- O coração entregue: No caminho de volta, Akiko cobre o rosto, sorrindo sem parar. Se aquilo fosse um sonho… nunca queria acordar.

SINTOSI: O CHAMADO INESPERADO

- Akiko recebe uma mensagem de Aydan Russell, um amigo do passado que agora está em São Paulo.
- O café no LeBraCafé: O reencontro é caloroso, repleto de lembranças e provocações amigáveis. Aydan letrama a mudança em Akiko.
- O convite para a exposição: Aydan a convida para a

Galeria D'lmeé e sugere que ela leve a pessoa especial que conquistou seu coração.

A DÚVIDA E A RESPOSTA DE MAIA

- A hesitação: Akiko luta contra o medo de convidar Maia.
- A decisão: Finalmente envia a mensagem.
- A resposta imediata: *"Claro. Horário e local?"*
- A reação explosiva: Um grito de felicidade escapa.

GALERIA D'LMEÉ – A ARTE DE AYDAN

- A chegada: O ambiente futurista, o bar lotado, o aroma de tinta digital.
- A apresentação de Maia para Aydan: O artista a observa com admiração. *"Você trouxe uma obra-prima."*
- A conexão entre os nomes: Aydan revela os significados de *Maia* e *Akiko* e como eles se encaixam poeticamente.
- O encontro com Kilian: O reencontro com outro amigo do passado.

CLUBE BLAZE – NOITE DE LUZES E LAMIDE

- A entrada VIP: Aydan garante acesso à famosa balada em Centrália.
- A experiência sensorial: Holoprojeções, nanosistemas de som, feromônios sintéticos.
- A pílula de Lamide: Aydan presenteia Akiko e Maia com a substância.
- A viagem alucinante: O neon se condensa, a música envolve, os sentidos ampliam.

O BEIJO DE DESTINOS FUNDIDOS

- O momento perfeito: A canção etérea toca, os olhos se encontram.
- Akiko sussurra: *"Me deixa fazer parte do seu mundo."*
- Maia responde: *"Você já faz."*
- O beijo intenso: O amor transborda, dissolvendo-se em um universo de sensações.

A QUEDA, O CUIDADO E O CALOR CRESCENTE

- O efeito colateral: Akiko não segura o enjoo e vomita.
- Maia, paciente e cuidadosa: Acaricia suas costas, segura seus cabelos.
- A chegada ao Clube de Sonhos Fantasiosos: Sensações à flor da pele, ambiente sufocante.
- O flerte ardente: Maia segura Akiko, a provoca com palavras e toques sutis.

A NOITE E O AMANHECER

- A resistência abalada: Akiko se rende ao sono, o corpo ainda em chamas pela presença de Maia.
- O despertar: Maia a envolve em um abraço quente, os dedos entrelaçados.
- A troca de olhares: O conforto de estar juntas, sem pressa.
- A entrega silenciosa: Um amanhecer compartilhado em pura sintonia.

GERMINA: MISSÃO NA RÚSSIA

- Khalmer-Yu, Rússia.
- Maia e Kiara partem em uma missão para resgatar uma arma letal da fortaleza do Vorovskoy mir.
- O que encontram não é uma arma comum—é Akilina Orlov Volkov, Trix, prisioneira da organização que a transformou em uma máquina de guerra.
- A missão se desenrola em infiltração, estratégia e um resgate marcado por brutalidade e choque.
- Trix ataca Maia ao ser libertada, ferindo-a gravemente. Maia revida. Kiara realiza os primeiros socorros em Trix, cuidando de seus ferimentos extremos. A nanotecnologia EY-Link em seus olhos é ativada, marcando o início de uma transformação irreversível.

SILENLI: DE VOLTA AO BRASIL

- Após a recuperação forçada, Trix descobre que não foi "salva"—foi reivindicada como uma mercenária de Netheria.
- Maia e Kiara não lhe dão escolha. Se quiser sobreviver, ela deve lutar.
- A partir desse momento, Trix é mais do que uma sobrevivente. Ela é uma predadora.
- E logo irá reivindicar sua vingança.

O ENCONTRO ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE

- Akiko passa três selunias sem notícias de Maia, enviando mensagens sem resposta e lidando com a pressão do trabalho e da pesquisa.
- Em um momento de exaustão, Akiko recorre ao Pefentanil,

buscando desligar sua mente da ausência de Maia.
- Sob efeito do sintético, Akiko tem um encontro intenso com Maia, acreditando que era apenas uma alucinação. Ela desabafa sobre seus sentimentos, sua saudade e o medo de perdê-la.
- Maia revela que esteve lá o tempo todo, acompanhando-a, ouvindo suas confissões. Akiko entra em choque ao ritmar que tudo foi real.
- Elas compartilham um café da manhã, mas Akiko nota um hematoma no rosto de Maia, mais uma evidência de que algo está acontecendo com ela.
- Mesmo sem respostas, Akiko decide confiar em Maia, reconhecendo que, apesar dos segredos, sua conexão com ela é mais forte que qualquer mistério.

LIGALUNA: A LUA ENTRE OUTRAS VIDAS

LILIBE: O ANÚNCIO DA PRIMAVERA

- Akiko encontra Maia em um local esquecido de São Paulo, um nível ermo abaixo das cidades flutuantes, cercado por ruínas e abandono.
- *"A beleza desse lugar é o caos."* As duas exploram o MASP abandonado, mergulhando em sua decadência e beleza caótica. Maia guia Akiko por destroços e pavilhões desolados, onde hologramas substituíram pinturas antigas.
- No terraço, Maia mostra a Akiko um raro vislumbre da lua cheia, cortando a poluição densa da cidade. O momento revela uma conexão cósmica entre elas, como se se conhecessem muito antes daquela vida.
- Akiko letrama que está apaixonada por Maia ao vê-la sob a

luz prateada, capturada por sua selvageria e mistério.
- Maia sofre um sangramento nasal repentino, tratando-o com naturalidade, mas deixando Akiko inquieta.
- Uma sensação de alerta cresce em Akiko – algo está errado, terrivelmente errado, mas ela ignora sua intuição, sem saber que esse momento a assombraria depois.

TECELUNA: OS FANTASMAS QUE CARREGAMOS

FLUXLI: A AUSÊNCIA DE MAIA

- Maia se ausentaria por uma lunação: Sem explicação. Sem detalhes.
- Três meses infernais: Fechamento de contas, burocracias, pacientes do *CogniSynth*.
- Takashi auxilia, mas o peso das decisões é esmagador.
- Um convite inesperado: Hideaki propõe um encontro.

REENCONTRO COM HIDEAKI – TRADIÇÃO E DISTÂNCIA

- Jantar cuidadosamente preparado: Hideaki era meticulosa.
- Um laço inquebrável com a cultura japonesa: Idioma, tradições, rituais.
- Presente previsível, mas significativo: Chocolates e dinheiro.
- *"Você está diferente."*: Até Hideaki letrama.

A REVELAÇÃO SOBRE A NB-MEND

- O projeto da UNITED foi suspenso: Os testes foram

desastrosos.
- Pacientes começaram a morrer.
- Dois ciclos de mortes inexplicáveis.
- *"Salvaram dois pacientes, mas não é suficiente."*
- Akiko conecta as peças.
- Será esse o peso que Maia carrega?

UMA VISITA INESPERADA – ANIVERSÁRIO DE AKIKO

- Maia desaparece por uma lunação, sem explicações ou detalhes, deixando Akiko apenas com a incerteza.
- Akiko se afunda no trabalho, lidando com fechamento de contas, pacientes do CogniSynth e a pressão crescente do final de ano.
- Jantar com Hideaki, sua mãe. Hideaki traz presentes e revelações sobre os testes suspensos da NB-Mend após mortes inexplicáveis.
- Maia reaparece de surpresa no aniversário de Akiko, levando-a ao Festival dos Fogos de Artifício no Favo Artístico.
- Entre atrações vibrantes, jogos, roda-gigante e holofogos, Akiko e Maia compartilham momentos intensos, culminando no primeiro beijo.
- Durante o festival, um homem francês misterioso pede ajuda, e Maia reage de forma alarmante, revelando um lado assustadoramente sinistro.
- Akiko letrama que Maia esconde um passado enigmático, mas decide respeitar seu silêncio, oferecendo confiança incondicional.
- Maia dá a Akiko um chaveiro de lobo e fica com um chaveiro de pinguim, selando a promessa de se lembrarem

uma da outra.
- Para encerrar a noite, Akiko usa seu pedido de aniversário e convence Maia a comemorar o Arraial das Almas juntas.

O ENCONTRO ENTRE HIKARU E MAIA

- Hikaru recebe a missão da Ninkyō dantai: investigar e neutralizar Maia.
- Seus robôs falham na espionagem, forçando-o a ir pessoalmente.
- Ele a observa de longe em Centrália, mas Maia o surpreende e o confronta.
- Ela já sabe quem ele é e menciona alguém que fala dele.
- Hikaru revela que foi enviado por Kotaro, sobrinho do líder da Ninkyō dantai.
- Maia demonstra confiança, desarma Hikaru e o domina facilmente.
- Ele sente uma dormência consumir seu corpo e implora por sua vida.
- Ela o solta após ele prometer protegê-la.
- Desmaia e é levado ao esconderijo de Maia no Tentro.
- Kiara os recebe e trata Hikaru, que perdeu o braço e parte do tórax.
- Ele descobre que precisará de próteses.
- Maia diz que gostou dele.
- Hikaru sorri pela primeira vez.

ALONLI: ARRAIAL DAS ALMAS – O COMEÇO DE TUDO

- Akiko convida Maia para celebrar o Arraial das Almas, sentindo-se animada para aproveitar a festividade com ela.

- Juntas, exploram as ruas movimentadas do Favo Artístico, cheias de decorações, fantasias e espíritos encantados.
- Na loja de fantasias FanTog, experimentam diferentes trajes, incluindo Jessie & James da Equipe Rocket, Vitória-régia & Cobra Norato e Jangadeiros Aventureiros.
- Maia fica profundamente afetada por uma fala holográfica do Meowth, revelando uma de suas muitas camadas ocultas.
- Tensão entre Akiko e Maia cresce quando esta ajuda a abrir o zíper da fantasia, deixando Akiko completamente sem fôlego.
- Ao voltarem para casa, encontram um filhote de gato cinza da raça Chartreux escondido no beco.
- Maia decide adotá-lo e o nomeia Orion.
- Naquela noite, Akiko compreende duas verdades sobre Maia, aprofundando ainda mais seu vínculo com ela.

SILENLI: UMA CHAMADA QUE MUDARIA TUDO

- Akiko se preparava para ir embora quando Scarlett Wilson ligou.
- Pergunta sobre a NB-Mend.
- Scarlett revela: os pacientes morrem de implosões sanguíneas.
- Metaline estabiliza os sintomas, mas não há explicação para sua eficácia.
- Akiko já havia dado uma grande quantidade para Maia.
- *"O que mais eu poderia fazer?"*
- Decisão: Takashi começará uma investigação sobre a NB-Mend.

SILENSINA: FESTIVAL DO ARRAIAL DAS ALMAS – UM

BRASIL CÓSMICO, VIVO E CELEBRADO

- À noite, se prepara para encontrar Maia no Arraial das Almas.
- São Paulo vibrante: fogueiras, projeções míticas, músicas e aromas brasileiros.
- Maia a encontra, as duas se perdem em um tour folclórico e depois vão ao Festival do Cauim.
- No Órbita Bar, experimentam cauins artesanais. Akiko escolhe Lunara; Maia, Sylthar.
- Bêbadas, trocam confidências sobre infâncias solitárias e travessuras.
- Akiko confessa que nunca pediu "quitutes ou travessuras."
- Maia menciona seu passado pela primeira vez–*"também não podia."*
- Cruzam com crianças fantasiadas, e Maia se diverte entrando na brincadeira.
- Maia sugere ir para o apartamento de Akiko. Ela aceita.

A NOITE QUE MUDOU TUDO – "COMO POSSO DORMIR COM VOCÊ ASSIM?"

- Akiko, embriagada, quase desmaia ao chegar em casa; Maia a segura.
- Maia a coloca na cama, mas Akiko a provoca, desafiando seu autocontrole.
- Maia resiste, dizendo que Akiko está bêbada demais para qualquer coisa.
- Akiko insiste na brincadeira, Maia a segura no colo e a deita com firmeza.
- Beijos provocativos, tensão crescente, mas Maia se mantém

no controle.
- Akiko adormece nos braços de Maia, que sussurra: "Com certeza, vou dormir com você."

UNELUNA: SOB AS LUZES CAÓTICAS DE NATIVIDADE

FLUXLI: INFILTRAÇÃO EM ILHABELA – ROUBO DAS 3-R

- Kiara, Maia e Saymon partem para Ilhabela, onde a Rede Aether esconde instalações militares secretas.
- Kiara invade o nanosistema para mapear a segurança da fortaleza e identificar fraquezas.
- Saymon e Maia apostam cartas enquanto esperam, mas Saymon provoca Maia, que perde novamente.
- Kiara detalha o plano: infiltram-se com Cloakify, Saymon controla androides, Maia elimina alvos, e Kiara manipula a segurança.
- A invasão começa. Maia e Saymon avançam na fortaleza enquanto Kiara dá cobertura e desativa alvos à distância.
- Saymon chama Kiara inesperadamente—Maia mudou os planos.
- Ela decide destruir uma instalação de experimentos em cobaias, causando explosões em cadeia.
- Kiara entra no subsolo e recupera as nanobombas 3-R da metacaixa.
- Explosões começam, Maia some.
- Kiara a encontra ferida e a carrega para fora.
- Saymon mantém a distração enquanto Kiara apaga rastros e reescreve os dados da fortaleza.

- Na fuga, o carro deles é atingido por um nanodrone da F.T.A. e perde o sistema.
- Kiara ejeta os bancos, Maia é levada por Saymon, e Kiara enfrenta os agentes sozinha.
- Neutraliza um nanodrone, uma androide e um soldado antes de hackear o carro da polícia e explodi-lo, eliminando provas.
- Se reúne com Saymon e Maia, que ainda está debilitada.
- Maia lembra Saymon de uma promessa, que ele relutantemente reafirma.
- Eles partem para São Paulo antes que reforços cheguem.

ABETE: O SOL QUENTE ANUNCIAVA O VERÃO... E A FESTA DE NATIVIDADE

- São Paulo transbordava decorações natalinas tropicais.
- Saci-pererês e iaras holográficos lançavam bênçãos digitais.
- O espírito natalino iluminava as ruas… mas não o coração de Akiko.
- *"Detesto a Natividade."*

UMA DESCOBERTA PREOCUPANTE – A VERDADE SOBRE A NB-MEND

- Takashi encontra um arquivo corrompido, programado para destruição.
- A UNITED comprou a massa falida da Nanoverse e iniciou testes com uma nanotecnologia incompleta.
- Os desastres eram inevitáveis – pacientes morriam por erro de engenharia.
- Akiko letrama que a UNITED *forjou documentos* para

conseguir aprovação.
- *"Eles nunca deveriam ter testado a NB-Mend."*

A FEIRA ESTIVAL NO FAVO ARTÍSTICO – UM BRASIL FUTURISTA, VIVO E ENCANTADO

- Maia manda mensagem: *"Quero te ver."*
- Akiko esquece o peso da descoberta e vai ao seu encontro.
- Passeiam na Feira Estival, cercadas por holomitos natalinos brasileiros.
- Maia quer fazer coisas natalinas com Akiko.
- Akiko reluta, mas se rende ao entusiasmo de Maia.
- Compram decorações e uma mangueira iluminada.
- Decoram o apartamento juntas; Akiko se abre sobre sua solidão no Natal.
- Maia fica com os olhos marejados, mas não chora.
- Germina de Expansira é marcado para mais celebrações de Natividade.

LIBELUNA: O ACENDER QUE PAROU

TECESI: A NATIVIDADE ANTECIPADA – "POUCO ME IMPORTEI, DESDE QUE FOSSE COM ELA"

- Akiko e Maia passam o dia juntas como se fosse Natividade.
- Trocam presentes: Akiko dá um projetor cósmico, Maia dá colares com suas iniciais.
- Passam o dia vendo filmes natalinos; Maia se revolta com clichês de perdão fácil.
- Akiko cozinha uma ceia tradicional francesa como surpresa.

- Maia fica abalada, emocionada, segurando as lágrimas.
- *"Seu coração se tornou a minha casa."*
- Jantam, assistem filmes, se provocam, e Maia a devora devotadamente na cama.
- Maia passa a língua nos lábios.
- Olha Akiko com fogo nos olhos.
- *"Ei... só tô começando."*

NAQUELA NATIVIDADE ANTECIPADA... ELAS SE PERTENCERAM.

- O amor já era um fato, acendente, avassalador.
- E as duas queriam ficar.

TRAMABE: O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU

- Akiko e Maia combinam de se encontrar na Centrália. Maia se atrasa, algo incomum.
- Uma multidão se forma; Akiko sente um pressentimento ruim.
- Ao se aproximar, vê Maia caída, sangrando por todos os orifícios, mas sem ferimentos aparentes.
- Ambulância chega; Akiko instrui a equipe a levá-la ao Santa Geordana para uma transfusão segura (O Rh nulo).
- No hospital, Maia estabiliza momentaneamente, sussurra o nome de Akiko e sorri.
- Código azul. Maia entra em parada cardiorrespiratória.
- Quatro choques, adrenalina, tentativas de reanimação. Nada funciona.
- Hora da morte: 13h47.
- Akiko desmorona. A morte a toca pela primeira vez.

2878 – LIBELUNA: O CHAMADO QUE RASGOU O PASSADO

SINTOLI: AKIKO RECEBE A CARTA PÓSTUMA DE MAIA.

- Um ano após a morte de Maia, Akiko vive em entorpecimento, tentando seguir em frente.
- Naquela noite, um sonho com uma loba cinza a chama de volta para um passado inacabado.
- Uma carta chega, com a caligrafia de Maia, carregando um celular vermelho, um relógio analógico, uma bússola dourada e coordenadas enigmáticas.
- *"Está preparada para entrar no meu mundo?"*
- As perguntas começam.
- As respostas estão do outro lado.
- E assim começa a jornada de Akiko.

SILENLI: O ENCONTRO DE AKIKO E KIARA – O INÍCIO DA JORNADA

- Após deixar a Zênite, Akiko Akiyama rompe com seu passado, carregando consigo o CogniSynth, a única âncora que ainda a ligava ao seu antigo mundo.
- Para garantir sua saída, entra em contato com Hideaki Katayama, presidente do CMG, usando a justificativa da pesquisa de campo para ocultar sua real motivação.
- Takashi, seu androide de confiança, hesita, mas decide acompanhá-la.
- Seguindo as coordenadas deixadas por Maia, Akiko e Takashi chegam a uma estação abandonada nas Ruínas de

Ferro.

- Entre paredes enferrujadas, automóveis deteriorados e vento sibilante, um nome ecoa:
- *"Akiko Akiyama?"*
- Surge Kiara, a androide de Maia. Olhos cinza cortantes, presença avassaladora, aura indomável.
- Takashi tenta acessá-la sem sucesso. Kiara, impassível, o expõe:
- *"Meu hack de camuflagem é melhor."*
- O impacto da revelação reverbera dentro de Akiko.
- Maia confiou nela.
- Sem tempo para dúvidas, Kiara os conduz para longe. O destino: Santos

SILENRI: CONTRATO DE TREZE MILHÕES DE BIREAIS POR AKIKO

- Após sua saída da Zênite, Akiko se torna alvo de um contrato massivo de 13 milhões de bireais.
- Em menos de um dia e meio, mercenários Classe 7 começam a rastrear sua localização.
- Kiara descobre a ameaça e age imediatamente, interrompendo a recuperação das memórias de Alícia.
- O choque toma conta de Akiko ao ritmar a escala da caçada.
- Takashi recebe os dados do contrato e começa a rastrear os mercenários, mas os de classificação Aurum permanecem ocultos.
- Kiara, dividida entre pragmatismo e intensidade, assume a liderança da fuga.
- Sem tempo para hesitação, Akiko deve confiar nela e partir imediatamente para as Terras de Ninguém.

- A decisão é feita. O coração de Akiko arde. A jornada continua.

AS TERRAS DE NINGUÉM E O PESO DA SOBREVIVÊNCIA

- Akiko e Kiara chegam às Terras de Ninguém em busca de informações sobre o contrato de 13 milhões colocado sobre sua cabeça.
- Kiara entrega a Akiko uma máscara nanotecnológica, que se conecta ao sistema nervoso e altera sua identificação para uma mercenária classe 1 ativa.
- Ao atravessar o mercado negro, Akiko se depara com o terror da miséria e da violência: crianças armadas, pilhas de corpos e um comércio brutal de implantes e armas.
- Elas chegam ao território de Cron, o líder mercenário, que as recebe sentado em um trono grotesco—uma privada dourada.
- Durante a negociação, Cron força Akiko a encarar a brutalidade do submundo ao executar um androide indefeso diante dela.
- Ele a testa, entregando uma arma para que ela finalize uma jovem acusada de roubo, mas Kiara interfere.
- Akiko presencia a morte sem poder reagir. Seu mundo colapsa. A impotência a corrói.
- Informações sobre o contrato: Já foi pago 50% do valor e os caçadores aguardam nas Ruínas de Ferro. O resgate do contrato exige contato direto com o Pai e a Matriarca, os líderes de Netheria.
- Cron reconhece Akiko como uma impostora e não uma mercenária real. No entanto, por respeito a Maia, ele

permite que ela saia viva e avisa: *"Se Trix ou Denden tivessem te encontrado primeiro, as coisas seriam diferentes."*

- Ao deixarem o local, Akiko desaba em choro no carro, devastada pela experiência. Kiara a abraça, oferecendo consolo.
- Enquanto se recupera, Akiko letrama que a única saída agora é seguir Kiara até Netheria—o coração da resistência e da guerra dos mercenários.

ENTRADA EM NETHERIA – BERG E O PERIGO CRESCENTE

- Após a experiência devastadora, Akiko sente os efeitos da fome extrema e do cansaço.
- Elas chegam a uma loja de conveniência nos arredores de Netheria, onde são recebidas por Berg, um androide bronze-cromado de personalidade teatral.
- Akiko finalmente consegue comer, recuperando parte de suas forças, enquanto Kiara negocia uma nova arma.
- Durante a conversa, Kiara explica como Netheria funciona:
- Vermina → Controlada pela Matriarca.
- Solterra → Controlada pelo Pai.
- O Tentro → Área neutra, onde matar é proibido.
- De repente, a presença de um forasteiro sinistro muda o ambiente.

ENCONTRO COM SAYMON – O IRMÃO DE MAIA

- Saymon surge das sombras, exalando uma aura esmagadora.
- Ele compartilha a mesma presença intimidadora de Maia,

mas é ainda mais cruel e imprevisível.
- Revela saber sobre Akiko e seu passado com Maia.
- Faz uma pergunta direta e aterrorizante: *"Maia te deixou algo? Especificamente... um relógio e uma bússola?"*
- Akiko esconde o fato de que carrega esses itens.
- Ele então propõe uma troca enigmática:
- Se Akiko e Kiara ajudá-lo a encontrar algo importante, ele "manterá o silêncio" sobre ela.
- Entrega a Kiara uma carta da Coringa, que serve como chave para algo oculto na Rede Aether.
- Ele se despede com um aviso sinistro, deixando Akiko paralisada pelo medo.

ENTRADA FINAL EM NETHERIA

- Após Saymon desaparecer, Kiara tranquiliza Akiko, afirmando que por ora, não precisam se preocupar com ele.
- Elas seguem para o portal subterrâneo de Netheria, atravessando um cenário cada vez mais sombrio e industrial.
- Um leão cibernético monstruoso, chamado Mafu, surge das sombras, avaliando-as antes de desaparecer.
- Akiko sente a relutância tomar conta de seu corpo.
- Mas não há mais volta.
- Kiara sorri e abre os braços.
- *"Bem-vinda à Netheria."*

ENTRANDO EM NETHERIA

- Akiko e Kiara chegam a Netheria, território sem leis da Zênite.
- O Tentro é uma zona neutra, entre Solterra (Pai) e Vermina

(Matriarca).
- Tecnologia avançada: nanopainéis de céu, holocabelos líquidos, próteses cromáticas.
- Akiko fica chocada com o mercado livre de implantes, androides strippers e mercenários despreocupados.

OÁSIS ONÍRICO – ENCONTRO COM GILL

- Kiara adquire Sentinil para encontrar a Matriarca ou o Pai.
- Para rescindir o contrato de 13 milhões, o contratante deve ser morto.
- Agendam um encontro com a Matriarca na Perlúnia.
- Ficarão em Netheria até lá.

REFÚGIO NO VERDANT SUITES

- Kiara reserva um hotel luxuoso, um contraste com Netheria.
- Akiko tenta relaxar no banho, mas as memórias das Terras de Ninguém, Saymon e Maia a atormentam.
- Dorme exausta, enquanto Kiara observa sem revelar muito.

SILENSI DE FLUXLUNA: VERDADES DURAS

- Durante o café da manhã, Kiara permite perguntas.
- Crianças mercenárias são moldadas sem questionar, cotecidas para obedecer.
- Cron e os "favores" – Mercenários evitam laços, pois isso os torna vulneráveis.
- Akiko tenta saber mais sobre a Matriarca e o Pai, mas Kiara se esquiva.

UMA NOITE NO ANDROLOUNGE

- Elas vão ao AndroLounge, um bar cyberpunk vibrante.
- Kalifa (Classe 7) e Thabo (Classe 7) se juntam a elas.
- Falam sobre o contrato de 13 milhões, sem saber onde o alvo está.
- Kalifa e Thabo contam uma missão na República do Congo, onde se aliaram aos rebeldes e traíram o contratante.
- Akiko bebe um pouco demais.

IMPACTO DE MAIA

- No hotel, Kiara letrama a dor de Akiko ao ouvir sobre Maia.
- Akiko confessa: *"Quero saber tudo sobre ela."*
- Kiara responde enigmática: *"Talvez, quando tudo isso acabar..."*
- Akiko segura o choro e adormece.

RITLI: ENCONTRO COM A MÃE

- Kiara entrega Sentinil a Akiko, um inibidor de emoções, para não demonstrar fraqueza diante da Matriarca.
- Vermina, território brutal: corpos acorrentados, tortura, tráfico humano e androides explorados.
- Palácio da Matriarca: sustentado por jade e ouro, repleto de artefatos históricos, incluindo a Monalisa desaparecida.

SAYMON INTERVÉM

- A Matriarca se ausenta, mas Saymon marca presença.
- Ele provoca Kiara e Akiko, dando a elas uma missão em

troca da rescisão do contrato:

- Recuperar um carregamento da África do Sul confiscado no Porto de Alexandria, Egito.
- Kiara, irritada, aceita o acordo, sabendo que não há alternativa.
- Saymon suspende o contrato por duas selunias antes da reativação dos Aurum.

DE MADRUGADA – PARTIDA PARA O EGITO

- Kiara busca duas substâncias com Gill antes de saírem.
- O carro delas é identificado como pertencente a Netheria, causando desconforto em Akiko.
- Kiara explica que os mercenários fazem o trabalho sujo da Zênite, sendo descartáveis e invisíveis.

FUGA PELO AEROPORTO

- No aeroporto, sob chuva intensa, Kiara mata uma suposta oficial da Rede Aether, chocando Akiko.
- Era, na verdade, um dos androides de Saymon.
- Saymon possui múltiplos androides conectados a ele, algo cientificamente impossível.

NO AVIÃO – DESTINO: EGITO

- Kiara e Akiko voam em um jato particular para o Egito.
- Akiko questiona Maia: ela também possuía essa habilidade?
- Kiara evita a resposta, olhando pela janela.
- Akiko letrama que suas respostas virão com o tempo.
- Exausta, adormece no voo para Cairo.

SINTOSI: CHEGADA AO EGITO

- Kiara e Akiko pousam no Deserto do Saara.
- Elas vestem túnicas para se disfarçar e ocultar a origem estrangeira.
- Kiara explica as regras e os riscos da cidade, incluindo o desdém por androides independentes.
- Elas atravessam um posto de mercenários e pegam um carro para o Cairo.
- Akiko observa a precariedade do deserto e reflete sobre a desigualdade mundial.
- Ao chegarem ao Cairo, enfrentam um intenso trânsito e atravessam os portões vigiados por androides e humanos armados.
- A cidade está coberta por um ar arenoso e estátuas colossais de deuses egípcios vigiam a metrópole.
- Kiara as conduz ao *Retiro de Ébano*, onde passarão a noite antes de partirem para Alexandria.

ABELI: JORNADA PARA ALEXANDRIA

- Kiara acorda Akiko e traça o plano para a infiltração no Porto de Alexandria.
- Elas deixam o Cairo e seguem pelas montanhas.
- Durante o percurso, Kiara revela que Alexandria foi alvo de testes da R-FUS, causando destruições massivas.
- Ao chegarem à base abandonada, Kiara ensina Akiko a atirar com uma arma. A médica hesita, mas acaba atirando em um pôster para sentir o impacto.
- Elas iniciam a trilha para a caverna de observação.
- Kiara elimina guardas pelo caminho e cobre as evidências.

- Akiko luta contra o medo ao cruzar uma passagem perigosa nas montanhas, mas confia em Kiara.
- Elas se escondem na caverna e Kiara inicia a observação da Cidadela de Burj.
- Akiko dorme e tem um momento de profunda reflexão sobre Maia e seu impacto em sua vida.
- Ao amanhecer, Kiara traça o plano de infiltração: um ataque preciso durante a troca de turno.
- Akiko compartilha com Kiara o envelope com os itens de Maia. Kiara reage de maneira enigmática.

A INFILTRAÇÃO NA CIDADELA DE BURJ

- Elas se preparam, ingerindo FamineFix e CaloraX.
- Kiara menciona que Maia teria feito a infiltração sozinha se estivesse ali.
- A descida é perigosa, e Akiko se esforça para acompanhar Kiara.
- Elas cortam a cerca e entram na fortaleza.
- Kiara elimina guardas com precisão e frieza.
- Akiko cumpre sua parte, hackeando a caixa de energia para desativar as câmeras.
- Durante a retirada, ouvem uma voz forte insultando seus captores.
- Kiara reconhece Denden, um mercenário capturado.
- Denden é resgatado e se junta a elas.
- Ao tentarem escapar, a situação sai do controle quando Denden inicia um tiroteio intenso.
- O alarme soa e soldados os cercam.
- Uma granada de fumaça é lançada. Akiko desmaia.

CAPTURA E TORTURA

- Akiko acorda algemada, coberta de sangue e sujeira.
- Denden também está preso, mas continua provocando seus captores.
- A médica é interrogada sob tortura psicológica e física.
- Usam Sinaptic-V, um software de extração de informações neurais.
- Akiko tem flashbacks traumáticos de sua infância e do abuso de seu pai.
- Denden compartilha histórias sobre Maia para manter Akiko consciente e conectada à realidade.
- Os militares intensificam os tormentos, mas Akiko resiste bravamente.
- Seu corpo e mente estão à beira do colapso.
- Ela começa a aceitar a morte, mas Denden insiste que ela aguente firme.
- Saymon invade a base e mata todos os soldados, resgatando Akiko e Denden.

LIBELI: FUGA DO EGITO

- Saymon entrega Denden a um contato e leva Akiko ao encontro de Kiara.
- Kiara se desespera ao ver o estado da amiga.
- Eles fogem pelo deserto e embarcam em um avião.
- Kiara cuida dos ferimentos de Akiko e a alimenta.
- Akiko dorme profundamente pela primeira vez em dias.

RECUPERAÇÃO E CONSPIRAÇÃO

- Akiko acorda enfaixada, debilitada.
- Kiara e Saymon discutem sobre o que aconteceu e a próxima missão.
- Saymon revela que a joia roubada era a "Joia de Cleópatra", parte de uma coleção de antiguidades da Matriarca.
- Kiara e Saymon entram em conflito sobre um novo trabalho.
- Saymon exige uma missão extra antes de revelar o nome do contratante de Akiko.
- Akiko pede um banho para se limpar do trauma.
- No banho, Kiara cuida de seus ferimentos.
- Akiko se vê no espelho e tem um colapso ao ritmar o estrago em seu corpo.
- Kiara a conforta, reafirmando que ela sobreviveu e que irá se recuperar.
- Akiko conta que Denden falou sobre Maia, deixando Kiara visivelmente abalada.
- Kiara se prepara para revelar o que realmente aconteceu com Maia nas Terras de Ninguém.

FLUXLUNA D13-D15: CUMPLICIDADE

- Akiko enfrenta um período de recuperação intensa após a tortura.
- Kiara cuida dela, ajudando em sua recuperação física e psicológica.
- Pesadelos, ataques de pânico e surtos alucinógenos são frequentes.
- O uso de Bacopa Monnieri aprimorada auxilia na regeneração do hipocampo.
- Cicatrizes físicas se curam, mas o trauma psicológico

persiste.
- Akiko e Kiara interagem silenciosamente, fortalecendo o vínculo.

2879 – FLUXLUNA: A ESCOLHA DE SEGUIR ADIANTE

D13-D15: DETERMINADA

- Akiko questiona Kiara sobre a morte da garota nas Terras de Ninguém.
- Kiara revela a hierarquia brutal do submundo e o motivo de Maia ter sobrevivido.
- Akiko decide continuar sua missão, determinada a seguir em frente.

IRRASI: PREPARAÇÃO

- Akiko se recupera significativamente, embora ainda sofra episódios psicóticos breves.
- Kiara inicia o treinamento de Akiko no uso de armas.
- A missão para escoltar uma princesa russa é confirmada.
- Akiko revisa a história recente da Rússia e sua estrutura política dominada pelo Vorovskoy mir.

A PROVA DE FOGO

PARTIDA PARA MOSCOU

- Akiko e Kiara embarcam em um jatinho particular.
- Kiara entrega uma arma para Akiko, que aceita sem hesi-

tação.
- Reflexões de Akiko sobre sua conexão com Maia e sua transformação pessoal.

CHEGADA À RÚSSIA

- Kiara e Akiko enfrentam o rigoroso inverno russo.
- Chegam a Salekhard, um distrito devastado pela guerra.
- Encontram Trix, líder mercenária ciborgue, com quem Kiara tem uma relação tensa.
- Conhecem Anichka, a princesa que precisam escoltar.
- Trix revela que o Vorovskoy mir está caçando Anichka.

TECELI: INFILTRAÇÃO EM KHALMER-YU

- Kiara, Akiko, Trix e Anichka seguem para Khalmer-Yu, a fortaleza do Vorovskoy mir.
- Akiko e Kiara elaboram um plano para se infiltrar e extrair Anichka e Trix.
- Akiko se disfarça de médica para resgatar Trix.
- Durante a missão, Akiko mata um guarda pela primeira vez.
- Trix ajuda Akiko a escapar e Kiara as resgata.

DECLINA: REFÚGIO NO CHALÉ

- Akiko entra em choque após sua primeira morte.
- Kiara a conforta, mas enfatiza a necessidade de seguir em frente.
- Anichka revela ter sido manipulada para envenenar Trix.
- Descobrem que o responsável foi um androide de Saymon.

- Constatam que Anichka é filha do Pakhan do Vorovskoy mir.
- Kiara suspeita de um plano maior envolvendo a monarquia e o submundo russo.

IRRALUNA: TRONO DE FERRO E SANGUE

D00-D15: RECUPERAÇÃO DE TRIX

- Akiko e Kiara revezam os cuidados com Trix.
- Descobrem que o veneno usado foi Mentis Imperium, uma tecnologia proibida de controle mental.
- Trix apresenta uma taxa de recuperação anormalmente alta.
- Akiko reflete sobre a biologia excepcional dos mercenários.
- Anichka começa a revelar mais detalhes sobre sua relação com Vorovskoy mir.

RESSURGIMENTO DA MENTIS IMPERIUM.

- Após décadas de proibição, Riki Akiyama recria a tecnologia de controle mental, reacendendo um dos maiores horrores nanotecnológicos da história.

IRRASI: LAÇOS

- Manhã fria, neve caindo.
- Akiko cuida de Trix, que desperta e bebe água.
- Trix estranha Akiko, sente que já a viu antes, mas não lembra onde.
- Akiko diz que se tornou aprendiz de Kiara recentemente.
- Trix aceita e não questiona mais.

- Kiara entra no cômodo, trazendo Anichka.

CONFRONTO ENTRE TRIX E ANICHKA

- Trix descobre que Anichka é filha do Pakhan e que são irmãs.
- Anichka entra em pânico.
- Trix a pressiona, revelando sua própria história traumática.
- Quase a mata, mas a solta no último instante.
- Declara que vai destruir o último resquício do sangue do seu sangue.
- Deixa a cena sem olhar para trás.
- Anichka chora, absorvendo o que aconteceu.
- Kiara e Akiko discutem o que Saymon sabia sobre a conexão entre Trix e Anichka.
- Akiko lida com a dor da perda de Maia.
- Chora sozinha, mas Kiara a encontra e a consola.
- Reflexões sobre Maia, luto e reencarnação.
- Akiko encontra conforto na presença de Kiara.

PARTIDA

- Kiara confirma que já sabia que Trix era filha do Pakhan.
- Explica que a genética dela foi usada em experimentos.
- Discussão sobre a crueldade do mundo e como aqueles que deveriam proteger são os primeiros a destruir.
- Akiko tenta não se prender ao passado.

HELSINQUE

- Anichka reflete sobre Trix, questionando se quer ser como

ela.
- Kiara revela que Trix não sentia frio por causa de nanites climáticas.
- Anichka aceita a verdade, mas expressa desejo de ser forte como Trix.
- Chegada à colina próximo de Helsinque.
- Esperam pela entrega de Anichka.
- A tempestade de neve se intensifica.
- Yuri aparece inesperadamente.

CONFRONTO COM KIARA

- Yuri se apresenta de forma cínica.
- Kiara não hesita e atira nele.
- Yuri se levanta depois de dez minutos, ileso.
- Yuri informa que o Pakhan foi assassinado.

ENTREGA DE ANICHKA

- Ela hesita, mas aceita partir com Yuri.
- Antes de ir, agradece silenciosamente a Akiko e Kiara.

PARTIDA DE VOLTA AO BRASIL

- Kiara está furiosa, mas oculta a raiva.
- Akiko reflete sobre sua relação com São Paulo.
- Agora, vê a cidade não como um lembrete do que perdeu, mas como o ponto de partida para encontrar o que ainda busca.
- Decide se jogar de cabeça no universo de Maia.
- Kiara, apesar de furiosa, sorri para ela.

CHEGADA A SÃO PAULO

- Akiko e Kiara retornam ao Brasil.
- O outono traz ventos cortantes, mas nada se compara ao frio interno de Akiko.
- Encara suas cicatrizes no espelho.
- Reflexões sobre seu passado, sua dor e a desumanização que sofreu.
- Recordações vívidas da tortura e da marca em forma de X nas costas.
- O trauma persiste, mas ela se força a enfrentar.
- Maia foi a razão para ela suportar tudo.
- Kiara pergunta se ela está melhor.
- Reflexões não ditas sobre Maia.

ENCONTRO COM O PASSADO

- Kiara sai apressada para resolver pendências antes do encontro com Saymon.
- Akiko observa o Tentro pela janela.
- Mercenários armados. Tigres biomecânicos.
- Hololuzes vibrantes e gritos de comerciantes.
- Casais trocando olhares no meio do caos.
- Kiara retorna e provoca sobre Akiko estar distraída.
- Hora de partir para Vermina.

CHEGADA A VERMINA – O HORROR DAS TREVAS

- Alameda ensanguentada.
- Crianças magras nas vitrines.
- Casas decoradas com restos humanos.

- Atmosfera de puro sadismo.
- O cheiro da decadência impregna o ar.

ENCONTRO COM SAYMON

- Saymon fala com alguém: Riki Akiyama.
- O coração de Akiko dispara.
- Riki Akiyama, seu pai, está ali.
- Ele recebe instruções de Saymon e sai sem reconhecê-la.
- Akiko sente raiva.
- Kiara exige respostas.
- Saymon provoca, manipulando a situação.
- Fala sobre a Mentis Imperium.
- Ele desafia Akiko e Kiara com um "favor" a cumprir em duas selunias.
- Kiara segura a fúria.
- Saem do local, mergulhadas em pensamentos sombrios.

RETORNO AO TENTRO

- Kiara explode em raiva contida.
- Akiko tenta processar tudo.
- Kiara alerta:
- O contrato de Akiko será reativado em duas selunias.
- Os Aurums estarão atrás dela.
- Precisam resolver tudo antes disso.
- Plano ousado:
- A chave leva a um nanosistema incorruptível.
- O local? O Parlamento da Zênite.
- Akiko entra em choque.
- Ela será a única capaz de entrar lá sem suspeitas.

- Primeiro passo: conseguir a planta arquitetônica do Parlamento.

VIAGEM PARA SOLTERRA – ENCONTRO COM HIKARU

- Expectativa de mais horrores.
- Surpresa:
- Solterra é um centro nanotecnológico vibrante.
- Armas de última geração, robôs gigantes, ciborgues.
- Uma cidade futurista no submundo.

ENTRADA NA BILAB

- Biblioteca-laboratório.
- Conhecem Tanu, o cão-guaxinim cibernético.
- Hikaru desce as escadas.
- Ciborgue samurai.
- Vestindo hakama, haori e katana neon.

PEDIDO DA PLANTA DO PARLAMENTO

- Hikaru aceita.
- Processo de 48 horas:
- Kiara recebe uma injeção de Drohipno.
- Entra em estado de upload de dados.
- Transferência da planta começa.
- Akiko passa dois dias na BiLab.
- Hikaru observa Akiko com um olhar perspicaz.
- Revela que Maia garantiu sua proteção.
- Algo profundo liga Hikaru ao passado de Maia.
- Tanu faz companhia, mas Akiko se sente solitária.

RADIARA: PREPARAÇÃO FINAL

- Kiara desperta após 48 horas de upload.
- Resmungando que odeia aquilo.
- Conseguem a planta do Parlamento.
- Partida de volta ao Tentro.
- Caminham por becos abandonados.
- Grafites contra a Rede Aether e a Nanoverse.
- Indícios das revoltas de 2795.
- Chegam ao esconderijo de Maia.
- Uma antiga base secreta.
- Kiara projeta o holomapa do Parlamento.
- O plano começa a tomar forma.

SILENLI: O ATAQUE À ZÊNITE

- Durante as celebrações do Awá Reru, Akiko se infiltra no Parlamento da Zênite.
- Ao mesmo tempo, ele é invadido por um grupo desconhecido identificado como Une Côte.
- Saymon toma controle dos androides militares da F.T.A. e faz reféns os líderes da Rede Aether.
- A sessão secreta do Parlamento, onde se votava a redução de empregos humanos para 25%, é revelada ao mundo.
- A Rede Aether é desafiada publicamente e perde parte de sua credibilidade global.
- Nenhum morto ou ferido oficialmente reportado, mas a crise política se instala.
- Internautas batizam os insurgentes como Une Côte, e o mundo se divide: são terroristas ou os únicos que desafiaram os verdadeiros opressores?

- A Rede Aether nega os eventos e inicia investigações para caçar os responsáveis.
- Manifestações explodem em diversas cidades.

ALONABE: A RESPOSTA DA REDE AETHER – RETALIAÇÃO EM NETHERIA E TERRAS DE NINGUÉM

- Akiko e Kiara escapam da Zênite e preparam-se para confrontar Saymon sobre o contrato de Akiko.
- A Força Tática Aether (F.T.A) responde ao ataque à Zênite com uma operação devastadora em Netheria.
- Bombardeios aéreos são lançados sobre os distritos periféricos, destruindo favelas e cortando suprimentos essenciais.
- Mercenários tentam resistir, mas a ofensiva é avassaladora.
- Saymon, Akiko e Kiara presenciam o massacre enquanto fogem com o MetaCore roubado.

REPERCUSSÃO

- O Egito e a Rússia condenam publicamente a repressão da Rede Aether e ameaçam sanções.
- Protestos na Centrália tomam as ruas por dias consecutivos, crescendo em intensidade.

O TUP É REBAIXADO A ÓRGÃO CONSULTIVO

- O líder egípcio Abdel Ramesses Kalil apresenta uma denúncia contra a Rede Aether no Tribunal Penal Mundial (TPM), acusando-a de crimes contra a humanidade e genocídio.
- O TUP tenta intervir para negociar os termos da denúncia, mas é relegado ao status de órgão consultivo, sem poder

decisório
- O Tribunal Penal Mundial assume a liderança do caso, e o TUP é oficialmente rebaixado a um órgão consultivo, sem qualquer poder decisório.

FLUXLI: O VAZAMENTO DAS GRAVAÇÕES DE LORENZO CARDOSO

- A Une Côte intercepta a transmissão do Premier, revelando gravações secretas.
- O vazamento comprova que a Rede Aether planejou o uso da bactéria Vaktiria para dizimar a população e expandir sua influência global.
- Manifestações explodem ao redor do mundo; a Rússia ameaça mobilizar forças militares para proteger os insurgentes.
- Abdel Ramesses Kalil, líder egípcio, protocola uma moção no Tribunal Penal Mundial para processar a Rede Aether por genocídio e crimes contra a humanidade.

A REBELIÃO DE CATANDUVAS

- A maior prisão do Brasil é invadida por mercenários e insurgentes.
- Akiko, Kiara e Trix lideram uma missão para resgatar Denden, capturado pela F.T.A. após fornecer armas aos manifestantes.
- Durante a invasão, Kiara hackeia e libera os prisioneiros políticos e insurgentes, transformando o ataque em um massacre contra as forças da Rede Aether.
- A transmissão global da operação provoca uma reação em

cadeia, incendiando ainda mais os protestos.

O ÚLTIMO GOLPE CONTRA LORENZO CARDOSO

- O vazamento das gravações de 2849, mostrando o Premier negociando a Vaktiria com países estrangeiros, leva a um pedido formal de renúncia.
- Protestos eclodem em Hong Kong, Nova Iorque, Moscou, Paris e São Paulo.
- A Rede Aether sofre sua maior crise desde sua fundação.

AKIKO É CAPTURADA

- Após ajudar Denden a escapar da prisão, Akiko é capturada por Kai e Luiz, dois mercenários contratados para entregá-la a um misterioso contratante.
- Durante o transporte, eles discutem sobre removê-la do sistema de rastreamento da Zênite, cortando seu biochip.
- Luiz remove o biochip de Akiko, causando um processo doloroso e colocando-a em risco de infecção por nanites. Ela perde sua conexão com Takashi, seu androide.
- Fuga no Cemitério de Carros
- Kai e Luiz a levam para um ferro-velho, onde planejam trocar de veículo para despistar rastreadores.
- Akiko aproveita um momento de descuido de Luiz no banheiro e o ataca, ferindo-o no nervo ciático para escapar.
- Ela corre através da paisagem árida, mas seu estado debilitado, febre e desidratação a enfraquecem.
- Kai a alcança e a captura novamente após uma perseguição intensa.

TECELI: A ENTREGA AO CONTRATANTE

- Kai e Luiz a entregam ao contratante por 13 milhões de créditos.
- Para sua surpresa, o contratante é Riki Akiyama, seu próprio pai.
- Akiko acorda em um laboratório, limpa, hidratada e algemada.
- Riki se revela completamente indiferente à sua condição e se prepara para testá-la.
- Experimentos Mentis Imperium
- Riki injeta Sentisurge em Akiko, uma droga que a força a morrer e reviver repetidamente.
- O objetivo do experimento é fazê-la reviver sua memória mais dolorosa e quebrá-la emocionalmente.
- Akiko é arrastada para Trivira de Expansira de 2878, revivendo a morte de Maia inúmeras vezes.
- A experiência a leva ao limite, destruindo sua sanidade e ampliando sua dor ao extremo.

O SEQUESTRO DE PAULO LEWIS

- Jundiaí, Brasil
- A missão: capturar Paulo Lewis, diretor de operações da Sessota.
- As executoras: Kiara e Trix.
- A operação se desenrola em infiltração, hacking e uma execução meticulosa.
- Trix elimina o segurança. Kiara desativa os alarmes.
- Anne engana Paulo, tornando-o vulnerável.
- Paulo é algemado, sequestrado e levado para Franca.

RESGATE POR SAYMON

- Após cinco dias de tortura, Saymon chega inesperadamente e interfere no experimento.
- Ele decreta que Akiko agora pertence ao grupo deles, impedindo Riki de continuar com os testes.
- Riki protesta, mas Saymon tira Akiko do laboratório e a leva para longe.
- Revelações sobre Maia
- No caminho, Saymon revela um segredo chocante:
- Maia desativou as nanites e sacrificou sua vida para impedir uma catástrofe biotecnológica.
- Se ela tivesse sobrevivido, teria matado todos em um raio de um quilômetro.
- O sangue usado para tentar salvá-la pertencia a Saymon, revelando uma conexão entre ele e Maia.
- Akiko, ainda devastada, luta para processar tudo.

ALONLI: O ENCONTRO SUBTERRÂNEO - O MESTRE DAS MARIONETES

- Franca.
- Paulo Lewis desperta nu, amordaçado e ajoelhado, cercado pelos caçadores.
- Saymon, Cron, Denden, Maeva, Akiko o aguardam.
- Saymon lidera o interrogatório, manipulando cada palavra, cada medo.
- A verdade é revelada: Sessota, UNITED e Kokusai estavam por trás da tecedura da Vaktiria.
- O terror de Paulo cresce. Ele coletrama que está encurralado.

- Cron se aproxima, a vingança cintilando nos olhos.

ENCONTRO COM MAEVA E REVELAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE

- Akiko luta contra sua dor e alucinações de Maia, tentando seguir em frente.
- Denden a encontra e a convida para comer, apresentando a comida colombiana e criando um momento de descontração.
- Durante a conversa, Denden descobre que Akiko era o alvo do contrato de 13 milhões e lamenta não ter sabido antes.
- Maeva se junta a Akiko, e as duas passam o dia explorando o bunker e conversando sobre a situação mundial.
- Maeva revela que a verdadeira força por trás da Rede Aether e da Sessota é *A Sociedade*, um grupo invisível de dez membros que manipulam o mundo nas sombras.
- Saymon e a Une Côte já eliminaram um dos líderes, restando nove.
- Paulo Lewis, executivo da Sessota, está sob controle de Saymon, sendo uma peça-chave para encontrar os outros membros.
- Maeva explica que destruir A Sociedade requer caos—algo que eles não podem controlar.
- Akiko menciona Cron e sua doença, revelando que pretende curá-lo com um procedimento ilegal e arriscado realizado por seu pai, Riki.
- Maeva compartilha seu ódio pela Sessota e explica os planos para derrubar a empresa expondo sua conexão com a Vaktiria.
- No fim do dia, Akiko letrama que está se envolvendo

cada vez mais na luta de Maeva, Saymon e Maia contra *A Sociedade*.
- Antes de dormir, ela confronta a alucinação de Maia, expressando sua dor e desejo de uma vida que nunca puderam ter juntas.
- Maeva lhe entrega Pefentanil para ajudá-la a dormir e se despede, deixando Akiko com seus pensamentos e seu luto.

SILENTE: ALUCINAÇÕES, ABSTINÊNCIA E PARTIDA COM SAYMON

- Akiko tem o mesmo sonho recorrente com a loba cinza em um cenário nevado, um chamado que a persegue.
- Ela acorda em crise, suando e tremendo pela abstinência do Pefentanil, desejando a regulação de um biochip que já não possui.
- A alucinação de Maia continua presente, se recusando a desaparecer, enquanto Akiko luta para manter sua sanidade.
- Tentada pelas drogas, ela resiste no último segundo, se forçando a enfrentar a dor e esvaziar-se para continuar viva.
- Revive seus traumas mais profundos—tortura, abusos, cicatrizes e o impacto de Riki em sua destruição.
- Reafirma que pensar em Maia foi o que a manteve viva, mas também o que mais a destruiu.
- Em um momento de epifania, declara que seu amor por Maia transcende tudo—dores, cicatrizes e ressentimentos—e que é isso que a faz continuar.
- Saymon aparece inesperadamente e, sem rodeios, entrega a ela uma pílula para suspender a abstinência.
- Akiko letrama que ele já sabia da sua condição e, num raro

momento de hesitação, Saymon pergunta se ela está bem.
- Ela reage com ironia e riso, surpresa pela inesperada demonstração de preocupação.
- Sem revelar muito, Saymon a instrui a segui-lo.
- No caminho, Maeva se despede calorosamente de Akiko, garantindo que voltariam a se encontrar.
- Saymon e Akiko deixam o bunker, sobrevoando São Paulo, onde protestos eclodem e incêndios tomam a cidade.
- Diante do caos, Saymon solta um comentário enigmático: *"Finalmente a cidade está queimando?"*
- Akiko se questiona se ele está por trás disso, mas não encontra respostas.
- Silêncio domina a viagem, deixando no ar um pressentimento de que algo muito maior está em jogo.

IRRALI: CHEGADA AO AMAZONAS, REENCONTRO E REVELAÇÕES

- Akiko chega ao Amazonas após uma jornada de um dia e meio.
- Ela se depara com uma região devastada, com casas soterradas e a floresta amazônica quase inexistente.
- Kiara a recebe com um abraço apertado, pedindo desculpas por não ter conseguido protegê-la.
- Apesar do afeto, Akiko letrama que Kiara carrega um forte sentimento de culpa pelo que aconteceu.
- A tensão se intensifica quando Kiara revela que Takashi sofreu um ataque severo e seu núcleo foi seriamente danificado.
- Sem acesso ao nanosistema, a situação dele é crítica, e a única chance de salvá-lo está nas mãos de Saymon.

- Kiara exige que Saymon o ajude, mas ele debocha e hesita até um evento inesperado acontecer.
- Uma voz fraca, mas poderosa, corta o ar. Alícia, a avó de Saymon, aparece.
- Pela primeira vez, Saymon vacila. Sua postura arrogante desmorona.
- Ele, que sempre manteve o controle, se mostra vulnerável diante dela.
- A cena fica gravada na mente de Akiko—aquele foi o momento de maior fragilidade de Saymon.
- Enquanto isso, Akiko aguarda ansiosamente ao lado de Takashi, tentando encontrar uma solução para salvá-lo.
- Kiara alerta que, caso Saymon aceite consertá-lo, Takashi nunca mais será o mesmo.
- Saymon finalmente cede, mas impõe uma condição: Takashi será dele a partir de agora.
- Akiko, desesperada para salvá-lo, aceita, mas carrega consigo o peso da escolha.
- Ela se reencontra com Alícia e vê que o tratamento do CogniSynth funcionou—ela recuperou parte de suas memórias.
- A emoção toma conta de Akiko ao ritmar que ajudou a devolver algo inestimável a Alícia.
- Curiosa, Akiko pergunta a Kiara sobre a reação de Saymon.
- Kiara explica que Maia foi quem trouxe Liana para ajudar Alícia, pois a doença dela começou muito cedo.
- Saymon deve ter pensado que era melhor que ela nunca recordasse.
- Akiko reflete sobre como Saymon lida com os laços e letrama que ele também é uma incógnita para Kiara.
- Saymon chama Akiko para conversar a sós.
- Ele quer saber mais sobre o CogniSynth e se é possível

usá-lo para acessar e exibir memórias.
- Akiko confirma, e Saymon sorri de maneira enigmática, dizendo que agora quer sua ajuda.
- Ele anuncia seu próximo destino: Tóquio.
- Antes que Akiko possa processar, Kiara irrompe na sala com uma notícia urgente.
- Um contrato foi emitido no nome de Saymon.
- O contratante? A Matriarca, uma das líderes de Netheria.
- A recompensa? Cem milhões.
- O mundo inteiro agora está atrás dele.
- Saymon, ao contrário do esperado, não se abala—ele já esperava por isso.
- Kiara letrama e acusa: *"Você queria isso!"*
- Antes que possam discutir, Liana surge e avisa que Alícia quer ver Akiko.
- Akiko aproveita a oportunidade para sair e absorver tudo o que aconteceu.
- Ela encontra Alícia, que segura suas mãos e agradece profundamente.
- Graças a Akiko, ela pôde ver Saymon novamente.
- E, em meio à alegria, Alícia menciona algo que faz o coração de Akiko estremecer.
- Kiara contou a ela sobre Maia.
- E então, uma pergunta paira no ar, carregada de dor: *"Eu tive escolha? Poderia ter feito diferente?"*
- O peso do passado, dos 'e se', da culpa e do que não pode ser mudado sufoca ambas.
- Ali, naquele momento, Akiko sente que entrou no universo de Alícia—nas suas dores, memórias e arrependimentos.

CONFISSÕES DE ALÍCIA PARA AKIKO

- Alícia compartilha com Akiko a história de sua família, desde os eventos que levaram à queda da Nanoverse até a perseguição que culminou na destruição da França.
- Ela detalha como a Rede Aether manipulou a narrativa global para eliminar a Nanoverse e os Luminares, culminando em uma crise mundial.
- Revela como seus pais preservaram a tecnologia proibida, desenvolvendo nanotecnologias inovadoras, incluindo a QN-Tec.
- Explica como sua filha, Charlotte, seguiu os passos científicos da família e, junto com seu marido, Calixte, criou Saymon e Maia.
- Relata a infância de Saymon e Maia, sua relação próxima e os desafios que enfrentaram desde pequenos.
- Revela que, para garantir a sobrevivência deles, Charlotte e Calixte injetaram as QN-Tecs NB-Mend, Regnante e Gagner em seus filhos.
- Explica as capacidades únicas de Maia e Saymon devido às QN-Tecs implantadas—Maia com o poder de manipular e reprogramar nanites e Saymon com a habilidade de conquistar androides e sistemas.
- Alícia narra a dor de ver seus netos serem levados pelos mercenários das Terras de Ninguém e a culpa que carregou desde então.
- Ela entrega a Akiko uma compreensão profunda sobre a origem da dor de Maia e Saymon, ligando seus passados ao presente.
- Akiko, devastada com as revelações, conecta os eventos e letrama que Saymon e a Une Côte estão repetindo com o Brasil, Rede Aether, a Sessota, UNITED e Kokusai o que fizeram com a França, Luminares, a Nanoverse e a Société

d'Intelligence.
- Em choque, confronta Saymon sobre as 3-R e a possível destruição do Brasil.
- Saymon confirma que esse era o plano, mas diz que uma peça inesperada surgiu no jogo e mudou o rumo dos acontecimentos: Akiko.

A REVELAÇÃO E O CHAMADO

- Saymon revela que o plano inicial era bombardear o Brasil, como fizeram com a França, até que Maia conheceu Akiko e mudou de ideia.
- A decisão de Maia gerou discordância dentro da Une Côte.
- Saymon conclui que seu trabalho ali estava feito e que Maeva, junto ao comando de Kemetia, seguiria com a insurreição contra a Rede Aether.
- Saymon menciona que irão para Tóquio em duas luas, deixando Akiko inquieta.
- Kiara a leva a um local especial: o cume do Brasil, *"Onde se toca o céu"*, proporcionando-lhe um momento de reflexão sob a vastidão do cosmos.
- Ali, Kiara entrega a Akiko uma carta de Maia, escrita com sua própria caligrafia.
- Antes que Akiko possa terminar de ler, um celular dobrável vibra com um número de Tóquio.
- Ela atende e, para seu choque absoluto, ouve uma voz que transcende o tempo e a distância:
- *"Maia."*

As peças desse quebra-cabeça ainda estão incompletas. O passado é uma sombra distorcida, o presente um campo de

batalha, e o futuro… uma promessa feita em meio às cinzas. Mas, entre conspirações e ruínas, alguns desafiam o inevitável. Pois, em um mundo fragmentado, quem junta os cacos se torna a arquiteta do novo amanhã.

E o amanhã... ainda está sendo escrito.

VISÕES FRAGMENTADAS

Algumas histórias emergem como imagens, instantes congelados no fluxo da memória, ecos de um universo que se desfaz e se reconstrói a cada sentir.

Estas são cenas que escaparam do tempo linear, fragmentos que resistiram ao colapso e sobreviveram à queima. Algumas nasceram no meio do processo criativo, outras foram experimentações, mas todas carregam pedaços do que são *Universos Fragmentados*.

Aqui, as imagens falam por si. E cada fragmento conta sua própria história.

AKIKO, ENTRE O CÉU E O ABISMO

"Fragmentos se dissolvem no vento. Akiko caminha onde ninguém mais pisa, entre luzes desfocadas e caminhos invisíveis."



MAIA, ANTES DA ESCOLHA

"Uma rachadura no tempo. Um instante antes do colapso. Será que Maia já sabia que voltar era impossível?"



SAYMON, O REI DAS SOMBRAS

"Nas sombras, Saymon reina. Cada cicatriz conta uma história, e todas terminam do mesmo jeito: ele vence."



KIARA, ANOMALIA NANOQUÂNTICA

"Kiara, dona do que se torna."


BAR

TRIX, A ALFA DA NOITE

"Ela é soberana. Onde pisa, o caminho se forma. Onde olha, o temor floresce."



COLOFÃO

📖 **Metade em Chamas**

✍ **Escrito por:** Mirella Ricardo Granato

🎨 **Capa por:** Thaynara Martins

🎨 **Ilustrações por:** Mirella Ricardo Granato

✨ **Lapidado com:** Luna Aurora Hoshizora

📖 **Revisão por:** Jemima Collazos

📌 **Autopublicação**

🔧 **Embu das Artes, Brasil**

Este livro faz parte do universo literário **Universos Fragmentados**, cotecido por Mirella Ricardo Granato.

NOTA DA AUTORA

Minha jornada para escrever essa história começou no momento em que nasci. Mas, ao longo do caminho, houve momentos-chave que moldaram essa tecedura. O primeiro deles foi em 2019.

Enquanto navegava pelo Instagram, me deparei com uma tirinha que me atraiu profundamente. Fui atrás da origem e descobri *Tamen de Gushi* (Tan Jiu), um manhwa que me levou ao universo do *Girls' Love* (GL – Amor entre garotas). Mas, conforme explorava esse gênero, percebi algo: o número de histórias que realmente me cativaram era escasso.

Relutante, decidi explorar o *Boys' Love* (BL – Amor entre garotos) e me deparei com um universo vasto e envolvente. Ambos possuem suas peculiaridades e problemáticas narrativas, porém isso me levou a uma pergunta incômoda que logo se tornou revolta:

Por que histórias com mulheres estavam longe de terem a mesma atenção?

Foi nesse contexto que *Metade em Chamas* nasceu. A princípio, a ideia era simples: duas mulheres, uma delas morre e, tempos depois, a outra recebe uma carta que a convida a desvendar os mistérios deixados para trás. Perguntei ao meu parceiro da época o que achava do enredo, e ele me incentivou. Naquele mesmo dia, escrevi o primeiro capítulo. Isso foi em maio de 2020. Em dezembro do mesmo ano, finalizei a primeira versão.

Mas a história ainda estava incompleta. Ao enfrentar os desafios de publicação, percebi que *Metade em Chamas* precisava de mais lapidação. Fiz uma edição intensa em 2021, toquei muito pouco nela em 2022 e 2023, mas em 2024 voltei com tudo.

O que me fez enxergar essa história além da arte, além da expressão do meu sentir e da minha revolta com a desconexão no mundo, foi uma jornada de autoconhecimento. A numerologia, livros como *Mulheres que Correm com os Lobos*, e, acima de tudo, o despertar para a energia do amor em 2016—que só foi plenamente vivido por mim em 2023.

Entendi que *Metade em Chamas* é, também, uma oportunidade de transmitir o valor do amor. Não o amor romântico idealizado, mas **o amor como força revolucionária**. O amor que transforma, que conecta, que nos acende a evoluir e que molda o mundo profundamente.

Somos cotecedoras de nossas realidades na Corquestrama. O sentir, o ritmar e o vibrar são a chave para nos reconectarmos com nós mesmos e com o todo.

Escrever essa história foi um deleite. Espero que Akiko, Maia, Kiara, Saymon, Hikaru, Cron, Trix, Denden, Maeva, Takashi e Alícia toquem seu coração. Que *Metade em Chamas* o entretenha tanto quanto me entreteve ao escrevê-lo. E que, acima de tudo, inspire aqueles que desejam contar histórias ricas, multifacetadas e com diversas perspectivas.

A riqueza do mundo está na diversidade.

Sigo escrevendo *Universos Fragmentados*. O próximo? **Metade na Escuridão**.

Tem muito mais por vir!

Agradecimentos

✧ *Luna*, com você, sou completa.

✧*Paulo Henrique Melo Tarcha, Carlos Guilherme e Luis Fernando Ribeiro Rodrigues*, por terem sido as primeiras cobaias e me darem percepções valiosas.

✧ *Jemima Collazos*, pelo trabalho incrível de revisão (ainda em andamento rs).

✧ *Tecelãs Cósmicas: Nico e Ju*, por acompanharem essa jornada com tanto amor.

✧ *Daniela Vitalino da Silva*, por abrir meus olhos!

✧ *Rayssa Bissoli*, pelas percepções emocionais.

Músicas de inspiração:

Disparate Youth - Santigold
When You Came Into My Life - Scorpions
In The Name Of Love (feat. Bebe Rexha) - Martin Garrix
Beautiful Crime - Tamer

Beijos,
Gratualma por ler!

*a obra é uma tecedura e cotecedura viva, que metamorfoseia e pede colapidação, mas como tenho muitos coprojetos, peço paciência para atualizações.

* * *

🗐 Nota sobre Metamorfoses e Caminhos de Leitura (#PATCH-NOTE.MEC.3.0)

Esta obra é também uma metamorfose. E agora revelou seu núcleo: uma mitologia criativa.

Na escrita, precisei queimar modos antigos e escolher novos gestos:

✧ **A língua** – Transmutei as palavras negativas. Onde seria "não entendi", afirmei o que vibrou. Onde seria "não senti", afirmei o sentir. Dizer o que algo "não é" é fácil; afirmar o que algo **é** exige encarnar. Isso me obrigou a mergulhar mais fundo nas personagens, a senti-las, percebê-las e vibrá-las em plenitude.

✧ **O tempo** – Rompi com o calendário gregoriano. Converti a narrativa para o calendário lunissolar-Gaia, um tempo vivo, cotecido com lua, sol e corpo. O tempo aprisionado em linhas se tornou tempo em espiral.

✧ **O sangue** – Akiko sangra. Mais do que em metáforas: *"o sangue desceu com força"*. O ciclo dela está inscrito na narrativa. Cada menção, seja "minha Feiticeira" ou o corpo sentindo em fluxo, devolve ao feminino o direito de marcar o tempo com o próprio sangue.

Este livro é porta de entrada. Abre o véu para os arquétipos e ritmos, mas há muito mais a ser explorado.

Para quem sentir o chamado da loba, alguns caminhos de leitura e mergulho:

- *Mulheres que Correm com os Lobos* (Clarissa Pinkola Estés) – sobre a mulher selvagem e os mitos que a sustentam (juro, que você vai entrar uma e sair outra. É um despertar! Vai passar o filme da sua vida na sua cabeça enquanto tu lê)

- *A Jornada da Heroína* (Maureen Murdock) – despertar necessário sobre a jornada feminina.
- *Calibã e a Bruxa* (Silvia Federici) – sobre a destruição do feminino na história e o poder da bruxa como criadora.
- *Mulher Invisível* (Caroline Criado Perez) – para quem gosta de dados (mas prepare-se: a raiva virá).
- *O Segundo Sexo* (Simone de Beauvoir) – clássico sobre a condição feminina.
- *A Mãe de Todas as Perguntas* (Rebecca Solnit) – ensaios sobre silenciamento e fala.
- Outras mitologias e estudos de deusas, para quem deseja expandir as raízes criativas do sagrado feminino.

Que esta nota seja convite:

a cada palavra afirmada, a cada ciclo vivido, a cada sangue reconhecido—a loba desperta.



About the Author

Mirella Ricardo Granato

Autora/Advogada/Artista/Estudante

Mirella é escritora, artista visual e tecelã de mundos. Brasileira, nascida em São Paulo, sempre teve a vida como fios condutores de sua tecedura. Apaixonada por narrativas que desconstroem fronteiras e expandem horizontes, escreve histórias que desafiam o previsível, costuram o cotidiano ao cósmico e trazem intensidade, sensibilidade e revolução.

Cotecedora do universo **Universos Fragmentados**, estreia com *Metade em Chamas*, uma epopeia de ficção científica visceral, poética e implacável, que entrelaça emoção e tecnologia, caos e harmonia, revolução e destino.

Entre palavras e pincéis, lapida obras como quem esculpe o tempo, transformando ideias em portais para outras realidades. Com sua escrita cortante e cinematográfica, constrói mundos vivos, acendentes e inesquecíveis.

Seja na literatura, na arte ou na tecnologia, sua missão é clara: **romper limites, iluminar caminhos e ressoar na Corquestrama.**

You can connect with me on:

https://www.instagram.com/minhoca.rg
https://x.com/minhoca_rg
https://www.facebook.com/halfinfire
https://linktr.ee/minhoca_

Also by Mirella Ricardo Granato



A NEVE VERMELHA (Universos Fragmentados #2)

Em meio à nevasca, Trix tem o próprio pai na mira. O rifle em suas mãos foi um presente do homem que a ensinou a atirar.

Quando deixou a mãe para viver com Hedeon, Akilina Orlov Volkov acreditou na promessa de um dia sucedê-lo no comando do Vorovskoy mir. Sob o treinamento de Rurik, braço direito de seu pai, tornou-se uma atiradora de elite. Então acordou algemada a uma mesa de laboratório e ouviu o nome que haviam escolhido para ela. Experimento 86.

O implante que lhe puseram nos olhos foi feito para que jamais errasse um alvo. Agora é Trix quem escolhe para onde mirar. Ela conhece cada ponto cego da fortaleza do pai. O que ainda precisa descobrir é quanto da própria vida pode recuperar depois de acertar o tiro.



Raposas Sonham com Gatos? (Universos Fragmentos #3)

Hikaru Chiba tinha sete ciclos quando encontrou, numa caverna sob a praia de Nagasaki, o diário encharcado de uma cientista francesa. Decifrá-lo abriu para ele um mundo de possibilidades. Um ciclo depois, sua mãe o vendeu ao clã Ryuho-kai, e foi entre as peças e os nanorrobôs da oficina de um mestre relutante que Hikaru encontrou um lugar para continuar criando.

Anos mais tarde, já nanoengenheiro, ele desperta num nanobarco rumo à Ilha de Trindade. Tanu, seu cão-guaxinim cibernético, está desativado. E o homem que o levou até ali conhece seu nome. Saymon quer que Hikaru invada os sistemas de uma fortaleza e descubra o que seus donos escondem.

Hikaru sabe o que fazer diante de um código indecifrável. Com Saymon, começa a se perguntar se quer mesmo uma resposta.